



JOHN

AS REGRAS DA CASA DE SIDRA

IRVING

Autor de A última noite perto do rio

ROCCO ITALIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

John Irving

AS REGRAS DA CASA DE SIDRA

Tradução de
Pinheiro de Lemos

ROCCO

Para David Calicchio

Sumário

1. O Menino que Pertencia a St. Cloud's
2. A Obra de Deus
3. Príncipes do Maine, Reis da Nova Inglaterra
4. O Jovem Dr. Wells
5. Homer Quebra uma Promessa
6. Ocean View
7. Antes da Guerra
8. A Oportunidade Bate
9. Sobre a Birmânia
10. Quinze Anos
11. Violando as Regras

Notas do Autor

Créditos

Sobre o autor

Convencionalismo não é moralidade. Virtude intolerante não é religião. Atacar a primeira não é investir contra a segunda.

– *Charlotte Brontë, 1847*

Para efeitos práticos, o aborto pode ser definido como a interrupção da gestação antes da viabilidade da criança.

– *H. J. Boldt, MD, 1906*

O Menino que Pertencia a St. Cloud's

No hospital do orfanato – a divisão de meninos, em St. Cloud's, Maine –, duas enfermeiras estavam encarregadas de dar nomes aos novos bebês e verificar se os pequenos pênis estavam sarando da circuncisão obrigatória. Naquele tempo (em 192-), todos os meninos nascidos em St. Cloud's eram circuncidados, porque o médico do orfanato encontrara alguma dificuldade no tratamento de soldados não circuncidados, por um motivo ou outro, durante a Primeira Guerra Mundial. O médico, que era também o diretor da divisão de meninos, não era um homem religioso; para ele, a circuncisão não era um ritual, mas apenas um ato estritamente médico, realizado por questões higiênicas. Seu nome era Wilbur Larch,^[1] o que, exceto pelo cheiro de éter que sempre o acompanhava, lembrava a uma das enfermeiras a madeira dura e resistente da conífera com esse nome. Só que ela detestava o ridículo nome de Wilbur e se sentia ofendida pelo absurdo de combinar uma palavra como Wilbur com algo tão sólido como uma árvore.

A outra enfermeira imaginava-se apaixonada pelo Dr. Larch; quando era a sua vez de dar nome a um bebê, frequentemente o chamava John Larch ou John Wilbur (John era o nome de seu pai), ou Wilbur Walsh (o nome de solteira de sua mãe era Walsh). Apesar de seu amor pelo Dr. Larch, não podia imaginar Larch como qualquer outra coisa que não um sobrenome – e quando pensava nele, não se lembrava absolutamente de árvores. Por sua flexibilidade como primeiro nome ou sobrenome, ela adorava o nome de Wilbur – e quando se cansava de usar John ou era criticada

pela colega por usá-lo demais, raramente conseguia imaginar algo mais original do que um Robert Larch ou um Jack Wilbur (parecia não saber que Jack era em geral um apelido para John).

Se ele ganhasse o nome dessa enfermeira obtusa e apaixonada, provavelmente seria um Larch ou um Wilbur de um tipo ou outro; e um John, um Jack ou um Robert o que tornaria as coisas ainda mais insípidas. Como era a vez da outra enfermeira, recebeu o nome de Homer Wells.

O pai da outra enfermeira estava no negócio de perfurar poços, um trabalho árduo, difícil, honesto e meticuloso – em sua opinião, o pai possuía essas qualidades, o que emprestava à palavra *wells* (poços) uma certa aura de profundidade e sensatez. “Homer” fora o nome de um dos incontáveis gatos de sua família.

Essa outra enfermeira – enfermeira Angela, para quase todo mundo – raramente repetia os nomes de seus bebês, enquanto a pobre enfermeira Edna já nomeara três John Wilbur Júnior e dois John Larch Terceiro. A enfermeira Angela conhecia uma quantidade inesgotável de nomes simples, que aproveitava diligentemente como sobrenomes Maple, Fields, Stone, Hill, Knot, Day, Waters (para enunciar apenas uns poucos) – e uma lista um pouco menos impressionante de primeiros nomes, emprestados de uma história familiar de muitos animais de estimação mortos, mas queridos (Félix, Fuzzy, Smoky, Sam, Snowy, Joe, Curly, Ed e assim por diante).

Para a maioria dos órfãos, como não podia deixar de ser, esses nomes dados pelas enfermeiras eram temporários. A divisão de meninos tinha um registro melhor que a divisão de garotas de colocação de órfãos em lares quando ainda eram bebês, pequenos demais para conhecerem os nomes que as boas enfermeiras lhes davam; a maioria nem sequer se lembraria da enfermeira Angela ou da enfermeira Edna, as primeiras mulheres no mundo a acumulá-los de atenções. O Dr. Larch adotava a política inflexível de *não* informar às famílias adotivas os nomes que as enfermeiras haviam dado aos

bebês com tanto desvelo. O sentimento em St. Cloud's era o de que uma criança, ao deixar o orfanato, deveria conhecer a emoção de um novo início – mas era difícil (especialmente com os meninos, que não eram fáceis de colocar e passavam mais tempo em St. Cloud's) para a enfermeira Angela e a enfermeira Edna, assim como para o próprio Dr. Larch não pensar em seus John Wilbur e John Larch (e os Felix Hill, Curly Maple, Joe Knot, Smoky Waters) como possuindo outros nomes que não esses eternamente.

O motivo para que Homer Wells mantivesse seu nome foi o fato de que voltou tantas vezes, depois de muitos fracassos em lares adotivos, que o orfanato acabou sendo forçado a reconhecer sua intenção de converter St. Cloud's em seu lar. Não era fácil para qualquer um aceitar, mas a enfermeira Angela e a enfermeira Edna – e, finalmente, o próprio Dr. Wilbur Larch – foram obrigadas a admitir que Homer Wells *pertencia* a St. Cloud's. O determinado menino não foi mais oferecido para adoção.

A enfermeira Angela, com seu amor por gatos e órfãos, comentou certa ocasião que Homer Wells devia *adorar* o nome que ela lhe dera, porque se empenhava com todo afinco em não perdê-lo.

St. Cloud's, Maine – a cidade –, fora um acampamento madeireiro durante a maior parte do século XIX. O acampamento e – pouco a pouco – a cidade instalaram-se no vale do rio, onde a terra era plana, tornando mais fácil abrir as primeiras estradas e transportar o equipamento pesado. O primeiro prédio foi uma serraria. Os primeiros colonos foram franco-canadenses – mateiros, lenhadores, serradores; depois vieram os carroceiros e os barqueiros do rio, as prostitutas, os vagabundos e bandidos, até que (por fim) surgiu uma igreja. O primeiro acampamento recebera simplesmente o nome de Clouds – porque o vale era baixo e as nuvens só se dissipavam com alguma relutância. Um nevoeiro pairava sobre o rio turbulento até a metade da manhã, e as corredeiras, que estrondeavam por cinco

quilômetros rio acima, além do primeiro acampamento, produziam uma neblina constante. Quando os primeiros lenhadores foram trabalhar ali, os únicos obstáculos que encontraram à violação da floresta foram os mosquitos; esses insetos infernais preferiam a quase permanente cobertura de nuvens nos vales estagnados do interior do Maine ao ar fresco das montanhas ou ao sol firme da costa brilhante.

O Dr. Wilbur Larch – que não apenas era o médico do orfanato e diretor da divisão de meninos, mas também fundara a instituição – era historiador automeado da cidade. Segundo o Dr. Larch, o acampamento madeireiro chamado Clouds só se tornara St. Clouds por causa do “fervoroso instinto católico dos desbravadores de acrescentar um santo antes de tantas coisas – como a conceder a essas coisas uma graça que não poderiam adquirir de forma natural”. O acampamento permanecera St. Clouds por quase meio século antes que o apóstrofo fosse inserido – provavelmente por alguém que não tinha conhecimento das origens. Quando se tornou St. Cloud’s, porém, já era mais uma cidade de serrarias do que um acampamento madeireiro. A floresta, por quilômetros ao redor, estava limpa; em vez de troncos congestionados no rio e o acampamento tosco de homens coxos e aleijados por cair de árvores ou porque árvores caíam em cima deles, o que se via eram pilhas altas e ordenadas de tábuas recém-cortadas, secando ao sol nevoento. Sobre tudo assentava uma serragem limosa, às vezes fina demais para se perceber, sempre presente nos espirros e chiados da cidade, nos narizes perpetuamente comichando e pulmões resfolegantes. Os feridos da cidade agora exibiam pontos, em vez de equimoses e ossos quebrados; ostentavam talhos (e encontravam meios de alardear as partes perdidas) das muitas serras em ação. O zumbido estridente dessas lâminas era tão constante em St. Cloud’s quanto o nevoeiro, a neblina, a umidade que paira sobre o interior do Maine no frio dos invernos compridos e nevados e no calor fétido

e sufocante dos verões de muita chuva – abençoado, embora apenas ocasionalmente, por violentas tempestades.

Nunca houve qualquer primavera naquela parte do Maine, exceto pelo período em março e abril caracterizado pela lama em degelo. O equipamento pesado da indústria madeireira ficava imobilizado; o trabalho na cidade era suspenso. As estradas intransponíveis mantinham a todos em suas casas – e o rio da primavera era tão cheio e tão rápido que ninguém se atrevia a percorrê-lo. Primavera em St. Cloud’s significava problemas: problemas de bebedeiras, problemas de brigas, problemas de conquista e estupro. Primavera era a estação suicida. Na primavera, as sementes de um orfanato eram plantadas e replantadas.

E o que dizer do outono? Em seu diário – em que fazia o registro dos acontecimentos no orfanato –, o Dr. Wilbur Larch escreveu sobre o outono. Todas as anotações do Dr. Larch começavam com “Aqui em St. Cloud’s...”, à exceção de algumas em que iniciava com “Em outras partes do mundo...”. Sobre o outono, o Dr. Larch escreveu: “Em outras partes do mundo, o outono é para a colheita; acumulam-se os frutos da primavera e as lides do verão. Esses frutos são o provimento da longa inatividade e da estação em que nada cresce, chamada inverno. Mas aqui em St. Cloud’s o outono dura apenas cinco minutos.”

Que espécie de clima se podia esperar para um orfanato? Alguém podia imaginar um tempo de *balneário*? Um orfanato floresceria numa cidade *inocente*?

Em seu diário, o Dr. Larch era eloquentemente moderado com o papel. Escrevia numa letra pequena e comprida, nos dois lados das folhas, que ficavam inteiramente ocupadas. O Dr. Larch não era homem de deixar margens. “Aqui em St. Cloud’s”, escreveu ele, “adivinha quem é o inimigo das florestas do Maine, o pai infame de bebês indesejáveis, o motivo para o rio estar atulhado de galhos mortos e a terra do vale pelada, vazia, erodida pelas cheias do rio –

adivinha *quem* é o destruidor insaciável (primeiro de um lenhador com as mãos enegrecidas e dedos esmagados; depois de um serrador, um escravo da serraria, as mãos ressequidas e gretadas, alguns dedos apenas uma lembrança) e adivinha *por que* esse glutão não se satisfaz com troncos ou com tábuas... adivinha *quem*."

Para o Dr. Larch, o inimigo era o papel – em termos mais específicos, a Ramses Paper Company. Havia árvores em quantidade suficiente para madeira, calculava o Dr. Larch, mas nunca haveria bastante árvores para todo o papel que a Ramses Paper Company parecia querer ou precisar – especialmente quando se deixava de plantar novas árvores. Quando o vale em torno de St. Cloud's estava limpo e a segunda vegetação (pinheiros raquíticos e coníferas esparsas) aflorava por toda parte, como mato no pântano, quando não havia mais troncos para enviar rio abaixo, de Three Mile Falls para St. Cloud's – porque não havia mais árvores –, foi a ocasião em que a Ramses Paper Company inseriu o Maine no século XX, ao fechar a serraria e o depósito de madeira à beira do rio, em St. Cloud's, transferindo-se para outro local, rio abaixo.

E o que ficou para trás? O clima, a serragem, a margem do rio ferida e marcada (onde os enormes troncos, apinhando-se, abriram uma praia nova) e os prédios: a serraria com as janelas quebradas, sem telas; o bordel com o salão de dança e a sala do bingo a dinheiro, dando para o rio turbulento; as poucas residências, ao estilo de cabana de troncos; e a igreja, que era católica, para os franco-canadenses, que parecia limpa demais e pouco usada para pertencer a St. Cloud's, onde nunca fora nem a metade tão popular quanto as prostitutas, o salão de baile ou o bingo a dinheiro. (O Dr. Larch escreveu em seu diário: "Em outras partes do mundo, joga-se tênis ou pôquer, mas aqui em St. Cloud's joga-se bingo a dinheiro.")

E as pessoas que ficaram para trás? Não restou ninguém da Ramses Paper Company, mas havia outras pessoas: as prostitutas mais velhas e as menos atraentes e os filhos dessas prostitutas. Nenhum dos negligenciados representantes da Igreja Católica em St.

Cloud's permaneceu; havia mais almas para salvar seguindo a Ramses Paper Company rio abaixo.

Em sua *Uma breve história de St. Cloud's*, o Dr. Larch comprovou que pelo menos uma das prostitutas sabia ler e escrever. Na última barcaça que desceu o rio, acompanhando a Ramses Paper Company para uma nova civilização, uma prostituta relativamente alfabetizada enviou uma carta endereçada a QUALQUER AUTORIDADE DO ESTADO DO MAINE QUE ESTEJA PREOCUPADA COM ÓRFÃOS!

De alguma forma, essa carta acabou chegando às mãos de alguém. Encaminhada muitas vezes ("por sua curiosidade", escreveu o Dr. Larch, "tanto quanto pela urgência"), a carta finalmente foi parar na comissão estadual de médicos clínicos. Entregaram-na ao membro mais jovem – "um frangote, recém-saído da faculdade de medicina", como o Dr. Larch descreveu a si mesmo – como uma espécie de isca. Os outros membros achavam que o jovem Larch era o único do grupo que podia ser considerado "um democrata e liberal irremediavelmente ingênuo". A carta dizia: TEM DE HAVER UM MALDITO MÉDICO E UMA MALDITA ESCOLA, E ATÉ MESMO UM MALDITO GUARDA E UM MALDITO ADVOGADO EM ST. CLOUD'S, QUE FOI ABANDONADA POR SEUS MALDITOS HOMENS (QUE NUNCA FORAM GRANDE COISA) E DEIXADA PARA MULHERES DESAMPARADAS E ÓRFÃOS!

O presidente da comissão era um médico aposentado que achava que o presidente Teddy Roosevelt era o único outro homem do mundo, além dele próprio, que não era um banana.

– Por que não dá uma olhada nessa confusão, Larch? – sugeriu o presidente, jamais podendo imaginar que desse convite derivaria em breve uma instituição financiada pelo governo estadual... para órfãos.

Um dia também obteria apoio federal, pelo menos parcial, até mesmo esse apoio mais vago e menos confiável oferecido por "benfeitores particulares".

Seja como for, em 190-, enquanto o século xx – tão jovem e repleto de promessas – desabrochava (até no interior do Maine), o Dr. Wilbur Larch empreendeu a tarefa de endireitar os erros de St. Cloud's. Durante quase vinte anos o Dr. Larch só deixaria St. Cloud's uma única vez – para a Primeira Guerra Mundial, onde é duvidoso que fosse mais necessário. Que melhor homem se poderia imaginar para a missão de desfazer o que a Ramses Paper Company fizera do que alguém com o nome de uma das coníferas do mundo? Em seu diário – quando ainda estava começando –, o Dr. Larch escreveu: "Aqui em St. Cloud's está mais do que na hora de se fazer alguma coisa pelo *bem* de alguém. Que melhor lugar para a melhoria poderia haver – para a autmelhoria e para o bem geral – do que um lugar em que o mal floresceu tão visivelmente, se não mesmo triunfou?"

Em 192-, quando Homer Wells nasceu, seu pequeno pênis foi circuncidado e ganhou seu nome, a enfermeira Edna (que estava apaixonada) e a enfermeira Angela (que não estava) tinham em comum um nome de estimação para o fundador e médico de St. Cloud's, historiador da cidade, herói de guerra (fora até condecorado) e diretor da divisão de meninos.

"*Santo Larch*" era como o chamavam... e por que não? Quando concedeu permissão a Homer Wells para permanecer em St. Cloud's por tanto tempo quanto o garoto sentisse que pertencia ao lugar, Wilbur Larch estava apenas exercendo sua considerável e conquistada autoridade. Em matéria de pertencer a St. Cloud's, o Dr. Larch era uma autoridade. Santo Larch descobrira que o seu lugar – no século XX – era, como ele dizia, "ser útil". E foi precisamente assim que o Dr. Larch instruiu Homer Wells, quando aceitou a necessidade do garoto de permanecer em St. Cloud's.

– Nesse caso, Homer – disse o Santo Larch –, espero que você seja útil.

Ele não era outra coisa (Homer Wells) que não útil. Seu senso de utilidade parece ser anterior às instruções do Dr. Larch. Os primeiros pais adotivos devolveram-no a St. Cloud's; achavam que havia algo de errado com ele – nunca chorava. Queixaram-se de que acordavam no mesmo silêncio que os impelira a adotarem uma criança. Despertavam alarmados, porque o bebê não os despertara, corriam para seu quarto, esperando encontrá-lo morto, mas Homer Wells estava mordendo o lábio com as gengivas desdentadas, talvez fazendo uma careta, mas nunca protestando por ficar desalimentado e desatendido. Os pais adotivos de Homer sempre desconfiaram de que ele estava acordado, sofrendo em silêncio, há horas. Estavam convencidos de que isso não era normal.

O Dr. Larch explicou que os bebês de St. Cloud's estavam acostumados a ficar em sua camas desatendidos. A enfermeira Angela e a enfermeira Edna, por mais devotadas que fossem, não podiam socorrer ao mesmo tempo cada um e todos os bebês que choravam; assim, chorar não adiantava muito em St. Cloud's (embora o Dr. Larch soubesse muito bem, no fundo de seu coração, que a capacidade de Homer para conter as lágrimas era excepcional, mesmo para um órfão).

A experiência do Dr. Larch era a de que pais adotivos que podiam ser tão facilmente dissuadidos de quererem um bebê não eram os melhores pais para um órfão. Os primeiros pais adotivos de Homer foram tão precipitados em presumir que haviam recebido um bebê errado – retardado, incapaz, de cérebro avariado – que o Dr. Larch não se preocupou em garantir-lhes que Homer era uma criança perfeitamente capacitada, destinada a ter uma vida longa e corajosa.

A segunda família adotiva reagiu de maneira diferente à ausência de som de Homer – sua placidez determinada, na base de morda-a-bala-e-não-grite. Essa segunda família espancava a criança tão regularmente que conseguiu arrancar-lhe alguns sons apropriadamente infantis. O choro de Homer salvou-o.

Se ele provara antes ser determinado na resistência às lágrimas, agora, quando percebeu que lágrimas, uivos e gritos pareciam ser o que sua família adotiva mais desejava dele, tentou ser útil e ofereceu, com toda a força de seu coração, os gemidos mais vigorosos de que era capaz. Homer fora uma criatura tão satisfeita que o Dr. Larch ficou surpreso ao saber que o novo bebê de St. Cloud's estava perturbando o sossego da cidadezinha de Three Mile Falls, felizmente pequena e próxima. Ainda bem que Three Mile Falls era pequena, porque as histórias do choro de Homer tornaram-se o centro dos comentários na área por várias semanas; e ainda bem que Three Mile Falls era próxima, porque as histórias acabaram chegando a St. Cloud's e aos ouvidos da enfermeira Angela e da enfermeira Edna, que recolhiam no mercado todos os rumores das comunidades da região. Quando ouviram as histórias de como Homer Wells mantinha Three Mile Falls acordada até a madrugada, como despertava toda a cidade antes do raiar do dia, as enfermeiras pensaram em suas boas lembranças; e foram direto ao Santo Larch.

– Esse não é o *meu* Homer! – bradou a enfermeira Angela.

– Ele não é de chorar *naturalmente*, Wilbur – acrescentou a enfermeira Edna.

Ela aproveitava todas as oportunidades de pronunciar esse nome tão querido a seu coração: Wilbur! A enfermeira Angela sempre ficava irritada (cada vez que a enfermeira Edna se entregava ao impulso de chamar o Dr. Larch de *Wilbur* em sua presença).

– *Dr. Larch* – disse a enfermeira Angela, com um formalismo incisivo e excessivo –, se Homer Wells está acordando Three Mile Falls, então aquela família que o levou deve estar queimando o menino com cigarros.

Não era esse tipo de família. Tratava-se apenas da fantasia predileta da enfermeira Angela, que detestava o fumo; a simples visão de um cigarro pendendo da boca de alguém a fazia lembrar de um índio de língua francesa que fora procurar seu pai para tratar da

escavação de um poço e esmagara um cigarro num dos seus gatos, queimando-lhe o focinho. Tratava-se, na verdade, de uma fêmea especialmente amistosa e castrada, que pulara para o colo do índio. Seu nome era Bandit – tinha a clássica cara mascarada de um guaxinim. A enfermeira Angela sempre se absteria de dar a qualquer de seus órfãos o nome de Bandit, já que o considerava um nome de mulher.

Mas a família de Three Mile Falls não era de sádicos de uma espécie muito conhecida. Um homem mais velho e sua esposa mais jovem viviam com os filhos crescidos de um casamento anterior do marido; a jovem esposa queria seu próprio filho, mas não podia engravidar. Todos na família achavam que seria ótimo para a jovem esposa ter seu próprio filho. O que ninguém mencionou foi que uma das filhas crescidas do casamento anterior tivera um filho, ilegítimo, de que não cuidava muito bem. O bebê chorava e chorava e chorava. Todos se queixavam do choro do bebê, até que uma manhã a filha crescida simplesmente pegara o bebê e sumira. Deixara apenas um bilhete:

ESTOU CANSADA DE OUVIR VOCÊS TODOS FALAREM DE COMO MEU BEBÊ CHORA. ACHO QUE SE EU FOR EMBORA VOCÊS TAMBÉM NÃO VÃO SENTIR FALTA DO MEU CHORO.

Mas todos *sentiram* falta do choro – sentiram falta daquele bebê maravilhoso e que não parava de chorar e da filha obtusa que o levava embora.

– Seria bom ter por aqui outra vez um bebê chorando – comentara alguém da família.

Assim, foram buscar um bebê em St. Cloud's. Era a família errada para se dar um bebê que não chorava. O silêncio de Homer foi um desapontamento tão grande que o encararam como um espécie de afronta e se desafiaram uns aos outros a descobrir quem faria o

bebê chorar primeiro; depois de primeiro, passaram para mais alto, depois de mais alto, para mais prolongado.

Primeiro, fizeram o bebê chorar ao não alimentá-lo, mas levaram-no a chorar mais alto pelo expediente de machucá-lo; de modo geral, isso significava beliscá-lo ou espancá-lo, mas havia amplos indícios de que o bebê também fora mordido. E conseguiram fazer com que o bebê chorasse por mais tempo ao assustá-lo; descobriram que dar sustos em bebês era a melhor maneira de amedrontá-los. Deviam ter se sentido realizados ao alcançarem o choro mais alto e mais prolongado, a tal ponto que os berros de Homer Wells se tornaram uma lenda em Three Mile Falls. Era muito difícil ouvir qualquer coisa em Three Mile Falls – para não falar em como era difícil transformar em lenda qualquer coisa de lá.

As corredeiras faziam um barulho tão constante que Three Mile Falls era o lugar perfeito para um assassinato; ninguém podia ouvir um tiro ou um grito. Se você matasse alguém em Three Mile Falls e jogasse o corpo no rio, nas corredeiras, não haveria como pará-lo (ou sequer reduzir sua velocidade, para não falar em encontrá-lo), enquanto não percorresse os cinco quilômetros pela correnteza abaixo até St. Cloud's. Portanto, era extraordinário que a cidade inteira ouvisse o tipo de choro que Homer Wells fazia.

A enfermeira Angela e a enfermeira Edna levaram cerca de um ano para fazer com que Homer Wells deixasse de acordar com um grito ou soltasse um gemido sempre que alguém passava por seu campo de visão ou quando ouvia um som humano, até mesmo uma cadeira arrastada, o rangido de uma cama, uma janela fechada, uma porta aberta. Todas as imagens e sons relacionados com um ser humano que pudessem se dirigir para Homer acarretavam um grito estridente e tartamudeante, um acesso de choro tão intenso que qualquer pessoa visitando a divisão de meninos pensaria que o orfanato era, ao melhor estilo dos contos de fadas, uma câmara de torturas, uma prisão de abusos infantis além da imaginação.

– Homer, Homer... – murmurava o Dr. Larch suavemente, enquanto o menino ficava vermelho e tornava a encher os pulmões.
– Você ainda vai fazer com que sejamos investigados por assassinato, Homer! Vai fazer com que o orfanato seja fechado.

A pobre enfermeira Angela e a pobre enfermeira Edna provavelmente ficaram mais marcadas pela família de Three Mile Falls do que o próprio Homer Wells. O bom e maravilhoso Santo Larch nunca se recuperou plenamente do incidente. Conhecera a família; entrevistara a todos... e se enganara horrivelmente; e tornara a vê-los no dia em que foi a Three Mile Falls para buscar Homer Wells e levá-lo de volta a St. Cloud's.

O Dr. Larch sempre se lembraria do susto em suas expressões quando entrara na casa e pegara Homer no colo. O medo em seus rostos atormentaria o Dr. Larch pelo resto da vida, a epítome de tudo o que nunca pôde compreender sobre a profunda ambiguidade dos sentimentos das pessoas pelas crianças. Havia o corpo humano, tão obviamente projetado para *querer* bebês – e havia a mente humana, tão confusa em relação ao problema. Às vezes a mente não queria os bebês, mas às vezes a mente era tão pervertida que fazia outras pessoas terem bebês que sabiam que não iam querer. Por que ocorria essa insistência?, especulava o Dr. Larch. Por que algumas mentes insistiam que bebês, mesmo os indesejáveis, *deviam* ser trazidos ao mundo, berrando?

E quando outras mentes pensavam que queriam bebês, mas depois não podiam (ou não queriam) cuidar direito deles... o que essas mentes estariam pensando? Quando a mente do Dr. Larch se aprofundava no assunto, era sempre o medo nos rostos da família de Three Mile Falls que ele via, era sempre o choro lendário de Homer Wells que ele ouvia. O medo naquela família ficou fixado na visão de Santo Larch; ninguém que já testemunhara tal medo, ele estava convencido, jamais poderia querer que uma mulher tivesse um filho que não desejava. "ABSOLUTAMENTE NINGUÉM!", escreveu

o Dr. Larch em seu diário. "Nem mesmo alguém da Ramses Paper Company!"

Se você possuísse o mínimo de sanidade, não se manifestaria contra o aborto na presença do Dr. Wilbur Larch – ou teria de sofrer todos os detalhes que havia para se saber sobre as seis semanas que Homer Wells passara com a família de Three Mile Falls. Era a única maneira que Larch tinha de discutir o problema (que para ele não era sequer passível de debate). Era um obstetra, mas quando lhe pediam – e era seguro –, também era um aborteiro.

Ao completar 4 anos, Homer já não tinha mais aqueles sonhos – os sonhos que podiam despertar todas as almas vivas em St. Cloud's, os sonhos que fizeram com que um vigia noturno pedisse demissão ("Meu coração não suportará outra noite daquele garoto", comentou ele); mas ficou tão enraizado na memória do Dr. Wilbur Larch que por muitos anos, ao ouvir bebês chorando em seu sono, dizia-se que revirava na cama, murmurando: "Homer, Homer, está tudo bem agora, Homer."

Em St. Cloud's, como não podia deixar de ser, havia sempre bebês chorando no sono de todos, mas nenhum bebê jamais acordava chorando da maneira como Homer Wells conseguia.

– Santo Deus, parece que ele está sendo *apunhalado*! – exclamava a enfermeira Edna.

– Parece que está sendo queimado com um cigarro – acrescentava a enfermeira Angela.

Mas somente Wilbur Larch sabia como era realmente – a maneira como Homer Wells despertava e (em seu violento despertar) conseguia despertar a todos. "Como se ele estivesse sendo circuncidado", escreveu o Dr. Larch em seu diário. "Como se alguém estivesse cortando o seu pequeno pênis – repetidamente, sempre cortando e cortando."

A terceira família adotiva a fracassar com Homer Wells foi uma família tão excepcional e de qualidades tão extraordinárias que seria um absurdo julgar a humanidade por seu exemplo. Era uma família tão boa. Eram todos tão perfeitos ou o Dr. Larch não permitiria que levassem Homer. Depois da família de Three Mile Falls, o Dr. Larch estava tendo um cuidado todo especial com Homer.

O professor Draper e a esposa, casados há quase quarenta anos, viviam em Waterville, no Maine. Waterville não era grande coisa, uma pequena cidade universitária, em 193 –, quando Homer Wells foi para lá; mas em comparação com St. Cloud's ou Three Mile Falls, não se poderia deixar de reconhecer que Waterville era uma comunidade de gigantes morais e sociais. Embora ainda para o interior, era consideravelmente mais elevada – havia montanhas próximas, e de tais montanhas se podia descortinar vistas genuínas; a vida na montanha (como a vida no mar, nas planícies ou em terras agrícolas abertas) proporciona ao habitante o luxo de uma vista. Viver numa terra em que se pode de vez em quando contemplar uma paisagem por uma longa distância provê a alma com uma perspectiva de natureza beneficentemente expansiva – ou pelo menos assim pensava o professor Draper, que era um mestre nato.

– As terras de vale não cultivadas – entoava ele – que associa a florestas muito baixas e muito densas para proporcionar uma vista tendem a restringir as qualidades enaltecidas da natureza humana e realçar os instintos que são mesquinhos e miseráveis.

– O professor é um mestre nato, Homer – dizia a Sra. Draper. – Você tem de absorver suas palavras, como um grão de sal.

Todas a chamavam de Mamãe. Quanto a ele, ninguém (nem mesmo os filhos crescidos e os netos) o chamava de outra coisa além de Professor. Nem mesmo o Dr. Larch sabia qual era o seu primeiro nome. Se o seu tom era professoral, às vezes até oficioso, o temperamento e os hábitos eram extremamente regulares, a atitude, jovial.

– Sapatos úmidos constituem um fato do Maine – disse o professor a Homer um dia. – Um fato inevitável. Seu método de pôr os sapatos úmidos num peitoril de janela para secarem pelo débil aparecimento, embora raro, do sol do Maine é admirável por seu positivismo, Homer, por seu otimismo determinado. Contudo, um método que *eu* recomendaria para sapatos úmidos, um método que, devo acrescentar, independe do tempo, envolve uma fonte de calor mais confiável no Maine: ou seja, a fornalha. Se levar em consideração que os dias em que os sapatos ficam úmidos são também os dias em que, de modo geral, não vemos o sol, vai reconhecer que o método da fornalha oferece certas vantagens.

– Como um grão de sal, Homer – acrescentava a Sra. Draper.

Até o professor a chamava de Mamãe; até Mamãe o chamava de Professor.

Se Homer Wells achava que a conversa do professor abundava em máximas vigorosas, nunca se queixou. Se os alunos do professor Draper na universidade e seus colegas no departamento de história julgavam-no um chato pomposo – e tendiam a escapar de seu caminho, como coelhos fugindo do lento, mas implacável sabujo –, não podiam influenciar a opinião de Homer sobre a primeira figura de pai em sua vida a rivalizar com o Dr. Larch.

A chegada de Homer em Waterville foi caracterizada pelo tipo de atenção que o menino jamais conhecera. A enfermeira Angela e a enfermeira Edna eram provedoras de emergência, e o Dr. Larch era um supervisor afetuoso, se bem que um tanto rigoroso e distraído. Mas a Sra. Draper era a mãe das mães; era o que se podia chamar de mãe desvelada. Já estava de pé antes de Homer acordar; os biscoitos que ela fazia, enquanto o menino comia o desjejum, ainda estavam milagrosamente quentes em sua merendeira ao meio-dia. Mamãe Draper *excursionava* até a escola com Homer – iam pelos campos, desdenhando a estrada; ela dizia que era o seu “exercício”.

À tarde, o professor Draper ia se encontrar com Homer no recreio da escola – o final da escola parecia coincidir magicamente com a última aula do dia do professor na universidade – e seguiam juntos para casa, sempre a pé. No inverno, que em Waterville chegava mais cedo, não era nada fácil – usavam sapatos de neve, e o professor colocava o domínio de tais calçados no mesmo nível de aprender a ler e escrever.

– Use o corpo, use a mente, Homer – dizia o professor.

É fácil compreender por que Wilbur Larch ficou tão impressionado com o homem. Ele representava com extremo vigor o senso de utilidade.

A verdade é que Homer gostava da rotina, da absoluta previsibilidade de sua vida. Um órfão é simplesmente mais criança do que as outras na apreciação essencial das coisas que acontecem diariamente, na hora marcada. O órfão é atraído por tudo o que promete perdurar, permanecer o mesmo.

O Dr. Larch dirigia a divisão de meninos com tantas manifestações simuladas de vida cotidiana quanto se é possível cultivar num orfanato. As refeições eram servidas pontualmente no mesmo horário, todos os dias. O Dr. Larch lia em voz alta à mesma hora do anoitecer, sempre pelo mesmo prazo, ainda que isso implicasse deixar um capítulo pelo meio, com os meninos gritando “Mais, mais, leia o que vai acontecer em seguida!”.

Santo Larch declarava então:

– Amanhã, na mesma hora, no mesmo lugar.

Havia protestos de desapontamento, mas Larch sabia que estava cumprindo uma promessa; instituíra uma rotina. “Aqui em St. Cloud’s a segurança é medida pelo número de promessas cumpridas”, escreveu em seu diário. “Cada criança compreende uma promessa – se é cumprida – e aguarda ansiosa pela próxima. Entre os órfãos, desenvolve-se a segurança de forma lenta, mas regular.”

Lenta, mas regular descreveria a vida que Homer Wells levava com os Draper em Waterville. Cada atividade era uma lição; cada canto da casa antiga e confortável continha alguma coisa para se aprender e depois para se confiar.

– Este é Rufus – dizia o professor, apresentando Homer ao cachorro. – Ele é muito velho. Este é o tapete de Rufus, o seu reino. Quando Rufus estiver dormindo em seu reino, não o acorde... a menos que esteja preparado para uma mordida.

O professor despertava então o velho cachorro, que acordava mordendo... e depois parecia ficar perplexo pelo ar que mordera, sentindo nele o gosto dos filhos crescidos dos Draper, agora casados e com seus próprios filhos.

Homer conheceu a todos no Dia de Ação de Graças. Com os Draper, a data era uma experiência de vida familiar que fazia outras famílias se sentirem inferiores. Mamãe se superava em desvelo maternal. O professor tinha uma preleção preparada sobre todos os assuntos concebíveis: as qualidades da carne branca e da escura; as últimas eleições; a pretensão de garfos de salada; a superioridade do romance do século XIX (para não mencionar outros aspectos da superioridade desse século); a textura apropriada do molho de arando; o significado de "arrependimento"; os benefícios do exercício (incluindo uma comparação entre rachar lenha e patinar no gelo); o mal inerente aos cochilos. A cada opinião laboriosamente expressa do professor, seus filhos crescidos (duas mulheres casadas, um homem casado) reagem com a mistura conveniente de comentários:

- Mas é isso mesmo!
- Não é sempre assim?
- Tem toda razão, Professor!

Essas reações típicas de robôs eram entremeadas, com igual precisão, pelo comentário insistentemente repetido de Mamãe:

- Grão de sal, grão de sal.

Homer Wells ouvia esses ritmos firmes como um visitante de outro mundo tentando decifrar os tambores de uma tribo estranha. Não podia entender. A aparente uniformidade de todos era sufocante. Ele não saberia, até ficar muito mais velho, o que exatamente não se ajustava – a implícita (e explícita) generosidade ufanista ou o fervor com que a vida era tediosamente supersimplificada.

O que quer que fosse, ele parou de gostar; era um obstáculo no caminho que procurava e levava a si mesmo – a quem ele era ou deveria ser. Homer lembrou-se de vários dias de Ação de Graças em St. Cloud's. Não eram tão animados quanto em Waterville, com a família Draper, mas pareciam muito mais reais. Lembrou como se sentira útil. Sempre havia bebês que não sabiam comer sozinhos. Havia a possibilidade de uma nevasca que interromperia o fornecimento de eletricidade; Homer era então encarregado das velas e lampiões de querosene. Era também encarregado de ajudar na cozinha, de ajudar a enfermeira Angela e a enfermeira Edna a confortar as crianças que choravam... e de ser o mensageiro do Dr. Larch, a responsabilidade mais desejada que era conferida na divisão de meninos. Antes dos 10 anos e muito antes de receber a instrução expressa do Dr. Larch, Homer já se sentia de *utilidade* em St. Cloud's.

O que havia no Dia de Ação de Graças com os Draper que tanto contrastava com o mesmo evento em St. Cloud's? Mamãe não tinha igual como cozinheira; portanto, não podia ser a comida, que em St. Cloud's sofria de uma desolação visível, aparentemente terminal. Seria o ato de dar graças? Em St. Cloud's, o ato era um tanto brusco, já que o Dr. Larch não era um homem religioso.

– Vamos dar graças... – dizia ele, fazendo uma pausa em seguida, como se estivesse especulando. Por quê? E depois acrescentava, olhando cauteloso para os indesejáveis e abandonados ao seu redor: – Vamos dar graças por qualquer bondade que tenhamos recebido. Vamos dar graças pela enfermeira

Angela e pela enfermeira Edna. – A essa altura, já havia mais segurança em sua voz. E houve uma ocasião em que arrematou, olhando para Homer Wells: “Vamos dar graças porque temos opções, porque temos uma segunda oportunidade.”

A ação de graças – em seu dia, em St. Cloud’s era amortalhada pelas contingências, por uma cautela compreensível, com a reserva tipicamente larchiana.

A ação de graças com os Draper era efusiva e estranha. Parecia de alguma forma relacionada com a definição do professor sobre o significado de “arrependimento”. O professor Draper dizia que o início do verdadeiro arrependimento era a aceitação de si mesmo como uma criatura vil. Na ação de graças, o professor clamava:

– Digam comigo: eu sou vil, eu me abomino, mas estou grato a todos em minha família!

Todos repetiam – até mesmo Homer, até mesmo Mamãe (que para variar se abstinha de seu recomendado grão de sal).

St. Cloud’s era um lugar austero, mas sua maneira de dar as poucas graças de que era capaz parecia franca, sincera. Alguma contradição na família Draper ocorreu a Homer Wells pela primeira vez no Dia de Ação de Graças. Ao contrário de St. Cloud’s, a vida em Waterville parecia boa – os bebês, por exemplo, eram desejados. De onde provinha então o “arrependimento”? Haveria um sentimento de culpa por ser afortunado? E se Larch (como haviam contado a Homer) recebera o nome de uma árvore, Deus (de quem Homer muito ouvia falar em Waterville) parecia ter recebido o nome de algo muito mais sólido: talvez de montanha, talvez de gelo. Se Deus era solene em Waterville, o Dia de Ação de Graças dos Draper era – para surpresa de Homer – uma ocasião de embriaguez.

O professor, nas palavras de Mamãe, “caía no copo”. Homer deduziu que isso significava que o professor consumira mais do que a sua quantidade diária normal de álcool, o que, nas palavras de Mamãe, deixava-o apenas “tocado”. Homer ficou chocado ao

constatar que as duas filhas e o filho casados também se comportavam como se tivessem caído no copo. E como o Dia de Ação de Graças era especial e ele tinha permissão para ficar acordado até mais tarde – assim como todos os netos –, Homer observou a ocorrência noturna que antes só ouvira quando estava adormecendo: o baque de um corpo caindo, o barulho de arrastar e a voz abafada da razão, que era o protesto engrolado do professor contra o fato de Mamãe vigorosamente ajudá-lo a subir e, com uma força surpreendente, levantá-lo e depositá-lo na cama.

– O valor do exercício! – gritou o filho crescido e casado, antes de cair da poltrona verde e desabar sobre o tapete, ao lado do velho Rufus, como se tivesse sido envenenado.

– Tal pai, tal filho! – disse uma das filhas casadas.

Homer notou que a outra filha casada não tinha nada a dizer. Ela dormia serenamente na cadeira de balanço; sua mão – acima das segundas articulações – estava mergulhada no copo quase cheio, precariamente equilibrado em seu colo.

Os netos incontroláveis violavam os milhões de regras da casa. As preleções fervorosas do professor sobre os vários atos de desregramento eram aparentemente ignoradas no Dia de Ação de Graças.

Homer Wells, que ainda não tinha 10 anos, esgueirou-se discretamente para sua cama. Invocar uma lembrança especialmente triste de St. Cloud's era uma maneira com que ele muitas vezes se forçava a dormir. O que recordava era a ocasião em que viu as mães deixando o hospital do orfanato, que ficava à vista da ala das garotas e ao lado da ala dos meninos – ligadas por um galpão comprido, um antigo depósito de lâminas de reserva de serra circular. Era o início da manhã, mas ainda estava escuro lá fora, e Homer precisou das luzes do carro para perceber que estava nevando. Ele dormia mal e com frequência era despertado pela chegada do carro, que vinha da estação ferroviária e transportava

para St. Cloud's a turma da limpeza e da cozinha, assim como o pessoal do primeiro turno no hospital. O carro era um vagão de trem abandonado; no inverno, com esquis adaptados, transformava-se num trenó, puxado por cavalos. Quando não havia bastante neve na estrada de terra, os esquis arrancavam faíscas das pedras no caminho e produziam um terrível rangido (havia uma relutância em se trocar os esquis por rodas enquanto não se tinha certeza de que o inverno acabara mesmo). Uma luz intensa, como uma tocha, crepitava ao lado do cocheiro muito agasalhado, no banco improvisado do vagão; luzes mais suaves piscavam no interior do carro.

Naquela manhã, Homer constatou, havia mulheres à espera na neve para partirem no carro. Homer Wells não as reconheceu, que ficaram se mexendo nervosamente durante todo o tempo em que a turma dos que trabalhavam em St. Cloud's demorou para desembarcar. Parecia haver uma certa tensão entre os dois grupos – as mulheres à espera para embarcar se mostravam inibidas, até envergonhadas; os homens e mulheres que vinham trabalhar davam a impressão, em comparação, de serem arrogantes, até mesmo superiores, havendo alguém (foi uma mulher) que fez um comentário rude para as mulheres prestes a partir. Homer não pôde ouvir o comentário, mas seu efeito afastou as mulheres à espera do carro, como uma lufada do vento de inverno. As mulheres, ao embarcarem, não olharam para trás ou umas para as outras. Nem sequer falavam; e o cocheiro, que impressionava Homer como um homem cordial, que sempre tinha alguma coisa a dizer para quase todos, em qualquer tempo, não lhes ofereceu quaisquer palavras. O carro simplesmente fez a volta e deslizou pela neve, a caminho da estação; pelas janelas iluminadas, Homer Wells percebeu que várias mulheres estavam com o rosto entre as mãos ou sentavam-se impassíveis como o outro tipo de enlutado num funeral, o que deve assumir uma atitude de total desinteresse ou corre o risco de total descontrole.

Ele nunca vira antes as mães que tinham seus filhos indesejáveis em St. Cloud's e os deixavam ali; também não as viu muito nitidamente nessa ocasião. Foi incontestavelmente mais significativo que Homer as visse pela primeira vez quando estavam partindo, em vez de chegando, com a barriga estufada e ainda carregando seus problemas. O que era muito importante, Homer compreendeu que elas não estavam livres de *todos* os seus problemas ao irem embora. Ele jamais observara qualquer pessoa que parecesse tão desesperada quanto aquelas mulheres; e desconfiou que não era por acaso que partiam na escuridão.

Ao tentar dormir, na noite de Ação de Graças com os Draper em Waterville, Homer Wells contemplou as mães partindo pela neve, mas também viu algo mais do que realmente testemunhara. Nas noites em que não conseguia dormir, Homer embarcava no carro e seguia para a estação com as mulheres, embarcava no trem, ia para suas casas; escolhia *sua* mãe e a acompanhava. Era difícil perceber como ela parecia e onde vivia, de onde viera, se voltara para lá – e era ainda mais difícil imaginar quem era seu pai e se ela voltara para *ele*. Como a maioria dos órfãos, Homer Wells imaginava que via com frequência seus pais desaparecidos, mas nunca era reconhecido por eles. Quando pequeno, sentia-se contrafeito ao ser surpreendido a olhar fixamente para os adultos, às vezes com uma expressão afetuosa, em outras ocasiões com uma hostilidade instintiva, que não teria reconhecido em seu próprio rosto.

– Pare com isso, Homer – costumava dizer-lhe o Dr. Larch quando isso acontecia. – Não pode ficar assim.

Quando adulto, Homer Wells ainda seria surpreendido a olhar fixamente para as pessoas.

Mas na noite de Ação de Graças em Waterville ele se empenhou tanto em ver a vida de seus *verdadeiros* pais que quase os encontrou antes de adormecer, exausto. Foi abruptamente despertado por um dos netos, um garoto mais velho; Homer

esquecera que partilharia a cama com ele, porque a casa estava apinhada.

– Chegue para o lado – ordenou o garoto. Homer obedeceu. – E trate de manter o peru dentro do pijama. – Homer não tinha a menor intenção de tirá-lo. – Sabe o que é troca-troca?

– Não – respondeu Homer.

– Sabe sim, seu cabeça de peru. É o que vocês todos fazem em St. Cloud's. Um come o outro. Durante todo o tempo. Se tentar pôr em mim, vai voltar para lá sem o peru. Vou cortar seu pau e dar para o cachorro comer.

– Está falando de Rufus?

– Isso mesmo. Vai querer me dizer de novo que não sabe o que é troca-troca?

– Não, não sei.

– Quer que eu mostre para você o que é pôr na bunda?

– Acho que não.

– Quer sim, seu cabeça de peru.

O garoto tentou sodomizar Homer Wells. Homer nunca vira nem ouvira falar de qualquer um em St. Cloud's sendo abusado dessa maneira. O menino mais velho aprendera seu estilo de sodomia numa escola particular – e das melhores –, mas nunca fora instruído no tipo de choro que Homer Wells aprendera com a família de Three Mile Falls. Pareceu a Homer que era uma boa oportunidade para chorar, bem alto, se queria escapar à sodomia; e seu choro prontamente despertou a única pessoa adulta na casa dos Draper que fora apenas dormir (em oposição a apagar). Em outras palavras, Homer despertou Mamãe. Despertou também todos os netos; como vários eram menores do que Homer e nenhum tinha conhecimento de sua capacidade para uivos, o choro semeou o terror absoluto entre eles... e até mesmo despertou Rufus, que latiu.

– Por Deus, o que está acontecendo? – indagou Mamãe, na porta do quarto de Homer.

– Ele tentou me sodomizar e eu reagi – respondeu o menino da escola particular.

Homer, que estava se esforçando para controlar os seus lendários uivos – despachá-los de volta à história –, não sabia que os netos merecem mais credibilidade do que os órfãos.

“Aqui em St. Cloud’s é frustrante e cruel pensar demais nos ancestrais”, escreveu o Dr. Larch. “Em outras partes do mundo, lamento dizer, os ancestrais de um órfão estão sempre sob suspeita.”

Mamãe bateu em Homer com tanta força quanto qualquer pessoa de família de Three Mile Falls costumava bater. Depois, banuiu-o para a sala da fornalha pelo resto da noite; pelo menos era um lugar quente e seco, havia um catre dobrável, que nos verões era usado em excursões de acampamento.

Havia também muitos sapatos molhados – um par até pertencia a Homer. Algumas das meias estavam quase secas e cabiam nele. E o sortimento de roupas e casacos grossos oferecia a Homer uma seleção adequada. Ele vestiu roupas para sair, que estavam – na maior parte – quase secas. Sabia que Mamãe e o professor tinham a família em muita alta conta para mandá-lo de volta a St. Cloud’s por causa de um mero caso de sodomia; se queria voltar, como de fato queria, teria de partir por sua própria iniciativa.

Mamãe proporcionara a Homer uma visão de como a sua suposta sodomia seria tratada e, sem qualquer dúvida, curada. Ela o obrigara a se ajoelhar diante do catre na sala da fornalha e ordenara, repetindo a estranha versão do ato de graças do professor:

– Diga comigo: “Sou uma criatura vil, eu me abomino.”

Homer repetira, mesmo sabendo que cada palavra era inverídica. É verdade que jamais gostaria muito de si mesmo. Sentia que estava prestes a descobrir quem era e como podia ser de utilidade, mas também sabia que o caminho o levava de volta a St. Cloud’s. Ao dar-lhe um beijo de boa-noite, Mamãe acrescentara:

– Não se preocupe com o que o professor terá a dizer sobre isso, Homer. O que quer que ele diga, aceite como um grão de sal.

Homer Wells não queria esperar para ouvir a preleção do professor sobre sodomia. Saiu da casa; nem mesmo a neve o deteve. Em Waterville, em 193-, não era surpresa ver-se tanta neve no Dia de Ação de Graças; e o professor Draper instruíra cuidadosamente Homer sobre os méritos e métodos de andar com sapatos de neve.

Homer era um bom andarilho. Encontrou a estrada municipal com relativa facilidade e a estrada estadual logo depois. Já era de manhã quando o primeiro caminhão parou; era um caminhão madeireiro. O que pareceu apropriado a Homer, tendo em vista o lugar para onde estava indo.

– Pertença a St. Cloud's – disse ele ao motorista. E me perdi.

Em 193- todos os madeireiros sabiam onde ficava St. Cloud's; aquele motorista não era exceção e sabia que ficava na direção contrária.

– Está indo pelo caminho errado, garoto. Dê a volta e procure um caminhão que vá para o outro lado. E que história é essa de pertencer a St. Cloud's?

Como a maioria das pessoas, o motorista presumia que os órfãos estavam sempre fugindo do orfanato, e não ansiosos em voltar.

– É o meu lugar – insistiu Homer Wells.

O motorista acenou-lhe em despedida. Na opinião do Dr. Larch, esse motorista – a fim de ser tão insensível a ponto de deixar um menino sozinho na neve – só podia ser um empregado da Ramses Paper Company.

O motorista seguinte também estava ao volante de um caminhão de transporte de madeira, só que vazio, retornando à floresta para buscar mais toras; St. Cloud's ficava mais ou menos em seu caminho.

– Você é órfão? – perguntou o motorista a Homer, quando soube que ele estava indo para St. Cloud’s.

– Não – respondeu Homer. – Apenas pertencço ao lugar... por enquanto.

Em 193- sempre se levava muito tempo para ir de carro a qualquer lugar do Maine, especialmente com a neve nas estradas. Já estava escurecendo quando Homer voltou ao seu lar. A qualidade da luz era a mesma daquele início de manhã em que vira as mães partirem, deixando seus bebês. Homer parou na entrada do hospital por um momento, observando a neve cair. Entrou e encaminhou-se para a divisão de meninos. Mas acabou voltando à entrada do hospital, porque ali a claridade era maior.

Ainda estava pensando no que diria exatamente ao Dr. Larch quando o carro da estação ferroviária – o trenó que não podia ser chamado da alegria – parou à entrada do hospital e uma única passageira desembarcou. Estava tão grávida que o cocheiro a princípio pareceu preocupado com a possibilidade de ela escorregar e cair; depois, ele deve ter se lembrado do motivo para a presença da mulher ali e provavelmente ocorreu-lhe que era imoral ajudar uma pessoa assim a atravessar a neve. Foi embora, deixando-a avançar sozinha e com todo o cuidado na direção da entrada, na direção de Homer Wells. Homer tocou a sineta na entrada para a mulher, que dava a impressão de não saber o que fazer. Ocorreu-lhe que ela esperava por mais algum tempo, a fim de também pensar no que queria dizer ao Dr. Larch.

Para qualquer um que os visse ali, eram apenas uma mãe e seu filho. Havia esse tipo de familiaridade na maneira como se olhavam, no evidente reconhecimento entre os dois – cada um sabia perfeitamente o que o outro queria. Homer estava preocupado com o que o Dr. Larch lhe diria, mas podia compreender que a mulher se encontrava muito mais preocupada – ela não conhecia o Dr. Larch, não tinha a menor ideia do tipo de lugar que era St. Cloud’s.

Mais luzes acenderam lá dentro, e Homer reconheceu os contornos divinos da enfermeira Angela se aproximando para abrir a porta. Por algum motivo, ele se inclinou e pegou a mão da mulher grávida. Talvez fosse a lágrima congelada no rosto dela que a nova claridade lhe permitira ver, mas o fato é que queria uma mão para se segurar. Ele, Homer Wells, estava calmo, enquanto a enfermeira Angela espiava incrédula pela noite nevada, enquanto se esforçava para abrir a porta congelada. Para a mulher grávida e sua criança indesejável, Homer disse:

– Não se preocupe. Todo mundo aqui é bom.

Ele sentiu a mulher grávida apertar sua mão com tanta força que chegou a doer. A palavra “Mãe!” se encontrava estranhamente em seus lábios quando a enfermeira Angela afinal conseguiu abrir a porta e abraçou Homer.

– Oh! Oh! – choramingou ela. – Oh, *Homer...* meu Homer, *nosso* Homer! Eu sabia que você voltaria!

E porque a mão da mulher grávida ainda segurava firmemente a de Homer – nenhum dos dois fora capaz de largar a mão do outro –, a enfermeira Angela virou-se e incluiu-a em seu abraço. Parecia à enfermeira Angela que aquela mulher grávida era apenas outra órfã que pertencia (como Homer Wells) exatamente ao lugar onde se encontrava.

O que ele disse ao Dr. Larch foi que não se sentira útil em Waterville. Por causa das palavras dos Draper, quando foram procurar Larch para informar sobre a fuga do menino, Homer teve de explicar a história da sodomia – e, depois, Santo Larch explicou tudo sobre sodomia a Homer. O fato de o professor beber tanto surpreendeu o Dr. Larch (de modo geral, ele era bom em perceber essas coisas), e as orações deixaram-no aturdido. O bilhete do Dr. Larch para os Draper foi de uma brevidade que a linguagem do professor raramente permitia.

“Arrependam-se”, dizia o bilhete. Larch poderia ter ficado nisso, mas não pôde resistir a acrescentar: “Vocês *são* criaturas vis, vocês *devem* se abominar.”

Wilbur Larch sabia que não seria fácil encontrar uma quarta família adotiva para Homer Wells. O Dr. Larch levou três anos empenhado na busca, e a essa altura Homer já tinha 12 anos – quase 13. Larch sabia qual seria o perigo: Homer precisaria de muitos anos para se sentir tão à vontade em outro lugar quanto se sentia em St. Cloud’s.

“Aqui em St. Cloud’s só temos um problema”, escreveu o Dr. Larch em seu diário. “O fato de que sempre haverá órfãos não se inclui na categoria de um problema; é uma coisa que simplesmente não tem solução – faz-se o melhor possível a respeito, cuida-se dos órfãos. O fato de que nosso orçamento será sempre pequeno demais também não é um problema; é outra coisa que não tem solução – um orfanato está sempre em dificuldades; por uma questão de princípio, é isso o que deve acontecer. E também *não* é um problema o fato de cada mulher que engravida não querer necessariamente seu filho; talvez possamos esperar por uma época mais esclarecida, em que as mulheres terão o direito de abortar uma criança indesejável – mas algumas mulheres sempre serão ignorantes, sempre serão confusas, sempre serão apavoradas. Mesmo em tempos mais iluminados, os bebês indesejáveis sempre darão um jeito de nascer.

“E haverá sempre bebês que *eram* muito desejados, mas que *acabam* órfãos – por acidente, por atos de violência tanto planejados como fortuitos, o que também não constituiria problema. Aqui em St. Cloud’s desperdiçaríamos nossa energia limitada e nossa imaginação limitada se encarássemos os *fatos* sórdidos da vida como se fossem problemas. Aqui em St. Cloud’s só temos um único problema. Seu nome é Homer Wells. Fomos muito bem-sucedidos com Homer. Conseguimos transformar o orfanato em seu lar, e é justamente esse o problema. Se se tenta dar a uma instituição do

estado ou de algum governo o amor que se deve investir numa família – e se a instituição é um orfanato e se se *consegue* dar-lhe amor –, então se criará um monstro: um orfanato que é não uma escala para uma vida melhor, mas sim a primeira e última parada, a única escala que o órfão aceitará.

“Não há desculpa para a crueldade, mas – num orfanato – talvez devêssemos negar o amor; quando não se consegue negar o amor, estará se criando um orfanato que nenhum órfão deixará de bom grado. Estará se criando um Homer Wells – um verdadeiro órfão, porque seu único lar sempre será St. Cloud’s. Deus (ou quem quer que seja) me perdoe. Criei um órfão; seu nome é Homer Wells, e ele pertencerá a St. Cloud’s para sempre.”

Ao completar 12 anos, Homer tinha pleno conhecimento do lugar. Conhecia as estufas e fogões, as caixas de lenha, as caixas de fusíveis, os armários de roupas de cama e mesa, a lavanderia, a cozinha, os cantos em que os gatos dormiam – quando a correspondência chegava, quem recebia alguma, o nome de todos, quem estava em cada turno; onde as mães eram raspadas ao chegarem, quanto tempo as mães ficavam, quando – e com que ajuda necessária – partiam. Conhecia as sinetas; mais do que isso, era ele quem as tocava. Conhecia os professores; podia reconhecer o jeito de andar de cada um, quando vinham da estação ferroviária e ainda estavam a duzentos metros de distância. Era conhecido até na ala das garotas, embora as poucas mais velhas o deixassem um pouco assustado e só ficasse lá o mínimo de tempo indispensável – ia apenas no cumprimento de missões para o Dr. Larch, levar recados e entregar medicamentos. A diretora da divisão de garotas não era médica; assim, se ficavam doentes, as garotas procuravam o Dr. Larch no hospital ou ele ia visitá-las. A diretora era uma irlandesa de Boston e trabalhara por algum tempo no Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra. Seu nome era Sra. Grogan, mas nunca mencionara um Sr. Grogan, e quem quer que a visse teria dificuldade em imaginar que já houvera um homem em sua vida. É

possível que ela simplesmente preferisse o tratamento de senhora, em vez de senhorita. Quando estava no Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra, ela pertencera a uma sociedade chamada Pequenos Servidores de Deus, o que levava o Dr. Larch a hesitar. Mas a Sra. Grogan jamais dera indícios de recrutar membros para tal sociedade em St. Cloud's; talvez estivesse ocupada demais, pois além de suas funções como diretora da divisão de garotas era também responsável por providenciar a pouca instrução que era oferecida aos órfãos.

Se um órfão permanecia em St. Cloud's além do nível do sexto grau, não havia escola que pudesse cursar – e a única escola para os graus de um a seis ficava em Three Mile Falls; era a estação seguinte no trem que passava por St. Cloud's, mas em 193- os trens atrasavam com frequência e o maquinista da quinta-feira era conhecido por esquecer de parar na estação de St. Cloud's (como se a visão de tantos prédios abandonados o convencesse de que St. Cloud's ainda era uma cidade-fantasma, ou talvez desaprovasse as mulheres que ali desembarcavam).

A maioria dos alunos na escola de uma única sala de Three Mile Falls julgava-se superior aos órfãos ocasionais que lá apareciam. Esse sentimento prevalecia mais forte entre os alunos de famílias que os negligenciavam ou maltratavam, quando não as duas coisas; assim, os graus de um a seis para Homer Wells foram constituídos por experiências mais combativas do que educacionais. Ele faltava às aulas três quintas-feiras em cada quatro e também pelo menos um outro dia (em cada semana) por causa de um trem atrasado; no inverno, faltava mais um dia por semana por estar doente. E quando havia neve demais, os trens não funcionavam.

Os três professores no orfanato também corriam os mesmos riscos da irregularidade dos trens de carga daqueles anos, porque todos iam de Three Mile Falls para St. Cloud's. Havia uma mulher que ensinava matemática; era guarda-livros de uma indústria têxtil – “uma contadora de verdade”, apregoava a enfermeira Edna –, mas

se recusava a ter qualquer envolvimento com álgebra ou geometria e mantinha uma preferência firme por adição e subtração, em detrimento da multiplicação e divisão (Homer Wells já seria um homem adulto antes de o Dr. Larch descobrir que nunca aprendera a tabela de multiplicação).

Outra mulher, a viúva de um próspero encanador, ensinava gramática e ortografia. Seu método era rigoroso e confuso. Apresentava grupos enormes de palavras em letras minúsculas, escritas de maneira errada e sem pontuação, exigia que fossem arrumadas em frases apropriadas, meticulosamente pontuadas e corretamente soletradas. Depois, corrigia as correções; o documento final – ela empregava um sistema de tintas de cores diferentes – parecia um tratado muito revisado entre dois países semianalfabetos em guerra. O texto propriamente dito era sempre estranho para Homer Wells, mesmo quando ao final se tornava correto. Isso acontecia porque a mulher tirava muitas frases de um hinário familiar, e Homer Wells nunca vira uma igreja nem ouvira um hino (a menos que se contassem as canções de Natal ou as cantigas que a Sra. Grogan entoava – e a viúva do encanador não era tão tola para usar canções de Natal). Homer Wells costumava ter pesadelos sobre a decifração de textos que a viúva do encanador maquinava.

o sinho me deu quanto eu no tento de atum
panso em todos mundos que tu maes tizeram...

Havia outra que era assim:

o ruja dos venpos decha eu mi escande em vi...

E assim por diante.

O terceiro professor, um mestre-escola aposentado de Camden, era um homem idoso e infeliz, que morava com a família da filha,

porque não tinha condições de se sustentar sozinho. Ensinava história, mas não tinha livros. Ensinava o mundo de memória; dizia que as datas não eram importantes. Era capaz de manter uma arenga sobre a Mesopotâmia por meia hora, mas depois que fazia uma pausa para respirar ou tomar um copo d'água, descobria-se em Roma ou em Troia; recitava trechos longos e ininterruptos de Tucídides, mas o simples ato de engolir em seco transportava-o para Elba, com Napoleão.

– Acho que ele consegue oferecer um senso da profundidade da história – a enfermeira Edna comentou um dia com o Dr. Larch.

A enfermeira Angela revirou os olhos e disse:

– Sempre que tento escutá-lo, posso pensar em uma centena de bons motivos para a guerra.

O que ela estava querendo dizer, na compreensão de Homer Wells, era que ninguém deveria viver tanto tempo.

É fácil compreender por que Homer gostava mais de realizar tarefas do que de instrução.

A tarefa predileta de Homer era selecionar a leitura vespertina para o Dr. Larch. Ele devia calcular um trecho que o Dr. Larch levaria exatamente vinte minutos para ler; era difícil, porque ao ler mais alto Homer lia mais devagar do que o Dr. Larch, mas ao ler para si mesmo, lia mais depressa do que o Dr. Larch em voz alta. A vinte minutos por noite, o Dr. Larch levou vários meses para ler *Great Expectations* e mais de um ano para ler *David Copperfield* – ao final, Santo Larch anunciou a Homer que começaria a ler novamente *Great Expectations*, desde o início. À exceção de Homer, os órfãos que ouviram a primeira leitura de *Great Expectations* ficaram comovidos.

Mas a verdade é que quase nenhum compreendeu *Great Expectations* ou *David Copperfield*. Não apenas eram pequenos demais para a linguagem dickensiana, mas também pequenos demais para entender a linguagem habitual de St. Cloud's. O que

importava para o Dr. Larch era a ideia de ler em voz alta – era um soporífero bem-sucedido para as crianças que não sabiam o que estavam escutando, e para os poucos que compreendiam as palavras e a história, era um meio de deixar St. Cloud's, em seus sonhos, em suas imaginações.

Dickens era um favorito pessoal do Dr. Larch; não era por acaso, é claro, que tanto *Great Expectations* quanto *David Copperfield* falassem de órfãos. (“O que mais se poderia ler para um órfão?”, indagou o Dr. Larch em seu diário.)

E assim Homer Wells estava familiarizado com a visão do patíbulo no meio do pântano – “com algumas correntes pendendo onde outrora estivera preso um pirata” – e a imaginação de Homer se inflamava com o órfão Pip e o condenado Magwitch... a linda Estella, a vingativa Srta. Havisham... os detalhes se tornavam ainda mais nítidos quando, ao dormir, acompanhava as mães fantasmagóricas que deixavam St. Cloud's na calada da noite, embarcando no vagão puxado por cavalos e depois no ônibus que o substituiu, proporcionando a Homer sua primeira sensação de passagem do tempo, de progresso. Pouco depois da substituição, todos os serviços de ônibus em St. Cloud's foram suspensos. Daí em diante, as mães tinham de andar, o que proporcionou a Homer uma compreensão ainda maior do progresso.

As mães que ele via no sono nunca mudavam. Mas os homens que não haviam se dado o trabalho de acompanhá-las a St. Cloud's – onde estavam eles? Homer gostava da parte de *Great Expectations* em que Pip está prestes a partir e diz que “todas as neblinas se ergueram solenemente... e o mundo se estendia à minha frente”. Um menino de St. Cloud's sabia de muita coisa sobre “neblinas” – eram o que amortalhava o rio, a cidade, o próprio orfanato; derivavam rio abaixo, vindas de Three Mile Falls; eram o que escondia seus pais. As nuvens de St. Cloud's é que permitiam que os pais escapulissem sem serem vistos.

– Um dia você vai ver o mar, Homer – dizia o Dr. Larch. – O máximo que se afastou até agora foi para as montanhas, que não são tão espetaculares quanto o mar. Há nevoeiro na costa... pode ser pior do que nevoeiro aqui... e quando o nevoeiro se dissipa, Homer... ora, é um momento que você precisa ver.

Mas Homer Wells já vira, já imaginara – “todas as neblinas... se ergueram solenemente”. Sorriu para o Dr. Larch e pediu licença para se retirar; estava na hora de tocar uma sineta. Era isso o que ele estava fazendo – tocando uma sineta – quando sua quarta família adotiva chegou a St. Cloud’s para buscá-lo. O Dr. Larch preparara-o muito bem; Homer não teve qualquer dificuldade para reconhecer o casal.

Eles tinham, na linguagem de hoje, uma mentalidade esportiva; no Maine, em 193-, quando Homer Wells tinha 12 anos, o casal que desejava adotá-lo era simplesmente considerado fanático por tudo o que se podia fazer ao ar livre. Era um casal de canoagem em corredeiras, um casal de velejar no mar – um casal de escalar montanhas, mergulhar em mar profundo, acampar no meio do mato. Um casal de caminhar 150 quilômetros (em ritmo de marcha forçada).

Atletas, mas não de esportes organizados; não era um casal de afetação esportiva.

No dia em que apareceram em St. Cloud’s, Homer Wells tocou 14 vezes a sineta das 10 horas. Estava hipnotizado pelo casal – por sua aparência sólida e musculosa, pelas passadas compridas e ágeis, pelo chapéu de safári do homem e facão de explorador numa bainha comprida (com contas índias), preso no cinto de cartucheira. Ambos usavam botas que pareciam parte de seus corpos. O veículo era pioneiro, de fabricação própria, um precursor do que anos mais tarde seria chamado de *camper*; dava a impressão de estar equipado para capturar e conter um rinoceronte. Homer previu no mesmo instante que seria obrigado a caçar ursos, engalfinhar-se

com crocodilos – em suma, a viver da terra. A enfermeira Edna deteve-o antes que ele assinalasse 15 horas.

Wilbur Larch estava sendo cauteloso. Não temia pela mente de Homer. Um menino que lera sozinho *Great Expectations* e *David Copperfield* duas vezes – e lera cada palavra dos dois livros em voz alta também duas vezes – está mais bem preparado mentalmente do que a maioria. O Dr. Larch achava que o desenvolvimento físico ou atlético do menino não fora tão seguro. Os esportes pareciam frívolos a Larch, em comparação com o aprendizado de habilidades mais necessárias, mais fundamentais. Larch sabia que o programa esportivo de St. Cloud's – que consistia de futebol americano em área coberta, no refeitório, quando o tempo estava ruim – era inadequado. Com bom tempo, os meninos e as garotas brincavam de pegar e coisas assim; às vezes, a enfermeira Angela e a enfermeira Edna promoviam um jogo de *stickball*, a versão do beisebol jogada nas ruas. A bola era feita com várias meias, tudo unido com uma fita adesiva; deixava muito a desejar. Larch nada tinha contra uma vida esportiva, uma vida ao ar livre; e também nada sabia a respeito. Calculava que um pouco de energia desperdiçada (desperdiçada em sua opinião) seria bom para Homer – possivelmente a atividade física poderia desenvolver o senso de humor do menino.

O nome do casal era uma fonte de diversão para a enfermeira Angela e a enfermeira Edna. O sobrenome de casados era Winkle – ele se chamava Grant e ela era Billy. Pertenciam à classe bem pequena dos muito ricos do Maine. Seu negócio, como absurdamente o chamavam, não produzia nenhum dinheiro, mas também não precisavam, porque ambos haviam nascido ricos. Seu empreendimento desnecessário consistia em levar pessoas para o meio do mato e criar a sensação de que se encontravam perdidas; também levavam pessoas em disparada por corredeiras, criando a sensação de que seriam fatalmente despedaçadas, depois de se afogarem. Os Winkle estavam no negócio de fabricar sensações para

peças que estavam tão afastadas de quaisquer sensações de sua própria produção ou circunstâncias que somente a alta (mas estimulada) aventura poderia lhes arrancar alguma reação. O Dr. Larch não ficou impressionado com o “negócio” dos Winkle; sabia que não passavam de pessoas ricas que faziam exatamente o que desejavam fazer e precisavam classificar o que faziam com um nome mais sério do que brincadeira. O que impressionou Larch nos Winkle foi o fato de serem delirantemente felizes. Entre adultos – e entre órfãos –, Wilbur Larch já constatara que a felicidade delirante era rara.

“Em outras partes do mundo”, escreveu o Dr. Larch, “a felicidade delirante é considerada um estado de espírito. Aqui em St. Cloud’s reconhecemos que a felicidade delirante só é possível para os totalmente insensatos. Assim, eu diria que se trata de uma coisa excepcional: um estado da alma.” Larch era muitas vezes jocoso quando discutia a alma. Gostava de provocar a enfermeira Angela e a enfermeira Edna na sala de operações, onde o tema da alma podia pegar as caras enfermeiras desprevenidas.

Uma ocasião, com um corpo aberto na mesa de operações, Larch apontou dramaticamente para uma massa lisa e castanho-avermelhada por baixo do tórax e acima das vísceras; parecia uma cuca de um quilo ou uma lesma com dois grandes lóbulos.

– Olhem! – sussurrou Larch. – É uma coisa que raramente se pode ver, mas nós o surpreendemos a cochilar. Olhem depressa antes que se mexa!

As enfermeiras ficaram aturdidas, e Larch acrescentou, ainda num sussurro, reverente:

– A *alma*!

Na verdade, era a maior glândula do corpo, dotada de poderes também atribuídos à alma – por exemplo, podia regenerar suas próprias células danificadas. Era o *fígado*, pelo qual Larch tinha mais consideração do que pela alma.

Mas quer a felicidade delirante dos Winkle fosse um estado da mente ou um estado da alma, Wilbur Larch desejava que um pouco se transmitisse a Homer Wells. Os Winkle sempre haviam querido um filho – “para partilhar o mundo da natureza conosco”, diziam eles, “e para fazer uma criança feliz, é claro”. Observando-os, o Dr. Larch teve ideias próprias sobre os motivos pelos quais eles não podiam gerar um filho. Ausência de concentração essencial foi o seu julgamento; Larch desconfiou que os Winkle nunca paravam de se movimentar pelo tempo suficiente para acasalar. Talvez, especulou ele, contemplando Billy Winkle, ela não seja realmente uma mulher.

Grant tinha um plano. Ele não tem rosto, observou o Dr. Larch, tentando discernir as feições rudes do homem, em algum lugar entre a barba loura e os cabelos ainda mais louros. Os cabelos caíam pela frente em mechas, escondendo por completo a testa baixa. As faces, ou o que Larch podia divisar delas, eram salientes, os olhos, escondidos por trás. O resto era barba – uma vegetação rasteira baixa que o Dr. Larch imaginou que Billy Winkle precisava de um facão para abrir caminho. O plano de Grant era o de levarem Homer para uma pequena observação desses animais. Os Winkle realizaram uma excursão de canoa e por terra pela floresta do norte, em que a principal diversão era a observação desses animais. Um prazer secundário seria o de apresentar Homer Wells às corredeiras.

Santo Larch concluiu que tal viagem, nas mãos vigorosas dos Winkle, não seria perigosa para Homer. Já não tinha tanta certeza se Homer gostaria de ficar com aquelas pessoas, ser de fato adotado. Não chegava a se preocupar com a possibilidade de a loucura dos Winkle perturbar o menino, o que certamente não aconteceria. Que menino pode se sentir perturbado com a perpétua aventura? O que Wilbur Larch desconfiava era de que os Winkle entediariam Homer até as lágrimas, se não mesmo até a morte. Uma excursão de camping pelas florestas – corredeiras de vez em quando, um ou outro alce – poderia dar ao menino a noção de se ele seria capaz ou não de suportar Grant e Billy para sempre.

– E se gostar da floresta – avisou Grant Winkle a Homer, jovialmente –, então vamos levá-lo ao oceano!

Provavelmente eles montam em baleias, imaginou Homer. Devem zombar de tubarões, pensou o Dr. Larch.

Mas o Dr. Larch queria que Homer experimentasse, e Homer Wells estava disposto – faria qualquer coisa pelo Santo Larch.

– Nada de perigoso – advertiu Larch aos Winkle, em tom firme.

– Claro que não! – exclamou Billy. – Pelo sinal da cruz em nossos corações!

Grant também fez o sinal da cruz. O Dr. Larch sabia que só havia uma estrada que levava à floresta do norte do estado. Fora construída e continuava a ser propriedade da Ramses Paper Company. Eles não tinham permissão para cortar as árvores naquela reserva florestal, mas podiam transportar seus equipamentos através dela, a caminho das árvores que lhes pertenciam. Somente isso – o fato de que Homer estaria perto de algum lugar em que a Ramses Paper Company operava – perturbava o Dr. Larch.

Homer ficou surpreso ao descobrir como era mínimo o espaço na cabine do veículo de safári dos Winkle. O equipamento que levavam era impressionante: a canoa, a barraca, os apetrechos de pesca, a miscelânea de cozinha, as armas. Mas havia pouco espaço para o motorista e os passageiros. Na cabine, Homer sentou no colo de Billy; era um colo grande, mas estranhamente desconfortável, por causa da dureza das coxas. Homer já sentira antes um colo de mulher, durante a corrida anual de três pernas em St. Cloud's.

Uma vez por ano as divisões de meninos e garotas divertiam a cidade com essa corrida. O objetivo era levantar fundos para o orfanato, e por isso todos a suportavam. Nos últimos dois anos Homer vencera a corrida, mas somente porque sua parceira, a garota mais velha da divisão de meninas, era bastante forte para levantá-lo e correr com ele em seus braços pela linha de chegada. A ideia era de um menino e uma garota de idades equivalentes

prenderem a perna esquerda *dele* na perna direita *dela*; com as pernas livres, pulavam então até a linha de chegada, arrastando a chamada terceira perna. A garota grande não precisara arrastar Homer – ela trapaceara ao carregá-lo. Mas no ano passado ela caíra ao chegar à linha de chegada, arrastando Homer para o chão, em seu colo. Por equívoco, tentando escapular de seu colo, Homer pusera a mão no seio da garota, que o beliscara com força no lugar que o menino da escola particular de Waterville chamara de peru.

Ela se chamava Melony, o que era, como acontecia com os nomes de várias órfãs da divisão de garotas, um erro tipográfico. O nome de Melony fora, oficialmente, Melody – mas a secretária da divisão de garotas era uma péssima datilógrafa. No fundo, entretanto, o erro fora afortunado, porque nada havia de melodioso na garota. Ela tinha cerca de 16 anos (ninguém sabia a sua idade exata), e havia na plenitude dos seios e no arredondamento das nádegas a sugestão de melões.

Na longa viagem para o norte, Homer preocupou-se com a possibilidade de Billy Winkle também beliscar seu peru. Ele observou as casas desaparecerem, assim como os bichos das fazendas; outros carros e caminhões também sumiram. Não demorou muito para que fosse apenas uma estrada estreita, sem mais nada – uma estrada que quase sempre se estendia ao lado da água, que corria depressa. À frente – por horas, ao que parecia – assomava uma montanha que tinha neve no cume, embora fosse julho. A montanha tinha um nome índio.

– É para lá que estamos indo, Homer! – informou Grant Winkle. – Tem um lago abaixo de toda aquela neve.

– Os alces são loucos pelo lago, e você também vai adorar, Homer – acrescentou Billy.

Homer não tinha a menor dúvida. Era uma aventura. O Dr. Larch lhe dissera que não era obrigado a ficar.

Os Winkle pararam para a noite antes do escurecer. Entre a estrada e o rio, armaram uma barraca com três divisões. Acenderam um fogão num dos cômodos, e num outro Billy fez cem flexões de sentar (com Homer segurando seus pés), enquanto Grant pescava uma truta. Era uma noite tão fria que não havia insetos; mantiveram os lampiões acesos por muito tempo depois que escureceu, com a entrada da barraca aberta. Grant e Billy contaram histórias de excursões. (Em seu diário, o Dr. Larch escreveria mais tarde: “Sobre o que mais eles poderiam falar?”)

Grant falou do advogado de 60 anos que os contratara para mostrar uma urso dando à luz. Billy mostrou a Homer suas cicatrizes de urso. E havia ainda a história do homem que pedira aos Winkle para lançá-lo à deriva no mar, num pequeno bote – com apenas um remo. O homem “estava interessado na sensação da sobrevivência. Queria descobrir se podia encontrar o caminho de volta à terra, mas queria também que os Winkle ficassem observando e o salvassem, se estivesse numa situação crítica. O truque era não deixar o homem saber que estava sendo observado. À noite – quando o tolo adormecia e derivava ainda mais para alto-mar – os Winkle cautelosamente o rebocavam na direção da terra. Mas pela manhã – outra vez com terra à vista – o homem sempre encontrava um meio de se perder de novo. Finalmente tiveram de resgatá-lo quando o viram bebendo água salgada; o homem ficara tão desapontado que lhes dera vários cheques sem fundos, antes de acabar pagando direito os honorários pela aventura.

“Honorários pela aventura” era o nome que Billy dava.

Homer pensou que seus pais adotivos em potencial poderiam ficar constrangidos se lhes contasse histórias sobre a vida em St. Cloud’s – ou, pior ainda, sobre o Dia de Ação de Graças em Waterville. Sentia que devia contribuir com alguma coisa para o espírito de acampamento daquela aventura, mas as únicas boas histórias que conhecia eram *Great Expectations* e *David Copperfield*. O Dr. Larch deixara-o levar o exemplar de *Great Expectations*; entre

os dois livros, era o predileto de Homer. Ele perguntou aos Winkle se podia ler para eles um pouco de sua história predileta. Mas é claro, responderam os dois, eles adorariam; nunca alguém lera para eles, ao que pudessem lembrar. Homer estava um pouco nervoso; já lera *Great Expectations* muitas vezes, mas nunca em voz alta, para uma audiência.

Mas ele foi maravilhoso, até acertou o que calculava ser o sotaque de Joe Gargery. Quando chegou à parte em que o Sr. Wopsle grita “Não!”, com a débil malícia de um homem cansado”, Homer sentiu que encontrara a voz apropriada para toda a história – e pensou que poderia também ter descoberto seu primeiro talento. Infelizmente, apesar de todo o seu talento, a leitura lançou os Winkle num sono profundo. Homer continuou a ler, para si mesmo, até o fim do capítulo 7. Talvez não seja a minha leitura, refletiu Homer; talvez sejam apenas os Winkle, com todos os seus exercícios, pesca de trutas, todo o rigor intenso de pessoas inegavelmente extraordinárias na vida ao ar livre.

Homer tentou arrumar o saco de dormir dos Winkle – um só, enorme – em torno deles, confortavelmente. Apagou os lampiões. Foi para o seu próprio quarto na barraca imensa, ajeitou-se em seu saco de dormir. Deitou com a cabeça na entrada aberta da barraca; podia ver as estrelas; “podia ouvir o barulho da água próxima. Não o lembrava de Three Mile Falls, porque o córrego ali era muito diferente daquele rio. Era igualmente rápido, mas passava por uma garganta estreita e profunda – de uma limpeza excepcional, com rochas arredondadas, remansos lustrosos, onde Grant pegara a truta. Não era desagradável imaginar novas aventuras com os Winkle, mas Homer teve mais problemas para imaginar um alce. De que tamanho exatamente seria um alce? Maior do que os Winkle?

Homer não exibia qualquer desconfiança e muito menos medo dos Winkle. Sentia em relação a eles apenas uma cautela neutra – tinha certeza de que não eram perigosos, mas pertenciam a uma espécie um pouco diferente. Ele adormeceu confundindo os Winkle,

em sua mente de criança, com alces. Acordou de manhã ao som do que estava certo serem alces – apenas para descobrir que eram os Winkle no outro lado da barraca. Os Winkle pareciam saudar a manhã com extremo vigor. Embora nunca tivesse ouvido seres humanos fazendo amor nem alces acasalando, Homer compreendeu sem qualquer dúvida que os Winkle estavam acasalando. Se o Dr. Larch estivesse presente, poderia tirar conclusões sobre a incapacidade dos Winkle em gerar uma prole. Concluiria que o violento esforço atlético do ato simplesmente destruía ou apavorava todo e qualquer óvulo e espermatozoide disponíveis.

Polidamente, Homer fingiu que ainda dormia. Depois, os Winkle chamaram-no, jovialmente. Como enormes cães, eles irromperam em seu quarto de quatro, puxando seu saco de dormir com os dentes. Vamos dar um mergulho no rio!, anunciaram. Eram pessoas tão grandes que Homer ficou impressionado com a pura abundância de carne ativa. Também especulou como tencionavam nadar no córrego impetuoso sem serem despedaçados nas pedras e levados para longe. Homer não sabia nadar – nem mesmo em águas serenas.

Mas os Winkle eram veteranos em façanhas ao ar livre e hábeis com seus equipamentos. Lançaram um cabo pelas corredeiras; explicaram a Homer que se dava o nome de corda de sobrevivência. A corda era presa a um conjunto de espigões que parecia um ancinho e que Grant instalou com previsão entre as pedras na outra margem; depois, prendeu uma segunda corda e uma terceira à armação. Essas cordas adicionais eram mais complexas, com ilhoses de metal e ganchos, arreios de couro ajustáveis que envolviam os Winkle e se prendiam firmes na cintura. Com a ajuda desse equipamento realmente temerário, os Winkle podiam balançar nas corredeiras, semissuspensos, jogados de um lado para outro como brinquedos numa banheira, ao mesmo tempo que permaneciam em segurança no lugar, ligados um ao outro e à chamada corda de sobrevivência. Foi divertido para Homer observá-los. Havia

momentos em que a água parecia tragá-los por completo, engolfando-os e puxando-os para o fundo. Mas emergiam segundos depois, davam a impressão de andar pela espuma fervilhante. Brincavam no meio da correnteza como lontras gigantes e louras. Homer estava quase convencido de que possuíam um domínio absoluto dos elementos – pelo menos da água – e sentiu que estava prestes a pedir-lhes que o deixassem experimentar o jogo de se banhar nas corredeiras quando ocorreu-lhe que não podiam ouvi-lo. Se os chamasse – mesmo gritando –, o barulho das águas turbulentas em torno dos Winkle abafaria qualquer ruído que fosse capaz de emitir.

Assim, ele resolvera continuar sentado na margem, a observar seus pais adotivos em potencial se divertirem, quando a terra começou a tremer sob o seu corpo. Soube disso mais por certas histórias mal contadas, em livros para crianças mal escritos, do que pelo reconhecimento sentido do próprio movimento do solo; nesses livros infantis o solo *sempre* treme quando alguma coisa terrível está prestes a acontecer. Homer quase optou por não acreditar, mas o solo estava mesmo tremendo; um troar surdo penetrou por seus ouvidos.

Homer observou os Winkle com mais atenção, acreditando que estavam no controle da situação. Os Winkle continuavam a brincar nas corredeiras; nada ouviam, não sentiam o solo tremer, porque não estavam no solo.

Oh, Deus, um *alce* está se aproximando!, pensou Homer Wells. Ele se levantou. Observou os pés tremerem – por si mesmos – no solo em movimento. É uma *manada* de alces!, pensou. Para aumentar o troar, Homer ouvia agora ruídos mais nítidos: estalos, às vezes tão fortes quanto os estampidos de tiros de pistola. Olhou para os Winkle e percebeu que os dois também tinham ouvido esses novos ruídos. O que quer que se aproximasse, os Winkle deviam saber do que se tratava; a atitude deles mudou – não estavam mais brincando. Pareciam estar se debatendo e lutando, e as expressões

em seus rostos (agora desaparecendo na espuma branca impetuosa) eram ao mesmo tempo de quem sabia e estava assustado. Quando deram uma segunda olhada (entre mergulhos nas corredeiras), foi na direção rio acima.

Homer também olhou – a tempo de divisar a corrida de toras quando se encontrava a cerca de 25 metros de distância. As árvores nas margens eram de vez em quando partidas, com a mesma facilidade com que se quebra um graveto no joelho – por um tronco qualquer tão grande quanto um poste telefônico, só que mais grosso, projetado para fora da água, que batia num bloco de rocha, girava seis ou sete metros pelo ar e arrasava um trecho da floresta onde caía e rolava. A massa de toras, tão grandes quanto postes telefônicos, descia rapidamente pelo rio com uma massa de água na frente. Não era como a água límpida do rio, mas turva da agitação, repleta de fragmentos de cascas, com blocos de terra que haviam sido arrancados inteiros das margens. A Ramses Paper Company classificou de uma pequena corrida de toras; garantiram que não havia mais do que quatrocentos troncos, no máximo setecentos, naquela corrida em particular.

Homer Wells ainda corria quando alcançou a estrada, onde estava são e salvo. Virou-se a tempo de ver as toras passarem. Uma corda da barraca estava presa à corda de sobrevivência dos Winkle; a barraca inteira e tudo o que havia dentro (inclusive o exemplar do *Great Expectations* de Homer) foram arrastados rio abaixo na carga impetuosa de toras. A Ramses Paper Company não recuperaria o corpo de Billy e o de Grant por três dias; foram encontrados a quase sete quilômetros de distância.

Homer Wells manteve-se bastante calmo. Olhou rio acima, esperando por mais alguma coisa; rio acima era obviamente a direção de onde podia vir qualquer coisa que surgisse em seguida. Só depois de algum tempo é que relaxou; examinou o veículo de safári dos Winkle, que parecia despido sem a barraca e os equipamentos de cozinha. Encontrou instrumentos de pesca, mas

não se atreveu a pescar; teria de ficar muito perto do rio. Encontrou algumas armas de fogo, mas não tinha a menor ideia de como funcionavam (mas sentiu-se confortado porque as armas estavam ali). Escolheu a maior e que parecia mais perigosa – uma espingarda de cano duplo, calibre 12 – e saiu a arrastá-la.

Estava com bastante fome no meio da tarde, mas antes do escurecer ouviu um caminhão madeireiro se aproximando; percebeu que estava carregado por causa do rangido das engrenagens. Era também mais uma sorte (depois de ele não saber nadar e assim não acompanhar os Winkle em sua diversão) que o caminhão estivesse seguindo na mesma direção que Homer.

– St. Cloud's – disse ele ao aturdido motorista, que estava impressionado com a espingarda.

Era um caminhão da Ramses Paper Company, e o Dr. Larch ficou furioso a princípio ao vê-lo parar diante da entrada do hospital.

– A menos que seja uma emergência absoluta – disse ele à apaixonada enfermeira Edna –, não farei coisa alguma para qualquer pessoa daquela companhia!

Larch ficou desapontado ao ver Homer Wells e alarmado quando divisou a espingarda. Homer tinha no rosto a expressão desnorteada que Larch observara em muitos pacientes que saíam do sono do éter.

– Você não deu muita chance aos Winkle, Homer – declarou o Dr. Larch solenemente.

Homer explicou por que voltara tão depressa, e o Dr. Larch indagou:

– Está querendo dizer que os Wimkle se foram?

– Arrastados pela correnteza – respondeu Homer Wells. – Num instante.

Foi nessa ocasião que Wilbur Larch desistiu de encontrar um lar para Homer Wells. Foi nessa ocasião que o Dr. Larch disse a Homer

que poderia ficar em St. Cloud's por tanto tempo quanto sentisse que pertencia ao lugar. Foi nessa ocasião que o Dr. Larch declarou:

– Pois bem, Homer, espero que você seja *de utilidade*. Para Homer Wells, isso era fácil. *De utilidade*, pensava, era tudo o que um órfão nascia para ser.

¹ Em português, lariço. (N. do T.)

A Obra de Deus

Um nativo do Maine, Wilbur Larch nasceu em Portland, em 186-, filho de uma mulher soturna e metódica, que integrava a equipe de cozinheiras e arrumadeiras de um homem chamado Neal Dow, o prefeito de Portland e o suposto introdutor da Lei Seca no estado. Neal Dow chegou a concorrer à Presidência dos Estados Unidos pelo Partido da Lei Seca, mas não chegou a receber 10 mil votos – confirmando que o eleitor em geral era mais sensato do que a mãe de Wilbur Larch, que idolatrava o patrão e se considerava mais uma colega de trabalho na reforma pela temperança do que sua empregada (o que era na realidade).

O mais interessante era o fato de o pai de Wilbur Larch ser um bêbado – o que não era uma façanha desprezível na Portland dos tempos do prefeito Dow. Era permitido anunciar cerveja nas vitrines das lojas – a *ale* escocesa e a cerveja amarga, que o pai de Wilbur Larch consumia em quantidades copiosas; ele alegava que era necessário tomar baldes dessas bebidas fracas para se ficar embriagado. Para o jovem Wilbur, seu pai nunca parecia bêbado – jamais cambaleava ou caía, não ficava em estado de estupor, nunca gritava nem ficava com a língua engrolada. Em vez disso, dava a impressão de alguém perpetuamente surpreso, de alguém propenso a frequentes e súbitas revelações que o faziam estacar abruptamente ou interromper uma frase no meio, como se acabasse de lhe ocorrer (ou acabasse de lhe escapar) algo que o vinha preocupando há dias.

Ele estava sempre sacudindo a cabeça e por toda a sua vida propagou uma desinformação: a de que o navio *Great Eastern*, de

19 mil toneladas, estava destinado a navegar pelo Atlântico Norte entre a Europa e o Maine. O pai de Wilbur Larch estava convencido de que os dois melhores cais do porto de Portland haviam sido construídos expressamente para o *Great Eastern*, que o novo e enorme hotel de Portland fora construído expressamente para alojar os passageiros do *Great Eastern*, e que alguém maligno ou pelo menos corrupto, talvez apenas idiota, era responsável por impedir que o *Great Eastern* retornasse a seu porto natal no Maine.

O pai de Wilbur Larch trabalhara como torneiro mecânico durante a construção do *Great Eastern* e talvez tivesse sido enganado pelo ruído queixoso da máquina que operava e o zumbido constante que sentia por toda a cerveja que consumia. O *Great Eastern* não fora construído para viagens de e para Portland; originalmente, estava destinado à rota da Austrália, mas os muitos atrasos no lançamento levaram seus proprietários à falência, e ele foi comprado para uso na rota do Atlântico Norte, para a qual demonstrou-se inadequado. Na verdade, o *Great Eastern* foi um fracasso.

Assim, o pai de Wilbur Larch tinha uma lembrança confusa de seus tempos como torneiro mecânico e uma considerável aversão à reforma da temperança, uma crença de sua esposa e do patrão de sua esposa, o prefeito Neal Dow. Na opinião do pai de Wilbur Larch, o *Great Eastern* não voltava a Portland por causa da Lei Seca – a maldição que o limitava à dependência repulsiva de cerveja *ale* escocesa e cerveja amarga. Como Wilbur só conheceu o pai nos últimos anos do homem, quando o *Great Eastern* já se fora para sempre e o ex-torneiro mecânico era um carregador na estação de Portland da Grand Trunk Railway, podia apenas imaginar por que trabalhar naquela máquina fora o ponto alto da vida de seu pai.

Quando menino, nunca ocorreu a Wilbur Larch que os dedos perdidos do pai eram o resultado de cervejas demais enquanto operava o torno – “meros acidentes”, dizia o pai – ou que o empenho da mãe pela reforma da temperança podia ser a decorrência do rebaixamento de um torneiro mecânico para

carregador de malas. Wilbur compreendeu mais tarde que seus pais não passavam de criados subalternos; o desapontamento levou Wilbur a se converter no que os professores costumam classificar de aluno excepcional.

Embora criado na mansão do prefeito, Wilbur Larch sempre usava a entrada da cozinha e fazia as refeições com a criadagem do grande defensor da Lei Seca; o pai fazia as refeições nas docas. Wilbur Larch era um bom aluno porque preferia a companhia de livros a ouvir a conversa da mãe sobre temperança com os outros criados do prefeito Dow.

Ele cursou o Bowdoin College e depois a Faculdade de Medicina de Harvard – onde um fascínio por bactérias quase o impediu de exercer a medicina, quase o transformou num animal de laboratório ou, pelo menos, num bacteriologista. Tinha talento para esse campo, disse-lhe o professor, e ele gostava do clima metuculoso do laboratório; além disso, possuía um desejo ardente de aprender tudo sobre bactérias. Por quase um ano de faculdade o jovem Wilbur portou uma bactéria que tanto o ofendia e afligia que era tangido por mais que a curiosidade científica a descobrir sua cura. Tinha gonorreia: um presente indireto do pai. O velho, em sua zoeira da cerveja, sentia tanto orgulho de Wilbur que o enviou para a faculdade de medicina em 188- com um presente. Pagou-lhe uma prostituta de Portland, instalando o filho para uma noite de suposto prazer numa das pensões da beira do cais. O garoto se sentia embaraçado demais para recusar o presente. A nostalgia egocêntrica do pai não lhe permitia muitos gestos para com o filho; a virtude amarga da mãe também era egocêntrica à sua maneira; o jovem Wilbur ficou comovido pelo fato de o pai oferecer-lhe alguma coisa.

Na pensão – a madeira ressequida pelo sal e a umidade do mar aderindo às cortinas e à colcha –, a prostituta lembrou a Wilbur uma das mais atraentes companheiras de trabalho de sua mãe; ele fechou os olhos e tentou imaginar que estava se lançando num romance proibido, num dos quartos dos fundos da mansão do

prefeito. Quando tornou a abri-los, percebeu a luz da vela aprofundando as estrias no abdome da prostituta; não sabia então que eram estrias. A prostituta parecia indiferente à possibilidade de Wilbur notar as marcas. Ao caírem no sono, a cabeça de Wilbur na barriga da mulher, ele especulava vagamente se aquelas rugas se transfeririam para o rosto, marcando-o. Um cheiro forte e desagradável despertou-o, e ele se afastou depressa da mulher, sem perturbá-la. Numa cadeira do quarto, a mesma em que a mulher largara suas roupas, alguém estava fumando um charuto. Wilbur viu a ponta acesa se tornar mais brilhante a cada inalação. Presumiu que um homem – o próximo freguês da prostituta – esperava polidamente que ele se retirasse; mas, quando pediu uma vela nova para acender (precisava localizar suas roupas), foi uma voz de garota que respondeu:

– Você poderia ter a mim por menos. – Foi tudo o que ela disse.

Wilbur não podia vê-la nitidamente, mas – como não havia outra vela – ela iluminou seu caminho para as roupas com baforadas do charuto, projetando ao mesmo tempo um clarão avermelhado e uma cortina de fumaça em sua busca. Ele agradeceu a ajuda e foi embora.

No trem da manhã para Boston, ele ficou embaraçado ao encontrar a prostituta. Uma mulher loquaz à luz do dia, ela carregava uma caixa de papelão com a autoridade de uma compradora crônica; Wilbur sentiu-se na obrigação de lhe dar o lugar no trem apinhado. Uma jovem viajava com a prostituta – “Minha filha”, informou ela, com um movimento do polegar. A filha lembrou a Wilbur que já haviam se encontrado, quando ela soprara a fétida fumaça do charuto em seu rosto. A garota não chegava a ter a idade de Wilbur.

O nome da prostituta era Sra. Eames – “Ela rima com *screams*^[1]!”, dissera-lhe o pai de Wilbur. A Sra. Eames contou a Wilbur que era viúva, levava uma vida decente em Boston; para

levar essa vida, no entanto, precisava se vender em alguma cidadezinha remota. Suplicou a Wilbur que lhe permitisse manter as aparências e a reputação intacta – em Boston. Wilbur não se limitou a assegurar-lhe que a reputação estaria a salvo com ele; também lhe deu, sem que fosse pedido, mais dinheiro, seu, ali mesmo, do que o pai pagara originalmente à mulher. Só mais tarde ele soube do valor do pagamento original – quando o pai lhe disse que a Sra. Eames era uma respeitável habitante de *Portland*, de boa reputação, obrigada de vez em quando a se vender em *Boston*, a fim de poder manter as aparências em *Portland*. Como um favor ao pai de Wilbur, ela concordara – “Só dessa vez!” –, com a exceção de se vender em sua cidade natal.

O pai de Wilbur não sabia que a Sra. Eames tinha uma filha que – por sua própria confissão – custava menos do que a mãe e não tinha a menor pretensão de manter as aparências nem em Boston nem em *Portland*. A garota soturna não conversou durante a viagem de trem até a North Station de Boston; o bafo do charuto e seu olhar desdenhoso diziam tudo. Wilbur jamais disse ao pai que havia alguma contradição sobre a cidade em que a Sra. Eames tinha uma boa reputação e também nunca lhe revelou que pegara a gonorreia com a Sra. Eames, que podia não saber que a tinha.

Wilbur aprendeu na faculdade de medicina que a gonorreia podia viver nas trompas de Falópio por anos. Só o aparecimento de um abscesso na pelve podia permitir que a mulher soubesse que era portadora da doença. A sintomatologia, a secreção e o restante podiam passar despercebidos por muito tempo. Não passaram despercebidos em Wilbur Larch; a infecção bacteriana, naqueles tempos anteriores à penicilina, perdurou no jovem Wilbur por meses, proporcionando-lhe o interesse profundo pela bacteriologia, antes de se extinguir por si mesma. Deixou a uretra com cicatrizes e a próstata dura como pedra. Deixou-o também afeito ao éter – porque os sonos de éter que de vez em quando administrava a si mesmo constituíam um alívio para a sensação de ardência que

experimentava quando urinava e quando sonhava. Esse encontro singular e doloroso com o prazer sexual – em combinação com a lembrança do casamento sem amor dos pais – convenceram o médico em potencial de que uma vida de abstinência sexual era a coisa mais saudável, tanto em termos médicos como filosóficos.

No mesmo ano, 188-, em que Wilbur Larch tornou-se um médico, Neal Dow morreu. Em profundo desgosto, a mãe de Wilbur Larch pouco depois seguiu para a sepultura o seu herói da temperança. Poucos dias depois, o pai de Wilbur vendeu em leilão todas as coisas que havia em seus aposentos na ala dos criados da mansão do prefeito e pegou um trem da Grand Trunk Railway para Montreal, uma cidade menos preocupada com a temperança do que Portland. Ali, o pai de Wilbur Larch levou seu fígado além dos limites. O corpo foi devolvido a Portland no mesmo trem que levava para longe o antigo torneiro mecânico. Wilbur Larch foi esperar o trem; bancou o carregador para os restos mortais do pai. Dos quase cadáveres dos cirróticos que vira durante o seu primeiro período como interno, o jovem Dr. Larch sabia exatamente qual devia ser o estado de seu pai ao final. A cirrose transforma o fígado numa massa de cicatrizes e caroços, a pele reflete a bile da icterícia, as fezes clareiam, a urina escurece, o sangue não coagula. O Dr. Larch duvidava que o pai tivesse sequer notado a impotência inevitável.

* * *

Seria comovente concluir que o jovem Larch resolvera ser obstetra porque a perda dos pais inspirou-o a trazer mais crianças ao mundo, mas a verdade é que o caminho que levou Larch à obstetrícia estava impregnado de bactérias. O professor de bacteriologia da Faculdade de Medicina de Harvard, um certo Dr. Harold Ernst, é mais lembrado como um dos primeiros lançadores do beisebol universitário a arremessar uma bola em curva; foi também o primeiro jogador de beisebol colegial a se tornar um bacteriologista. De manhã bem

cedo, no laboratório, antes de o Dr. Ernst – o antigo lançador de bolas em curva – chegar para suas aulas, o jovem Wilbur Larch ficava sozinho. Só que não se sentia sozinho na presença de tantas bactérias crescendo nas pequenas placas de Petri, na presença das bactérias habitando sua próstata e uretra.

Ordenhava uma gota de pus de seu pênis numa lâmina de vidro. Ampliados mais de mil vezes, os vilões que contemplava todas as manhãs sob o microscópio ainda eram menores do que as formigas-vermelhas comuns.

Anos mais tarde, Larch escreveria que os gonococos pareciam visitantes muito altos que se curvavam para entrar num iglu. (“Eles se dobram como se tivessem cintura e estivessem fazendo reverência uns para os outros”, escreveu.)

O jovem Larch ficava olhando, até que o Dr. Ernst chegava e cumprimentava suas pequenas experiências vivas por todo o laboratório (como se fossem seus velhos companheiros de equipe no beisebol).

– Sinceramente, Larch – comentou o famoso bacteriologista uma manhã –, pela maneira como olha por esse microscópio, parece estar tramando vingança!

Mas não era o sorriso de vingança que o Dr. Ernst reconhecia no rosto de Wilbur Larch. Era simplesmente a intensidade com que Larch emergia do torpor do éter. O jovem estudante de medicina descobrira que o vapor claro e gostoso era um meio seguro e eficaz de aliviar sua dor. Nos dias que passou a combater os gonococos dançantes, Larch tornou-se um instruído consumidor de éter. Quando as ferozes bactérias se extinguiram por si mesmas, Larch já era um viciado em éter. Era um homem do método da gota. Com uma das mãos, segurava um cone sobre a boca e o nariz; fizera essa máscara pessoalmente (enrolando muitas camadas de gaze em torno de um cone de cartolina); com a outra mão, umedecia o cone. Usava uma lata pequena de éter, perfurada com um alfinete de

segurança; as gotas escorriam pela abertura do alfinete e caíam exatamente no tamanho correto e exatamente no ritmo adequado.

Era também a maneira como aplicaria éter em seus pacientes, só que dava a si mesmo muito menos; quando sentia trêmula a mão que segurava a lata de éter, ele tratava de largá-la; quando a mão que segurava o cone sobre a boca e o nariz descaía para o lado, o cone saía de seu rosto – não ficaria no lugar se ninguém o segurasse. Larch não sentia o pânico experimentado por um paciente que está sendo anestesiado com éter – nunca se aproximava do momento em que não havia ar suficiente para respirar. Antes que isso acontecesse, ele sempre largava a máscara.

Quando o jovem Dr. Larch começou a fazer partos nos bairros pobres da cidade, tinha um lugar em sua mente em que habitava a paz do éter. Embora levasse a lata de éter e o cone de gaze, nem sempre tinha tempo para anestésiar a paciente. Muitas vezes o trabalho de parto da mulher estava adiantado demais para que o éter a ajudasse. Claro que o usava quando dispunha de tempo; jamais partilharia a opinião de alguns dos seus colegas mais velhos de que o éter era um desvio do curso determinado – que as crianças deviam nascer em dor.

Larch fez o seu primeiro parto numa família lituana, em um apartamento de último andar, só com água fria – as ruas ao redor estavam coalhadas de frutas esmagadas, legumes despedaçados e excrementos de cavalos. Não havia gelo para pôr sobre o abdome, sobre o útero, no caso de hemorragia pós-parto. Havia uma panela com água já fervendo no fogareiro, mas Larch desejou ser capaz de esterilizar o apartamento inteiro. Mandou o marido buscar gelo. Mediu a pelve da mulher. Determinou a posição do feto. Escutou as batidas de seu coração, enquanto observava um gato brincar com um rato morto no chão da cozinha.

Havia uma futura avó presente; ela falava em lituano com a mulher em trabalho de parto. Para o Dr. Larch, ela falava uma língua

estranha de gestos, que lhe sugeria que a futura avó era retardada mental. Ela indicou que uma mancha grande em seu rosto era uma fonte de prazer histórico ou de dor histórica – Larch não podia determinar qual das duas; talvez a mulher quisesse apenas que ele a removesse, antes ou depois de trazer o bebê ao mundo. Ela encontrou vários meios de exibir a mancha – uma vez ao segurar uma colher por baixo, como se estivesse prestes a cair; outra, ao cobrir com uma xícara de chá e revelar subitamente, como se fosse uma surpresa ou algum truque de mágico. Mas o fervor que ela dedicava a cada revelação sugeriu a Wilbur Larch que a velha simplesmente esquecia que já mostrara sua mancha.

Ao voltar com o gelo, o marido pisou no gato, que manifestou sua desaprovação em tons que fizeram Wilbur Larch pensar que a criança estava nascendo. Larch ficou satisfeito por não ter de usar o fórceps; foi um parto rápido, seguro, ruidoso, mas o marido se recusou a lavar o bebê em seguida. A avó se ofereceu, mas Larch temeu que a combinação de excitação e debilidade mental pudesse causar um acidente. Indicando (da melhor forma que pôde, sem a ajuda do lituano) que a criança devia ser lavada com água morna e sabão – mas *não* fervida na panela no fogareiro e *não* segurada de cabeça para baixo sob a torneira de água fria –, Larch passou a concentrar sua atenção nas secundinas, que se recusavam a sair. Pela maneira como a paciente continuava a sangrar, Larch sabia que em breve se defrontaria com uma hemorragia grave.

Pedi ao marido que lhe cortasse algum gelo – o homem muito forte trouxera um bloco inteiro, com a ajuda da tenaz do geleiro, que agora apoiava no ombro, parado no meio da cozinha, numa atitude ameaçadora. O bloco de gelo poderia esfriar o útero de várias pacientes sangrando; aplicá-lo inteiro em uma única paciente provavelmente esmagaria o útero, se não mesmo a paciente. Nesse momento, a avó perdeu a pegada na criança ensaboada, largando-a entre os pratos na pia com água fria; isso aconteceu no instante em que o marido tornava a pisar no gato.

Aproveitando a ocasião, quando constatou que tanto a avó quanto o marido estavam distraídos, Larch pôs as mãos no topo do útero da paciente, através da parede abdominal, e espremeu com força. A mulher gritou e segurou suas mãos; a avó, abandonando o bebê entre os pratos, agarrou Larch pela cintura e mordeu-o entre as omoplatas. O marido retirou a criança da pia com uma das mãos, mas levantou a tenaz por cima de Larch com a outra. Foi então que o afortunado Wilbur Larch sentiu a placenta se soltar. Quando apontou calmamente para o seu aparecimento, a avó e o marido pareceram mais reverentes do que haviam ficado com a criança. Depois de lavar o bebê pessoalmente e dar um pouco de ergotina à mãe, Larch se curvou numa despedida sem palavras. Deixando o apartamento, ficou surpreso ao ouvir uma comoção quase no instante mesmo em que fechou a porta: a avó, a paciente gelada, o marido – todos gritavam em lituano – e o bebê acrescentava uma voz vigorosa à sua primeira briga em família. Era como se o parto e a presença do Dr. Larch fossem apenas uma breve interrupção numa vida de tumulto incompreensível.

Larch navegou pelas escadas escuras e tateou para descobrir a saída; pisou numa alface apodrecida, que cedeu sob o seu pé com a suavidade inquietante do crânio de um bebê recém-nascido. Dessa vez ele não confundiu os uivos terríveis do gato com os sons que uma criança pode emitir. Levantou os olhos a tempo de divisar o objeto voando pela janela do apartamento da família lituana. Conseguiu esquivar-se no último momento. Era evidente que fora atirado em sua direção, e Larch especulou que ofensa específica, talvez lituana, cometera contra aquela gente. Larch ficou chocado ao descobrir que o objeto arremessado da janela – e agora morto no chão, a seus pés – era o gato. Mas não ficou tão chocado assim; por um segundo, rezeira que pudesse ter sido a criança. O professor de obstetrícia em Harvard dissera que “a força tênsil do recém-nascido” era uma “maravilha”, mas Larch sabia que a força tênsil de um gato

era também considerável, e notou que o gato não conseguira sobreviver à queda.

“Aqui em St. Cloud’s me sinto constantemente grato ao South End de Boston”, escreveria o Dr. Larch. Ele queria dizer que se sentia grato por suas crianças e pelo sentimento que lhe proporcionaram: que o ato de trazê-las ao mundo era talvez o estágio mais seguro de sua jornada. Larch também agradecia o lembrete rude que lhe foi oferecido pelas prostitutas do South End. Lembravam-no do doloroso presente da Sra. Eames. Não podia ver as prostitutas sem imaginar suas bactérias sob o microscópio. E não podia imaginar essas bactérias sem sentir a necessidade do aconchego inebriante do éter – apenas uma fungadela, apenas uma pequena dose (e um pequeno cochilo). O Dr. Larch não era um homem de beber e não gostava de tabaco. Mas de vez em quando fornecia a seu espírito abalado a exultação do éter.

Uma noite, quando cochilava no setor do South End do Serviço de Maternidade de Boston, Wilbur foi informado por um dos médicos que havia uma emergência e era sua vez. Embora a mulher tivesse emagrecido muito e perdido a juventude desde a última vez em que a vira, Larch não teve a menor dificuldade em reconhecê-la. Era a Sra. Eames. Estava tão apavorada e sentia uma dor tão intensa que tinha dificuldade para respirar e não conseguia informar seu nome à enfermeira-recepcionista.

– Rima com *screams* – lembrou o Dr. Larch, prestativo.

Se a Sra. Eames reconheceu-o prontamente, não deixou transparecer. Estava fria ao contato, o pulso acelerado, o abdome tão duro e esbranquiçado como as articulações de um punho cerrado; Larch não pôde detectar os sinais de trabalho de parto e não conseguiu ouvir os batimentos cardíacos do bebê, que Larch logo imaginou que possuía feições parecidas com a soturna filha adolescente da Sra. Eames. Com que idade a garota estaria agora?, perguntou-se ele. Era mais ou menos de sua idade – pelo menos

isso ele teve tempo de se lembrar antes de concluir o diagnóstico sobre a Sra. Eames: hemorragia no abdome. Ele a operou assim que a direção providenciou os doadores necessários para a transfusão.

– Sra. Eames? – perguntou ele suavemente, ainda procurando algum reconhecimento.

– Como está seu pai, Wilbur? – indagou ela, pouco antes de ser operada.

O abdome estava cheio de sangue; Larch limpou-o, procurando pela fonte. Descobriu que a hemorragia provinha de uma ruptura de 15 centímetros no fundo do útero. Efetuou uma cesariana e tirou uma criança natimorta – o rosto contraído e desdenhoso levando-o a se lembrar inevitavelmente da filha que fumava charuto. Especulou por que a Sra. Eames fora até ali sozinha.

A essa altura da operação, o jovem Larch sentia-se no comando absoluto da situação. Apesar das lembranças da mulher aberta à sua frente – e as lembranças da doença que ela transmitira e da qual ele só se livrara recentemente –, Larch achava que estava cuidando muito bem da emergência. Mas quando tentou costurar o útero da Sra. Eames, os pontos simplesmente não pegavam no tecido, que ele notou estar com a textura de queijo macio – imagine só tentar dar pontos num *munster*! Não havia alternativa; tinha de remover o útero. Depois de todas as transfusões, Larch estava surpreso porque o estado da Sra. Eames parecia muito bom.

Ele conferenciou com um cirurgião sênior pela manhã. Ali, era comum que um obstetra tivesse experiência cirúrgica – Larch fora interno de cirurgia no Hospital Geral de Massachusetts –, e o cirurgião sênior partilhou o espanto do jovem Larch pela consistência em desintegração do útero da Sra. Eames. Até mesmo a ruptura era um enigma. Não havia qualquer cicatriz de uma cesariana anterior que pudesse ter rompido; a placenta não poderia ter enfraquecido a parede do útero, porque as secundinas se encontravam no outro lado do útero. E não havia qualquer tumor.

A Sra. Eames comportou-se muito bem por 48 horas. Consolou o jovem Wilbur pela morte de seus pais.

– Nunca conheci sua mãe, é claro – confidenciou ela. Também manifestou preocupação por sua reputação e pediu a Wilbur que não deixasse de considerar o problema. Wilbur garantiu que o faria (e *já o fizera*, ao se abster de manifestar para o cirurgião sênior o seu temor de que o estado da Sra. Eames podia ser de alguma forma resultado de gonorreia). Por um momento, especulou que história a Sra. Eames estaria usando agora, em relação à sua reputação: se alegava levar uma vida decente em Portland ou em Boston; se havia agora uma terceira cidade envolvida e necessariamente uma terceira vida fictícia.

No terceiro dia depois da remoção do estranho útero, a Sra. Eames tornou a sofrer uma hemorragia, e Wilbur Larch reabriu sua barriga; dessa vez tinha muito medo do que poderia encontrar. A princípio, sentiu-se aliviado; não havia tanto sangue quanto antes em seu abdome. Mas depois que limpou o sangue, perfurou o intestino, que mal tocara; quando levantou o pedaço, a fim de tapar o buraco, seus dedos passaram tão facilmente pelo intestino como se fosse gelatina. Se todos os órgãos estivessem igualmente frágeis e gelatinosos, Larch sabia que a Sra. Eames não viveria muito tempo.

Ela viveu por mais três dias. Na noite em que morreu, Larch teve um pesadelo – o pênis se desprende em suas mãos; tentou costurá-lo de volta, mas insistia em se desintegrar; depois, seus dedos cederam da mesma forma. Quão típico de um cirurgião!, pensou. Os dedos são mais prezados do que os pênis. Quão típico de Wilbur Larch!

Isso contribuiu para fortalecer a convicção de Larch a respeito de abstinência sexual. Esperava que a coisa que destruía a Sra. Eames, o que quer que fosse, também o reclamasse; mas a autópsia,

efetuada por um eminente patologista, parecia completamente equivocada.

– Escorbuto – anunciou o patologista.

– A Sra. Eames era uma prostituta, não um marinheiro – disse Larch ao patologista, respeitoso.

Mas o patologista tinha certeza absoluta. Não tinha nada a ver com gonorreia, não tinha nada a ver com a gravidez. A Sra. Eames morrera da maldição dos marinheiros; não tinha um único vestígio de vitamina C. E o patologista arrematou:

– Ela sofreu a destruição do tecido conjuntivo e a tendência para a conseqüente hemorragia.

Escorbuto.

Embora fosse um enigma, convenceu Larch de que não se tratava de um enigma venéreo. Ele teve uma noite de sono tranquilo, antes que a filha da Sra. Eames fosse procurá-lo.

– Não é a minha vez, é? – perguntou sonolento ao colega que o acordou.

– Ela diz que você é seu médico.

Larch não reconheceu a filha da Sra. Eames, que outrora custava menos do que a Sra. Eames; agora, teria cobrado mais do que a mãe poderia conseguir. Se, no trem, ela parecera apenas uns poucos anos mais jovem do que Wilbur, agora dava a impressão de ser vários anos mais velha. A qualidade soturna da adolescência amadurecera para uma atitude arrogante e cáustica. A maquiagem, as joias e o perfume eram exagerados; o vestido era desmazelado. Os cabelos – numa única trança grossa, com uma pena de gaivota espetada – estavam puxados com tanta força para trás que as veias nas têmporas pareciam retesadas e os músculos no pescoço estavam tensos – como se um amante violento a tivesse puxado para trás bruscamente e a imobilizasse pelo rabo de cavalo escuro.

Ela cumprimentou Wilbur Larch lhe entregando bruscamente uma garrafa com um líquido marrom, o odor pungente escapando

pela rolha de cortiça. O rótulo da garrafa estava tão manchado que era ilegível.

– Foi isso o que ela fez – disse a garota, com um resmungo. – Não quero saber dessas coisas. Há outros meios.

– É a Srta. Eames? – indagou Wilbur Larch, procurando pelo memorável bafo de charuto.

– Eu disse que há outros meios! – insistiu a Srta. Eames. – Não fui tão longe quanto ela. Não estou *viva*.

Wilbur Larch cheirou a garrafa que tinha na mão; sabia o que significava “viva”. Se um feto estava “vivo”, significava que a mãe o sentira mexer, significava que a mãe estava mais ou menos na metade do período de gestação, geralmente no quarto ou quinto mês; para alguns médicos, religiosos, quando um feto estava “vivo”, significava que possuía uma alma. Wilbur Larch não pensava que alguém possuísse alma, mas até a metade do século XIX a posição da lei consuetudinária em relação ao aborto era simples e (para Wilbur Larch) sensata: antes de ficar “vivo” – antes do primeiro movimento sentido do feto –, o aborto era legal. Mais importante ainda, para o médico em Wilbur Larch não era perigoso para a mãe efetuar um aborto antes que o feto se tornasse “vivo”. Depois do terceiro mês, quer o feto estivesse “vivo” ou não, Wilbur Larch sabia que se prendera no útero e havia necessidade de mais força para soltá-lo.

Por exemplo, o líquido na garrafa que Wilbur Larch estava segurando não tivera força suficiente para romper o grude do feto que a Sra. Eames carregava – embora, aparentemente, possuísse bastante força para matá-lo e transformar em papa as entranhas da Sra. Eames.

– Deve ser puro veneno – comentou a irredutível filha da Sra. Eames para Wilbur Larch, que passou um pouco de seu amado éter no rótulo manchado, limpando-o o suficiente para ler.

Restaura a Regularidade Mensal Feminina!

Acaba com a Supressão!

(Supressão, o jovem Larch sabia, era um eufemismo para gravidez.)

Cuidado: Perigoso para Mulheres Casadas!

Quase Certamente Causa Aborto!

Como não podia deixar de ser, fora por isso que a Sra. Eames tomara e tomara o líquido.

Larch estudara o abuso de abortivos na faculdade de medicina. Alguns – como a ergotina que Larch usava para provocar a contração do útero depois do parto e o extrato pituitário – afetavam diretamente o útero. Outros arruinavam os intestinos – não passavam de purgativos violentos. Dois dos cadáveres com que Larch trabalhara na faculdade haviam sido vítimas de um abortivo doméstico bastante comum na ocasião: a terebintina. Pessoas que não queriam filhos nas décadas de 1880 e 1890 também se matavam com estricnina e óleo de arruda. A Solução Lunar Francesa que a Sra. Eames experimentara era óleo de tanásia; ela tomara por tanto tempo e em tais quantidades que os intestinos perderam a capacidade de absorver vitamina C. Assim, ela se transformara num *munster*. E morreria, como o patologista corretamente determinara, de escorbuto.

A Sra. Eames poderia ter escolhido vários outros meios de tentar abortar o nascimento de outra criança. Havia histórias de que um aborteiro notório do South End era também o mais bem-sucedido proxeneta do distrito. Como ele cobrava quase 500 dólares por um aborto, quantia que bem poucas mulheres pobres podiam pagar, elas ficavam endividadas e se tornavam suas prostitutas. Seu consultório – e outros iguais – era chamado simplesmente de “Off Harrison”, fora da Harrison, apropriadamente vago, mas não sem um significado. Uma das instalações no South End do Serviço de Maternidade de Boston ficava na Harrison Street; assim, “Off

Harrison”, na linguagem das ruas, insinuava corretamente algo extraoficial – para não dizer ilegal.

Não havia muito sentido em fazer um aborto “Off Harrison”, como a Sra. Eames talvez tivesse motivos para saber. A filha também conhecia os métodos de lá e foi por isso que ofereceu a Wilbur Larch a oportunidade de realizar o trabalho – e ofereceu a si mesma a oportunidade de ter um trabalho bem-feito.

– Eu disse que não estou “viva” – repetiu a filha da Sra. Eames para o jovem Larch. – Serei um caso fácil. Sairei daqui dentro de alguns minutos.

Já passava de meia-noite. O chefe da clínica estava dormindo; a enfermeira que servia como anestesista também dormia. O colega que despertara Larch... ele também fora dormir.

A dilatação do colo do útero em qualquer estágio da gravidez geralmente acarreta contrações uterinas, que expõem o conteúdo do útero. Larch também sabia que qualquer agente irritante ao útero deveria produzir o efeito desejado: contração, expulsão. O jovem Wilbur Larch olhou fixamente para a filha da Sra. Eames; suas pernas pareciam rochas. Talvez ele ainda estivesse de pé com a mão no encosto do assento da Sra. Eames, no trem a balançar que saía de Portland, antes de saber que estava com gonorreia.

– Você quer um aborto – murmurou Wilbur Larch, a primeira vez que falava a palavra.

A filha da Sra. Eames tirou a pena de gaivota do rabo de cavalo e espetou-a no peito de Larch.

– Cague ou saia da latrina – disse ela.

Foi com as palavras “cague” e “latrina” que o fedor azedo de charuto envolveu-o.

Wilbur Larch podia ouvir a enfermeira-anestesista dormindo – ela tinha sinusite. Para um aborto, ele não precisaria de tanto éter quanto gostava de usar num parto; só necessitaria de um pouco mais do que rotineiramente aplicava em si mesmo. Também

duvidava de que fosse necessário raspar a paciente; era rotina raspar as pacientes para um parto, e Larch preferia que se fizesse a mesma coisa para um aborto, mas podia omitir o expediente, a fim de ganhar tempo; mas *não* omitiria o éter. Passaria mertiolate vermelho na região vaginal. Se ele tivesse tido uma infância como a filha da Sra. Eames, também não haveria de querer trazer uma criança para o mundo. Usaria dilatadores com as pontas Douglass – arredondadas, ofereciam a vantagem de uma fácil introdução no útero e eliminavam o risco de lesionar tecido na retirada. Com o colo do útero dilatado ao tamanho desejado, ele duvidava – a menos que a filha da Sra. Eames já estivesse bem adiantada, pelo terceiro ou quarto mês de gravidez – de que houvesse necessidade de usar o fórceps; e se fosse preciso, seria apenas para a remoção da placenta e dos pedaços maiores. Um manual da faculdade de medicina se referia, em termos eufemísticos, aos produtos da concepção: poderiam ser raspados da parede do útero com uma cureta – talvez com duas curetas de tamanhos diferentes, a menor para alcançar os cantos.

Mas Wilbur Larch ainda era muito jovem, e hesitava.

Estava pensando no tempo para a recuperação do éter que teria de permitir à filha da Sra. Eames, o que diria a seus colegas ou à enfermeira se acordassem – ou mesmo ao chefe da clínica, se houvesse necessidade de manter a garota ali até a manhã seguinte (como seria indispensável se houvesse uma hemorragia excessiva, por exemplo). Ficou surpreso pela súbita dor em seu peito; a furiosa filha da Sra. Eames estava espetando-o de novo com a pena de gaivota.

– Não estou *viva*! Já disse que não estou *viva*!

Ela o espetou repetidamente, até que a pena dobrou em sua mão, e deixou-a presa na camisa de Larch. Quando ela se virou, a trança grossa roçou no rosto de Larch o odor forte de fumaça. Depois que ela se foi e Larch arrancou a pena de gaivota do peito,

ele notou que o óleo de tanásia – a Solução Lunar Francesa – derramara em suas mãos. O cheiro não era desagradável, mas por um momento sobrepôs-se ao cheiro do que Larch gostava e a que estava acostumado – sobrepujou o cheiro de éter, e pôs um paradeiro em sua paz de espírito.

Não usavam éter em “Off Harrison”. Não se preocupavam com a dor por lá. Para a dor, em “Off Harrison”, usavam a música. Um grupo chamado O Coro Alemão praticava *Lieder* nas salas da frente de “Off Harrison”. Cantavam com o maior fervor. Talvez a filha da Sra. Eames apreciasse, mas não fez qualquer menção à música quando foi levada de volta ao setor sul do Serviço de Maternidade de Boston uma semana depois. Ninguém sabia direito como ela chegara lá; parecia ter sido jogada contra a porta. Também parecia ter sido espancada no rosto e pescoço, talvez por deixar de pagar os honorários usuais de aborto. Tinha febre alta; o rosto inchado estava tão quente e seco ao contato quanto pão fresco saindo do forno. Pela febre e a tensão do abdome, rígido como vidro, o chefe do serviço e a enfermeira da noite suspeitaram de peritonite. O motivo pelo qual despertaram Wilbur foi o fato de a filha da Sra. Eames ter um pedaço de papel preso com alfinete no ombro do vestido.

DR. LARCH –
CAGUE OU SAIA
DA LATRINA!

Pregada no outro ombro – como uma dragona que não combinava, entortando o vestido – havia uma calcinha de mulher. Era a única que tinha. Descobriu-se que não estava usando nenhuma. Aparentemente, a calcinha fora pregada ali às pressas; assim, não ficaria perdida. Wilbur Larch não precisou examinar a filha da Sra. Eames de forma muito meticulosa para descobrir que a tentativa de aborto fracassara. Um feto sem qualquer batimento

cardíaco estava aprisionado em seu útero, que sofrera alguma contração descontrolada e se encontrava em estado de espasmo. A hemorragia e a infecção podiam provir de qualquer um dos vários métodos empregados em "Off Harrison".

Havia a escola de cura pela água, que defendia o uso de um tubo intrauterino e seringa, mas nem o tubo nem a água estavam esterilizados – e a seringa tinha muitos outros usos. Havia um sistema primitivo de sucção, simplesmente um recipiente estanque de que se podia sugar todo o ar com uma bomba operada pelo pé; tinha a força para abortar, mas também para extrair o sangue através dos poros da pele. Podia causar muito dano aos tecidos moles. E – como dizia a pequena placa na porta de "Off Harrison", TRATAMOS DE SUPRESSÃO MENSTRUAL ELETRICAMENTE! havia a bateria galvânica McIntosh. As sondas compridas estavam presas à bateria; as sondas tinham acessórios intravaginais e intrauterinos, com cabos cobertos de borracha; assim, o aborteiro não sentia o choque nas mãos.

Quando a filha da Sra. Eames morreu – antes que o Dr. Larch pudesse operá-la e sem que ela lhe dissesse mais alguma palavra (além do bilhete "Cague ou saia da latrina!" preso em seu ombro), sua temperatura beirava os 41°C. O chefe do serviço sentiu-se compelido a perguntar a Larch se conhecia a mulher. O bilhete parecia um bilhete íntimo.

– Ela estava zangada comigo por não lhe ter feito um aborto – explicou Wilbur Larch.

– Isso é ótimo para você!

Mas Wilbur Larch não podia conceber que fosse bom para qualquer pessoa. Havia uma inflamação disseminada das membranas e vísceras da cavidade abdominal, o útero fora perfurado duas vezes, e o feto, que estava morto, conferia com a predição da filha da Sra. Eames: não estava "vivo".

Pela manhã, o Dr. Larch visitou "Off Harrison". Precisava verificar pessoalmente o que acontecia ali; queria saber para onde as mulheres iam quando os médicos as repeliam. Em sua mente pairava o último bafo de charuto em sua cara da filha da Sra. Eames, ao se inclinar pouco antes de sua morte – lembrando-o, como não podia deixar de ser, da noite em que precisara que ela aspirasse o charuto para encontrar suas roupas. Se orgulho era pecado, pensou o Dr. Larch, o maior pecado era o orgulho moral. Dormira com a mãe de alguém e vestira-se à claridade do charuto da filha. Podia tranquilamente abster-se de sexo pelo resto de sua vida, mas como poderia jamais condenar outra pessoa por ter sexo?

O Coro Alemão saudou-o na porta, junto com o pequeno cartaz que prometia o retorno da menstruação eletricamente. Havia um piano estridente e desafinado – nenhum oboé, corne inglês ou mezzo-soprano –, mas Larch achou que a música lembrava *Kindertotenlieder*, de Mahler. Anos depois, quando ouviu pela primeira vez o som que abafava os gritos da água correndo em Three Mile Falls, ele lembrou as canções do aborteiro em "Off Harrison". Larch bateu na porta – poderia ter gritado –, mas ninguém ouviu. Quando abriu a porta e entrou, ninguém se deu ao trabalho de fitá-lo; o Coro Alemão continuou a cantar. O único instrumento era um piano, e não havia cadeiras suficientes para as mulheres, só existiam umas poucas estantes de música; os homens estavam de pé, reunidos em dois grupos, longe das mulheres; não havia cópias da música para todos. O maestro do coro estava de pé junto ao piano. Um homem magro e calvo, sem camisa, usava apenas um colarinho sujo (talvez para aparar o suor) e mantinha os olhos parcialmente fechados, como se estivesse em oração, enquanto os braços golpeavam furiosamente o ar – como se o ar, que estava cheio de fumaça de charuto e do odor parecido com urina de chope ordinário, fosse difícil de deslocar. O coro perseguia os braços frenéticos do homem.

Um Deus exigente ou crítico, pensou Wilbur Larch, vai matar todos nós. Passou para uma sala que não tinha nada – nem um único móvel, nem mesmo uma janela. Havia apenas uma porta fechada. Larch abriu-a e viu-se no que era obviamente a sala de espera. Havia até jornais, flores frescas e uma janela aberta; quatro pessoas estavam sentadas ali, aos pares. Ninguém lia os jornais, cheirava as flores ou olhava pela janela; todos olhavam para o chão, e assim continuaram quando Wilbur Larch entrou. A uma mesa, com apenas um bloco de papel e uma caixa de dinheiro em cima, sentava-se um homem alerta, comendo de uma tigela o que parecia ser feijão-branco. Dava a impressão de ser jovem, forte e indiferente; usava um macacão de operário e uma camiseta sem mangas; pendurada ao pescoço, como o apito de um professor de ginástica, havia uma chave – obviamente da caixa de dinheiro. Era tão calvo quanto o regente do coro; Larch concluiu que as cabeças eram raspadas.

Sem olhar para Wilbur Larch, o homem, que podia ter deixado o coro por uma ou duas canções, disse:

– Ei, você não pode vir aqui. Mande a mulher sozinha ou com uma amiga.

Na sala da frente, Wilbur Larch ouviu o coro entoar uma canção sobre a “mãe querida” – não era isso o que significava *mütterlein*?

– Sou médico – disse Larch.

O homem continuou a comer, mas levantou os olhos para Larch. Os cantores respiraram fundo e no silêncio de fração de segundo Larch ouviu a colher rápida e eficiente do homem raspar contra a tigela – e, da outra sala, o ruído de uma pessoa vomitando, acompanhado no instante seguinte pelo barulho do vômito numa bacia de metal. Uma das mulheres na sala de espera começou a chorar, mas, antes que Larch pudesse identificar qual delas, os cantores recuperaram o fôlego e abafaram tudo outra vez. Alguma coisa sobre o sangue de Cristo, pensou Larch.

- O que você quer? – perguntou o homem.
- Sou médico e quero falar com o médico daqui.
- Não tem nenhum médico aqui. Só você.
- Então quero dar alguns conselhos – acrescentou Larch. – Conselhos médicos. Conselhos médicos gratuitos.

O homem estudou o rosto de Larch; parecia pensar que podia encontrar ali uma resposta à oferta.

– Não é o primeiro aqui – disse o homem, depois de algum tempo. – Espere a sua vez.

Isso pareceu satisfazer momentaneamente os dois, e Larch procurou um lugar para sentar – e foi ocupar uma cadeira exatamente entre as duas duplas de mulheres já na sala. Estava chocado demais com tudo para se surpreender ao reconhecer uma das duplas: a mulher lituana cujo filho ele trouxera ao mundo (seu primeiro parto) sentada em silêncio com sua mãe de mancha no rosto. Não queriam olhar para ele; Larch sorriu-lhes e acenou com a cabeça. A mulher estava grávida – em estado bem adiantado para um aborto fácil, mesmo nas circunstâncias mais seguras. Larch compreendeu, em pânico, que não seria capaz de lhe explicar isso; ela só falava lituano. A mulher o associaria apenas com bebês vivos! Além do mais, ele nada sabia do que poderia ter acontecido com seu primeiro filho – nada do que fora a vida da mulher com aquele bebê ou o que era agora. Bateu com o pé no chão nervosamente e olhou para a outra dupla – também era, sem qualquer dúvida, mãe e filha, só que mais jovens do que as lituanas. Era difícil saber qual das duas estava grávida. Aquele aborto, pelo menos, seria mais fácil. A filha parecia muito jovem para estar grávida, mas por que outro motivo, especulou Larch, a mãe a traria até ali? Precisava desesperadamente de companhia ou a presença da garota servia como lição? Olhe bem – isso pode acontecer com você! Na sala da frente, os cantores tornaram-se histéricos sobre o tema do amor de

Deus e alguma coisa que parecia “destino ofuscante” – *verblendenen Geschick*.

Wilbur Larch ficou olhando para a porta fechada, por trás da qual ouvira o barulho inconfundível de vômito. Uma abelha, absurdamente deslocada, entrou zumbindo pela janela aberta e pareceu achar que as flores eram falsas; saiu de novo, sempre zumbindo. Quando tornou a olhar para a dupla de lituanas, Larch constatou que a avó o reconhecera – e descobrira uma nova maneira de exibir sua mancha no rosto, que parecia ter cultivado cabelos adicionais e mais compridos, além de mudar um pouco de cor. Beliscando os lados da mancha, a avó inflamava a pele ao redor e fazia com que a mancha parecesse prestes a explodir de seu rosto – como um furúnculo com a ponta a florando, pronto para estourar. A mulher grávida parecia não perceber a demonstração repulsiva da mãe e deu a impressão de não reconhecer Larch ao fitá-lo; para Larch, havia apenas lituano estampado no rosto dela. Talvez, pensou Larch, o marido tivesse jogado o bebê pela janela e a levado à loucura. Por um momento, Larch pensou que o coro podia ser lituano, mas reconheceu alguma coisa sobre uma batalha entre *Gott und Schicksal* – obviamente alemão, obviamente Deus e o Destino.

O grito que passou pela porta fechada não teve dificuldade para se elevar acima das vozes que declaravam que Deus vencera. A garota levantou-se de um pulo, tornou a sentar, abraçou-se e começou a chorar; pôs o rosto no colo da mãe para abafar os gritos. Larch compreendeu que fora ela quem ouvira chorar antes. Também compreendeu que era ela quem devia estar precisando do aborto – não a mãe. A garota parecia não ter mais que 10 ou 12 anos.

– Com licença – disse Larch à mãe. – Sou médico. Ele se sentiu como um ator com um bom potencial que fora prejudicado por uma única frase idiota – era tudo o que tinha a dizer. “Sou médico.” E daí?

– Então você é médico – disse a mãe em tom amargo, mas deixando Larch feliz por descobrir que ela não falava lituano. – E que

ajuda pode prestar?

– Com quantos meses ela está?

– Talvez três – respondeu a mãe, desconfiada. – Mas já paguei aqui.

– Quantos anos ela tem?

A garota fitou-o do colo da mãe; uma mecha dos cabelos lourosujos prendera-se em sua boca.

– Tenho 14 anos – murmurou ela, na defensiva.

– Ela *vai* fazer 14 anos, ano que vem – acrescentou a mãe.

Larch levantou-se e disse ao homem com a chave da caixa de dinheiro:

– Devolva o que elas pagaram. Vou ajudar a garota.

– Pensei que tivesse vindo para dar conselhos.

– Para dar conselhos.

– Por que não aceita alguns, já que está aqui? – disse o homem.

– Quando se paga, há um depósito. Não se pode receber o depósito de volta.

– De quanto é o depósito?

O homem deu de ombros; tamborilou com os dedos sobre a caixa de dinheiro. – Talvez a metade.

– *Eure ganze Macht!* – cantou o coro.

“Todo o seu poder”, traduziu Wilbur Larch. Muitos estudantes de medicina eram bons em alemão.

Quando a porta terrível se abriu, um casal idoso, como avós aturdidos, espiou ansioso pela sala de espera – a confusão e a curiosidade estampavam-se em seus rostos, que haviam se tornado muito parecidos um com o outro, como os rostos de tantos casais idosos. Eram pequenos e encurvados; por trás deles, num catre – tão imóvel quanto um quadro –, uma mulher estava deitada, sob um lençol, os olhos abertos, mas desfocados. A bacia de vômito fora colocada sobre uma toalha no chão, ao seu alcance.

– Ele diz que é médico – informou o homem da caixa de dinheiro, sem olhar para o velho casal. – Diz que veio para dar conselhos médicos gratuitos. Diz para devolver o dinheiro a essas mulheres. Diz que vai cuidar pessoalmente da garota.

Pela maneira como a velha de cabeça branca tornara-se uma presença – ou, mais ainda, uma *força* – na porta entre a sala de espera e a sala de operações, Larch compreendeu que era ela quem estava no comando; o velho de cabeça branca era seu assistente. A velha teria parecido à vontade numa cozinha aprazível, fazendo biscoitos e convidando a garotada da vizinhança a entrar e sair quando quisesse.

– Dr. Larch – disse Larch, fazendo uma mesura, um pouco formal.

– Ah, sim, Dr. Larch – murmurou a velha, em tom neutro. – Veio cagar ou sair da latrina?

A aborteira era conhecida nos arredores de “Off Harrison” como Mamãe Noel. Não era a autora original do apelido – nem daquele bilhete. A própria filha da Sra. Eames o escrevera, antes de ir procurar Mamãe Noel; estava a par dos perigos de “Off Harrison” para saber que talvez não estivesse em condições de escrever qualquer coisa depois que Mamãe Noel terminasse seu trabalho.

Larch estava despreparado para Mamãe Noel – em termos mais específicos, para sua atitude. Imaginara que, em qualquer encontro com um aborteiro, *e/le* (Dr. Larch) assumiria o comando. Ainda tentou fazê-lo. Entrou na sala de operações e pegou alguma coisa, apenas para demonstrar sua autoridade. O que pegou foi o tubo de sucção com uma mangueira curta que ia até a bomba com pedal. O equipamento quase cabia na sua palma, ajustando-se com perfeição; não teve problemas para imaginar em que mais se ajustava. Para sua surpresa, quando ajeitou a taça na mão, Mamãe Noel começou a pisar na bomba. Ao sentir o sangue afluindo para os

poros, ele arrancou a taça da palma antes que a sucção pudesse provocar mais do que uma bola de sangue na quina da mão.

– E então? – indagou Mamãe Noel, agressiva. – Qual é o seu conselho, doutor?

Como em resposta, a paciente sob o lençol puxou Larch para si; ela estava com a testa úmida de suor.

– Você não sabe o que está fazendo – disse o Dr. Larch a Mamãe Noel.

– Pelo menos estou fazendo alguma coisa – respondeu a velha, com uma calma agressiva. – Se você sabe como fazer, então por que não faz? Se sabe como, por que não me ensina?

A mulher sob o lençol parecia grogue, mas tentava se controlar. Sentou-se e fez um esforço para se examinar; descobriu que, por baixo do lençol, ainda usava seu vestido. Essa constatação pareceu relaxá-la.

– Por favor, preste atenção – disse-lhe o Dr. Larch. – Se tiver febre... se tiver mais do que apenas um pequeno sangramento... deve ir ao hospital. Não espere.

– Pensei que o conselho fosse para mim – interveio Mamãe Noel. – Onde está o *meu* conselho?

Larch tentou ignorá-la. Saiu para a sala de espera e declarou à mãe com a filha tão jovem que deveriam ir embora; mas a mãe estava preocupada com o dinheiro.

– Pode devolver! – ordenou Mamãe Noel ao homem do dinheiro.

– Menos o depósito – protestou o homem.

– Devolva o depósito também! – insistiu a velha, furiosa.

Ela passou para a sala de espera, a fim de supervisionar a desagradável transação. Pôs a mão no braço do Dr. Larch e acrescentou:

– Pergunte a ela quem é o pai.

– Isso não é da minha conta.

– Tem toda razão. Pelo menos isso você é capaz de entender. Mas pergunte assim mesmo... é uma história interessante.

Larch tentou ignorá-la; Mamãe Noel foi pegar a mãe e a filha. Disse à mãe:

– Conte a ele quem é o pai.

A filha começou a choramingar e gemer; Mamãe Noel ignorou-a; olhava apenas para a mãe.

– Vamos, conte logo.

– Meu marido... – murmurou a mulher. E depois, como se isso não fosse evidente, acrescentou: – O pai dela. – O pai dela é o pai – disse Mamãe Noel ao Dr. Larch. – Entendeu?

– Entendi e agradeço.

Larch precisou passar o braço para amparar a garota de 13 anos, que estava cambaleando, com os olhos fechados.

– Talvez um terço das garotas que vêm aqui esteja no mesmo caso – explicou Mamãe Noel a Larch, em tom impertinente, tratando-o como se *e/le* fosse o pai. – Cerca de um terço engravida do pai ou de irmãos. Estupro. Incesto. Está me entendendo?

– Estou sim, obrigado – disse Larch, levando a garota e puxando a manga do casaco da mãe para fazê-la sair também.

– Cague ou saia da latrina! – gritou Mamãe Noel, enquanto os três se retiravam.

– Todos vocês não passam de médicos miseráveis! – berrou o homem da caixa de dinheiro. – Estão liquidados!

O coro continuava a cantar. Larch teve a impressão de ouvi-los cantar "*vom keinen Sturm erschreckt*" – assustado por nenhuma tempestade.

Na sala vazia que separava as canções dos abortos, Larch e a mãe com a filha colidiram com a mulher que estivera sob o lençol. Ela ainda estava tonta, os olhos revirando, o vestido grudado nas costas pelo suor.

– Por favor, não esqueça! – disse-lhe Larch. – Se tiver febre, se perder mais do que apenas um pouco de sangue...

E foi então que ele viu a roupa de baixo da mulher pregada no ombro do vestido. Aquela dragona era o símbolo de “Off Harrison”, uma espécie de condecoração por bravura. Era evidente que a mulher não sabia que sua calcinha estava ali. Larch imaginou que o South End estava profusamente coalhado com aquelas mulheres a cambalearem, as calcinhas presas nos ombros, marcando-as indelevelmente como o “A” no seio da Nova Inglaterra puritana de um passado distante.

– Espere! – gritou Larch, pegando a calcinha.

A mulher não queria esperar; ao se desvencilhar, o alfinete abriu e espetou a mão de Larch. Depois que ela se foi, Larch pôs a calcinha no bolso do paletó.

Levou a mãe e a filha pela sala que estava sempre tão ressonante de canções, mas o coro fizera uma pausa para tomar cerveja. O regente magro e careca acabara de mergulhar na caneca espumante quando levantou os olhos e avistou o Dr. Larch saindo com as mulheres; um bigode de espuma embranquecia-lhe o lábio e um salpico branco brilhava na ponta do nariz. O regente levantou a caneca para o Dr. Larch, oferecendo-lhe um brinde.

– Louvado seja o Senhor! – gritou o regente. – Continue a salvar essas pobres almas, Doc!

– *Danke schon!* – entoou o coro.

É claro que eles não podiam estar cantando as *Canções sobre a morte de crianças*, de Mahler, mas foram essas as canções que Wilbur Larch ouvira.

“Em outras partes do mundo”, escreveu o Dr. Wilbur Larch ao chegar em St. Cloud’s, “uma capacidade de agir antes de pensar – mas mesmo assim agir corretamente – é essencial. Talvez haja mais tempo para pensar aqui em St. Cloud’s.”

Em Boston, era o que queria dizer, ele era um herói; e não teria durado muito sendo um herói. Levou a mãe e a moça para o setor sul. Instruiu o chefe de serviço a escrever o seguinte:

“Trata-se de uma garota de 13 anos. A pelve só tem nove centímetros de diâmetro. Dois violentos partos anteriores laceraram as partes moles e deixaram-na com uma massa de tecido cicatricial inflexível. Esta é sua terceira gravidez em decorrência de incesto – em decorrência de estupro. Se for permitido que a gravidez prossiga até o fim, o parto só pode ser realizado por cesariana, o que – tendo em vista o delicado estado de saúde da criança (ela é mesmo uma criança), para não mencionar o estado mental – seria perigoso. Portanto, decidi providenciar-lhe um aborto.”

– Decidi mesmo? – perguntou o chefe de serviço.

– Decidi – respondeu Wilbur Larch, acrescentando para a enfermeira-anestesista: – Vamos cuidar disso imediatamente.

O aborto levou apenas vinte minutos; a maneira como Larch manipulava o éter era a inveja de seus colegas. Usou o jogo de dilatadores com as pontas Douglass, uma cureta média e outra pequena. Claro que não havia nenhuma massa de tecido cicatricial inflexível; também não havia partes moles laceradas. Aquela era a primeira, e não a terceira gravidez; embora fosse uma garota pequena, a pelve tinha certamente mais do que nove centímetros em diâmetro. Esses detalhes fictícios, inventados por Wilbur Larch, visavam tornar o relato mais convincente. Ninguém jamais contestou a decisão de Larch de efetuar esse aborto – ninguém jamais o mencionou, mas o Dr. Larch sentiu que alguma coisa mudara.

Percebeu que as conversas eram interrompidas quando entrava numa sala. Percebeu um alheamento geral; embora não fosse exatamente repellido, também não era convidado. Jantava sozinho num restaurante alemão próximo; comia joelho de porco e chucrute; uma noite tomou uma cerveja. Fê-lo lembrar-se do pai; foi a primeira e última cerveja de Wilbur Larch.

A essa altura de sua vida, Wilbur Larch parecia fadado a uma existência de primeira-e-última; uma experiência sexual, uma cerveja, um aborto. Mas ele tivera mais de uma experiência com éter, e a notícia – de que havia uma alternativa a Mamãe Noel e os métodos praticados em “Off Harrison” – espalhou-se depressa pelo South End. Ele foi abordado pela primeira vez quando estava parado junto a uma carrocinha de frutas, tomando suco de laranja espremida na hora; uma mulher alta e esquelética, com uma bolsa de compras e um cesto de roupa lavada, materializou-se ao seu lado.

– Não estou “viva” – sussurrou ela para Wilbur Larch. – Quanto custa? Juro que não estou “viva”.

Depois, as mulheres passaram a segui-lo por toda parte. Sonolento, no setor sul, ele estava sempre murmurando para um colega ou outro:

– Não é a minha vez, é?

E a resposta era sempre a mesma:

– Ela diz que você é seu médico.

Filho do Maine, Wilbur Larch estava acostumado a fitar as pessoas no rosto e a procurar seus olhos; agora, baixava os seus ou os desviava; como uma pessoa de cidade grande, fazia com que os olhos dos outros procurassem os seus. Junto com o catálogo de instrumentos cirúrgicos de Fred Halsam & Co., ele recebeu pelo correio um exemplar do livro da Sra. W. H. Maxwell, *Uma mulher médica às mulheres dos Estados Unidos*. Até o final da década de 1870, a Sra. Maxwell dirigira uma clínica para mulheres em Nova York. “A autora não criou seu hospital apenas em benefício das mulheres grávidas”, escreveu ela. “Ela está convencida de que, tendo em vista a falta de caridade da sociedade em geral em relação às pecadoras, é apropriado que as infelizes tenham algum santuário para onde possam escapar, a cuja sombra possam ter uma oportunidade imperturbada de refletir, esconder para sempre sua

infelicidade atual e se preparar para ser mais sábias no futuro. A alma de um verdadeiro médico não pode deixar de ser ampla e generosa.”

Wilbur Larch podia constatar, é claro, que o South End fervilhava de maneira implacável com exemplos de falta de caridade em relação às pecadoras; e ele se tornara, aos olhos das pecadoras, o santuário para onde podiam escapar.

Mas, em vez disso, foi *e/le* quem escapou. Voltou para o Maine. Candidatou-se a um emprego no serviço médico estadual, como obstetra. Enquanto lhe procuravam um lugar numa comunidade em desenvolvimento, gostaram tanto de seu diploma de Harvard que o nomearam para membro do comitê médico estadual. Wilbur Larch ficou aguardando a nomeação em sua velha cidade natal de Portland, aquele porto seguro – lá estava a mansão do antigo prefeito em que passara a metade de sua infância, a pensão corroída pela maresia em que contraíra a sua dose de vida da Sra. Eames.

Especulava se sentiria saudade do South End: a quiromante que lhe garantira que viveria muitos anos e teria muitos filhos (“Tantos que nem dá para contar!”), o que Larch encarava como uma confirmação de que fizera a escolha acertada ao se tornar obstetra; a cartomante que dissera ao jovem Larch que jamais seguiria as pegadas do pai, o que era ótimo para Wilbur Larch, que não tinha o menor conhecimento de tornos mecânicos, não gostava de beber e tinha certeza de que o fígado não seria culpado por sua desgraça final; e o herbalista chinês que dissera a Larch que poderia curar a gonorreia pela aplicação de folhas verdes moídas e mofo de pão no pênis. O charlatão estava quase certo. A clorofila das plantas destruiria as bactérias que contribuía para a gangrena, mas não mataria os pares dançantes nas células de pus, os animados gonococos; a penicilina, extraída de alguns tipos de mofo de pão, poderia fazê-lo. Anos mais tarde, Larch sonharia que se ao menos o Dr. Harold Ernst, o bacteriologista da Faculdade de Medicina de

Harvard e lançador de bola de beisebol em curva, e o herbalista chinês do South End se reunissem para trabalhar juntos... ora, o que eles não teriam curado?

“Eles não teriam curado órfãos”, escreveu o Dr. Larch, quando despertou desse sonho.

E os órfãos do South End: Wilbur Larch lembrava-os muito bem dos hospitais de Boston. Em 189-, menos da metade das mães era casada. Nos estatutos da instituição estava escrito que nenhuma paciente seria admitida, “a menos que seja uma mulher casada ou recentemente enviuvada e conhecida por seu bom caráter moral”. Os generosos cidadãos que inicialmente contribuíram com milhares de dólares para a criação de um serviço de maternidade para os pobres... *elas* bem que insistiam, mas na prática quase todas as mulheres eram aceitas. Havia uma quantidade espantosa de mulheres alegando que eram viúvas recentes ou casadas com marinheiros em viagem – no *Great Eastern*, Wilbur Larch costumava imaginar.

Em Portland, ele especulava, por que não havia órfãos, não havia crianças ou mulheres necessitadas? Wilbur Larch não se sentia muito útil na respeitável cidadezinha de Portland; é irônico pensar que enquanto ele aguardava o momento de ser enviado a algum lugar em que fosse necessário, uma carta de prostituta – sobre mulheres e órfãos abandonados – estava saindo de St. Cloud’s ao seu encontro.

Antes de a carta chegar, no entanto, Wilbur Larch recebeu outro convite. O prazer de sua companhia foi solicitado por uma certa Sra. Channing-Peabody, dos Channing-Peabody de Boston, que passava os verões em sua propriedade litorânea, um pouco a leste de Portland. O convite sugeria que talvez o jovem Larch sentisse falta da sociedade de Boston a que indubitavelmente se acostumara e apreciaria jogar tênis ou croquê, se não mesmo velejar um pouco, antes do jantar com os Channing-Peabody e seus amigos. Larch não

estava acostumado a nenhuma sociedade de Boston. Associava os Channing-Peabody com Cambridge ou Beacon Hill – para onde jamais fora convidado –, e embora soubesse que Channing e Peabody eram nomes de famílias tradicionais de Boston, desconhecia por completo a estranha união. Por tudo o que Wilbur Larch sabia sobre aquele nível da sociedade, os Channing e os Peabody poderiam estar oferecendo uma festa juntos e concordaram em hifenar seus nomes no convite.

Quanto a velejar, Wilbur Larch nunca estivera sobre a água – ou dentro dela. Filho do Maine, sabia que era melhor não aprender a nadar naquelas águas; as águas do Maine, na opinião de Wilbur Larch, eram para os veranistas e lagosteiros. E quanto ao tênis ou croquê, ele não possuía as roupas apropriadas. Por uma aquarela de estranhos jogos em gramados, ele imaginara em uma ocasião que bater numa bola de madeira com um malho, com toda a força de que era capaz, podia ser gratificante, mas queria praticar essa arte sozinho, sem ser observado. Lamentou a despesa de contratar um motorista para levá-lo à casa de veraneio dos Channing-Peabody, sentiu-se embaraçosamente vestido para a estação – seu único terno era escuro, grosso, não usava desde o dia de sua visita a “Off Harrison”. Ao levantar a enorme aldraba de latão na porta da casa Channing-Peabody (optara por se apresentar formalmente, em vez de vaguear entre as pessoas de branco empenhadas na prática de vários esportes, pela propriedade), ele sentiu que o terno não só era muito quente, como também precisava ser passado; ainda por cima, descobriu no bolso do paletó a calcinha da mulher que abortara o nascimento de seu filho em “Off Harrison”. Wilbur Larch segurava a peça na mão e a observava fixamente – lembrando sua brava posição como dragona, sua intrepidez vistosa no ombro da mulher – quando a Sra. Channing-Peabody abriu a porta.

Ele não podia devolver a calcinha ao bolso do paletó com presteza suficiente e por isso limitou-se a ajeitá-la no bolsinho, como se fosse um lenço com que acabara de assoar o nariz. Pela maneira

rápida como a Sra. Channing-Peabody desviou os olhos, Larch compreendeu que ela identificara a peça em sua mão: uma calcinha, tão visível quanto o dia.

– Dr. Larch? – disse a Sra. Channing-Peabody cautelosamente, como se a calcinha tivesse lhe fornecido uma pista sobre a identificação de Larch.

Eu deveria simplesmente ir embora agora, pensou Wilbur Larch, mas disse:

– Isso mesmo, sou o Dr. Larch.

Ele fez uma mesura para a mulher – uma mulher enorme, com o rosto bronzeado e a cabeça que parecia metida num elmo de cabelos prateados, de aparência tão insidiosa e perigosa quanto uma bala.

– Deve entrar para conhecer minha filha! – Uma pausa, e ela acrescentou, com uma risada trovejante que esfriou o suor nas costas de Wilbur Larch: – E todos os outros!

Todos os outros pareciam se chamar Channing ou Peabody, quando não Channing-Peabody, alguns tinham primeiros nomes que pareciam sobrenomes. Havia um Cabot e um Chadwick, uma Loring e uma Emerald (que tinha os olhos castanhos mais opacos), mas a filha a que a Sra. Channing-Peabody designara para conhecer o Dr. Larch era a mais feia, a mais jovem e a de aparência menos saudável do bando. Seu nome era Missy.

– Missy? – repetiu Wilbur Larch.

A garota balançou a cabeça e deu de ombros. Estavam sentados a uma mesa comprida, um ao lado do outro. No outro lado da mesa e mais ou menos de sua idade, sentava um dos jovens em traje branco de tênis, o Chadwick ou o Cabot. Parecia irritado ou então acabara de ter uma briga com a Srta. Channing-Peabody, ou então preferia estar sentado ao lado dela. Ou talvez ele seja simplesmente seu irmão e gostaria de estar sentado mais longe dela, pensou Wilbur Larch.

A garota parecia indisposta. Numa família de pessoas bronzeadas, ela era pálida; beliscava a comida. Era uma daquelas refeições em que a chegada de um novo prato acarretava uma mudança completa da louça; e à medida que a conversa tinha lapsos ou enfraquecia, pelo menos se tornava mais fraca, o barulho da porcelana e prataria se tornava mais alto, a tensão aumentando à mesa. Não era uma tensão causada por qualquer tema de conversa – era a tensão causada pela ausência de um tema de conversa.

O cirurgião aposentado um tanto senil que sentava no outro lado de Wilbur – era um Channing ou um Peabody – pareceu ficar desapontado por descobrir que Larch era obstetra. Ainda assim, o velho excêntrico insistiu em conhecer o método preferido pelo Dr. Larch para expelir a placenta para o aparelho genital inferior. Wilbur Larch tentou, discretamente, descrever a expulsão da placenta para o Dr. Peabody, Dr. Channing ou quem quer que ele fosse, mas o velho tinha problemas de audição e insistiu que o jovem Larch falasse mais alto. A conversa entre os dois, que era a única conversa à mesa, progrediu para as lesões do períneo, incluindo o método de recuar a cabeça do bebê para evitar uma ruptura – e a apropriada incisão lateral para a realização de uma episiotomia, quando uma ruptura do períneo parece iminente.

Wilbur Larch percebeu que a pele de Missy Channing-Peabody, ao seu lado, mudava de cor. Passou de leite para mostarda e verde-relva da primavera, quase voltou a leite, antes que ela desfalecesse. A pele estava bastante fria e pegajosa, e Wilbur Larch, ao fitá-la, descobriu que seus olhos estavam quase completamente revirados para cima. A mãe e o furibundo rapaz em traje branco de tênis, o Cabot ou o Chadwick, levaram-na da mesa.

– Ela precisa de *ar* – anunciou a Sra. Channing-Peabody, embora não houvesse problema de suprimento de ar no Maine.

Wilbur Larch já sabia do que Missy precisava. Era de um aborto. Ocorreu-lhe pela ira evidente do jovem Chadwick ou Cabot, ocorreu-

lhe pela senilidade balbuciante do velho cirurgião querendo saber do “moderno” procedimento obstétrico, ocorreu-lhe pela ausência de outras conversas e pelo barulho das facas, garfos e pratos. Fora o motivo para ser convidado: Missy Channing-Peabody, sofrendo de enjojo matutino, precisava de um aborto. As pessoas ricas também precisavam dessas coisas. Até as pessoas ricas, que na opinião de Wilbur Larch eram as últimas a saber de qualquer coisa, *até mesmo as pessoas ricas* tinham conhecimento dele. Larch queria ir embora, mas agora foi seu destino que o deteve. Às vezes, quando somos rotulados, quando somos marcados, a marca se transforma em vocação; Wilbur Larch sentiu que estava sendo chamado. A carta da prostituta de St. Cloud’s já estava viajando ao seu encontro, e ele iria para lá, mas primeiro estava sendo chamado a agir – ali.

Levantou-se. Os homens estavam sendo enviados a alguma sala especial – para os charutos. As mulheres se reuniam em torno do bebê de alguém – uma babá ou governanta (uma *criada*, pensou Wilbur Larch) trouxera um bebê para a sala de jantar, e as mulheres o admiravam. Wilbur Larch também deu uma olhada. As mulheres abriram espaço para ele. O bebê era rosado e alegre, com cerca de 3 meses, mas o Dr. Larch notou as marcas de fórceps em seu rosto: uma depressão inequívoca, deixaria uma cicatriz. Posso fazer um trabalho melhor, pensou ele.

– Não é um bebê lindo, Dr. Larch? – perguntou uma das mulheres.

– É uma pena essa marca de fórceps – comentou Larch, fazendo com que todas se calassem.

A Sra. Channing-Peabody levou-o para o vestíbulo. Ele deixou que o conduzisse para a sala que fora preparada. No caminho, ela disse:

– Temos um probleminha.

– Com quantos meses ela está? – perguntou Larch à Sra. Channing-Peabody. – Está *viva*?

“Viva” ou não, Missy Channing-Peabody certamente fora preparada. A família convertera uma pequena sala de leitura numa sala de operações. Havia quadros antigos de homens em uniformes, e livros (parecendo há muito tempo intocados) se mantinham em posição de sentido. No primeiro plano da sala havia uma mesa sólida, apropriadamente armada com enchimento de algodão e um forro de lençol; Missy estava deitada ali, na posição correta de exame. Já estava raspada, já estava coberta com a solução de bicloreto de mercúrio. Alguém fizera o trabalho preliminar necessário; talvez tivessem arrancado os detalhes do senil cirurgião da família. O Dr. Larch viu o álcool, o sabonete verde, a escovinha de unhas (que começou imediatamente a usar). Havia um jogo de seis dilatadores de metal e um jogo de três curetas, num estojo coberto de couro e forrado com cetim. Havia clorofórmio e um inalador de clorofórmio, e esse único erro – o fato de não saberem a preferência de Wilbur Larch por éter – fez Larch quase perdoá-los.

O que Wilbur Larch não pôde perdoar foi a aversão óbvia que sentiam contra ele. Havia uma velha de serviço, talvez alguma fiel criada doméstica que servira como parteira para incontáveis pequenos Channing-Peabody, provavelmente a parteira da própria Missy. A velha tinha as feições salientes e os olhos penetrantes ao fitar Larch, como se esperasse que ele lhe desse os parabéns – e nesse momento não admitiria que ele lhe falara – por sua precisão ao aprontar a paciente. A própria Sra. Channing-Peabody parecia incapaz de tocá-lo; ofereceu-se para pegar seu casaco, que ele a deixou tirar, antes de pedir que se retirasse.

– Chame aquele rapaz – disse-lhe Larch. – Acho que ele deve estar aqui.

Larch estava se referindo ao jovem particularmente hostil em traje branco de tênis, quer ele fosse o irmão indignado ou o amante culpado, se não mesmo as duas coisas. Essas pessoas precisam de mim, mas me odeiam, estava pensando Larch, enquanto limpava as unhas. Enquanto mergulhava os braços no banho de álcool,

perguntou-se quantos médicos os Channing-Peabody deviam conhecer (quantos deviam haver na família!), mas jamais pediriam a um dos seus para ajudar naquele “probleminha”. Eram puros demais para isso.

– Quer a minha ajuda? – perguntou o rapaz mal-humorado a Larch.

– Não há necessidade – respondeu Larch. – Não toque em nada e fique de pé à minha esquerda. Olhe por cima de meu ombro e procure observar tudo.

A expressão desdenhosa de consciência de classe abandonara quase totalmente o rosto do jovem Chadwick (ou jovem Cabot) quando Wilbur Larch começou a trabalhar com a cureta; ao primeiro aparecimento dos produtos da concepção, o rosto do jovem se abriu – aquele ar crítico não estava mais discernível em qualquer aspecto de seu rosto, que parecia comovido, a cor próxima do branco do traje de tênis.

– Já fiz uma observação sobre a parede do útero – disse o Dr. Larch ao jovem, que parecia ter visto um fantasma. – É uma boa parede, firme, musculosa, fica limpa quando se raspa, emitindo um som areento. Sabemos então que tudo foi removido... todos os produtos da concepção. – Raspou mais um pouco. – Está ouvindo?

– Não – balbuciou o jovem.

– Talvez “som” não seja a palavra certa – comentou Wilbur Larch. – Talvez seja mais como uma sensação areenta, mas para mim é um som. *Areento*.

Foi nesse instante que o jovem Chadwick ou jovem Cabot tentou conter o vômito nas mãos em concha.

– Verifique a temperatura dela de hora em hora – disse Larch à rígida criada, que segurava as toalhas esterilizadas. – Se houver mais que um pouco de sangue ou se ela tiver febre, devo ser chamado imediatamente.

Uma pausa, e Wilbur Larch acrescentou, para a velha e o jovem pálido e esvaziado:

– E tratem-na como a uma princesa. Não se deve permitir que alguém a faça sentir-se envergonhada.

Ele teria partido como um cavalheiro, depois de olhar sob as pálpebras de Missy, na máscara de clorofórmio, mas quando pôs o paletó, sentiu o volume do envelope no bolso superior. Não contou o dinheiro, mas percebeu que havia várias centenas de dólares. Era outra vez a mansão do prefeito, o tratamento dispensado nos alojamentos da criadagem; significava que os Channing-Peabody não o convidariam a voltar para jogar tênis ou croquê, para dar um passeio de barco.

No mesmo instante ele entregou cerca de 50 dólares à velha que banhara a área genital de Missy com a solução de bicloreto e a cobrira com um tampão vulvar esterilizado. Deu cerca de 20 dólares ao jovem tenista, que abrisse a porta para o pátio a fim de respirar um pouco do ar do jardim. Larch já ia embora. Enfiou as mãos nos bolsos do paletó e tornou a encontrar a calcinha; num súbito impulso, pegou o fórceps da placenta e levou-o. Saiu à procura do velho cirurgião, mas havia apenas criadas na sala de jantar – ainda tirando a mesa. Deu a cada uma 20 ou 30 dólares.

Encontrou o médico senil adormecido numa poltrona, em outra sala. Abriu o fórceps e nele prendeu a calcinha que trouxera de “Off Harrison”, e depois ajeitou tudo na lapela do velho a roncar.

Descobriu a cozinha e várias criadas ocupadas lá dentro; distribuiu cerca de 200 dólares.

Saiu para o jardim e deu o resto do dinheiro, mais 200 dólares, a um jardineiro que estava ajoelhado num canteiro de flores, ao lado da porta principal. Gostaria de devolver o envelope vazio à Sra. Channing-Peabody; a grande dama escondia-se dele. Tentou dobrar o envelope e prendê-lo na porta principal, sob a enorme aldraba de latão; mas o vento insistia em soltá-lo. Irritou-se, amassou o

envelope numa bola e arremessou-o num círculo de grama verde e impecavelmente aparada, que servia como ilha do caminho principal. Dois jogadores de croquê, num gramado distante, interromperam o jogo e olharam, primeiro para o envelope amassado e depois para o céu azul de verão, como se um raio, no mínimo, devesse se abater sobre Larch e matá-lo.

Voltando para Portland, Wilbur Larch refletiu sobre o último século de história médica – quando o aborto era legal, quando muitos procedimentos bem mais complexos do que um simples aborto eram rotineiramente ensinados aos estudantes de medicina: coisas como decapitação do útero e pulverização fetal (no lugar de uma cesariana, mais perigosa). Murmurou estas palavras para si mesmo: decapitação do útero, pulverização fetal. Quando chegou a Portland, já tirara as suas conclusões. Era um obstetra; trazia bebês ao mundo. Os colegas diziam que isso era “a obra de Deus”. E era um aborteiro; também salvava as mães. Os colegas diziam que isso era “a obra do Demônio”; mas era *tudo* a obra de Deus para Wilbur Larch. Como a Sra. Maxwell comentara: “A alma de um verdadeiro médico não pode deixar de ser ampla e generosa.”

Mais tarde, quando deparasse com ocasiões para duvidar de si mesmo, ele se forçaria a lembrar: deitara com a mãe de alguém e se vestira ao clarão do charuto da filha. Podia tranquilamente abster-se de sexo pelo resto da vida, mas como poderia jamais condenar outra pessoa por ter sexo? Também se lembraria o que *não* fizera pela filha da Sra. Eames e o quanto isso custara.

Traria bebês ao mundo. E também salvaria as mães.

Uma carta de St. Cloud’s aguardava-o em Portland. Quando o comitê médico do estado do Maine enviou-o para St. Cloud’s, não podia saber do sentimento de Wilbur Larch em relação aos órfãos – e também não podia saber de sua disposição em deixar Portland, aquele porto seguro de onde o *Great Eastern* zarpara sem planos para voltar. E nunca poderiam imaginar que, na primeira semana

que passou em St. Cloud's, Wilbur Larch fundou um orfanato (porque era necessário), fez o parto de três bebês (um desejado, dois inevitáveis – um deles seria outro órfão) e realizou um aborto (seu terceiro). Larch levaria alguns anos para educar a população no controle da natalidade – a proporção persistiria por algum tempo, um aborto para cada três nascimentos. Ao longo dos anos, passaria para um em quatro e depois para um em cinco.

Durante a Primeira Guerra Mundial, quando Wilbur Larch foi para a França, o médico que o substituiu no orfanato não fazia abortos; o índice de natalidade subiria, o número de órfãos dobraria, mas o médico substituto declarou à enfermeira Edna e à enfermeira Angela que viera ao mundo para fazer a obra de Deus, e não a obra do Demônio. Essa tênue distinção se tornaria mais tarde muito proveitosa para a enfermeira Angela, a enfermeira Edna e o Dr. Wilbur Larch, que escreveu da França para as suas boas enfermeiras, dizendo que testemunhara a verdadeira obra do Demônio: o Demônio trabalhava com balas de canhão e granadas, com os fragmentos de roupa mínimos e sujos que eram levados por um míssil para dentro dos ferimentos. A obra do Demônio era a infecção bacilar por gás, esse flagelo da Primeira Guerra Mundial – Wilbur Larch jamais esqueceria como estalava ao toque.

“Digam a ele”, escreveu Larch para a enfermeira Angela e a enfermeira Edna, “digam a esse idiota [ele estava se referindo a seu substituto] que a obra no orfanato é *tudo* a obra de Deus – tudo o que vocês fazem, fazem pelos órfãos, e fazem para salvá-los!”

E quando a guerra acabou e Wilbur Larch voltou para casa, voltou para St. Cloud's, a enfermeira Edna e a enfermeira Angela já estavam familiarizadas com a linguagem apropriada para o trabalho que se realizava ali – a obra de Deus e a obra do Demônio, como as chamavam, apenas para determinar entre as duas que operação estava sendo efetuada e quando Wilbur Larch aceitou – era uma linguagem útil –, mas as duas enfermeiras estavam de acordo com ele: de que era *tudo* obra de Deus a que estavam fazendo.

Foi somente em 193- que depararam com seu primeiro problema. Seu nome era Homer Wells. Saiu pelo mundo e voltou a St. Cloud's tantas vezes que era necessário pô-lo para trabalhar; quando um garoto alcança a adolescência, deve ser de utilidade. Mas ele compreenderia?, especulavam as enfermeiras e o Dr. Larch. Homer observara as mães chegarem e partirem, deixando seus bebês para trás, mas quanto tempo passaria antes que ele começasse a contar as cabeças – e compreendesse que havia mais mães chegando e partindo do que bebês deixados para trás? Quanto tempo passaria antes que ele verificasse que nem todas as mães que vinham a St. Cloud's estavam visivelmente grávidas e algumas nem mesmo ficavam ali para a noite? Deveriam lhe perguntar?, especulavam as enfermeiras e o Dr. Larch.

– Wilbur – disse a enfermeira Edna, enquanto a enfermeira Angela revirava os olhos –, o garoto conhece tudo no lugar.. vai acabar descobrindo por si mesmo.

– Ele está se tornando mais velho a cada minuto que passa – acrescentou a enfermeira Angela. – Aprende alguma coisa nova todos os dias.

Era verdade que nunca deixavam as mulheres se recuperando de aborto descansar na mesma enfermaria que as novas mães, ganhando forças para deixarem seus bebês para trás; seria uma coisa que até mesmo uma criança poderia observar. E Homer Wells com frequência era encarregado de esvaziar as cestas de lixo – *todas* as cestas, até mesmo as da sala de operação, que eram à prova de vazamentos e deviam ser levadas diretamente para o incinerador.

– E se ele olhar numa cesta, Wilbur? – perguntou a enfermeira Edna ao Dr. Larch.

– Se ele tem idade suficiente para olhar, então tem idade suficiente para aprender – declarou Santo Larch.

Talvez Larch estivesse querendo dizer o seguinte: se ele tem idade suficiente para reconhecer o que havia para ser visto. Depois da obra de Deus ou da obra do Demônio, muito do que havia na cesta seria igual. Na maioria dos casos: sangue e muco, algodão e gaze, placenta e pelos pubianos. As enfermeiras diziam ao Dr. Larch que não havia necessidade de raspar uma paciente para um aborto, mas ele era exigente; e se tudo era obra de Deus, pensava ele, então que tudo fosse igual. As cestas que Homer Wells levava para o incinerador continham a história de St. Cloud's: as extremidades cortadas das suturas de seda e catagute, matéria fecal e espuma de sabão de enemas, e o que a enfermeira Edna e a enfermeira Angela temiam que Homer Wells pudesse ver – os chamados produtos da concepção, um feto ou uma parte identificável.

E foi assim que Homer Wells (um desafortunado garoto de 13 anos) descobriria que tanto os vivos como os não vivos eram descartados em St. Cloud's. Um dia, voltando do incinerador, avistou um feto no chão: caíra da cesta que ele carregara; mas quando o viu, presumiu que caíra do céu. Inclinou-se para olhar e depois procurou pelo ninho de onde poderia ter caído – só que não havia árvores por ali. Homer Wells sabia que os pássaros não largam seus ovos em voo – ou que um ovo, ao cair, não pode perder a casca por completo.

Depois imaginou que algum animal tivera um aborto espontâneo – num orfanato, em torno de um orfanato, sempre se ouve essa expressão –, mas que animal? Pesava menos de meio quilo, devia ter uns 20 centímetros de comprimento, a penugem na cabeça quase translúcida era o primeiro estágio de cabelos, e não de penas, e havia quase sobrancelhas no rosto esmagado, além de cílios. E não eram *mamilos* – aqueles pontinhos de um rosa claro, aparecendo no peito do tamanho de um polegar grande? E aquelas lascas nas pontas dos dedos dos pés e das mãos – eram *unhas*! Pegando a coisa com uma das mãos, Homer saiu correndo, foi direto procurar o Dr. Larch. Larch estava sentado à máquina de escrever,

na sala da enfermeira Angela; escrevia uma carta para o Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra.

– Encontrei uma coisa – anunciou Homer Wells.

Ele estendeu a mão e Larch pegou o feto, colocou-o sobre uma folha de papel em branco, em cima da mesa da enfermeira Angela. Tinha cerca de 3 meses – no máximo 4. Não inteiramente viva, o Dr. Larch sabia, mas quase.

– O que é isso? – perguntou Homer Wells.

– A obra de Deus – respondeu Wilbur Larch, o santo de St. Cloud's, pois foi nesse instante que ele compreendeu que aquilo era também a obra de Deus: ensinar a Homer Wells, contar-lhe tudo, providenciar para que ele pudesse distinguir o certo do errado.

Era um trabalho e tanto a obra de Deus, mas se alguém era bastante presunçoso para empreendê-lo, então tinha de fazê-lo com perfeição.

¹ Gritos. (N. do T.)

Príncipes do Maine, Reis da Nova Inglaterra

"Aqui em St. Cloud's", escreveu o Dr. Larch, "tratamos os órfãos como se viessem de famílias reais."

Na divisão de meninos, esse sentimento impregnava sua bênção noturna, gritada por cima das camas, na escuridão. A bênção do Dr. Larch seguia-se à leitura da hora de dormir, que se tornara – depois do lamentável acidente com os Winkle – uma responsabilidade de Homer Wells. O Dr. Larch queria proporcionar mais confiança a Homer. Quando Homer contou como adorara ler para os Winkle na barraca de safári – e como achara que o fizera muito bem, só que os Winkle haviam pegado no sono –, o Dr. Larch decidiu que o talento do menino devia ser estimulado.

Em 193-, quase imediatamente depois de ver o seu primeiro feto, Homer Wells começou a ler *David Copperfield* para a divisão de meninos, apenas vinte minutos de cada vez, não mais, não menos; ele achava que levaria mais tempo para ler do que Dickens levava para escrever. Titubeando a princípio – e caçoado pelos poucos garotos que estavam próximos de sua idade (nenhum era mais velho) –, Homer foi melhorando. Todas as noites, ele murmurava para si mesmo o trecho inicial do livro. Tinha o efeito de uma ladainha – e de vez em quando lhe permitia dormir serenamente:

Se me transformarei num herói
de minha própria vida ou se essa posição será
ocupada por algum outro, estas páginas devem mostrar.

– “Se me transformarei num herói de minha própria vida” – murmurava Homer para si mesmo.

Ele recordava a secura nos olhos e no nariz na sala da fornalha na casa dos Draper em Waterville; recordava o jorro de água que arrastara os Winkle; recordava a coisa morta, fria, úmida, enroscada que estivera em sua mão. (Aquela coisa que ele segurara não poderia ter sido um herói.)

E depois das “luzes apagadas”, depois que a enfermeira Edna ou a enfermeira Angela indagava se alguém queria um último copo d’água ou se alguém precisava de uma última viagem ao urinol – quando os pontos de luz dos lampiões apagados ainda piscavam na escuridão e a mente de cada órfão estava adormecida, sonhando ou se apegando às aventuras de David Copperfield –, o Dr. Larch abria a porta do corredor, com seus canos expostos e cores de hospital.

– Boa-noite! – gritava ele. – Boa-noite para vocês, Príncipes do Maine, Reis da Nova Inglaterra!

(Aquela coisa que Homer tivera na mão não era nenhum príncipe – não vivera para ser rei.)

E depois, pam! – a porta era fechada e os órfãos eram deixados numa nova escuridão. Perdiam qualquer que fosse a imagem de realeza que fossem capazes de evocar. Que príncipes e reis poderiam ver? Que futuro lhes era possível sonhar? Que famílias reais adotivas os acolheriam no sono? Que princesas os amariam? Com que rainhas casariam? E quando escapariam da escuridão que lhes restava depois que Larch fechava a porta, depois que não podiam mais ouvir os rangidos a se afastarem dos sapatos da enfermeira Edna e da enfermeira Angela? (Aquela coisa que ele tivera na mão não poderia ter ouvido os sapatos – tinha as menores e mais enrugadas orelhas que ele já vira!)

Para Homer Wells era diferente. Ele não se imaginava deixando St. Cloud’s. Os Príncipes do Maine que Homer via, os Reis da Nova Inglaterra que imaginava – todos reinavam na corte em St. Cloud’s,

não viajavam para lugar algum; não saíam para o mar; nunca sequer viam o oceano. Mas de certa forma, até mesmo para Homer Wells, a bênção do Dr. Larch era animadora, repleta de esperança. Aqueles Príncipes do Maine, aqueles Reis da Nova Inglaterra, aqueles órfãos de St. Cloud's – quem quer que fossem, eram de fato os heróis de suas próprias vidas. Pelo menos isso Homer podia ver na escuridão; pelo menos isso o Dr. Larch, como um pai, lhe oferecia.

O comportamento principesco, até mesmo real, era possível, inclusive em St. Cloud's. Parecia ser isso o que o Dr. Larch estava dizendo.

Homer Wells sonhou que era um príncipe. Levantou os olhos para o *seu* rei; observava cada movimento de Santo Larch. Era a frieza espantosa da coisa que Homer não podia esquecer.

– Porque estava morta, não é mesmo? – perguntou ele ao Dr. Larch. – É por isso que estava fria, não é?

– Isso mesmo – respondeu o Dr. Larch. – De certa forma, Homer, nunca esteve viva.

– Nunca esteve viva... – repetiu Homer Wells.

O Dr. Larch explicou:

– Às vezes uma mulher não é capaz de interromper a gravidez, acha que o bebê já é um bebê... desde o primeiro pontinho... e que ela deve tê-lo... embora não queira e não possa cuidar dele... e então vem nos procurar e tem o seu bebê aqui. E ela deixa o bebê com a gente. Confia que encontraremos um lar para ele.

– Ela faz um órfão – disse Homer Wells. – Alguém tem de adotá-lo.

– E alguém geralmente adota.

– Geralmente – repetiu Homer Wells. – Talvez.

– Eventualmente.

– E às vezes a mulher não vai até o fim, não é mesmo? – disse Homer Wells. – Às vezes ela não vai até o fim de ter o bebê.

– Às vezes a mulher descobre ainda bem cedo na gravidez que aquela criança é indesejável.

– Um órfão desde o começo – disse Homer Wells.

– Pode-se falar assim – disse Wilbur Larch.

– Então ela o mata – disse Homer Wells.

– Pode-se falar assim – disse Wilbur Larch. – Pode-se também falar que termina antes que se torne uma criança... simplesmente acaba. Nos primeiros três ou quatro meses, o feto... ou o embrião (não digo, portanto, “a criança”)... não chega a ter vida própria. Vive da mãe. Não se desenvolveu.

– Desenvolveu só um pouco – disse Homer Wells.

– Não se mexeu de maneira independente – disse Wilbur Larch.

– Não tem o nariz direito – disse Homer Wells, lembrando a coisa que tivera na mão.

Naquela coisa, nem as narinas nem o nariz propriamente dito haviam desenvolvido sua inclinação para baixo; as narinas apontavam retas no rosto, como o focinho de um porco.

– Às vezes – disse o Dr. Larch –, quando uma mulher é muito forte e sabe que ninguém vai cuidar de seu bebê, se o tiver, quando não quer trazer uma criança ao mundo e depois tentar lhe encontrar um lar... ela vem me procurar e eu interrompo.

– Como é que se chama *interromper*? – perguntou Homer Wells.

– Um aborto – respondeu o Dr. Larch.

– Isso mesmo – disse Homer Wells. – Um aborto.

– E o que você teve na mão, Homer, foi um feto abortado – disse o Dr. Larch. – Um embrião, com cerca de 3 a 4 meses.

– Um feto abortado, um embrião, com cerca de 3 a 4 meses – disse Homer Wells, que tinha um hábito irritante de repetir os pontos essenciais das frases com a maior seriedade, como se estivesse planejando lê-las em voz alta, como fazia com *David Copperfield*.

– E é por isso que algumas das mulheres que vêm aqui não *parecem* grávidas... o embrião, o feto, ainda não é suficiente para se mostrar – explicou o Dr. Larch, paciente.

– Mas todas elas estão grávidas – disse Homer Wells. – Todas as mulheres que vêm aqui... ou vão ter um órfão ou vão interromper, certo?

– Certo – respondeu o Dr. Larch. – Sou apenas o médico. Ajudo-as a terem o que querem. Um órfão ou um aborto.

– Um órfão ou um aborto – disse Homer Wells.

A enfermeira Edna caçoou do Dr. Larch por causa de Homer.

– Tem uma nova sombra, Wilbur – disse ela.

– *Dr. Larch* – interveio a enfermeira Angela –, criou um eco. Tem um papagaio a segui-lo por toda parte.

“Deus, ou o que quer que haja, me perdoe”, escreveu o Dr. Larch. “Criei um discípulo, tenho um garoto de 13 anos que é meu *discípulo*.”

Quando Homer tinha 15 anos, sua leitura de *David Copperfield* era tão coroada de êxito que algumas das garotas mais velhas da divisão de meninas perguntaram ao Dr. Larch se poderia persuadir Homer a ler para elas.

– Só para as garotas mais velhas? – perguntou Homer ao Dr. Larch.

– Claro que não. Vai ler para todas.

– Na divisão das meninas?

– Exatamente. Seria inconveniente levar todas as garotas para a divisão de meninos.

– Certo – disse Homer Wells. – Mas eu leio para as garotas primeiro ou para os meninos?

– Para as garotas – respondeu Larch. – Elas vão para a cama mais cedo do que os meninos.

– Vão?

– Vão aqui.

– E leio a mesma passagem?

Na ocasião, Homer estava em sua quarta leitura de *David Copperfield*, a terceira em voz alta – no capítulo 16, “Sou um Novo Garoto em Mais de um Sentido”.

Mas o Dr. Larch decidiu que garotas órfãs deveriam ouvir sobre garotas órfãs – no mesmo espírito com que acreditava que os meninos órfãos deveriam ouvir sobre meninos órfãos –, e por isso determinou que Homer lesse em voz alta para a divisão de meninas o livro *Jane Eyre*.

Homer percebeu imediatamente que as garotas eram mais atentas do que os meninos: de modo geral, formavam uma audiência melhor – exceto pelas risadinhas à sua chegada e partida. O fato de elas serem uma audiência melhor surpreendeu Homer, pois ele descobriu que *Jane Eyre* não era tão interessante quanto *David Copperfield*; estava convencido de que Charlotte Brontë não era uma escritora tão boa quanto Charles Dickens. Em comparação com o pequeno David, refletiu Homer, a pequena Jane era uma chorona – uma lamurienta –, mas as garotas da divisão de meninas sempre pediam mais, só mais uma cena, quando todas as noites Homer parava de ler e saía apressado, deixava o prédio e avançava pela noite lá fora, correndo para a divisão de meninos e para Dickens.

A noite entre a divisão de meninos e a de garotas frequentemente recendia a serragem; somente a noite guardara intacta a memória da St. Cloud’s original, espalhando em sua escuridão misteriosa os odores das antigas serrarias e até o cheiro fétido dos charutos dos serradores.

– A noite às vezes cheira como madeira e charutos – disse Homer Wells ao Dr. Larch, que tinha uma memória pessoal de charutos e por isso estremeceu.

A divisão de garotas, refletiu Homer, tinha um cheiro diferente da divisão de meninos, embora prevalecessem os mesmos canos expostos, as mesmas cores de hospital, a mesma disciplina de dormitório. Por um lado, cheirava mais agradável; por outro, cheirava mais enjoativo – Homer teve dificuldade para decidir qual dos dois.

Para dormir, os meninos e as garotas vestiam-se da mesma maneira – calças de baixo e camisas de baixo –, e sempre que Homer chegava à divisão de meninas, já as encontrava em suas camas, com as pernas cobertas, algumas sentadas, outras deitadas. As poucas com seios visíveis estavam quase sempre sentadas, os braços cruzados sobre o peito, a fim de esconder seu desenvolvimento. Todas, menos uma – a maior, a mais velha; ela era não só a maior, mas também mais velha do que Homer Wells. Carregara Homer através da linha de chegada de uma corrida de três pernas particularmente famosa – era a garota que se chamava Melony e que deveria ter sido Melody; aquela cujo seio Homer tocara por engano, aquela que beliscara seu peru.

Melony sentava para a leitura ao estilo índio – por cima das cobertas da cama, a calça de baixo não chegando a ser bastante grande para ela, as mãos nos quadris, os cotovelos virados para fora como asas, o busto considerável projetado para a frente; um pouco de sua barriga imensa ficava à mostra. Todas as noites, a Sra. Grogan, que dirigia a divisão de meninas, dizia:

- Não vai pegar um resfriado fora das cobertas, Melony?
- Não – respondia Melony.

A Sra. Grogan suspirava – era quase um gemido. Que era o seu apelido: Sra. Groan (gemido). Sua autoridade baseava-se na capacidade de fazer com que as meninas pensassem que lhe causavam sua aflição ao fazerem mal a si mesmas ou umas às outras.

– Ah, como me dói ver isso! – dizia ela, quando as meninas brigavam, puxavam cabelos, cravavam unhas nos olhos, mordiam-se nos rostos. – Isso me dói demais!

O método era eficaz com as meninas que gostavam dela. Não era eficaz com Melony. A Sra. Grogan gostava especialmente de Melony, mas sentia que era um fracasso em fazer Melony gostar dela.

– Ah, como me dói, Melony, ver você pegando um resfriado... fora das cobertas, apenas parcialmente vestida – dizia a Sra. Grogan. – Isso me dói demais!

Mas Melony persistia, os olhos jamais se desviando de Homer Wells. Ela era maior do que a Sra. Grogan, era muito grande para a divisão de meninas. Era muito grande para ser adotada. Ela é grande demais para ser uma *menina*, pensava Homer Wells. Maior do que a enfermeira Edna, maior do que a enfermeira Angela – quase tão grande quanto o Dr. Larch –, era gorda, mas sua gordura parecia sólida. Embora não competisse na corrida de três pernas há vários anos, Homer Wells também sabia que Melony era forte. Homer decidira não competir enquanto tivesse de fazer dupla com Melony – e formaria dupla com ela enquanto fosse o menino mais velho e ela, a garota mais velha.

Lendo *Jane Eyre* em voz alta, Homer precisava manter os olhos afastados de Melony; um olhar bastaria para lembrá-lo que tivera sua perna amarrada à dela. Tinha a impressão de que ela se ressentia de seu afastamento da competição anual. Também temia que ela pudesse perceber como ele *gostava* de sua corpulência – como a gordura, para uma criança órfã, parecia uma grande sorte.

As passagens mais ternas de *Jane Eyre* (ternas demais, para Homer Wells) levavam lágrimas aos olhos das garotas, arrancavam os suspiros e gemidos mais tristes da Sra. Grogan, mas essas mesmas passagens mais ternas extraíam de Melony a respiração mais angustiada – como se a ternura provocasse nela uma ira que mal conseguia conter.

O fim do capítulo 4 incutiu em Melony ira demais para que pudesse refrear.

– “Aquela tarde transcorreu em paz e harmonia” – leu Homer Wells para as garotas; ouvindo Melony sibilar às palavras “paz” e “harmonia”, ele continuou a leitura, bravamente: – “E ao cair da noite Bessie me contou algumas de suas histórias mais fascinantes, cantou algumas de suas canções mais ternas.” – Homer estava contente porque só restava mais uma frase; podia ver o peito largo de Melony arfar. – “Até mesmo para mim (gorjeou a pequena Jane Eyre), a vida teve seus raios de sol.”

– “Raios de sol”! – berrou Melony, em violenta incredulidade. – Que ela venha até aqui! Que ela me mostre onde estão os raios de sol!

– Ah, como me dói, Melony... ouvir você dizer isso – interveio a Sra. Grogan.

– *Raios de sol?* – disse Melony, uivando.

As garotas menores meteram-se por baixo das cobertas; algumas começaram a chorar.

– Não sei se vou aguentar a dor que isso me causa, Melony – insistiu a Sra. Grogan.

Homer Wells escafedeu-se. Era o fim do capítulo, de qualquer forma. Era esperado na divisão de meninos. Dessa vez as risadinhas que acompanhavam sua saída estavam misturadas com soluços e o escárnio de Melony.

– *Raios de sol!* – berrou ela, enquanto Homer se afastava.

Lá fora, a noite parecia povoada de novas fragrâncias para Homer Wells. Além do odor de serragem e dos charutos malcheirosos, havia uma lufada de perfume intenso soprando em sua direção do antigo hotel das prostitutas? E algo parecido com o suor da sala do bingo a dinheiro? O próprio rio exalava um cheiro.

Estavam à sua espera na divisão de meninos. Alguns dos menores haviam adormecido. Os outros estavam de olhos bem

abertos – aparentemente, boca entreaberta, como filhotes de pássaros; Homer sentiu que corria de ninho para ninho, sua voz alimentando-os, embora sempre pedissem por mais. Sua leitura, como alimento, deixava-os sonolentos, mas muitas vezes despertava o próprio Homer. Muitas vezes ficava acordado depois da bênção noturna – o *cipes* de “Príncipes” e o *eis* de Reis” ainda ressoando no dormitório escuro. Às vezes ele gostaria de dormir no quarto dos bebês; o constante despertar e o choro ali podiam ser mais ritmados.

Os órfãos mais velhos tinham seus hábitos irritantes. Um dos John Wilbur da enfermeira Edna dormia num lençol de borracha; Homer ficava acordado, esperando ouvi-lo molhar a cama. Algumas noites Homer acordava o menino, levava-o para o banheiro, apontava o seu pequeno peru na direção certa e dizia:

– Faça pipi, John Wilbur. Faça pipi agora. Faça pipi aqui.

O menino, dormindo de pé, se continha, esperando pelo hospitaleiro lençol de borracha, aquela depressão familiar, a poça quente na cama.

Algumas noites, quando estava irritadiço, Homer Wells ficava de pé ao lado da cama de John Wilbur e sussurrava uma ordem no ouvido do menino:

– Faça pipi!

Os resultados eram quase instantâneos.

Mais perturbador era um menino que recebera seu nome da enfermeira Angela, o pequeno e doente Fuzzy Stone. Fuzzy tinha uma tosse constante, uma tosse seca e entrecortada. Seus olhos estavam sempre úmidos, vermelhos. Dormia dentro de uma tenda umidificada; uma roda-d’água acionada por uma bateria e um ventilador para distribuir o vapor funcionavam a noite inteira. O peito de Fuzzy Stone parecia um pequeno motor debilitado; os lençóis úmidos e frios que o envolviam sempre adejavam pela noite afora, como o tecido de um pulmão gigantesco e semitransparente. A

roda-d'água, o ventilador, os dramáticos ofegos de Fuzzy Stone – tudo se fundia na mente de Homer. Se um dos três parasse, Homer duvidava se saberia qual dos dois ainda estava vivo.

O Dr. Larch disse a Homer que desconfiava de que Fuzzy Stone era alérgico a poeira; o fato de o menino ter nascido e dormir numa antiga serraria sem dúvida não era a melhor coisa para ele. Um menino com bronquite crônica não era facilmente adotável. Quem quer levar alguém com tosse para casa?

Quando a tosse de Fuzzy Stone era demais para Homer Wells, quando as várias engrenagens que se esforçavam para manter Fuzzy eram demais na mente de Homer – pulmões, roda-d'água, ventilador –, Homer procurava discretamente o quarto dos bebês. A enfermeira Angela ou a enfermeira Edna estava sempre lá, quase sempre desperta e cuidando de um dos bebês. Às vezes, quando os bebês estavam quietos, até mesmo a enfermeira de plantão dormia. Homer Wells passava por todo mundo na ponta dos pés.

Uma noite ele viu uma das mães parada no quarto dos bebês. Ela não parecia estar procurando por seu bebê em particular; estava apenas parada ali, no camisolão do hospital, no meio do quarto, olhos fechados, absorvendo os cheiros e sons através dos outros sentidos. Homer receou que a mulher pudesse despertar a enfermeira Angela, que cochilava na cama do plantão; a enfermeira Angela ficaria furiosa com ela. Lentamente, enquanto pensava que se podia ajudar a uma sonâmbula, Homer levou a mulher de volta ao quarto das mães.

As mães muitas vezes acordavam quando ele ia espiá-las. Havia ocasiões em que ele pegava um copo d'água para alguma.

As mulheres que iam a St. Cloud's para abortos raramente passavam a noite. Precisavam de menos tempo para recuperação do que as mulheres que tinham dado à luz. O Dr. Larch descobrira que elas se sentiam melhor se chegavam de manhã bem cedo, pouco antes de clarear, e partiam ao fim da tarde, pouco antes de

escurecer. Durante o dia, o barulho dos bebês não era predominante por causa do barulho que os órfãos mais velhos faziam, e a conversa entre as mães e as enfermeiras contribuía ainda mais para confundir tudo. Era o som dos bebês recém-nascidos que transtornava as mulheres que iam fazer aborto, conforme observara o Dr. Larch. À noite – exceto pelo pipi de John Wilbur e a tosse de Fuzzy Stone –, os bebês acordados e as corujas faziam os únicos sons em St. Cloud's.

Era uma observação muito simples de se fazer: as mulheres que iam abortar não se sentiam confortadas ao ouvirem os gritos e arrulhos dos recém-nascidos. Não se podia planejar a hora certa para um parto, mas Larch tentava planejar os abortos para o início da manhã, o que proporcionava às mulheres o dia inteiro para se recuperarem e lhes permitia partirem ao fim da tarde. Algumas mulheres vinham de muito longe – nesse caso, Larch recomendava que chegassem a St. Cloud's na noite anterior ao aborto, quando podia lhes dar alguma coisa forte para ajudá-las a dormir; elas teriam todo o dia seguinte para a recuperação.

Se uma dessas mulheres passava a noite, nunca era no mesmo quarto das mães que esperavam ou que tinham acabado de fazer o parto. Homer Wells – em sua excursão insone por St. Cloud's – constatou que, no sono, as expressões dessas visitantes noturnas não eram mais nem menos transtornadas que as expressões das mulheres que iam ter (ou já haviam tido) seus filhos. Homer Wells tentava imaginar sua própria mãe entre os rostos das mulheres dormindo e despertas. Para onde ela esperava voltar – passada a dor do parto? Ou será que não havia nenhum lugar para onde ela quisesse ir? E o que, enquanto ela estava deitada ali, seu pai pensava – se é que ele sabia que era pai? Se é que ela sabia quem ele era.

Estas são as coisas que as mulheres lhe diziam:

– Você está treinando para ser médico?

- Vai ser médico quando crescer?
- É um dos órfãos?
- Quantos anos você tem? Ninguém adotou você até agora?
- Alguém mandou você de volta?
- Gosta daqui?

E Homer Wells respondia:

- Posso me tornar um médico.
- Claro que o Dr. Larch é um bom professor.
- Isso mesmo. Sou um dos órfãos.

– Quase 16. *Tentei* ser adotado, mas era uma coisa que não me servia. – Eu *quis* voltar.

- Claro que gosto daqui.

Uma das mulheres – esperando, a barriga enorme sob o lençol esticado – perguntou-lhe:

– Está querendo dizer que você não iria se alguém quisesse adotá-lo?

– Não, não iria – respondeu Homer Wells. – Certo.

– Nem mesmo consideraria a possibilidade? – insistiu a mulher.

Homer quase não podia olhar para ela – a mulher parecia prestes a estourar.

– Acho que eu pensaria a respeito, mas provavelmente decidiria ficar, por tanto tempo quanto eu puder ajudar por aqui... sabe como é, ser de utilidade.

A mulher grávida começou a chorar.

– Ser de utilidade – murmurou ela, como se tivesse aprendido a repetir as palavras salientes das frases de escutar Homer Wells.

Ela baixou o lençol e levantou o camisolão do hospital; a enfermeira Edna já a raspava. Pôs as mãos na barriga imensa e sussurrou:

– Olhe só para isto. Quer ser de utilidade?

– Certo – disse Homer Wells, prendendo a respiração.

– Ninguém jamais pôs a mão em mim para sentir este bebê. Ninguém quis encostar o ouvido e escutar. Não se deve ter um bebê se não há ninguém que queira senti-lo espremer, escutá-lo se mexer.

– Não sei – murmurou Homer Wells.

– Não quer tocar ou encostar seu ouvido?

– Está bem.

Homer Wells pôs a mão na barriga quente e dura da mulher. Ela o aconselhou:

– Encoste o ouvido também.

– Certo.

Homer encostou o ouvido de leve na barriga, mas a mulher comprimiu seu rosto com toda a força; ela era como um tambor – toda pingues e pongues! Era um motor aquecido – desligado, mas ainda vibrando com o calor. Se Homer já tivesse ido ao mar, reconheceria que ela era como a maré, como as ondas – arremetendo e recuando, para trás e para a frente.

– Ninguém deveria ter um bebê se não há alguém que queira dormir com sua cabeça bem aqui – sussurrou a mulher, afagando o lugar em que apertara tão rudemente o rosto de Homer.

Bem *aqui?*, especulou Homer, porque não havia lugar confortável para ajeitar a cabeça, nenhum lugar entre os seios e na barriga que não fosse arredondado. Os seios pelo menos pareciam confortáveis, mas ele sabia que não era ali que a mulher queria sua cabeça. Descobriu que era difícil imaginar, por todos os ruídos e movimentos dentro dela, que a mulher estava carregando apenas um bebê. Homer Wells concluiu que a mulher ia dar à luz toda uma tribo.

– Você quer ser de utilidade? – indagou a mulher, chorando baixinho agora.

– Quero. Ser de utilidade.

– Então durma bem aqui.

Homer Wells fingiu dormir com o rosto encostado no bloco barulhento, onde ela o aconchegou. Soube quando a bolsa d'água arrebentou antes da mulher, que mergulhara num sono profundo. Chamou a enfermeira Edna sem acordar a mulher, que antes do amanhecer teve uma menina de três quilos e duzentos gramas. Como nem a enfermeira Edna nem a enfermeira Angela estavam encarregadas de escolher o nome das meninas órfãs, alguns dias depois alguém por ali lhe deu um nome – provavelmente a Sra. Grogan, que tinha uma preferência pelos nomes irlandeses, ou se a Sra. Grogan esgotara momentaneamente seu estoque, então a secretária que datilografava tão mal e era responsável por “Melony” em vez de “Melody”; ela também gostava de dar nome às meninas.

Homer nunca a reconheceria, é claro. Tudo o que ele tinha para se basear era o som fluido da menina e como se mexera sob o seu ouvido, no escuro. Mas ele não parou de procurar; observava-a no quarto das garotas como se esperasse que ela fizesse alguma coisa para se revelar.

Ele até confessou um dia seu jogo particular para Melony, que se mostrou desdenhosa, o que era típico.

– O que você pensa que a garota vai fazer para você saber quem ela é? – perguntou Melony. – Ela vai gorgulhar, ela vai peidar... ou dar um chute em seu ouvido?

Mas Homer Wells sabia que estava apenas fazendo um jogo pessoal, consigo mesmo; os órfãos são conhecidos pelos jogos interiores. Por exemplo, um dos jogos mais antigos em que os órfãos se empenham é imaginar que seus pais os querem de volta – que os pais estão à sua procura. Mas Homer passara uma noite com a mãe da menina misteriosa; ouvira tudo sobre o pai da menina misteriosa – e sua falta de interesse na questão. Homer sabia que os pais da menina misteriosa *não* estavam à procura dela; talvez tenha sido por isso que *ele* decidiu procurá-la. Se aquela menina estava crescendo e se estava empenhada no velho jogo dos órfãos, não seria melhor

se houvesse pelo menos *alguém* que estivesse à sua procura – mesmo que fosse apenas outro órfão?

O Dr. Larch tentou conversar com Homer a respeito da ira de Melony:

– A ira é uma coisa engraçada – começou o Dr. Larch, convencido de que a ira nada tinha de engraçado.

– Eu concordo; aquele trecho sobre “raios de sol”... está certo, é muito forte – disse Homer. – É uma dessas coisas... faz a gente estremecer quando lê, mas é justamente a coisa que Jane diria, típico dela, então o que se pode fazer? Mas Melony foi *violenta* em sua reação.

O Dr. Larch sabia que Melony era uma das poucas órfãs ainda em St. Cloud’s que não nascera ali. Fora deixada na entrada do hospital de madrugada, quando tinha 4 ou 5 anos; sempre fora grande para a idade, fora difícil calcular quantos anos tinha. Ela não falara até chegar a 8 ou 9 anos. A princípio, Larch pensara que ela pudesse ser retardada, mas não era esse o problema.

– Melony sempre foi zangada – tentou explicar o Dr. Larch. – Nada sabemos de suas origens ou de seus primeiros anos, e talvez ela própria não saiba quais são as fontes de sua ira.

Larch estava deliberando se devia ou não contar a Homer Wells que Melony fora adotada e devolvida mais vezes do que o próprio Homer.

– Melony teve várias experiências infelizes em lares adotivos – disse o Dr. Larch, cautelosamente. – Se você tiver a oportunidade de interrogá-la sobre suas experiências... e se ela quiser falar a respeito... isso pode proporcionar a Melony uma boa descarga para um pouco de sua raiva.

– Perguntar a ela sobre suas experiências – disse Homer Wells, balançando a cabeça. – Não sei. Nunca tentei *conversar* com ela.

O Dr. Larch já lamentava a sugestão. Talvez Melony se lembrasse de sua primeira família adotiva e falasse a Homer a respeito; eles a haviam devolvido porque ela supostamente mordera o cachorro da família numa altercação por causa de uma bola. Não era apenas essa briga que transtornava a família; alegavam que Melony mordia o cachorro repetidamente. Por semanas depois do incidente, ela se aproximava sorradeira do animal e o surpreendia quando estava comendo ou dormindo. A família acusava Melony de levar o cachorro à loucura.

Melony fugira da segunda e terceira famílias, alegando que os homens nas famílias, pais ou irmãos, demonstravam um interesse sexual por ela. A quarta família afirmara que Melony demonstrara um interesse sexual por uma criança menor, do sexo feminino. O caso da quinta família: marido e mulher acabaram se separando por causa do relacionamento de Melony com o marido – a esposa declarou que o marido seduzira Melony, enquanto o marido afirmou que Melony o seduzira (ele usou o verbo “atacar”). Melony não foi ambígua na questão.

– Ninguém me seduz! – declarou ela à Sra. Grogan, orgulhosa.

O caso da sexta família: o marido morrera de um ataque cardíaco pouco depois da chegada de Melony, e a esposa mandara a garota de volta a St. Cloud’s porque se sentia despreparada para a tarefa de criar Melony sozinha. (O único comentário de Melony para a Sra. Grogan fora: “Pode crer que ela é mesmo despreparada!”)

Tudo isso, subitamente, o Dr. Larch imaginou Homer a ouvir em primeira mão de Melony; a visão deixou-o perturbado. Temia ter feito Homer Wells seu aprendiz – um assistente das operações mais penosas de St. Cloud’s – e ao mesmo tempo não podia resistir a resguardá-lo de algumas das verdades mais duras.

Era típico da enfermeira Angela, é claro, chamar Homer Wells de “angelical”, assim como era típico da enfermeira Edna apregoar a “perfeição” e “inocência” do garoto, mas o Dr. Larch se preocupava

pelo contato de Homer com as mulheres prejudicadas que procuravam os serviços de St. Cloud's – as mães de partida, em cujas personalidades e histórias o garoto devia estar procurando alguma definição de sua própria mãe. E as mulheres transtornadas, que eram esvaziadas e iam embora sem deixar nada para trás (apenas o produto da concepção) –, que impressão causavam no garoto?

Homer Wells possuía um rosto bom e franco; não era um rosto que pudesse esconder coisas – cada sentimento e pensamento era visível, da mesma forma que um lago reflete o tempo. Ele tinha uma boa mão para segurar e olhos a que se podia confessar; o Dr. Larch se preocupava com os detalhes específicos de histórias de vida a que Homer estaria exposto – não apenas pela sordidez, mas também pelas racionalizações abundantes que ele ouviria.

E agora, Melony, a incontestável campeã da divisão de garotas, perturbara o menino com sua ira – com o que o Dr. Larch desconfiava ser apenas a ponta do iceberg de seu poder; o potencial de Melony para educar Homer Wells parecia ser ao mesmo tempo terrível e vasto.

Melony iniciou sua contribuição à educação de Homer na própria noite seguinte, quando ele foi ler na divisão de garotas. Homer chegara cedo (na esperança de sair cedo), mas descobriu que o dormitório das garotas estava em tumulto. Muitas estavam fora de suas camas – algumas gritaram estridentemente quando o viram, as pernas à mostra. Homer ficou embaraçado; parou sob a lâmpada pendurada do dormitório, esquadrinhando tudo em vão, à procura da Sra. Grogan, que sempre o tratara muito bem. Ele segurava o exemplar de *Jane Eyre* com as duas mãos, como se as garotas desenfreadas pudessem arrebatá-lo.

Notou que Melony já estava na posição habitual, com o sumário traje esperado. Fitou-a nos olhos, que eram penetrantes, mas

recusando qualquer opinião. Homer baixou os olhos, desviou-os ou contemplou as mãos que seguravam *Jane Eyre*.

– Ei, você! – ouviu Melony chamá-lo... e ouviu também o silêncio subsequente entre as outras garotas. – Ei, você!

Quando Homer levantou os olhos, deparou com Melony ajoelhada na cama, sacudindo em sua direção o maior rabo nu que já vira. Uma mancha azul (talvez uma equimose) descoloria uma das coxas retesadas de Melony; entre as bochechas protuberantes e flexionadas das nádegas intimidantes, um único olho escuro fitava Homer Wells.

– Ei, *Sunshine!* – gritou Melony para Homer, que corou da cor do sol no nascente ou poente. – Ei, Sunshine!

Assim, ela deu seu próprio apelido ao órfão Homer Wells: Sunshine, brilho do sol.

Quando Homer lhe contou o que Melony fizera, o Dr. Larch reconsiderou a sabedoria de permitir que o garoto lesse na divisão de meninas. Mas suspender essa tarefa dos deveres do garoto constituiria, na opinião de Larch, uma espécie de rebaixamento; Homer poderia experimentar um sentimento de fracasso. O trabalho num orfanato é inegavelmente decisivo; quando Wilbur Larch sentiu-se indeciso em relação a Homer Wells, compreendeu que estava sofrendo dos sentimentos naturais de um pai. O pensamento de que se permitira tornar-se um pai e sofrer da indecisão de pai deprimiu tanto o Dr. Larch que ele procurou a boa paz do éter – a que estava se tornando, cada vez mais, acostumado.

Não havia cortinas em St. Cloud's. O dispensário do hospital ficava num canto; tinha uma janela para o sul e uma janela para o leste. O Dr. Larch dormia ali; na opinião da enfermeira Edna, era a janela do leste que o fazia levantar tão cedo. A cama estreita e branca de hospital dava a impressão de que alguém jamais dormia ali; o Dr. Larch era o último a deitar e o primeiro a levantar –

intensificando o rumor de que ele nunca dormia. Se dormia, todos concordavam que era ali. Larch escrevia à noite, na máquina de escrever na sala da enfermeira Angela. As enfermeiras há muito que haviam esquecido por que aquela sala era chamada de sala da enfermeira Angela; era a única sala de escritório de St. Cloud's, e o Dr. Larch sempre a usava para escrever. Como o dispensário era o lugar em que ele dormia, talvez o Dr. Larch sentisse necessidade de dizer que a sala pertencia a outra pessoa.

O dispensário tinha duas portas (uma dando para um banheiro, com vaso e chuveiro), o que criava um problema com os móveis numa sala tão pequena. Com uma janela no lado sul e outra na parede leste, uma porta ao norte e outra a oeste, não restava uma única parede em que se pudesse encostar qualquer coisa; a cama simples ficava sob a janela do leste. Os armários fechados e trancados, com suas frágeis portas de vidro, formavam um labirinto incômodo em torno do balcão do dispensário, no meio da sala; parecia apropriado, para um dispensário, que os medicamentos, latas de éter e os instrumentos de pequenas cirurgias ocupassem o espaço mais central, mas Larch tinha outros motivos para arrumar tudo assim. O labirinto de armários no meio da sala não apenas permitia o acesso às duas portas, mas também bloqueava a cama da vista da porta externa, que não tinha fechadura, como todas as portas do orfanato.

O dispensário atravancado proporcionava-lhe alguma privacidade para seus prazeres com o éter. Larch adorava o pesado daquela lata. O éter é uma questão de experiência e técnica. Inalar éter é pungente, mas leve, apesar de o éter ser duas vezes mais pesado do que o ar; induzir a anestesia do éter – levando as pacientes através do pânico do odor sufocante – é diferente. Com suas pacientes mais delicadas, Larch muitas vezes precedia a administração do éter com cinco ou seis gotas de óleo de laranja. Para si mesmo, não precisava de preparação aromática, nenhum disfarce com cheiro de fruta. Estava sempre consciente do baque da lata de éter quando a largava

no chão, ao lado da cama; nem sempre estava consciente do momento em que seus dedos largavam a máscara; o cone – pela força de suas exalações – caía do rosto. Quase sempre ele tinha consciência da mão inerte que soltara o cone; estranhamente, essa mão era a primeira parte de seu corpo a despertar, com frequência se estendendo para a máscara que não estava mais ali. De modo geral, podia ouvir vozes fora do dispensário – se o estavam chamando. Confiava que sempre teria tempo para se recuperar.

– Dr. Larch? – chamava a enfermeira Angela, a enfermeira Edna ou Homer Wells; era tudo do que Larch precisava para voltar da viagem do éter.

– Estou aqui! – respondia Larch. – Descansando um pouco.

Era o dispensário, no final das contas; os dispensários de cirurgias não recendem sempre a éter? E para um homem que trabalhava tanto e dormia tão pouco (se é que dormia), não era natural que precisasse de um cochilo de vez em quando?

Foi Melony quem primeiro sugeriu a Homer Wells que o Dr. Larch possuía certos hábitos estranhos e poderes singulares.

– Por que acha que seu médico predileto não olha para as mulheres, Sunshine? – disse Melony a Homer. – Ele não olha... pode estar certo. Nem ao menos olha para mim... e todos os homens, em todas as partes, todas as vezes, olham para mim... homens e garotos olham para mim. Até você, Sunshine. Você também olha para mim.

Mas Homer Wells desviou os olhos.

– E qual é o cheiro que ele sempre tem? – indagou Melony.

– Éter – respondeu Homer Wells. – Ele é médico. Cheira a éter.

– Está querendo dizer que isso é normal?

– Certo.

– Como um fazendeiro de gado leiteiro? – perguntou Melony, insinuantemente. – Ele deve ter o cheiro de leite e bosta de vaca, certo?

– Certo – disse Homer Wells, cauteloso.

– Errado, Sunshine. Seu médico predileto cheira assim porque tem éter dentro dele... como se tivesse éter no lugar do sangue.

Homer deixou passar. O topo de seu cabelo escuro batia no ombro de Melony. Estavam andando pela margem do rio, despojada de árvores e erodida, na parte de St. Cloud's em que os prédios abandonados permaneciam abandonados; o rio ali erodira não apenas a margem, mas também a fundação desses prédios, que em vários casos não tinham fundação apropriada ou sequer buracos de porão – alguns desses prédios se apoiavam em estacas, visíveis e apodrecendo na água erosiva à beira do rio.

O prédio que Homer e Melony preferiam tinha uma varanda que não fora projetada para ficar suspensa sobre o rio, embora estivesse assim agora; pelas tábuas rachadas da varanda, Homer e Melony podiam observar a passagem da água escura.

O prédio fora uma espécie de dormitório para os homens rudes que trabalhavam nas serrarias e depósitos de madeira da antiga St. Cloud's; não era um prédio de classe suficiente para os chefes ou mesmo para os capatazes – o pessoal da Ramses Paper Company tinha quartos no hotel das prostitutas. Era um prédio para os serradores, os carregadores, os manobreiros – os homens que desfaziam as obstruções de troncos, que os conduziam rio abaixo, que os puxavam por terra, os homens que operavam as máquinas.

Geralmente, Homer e Melony ficavam do lado de fora do prédio, na varanda. Lá dentro, havia apenas uma cozinha comunal vazia e os catres incontáveis e sórdidos – os colchões rasgados infestados de camundongos. Por causa da ferrovia, os vagabundos vinham e iam, delimitando seu território à maneira dos cachorros, ao mijar em torno, isolando assim os colchões menos infestados de camundongos. Mesmo com o vidro das janelas desaparecido e os cômodos se enchendo de neve até a metade no inverno, não havia como livrar o interior daquele prédio do cheiro de urina.

Um dia, quando o débil sol da primavera atraíra uma cobra negra, entorpecida pelo frio, a se esquentar nas tábuas da varanda, Melony disse a Homer Wells:

– Veja só isto, Sunshine!

Com uma surpreendente agilidade na mão para uma garota tão grande, ela pegou a cobra adormecida por trás da cabeça. Era uma cobra não venenosa, com quase um metro de comprimento, e ela se enrolou no braço de Melony. Mas Melony segurava-a da forma apropriada, firmemente, por trás da cabeça, sem sufocá-la. Depois de agarrar a cobra, ela pareceu não lhe prestar mais atenção; ficou olhando para o céu, como se à espera de um sinal, e continuou a conversar com Homer Wells.

– Seu médico predileto, Sunshine – disse Melony. – Ele sabe mais a seu respeito do que você próprio. E talvez mais a meu respeito do que eu.

Homer deixou passar. Era cauteloso com Melony, ainda mais agora que ela estava com uma cobra. Melony poderia me agarrar com a mesma rapidez, ele estava pensando. E poderia me fazer alguma coisa com a cobra.

– Já pensou alguma vez em sua mãe? – perguntou Melony, ainda esquadrihando o céu. – Já desejou alguma vez saber quem era ela, por que não ficou com você, quem foi seu pai... essas coisas?

– Certo – disse Homer Wells, sempre de olho na cobra.

A cobra enroscara-se no braço de Melony, depois desenroscara, pendendo como uma corda; depois engrossara e afinara, tudo por si mesma. Hesitante, explorou o quadril enorme de Melony; parecendo se sentir mais segura, acomodara-se em torno de sua cintura grossa – quase podia contorná-la por completo.

– Disseram-me que fui deixada na porta – comentou Melony. – Talvez sim, talvez não.

– Eu nasci aqui – declarou Homer Wells.

– Foi o que disseram a você.

– A enfermeira Angela deu meu nome – ofereceu Homer como prova.

– A enfermeira Angela ou a enfermeira Edna teriam dado um nome a você mesmo que fosse deixado.

Melony ainda contemplava o céu, permanecia indiferente à cobra. Ela é maior do que eu, mais velha do que eu, sabe mais do que eu, pensou Homer Wells. E está com uma cobra, lembrou a si mesmo, deixando passar o último comentário de Melony.

– Sunshine – disse Melony, distraidamente –, pense um pouco a respeito: se você nasceu aqui em St. Cloud's, então tem de haver um registro. Seu médico predileto sabe quem é sua mãe. Tem o nome dela na ficha. Você está registrado, no papel. É a lei.

– Uma lei – disse Homer, apático.

– É uma lei que tem de haver um registro seu. Por escrito... um registro, uma ficha. Você é história, Sunshine.

– História – disse Homer Wells.

Ele teve uma imagem do Dr. Larch sentado à máquina de escrever, na sala da enfermeira Angela; se havia registros, era lá que deveriam estar.

– Se quer saber quem é sua mãe, Sunshine, tudo o que tem de fazer é procurar. Dê uma olhada em sua ficha. E pode aproveitar para olhar também a minha. Um leitor esperto como você, Sunshine... não levaria muito tempo. E qualquer coisa seria uma leitura mais interessante do que *Jane Eyre*. Aposto que só a minha ficha já é muito mais interessante. E quem sabe o que tem na sua?

Homer permitiu que sua atenção fosse desviada da cobra. Olhou por um buraco nas tábuas do chão para alguns detritos que passavam; talvez um galho quebrado ou uma bota de homem – era possível que fosse uma perna de homem sendo arrastada pelo rio. Quando ouviu um som de assovio, um zunido como um chicote, lamentou ter desviado os olhos da cobra; esquivou-se. Melony ainda se concentrava no céu. Balançava a cobra em torno de sua cabeça,

mas mantinha a atenção inteiramente no céu – não em qualquer sinal que ali aparecia, mas num gavião de penas vermelhas. Pairava acima do rio, na espiral aparentemente indolente dos gaviões quando estão caçando. Melony arremessou a cobra sobre o rio, com o gavião em seu encalço; antes mesmo que a cobra batesse na água e começasse a nadar por sua vida, o gavião iniciou o mergulho. A cobra não lutou contra a correnteza, mas correu junto, procurando encontrar o ângulo que a levaria sã e salva para a margem erodida ou as samambaias emaranhadas.

– Fique olhando, Sunshine.

A 10 metros da margem o gavião agarrou a cobra nadando e levou-a pelo ar, estrebuchando e golpeando. Melony acrescentou, desviando sua atenção do céu, já que o resultado era agora evidente:

– Quero lhe mostrar uma coisa, Sunshine.

– Certo – respondeu Homer Wells, todo olhos, todo ouvidos.

A princípio, o peso e o movimento da cobra davam a impressão de que a subida do gavião era uma luta e tanto; quanto mais subia, porém, mais fácil o gavião voltava, como se o ar lá em cima tivesse propriedades diferentes do ar aqui embaixo, onde a cobra florescera.

– Sunshine! – chamou Melony, impaciente.

Ela o levou para o interior do velho prédio e subiram a escada para um dos quartos mais escuros. Cheirava como se pudesse haver alguém ali – possivelmente alguém vivo –, mas estava escuro demais para se poder avistar o colchão infestado de camundongos ou um corpo. Melony fez força para abrir uma veneziana presa apenas por uma dobradiça e depois ajoelhou num colchão encostado na parede, agora iluminado pela abertura da veneziana. Uma fotografia antiga estava pregada na parede, alinhada com o que fora outrora a cabeceira da cama de alguém; a tacha enferrujara e sangrara uma trilha de ferrugem pelos tons sépia da fotografia.

Homer olhara outras fotografias, em outros quartos, mas negligenciara aquela. As que se lembrava eram fotografias de bebês e fotografias de mães e pais, pelo que presumia – o tipo de fotografia de família que sempre desperta o interesse dos órfãos.

– Venha dar uma olhada nisso, Sunshine.

Melony estava tentando soltar a tacha com a unha, mas a tacha estava presa ali há anos. Homer ajoelhou-se ao lado de Melony no colchão apodrecido. Ele levou algum tempo para perceber o conteúdo da fotografia; era possível que estivesse distraído pela consciência de que nunca estivera tão perto fisicamente de Melony desde que fora amarrado a ela na corrida de três pernas.

Depois de compreender a fotografia (pelo menos compreendeu o tema, se não a razão para existir), Homer descobriu que era uma fotografia difícil de continuar a olhar, especialmente com Melony tão perto. Por outro lado, desconfiava de que seria acusado de covardia se desviasse os olhos. A fotografia refletia as revisões hábeis da realidade engendradas em muitos estúdios fotográficos na passagem do século; a imagem estava contornada por falsas nuvens, com uma neblina fúnebre ou reverente; os participantes pareciam estar desempenhando seu curioso ato num elegante Paraíso ou Inferno.

Homer Wells achou que era o Inferno. Os participantes na fotografia eram uma moça de pernas compridas e um pequeno pônei. A mulher, nua, estava com as pernas compridas estendidas sobre um tapete – um confuso tapete persa ou oriental (Homer Wells não sabia a diferença) – e o pônei estava virado para o outro lado, por cima dela. A cabeça do animal estava abaixada, como a beber ou pastar, logo acima da extensa mancha de pelos pubianos da mulher; a expressão do pônei era um pouco consciente da câmera, envergonhada ou talvez apenas estúpida. O pênis do pônei parecia mais comprido e mais grosso do que o braço de Homer Wells, mas a jovem, de aparência atlética, contorcera o pescoço e tinha bastante força nos braços e mãos para entortá-lo até sua boca.

Ela estava com as bochechas estufadas, como se prendesse a respiração por tempo demais; os olhos se mostravam esbugalhados; contudo, a expressão da mulher permanecia ambígua – era impossível determinar se estava prestes a desatar a rir ou se sufocava até a morte com o pênis do pônei. Quanto ao pônei, a cara peluda ostentava uma indiferença simulada – a plácida pose da dignidade animal abalada.

– Um pônei de sorte, hein, Sunshine?

Homer Wells sentiu um tremor lhe percorrer as pernas, coincidindo exatamente com a súbita visão do fotógrafo, o funesto manipulador da mulher, do pônei, das nuvens do Paraíso ou fumaça do Inferno. Ou pelo menos as neblinas de lugar nenhum neste mundo, imaginou Homer. Viu por um instante, tão depressa quanto um frêmito, o gênio do quarto escuro que criara aquele espetáculo. O que perdurou por mais tempo em Homer foi a visão do homem que dormira naquele colchão, em que agora se ajoelhava com Melony, cultuando o tesouro do desconhecido. Era a fotografia de algum lenhador e escolhida para ser a primeira coisa com que despertava, as imagens da mulher e do pônei substituindo a família do homem. Foi isso o que causou a angústia maior em Homer; imaginar o homem cansado, no catre em St. Cloud's, atraído para a mulher e o pônei, porque não conhecia outra imagem mais aprazível – nenhuma fotografia de bebê, mãe, pai, esposa, amante, irmão ou amigo.

Apesar da angústia, no entanto, Homer Wells descobriu-se incapaz de desviar os olhos da fotografia. Com uma delicadeza surpreendentemente feminina, Melony ainda lutava com a tacha enferrujada – de um jeito tão deferente que nunca bloqueava a visão de Homer.

– Se eu conseguir tirar esta coisa da parede – disse ela –, darei a você.

– Não quero – respondeu Homer Wells, mas sem ter certeza.

– Claro que quer – insistiu Melony. – Não tem nada aí para mim. Não estou interessada em pôneis.

Quando finalmente arrancou a tacha da parede, ela percebeu que quebrara a unha e cortara a cutícula; um borrifo de seu sangue era a nova mancha na fotografia – secando depressa para adquirir uma cor parecida com a risca de ferrugem que escorria da crina do pônei e passava pela coxa da mulher. Melony enfiou na boca o dedo com a unha quebrada e entregou a fotografia a Homer Wells.

– Pegou a coisa, não é, Sunshine? Sabe o que a mulher está fazendo com o pônei, certo?

– Certo – respondeu Homer Wells.

– Gostaria que eu fizesse com você o que a mulher está fazendo com o pônei?

Melony enfiou o dedo na boca até o fim e fechou os lábios ao redor; foi assim que ficou esperando pela resposta, mas Homer Wells deixou a pergunta passar. Melony tirou o dedo da boca e encostou a ponta nos lábios imóveis de Homer. Ele não se mexeu; sabia que se olhasse para o dedo ficaria vesgo.

– Se quiser que eu faça isso com você, Sunshine, tudo o que precisa é pegar minha ficha... pegar meus registros.

Ela comprimiu o dedo molhado contra os lábios de Homer com um pouco mais de força.

– Enquanto está procurando a minha ficha, claro que pode aproveitar para procurar também a sua... se estiver interessado. – Melony afastou seu dedo e acrescentou: – Dê-me seu dedo, Sunshine.

Mas Homer Wells, segurando a fotografia com as duas mãos, resolveu ignorar o pedido.

– Vamos, dê-me seu dedo – insistiu Melony, suavemente. – Não vou machucá-lo.

Ele estendeu a mão esquerda, segurando a fotografia com a direita; na verdade, estendeu o punho fechado, obrigando Melony a

abrir-lhe a mão, antes de poder enfiar o dedo indicador na boca.

– Olhe para a fotografia, Sunshine. – Homer obedeceu. Ela bateu com o dedo contra seus dentes, enquanto conseguia balbuciar: – Pegue a ficha e já sabe o que vai ganhar. Lembre da fotografia e pense a respeito.

O que Homer pensou foi que a ansiedade de olhar para a fotografia com seu dedo na boca de Melony, ajoelhado ao seu lado no colchão, abrigo de incontáveis camundongos, seria eterna. Mas nesse instante houve um baque surpreendente no telhado do prédio – como um corpo caindo, seguido por um baque mais leve (como se o corpo tivesse ricocheteado) –, levando Melony a morder seu dedo com força, antes que ele pudesse, instintivamente, retirá-lo de sua boca. Ainda de joelhos, os dois avançaram para os braços um do outro, apertaram-se firmes, prenderam a respiração. Homer Wells podia sentir seu coração bater forte contra os seios de Melony.

– O que foi isso? – indagou ela.

Homer Wells ignorou a pergunta. Estava imaginando o fantasma do lenhador cuja fotografia tinha na mão, o corpo real do operário caindo no telhado, um homem com uma serra enferrujada em cada mão, um homem cujos ouvidos escutariam, na eternidade, apenas o zunido daquelas lâminas. Naquele baque de peso morto no telhado do prédio abandonado, Homer ouviu a intensidade estridente daquelas serras do passado – mas o que era aquele ruído penetrante, quase humano, que ele escutava por cima do zunido? Era o som de gritos, imaginou Homer: os gemidos dos bebês na colina, aqueles primeiros órfãos de St. Cloud's.

O rosto ardendo de Homer sentiu o adejar da pulsação na garganta de Melony. Passos leves, delicados, pareciam percorrer o telhado – como se o corpo do fantasma, depois da queda, estivesse voltando a ser espírito.

– Oh, Deus! – exclamou Melony, empurrando Homer Wells para longe com tanta força que ele bateu contra a parede.

O barulho que Homer fez levou o espírito no telhado a se afastar de maneira precipitada, soltando um grito penetrante, de duas sílabas – o silvo facilmente identificável do gavião de penas vermelhas.

“*Ki-err!*”, disse o gavião.

O grito do gavião aparentemente não foi reconhecido por Melony, que soltou um berro, mas Homer compreendeu no mesmo instante o que estava no telhado; desceu correndo a escada, atravessou a varanda para a cerca em ruínas. Chegou ali a tempo de avistar o gavião alçando voo; dessa vez a cobra parecia mais fácil de carregar – pendia reta, como um fio de prumo. Era impossível saber se o gavião perdera o controle da cobra ou se a largara intencionalmente – sabendo que essa era uma maneira segura, embora não inteiramente profissional, de matá-la. Não importava: era evidente que a queda no telhado liquidara a cobra, e seu peso morto era mais fácil de levar do que antes, quando ainda estava viva e estrebuchava nas garras do gavião, lançando golpes repetidos contra o peito do pássaro. Homer notou que a cobra era um pouco mais comprida e não tão grossa quanto o pênis do pônei.

Melony, esbaforida, estava parada na varanda, ao lado de Homer. Quando o gavião sumiu, ela repetiu-lhe a promessa:

– Fique com a fotografia e pense a respeito.

Claro que Homer Wells não precisava de qualquer instrução para “pensar a respeito”. Quanta coisa tinha para pensar!

“Adolescência”, escreveu Wilbur Larch. “É a primeira vez na vida em que descobrimos que temos alguma coisa terrível a esconder daqueles que nos amam?”

Pela primeira vez em sua vida, Homer Wells estava escondendo alguma coisa do Dr. Larch – e da enfermeira Angela e da enfermeira Edna. E com a fotografia do pônei com o pênis na boca da mulher, Homer Wells estava também escondendo suas primeiras dúvidas em

relação a Santo Larch. Com a fotografia, escondia seu primeiro desejo ardente não apenas pela mulher que abocanhava o espantoso “instrumento” do pônei, mas também pela inspiradora promessa que Melony lhe fizera. Escondidas com as fotografias (sob o seu colchão do leito de hospital, presa contra as molas), estavam as ansiedades de Homer em relação ao que poderia descobrir nos supostos arquivos – no imaginado registro de seu nascimento em St. Cloud’s. A história de sua própria mãe se escondia com aquela fotografia, a tal ponto que Homer se sentia cada vez mais atraído.

Ele a tirava debaixo do colchão e contemplava-a três ou quatro vezes por dia; e à noite, quando não conseguia dormir, via-a à luz da vela – uma luz sonolenta em que os olhos da mulher pareciam esbugalhar violentamente, uma luz em cujo bruxuleio Homer imaginava que podia perceber as bochechas da mulher se mexerem realmente. O movimento da luz da vela parecia agitar a crina do pônei. Uma noite, quando contemplava a fotografia, ele ouviu John Wilbur molhar a cama. Com mais frequência, Homer olhava para a fotografia sob o acompanhamento dos ofegos dramáticos de Fuzzy Stone – a cacofonia de pulmões, roda-d’água e ventilador parecia apropriada ao ato da mulher-e-pônei que Homer Wells memorizava e imaginava com tanta intensidade.

Alguma coisa mudou na insônia de Homer; o Dr. Larch percebeu a diferença ou então foi a impostura que o envolvia que levou Homer Wells a sentir que sempre estava sendo observado. Quando Homer encaminhava-se para a sala da enfermeira Angela, na ponta dos pés, tarde da noite, parecia-lhe que o Dr. Larch se encontrava *sempre* à máquina de escrever – e que sempre notaria os movimentos cautelosos de Homer no corredor.

– Posso fazer alguma coisa por você, Homer? – perguntava o Dr. Larch.

– Não consigo dormir – respondia Homer.

– E qual é a novidade nisso?

Será que o homem escrevia durante a noite inteira? Durante o dia, a sala da enfermeira Angela vivia ocupada – era o único lugar para entrevistas e telefonemas. Também estava ocupada pelos papéis do Dr. Larch – sua correspondência com outros orfanatos, com agências de adoção, com pais em perspectiva, seu diário notável (embora de vez em quando jocoso), os registros diversos, a que chamava de *Uma breve história de St. Cloud's*. Não era mais “breve” e aumentava todos os dias – cada registro começando invariavelmente com “Aqui em St. Cloud's...” ou “Em outras partes do mundo...”.

Os papéis do Dr. Larch também incluíam amplas histórias de famílias – mas apenas das famílias que adotavam os órfãos. Ao contrário da convicção de Melony, não havia registros dos verdadeiros pais e mães dos órfãos. A história de um órfão começava com a data do nascimento – o sexo, o comprimento em polegadas, o peso em libras, o nome dado pela enfermeira (se era um menino) ou o nome escolhido pela Sra. Grogan ou pela secretária da divisão de garotas (se era uma menina). Isso, com um registro das doenças e vacinas dos órfãos, era tudo o que havia. Havia registros muito mais amplos das famílias adotivas dos órfãos – conhecer tudo o que pudesse sobre essas famílias era importante para o Dr. Larch.

“Aqui em St. Cloud's”, escreveu ele, “tento levar em consideração, a cada regra que instituo ou violo, que minha primeira prioridade é o futuro de um órfão. É por seu futuro, por exemplo, que destruo qualquer registro da identidade da mãe natural. As infelizes mulheres que têm seus filhos aqui tomaram uma decisão muito difícil; não devem, numa época posterior de suas vidas, se defrontar outra vez com essa decisão. E quase em todos os casos os órfãos devem ser poupados de qualquer busca posterior pelos pais biológicos; não resta a menor dúvida de que os órfãos, na maioria dos casos, devem ser poupados da descoberta dos pais verdadeiros.

“Estou pensando neles, sempre neles – apenas nos órfãos! Claro que eles vão querer saber um dia; no mínimo, ficarão curiosos. Mas como ajudariam alguém a expectativa e a busca do passado? De que adiantaria aos órfãos terem o passado para procurar, para olhar? Os órfãos, em especial, devem apenas olhar para o futuro.

“E seria do interesse de um órfão se os pais biológicos, em anos posteriores, se arrependessem da decisão de trazê-lo para nascer aqui? Se houvesse registros, seria sempre possível aos pais verdadeiros descobrirem seus filhos. Não estou no negócio de reunir órfãos com seus princípios biológicos! Esse é um negócio de contador de histórias. Estou no negócio pelos órfãos.”

Esse foi o trecho de *Uma breve história de St. Cloud's* que Wilbur Larch mostrou a Homer Wells, quando o surpreendeu na sala da enfermeira Angela a vasculhar seus papéis.

– Eu estava procurando uma coisa e não conseguia encontrar – balbuciou Homer.

– Sei o que está procurando, mas não vai encontrar, Homer – disse o Dr. Larch.

Era isso que estava no bilhete que Homer entregou a Melony quando foi à divisão de garotas para ler *Jane Eyre*. Todas as noites eles haviam repetido um hábito silencioso.

Melony enfiava o dedo na boca – dava a impressão de enfiá-lo até o meio da garganta, os olhos esbugalhando, na imitação zombeteira da mulher com o pônei – e Homer Wells se limitava a balançar a cabeça, indicando que não encontrara o que estava procurando. O bilhete que dizia “Não Vai Encontrar” provocou uma expressão de profunda suspeita no semblante insatisfeito de Melony.

– Não me lembro de sua mãe, Homer – dissera o Dr. Larch. – Nem mesmo lembro de quando *você* nasceu. Você se tornou você muito depois.

– Pensei que havia uma lei – murmurara Homer.

Ele estava se referindo à lei de Melony – uma lei de registros ou história escrita –, mas Wilbur Larch era o único historiador e a única lei em St. Cloud's. Era uma lei do orfanato: a vida de um órfão começava quando Wilbur Larch lembrava dela; e se um órfão era adotado antes de se tornar memorável (o que era a esperança), então sua vida começava com quem o adotara. Essa era a lei de Larch. Afinal, ele assumira a responsabilidade necessária de acatar a lei consuetudinária relativa ao feto vivo ou ainda não; as regras que determinavam se se livrara um bebê ou se livrara a mãe eram também as *suas* regras.

– Tenho pensado a seu respeito, Homer – anunciou o Dr. Larch. – Penso em você cada vez mais, só que não desperdiço o meu tempo... nem o seu... pensando em quem você era antes de eu conhecê-lo.

Larch mostrou a Homer uma carta que estava escrevendo – ainda se encontrava na máquina. Era uma carta para alguém no Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra, um orfanato ainda mais antigo do que St. Cloud's.

A carta era cordial e familiar; o correspondente de Larch parecia ser um velho colega, se não mesmo um velho amigo. Havia também no tom da argumentação de Larch a centelha do debate frequente – como se o correspondente fosse uma pessoa que Larch costumava usar como um oponente filosófico:

“O motivo para os órfãos deverem ser adotados antes da adolescência é o fato de que precisam ser amados e ter alguém para amar, antes de iniciarem o estágio inevitável da adolescência que é a insinceridade”, argumentava Larch na carta. “Um adolescente descobre que a impostura é quase tão sedutora quanto o sexo e muito mais fácil de consumir. Pode ser especialmente fácil enganar os entes amados – as pessoas que amam você são justamente as que se mostram menos dispostas a reconhecer sua impostura. Mas se você não ama ninguém e sente que ninguém o ama, então não

há ninguém com força para atormentá-lo ao ressaltar que está mentindo. Se um órfão ainda não foi adotado ao chegar a esse período alarmante da adolescência, pode continuar a enganar a si mesmo e aos outros para sempre.

“Durante um momento terrível da vida, um adolescente se ilude; acredita que pode enganar o mundo. Pensa que é invulnerável. Um adolescente que é um órfão nesse estágio corre o perigo de jamais crescer.”

Claro que Homer Wells era diferente, e o Dr. Larch sabia disso; ele era amado – pela enfermeira Angela e a enfermeira Edna, também pelo Dr. Larch, contra a vontade –, e Homer Wells não apenas sabia que era amado, mas também provavelmente sabia que amava aquelas pessoas. Sua idade de insinceridade podia ser felizmente breve.

Melony era um exemplo perfeito de adolescente órfã que se ajustava à descrição de Larch na carta para o Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra. Isso também ocorrera a Homer Wells, que perguntara a Melony – *antes* de lhe dar o bilhete informando que “Não Vai Encontrar” sua história – para que ela queria descobrir sua mãe.

– Para matá-la – respondera Melony, sem a menor hesitação. – Talvez eu a envenene, mas se ela não for tão grande quanto eu, se eu for muito mais forte, e provavelmente sou, então eu gostaria de estrangulá-la.

– Estrangulá-la – repetiu Homer Wells, incapaz de se controlar.

– Por quê? – indagara Melony. – O que *você* faria se encontrasse sua mãe?

– Não sei. Talvez fizesse algumas perguntas.

– Faria algumas perguntas!

Homer não ouvia tanto desdém na voz de Melony desde sua reação aos “raios de sol” de Jane Eyre.

Ele sabia que seu bilhete simples – “Não Vai Encontrar” – nunca haveria de satisfazer Melony, embora achasse que o Dr. Larch, como sempre, fora bastante convincente. Homer também estava se contendo; ainda enganava o Dr. Larch e a si mesmo, pelo menos um pouco. A fotografia da mulher com o pônei continuava escondida entre o colchão e as molas da cama; tornara-se quase lisa de tanto manuseio. No fundo, Homer estava dominado pelo pesar. Sabia que não poderia descobrir a história de Melony e sem isso lhe seria negada a experiência aparentemente singular do pônei.

– O que significa “Não Vai Encontrar”? – gritou Melony para Homer. Os dois estavam sentados na varanda frágil do prédio em que a mulher e o pônei haviam passado tantos anos. – O que significa é que ele está bancando Deus... dá a história de cada um ou a tira! Se isso não é bancar Deus, então o que é?

Homer Wells ignorou. Sabia que o Dr. Larch bancava Deus de outras formas; mas a opinião cautelosa de Homer era a de que o Dr. Larch bancava Deus muito bem.

“Aqui em St. Cloud’s”, escreveu o Dr. Larch, “recebi a opção de bancar Deus ou deixar tudo praticamente entregue ao acaso. Minha experiência é a de que praticamente tudo é deixado ao acaso na maior parte do tempo; homens que acreditam no bem e no mal e que acreditam que o bem vai ganhar devem estar atentos aos momentos em que é possível bancar Deus – devemos aproveitar esses momentos. Não são muitos.

“Aqui em St. Cloud’s pode haver mais oportunidades de aproveitá-los do que se encontraria no resto do mundo, mas isso só acontece porque muito do que chega a nossas mãos já fora deixado ao acaso antes.”

– Miserável! – berrou Melony.

Mas o rio era ruidoso como sempre, o prédio vazio já ouvira muita coisa pior em seu tempo, e Homer Wells ignorou o

comentário.

– É uma pena para você, Sunshine – insistiu Melony, bruscamente. – Não é?

Homer se manteve a distância, calado. – E então?

A floresta do Maine, no outro lado do rio, conseguiu apenas oferecer um breve eco do “ã”. Melony levantou a perna grossa e chutou todo um pedaço da grade da varanda para o rio.

– Então é assim! – gritou Melony.

A floresta era densa demais para produzir sequer um eco do “im”. A floresta do Maine, como Homer Wells, ignorou o comentário de Melony.

– Santo Deus! – gritou Melony, mas a floresta nada repetiu.

O velho prédio podia ter rangido; possivelmente suspirou. Era difícil destruir aquele prédio; o tempo e outros vândalos já o haviam destruído; Melony procurava por partes possíveis do prédio que ainda pudesse destruir. Homer seguiu-a, a uma distância segura.

– Sunshine – disse ela, encontrando uma pequena vidraça que ainda não fora despedaçada e despedaçando-a. – Sunshine, nós não temos *ninguém*. E se me disser que temos um ao outro, eu vou matar você.

Não ocorrera a Homer oferecer essa ou qualquer outra sugestão; manteve-se em silêncio.

– Se me disser que temos o seu predileto Dr. Larch ou este lugar inteiro – acrescentou Melony, batendo com o pé numa tábuia, tentando desprendê-la com as duas mãos –, se me disser isso, então vou torturar você antes de matá-lo.

– Certo – disse Homer Wells.

Com a tábuia na mão, Melony atacou o corrimão da escada principal; o corrimão foi derrubado com a maior facilidade, mas o poste que segurava toda a grade no vestíbulo lá embaixo permaneceu de pé. Melony largou a tábuia e agarrou o poste, num abraço de urso.

– Desgraçados! – gritou ela... para o Dr. Larch, para sua mãe, para St. Cloud's, para o mundo.

Melony continuou engalfinhada com o poste, até derrubá-lo; estava preso à viga principal, sob as tábuas do assoalho, mas Melony brandiu um pedaço da grade como se fosse um porrete, até soltar o poste. Tentou levantar o poste e não conseguiu, virando-se então para Homer Wells.

– Será que não vê que preciso de ajuda?

Juntos, eles levantaram o poste; usando-o como aríete, derrubaram a parede da cozinha.

– Por que não está zangado? – perguntou ela a Homer.

– O que há de errado com você? Nunca vai descobrir quem fez isso com você! Não se importa?

– Não sei – respondeu Homer Wells.

Juntos, eles arremeteram com o poste contra o que parecia ser uma viga das mais importantes; talvez sustentasse o segundo andar, pensou Homer Wells. Desfecharam três golpes contra a viga, que se deslocou numa direção diferente a cada vez; na quarta tentativa, a racharam. Alguma coisa no prédio por cima deles pareceu se mexer. Melony largou a sua parte do poste do corrimão e abraçou a viga rachada; tentou correr com a viga, o impulso levando-a pela porta e para a varanda. Um dos cômodos do segundo andar caiu na cozinha; quando isso aconteceu, o telhado da varanda desmoronou parcialmente, e o que restava da grade da varanda foi lançado no rio. Até mesmo Melony parecia impressionada com tanta destruição; pegou Homer Wells pela mão e quase gentilmente levou-o lá para cima – mais da metade do segundo andar ainda continuava lá em cima, inclusive o cômodo em que a mulher e o pônei haviam distraído o antigo lenhador de St. Cloud's.

– Ajude-me – murmurou Melony para Homer Wells. Eles foram até a janela e, juntos, conseguiram desprender a veneziana da única dobradiça que a segurava; observaram-na passar direto pelo telhado

da varanda e ainda mais facilmente pelas tábuas do assoalho, antes de cair ruidosamente no rio.

– Bonito, hein? – perguntou Melony, apaticamente. Ela sentou no colchão em que estavam ajoelhados quando a cobra batera no telhado.

– Ajude-me – repetiu Melony, indicando a Homer que devia sentar ao seu lado. – Ajude-me ou vou fugir – acrescentou ela. – Ajude-me ou vou matar alguém.

Essas noções pareciam vagamente paralelas para Melony, se não mesmo iguais. Homer compreendeu que não era fácil para ele, no caso de Melony, “ser de utilidade”, mas tentou:

– Não mate ninguém – disse ele. – Não fuja.

– Por que ficar? – contra-atacou ela. – *Você* não vai ficar... não estou querendo dizer que vai fugir, mas sim que alguém acabará por adotá-lo.

– Não vai não. Além do mais, eu não iria.

– Iria sim.

– Não iria – insistiu Homer. – Por favor, não fuja... por favor, não mate ninguém.

– Se eu ficar, você fica também... é isso o que está querendo dizer?

É isso o que estou querendo dizer?, pensou Homer Wells. Mas Melony, como sempre, não lhe deu tempo para pensar e foi logo acrescentando:

– Prometa que vai ficar por tanto tempo quanto eu ficar, Sunshine. – Ela chegou mais perto dele, pegou sua mão, abriu-lhe os dedos, pôs o indicador na boca, sussurrando: – Pônei de sorte.

Mas Homer Wells não tinha certeza se o pônei tivera mesmo tanta sorte. O velho prédio deixou escapar um gemido. Melony enfiava e tirava o indicador de Homer de sua boca.

– Prometa que vai ficar por tanto tempo quanto eu ficar, Sunshine.

– Certo – disse Homer Wells.

Ela o mordeu.

– Eu *prometo* – disse Homer Wells.

Mais alguma coisa do segundo andar caiu na cozinha; houve um guincho de solidariedade das vigas retorcidas que sustentavam o que restava do telhado da varanda.

O que foi que o distraiu – quando Melony finalmente encontrou seu pequeno pênis e levou-o para sua boca? Ele não estava com medo de que o velho prédio desmoronasse e matasse os dois; teria sido um medo compreensível. Não estava pensando na história do colchão em que estavam deitados; sua história era violenta – até mesmo pelos padrões de Melony. Não estava pensando em sua própria história perdida e também não estava pensando se o fato de se encontrar ali com Melony era ou não uma traição ao Dr. Larch. Em parte, o ruído distraiu Homer; havia o ruído que Melony fazia com a boca – e sua respiração –, havia também o ruído da respiração do próprio Homer. O som daquela paixão lembrava-lhe o pequeno Fuzzy Stone e a energia daqueles mecanismos que lutavam para manter o garoto vivo. O fato de aquele esforço úmido e resfolegante ser feito em benefício de Fuzzy parecia enfatizar como sua vida era frágil.

Homer ficou apenas um pouco maior na boca de Melony; quando diminuiu, Melony redobrou seus esforços. A maior distração de Homer era a fotografia, que ele via nitidamente. Podia até ver o retângulo sem poeira na parede em que estivera a fotografia. Se a fotografia a princípio o inspirara a imaginar o ato com Melony, agora a fotografia bloqueara diretamente a sua capacidade de realizar qualquer coisa. Se a mulher na fotografia a princípio o estimulara a pensar em Melony, agora a mulher e Melony pareciam apenas estar sendo abusadas. A insensibilidade rude do pêni permanecia a mesma: a passividade imprópria da besta estúpida. Homer sentiu que ficava ainda menor do que nunca.

Melony estava humilhada; afastou-o bruscamente e gritou:

– Mas que droga! O que há de errado com você? E não venha me dizer que há alguma coisa errada comigo!

– Certo – disse Homer. – Não há.

– Pode apostar que não há mesmo!

Os lábios de Melony pareciam doloridos – até mesmo machucados –, e Homer viu lágrimas na ira em seus olhos. Ela arrancou o colchão debaixo dele; depois, dobrou-o pelo meio e jogou-o pela janela. O colchão caiu no telhado e ficou preso no buraco que a veneziana abria. Isso pareceu enfurecer Melony: que o colchão não tivesse passado facilmente para cair no rio. Começou a desmontar a cama mais próxima, chorando enquanto o fazia. Homer Wells, assim como recuara diante da indignação de Melony pelos “raios de sol”, também se retraiu agora. Esgueirou-se pela escada enfraquecida; quando saiu para a varanda, esta soltou um rangido intenso e arriou na direção do rio, deixando-o desequilibrado por um momento. Ele ouviu o que pareciam ser várias camas ou uma parte de uma parede caindo no telhado por cima; fugiu para campo aberto. Melony deve tê-lo visto pela janela lá em cima, pois gritou:

– Você me prometeu, Sunshine! Prometeu que não me deixaria! Enquanto eu ficar, você fica!

– Eu prometo!

Mas Homer virou-se e começou a descer pelo rio, ao longo da margem, voltando para os prédios ocupados de St. Cloud’s e para o orfanato, na colina por cima do rio. Ainda estava na margem, perto da água, quando Melony conseguiu desalojar a varanda projetada (o telhado foi junto); Homer parou e observou o que parecia ser a metade do prédio flutuar rio abaixo. Imaginou que Melony – se tivesse bastante tempo – poderia livrar a paisagem de toda a cidade. Mas não ficou para observar seus esforços continuados de destruição. Seguiu direto para sua cama no dormitório da divisão de

meninos. Levantou o colchão; tencionava jogar a fotografia fora, mas não estava ali.

– Não fui eu – disse Fuzzy Stone.

Embora fosse meio-dia, Fuzzy ainda estava no dormitório, aprisionado em sua tenda umidificada. Homer sabia que isso significava que Fuzzy estava tendo uma espécie de recaída. A tenda, à noite, era o lar de Fuzzy, mas quando ele passava o dia ali era chamada de seu “tratamento”. Também precisava receber durante todo o tempo o que o Dr. Larch chamava de “testes”; além disso, todos sabiam que todos os dias ele tinha de tomar uma injeção. Homer postou-se ao lado da engenhoca resfolegante e perguntou a Fuzzy Stone onde estava a fotografia. Foi informado de que John Wilbur molhara tanto a sua cama que a enfermeira Angela mandara-o deitar na cama de Homer, enquanto trocava o colchão estragado. John Wilbur descobrira a fotografia; mostrara-a a Fuzzy e a alguns outros garotos que estavam por perto – entre os quais Wilbur Walsh e Snowy Meadows; Snowy vomitara.

– E o que aconteceu depois? – perguntou Homer a Fuzzy, que já estava sem fôlego.

Fuzzy tinha 9 anos; depois de Homer Wells, era o órfão mais velho na divisão de meninos. Fuzzy disse que a enfermeira Angela voltara com outro colchão para John Wilbur e *ela* vira a fotografia; e é claro que a levava. Claro que John Wilbur lhe dissera onde a encontrara. Àquela altura, Homer sabia, a enfermeira Edna já teria visto e o Dr. Larch também. Passou pela cabeça de Homer procurar John Wilbur e dar-lhe uma surra, mas o garoto era muito pequeno – só faria pipi; e haveria uma nova prova contra Homer.

– Mas o que era? – perguntou Fuzzy, ofegante.

– Pensei que tinha visto.

– E vi, mas o que era?

Fuzzy parecia genuinamente assustado. Snowy Meadows pensara que a mulher estava comendo os intestinos do pônei, explicou

Fuzzy; Wilbur Walsh saía correndo. John Wilbur provavelmente fizera mais pipi, pensou Homer Wells.

– O que estava fazendo? – perguntou Fuzzy, ofegante, suplicante. – Como a mulher conseguia *respirar*?

Ele resfolegava furiosamente quando Homer se afastou. À luz do dia, Fuzzy parecia quase transparente, como se fosse possível ver através de seu corpo, se o levantassem contra uma fonte de luz mais forte, ver todos os seus frágeis órgãos se empenhando em salvá-lo.

O Dr. Larch não estava na sala da enfermeira Angela, onde Homer esperava encontrá-lo; Homer ficou aliviado por não deparar com a enfermeira Edna e a enfermeira Angela; sentia-se envergonhado demais para encará-las. Ele avistou a enfermeira Angela na entrada do hospital, falando com o homem que levava o lixo não queimável. O tema da conversa era o velho colchão de John Wilbur. Homer foi ao dispensário verificar se o Dr. Larch estava lá.

Fora um dia e tanto para Wilbur Larch, que se estendera em seu leito de hospital no dispensário com um cone de gaze mais saturado de éter do que era seu hábito. O informado vandalismo no alojamento dos serradores não deixara o Dr. Larch tão transtornado quanto alguns habitantes da cidade que haviam testemunhado os danos causados por Homer e Melony – principalmente por Melony, o Dr. Larch tinha certeza. Para que servem os prédios abandonados, especulava o Dr. Larch, se não para as crianças o destruírem um pouco? A informação de que metade do prédio flutuara rio abaixo era certamente exagerada.

Inalou e pensou no que realmente o perturbava: a fotografia. Aquela mulher com o pônei.

Larch não se incomodava por Homer Wells ter a fotografia; os adolescentes se interessavam por essas coisas. Larch sabia que Homer nunca a mostraria aos garotos menores; o fato de Homer Wells guardar tal fotografia significava para Wilbur Larch que estava

na hora de atribuir-lhe responsabilidades mais sérias, adultas. Estava na hora de acelerar o aprendizado.

E a fotografia por si mesma não era tão inquietante – para Larch. Afinal, ele trabalhara no South End. Fotografias assim estavam por toda parte; nos tempos de Wilbur Larch em Boston, aquelas fotos custavam 10 centavos.

O que perturbava Larch era a mulher em particular naquela fotografia; não tivera qualquer dificuldade para reconhecer a intrépida filha da Sra. Eames. Larch já vira suas bochechas estufarem antes – ela era uma veterana fumante de charuto, o que não era mais estranho do que pôr coisas horríveis na boca. E quando fora largada em sua porta, com peritonite aguda, resultado de lesões indescritíveis que sofrera em “Off Harrison”, seus olhos também estavam esbugalhados. Contemplar a fotografia fizera Larch pensar na vida que ela deveria ter levado; lembrara-o também que poderia ter atenuado o sofrimento de sua vida – apenas um pouco – se tivesse lhe oferecido o aborto. A fotografia lembrara Larch de uma vida que ele poderia ter salvado – mesmo que momentaneamente. A trágica filha da Sra. Eames deveria ter sido a sua primeira paciente de aborto.

Wilbur Larch olhou para a fotografia e especulou se a filha da Sra. Eames teria recebido o suficiente para posar com o pônei que lhe permitisse pagar o aborto em “Off Harrison”. Provavelmente não, concluiu. Nem mesmo era uma boa fotografia. Quem quer que aprontara os participantes, fora negligente com o extraordinário rabo de cavalo escuro da jovem; poderia ter sido ajeitado sobre o ombro ou mesmo estendido ao lado do seio, em que a tonalidade escura realçaria a brancura da pele. Poderia ter sido esticado reto para trás da cabeça, o que pelo menos enfatizaria a abundância e comprimento excepcionais. Era evidente que ninguém pensara no rabo de cavalo. Caía pelo lado do rosto da filha da Sra. Eames, enroscado numa sombra projetada pelas pernas curtas, atarracadas e peludas do pônei. O rabo de cavalo estava perdido na fotografia;

precisava-se ter conhecido a filha da Sra. Eames para saber o que era aquela massa escura no lado do rosto tenso da mulher.

– Sinto muito – disse Larch, inalando. A filha da Sra. Eames não respondeu e por isso ele repetiu: – Sinto muito.

Ele exalou. Teve a impressão de que a ouvia chamá-lo.

– Dr. Larch!

– Rima com gritos – murmurou Wilbur Larch.

Ele inspirou o mais profundamente possível. Sua mão perdeu o contato com o cone, que rolou de seu rosto e caiu por baixo da cama.

– Dr. Larch? – chamou Homer outra vez.

O cheiro de éter no dispensário parecia excepcionalmente forte para Homer, que passou pelo labirinto de armários de medicamentos, a fim de verificar se o Dr. Larch estava na cama.

– Cague ou saia da latrina! – ouviu o Dr. Larch dizer. (Aspirar, expirar.) Ao ver Homer ao lado da cama, o Dr. Larch acrescentou:

– Desculpe.

Ele se apressou em sentar; sentia-se um pouco tonto, a sala parecia flutuar. E repetiu:

– Desculpe.

– Não foi nada – disse Homer Wells. – Desculpe tê-lo acordado.

– Rima com gritos – disse Wilbur Larch.

– Como?

No dispensário fechado, uma fragrante bola de naftalina irradiava suas mensagens vaporosas em todas as direções. – Sente-se, Homer – disse o Dr. Larch, que percebeu que Homer já estava sentado ao seu lado na cama.

Larch desejou que sua cabeça estivesse mais desanuviada; sabia que era uma importante confrontação para o garoto. Homer esperava ser repreendido, em termos firmes, mas Larch receava não estar nas melhores condições para parecer muito firme.

– Vandalismo! – exclamou Larch. – Pornografia!

Já era um começo, pensou ele, mas o garoto sentado ao seu lado limitou-se a esperar, paciente. Larch sorveu o que esperava ser ar mais puro; a fragrância de éter ainda pairava forte no dispensário; o ar nas proximidades imediatas era alternadamente sonolento e faiscando com pequenas estrelas.

– Vandalismo é uma coisa, Homer – disse Larch. – E pornografia... outra muito diferente.

– Certo – disse Homer Wells, tomando-se mais velho, aprendendo algo novo a cada dia.

– Mais importante para o nosso relacionamento, Homer, é o problema de você me enganar. Certo?

– Certo.

– Ótimo.

As estrelas cintilavam tão intensamente no teto do dispensário que por um momento o Dr. Larch pensou que a conversa estivesse ocorrendo sob o firmamento noturno. Inclinou a cabeça para trás, a fim de escapar aos vapores, mas perdeu o equilíbrio e caiu de costas na cama.

– O senhor está bem? – perguntou Homer.

– Ótimo! – trovejou Larch, com o maior vigor.

E depois desatou a rir. Era a primeira vez que Homer Wells ouvia o Dr. Larch rir.

– Escute, Homer – disse o Dr. Larch, soltando uma risadinha. – Se você tem idade bastante para destruir prédios inteiros e se masturbar com fotografias de mulheres chupando pêneis, então tem idade bastante para ser meu assistente!

Isso pareceu tão divertido a Larch que ele se dobrou na cama. Homer também achou que era engraçado e começou a sorrir.

– Não está entendendo, não é mesmo? – indagou Larch, ainda rindo. – Não percebeu o que estou querendo dizer.

Ele se estendeu de costas na cama e sacudiu os pés no ar, com o firmamento estrelado por cima.

– Vou lhe ensinar a cirurgia! – gritou Larch para Homer, o que levou os dois a lágrimas de riso. – A obra de Deus e a obra do Demônio, Homer! As *obras*!

Homer começou a tossir de tanto que ria. Ficou surpreso quando Larch – como um mágico – pegou a fotografia da mulher com o pônei e sacudiu-a na sua frente.

– Se você tem idade suficiente para contemplar isto, Homer, então tem idade bastante para fazer um trabalho de adulto!

Isso levou Larch a um paroxismo de riso tão intenso que teve de entregar a fotografia a Homer Wells – ou então a teria deixado cair.

– Você vai terminar a faculdade de medicina antes de começar a escola secundária, Homer!

Esse comentário pareceu especialmente engraçado a Homer, mas o Dr. Larch tornou-se subitamente sério. Arrebatou a fotografia de Homer.

– Olhe só para isto! – Os dois sentaram na beira da cama e Larch pôs a fotografia em seu joelho. – Vou lhe mostrar o que não sabe. Olhe para isto!

Ele apontou para o rabo de cavalo, obscurecido pela sombra da perna do pônei.

– O que é isso? – perguntou ele a Homer Wells. Uma pausa, e ele acrescentou, ameaçador: – Adolescentes... vocês pensam que sabem de tudo.

Homer percebeu o novo tom de voz; concentrou a atenção naquela parte da fotografia para a qual nunca olhara antes – talvez uma mancha no tapete, ou seria uma poça de sangue do ouvido da mulher?

– E então? – indagou o Dr. Larch, para logo depois acrescentar, em tom quase rude: – Não está em *David Copperfield*. Também não está em *Jane Eyre*... o que você precisa saber.

O clima médico da conversa convenceu Homer Wells de que era mesmo uma poça de sangue o que havia na fotografia – que somente um médico poderia reconhecê-lo de forma tão positiva.

– Sangue – disse Homer. – A mulher está sangrando.

Larch correu com a fotografia para a lâmpada no balcão do dispensário.

– Sangue? – disse Larch. – Sangue!

Ele examinou a fotografia inteira outra vez, antes de acrescentar:

– Isso não é sangue, seu idiota! É um rabo de cavalo!

Ele mostrou a fotografia mais uma vez a Homer Wells; seria a última olhada de Homer, mas o Dr. Larch continuaria a contemplá-la com frequência. Guardaria junto com as páginas de *Uma breve história de St. Cloud's*; não a guardou por interesse pornográfico, mas porque o lembrava de uma mulher a quem injuriara duas vezes. Dormira com a mãe na presença dela e não lhe prestara um serviço que ela tinha todo o direito de solicitar. Não fora um médico digno com ela, e queria lembrá-la. O fato de ser forçado a lembrá-la com o pênis de um pônei na boca fazia com que os erros do Dr. Larch lhe parecessem erros ainda mais terríveis; ele preferia assim.

Larch era um homem duro – inclusive consigo mesmo. Assumiu uma linha mais dura com Homer Wells do que a hilaridade de suas promessas iniciais ao garoto parecia sugerir – ensinar-lhe “as obras”, como Larch dizia, não era tão divertido. Cirurgia, procedimentos obstétricos – até mesmo o normal D e C – tudo isso exigia considerável prática e preparação.

– Acha que é difícil olhar para uma mulher com o pênis de um pônei na boca, Homer? – perguntou Larch no dia seguinte, quando não mais estava sob a influência do éter. – Pois deve olhar para alguma coisa que é mais difícil de compreender do que isso. Tome aqui.

Ele entregou a Homer o exemplar tão manuseado da *Anatomia de Gray*.

– Olhe para isto. Olhe três ou quatro vezes por dia, olhe todas as noites. Esqueça os pênis de pôneis e aprenda o que tem aqui.

“Aqui em St. Cloud’s”, escreveu o Dr. Wilbur Larch, “tenho pouco uso para a *Anatomia de Gray*, mas na França, na Primeira Guerra Mundial, eu usava o livro todos os dias. Era o único mapa rodoviário que eu tinha lá.”

Larch também deu a Homer seu manual pessoal de procedimento obstétrico, suas anotações da faculdade de medicina e dos estágios como interno; começou pelas lições de química e o livro didático padrão. Reservou um canto do dispensário para algumas experiências fáceis de bacteriologia, embora a visão das placas de Petri causasse a Larch pontadas de angústia inconfundível; não gostava do mundo que havia para ser visto sob o microscópio. Larch também não gostava de Melony – especificamente, não gostava do aparente domínio que ela exercia sobre Homer Wells. Larch presumiu que os dois dormiam juntos; presumiu que Melony iniciara o garoto, o que era verdade, e agora forçava-o a continuar, o que não era o caso. Com o tempo, eles dormiriam juntos, embora rotineiramente, o poder que o Dr. Larch imaginava que Melony tinha sobre Homer seria equilibrado por um poder que Homer exercia sobre Melony (a promessa que Homer fizera a ela e que o Dr. Larch ignorava). Ele considerava Melony responsável da Sra. Grogan e não percebia como sua responsabilidade sobre Homer Wells podia ofuscar as outras responsabilidades.

Enviou Homer ao rio para pegar uma rã; depois, obrigou Homer a dissecá-la, embora nem tudo na rã tivesse uma explicação apropriada na *Anatomia de Gray*. Foi a primeira visita de Homer ao rio desde que fugira da destruição de Melony do alojamento dos serradores; ficou impressionado ao constatar que a metade do prédio fora de fato demolida, desaparecera por completo.

Homer também ficou impressionado com o primeiro nascimento vivo que foi convidado a observar – não tanto com qualquer

competência especial que parecia ser exigida do Dr. Larch, também não com os procedimentos formais e eficientes da enfermeira Angela e da enfermeira Edna. O que impressionou Homer foi o processo que já avançara tanto antes da intervenção do Dr. Larch; o que impressionou Homer foi o quanto acontecera à mulher e seu bebê, o que era simplesmente o progresso natural – o ritmo das contrações (dava para acertar um relógio), a força dos músculos da mulher fazendo pressão, a premência da criança em nascer. A coisa mais antinatural em tudo, na opinião de Homer Wells, era a evidente hostilidade que a criança encontrava no ambiente em que primeiro usava os pulmões – como era obviamente adverso, embora não desprovido de emoções, o novo mundo para a criança, cuja primeira opção (se lhe fosse dado o direito de opção) poderia ser a de permanecer onde estava. Não era uma reação das piores, Melony poderia ter comentado, se estivesse presente. Por mais que Homer gostasse de ter sexo com Melony, sentia-se perturbado pelo fato de o ato ser mais arbitrário do que o nascimento.

Quando Homer ia ler *Jane Eyre* na divisão de meninas, Melony parecia subjugada, não derrotada ou mesmo resignada; alguma coisa nela se esgotara, alguma coisa em sua aparência se desgastara. Ela se enganara, no final das contas, sobre a existência de suas histórias em poder do Dr. Larch – e se enganar sobre coisas importantes é extenuante. Fora humilhada também – primeiro pela maneira incrível como encolhera o pênis do pequeno Homer Wells e depois pela rapidez com que Homer parecia encarar o sexo com ela como um fato corriqueiro. E, pensou Homer, ela devia estar *fisicamente* cansada – afinal, destruíra sozinha uma parte considerável da história do homem em St. Cloud's. Ela derrubara a metade de um prédio para o fluxo do tempo. Tem o direito de parecer esgotada, concluiu Homer Wells.

Alguma coisa na maneira como lia *Jane Eyre* também parecia diferente a Homer – como se aquela ou qualquer outra história fosse recentemente influenciada pelas novas experiências em sua vida:

uma mulher com o pênis de um pônei na boca, o primeiro fracasso sexual, a primeira rotina – sexual, a *Anatomia de Gray* e um parto de criança viva. Ele lia com uma compreensão maior da ansiedade de Jane, que antes lhe parecera tediosa. Jane tinha o direito de estar ansiosa, pensava Homer.

Foi uma ocasião lamentável – depois de tudo por que ele e Melony haviam passado juntos – para encontrar o trecho na metade do capítulo 10 em que Jane imagina como seria deixar o orfanato, quando compreende que o mundo real é “amplo” e que sua existência “não é o bastante”. Homer apenas imaginou que havia uma nova reverência na divisão de meninas quando leu esse trecho – que Melony, especialmente, parecia absorver as frases, como se as ouvisse pela primeira vez? E foi então que ele chegou à frase seguinte:

“Cansei da rotina de oito anos em uma tarde.”

Ele ficou com a boca ressequida ao ler; precisou engolir em seco, o que proporcionou à frase mais ênfase do que desejava. Quando tentou continuar, Melony o deteve:

– O que foi mesmo? Leia de novo, Sunshine.

– “Cansei da rotina de oito anos em uma tarde” – leu Homer Wells, em voz alta.

– Sei como ela se sente – comentou Melony, em tom amargurado, mas suave.

– Ouvir você dizer isso me dói muito, Melony – protestou a Sra. Grogan.

– Sei como ela se sente! – repetiu Melony. – E você também sabe, Sunshine! A pequena Jane devia experimentar 15, 16 ou 17 anos. Ela devia experimentar para saber o que é “cansar” dessa rotina!

– Só estará fazendo mal a si mesma, minha cara, se continuar assim – insistiu a Sra. Grogan.

E parecia verdade; Melony estava chorando. Era uma garota muito grande – para pôr a cabeça no colo da Sra. Grogan e deixá-la afagar seus cabelos – e ficou chorando, baixinho. A Sra. Grogan não podia se lembrar da última vez em que tivera a cabeça de Melony em seu colo. Homer percebeu a expressão da Sra. Grogan: dizia que ele devia se retirar. Não era o fim do capítulo, nem mesmo o fim da cena ou sequer de um parágrafo. Havia mais para ler; a frase seguinte começava assim:

“Eu desejava a liberdade...”

Mas seria cruel continuar. Jane Eyre já firmara sua posição. Homer e Melony já haviam passado por várias tardes assim – aqueles dias em que a gente se cansa de toda a vida!

Naquela noite, o ar entre a divisão de meninos e a divisão de garotas parecia inodoro e destituído de história. Estava apenas escuro lá fora.

Quando ele voltou à divisão de meninos, a enfermeira Angela informou-o de que John Wilbur fora embora – *adotado!*

– Uma boa família – disse a enfermeira Angela a Homer na maior felicidade. – O pai da família costumava fazer pipi na cama. Serão muito compreensivos.

Como era seu hábito quando alguém era adotado, o Dr. Larch alterou ligeiramente a bênção rotineira aos garotos no escuro. Antes de chamá-los de “Príncipes do Maine”, “Reis da Nova Inglaterra”, fez um anúncio estranhamente formal.

– Vamos nos sentir felizes por John Wilbur – disse Wilbur Larch.
– Ele encontrou uma família. Boa-noite, John.

Os meninos murmuraram com ele: – Boa-noite, John!

– Boa-noite, John Wilbur.

E o Dr. Larch, como sempre, fez uma pausa, respeitoso, antes de arrematar da maneira usual:

– Boa-noite para vocês, Príncipes do Maine... Reis da Nova Inglaterra!

Homer Wells olhou um pouco a *Anatomia de Gray* à luz da vela que lhe era permitida, antes de tentar dormir. Não era apenas o pipi de John Wilbur que estava faltando naquela noite; alguma outra coisa se perdera. Homer Wells levou algum tempo para perceber o que estava ausente; foi o silêncio que finalmente o informou. Fuzzy Stone e seu equipamento ruidoso haviam sido levados para o hospital. Aparentemente, o dispositivo de respiração – e o próprio Fuzzy – precisava de um controle mais cuidadoso, e o Dr. Larch transferira tudo para o quarto particular, ao lado da sala de cirurgia, onde a enfermeira Angela ou a enfermeira Edna podia se manter mais atenta a Fuzzy.

Foi somente depois de ter alguma experiência com dilatação e curetagem que Homer Wells saberia o que Fuzzy Stone parecia: era como um embrião – Fuzzy Stone era como um feto que andava e falava. Era o que havia de peculiar na maneira como quase se podia ver através da pele de Fuzzy e seu vulto um pouco encovado; era o que o fazia parecer tão especialmente vulnerável. Parecia que ainda não estava vivo, e sim em algum estágio de desenvolvimento que deveria se processar no interior do útero. O Dr. Larch disse a Homer que Fuzzy nascera prematuramente – os pulmões de Fuzzy nunca haviam se desenvolvido de maneira adequada. Homer não teria noção do que isso significava até se confrontar com as poucas partes reconhecíveis em sua primeira olhada no procedimento padronizado de remoção dos produtos da concepção.

– Está escutando, Homer? – perguntou Wilbur Larch, quando o procedimento terminou.

– Estou – respondeu Homer Wells.

– Não estou dizendo que é *certo*, entende? Estou dizendo que é a opção dela... é a opção de uma mulher. Ela tem o direito de ter uma opção, entende?

– Certo.

Quando não conseguia dormir, Homer Wells pensava em Fuzzy Stone. Quando foi ao quarto particular, ao lado da cirurgia, não pôde ouvir o equipamento de respiração. Ficou imóvel, prestando atenção; sempre podia descobrir Fuzzy pelo som – pulmões, roda-d'água e ventilador –, mas o silêncio que Homer Wells escutava agora era um ruído mais desconcertante para ele do que o som da cobra batendo no telhado, enquanto seu dedo se encontrava na boca de Melony.

Pobre Melony, pensou ele. Ela agora escutava *Jane Eyre* como se a história de sua vida estivesse sendo narrada, só falava com Homer Wells para lembrá-lo de sua promessa. (“Você não vai sair daqui antes de mim, lembra? Você prometeu.”)

– Onde ele está? – perguntou Homer ao Dr. Larch. – Onde está Fuzzy?

O Dr. Larch estava à máquina de escrever na sala da enfermeira Angela, onde se postava – muito tarde – quase todas as noites.

– Eu estava pensando numa maneira de contar a você – disse Larch.

– Disse que eu era seu aprendiz, certo? Se é isso o que eu sou, então devo ser informado. Se está me ensinando, não pode deixar nada de fora. Certo?

– Certo, Homer.

Como o garoto mudara! Como se pode registrar a passagem do tempo num orfanato? Por que o Dr. Larch não percebera que Homer Wells precisava fazê-la? Por que não lhe ensinara a fazer a barba? Sou responsável por tudo – se vou ser responsável por qualquer coisa, Larch lembrou a si mesmo.

– Os pulmões de Fuzzy não eram bastante fortes, Homer. Nunca se desenvolveram direito. Ele era sujeito a todas as infecções respiratórias que já conheci.

Homer Wells deixou passar. Lamentava que Fuzzy tivesse visto a fotografia. Homer estava crescendo; iniciava o processo de assumir responsabilidades pelas coisas. Aquela fotografia deixara Fuzzy Stone transtornado; não havia nada que Homer ou mesmo o Dr. Larch pudesse fazer pelos pulmões de Fuzzy, mas não havia necessidade daquela fotografia.

– O que vai dizer aos pequenos? – perguntou Homer ao Dr. Larch.

Wilbur Larch olhou para Homer; oh, Deus, como amava o que via! Orgulhoso como um pai, ele tinha dificuldade para falar. Sua afeição por Homer Wells virtualmente o eterificara.

– O que acha que eu deveria dizer, Homer?

Era a primeira decisão de Homer como um adulto. Pensou a respeito com muito cuidado. Em 193-, ele tinha quase 16 anos. Estava iniciando o processo de aprender a ser um médico numa ocasião em que a maioria dos garotos de sua idade aprendia como guiar um carro. Homer ainda não aprendera a guiar um carro; Wilbur Larch nunca aprendera a guiar um.

– Acho que deve dizer aos pequenos o que sempre diz – respondeu Homer Wells. – Deve dizer a eles que Fuzzy foi adotado.

Wilbur Larch observou Homer com toda a atenção. Em *Uma breve história de St. Cloud's*, ele escreveria: “Quão grande é o meu ressentimento com a paternidade! O que isso causa: arruína por completo a objetividade, destrói o senso de equidade. Preocupo-me por ter feito com que Homer Wells saltasse a sua infância – preocupo-me por ele ter deixado inteiramente de ser criança! Mas muitos órfãos descobrem que é mais fácil passar por cima da infância do que se entregarem à satisfação de ser criança quando são órfãos. Se ajudei Homer Wells a se abster de sua infância, será que o ajudei a se abster de uma coisa perniciosa? Maldita seja a confusão de sentir-se um pai! Amar alguém como um pai pode produzir uma nuvem que oculta a visão do comportamento correto.”

Quando escreveu essas frases, Wilbur Larch via a nuvem criada no estúdio do fotógrafo, a nuvem que tão falsamente contornava a fotografia da filha da Sra. Eames com o pônei; e ele se lançou a um parágrafo inteiro sobre “nuvens”. (O tempo terrível no interior do Maine; “as *nuvens* de St. Cloud’s” e assim por diante.)

Quando Homer Wells sugeriu que o Dr. Larch dissesse aos pequenos que Fuzzy Stone fora adotado, Larch sabia que Homer estava certo; não havia nuvens em torno dessa decisão. Na noite seguinte, Wilbur Larch seguiu o conselho de seu jovem aprendiz. Talvez porque estivesse mentindo, ele esqueceu a rotina apropriada. Em vez de começar com o anúncio sobre Fuzzy Stone, ele deu a bênção habitual; alterou toda a ordem do procedimento.

– Boa-noite para vocês, Príncipes do Maine... Reis da Nova Inglaterra! – disse o Dr. Larch, no escuro.

Só depois é que se lembrou do que deveria dizer e soltou um “Oh!” bem alto, numa voz espantada que levou um dos pequenos órfãos a pular na cama de pavor.

– O que há de errado? – gritou Snowy Meadows, que estava sempre vomitando; não vomitava apenas quando se defrontava com a imagem de uma mulher tendo na boca o que julgava ser os intestinos de um pônei.

– Não há nada de errado! – declarou o Dr. Larch, em tom efusivo.

Mas todo o dormitório dos meninos já estava dominado por um silêncio carregado de ansiedade. Nesse clima tenso, Larch tentou dizer o normal sobre o anormal.

– Vamos nos sentir felizes por Fuzzy Stone.

Homer Wells compreendeu o que significava quando se dizia que era possível ouvir um alfinete caindo no chão. E o Dr. Larch acrescentou:

– Fuzzy Stone encontrou uma família. Boa-noite, Fuzzy.

– Boa-noite, Fuzzy! – repetiu alguém.

Mas Homer Wells percebeu uma hesitação no ar; a ordem fora invertida e nem todos estavam absolutamente convencidos.

– Boa-noite, Fuzzy! – disse Homer Wells com veemência, sendo acompanhado por algumas outras vozes débeis:

– Boa-noite, Fuzzy!

– Boa-noite, Fuzzy Stone!

Homer também compreendeu o que significava quando se dizia que o silêncio pode ser ensurdecador. Depois que o Dr. Larch se retirou, o pequeno Snowy Meadows foi o primeiro a falar:

– Homer?

– Estou aqui – respondeu Homer, na escuridão.

– Como alguém pôde adotar Fuzzy Stone, Homer? – perguntou Snowy Meadows.

– Quem podia fazer isso? – acrescentou o pequeno Wilbur Walsh.

– Alguém com uma máquina melhor – respondeu Homer Wells. – Alguém que tinha uma máquina de respiração melhor que a construída pelo Dr. Larch para Fuzzy. É uma família que conhece tudo sobre máquinas de respiração. É o negócio da família... máquinas de respiração.

– Que sorte a de Fuzzy! – exclamou alguém, com um tom de admiração.

Homer teve certeza de que convencera a todos quando Snowy Meadows disse:

– Boa-noite, Fuzzy.

Homer Wells, ainda por completar 16 anos – aprendiz de cirurgião, insone veterano –, desceu para o rio que arrastara tantos fragmentos da história de St. Cloud's. O barulho do rio era um conforto para Homer, mais tranquilizador do que o silêncio no dormitório naquela noite. Ele parou na margem, no lugar em que antes havia a varanda do alojamento dos serradores, em que vira o gavião descer do céu mais depressa do que a cobra podia nadar para a terra – e a cobra era bastante rápida.

Se Wilbur Larch visse Homer ali, teria se preocupado pelo fato de o garoto estar se despedindo de sua infância – cedo demais. Mas o Dr. Larch tinha o éter para ajudá-lo a dormir, e Homer Wells não tinha cura para sua insônia.

– Boa-noite, Fuzzy – disse Homer sobre o rio.

A floresta do Maine, tipicamente, ignorou o comentário, mas Homer insistiu, pois queria ser ouvido.

– Boa-noite, Fuzzy! – gritou ele, o mais alto que pôde.

E depois repetiu, ainda mais alto: – Boa-noite, Fuzzy!

Ele gritou e gritou – o garoto crescido cujos gritos haviam sido outrora legendários rio acima, em Three Mile Falls.

– Boa-noite, Fuzzy Stone!

O Jovem Dr. Wells

“**E**m outras partes do mundo”, escreveu Wilbur Larch, “há o que o mundo chama de ‘sociedade’. Aqui em St. Cloud’s não temos nenhuma sociedade – não há opções, as comparações melhor do que e pior do que que são quase constantes em qualquer sociedade. É menos complicado aqui, porque as opções e comparações são óbvias ou inexistentes. Mas ter tão poucas opções é o que torna um órfão tão desesperado por encontrar a sociedade – *qualquer* sociedade, quanto mais complexa com intrigas, quanto mais repleta de indiscrições, melhor. Tendo a oportunidade, um órfão se lança na sociedade – da maneira como a lontra se joga na água.”

O que Wilbur Larch estava pensando, em relação a “opções”, era que Homer Wells não tinha opção, em seu aprendizado ou com Melony. Ele e Melony estavam fadados a se tornarem uma espécie de casal, já que não havia mais ninguém com quem pudessem formar outro casal. Em sociedade, faria diferença se fossem feitos um para o outro; o fato de *não* serem compatíveis não fazia a menor diferença em St. Cloud’s. E como Homer esgotara os recursos dos melancólicos mestres empregados em St. Cloud’s, o que mais havia para ele aprender que não a cirurgia? Em termos mais específicos, o procedimento obstétrico. E o que era bem mais simples para o Dr. Larch ensinar-lhe: dilatação e curetagem.

Homer Wells fazia suas anotações num dos velhos cadernos do Dr. Larch do tempo da faculdade de medicina; Larch sempre fora um anotador comedido e de letra miúda – havia bastante espaço. Na opinião de Larch, não havia necessidade de Homer ter o seu próprio caderno de anotações. Wilbur Larch só precisava olhar ao redor para

saber o quanto o papel custava. As árvores haviam desaparecido, sendo substituídas por órfãos – tudo pelo papel.

Sob o cabeçalho “D&C”, Homer escreveu: “A mulher está mais segura em estribos.” No procedimento do Dr. Larch, ela era também raspada.

“A área VAGINAL é preparada com uma SOLUÇÃO ANTISSÉPTICA”, escreveu Homer Wells; ele escrevia muito com MAIÚSCULAS – estava relacionado com seu hábito de repetir o final das frases ou as palavras-chave. “o ÚTERO é examinado para se avaliar seu tamanho. Uma das mãos é colocada na PAREDE ABDOMINAL; dois ou três dedos da outra mão ficam na VAGINA. Um ESPÉCULO VAGINAL, que parece um bico de pato, é inserido na VAGINA – através dele, o COLO DO ÚTERO fica visível. (“o COLO”, escreveu entre parênteses, como a lembrar a si mesmo, “é a parte parecida com um pescoço da parte inferior e contraída do ÚTERO.”) O buraco no meio do COLO é a entrada do ÚTERO. É como um drops de cereja. Na GRAVIDEZ, o COLO DO ÚTERO fica inchado e lustroso.

“Com uma série de DILATADORES DE METAL, o COLO DO ÚTERO é dilatado para permitir a entrada do FÓRCEPS DE ÓVULO. É uma pinça com que o médico pega o que está dentro do ÚTERO. Ele tira tudo o que pode.”

O que isso significava (para Homer) era sangue e muco. “Os produtos da concepção”, como ele dizia.

“Com uma CURETA”, anotou Homer, “a PAREDE DO ÚTERO é raspada. Sabe-se que está limpa quando se ouve um som de areia.”

E isso foi tudo o que ficou registrado no caderno sobre a dilatação e o processo de curetagem. Como uma nota de pé de página para esse procedimento, Homer acrescentou apenas o seguinte: “o ÚTERO sobre o qual se lê na literatura é aquela parte do APARELHO GENITAL em que o ÓVULO FERTILIZADO se implanta.” Um número de página foi registrado na margem dessa anotação – a página da *Anatomia de Gray* que inicia o capítulo “Os Órgãos Femininos de

Geração”, em que se podia encontrar as mais úteis ilustrações e descrições.

Em 194-, Homer Wells (que ainda não tinha 20 anos) já fora parteiro de incontáveis nascimentos e aprendiz cirúrgico em cerca de um quarto do total de abortos; já fizera muitos partos pessoalmente, com o Dr. Larch sempre presente, mas nunca tivera permissão para efetuar um aborto. Era tácito para os dois que Homer seria perfeitamente capaz de fazer um aborto, mas Larch achava que Homer devia cursar a faculdade de medicina – uma autêntica faculdade de medicina – e servir como interno em outro hospital, antes de realizar a operação. Não que a operação fosse complicada; a opinião de Larch era de que Homer devia ter condições de exercer sua *opção*. Em outras palavras, Larch estava convencido de que Homer deveria conhecer alguma coisa da sociedade antes de tomar a decisão, por si mesmo, de fazer abortos ou não.

O que o Dr. Larch estava procurando era alguém para patrocinar Homer Wells. Larch queria que alguém mandasse o garoto para a universidade, não apenas para que Homer se qualificasse à admissão na faculdade de medicina, mas também para expô-lo ao mundo fora de St. Cloud’s.

Como anunciar a busca de tal patrocinador era um enigma para Wilbur Larch. Deveria pedir a seu colega e correspondente no Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra para usar a sua enorme lista de correspondência?

EXPERIENTE PARTEIRO &
ABORTEIRO QUALIFICADO
PROCURA PATROCINADOR PARA
CURSO NA FACULDADE DE MEDICINA!

Onde estava a sociedade em que Homer Wells deveria se enquadrar?, especulava Wilbur Larch.

Basicamente, Larch sabia, era preciso afastar seu aprendiz de Melony. Os dois juntos – como isso deprimia Larch! Pareciam a Larch como casados, sem amor e cansados. As tensões sexuais que Melony conseguira manter entre os dois nos primeiros anos do relacionamento pareciam agora ausentes. Se ainda praticavam o intercursos sexual, era com pouca frequência e sem qualquer entusiasmo. Durante o almoço sentavam juntos, sem falar, à vista dos meninos e das garotas; juntos, examinavam o exemplar tão manuseado da *Anatomia de Gray*, como se fosse o mapa intrincado que tinham de seguir se queriam algum dia encontrar a saída de St. Cloud's.

Melony nem mesmo fugia mais. O Dr. Larch tinha a impressão de que algum pacto, sem palavras e sem alegria, unia Homer e Melony. O mau humor dos dois lembrava ao Dr. Larch a filha da Sra. Eames, que passaria a eternidade com um pênis de pônei na boca. Melony e Homer nunca brigavam; nunca discutiam; Melony parecia ter renunciado a allear a voz. Se ainda havia alguma coisa sexual entre eles, Larch sabia que acontecia ao acaso e em decorrência do mais puro tédio.

Larch até arrumou para Melony um emprego como criada residente de uma velha rica de Three Mile Falls. Era possível que a mulher fosse uma inválida irritadiça, que teria se queixado de qualquer pessoa; pelo menos se queixou de Melony – disse que a garota era “insensível”, que nunca se mostrava “acessível” a conversar e era, em termos de atenções físicas, como ajudá-la a entrar e sair do banho, “incrivelmente rude”. O Dr. Larch podia acreditar em tais alegações, mas Melony também protestou; disse que preferia viver em St. Cloud's; se tinha de ter um emprego, queria algo que lhe permitisse voltar todos os dias.

– Quero vir para minha casa à noite – disse ela à Sra. Grogan e ao Dr. Larch.

Minha casa?, pensou Larch.

Havia outro emprego, na cidade, mas exigia que Melony soubesse dirigir. O Dr. Larch até providenciou um rapaz local para ensinar Melony a dirigir, mas ele ficou apavorado com a maneira como ela dirigia. Melony teve de prestar exame de motorista três vezes para passar apenas uma. E depois perdeu o emprego – entregar materiais e ferramentas para um empreiteiro. Melony foi incapaz de explicar mais de 300 quilômetros que ficaram registrados no velocímetro do furgão de entrega.

– Fui a alguns lugares porque me sentia entediada – disse ela ao Dr. Larch, dando de ombros. – E havia um sujeito com quem fui me encontrar duas ou três vezes.

Larch se atormentava porque Melony, já com quase 20 anos, era agora inempregável e inadotável; tomara-se dependente de sua proximidade com Homer Wells, embora dias inteiros transcorressem em que não trocavam uma só palavra – mais do que isso, nenhum contato além da mera presença podia ser observado por semanas a fio (se é que a presença de Melony podia ser classificada de “mera”). Porque Melony tanto o deprimia, o Dr. Larch presumiu que sua presença era deprimente também para Homer Wells.

Wilbur Larch amava Homer Wells – nunca amara ninguém como amava aquele garoto, não podia conceber a ideia de suportar uma vida em St. Cloud’s sem ele –, mas sabia que Homer Wells precisava ter um encontro autêntico com a sociedade, a fim de poder optar por uma vida. O sonho de Larch era de que Homer se aventurasse pelo mundo e depois optasse pela volta a St. Cloud’s. Mas quem faria tal opção?, especulava Larch.

O Maine tinha muitas cidades; não havia nenhuma outra tão desprovida de atrativos quanto St. Cloud’s.

Larch deitou no dispensário e cheirou um pouco de éter. Recordou o porto seguro de Portland; a mente foi enumerando as cidades, para o leste ou para o interior de Portland, os lábios experimentaram os bons nomes do Maine.

(Inalar, exalar.) Wilbur Larch quase podia saborear aquelas cidades, seus nomes fantásticos. Havia Kennebunk e Kennebunkport, havia Vassalborough e Nobleboro e Waldoboro, havia Wiscasset e West Bath, Damariscotta e Friendship, Penobscot Bay e Sagadahoc Bay, Yarmouth e Camden, Rockport e Arundel, Rumford e Biddeford e Livermore Falls.

A leste de Cape Kenneth, a ratoeira para turistas, fica Heart's Haven; para o interior, não muito longe dessa linda cidadezinha costeira que é chamada de refúgio (*haven*), assenta Heart's Rock. O rock de Heart's tira seu nome da ilha rochosa desabitada que parece flutuar como uma baleia morta na enseada de Heart's Haven, que é perfeita, a não ser por essa ilha. É uma ilha repulsiva, desamada pelos habitantes de Heart's Haven; talvez eles tenham sido levados a batizar a repulsiva cidade de Heart's Rock por seu rochedo coberto de excrementos de aves e branco como a barriga de um peixe. Quase coberto na maré alta, escarrapachado na água, aderna ligeiramente – daí o seu nome, Rochedo da Baleia Morta. Não há nenhum "rochedo" em Heart's Rock, que não é uma cidade, que mereça ser contemplada; fica a apenas oito quilômetros para o interior, e de algumas de suas colinas o mar é visível; na maior parte da cidade, pode-se sentir a brisa refrescante que sopra do oceano.

Mas em comparação com Heart's Haven, qualquer outra cidade parece um vira-lata. Ao condenar Heart's Rock, os habitantes de Heart's Haven não mencionam o exotismo das únicas lojas da pequena cidade – Sanborn's Armazém Geral e Titus Ferragens e Encanamentos. É mais provável que as pessoas de Heart's Haven mencionem o Drinkwater Lake e os chalés de veraneio em suas praias turvas. Um lago de água doce não muito fresca, mais para o pequeno – em meados de julho, o fundo é anuviado e cheio de algas –, Drinkwater Lake é a única oferta de Heart's Rock aos veranistas. As pessoas que veraneiam no Drinkwater Lake não vêm de muito longe; podem residir em outros pontos de Heart's Rock –

ou até, mais rusticamente, em Kenneth Corners. Os chalés e acampamentos de verão espalhados pela beira do lago são usados também nos fins de semana durante a temporada de caça, no outono. Os chalés e acampamentos possuem nomes reveladores. Echo's End, o fim do eco, e Buck's Last Stand, a última parada dos cervos (este se encontra enfeitado de chifres); há um lugar chamado Endless Weekend, com um cais flutuante; outro se chama Wee Three, sugerindo habitantes de uma graciosidade quase insuportável; e também tem o Sherman's Hole in the Ground, o buraco de Sherman no chão, que é uma descrição acurada.

Em 194-, Drinkwater Lake já estava apinhado, e por volta de 195- se tornaria intoleravelmente movimentado com lanchas e esquis aquáticos – hélices emaranhadas e remos engalanados com as algas verdes e viscosas levantadas do fundo. O lago é cercado por um bosque denso, que não deixa o vento passar; barcos a vela sempre morrem na calmaria da superfície, que é perfeita para chocar mosquitos; ao longo dos anos, o acúmulo de urina de crianças e gasolina daria ao lago um brilho insidioso. Há lagos maravilhosamente remotos no Maine, mas Drinkwater Lake nunca foi um deles. O aturdido canoeiro ocasional à procura de uma região inculta não vai encontrá-la ali. Não se bebe de bom grado a água do Drinkwater Lake, e há muitas piadas maçantes a respeito, todas concebidas em Heart's Haven, onde é antigo o hábito de julgar Heart's Rock por sua única e deplorável massa de água.

Ao ver o Drinkwater Lake pela primeira vez, Homer Wells imaginaria que, se algum dia houvesse um acampamento de verão para os desafortunados órfãos de St. Cloud's, seria no charco que separa Echo's End de Sherman's Hole in the Ground.

* * *

Nem tudo em Heart's Rock era tão feio. Era uma cidadezinha de pessoas assentadas, numa terra relativamente aberta, bem

cultivada; era uma região de vacas leiteiras e árvores frutíferas. Em 194-, o Ocean View Orchards, na Drinkwater Road, que ligava Heart's Rock a Heart's Haven, era bonito e abundante – até mesmo pelos padrões exigentes de Heart's Haven. Embora o Ocean View Orchards ficasse em Heart's Rock, havia no lugar uma aparência de Heart's Haven; a casa da plantação tinha pátios de lajes de pedra, os jardins eram margeados por roseiras – como as casas de Heart's Haven na costa mais elegante –, e o gramado estendia-se da casa principal à piscina e até o pomar de macieiras mais próximo, aparado e cuidado pelos mesmos homens que faziam com que os gramados de Heart's Haven parecessem campos de golfe.

O proprietário do Ocean View Orchards, Wallace Worthington, tinha até um nome típico de Heart's Haven, ou seja, não possuía um nome que parecesse local. Nem podia ser, porque Wallace Worthington era de Nova York; abandonara os investimentos pela plantação de maçãs pouco antes de os investimentos de todo mundo sofrerem um colapso; se não conhecia tudo o que havia para se conhecer a respeito de maçãs – sendo um cavalheiro rural, na alma e na carne (e também nas roupas) –, conhecia quase tudo sobre dinheiro e contratara os capatazes certos para dirigirem Ocean View (homens que *conheciam* maçãs).

Worthington era um membro permanente do conselho do Haven Club; era o único membro cuja posição no conselho jamais era votada – e o único residente de Heart's Rock que pertencia ao Haven Club. Como seu pomar empregava a metade dos habitantes de Heart's Rock, Wallace Worthington possuía a distinção rara de ser apreciado nas duas cidades.

Wallace Worthington lembraria a Wilbur Larch alguém que conhecera na casa dos Channing-Peabody, onde efetuara o seu segundo aborto – o aborto de gente rica, como Larch pensava a respeito. Wallace Worthington impressionaria Homer Wells como sendo o que deveria parecer um *autêntico* Rei da Nova Inglaterra.

Seria preciso viver em Heart's Rock ou Heart's Haven – e estar a par das histórias sociais das duas cidades – para saber que a esposa de Wallace Worthington não era absolutamente uma rainha; é verdade que ela parecia uma rainha e se comportava como tal. Mas os moradores sabiam que Olive Worthington – embora uma nativa de Heart's Haven – viera da parte errada da cidade. A sociedade é tão complexa que até Heart's Haven tinha uma parte errada.

Olive Worthington nascera Alice Bean; para os bem informados, era a filha de Bruce Bean (o colhedor de ostras); era a irmã esperta de Bucky Bean (o cavador de poços) – o que insinuava falsamente que Bucky não era esperto; ele era pelo menos duas vezes mais esperto do que o pai, Bruce. Abrir poços (o negócio do pai da enfermeira Angela, o negócio que proporcionara um nome a Homer Wells) era um trabalho bem remunerado; abrir poços ganha de colher ostras por dólares e quilômetros, como dizem no Maine.

Olive Worthington cresceu vendendo ostras na traseira de uma picape que vazava gelo. Sua mãe, Maud, nunca falava; mantinha um espelho de maquiagem rachado num talho no canto apinhado de um balcão de cozinha – seus cosméticos, que a fascinavam, misturavam-se com mariscos desgarrados. Uma concha de ostra grande era o seu único cinzeiro. Às vezes a pele preta e suja descartada de um pescoço de marisco limpo grudava num vidro de base. Ela morreu de câncer no pulmão quando Olive ainda estava na escola secundária.

Alice Bean tornou-se uma Worthington pelo casamento com Wallace Worthington; tornou-se uma Olive ao alterar seu próprio nome no cartório de Heart's Haven. Preencheu um formulário de mudança de nome, intencional e legal, fácil de fazer, em parte porque era preciso trocar apenas duas letras para transformar uma Alice numa Olive. Eram intermináveis as maneiras como os locais gostavam de brincar com o nome *Olive*, como se estivessem movimentando dentro de suas bocas os desagradáveis caroços desse estranho alimento que é a azeitona; e, pelas costas, ainda

havia muitos que a chamavam de Alice Bean, embora seu irmão Bucky fosse o único que chamasse Olive de Alice frente a frente. Todos os outros a respeitavam o bastante para dizerem Olive, se era isso o que ela queria ouvir; e todos concordavam que ela podia ter casado com um Worthington – e, por conseguinte, com maços e dinheiro –, mas não fizera um grande negócio com Wallace.

Jovial, exuberante e divertido, Wallace Worthington era generoso e gentil. Adorava Olive e tudo nela – os olhos castanhos e os cabelos muito louros, transformando-se suavemente em pérola, seu sotaque *New British* aprendido no colégio (que era muitas vezes imitado no Haven Club). O sucesso de seu irmão Bucky como escavador de poços pagara o sotaque colegial de Olive, sem o qual talvez ela não atraísse a atenção de Wallace Worthington. Podia ser por gratidão que Olive tolerava que Bucky a chamasse de Alice. Até tolerava os seus aparecimentos previsíveis no Ocean View Orchard – as botas sempre enlameadas, com aquele lodo cor de argila do fundo da terra, do tipo que somente os escavadores de poços encontram. Olive fazia um esforço para não se retrair enquanto ele circulava pela casa naquelas botinas, chamando-a de “Alice Baby”; nos dias quentes de verão, ele mergulhava na piscina com todas as roupas, deixando apenas as botas trazidas do fundo da terra fora da água transparente (que ele deixava borbulhando como um remoinho atlântico e cor de argila nas beiras). Bucky Bean podia deixar um círculo definido numa piscina da mesma forma que uma criança suja deixa um círculo numa banheira.

Por tudo aquilo de que Olive Worthington fora poupada, por escapar da Alice Bean que havia em si mesma, havia algo de errado com Wallace Worthington. Apesar de ser um autêntico cavalheiro, de ser maravilhoso a caçar dos republicanos no Haven Club, de ser justo com seus empregados (oferecia-lhes apólices de seguro de saúde, às suas custas, numa época em que a maioria dos trabalhadores rurais vivia abaixo dos padrões mínimos de *tudo*), apesar da exuberância simpática de Wallace Worthington (todos os

veículos da plantação e pessoais em Ocean View Orchard tinham seu monograma numa maçã enorme e vermelha!), apesar de *tudo* o que se admitia em Wallace, ele parecia estar bêbado durante o tempo todo e exibia uma qualidade tão infantil de hiperatividade e inquietação que todos em Heart's Haven e Heart's Rock reconheciam que não devia ser um homem fácil de se conviver.

Ele estava bêbado no Haven Club quando baixou a rede na quadra central (que parecia não conseguir ajustar direito) pelo expediente de cortá-la com a lâmina serrilhada de seu canivete. Estava outra vez bêbado no Haven Club quando o Dr. Darryrimple sofreu seu derrame; Wallace jogou o velho cavalheiro na parte rasa da piscina – “para ressuscitá-lo”, explicou depois. O velho quase se afogou, além de sofrer o derrame. Os furiosos Darryrimple ficaram tão indignados que saíram do clube. E Wallace estava bêbado em seus pomares quando jogou seu Cadillac contra o pulverizador Hardie de 500 galões, encharcando a si mesmo e ao conversível branco com o preparado químico, que o deixou com erupções no colo e branqueou para sempre o estofamento vermelho do carro. Estava bêbado quando insistiu em guiar o trator que rebocava a carroça com metade das colmeias de Ira Titcomb, logo derrubando toda a carga – o mel, as colmeias e milhões de abelhas furiosas – no cruzamento da Drinkwater Road com a Day Lane (e ficou bastante picado e inchado). Também foram picados Everett Taft e sua mulher, Dot, assim como a irmã caçula de Dot, Debra Pettigrew, que no momento do acidente trabalhavam no pomar Day Lane.

Contudo, ninguém duvidava de que Wallace Worthington era fiel a Olive – os cínicos diziam que ele vivia bêbado demais para conseguir ter ereção com qualquer outra e talvez até bêbado demais para ter ereção com a própria Olive. Era evidente que ele dera um jeito de ter ereção com Olive pelo menos uma vez; produzira um filho, que estava completando 20 anos em 194-, tão grande, bonito e charmoso quanto o pai, com os olhos turvos da mãe e não tão louro quanto ela fora no passado (seus cabelos eram mais para um

amarelo-castanho); ele tinha até um pouco do sotaque *New British* de Olive. Wallace Worthington Júnior era atraente demais para ser chamado de Júnior (chamavam-no de Wally). Desde o dia do nascimento de Wally, Wallace Worthington passou a ser chamado de Sênior, até mesmo por Olive e eventualmente por Wally.

E isso é apenas o início para a compreensão das sociedades de Heart's Haven e Heart's Rock. Se ao menos soubesse de tanto, o Dr. Larch poderia ter tentado manter Homer Wells a distância do lugar; poderia adivinhar que a vida de Homer se tornaria muito complicada por lá. O que um órfão sabia sobre intrigas sociais ou se importava com distinções de classe? Para Wilbur Larch, no entanto, Heart's Haven e Heart's Rock eram nomes muito bonitos, melhorados pelo éter.

Se passasse algum tempo por perto de Sênior Worthington, o Dr. Larch poderia ter verificado que o homem era julgado com grande injustiça; claro que ele bebia demais – muitas pessoas que bebem qualquer coisa bebem demais. Mas Sênior não era um bêbado. Apresentava as características clínicas clássicas da doença de Alzheimer, e Wilbur Larch a reconheceria pelo que era – uma síndrome cerebral orgânica progressiva. A demência pré-senil da doença de Alzheimer é caracterizada por deterioração do intelecto, fracasso da memória e uma aparência impressionante de envelhecimento rápido num paciente de meia-idade, sintomas que se agravam inexoravelmente num período de poucos anos e terminam na morte. Inquietação, hiperatividade e julgamento imperfeito são outras características da doença. Por mais argutos que fossem os habitantes de Heart's Haven, porém, não conheciam a diferença entre embriaguez e doença de Alzheimer; e, assim, estavam absolutamente certos de que tinham os Worthington bem definidos.

Também julgaram Olive Worthington erroneamente. Ela fizera jus a seu nome. Podia estar desesperada em deixar o nível de ostra da vida, mas sabia o que era o trabalho; vira quão depressa o gelo na

picape derretia, quão pouco tempo se podia manter as ostras geladas. Conhecia os negócios, conhecia o know-how. Percebeu prontamente que Wallace Worthington era bom com dinheiro e fraco com maçãs; por isso, assumiu as maçãs como causa sua. Descobriu quem eram os capatazes eficientes e ofereceu-lhes aumentos; despediu os outros e contratou uma turma mais jovem e de mais confiança. Fazia tortas de maçã para as famílias dos empregados que a agradavam, e também ensinava a receita às esposas. Instalou um forno de pizza no mercado de maçãs e logo conseguia produzir 48 tortas de uma só vez, aumentando consideravelmente os negócios na época da colheita – antes limitados à sidra e à geleia de maçã. Pagou até demais pelos danos às colmeias de Ira Titcomb, e logo estava vendendo também mel de flor de macieira. Foi à universidade e aprendeu tudo sobre polinização por cruzamento e como plantar um pomar de árvores novas; aprendeu mais sobre transplantes, poda e novos agentes químicos do que os capatazes sabiam, e depois ensinou-lhes tudo.

Olive tinha uma visão da mãe silenciosa, Maud, hipnotizada por sua imagem desvanecente no espelho de maquiagem – totalmente cercada por ostras e mariscos. As pequenas bolas de algodão manchadas de cosméticos (a cor da argila nas botas terríveis de seu irmão Bucky) estavam salpicadas pelas cinzas dos cigarros que derramavam da concha usada como cinzeiro. Essas imagens fortaleceram Olive. Ela conhecia a vida da qual escapara, e no Ocean View Orchard, mais do que valia o seu sustento; tirou a plantação das mãos negligentes de Sênior e passou a dirigi-la com muita inteligência.

À noite, voltando do Haven Club (ela sempre guiava), Olive deixava Sênior apagado no banco de passageiro e punha um bilhete no travesseiro do filho Wally, pedindo-lhe que, ao chegar em casa, não esquecesse de carregar o pai para a cama. Wally sempre o fazia; era um garoto de ouro, não apenas na imagem. Na noite em

que o jovem Wally bebera demais para levar o pai até a cama, Olive Worthington apressou-se em ressaltar seu erro.

– Você pode parecer com seu pai, com a minha permissão, em todas as coisas, menos na embriaguez – disse ela a Wally. – Se parecer com ele nesse ponto, vai perder esta plantação... e cada moeda proporcionada pela produção de cada maçã. Acha que seu pai poderia me impedir de fazer isso com você?

Wally olhou para o pai, a quem deixara dormir durante a noite inteira no banco de passageiro do Cadillac, agora manchado pelos agentes químicos. Ficou evidente para o garoto que Sênior Worthington não podia impedir coisa alguma.

– Não, mamãe – disse Wally, respeitoso, não apenas porque era educado e polido (poderia ensinar tênis e boas maneiras no Haven Club e ensinar muito bem), mas também porque conhecia a mãe.

Olive Worthington não casara apenas pelo dinheiro; ela entrara com o *trabalho*, um arranjo que Wilbur Larch teria respeitado.

O mais triste e lamentável era que Olive também julgava erroneamente o pobre Sênior, que era apenas uma vítima tangencial do alcoolismo e uma vítima quase total da doença de Alzheimer.

Há coisas que as sociedades das cidades conhecem e outras que ignoram. Sênior Worthington sentia-se aturdido com a sua deterioração, que também acreditava ser o resultado dos males da bebida. Quando bebia menos – e mesmo assim não podia lembrar pela manhã o que dissera ou fizera na noite anterior; mesmo assim não constatava qualquer abrandamento do seu processo de envelhecimento extraordinariamente acelerado; mesmo assim ainda pulava de uma atividade para outra, deixando um paletó num lugar, um chapéu em outro, as chaves do carro no paletó perdido –, quando bebia menos e ainda assim se comportava como um idiota, ficava tão confuso e desnorteado que voltava a beber mais. Ao final, seria uma vítima do mal de Alzheimer e também do alcoolismo; um bêbado feliz, com inexplicáveis mudanças de ânimo. Num mundo

melhor e mais bem informado, ele seria bem cuidado e considerado como o paciente quase impecável que era.

Sob esse aspecto, Heart's Haven e Heart's Rock pareciam com St. Cloud's: não havia como salvar Sênior Worthington do que estava errado com ele, assim como não houvera como salvar Fuzzy Stone.

Em 193-, Homer Wells iniciou o estudo da *Anatomia de Gray* – pelo início. Começou com osteologia, o esqueleto. Começou pelos ossos. Em 194-, estava efetuando sua terceira jornada pela *Anatomia de Gray*, partilhando muita coisa com Melony. Ela demonstrava uma concentração irregular, mas confessava seu interesse pela complexidade do sistema nervoso, especialmente pela descrição do décimo segundo nervo, ou hipoglosso, que é o nervo motor da língua.

– O que é um nervo motor? – perguntou Melony, esticando a língua.

Homer tentou explicar, mas sentia-se cansado. Estava efetuando a sexta jornada por *David Copperfield*, a sétima por *Great Expectations* e a quarta por *Jane Eyre*. Na noite anterior chegara a uma parte que sempre fazia Melony se encolher – o que deixava Homer nervoso.

É quase no começo do capítulo 12, quando Jane sensatamente comenta: “É inútil dizer que os seres humanos devem se satisfazer com a tranquilidade: eles precisam de ação; e vão inventá-la, se não puderem encontrá-la.”

– Não se esqueça, Sunshine – interrompeu-o Melony.

– Enquanto eu ficar, você fica. Uma promessa é uma promessa.

Mas Homer Wells estava cansado de Melony deixá-lo ansioso. Repetiu a frase, dessa vez lendo como se estivesse pessoalmente pronunciando uma ameaça:

– “É inútil dizer que os seres humanos devem se satisfazer com a tranquilidade: eles precisam de ação; e vão inventá-la, se não

puderem encontrá-la.”

A Sra. Grogan ficou consternada com o tom sinistro de sua voz.

Homer copiou a frase numa caligrafia quase tão ordenada e comprimida quanto a do Dr. Larch; depois, datilografou-a na máquina de escrever da enfermeira Angela, cometendo apenas uns poucos erros. E quando Wilbur Larch estava “apenas repousando” no dispensário, Homer esgueirou-se até o exausto santo e largou o pedaço de papel com a citação de *Jane Eyre* no peito que subia e descia. O Dr. Larch não se sentiu tão ameaçado pelo texto da citação quanto se sentiu por uma apreensão generalizada: por Homer conhecer a tal ponto o seu hábito de cheirar éter e poder se aproximar de sua cama sem ser percebido. Ou será que estou usando um pouco mais de éter do que costumava?, especulou Larch.

Seria uma mensagem o fato de Homer ter usado o cone de éter para segurar a citação de *Jane Eyre* no peito de Larch?

O Dr. Larch escreveu: “A história é composta pelos erros menores e muitas vezes despercebidos.”

Ele podia estar se referindo a algo tão pequeno quanto o apóstrofo que alguém acrescentara ao St. Clouds original. Seu argumento também é relevante no caso do *heart*, o coração, tanto em Heart’s Haven como em Heart’s Rock, um caso similar no erro à maneira como Melody se transformara pelo resto da vida em Melony. O explorador a quem se creditava a descoberta da bela e segura enseada de Heart’s Haven – um navegante chamado Reginald Hart – também fora o primeiro colono de Heart’s Rock a limpar a terra e tentar ser um fazendeiro. Prevaleceu o analfabetismo geral da época e dos tempos que se seguiram à morte de Reginald Hart; ninguém conhecia a diferença escrita entre um *heart* e o outro. Os primeiros colonos de Heart’s Haven e Heart’s Rock, provavelmente jamais sabendo que Reginald *Hart* tinha o nome de um *cervo* (*hart* em

inglês), deram às suas cidades o nome de um órgão do corpo humano.

“Um órgão muscular de forma cônica”, como Homer Wells podia recitar, de cor, da *Anatomia de Gray*, “... encerrado na cavidade do PERICÁRDIO”. Por volta de 194-, Homer já examinara o coração de três cadáveres que o Dr. Larch adquirira para ele (cada cadáver perdera a sua utilidade para propósitos exploratórios num prazo aproximado de dois anos).

Os cadáveres eram do sexo feminino; de nada serviria ao objetivo do Dr. Larch – no processo de instruir Homer Wells nos procedimentos obstétricos e outros procedimentos de natureza similar – mandar o seu discípulo estudar cadáveres do sexo masculino. Havia sempre dificuldade para se conseguir um corpo (um deles fora entregue em água que deveria ser gelo, outro fora fornecido porque o líquido embalsamador estava muito velho ou muito fraco). Homer lembrava-se nitidamente dos três cadáveres. Só depois do terceiro corpo é que desenvolvera bastante senso de humor para dar um nome ao cadáver; chamou de Clara pela mãe de David Copperfield – aquela mulher pobre e fraca que se deixara e ao pequeno David intimidar pelo terrível Sr. Murdstone.

– Deveria chamá-la de Jane – aconselhou Melony, que alternadamente sentia a maior repulsa por Jane Eyre e se identificava por completo com ela.

– Eu poderia chamá-la de Melony – respondeu Homer.

O problema era que dificilmente se podia apelar para o senso de humor de Melony, que preferia bancar as suas próprias piadas.

O corpo número 2 proporcionou a Homer a prática essencial que o preparou para a sua primeira cesariana; ao efetua-la, sentira os olhos do Dr. Larch tão fixados em suas mãos que elas pareciam não lhe pertencer – moviam-se com tamanha determinação e facilidade que Homer teve certeza de que o Dr. Larch descobrira um meio de fazer aquela incisão perfeita no útero, não maior do que o

necessário, com sua mente (nem havia necessidade de usar as mãos).

A discussão que ocorreu na estação ferroviária à chegada do corpo que Homer chamaria de Clara proporcionou a Homer sua primeira experiência com convulsões eclâmpicas – ou convulsões puerperais, como eram chamadas nos tempos de Wilbur Larch em Boston. No exato momento em que o Dr. Larch discutia com o chefe da estação sobre o formulário de liberação da infeliz Clara, Homer Wells se encontrava em St. Cloud's tentando localizar, com precisão, a veia tireoide inferior no corpo número 2. Embora não o soubesse, ele tinha uma boa desculpa para ficar momentaneamente perdido; o corpo número 2 estava deteriorado pelo manuseio e muitas coisas eram difíceis de localizar em seu interior. Teria consultado seu exemplar da *Anatomia de Gray* em mais um ou dois minutos, mas nesse instante a enfermeira Edna irrompeu na sala – soltando um grito (como sempre fazia ao deparar com Homer mexendo no corpo número 2; era como se o surpreendesse a fazer alguma coisa com Melony).

– Oh, *Homer!*

Ela não foi capaz de acrescentar mais nada; sacudiu os braços, agitada, como uma galinha batendo as asas, antes de conseguir apontar para o dispensário. Homer correu para lá tão depressa quanto podia, encontrando uma mulher caída no chão – os olhos exibiam uma expressão tão desvairada, sem verem coisa alguma, que a princípio ele pensou que fosse o corpo que sabia que o Dr. Larch tentava liberar na estação. Mas, depois, a mulher começou a se mexer, e Homer Wells compreendeu que ela estava prestes a se tornar um cadáver; as convulsões começaram com uma contração no rosto, mas espalharam-se depressa por todos os músculos do corpo. O rosto, que antes estava corado, adquiriu uma tonalidade azul-preta lustrosa; os calcanhares golpeavam o chão com tanta força que os sapatos se desprenderam – e Homer constatou no mesmo instante que os tornozelos estavam muito inchados. As

mandíbulas estavam contraídas; a boca e o queixo estavam molhados por uma baba espumante, misturada com sangue, porque ela mordera a língua – o que era pelo menos preferível a engoli-la. A respiração era difícil; ela expeliu o ar com um silvo e os borrifos atingiram o rosto de Homer com uma violência que ele não sentira desde que se afastara da margem do rio e observara os Winkle serem arrastados.

– Eclâmpsia – murmurou Homer Wells para a enfermeira Edna.

Deriva do grego; o Dr. Larch lhe dissera que a palavra se refere aos clarões intensos que a paciente vê no início das convulsões puerperais. Com qualquer cuidado pré-natal sensato, Homer sabia, e a eclâmpsia era geralmente evitável. Havia uma elevação facilmente constatada na pressão, presença de albumina na urina, inchaço dos pés e mãos, dores de cabeça, vômitos e as manchas e clarões nos olhos. Repouso, dieta, redução da ingestão de líquidos e catarse livre eram os cuidados que quase sempre davam certo; mas se isso não acontecia, a indução do trabalho de parto prematuro em geral evitava as convulsões e na maioria dos casos produzia um bebê vivo.

Mas as pacientes do Dr. Larch não eram mulheres que procuravam ou sequer compreendiam os cuidados pré-natais. Aquela paciente era de última hora – até mesmo pelos padrões do hospital do Dr. Larch.

– O Dr. Larch está na estação – disse Homer à enfermeira Edna, calmamente. – Alguém tem de ir chamá-lo. Você e a enfermeira Angela devem ficar para me ajudar.

Ao levantar a mulher e carregá-la para a sala de parto, Homer sentiu a pele úmida e fria e lembrou-se do corpo número 1 e do corpo número 2 (o último, ele recordou, fora deixado na mesa de exames na sala agora usada para seus estudos anatômicos, perto da cozinha da divisão de meninos). No último século, Homer sabia, um médico teria aplicado naquela paciente uma anestesia de éter e

dilataria a boca do útero para efetuar um parto à força – método que geralmente causava a morte da paciente.

Wilbur Larch aprendera em Boston a fortalecer o músculo cardíaco com doses de digital, o que ajudava a impedir o acúmulo de líquidos nos pulmões. Homer escutou a respiração aquosa da mulher e concluiu que talvez já fosse tarde demais, mesmo que se lembrasse corretamente do procedimento. Ele sabia que era preciso ser cauteloso com a eclâmpsia; se fosse obrigado a promover um parto prematuro, devia deixar que tudo se desenvolvesse da forma mais natural possível. Foi nesse instante que a mulher gemeu; a cabeça e os calcanhares bateram na mesa de operações em unísono, a barriga grávida parecia levitar – e um de seus braços, sem vontade, sem direção determinada, levantou-se abruptamente para atingir o rosto de Homer.

Ele sabia que às vezes uma mulher só tinha uma convulsão puerperal; havia registro de que umas poucas mulheres haviam sobrevivido até a uma centena. O que Homer não sabia, obviamente, era se estava observando a segunda convulsão daquela mulher ou a nonagésima.

Quando a enfermeira Edna voltou à sala de parto, acompanhada pela enfermeira Angela, Homer ordenou que aplicassem morfina na paciente; o próprio Homer injetou um pouco de sulfato de magnésio numa veia, a fim de baixar a pressão, pelo menos temporariamente. No intervalo entre a última e o que Homer sabia que seria a próxima convulsão, ele pediu à enfermeira Edna para providenciar uma amostra de urina da mulher e pediu à enfermeira Angela para examinar a amostra em busca de vestígios de albumina. Perguntou à mulher quantas convulsões já sofrera; mas embora ela estivesse coerente e pudesse até responder a perguntas de forma inteligente, não foi capaz de determinar o número de convulsões. Tipicamente, ela nada lembrava das convulsões propriamente ditas – apenas de seu início e dos efeitos extenuantes posteriores. Ela calculava que

estava a pelo menos um mês da época em que o bebê deveria nascer.

No início da convulsão seguinte, Homer aplicou na mulher uma pequena sedação de éter, esperando poder reduzir a violência do acesso. Esse acesso foi diferente nas características do anterior, embora Homer duvidasse que fosse menos violento; os movimentos da mulher foram mais lentos, porém – se houve alguma diferença – mais vigorosos. Homer estendeu-se sobre o peito da mulher, mas o corpo abruptamente se dobrou – empurrando-o para fora da mesa de operações. No intervalo seguinte, enquanto a mulher ainda estava relaxada sob a sedação do éter, as investigações de Homer indicaram que o colo do útero não estava reduzido, a entrada não se encontrava dilatada; o trabalho de parto não começara. Pensou em desencadeá-lo, rezou para não ser obrigado a tomar essa decisão, especulou por que estavam demorando tanto para encontrar o Dr. Larch.

Um órfão gripado fora designado para procurar Larch na estação ferroviária; voltou com um corrimento grosso de catarro em cada narina e marcado numa face como um vergão de uma correia. Seu nome (escolhido pela enfermeira Angela, é claro) era Curly Day; anunciou, todo encharcado, que o Dr. Larch pegara o trem para Three Mile Falls – a fim de perseguir e capturar o corpo que o chefe da estação (num acesso de perversidade, impelido pela indignação religiosa) despachara para a parada seguinte. O chefe da estação simplesmente se recusara a receber o cadáver. Larch, numa raiva que agora ultrapassava a do chefe da estação, embarcara no trem seguinte para ir buscá-lo.

– Essa não! – exclamou a enfermeira Edna.

Homer deu à paciente a primeira dose de digital; repetiria esse ato periodicamente, até poder constatar os efeitos na pulsação da mulher. Enquanto esperava pela próxima convulsão, perguntou à mulher se resolvera entregar seu filho para adoção ou se viera a St.

Cloud's apenas porque era o hospital mais próximo – em suma, aquele era um bebê que ela muito queria ou um bebê que não queria?

– Está querendo dizer que ele vai morrer? – indagou a mulher.

Homer exibiu um sorriso “Claro que não!”, ao melhor estilo do Dr. Larch, mas estava pensando que era provável que o bebê morresse se não o tirasse logo e era provável que a mãe morresse se apressasse o parto.

A mulher informou que pedira carona para vir a St. Cloud's porque não havia ninguém em sua vida para trazê-la e que não queria ficar com o bebê – mas queria, e muito, que vivesse.

– Certo – disse Homer, como se essa decisão tivesse sido sua.

– Você parece bastante jovem – comentou a mulher. – Não vou morrer, não é?

– Tem razão, não vai morrer – declarou Homer Wells, usando outra vez o sorriso do Dr. Larch, que pelo menos o fazia parecer mais velho.

Mas 12 horas depois, quando o Dr. Larch ainda não voltara e a mulher arqueava o corpo na mesa de operações, sofrendo a sétima convulsão, Homer Wells não pôde lembrar a expressão exata que produzira o sorriso tranquilizador.

Olhou para a enfermeira Angela, que tentava ajudá-lo a conter a mulher, e disse:

– Vou iniciá-la no trabalho de parto. Tenho de romper a bolsa d'água.

– Tenho certeza de que sabe o que é melhor, Homer – respondeu a enfermeira Angela, mas exibindo uma imitação bem precária do sorriso inspirador de confiança do Dr. Larch.

Mais 12 horas e as contrações uterinas da paciente começaram; Homer Wells nunca se lembraria do número exato de convulsões que a mulher teve nesse período. Começava a se preocupar mais com o Dr. Larch do que com a mulher, teve de reprimir o medo de

alguma coisa grave ter acontecido com o Dr. Larch para se concentrar no trabalho.

Dez horas depois do início das contrações, a mulher deu à luz um menino – dois quilos e duzentos gramas, em boas condições. A melhora da mãe foi rápida – como Homer esperava. Não houve mais convulsões, a pressão voltou ao normal, os vestígios de albumina na urina eram mínimos.

Ao final da tarde do dia seguinte à manhã em que fora à estação buscar o corpo que o chefe da estação não guardaria nem entregaria, Wilbur Larch – acompanhado pelo cadáver resgatado que em breve receberia o nome de Clara – retornou cansado e triunfante a St. Cloud's. Seguiu o corpo até Three Mile Falls, mas o chefe da estação ali experimentara tanto horror que não permitira que o cadáver deixasse o trem; o corpo seguiu adiante e Larch fora atrás, chegando à estação seguinte e à outra sempre um trem atrasado. Ninguém queria Clara, a não ser para enterrá-la, o que se considerava não ser responsabilidade de um chefe de estação – que certamente não aceitaria em sua estação um corpo que ninguém viria reclamar. Clara era obviamente um corpo que não estava destinado ao sepultamento. O ruído fantasmagórico do esparrinhar do líquido de embalsamar, a pele dura, as cores externas das artérias e veias ocasionalmente expostas...

– O que quer que seja, não quero aqui – declarou o chefe da estação de Three Mile Falls.

Assim, Clara seguiu de Three Mile Falls para Misery Gore, Moxie Gore, East Moxie – e continuou de uma estação para outra. Larch teve uma briga tremenda com o chefe da estação de Harmony, no Maine, onde Clara parara por alguns minutos – dando ao pessoal da ferrovia o maior susto de suas vidas – antes de ser despachada para a estação seguinte.

– Aquele corpo era *meu!* – berrou Larch. – Tinha o *meu* nome nele! Está destinado à instrução de um estudante de medicina que

está aprendendo *comigo*, em *meu* hospital em St. Cloud's! É *meu*! Por que o estão enviando na direção errada? Por que o estão mandando para longe de mim?

– Não veio parar aqui? – protestou o chefe da estação. – Ao que me parece, não foi desembarcado em St. Cloud's. – O chefe da estação de St. Cloud's é doido! – exclamou Larch, dando um pulinho que o fez parecer também um pouco doido.

– Talvez sim, talvez não – disse o chefe da estação de Harmony. – Tudo o que sei é que o corpo veio parar aqui e o despachei adiante.

– Pelo amor de Deus, não tem nada de mal-assombrado! – gritou Larch, com um gemido.

– Eu não disse que tinha. Talvez sim, talvez não... mas não ficou aqui por tempo suficiente para se descobrir.

– Idiotas!

Larch embarcou no trem e seguiu adiante. Em Cornville (onde o trem não parou), Wilbur Larch gritou pela janela, de passagem, para uma dupla de plantadores de batatas que acenavam para o trem:

– O Maine está cheio de *imbecis*!

Em Skowhegan, perguntou ao chefe da estação para onde achava que o maldito corpo estava indo.

– Acho que para Bath. – Foi a resposta. – Veio de lá, e se ninguém o quer no outro lado, é para lá que vai voltar.

– Alguém o *quer* no outro lado! – berrou Wilbur Larch. – *Eu* quero!

O corpo fora enviado para o hospital em St. Cloud's do hospital em Bath; uma mulher que era uma doadora de corpo voluntária morrera, e o patologista do Hospital Memorial de Bath sabia que Wilbur Larch estava à procura de um corpo de mulher fresco.

O Dr. Larch alcançou Clara em Augusta; Augusta era uma cidade bastante sofisticada para o Maine, e o chefe da estação compreendeu que o corpo estava seguindo na direção errada.

– Claro que está indo na direção errada! – berrou Wilbur Larch.

– A coisa mais estranha que já vi – comentou o chefe da estação.

– Será que não falam inglês naquelas bandas?

– Eles não *ouvem* inglês! – gritou Larch. – Eu gostaria de mandar um cadáver para cada uma daquelas cidadezinhas miseráveis... um por dia!

– Isso certamente deixaria uma porção de gente irritada – disse o chefe da estação secamente, especulando até que ponto o próprio Dr. Larch ficaria irritado.

Na longa viagem de volta a St. Cloud's, levando Clara, o Dr. Larch não se acalmou. Em cada uma das cidades que o haviam ofendido – em Harmony, especialmente, mas também em East Moxie e em Moxie Gore, assim como em todas as outras –, ele ofereceu suas opiniões aos respectivos chefes de estação, enquanto o trem ali parava.

– Idiotaville – disse ele ao chefe da estação em Harmony. – Digame uma coisa que seja *harmoniosa* aqui... *uma* só!

– Era bastante harmoniosa antes de você e seu maldito corpo chegarem aqui – protestou o chefe da estação.

– Idiotaville! – berrou Larch pela janela, enquanto o trem deixava a estação. – Imbecilburg!

Para seu grande desapontamento, o chefe da estação de St. Cloud's não estava presente quando o trem lá chegou. – Está no almoço – disse alguém ao Dr. Larch, embora fosse o fim da tarde.

– Não está se referindo ao jantar? – Uma pausa e o Dr. Larch acrescentou, furioso: – Mas talvez o chefe da estação não conheça a diferença.

Contratou a ajuda de dois palermas para levar o corpo até a divisão de meninos, no alto da colina.

Ao chegar ao orfanato, ficou surpreso com a desordem em que Homer Wells deixara o corpo número 2. No excitação da emergência, Homer esquecera de guardar o corpo número 2. Larch

ordenou que os dois patetas levassem o corpo de Clara para dentro – sem prepará-los para o cadáver tão manuseado exposto sobre a mesa. Um dos palermas esbarrou numa parede. Gritos terríveis, pulos de pavor! Larch saiu berrando pelo orfanato, à procura de Homer.

– Aqui estou eu, correndo atrás de um corpo novo para você... pela metade do maldito estado do Maine... e você deixa uma confusão assim, exposta, onde qualquer idiota pode ver! *Homer!*

O Dr. Larch continuou a busca, murmurando para si mesmo:

– Mas que diabo! Não há qualquer possibilidade de um adolescente se tornar adulto antes de chegar seu momento... não se pode esperar de jeito nenhum que um adolescente aceite responsabilidades adultas, realize um trabalho de adulto!

Continuou a murmurar e praguejar por toda a divisão de meninos, à procura de Homer Wells. Só que Homer arriara na cama branca de ferro do Dr. Larch no dispensário e mergulhara no sono mais profundo. A aura de éter que cercava a cama de reserva sob a janela do leste poderia ter aprofundado a sonolência de Homer, mas ele não precisava de éter para dormir; passara quase quarenta horas acordado com a paciente de eclâmpsia – salvando-a e a seu filho.

A enfermeira Angela interrompeu o Dr. Larch antes que ele pudesse encontrar Homer Wells e despertá-lo.

– O que está acontecendo por aqui? – indagou Larch. – Ninguém está interessado no inferno por onde andei? E por que aquele garoto deixou seu cadáver parecendo uma baixa de guerra? Passo uma noite fora e vejam só a confusão em que isso fica!

Mas a enfermeira Angela tratou de pôr as coisas em pratos limpos. Declarou que fora o pior caso de convulsões puerperais que já vira, e olha que já testemunhara muitos... em seu tempo. Wilbur Larch também testemunhara muitos. Em seus dias em Boston, perdera uma porção de mulheres para a eclâmpsia; até em 194-

cerca de um quarto das mortes no parto era creditada a essas convulsões.

– Homer fez isso? – perguntou Larch à enfermeira Angela e à enfermeira Edna.

Ele estava lendo o relatório; examinara a mãe, que estava bem, e o bebê prematuro, que era normal e saudável.

– Ele se manteve quase tão calmo quanto você, Wilbur – comentou a enfermeira Edna, em tom de admiração. – Pode sentir um grande orgulho dele.

– Ele é um anjo, na minha opinião – acrescentou a enfermeira Angela.

– Parecia um pouco assustado quando teve de romper a bolsa d'água – lembrou a enfermeira Edna –, mas fez tudo certo.

– Ele estava tão seguro quanto a neve – arrematou a enfermeira Angela.

Ele fez quase tudo certo, Wilbur Larch estava pensando; era de fato espantoso. Larch achava que era um erro menor o fato de Homer não ter registrado o número exato de convulsões no segundo período de 12 horas (especialmente depois de tê-las contado de forma correta nas primeiras 12 horas) e não ter mencionado o número ou a intensidade das convulsões (se é que *houvera* alguma) no período de 10 horas depois de começarem as contrações de parto da paciente e até o nascimento do bebê. Uma crítica sem importância. Wilbur Larch era um bom mestre; sabia que era melhor se abster de formular tal crítica. Homer Wells realizara corretamente todas as partes difíceis; seu procedimento fora perfeito.

– Ele ainda não tem 20 anos... não é mesmo? – perguntou Larch.

Mas a enfermeira Edna já fora se deitar, exausta; em seus sonhos, misturaria o heroísmo de Homer com seu amor já considerável por Larch; dormiria muito bem. A enfermeira Angela ainda estava acordada, em seu gabinete; quando o Dr. Larch lhe perguntou por que o bebê prematuro ainda não ganhara um nome,

ela respondeu que era a vez da enfermeira Edna, que estava cansada demais.

– É apenas uma formalidade – declarou Wilbur Larch. – *Você* escolhe... quero que o bebê tenha um nome. Não vai matá-la se mudar a vez, não é?

Mas a enfermeira Angela tinha uma ideia melhor. Era o bebê de Homer – ele o salvara e à mãe. – Homer Wells deveria escolher o nome – sugeriu a enfermeira Angela.

– Tem razão, deve mesmo – concordou o Dr. Larch, estufando o peito de orgulho por sua maravilhosa criação.

Homer Wells acordaria para um dia de escolha de nomes. No mesmo dia seria confrontado com a necessidade de dar um nome ao corpo número 3 e ao seu primeiro órfão. Daria ao novo corpo o nome de Clara, e de que outra forma poderia chamar o bebê que não David Copperfield? Estava lendo *Great Expectations* na ocasião e preferia *Great Expectations* a *David Copperfield* como livro. Mas não daria a ninguém o nome de Pip, e além do mais não gostava do personagem tanto quanto gostava do pequeno David. Era uma decisão fácil, e ele acordou naquela manhã bastante revigorado, capaz de decisões mais exigentes.

Homer dormira quase a noite inteira. Só despertara uma vez na cama no dispensário, consciente de que o Dr. Larch estava de volta; Larch se encontrava na sala, provavelmente observando-o, mas Homer mantivera os olhos fechados. Sabia que Larch estava ali por causa da doce fragrância de éter, que ele usava como se fosse uma colônia, e por causa da constância de sua respiração. Depois, sentira a mão de Larch – a mão de um médico, procurando por febre – pousar de leve em sua testa. Homer Wells, que ainda não tinha 20 anos – profundo conhecedor dos procedimentos obstétricos e tão instruído quanto quase todos os médicos nos cuidados dos “órgãos femininos da geração” –, ficara imóvel, fingindo dormir.

O Dr. Larch inclinara-se e o beijara, de leve, nos lábios. Homer ouvira Larch sussurrar:

– Bom trabalho, Homer. – Sentira um segundo beijo, ainda mais leve, depois o bom doutor acrescentara, antes de se retirar:

– Bom trabalho, meu garoto.

Homer Wells sentira as lágrimas afluírem, silenciosas; houvera mais lágrimas do que ele se lembrava de ter derramado na última vez em que chorara – quando Fuzzy Stone morrera e Homer mentira a seu respeito para Snowy Meadows e os outros. Ele chorara e chorara, mas não deixara escapar qualquer som; teria de trocar a fronha do Dr. Larch pela manhã, de tanto que chorara. E chorara porque recebera os seus primeiros beijos paternais.

Claro que Melony já o beijara; quase não o beijava mais, mas já o fizera. Claro que a enfermeira Edna e a enfermeira Angela já o haviam beijado, mas também beijavam todo mundo. O Dr. Larch nunca o beijara antes, e agora o fizera duas vezes.

Homer Wells chorara porque jamais soubera como os beijos de um pai podiam ser maravilhosos; chorara porque duvidava que Wilbur Larch tornasse a beijá-lo – ou que o teria beijado se soubesse que ele estava acordado.

O Dr. Larch continuava admirado com a boa saúde da paciente de eclâmpsia e com seu filho tão pequeno, mas florescente – e que pela manhã se tornaria o órfão David Copperfield (“David Copperfield *Júnior*”, o Dr. Larch sempre haveria de dizer). Larch foi para a máquina de escrever tão familiar na sala da enfermeira Angela, mas não foi capaz de escrever coisa alguma. Não pôde sequer pensar, de tão agitado que se encontrava por ter beijado Homer Wells. Se Homer Wells recebera seus primeiros beijos paternais, o Dr. Larch dera os seus primeiros beijos – paternais ou de qualquer outro tipo – desde o dia na pensão em Portland em que contraíra gonorreia da Sra. Eames. E os beijos que dera na Sra. Eames haviam sido mais na natureza de explorações do que dádivas

de amor. Oh, Deus, pensou Wilbur Larch, o que vai acontecer comigo quando Homer tiver de ir embora? Para onde ele iria não era um lugar de comparável excitação, comparável desafio, comparável tristeza ou comparável depressão; mas para onde ele iria era agradável, e o que Homer Wells faria, com seus antecedentes, diante do *agradável*? Não se deixaria seduzir? Qualquer pessoa não prefere sempre o *agradável*?

O que Heart's Haven ou Heart's Rock conheciam de dificuldades, o que qualquer um por lá conhecia de ser útil?

Era verdade que Olive Worthington sofria as intromissões de seu irmão Bucky – do lado da escavação de poços em sua piscina, das marcas de pés em seus tapetes. Grande coisa. Era verdade que Olive se preocupava com a capacidade de iniciativa do jovem Wally, se ele realmente aprenderia e contribuiria para o negócio de cultivo de maçãs – ou o garoto, tão bonito, se tornaria, como Sênior, apenas alguém que gostava de se divertir, virando patético? Mas o que representavam tais preocupações em comparação com os problemas de St. Cloud's? Em comparação com a obra de Deus e a obra do Demônio, tais preocupações não eram triviais? A vida nos lugares *agradáveis* não era superficial?

Mas o infortúnio também pode chegar a lugares agradáveis; o infortúnio viaja, o infortúnio visita. O infortúnio até tira férias de lugares em que viceja, de lugares como St. Cloud's. O infortúnio que visitou Heart's Haven e Heart's Rock era uma forma de infortúnio bastante trivial e comum; começou, como quase sempre acontece, com uma paixão.

"Aqui em St. Cloud's", escreveu Wilbur Larch, "não creio que alguém se apaixone; seria um luxo evidente demais se apaixonar por aqui." Larch não sabia que a enfermeira Edna estava apaixonada por ele desde o primeiro dia, mas estava correto ao supor que não fora exatamente amor o que acontecera entre Melony e Homer Wells. E o que persistia nos dois depois de passado o primeiro fogo da paixão

não era certamente amor. E aquela fotografia da filha da Sra. Eames com o pênis do pônei na boca: aquela imagem era a mais antiga residente de St. Cloud's – e é claro que não havia qualquer amor nisso. Aquela imagem estava tão longe do amor quanto Heart's Haven e Heart's Rock se encontravam de St. Cloud's.

“Em outras partes do mundo”, escreveu Wilbur Larch, “imagino que as pessoas se apaixonam durante o tempo todo.”

Se não durante o tempo todo, pelo menos em grande parte. O jovem Wally Worthington, por exemplo, pensou ter se apaixonado duas vezes, antes de completar 20 anos, e outra quando tinha 21 anos; agora, em 194- (era apenas três anos mais velho do que Homer Wells), Wally apaixonou-se totalmente pela quarta vez. Não sabia que dessa vez seria pra valer.

A jovem que o coração de Wally escolheria pelo resto da vida era a filha de um lagosteiro; não era um lagosteiro comum e não foi surpresa para ninguém que tivesse uma filha extraordinária. Raymond Kendall era tão bom na pesca das lagostas que outros lagosteiros, através de binóculos, observavam-no em ação, lançando e retirando seus cômãs. Quando ele mudava seus cabos de atracação, os outros também mudavam. Quando ele não saía para o mar, mas ficava em casa ou no cais, consertando seus cômãs, os outros também ficavam e consertavam os seus. Mas não podiam se igualar a ele; Raymond Kendall tinha tantos cômãs na água que suas boias personalizadas, pretas e cor de laranja, proporcionavam à enseada de Heart's Haven o estímulo da competição colegiada. Houve uma ocasião em que um contingente de homens de Yale do Haven Club suplicou a Raymond Kendall que trocasse suas cores para azul e branco, mas ele se limitou a murmurar que não tinha tempo para jogos. Outros contingentes do Haven Club também lhe suplicariam; o assunto raramente era a cor de suas boias de lagosta.

O Haven Club ficava de frente para o quebra-mar distante da enseada de Heart's Haven em que há muito estavam instalados o

pesqueiro e o cais de Raymond Kendall. Ele morava por cima do curral de lagostas, o que poderia levar um homem mais superficial a atender aos pedidos do Haven Club para embelezar seu ambiente imediato. Seu estabelecimento era considerado, pelos padrões dos veranistas, uma afronta aos olhos numa enseada que no resto era de uma absoluta beleza natural e/ou dispendiosamente artificial. Até a janela do quarto de Kendall exibia boias penduradas, em diversos estágios de repintura. Os côvãos de lagostas que sofriam reparos se encontravam empilhados tão alto no cais que era impossível, da praia, verificar se havia barcos atracados no outro lado. O estacionamento para o curral de lagostas estava sempre quase cheio – e não de carros de fregueses (nunca havia espaço suficiente para os fregueses); vivia ocupado pelos caminhões e carros em que Raymond Kendall estava “trabalhando”, pelos motores de centro, enormes e cheios de óleo, dos seus barcos de pesca.

Tudo o que cercava a propriedade de Raymond Kendall, à beira da enseada, estava apinhado por uma confusão de total recondicionamento mecânico; tudo estava em andamento, incompleto, desmontado, ainda molhado, esperando por peças – e, quanto ao barulho, havia os rangidos constantes do gerador que acionava os tanques de água das lagostas no curral e os arrancos de um motor de centro funcionando em ponto morto no píer. E ainda havia o cheiro: de corda alcatroada, de peixe um pouco diferente característico da lagosta, de combustível e óleo de motor que impregnavam o mar perto do cais (em que algas marinhas aderiam, coberto por moluscos, engalanado por capas amarelas penduradas para secar). Raymond Kendall *vivia* o seu trabalho; gostava de seu trabalho à mostra ao redor; o píer na extremidade da enseada de Heart’s Haven era o seu estúdio de artista.

Ele não era apenas um artista com as lagostas, mas também um perito em consertar coisas – em manter em funcionamento tudo o que os outros jogavam fora. Se indagado, Raymond Kendall não diria

que era um lagosteiro; não que se sentisse envergonhado por isso, mas porque tinha mais orgulho de suas qualidades como mecânico.

– Sou apenas um funileiro – gostava de dizer.

E se o Haven Club se queixava da constante evidência de seu trabalho de funileiro, que na opinião dos sócios maculava a vista esplêndida, também não protestava com muita veemência; afinal, Raymond Kendall também consertava o que lhes pertencia. Por exemplo, ele reparou o sistema de filtros da piscina do clube – numa época em que ninguém mais tinha piscina, quando ninguém queria se arriscar a consertar e o próprio Ray Kendall jamais vira antes um sistema de filtros.

– Acho que faz simplesmente o que se espera que faça – comentou ele, levando 10 minutos para concluir o trabalho.

Corria o rumor de que Ray Kendall só jogava fora a comida que não era aproveitada, lançando-a pela amurada ou da extremidade do píer.

– Estou apenas alimentando as lagostas que me alimentam – dizia ele a qualquer um que reclamasse. – Estou apenas alimentando as gaivotas, que estão com mais fome do que você ou eu.

Corria o rumor de que ele tinha mais dinheiro do que Worthington Sênior; não havia quase indício de que ele gastasse algum – a não ser com a filha. Como os filhos dos sócios do Haven Club, ela foi para uma escola interna particular, e Raymond Kendall pagava as anuidades consideráveis por um título de sócio do Haven Club – não para si mesmo (só ia ao clube a pedido: para consertar coisas), mas para a filha, que aprendera a nadar na piscina aquecida do clube e tomara lições de tênis nas mesmas quadras adornadas pelo jovem Wally Worthington. A filha de Kendall tinha também o seu próprio carro – que parecia deslocado no estacionamento do Haven Club. Era o tipo de carro que se podia encontrar no estacionamento do curral das lagostas, uma mixórdia de peças ainda aproveitáveis de outros carros; um dos para-lamas não estava

pintado e era preso por arames; tinha uma insígnia de Ford no capô e um emblema de Chrysler na mala; a porta do lado dos passageiros estava completamente vedada, não abria nunca. Contudo, a bateria nunca pifava no estacionamento do Haven Club; nunca era *aquela relíquia* que se recusava a pegar; quando um sócio do Haven Club tinha um carro que não queria pegar, saía à procura da filha de Raymond Kendall, que tinha sempre ferramentas em seu resistente destroço e aprendera com o pai a usá-las.

Uma parte do dinheiro fabuloso que Raymond Kendall possuía e guardava, segundo os rumores, era pago como salário por Olive Worthington; além de pescar lagostas, Ray Kendall mantinha em funcionamento os veículos e máquinas do Ocean View Orchard. Olive Worthington lhe pagava um salário inteiro de capataz porque ele sabia quase tanto sobre maçãs quanto sabia sobre lagostas (e era indispensável como mecânico da plantação), mas Ray recusava-se a trabalhar mais que duas horas por dia. E ainda por cima escolhia as duas horas – às vezes aparecia pela manhã, alegando que não era um momento propício para sair ao mar, em outras só ia ao final do dia de trabalho, a tempo de ouvir as queixas dos empregados sobre o que estava errado com o esguicho da Hardie, a bomba do *sprayer* Bean, o que estava entupindo o carburador do trator Deere, o que não acertava no International Harvester. Ele percebia prontamente o que estava torto nas lâminas da ceifadeira, emperrado na empilhadeira, preso na correia transportadora, pifado na picape ou fora de alinhamento na moenda de sidra. Raymond Kendall fazia em duas horas o que outro mecânico levaria um dia inteiro para realizar e sem ser um trabalho dos melhores; e quase nunca procurava Olive para dizer que ela tinha de arrumar um novo isso ou um novo aquilo.

Era sempre Olive quem fazia a primeira sugestão: que alguma coisa devia ser substituída.

– A embreagem do Deere não está sempre precisando de um ajustamento, Ray? – perguntava ela, polidamente. – Recomendaria a

sua substituição?

Mas Raymond Kendall era um cirurgião entre os funileiros – possuía a vigorosa resistência à morte de um médico – e sempre achava que substituir alguma coisa era uma confissão de fraqueza, de fracasso. E quase que invariavelmente respondia:

– Ora, Olive... se já dei um jeito antes, posso dar de novo. E sempre posso continuar a dar um jeito.

Olive respeitava o desdém de Raymond Kendall pelas pessoas que não conheciam seu próprio trabalho e não tinham “nenhuma capacidade para qualquer tipo de trabalho”. Ela concordava plenamente e também apreciava o fato de ele jamais incluir em seu desdém o pai dela ou Sênior. Afinal, Worthington Sênior sabia cuidar tão bem de dinheiro com a mão esquerda que fora muito bem-sucedido sem trabalhar mais que uma hora por dia – geralmente pelo telefone.

– A colheita pode sobreviver ao mau tempo mesmo na época da floração – dizia Olive, a respeito de suas amadas maçãs.

Com isso ela estava se referindo ao vento; uma brisa firme soprando do mar mantinha as abelhas de Ira Titcomb em suas colmeias e empurrava as abelhas silvestres de volta aos bosques, onde polinizavam tudo, menos as macieiras.

– A cultura pode sobreviver a uma má colheita – dizia Olive.

Ela podia estar se referindo à chuva, quando a fruta se torna escorregadia, cai, fica machucada, só é boa então para sidra; ou mesmo a um furacão, que é um perigo real para um pomar litorâneo.

– A plantação pode até sobreviver a alguma coisa *me* acontecendo – alegava Olive.

Diante de tal modéstia, tanto Worthington Sênior como o jovem Wally manifestava o seu protesto.

– Mas o pomar nunca poderia sobreviver à perda de Ray Kendall – garantia Olive.

O que ela estava querendo dizer era que sem Raymond nada funcionaria ou que teriam de comprar *tudo* novo, que em breve não estaria funcionando melhor do que os equipamentos antigos, que somente Ray conseguia manter em funcionamento.

– Duvido muito, mãe – acrescentou o jovem Wally –, que Heart’s Haven ou Heart’s Rock pudesse sobreviver sem Raymond Kendall.

– Bebo a isso – declarou Worthington Sênior, cumprindo prontamente a ameaça, fazendo Olive parecer trágica e inspirando o jovem Wally a mudar de assunto.

Apesar de Ray Kendall trabalhar duas horas por dia no Ocean View, ninguém jamais o via comer uma maçã; apenas raramente ele comia lagosta (preferia galinha, costeleta de porco ou até mesmo hambúrguer). Durante uma regata do Haven Club, vários navegantes afirmaram que podiam sentir o cheiro de Ray Kendall fritando hambúrgueres em seu barco, enquanto recolhia os cômãos.

Mas qualquer que fosse o mito da ética profissional que Ray representava, qualquer que fosse o ressentimento contra as evidências do trabalho com que Raymond Kendall gostava de se cercar, nenhuma culpa se podia atribuir à sua linda filha – a não ser o defeito do nome, que não era culpa sua (quem haveria de escolher para si mesma um nome como Candice, tornando-se uma Candy para todos?); todos sabiam que fora o nome de sua falecida mãe e, portanto, não era também culpa dela. Candice “Candy” Kendall assim fora chamada em homenagem à mãe, que morrera no parto. Raymond batizara a filha em memória da esposa falecida, de quem todos gostavam e que durante a vida mantivera o ambiente em torno do curral e do cais um pouco mais arrumado. Quem poderia encontrar defeito num nome que fora dado por amor?

Bastava conhecê-la para saber que não era uma Candy, um bombom; era adorável, mas nunca falsamente doce; era uma beldade sensacional e natural, mas não de querer agradar a todos. Possuía uma aura de confiabilidade, era ao mesmo tempo afável e

prática – era cortês, vigorosa e objetiva numa discussão, sem se tornar estridente. Queixava-se apenas de seu nome e sempre se mostrava bem-humorada a respeito (jamais magoaria os sentimentos do pai – ou de qualquer outra pessoa – de bom grado). Parecia combinar o fervor do pai pela ética profissional com a educação e os refinamentos que ele lhe proporcionara – assumia tanto o trabalho quanto a sofisticação com a maior tranquilidade. Se outras garotas no Haven Club (ou no restante de Heart’s Haven e Heart’s Rock) tinham inveja das atenções que o jovem Wally Worthington lhe dispensava, mesmo assim não havia nenhuma que a detestasse. Se tivesse nascido órfã, mesmo em St. Cloud’s metade da população de lá teria se apaixonado por ela.

Até mesmo Olive Worthington gostava dela, e olha que Olive sempre desconfiava das garotas que saíam com Wally; questionava o que desejavam de seu filho. Ela não podia esquecer o quanto quisera escapar de sua vida e ingressar na existência verdejante e brilhante como as maçãs de uma Worthington em Ocean View. Essa lembrança de seu eu mais jovem proporcionava a Olive uma percepção das garotas que podiam estar mais interessadas na vida em Ocean View do que no próprio Wally. Olive sabia que esse não era o caso de Candy, que parecia pensar que sua vida por cima do curral de lagostas vivas de Ray Kendall era perfeita; ela apreciava tanto a simplicidade do pai quanto se orgulhava, com toda a razão, de sua diligência. Era bem amparada pela segunda. Não estava à procura de dinheiro e preferia levar Wally para um mergulho no mar – partindo do píer apinhado e traiçoeiro do pai – a nadar na piscina do Haven Club ou na piscina particular dos Worthington, onde sabia que seria bem recebida. Na verdade, Olive Worthington achava que Candy podia ser muito boa para seu filho, que sabia ser um tanto instável ou pelo menos *não* diligente – embora reconhecesse que ele era charmoso e incontestavelmente de boa índole.

E havia ainda a angústia indefinida que Candy causava em Olive pela lembrança de sua mãe, Maud (paralisada entre seus cosméticos

e ostras); Olive invejava o perfeito amor de Candy por sua própria mãe (a quem ela jamais conhecera); a absoluta graça da moça fazia Olive sentir-se culpada pelo tanto que desprezava as suas próprias origens (o silêncio da mãe, o fracasso do pai, a vulgaridade do irmão).

Candy idolatrava os pequenos santuários à sua mãe que Raymond Kendall fizera – havia autênticos retábulos em todos os cômodos por cima do viveiro das lagostas. Por toda parte havia fotografias da jovem mãe de Candy, muitas tiradas com o jovem pai de Candy (que era tão irreconhecivelmente jovem nas fotografias, com um sorriso tão irreconhecivelmente constante que às vezes Candy olhava para Ray como se ele fosse estranho, tanto quanto a mãe o era).

Dizia-se que a mãe de Candy aparara as beiradas mais rudes de Ray. Ela possuía um espírito radiante, sempre se interessara por tudo, tivera a energia ilimitada que Raymond Kendall demonstrava em seu trabalho e de que Candy dispunha em abundância para tudo. Na mesa da cozinha, ao lado de uma bússola e de um sistema de ignição desmontado (para o Evinrude), havia um tríptico com fotografias de Ray e Candice no casamento, a única ocasião em que Ray Kendall comparecera a um evento no Haven Club sem estar vestido para consertar alguma coisa.

No quarto de Ray, na mesinha de cabeceira, ao lado do interruptor de balancim quebrado da Johnson (o motor central da Johnson; havia também um motor de popa), havia uma fotografia de Candice e Ray – ambos em capas impermeáveis, ambos recolhendo cômãos num mar turbulento (e era evidente para qualquer um, especialmente para Candy, que Candice estava grávida e mesmo assim trabalhando duro).

Em seu próprio quarto, Candy tinha uma fotografia da mãe quando era de sua idade (que era, exatamente, a idade de Homer Wells): a jovem Candice Talbot, dos Talbot de Heart's Haven – os

veteranos Talbot do Haven Club. Ela estava num vestido branco comprido (para jogar tênis, quem diria!) e parecia igualzinha a Candy. A fotografia fora tirada no verão em que ela conhecera Ray (um rapaz mais velho, forte e moreno, determinado a consertar tudo, a fazer com que tudo funcionasse); se ele parecia um matuto ou um pouco sério demais, pelo menos não era soturno em suas ambições; e, em comparação, os rapazes do Haven Club pareciam dândis da corte, janotas mimados da classe superior.

Candy possuía a lourice da mãe; era um pouco mais escura do que a lourice de Wally – e muito mais escura que a antiga lourice de sua mãe e de Olive Worthington. Tinha a pele morena e os olhos castanho-escuros do pai, de quem também herdara a altura. Ray Kendall era um homem alto (uma desvantagem para um lagosteiro e um mecânico, costumava ele dizer, jovialmente, por causa da pressão na parte inferior das costas ao puxar os cômãos – há um levantamento quase constante nessa atividade – e por causa da necessidade do mecânico de rastejar por baixo e se inclinar sobre as coisas). Candy era extremamente alta para uma mulher, o que intimidava Olive Worthington – apenas um pouco –, mas ela achava que isso era apenas um defeito insignificante na satisfação quase absoluta com que encarava Candy Kendall como o par correto para Wally.

Olive Worthington também era bastante alta (mais alta do que Sênior, especialmente quando ele estava cambaleando) e reagia de uma forma um tanto hostil a todas as pessoas que eram mais altas do que ela. O filho Wally também era mais alto do que ela, o que às vezes constituía um problema para Olive – principalmente quando desejava repreendê-lo.

– Candy é mais alta do que você, Wally? – perguntou-lhe ela um dia, com um súbito alarme na voz.

– Não, mamãe. Somos exatamente da mesma altura. – Era outra coisa que a incomodava um pouco na união dos dois: eram muito

parecidos fisicamente. A atração mútua seria uma forma de narcisismo?, especulava Olive. E como ambos eram crianças, estariam vendo um no outro o irmão ou a irmã que sempre haviam desejado? Wilbur Larch teria se dado bem com Olive Worthington; era um preocupado nato. Juntos, poderiam ter se preocupado pelo resto do mundo.

Partilhavam o conceito de que havia mesmo um “resto do mundo”, pelo que se referiam a *todo* o resto do mundo – o mundo além de sua criação. Ambos eram bastante inteligentes para saberem por que temiam tanto esse outro mundo: compreendiam perfeitamente que, apesar de seus ingentes esforços, estavam apenas marginalmente no controle dos mundos de sua própria e frágil criação.

Quando Candy Kendall e Wally Worthington se apaixonaram um pelo outro, no verão de 194-, todos em Heart’s Haven e Heart’s Rock já sabiam que isso aconteceria era de admirar apenas que eles próprios levassem tanto tempo para descobri-lo. Há anos que as duas cidades achavam que eles formavam um par perfeito. Até o rude Raymond Kendall aprovava. Ray achava que Wally era disperso, mas isso não era a mesma coisa que ser preguiçoso, e qualquer um podia perceber que o garoto tinha bom coração. Ray também aprovava a mãe de Wally; tinha a maior estima pela maneira como Olive Worthington respeitava o trabalho.

Todos lamentavam como o pobre Sênior parecia por fora de tudo, como a bebida (era o que todos pensavam) o envelhecera da noite para o dia.

– Não vai demorar muito tempo, Alice, para que o sujeito esteja mijando na calça em público – comentou o desgracioso Bucky Bean para Olive.

E Candy achava que Olive Worthington seria uma sogra perfeita. Quando sonhava com a própria mãe – mais velha do que lhe fora permitido se tornar nesta vida; obviamente mais velha num mundo

melhor –, Candy sempre pensava que ela teria envelhecido para se tornar parecida com Olive Worthington. Candy esperava, no mínimo, que a mãe teria adquirido o refinamento de Olive, se não mesmo o sotaque *New British* aprendido na escola. Candy presumia que iria para o colégio dentro de um ano e não tinha a menor intenção de aprender um sotaque por lá. Mas, exceto pelo sotaque, Candy achava Olive Worthington maravilhosa; era triste o que acontecia com Sênior, mas não se podia negar que o homem era muito doce.

Assim, todos estavam felizes com aquele amor, que certamente se tornaria um casamento abençoado pelos céus, mais do que qualquer outro que Heart's Haven e Heart's Rock já haviam testemunhado. Presumia-se que Wally terminaria os estudos primeiro e que Candy teria permissão para também completar o curso superior – se assim desejasse – antes de casarem. Mas com os instintos para a preocupação de Olive Worthington, podia-se imaginar que ela teria previsto as possíveis causas para uma mudança dos planos. Afinal, era o ano de 194-; havia uma guerra na Europa; havia muitas pessoas que pensavam que mais do que a Europa estaria envolvida em breve. Mas Olive tinha um desejo de mãe de manter a guerra longe dos seus pensamentos.

Já Wilbur Larch tinha a guerra na Europa sempre em seus pensamentos; ele estivera na última guerra e previa que, se houvesse outra, podia coincidir com o ingresso de Homer Wells na idade certa para ser convocado. Já que essa seria a idade errada para ter, o bom doutor já se empenhara para que Homer Wells não precisasse ir à guerra, se houvesse alguma.

Afinal, Larch era o historiador de St. Cloud's; escrevia os únicos registros que eram mantidos ali; geralmente escrevia a história não-tão-simples do lugar, mas também já fizera experiências de ficção. No caso de Fuzzy Stone, por exemplo – e nos outros casos, bem poucos, de órfãos que haviam morrido sob os seus cuidados –, Wilbur Larch não gostara dos finais verdadeiros, não quisera registrar os desfechos reais daquelas vidas abreviadas. Não era justo

que Larch assumisse algumas liberdades – se de vez em quando optasse por finais felizes?

No caso dos poucos que haviam morrido, Wilbur Larch lhes inventara uma vida mais longa. Por exemplo, a história de Fuzzy Stone era na verdade uma projeção do que Wilbur Larch *desejava* para Homer Wells. Depois da bem-sucedida adoção de Fuzzy (cada membro da família adotiva foi meticulosamente descrito) e do melhor tratamento e cura completa dos problemas respiratórios, o jovem prosseguira os estudos, nada menos do que no Bowdoin College (*alma mater* de Wilbur Larch), e fizera o curso de medicina em Harvard – e até seguiria os passos de Larch com estágios no Hospital Geral de Massachusetts e no Serviço de Maternidade de Boston. Larch tencionava transformar Fuzzy Stone num obstetra devotado e competente; a história fictícia do órfão era tão meticulosa quanto tudo o que Wilbur Larch fazia – admitindo-se uma possível exceção para o seu consumo de éter. Larch sentia-se bastante satisfeito por constatar que muito de sua história fictícia era mais convincente do que as coisas que haviam acontecido realmente a alguns dos outros órfãos.

Snowy Meadows, por exemplo, seria adotado por uma família de Bangor, chamada Marsh. Quem poderia acreditar que um Meadows, prado, se tornaria um Marsh, um pântano? Wilbur Larch sentia-se satisfeito consigo mesmo por inventar histórias melhores do que essa. Os Marsh estavam no negócio de móveis, e Snowy (que recebera o nome pouco imaginativo de Robert) cursaria a Universidade do Maine por um breve período apenas, antes de casar com alguma beldade local e ingressar no negócio da família Marsh como vendedor.

“É para sempre”, escreveria Snowy ao Dr. Larch, falando sobre a moça que o levara a abandonar os estudos. “E adoro de verdade o negócio de móveis!”

Ao escrever para o Dr. Larch, Snowy Meadows, também conhecido como Robert Marsh, sempre perguntaria: “O que aconteceu com Homer Wells?” Daqui a pouco, pensava Larch, Snowy Meadows vai sugerir uma reunião! Larch remoía por dias, tentando pensar no que dizer a Snowy Meadows sobre Homer; gostaria de gabar o procedimento perfeito de Homer com a paciente de eclâmpsia, mas sabia que o treinamento de Homer Wells por ele – e a história da obra de Deus e obra do Demônio em St. Cloud’s – não contaria com a aprovação de todos.

“Homer ainda está conosco”, escreveria Larch a Snowy, ambigualmente. Snowy é muito insidioso, concluiu Larch, e Snowy Meadows também jamais deixava de perguntar, em todas as suas cartas, por Fuzzy Stone.

“O que está acontecendo com Fuzzy agora?”, indagava Snowy. Wilbur Larch conferia com todo cuidado a história que escrevera para Fuzzy – apenas para manter Snowy informado.

Larch ignorou os pedidos de Snowy para que lhe fornecesse o endereço de Fuzzy Stone. O Dr. Larch estava convencido de que o jovem vendedor de móveis, Robert Marsh, era uma espécie de tolo obstinado, que incomodaria a todos – se tivesse os endereços de outros órfãos – tentando criar um clube ou Sociedade dos Órfãos. Larch até se queixou de Snowy Meadows à enfermeira Angela e à enfermeira Edna, dizendo:

– Eu gostaria que alguém fora do Maine o tivesse adotado, alguém que vivesse bem longe. Esse Snowy Meadows é tão estúpido que me escreve como se eu dirigisse um colégio interno! Daqui a pouco ele vai querer que eu publique uma revista dos ex-alunos!

Era um comentário um tanto insensível para fazer na presença da enfermeira Angela e da enfermeira Edna, compreendeu Larch depois. Aquelas duas mulheres tão maravilhosas e tão sentimentais adorariam a ideia de uma revista dos ex-alunos; elas sentiam saudade de cada órfão que era adotado. Se dependesse delas,

haveria reuniões planejadas todos os anos. Todos os meses!, concluiu Larch, aflito.

Foi deitar no dispensário. Pensou numa pequena modificação que fora bastante esperto para fazer na história de Homer Wells; contaria tudo a Homer um dia, se a situação assim o exigisse. Estava bastante satisfeito consigo mesmo por essa pequena ficção que acrescentara à história verdadeira de Homer Wells. Claro que nada incluía sobre o treinamento médico; já se incriminara muitas vezes ao escrever sobre os abortos, mas Larch sabia muito bem que Homer Wells deveria ser deixado de fora *dessa* história escrita. O que Wilbur Larch escrevera a respeito de Homer Wells era que o garoto tinha um problema cardíaco, um coração lesionado e debilitado desde o nascimento. Larch até se dera ao trabalho de converter este no primeiro registro sobre Homer, o que lhe exigira descobrir um papel de aparência antiga e revisar meticulosamente e redatilografar toda a história anterior e genuína. Mas ele conseguira incluir o problema cardíaco nos pontos apropriados. A referência era sempre vaga e atipicamente carecia de precisão médica; as palavras “defeito”, “lesionado” e “debilitado” não teriam convencido um bom detetive ou sequer um bom médico, a quem Wilbur Larch calculava que um dia teria de persuadir. No fundo, ele se preocupava com a possibilidade de convencer o próprio Homer – depois de tudo o que o garoto aprendera. Mas Larch só cuidaria disso se e quando a situação surgisse.

A situação em que Larch pensava era a guerra, a suposta guerra na Europa; Larch e muitos outros receavam que a guerra não ficaria só por lá. (“Sinto muito, Homer”, imaginava Larch a dizer ao garoto. “Não quero deixá-lo preocupado, mas você tem um coração deficiente; não aguentaria uma guerra.”) O que Larch estava querendo dizer era que seu próprio coração não aguentaria a ida de Homer Wells para a guerra.

O amor de Wilbur Larch por Homer Wells chegava a ponto de levá-lo a adulterar a história, um campo em que era um amador

confesso, mas que não obstante era um campo que respeitava e também amava. (Num registro anterior na ficha de Homer Wells – um registro que o Dr. Larch depois removera, porque acrescentava um tom incorreto ou pelo menos insólito para a história –, ele escrevera: “Não amo nada ou ninguém tanto quanto amo Homer Wells. Ponto final.”)

Assim, Wilbur Larch estava mais preparado do que Olive Worthington para os meios pelos quais uma guerra pode mudar planos importantes. A outra e mais provável causa para uma mudança nos planos de casamento de seu filho com Candy Kendall – outro meio pelo qual os planos dos jovens enamorados podiam ser alterados – fora realmente previsto por Olive. Era uma gravidez indesejável. Uma pena que não fosse previsto por Candy ou Wally.

Por isso, quando Candy engravidou (ela era virgem, é claro), ela e Wally ficaram aflitos, mas também surpresos. Olive teria ficado aflita (se soubesse), mas não ficaria surpresa. Engravidar nunca surpreenderia Wilbur Larch, que sabia que estava sempre acontecendo e acontecendo por acidente. Mas Candy Kendall e Wally Worthington, imbuídos da beleza, do momento e da certeza de que eram feitos um para o outro, simplesmente não puderam acreditar. Não eram do tipo de pessoas que se sentiriam envergonhados ou não seriam capazes de contar aos pais; simplesmente ficaram aturdidos com a perspectiva de descarrilar seus planos perfeitos – de terem de casar antes do tempo.

Wally Worthington precisava realmente de um diploma de curso superior para herdar a plantação de maçãs do pai? Claro que não. Candy Kendall precisava realmente fazer um curso superior? Não, não precisava. Não haveria de se refinar e se instruir pessoalmente se ficasse por conta de seus próprios meios? Claro que sim! E Wally não era muito de estudar, não é? Claro que não era. Fazia um curso de botânica, mas apenas por insistência da mãe – Olive achava que o estudo das plantas poderia estimular o filho a se tornar mais interessado e mais informado sobre o cultivo de maçãs.

– Acontece que não estamos *prontos* – declarou Candy a Wally. – Não estamos, não é? Você se sente pronto?

– Eu amo você.

Wally era um jovem intrépido e sincero, e Candy – que não vertera uma só lágrima à descoberta surpreendente de que estava grávida – também o amava.

– Mas não é o momento certo para nós, não é, Wally?

– Quero casar com você em qualquer ocasião – respondeu Wally com sinceridade, mas acrescentou uma coisa em que Candy não pensara. *Ele* pensara na guerra na Europa, embora sua mãe não se lembrasse disso. – E se houver uma guerra... isto é, se nós formos envolvidos na guerra?

– E daí? – perguntou Candy, genuinamente chocada.

– Se estivéssemos em guerra, eu iria... teria de ir, gostaria de ir. Mas se houvesse um filho, não seria certo... ir para uma guerra.

– E quando seria certo ir para uma guerra, Wally?

– Eu teria de ir, e ponto final... se estivéssemos em guerra. Afinal, é nosso país e, além do mais, pela experiência... eu não poderia perder.

Candy desferiu-lhe uma bofetada e começou a chorar – de raiva.

– Pela *experiência!* Você gostaria de ir para uma guerra pela *experiência!*

– Não se tivéssemos um filho... então não seria certo. Ou seria?

Wally era tão inocente quanto a chuva, e igualmente irrefletido.

– E eu? – insistiu Candy, ainda chocada... e chocada ainda mais por tê-lo esbofeteado. Ela pôs a mão, gentilmente, na face avermelhada. – Com ou sem o filho, o que seria de mim se você fosse para uma guerra?

– Ainda está tudo na base do “se”, não é? – disse Wally. – É apenas uma coisa para se pensar. Especialmente sobre o problema do filho... eu acho. Se você está entendendo o que quero dizer.

– Acho que deveríamos tentar *não* ter o filho – declarou Candy.

– Não vou permitir que você vá para um desses lugares em que não existe nenhum médico de verdade.

– Claro que não – concordou ela. – Mas não existem médicos de verdade que fazem essas coisas?

– Não, ao que eu saiba.

Wally era muito cavalheiro para contar o que sabia: que havia um carneiro em Cape Kenneth que fazia aquilo por 500 dólares. A mulher ia para um estacionamento, tapava os olhos com uma venda e esperava; tinha de ir sozinha. Alguém a pegava e levava ao carneiro; era levada de volta depois que o carneiro acabava – sempre vendada, é claro. E o que era pior, ela tinha de se mostrar absolutamente histérica na presença de algum distinto médico local, a fim de que este indicasse onde era o estacionamento e como entrar em contato com o carneiro. Se a mulher não se mostrava bastante transtornada, se não parecia completamente louca, o médico não a punha em contato com o carneiro.

Era essa a história que Wally ouvira, e não queria tal coisa para Candy. De qualquer forma, duvidava que Candy pudesse encenar um comportamento suficientemente transtornado. Wally teria o bebê, em vez de passar por isso; casaria com Candy e se sentiria feliz; afinal, era mesmo o que queria, embora mais tarde.

A história que Wally ouvira era em parte verdadeira. A mulher tinha de ir a um distinto médico local e tinha de encenar um frenesi; se o médico pensasse que ela estava pronta para se afogar, então indicaria a localização do estacionamento e como entrar em contato com o carneiro. O que Wally ignorava era a parte mais humana da história. Se a mulher estava bastante calma e controlada, se falava com desembaraço e exibia um comportamento obviamente são, o médico omitiria toda a história do estacionamento e do carneiro; se a mulher parecesse sensata – alguém que não o denunciaria depois –, o médico lhe ofereceria um aborto ali mesmo, em seu consultório, por 500 dólares. E se ela se comportasse como uma louca, ele

também faria um aborto – ali mesmo, em seu consultório, por 500 dólares. A única diferença era que no segundo caso a mulher teria de se postar vendada num estacionamento e *pensar* que estava sendo operada por um carnicheiro; era esse o resultado de se comportar como louca. O que era inegavelmente injusto, nos dois casos, era o fato de o médico cobrar 500 dólares.

Mas Wally Worthington não estava procurando a informação correta sobre esse médico ou sobre o suposto carnicheiro. Esperava obter sugestões sobre outro aborteiro, em outro lugar; tinha uma noção vaga das pessoas que interrogaria. Não havia muito sentido em procurar conselhos entre os sócios do Haven Club; fora informado de que uma mulher de lá fizera um cruzeiro à Suécia para abortar, mas isso seria impossível para Candy.

Wally sabia que os trabalhadores em Ocean View eram o tipo de homens que podiam ter a necessidade de soluções menos extravagantes; sabia também que gostavam dele e que, com poucas exceções, poderiam guardar o que Wally julgava ser um segredo viril. Ele abordou primeiro o único solteiro na turma do pomar, calculando que os solteiros (e aquele era um notório conquistador) podiam precisar mais de aborteiros do que os casados. O homem se chamava Herb Fowler, apenas uns poucos anos mais velho do que Wally – era atraente, num estilo muito magro e muito desumano, com um bigode muito fino sobre os lábios escuros.

A namorada atual de Herb Fowler trabalhava no empacotamento durante a colheita, e nas épocas do ano em que funcionava o mercado de maçãs, ela trabalhava lá com outras mulheres. Era mais jovem do que Herb, apenas uma garota local, mais ou menos da idade de Candy – seu nome era Louise Tobey, e os homens chamavam-na de Louise Espreme, o que aparentemente não incomodava Herb. Corria o rumor de que ele tinha outras namoradas e possuía o hábito estarrecedor de andar sempre com uma porção de profiláticos – em todos os momentos do dia e da noite. Quando alguém falava alguma coisa sobre sexo, Herb Fowler metia a mão no

bolso para pegar um preservativo e o mostrava ao interlocutor (toda enrolada no invólucro, é claro), dizendo:

– Está vendo isto? É o que mantém um sujeito em liberdade.

Wally já vira vários preservativos e estava cansado da piada, não estava no melhor humor para ouvi-la de novo em sua atual situação – mas calculava que Herb Fowler era o tipo de homem a interrogar, o homem que estava sempre deixando as garotas em dificuldades, apesar dos preservativos. De um jeito ou de outro, Herb parecia representar encrenca para todas as garotas vivas.

– Ei, Herb! – chamou Wally.

Era um dia chuvoso, no final da primavera, as aulas haviam terminado e Wally trabalhava ao lado de Herb no porão de armazenamento, vazio na primavera. Estavam envernizando as escadas e, quando acabassem, começariam a pintar as esteiras transportadoras, que funcionavam sem parar quando o empacotamento funcionava a pleno vapor. Todos os anos, tudo era repintado.

– Esse é o meu nome – disse Herb.

Ele mantinha sempre um cigarro pendendo dos lábios, de tal forma que os olhos ficavam parcialmente fechados e o rosto comprido se inclinava para trás, a fim de poder inalar a trilha de fumaça pelo nariz.

– Estive pensando numa coisa, Herb – disse Wally. – O que você faria se engravidasse uma garota. – E ele acrescentou, espertamente: – Sabendo de sua opinião sobre se manter livre.

Isso roubou a piada de Herb e provavelmente deixou-o irritado; ele já estava com uma camisa de vênus saindo do bolso, pronto para mostrá-la a Wally, enquanto fazia o comentário habitual sobre o assunto. Mas as palavras de Wally obrigaram-no a deter o movimento da mão ansiosa. Ele não chegou a tirar a camisa de vênus; em vez disso, perguntou:

– Quem você engravidou?

Wally corrigiu-o:

– Eu não disse que engravidei alguém. Apenas perguntei o que *você* faria... *se*.

Herb Fowler desapontou Wally. Tudo o que sabia a respeito era o mesmo estacionamento misterioso em Cape Kenneth – a história de uma venda, um carnicheiro e 500 dólares.

– Talvez Meany Hyde saiba de mais alguma coisa – acrescentou Herb. – Por que não pergunta a Meany o que *ele* faria se engravidasse uma garota?

Herb Fowler sorriu para Wally – não era um bom caráter –, mas Wally não satisfez sua curiosidade; limitou-se a retribuir o sorriso.

Meany Hyde era um bom sujeito. Fora criado com um bando de irmãos mais velhos que o surravam e o maltratavam sempre. Foram os irmãos que lhe deram o apelido de Meany, o mesquinho – provavelmente apenas para confundi-lo. Meany era sempre afável; tinha uma esposa afável, Florence, que era uma das mulheres do empacotamento e do mercado; havia tantos filhos dos dois que Wally não era capaz de se lembrar do nome de todos ou mesmo distinguir um do outro; por isso, Wally achava difícil imaginar que Meany Hyde pudesse saber alguma coisa sobre o aborto.

– Meany escuta tudo – explicou Herb Fowler a Wally.

– Nunca observou Meany? Ele não poderia fazer outras coisas além de escutar.

Wally foi procurar Meany Hyde. Encontrou-o a encerar as tábuas da prensa de sidra; ele era o encarregado geral da produção da fruta. Por causa de sua disposição afável, era frequentemente incumbido de supervisionar todas as atividades na casa de sidra – inclusive os tratos com os trabalhadores migrantes que ali se instalavam durante a colheita. Olive fazia questão de manter Herb Fowler a uma distância considerável desses pobres trabalhadores migrantes; a disposição de Herb não era tão afável.

Wally ficou por algum tempo observando Meany Hyde encerar as tábuas. O odor penetrante, mas limpo da sidra fermentada e das maçãs velhas para fazer sidra era mais intenso num dia úmido, mas Meany parecia apreciá-lo; Wally também não se importava.

– Ei, Meany... – chamou Wally, depois de alguns minutos.

– Pensei que tivesse esquecido meu nome – comentou Meany, jovialmente.

– O que você sabe sobre aborto, Meany?

– Sei que é pecado e sei que Grace Lynch fez... no caso dela, eu até desculpo... se entende o que estou querendo dizer.

Grace Lynch era a esposa de Vernon Lynch; Wally e todo mundo sabiam que Vernon a espancava. Não tinham filhos; corria o rumor de que isso era o resultado de Vernon bater tanto em Grace que seus órgãos da geração (como diria Homer Wells) ficaram afetados. Grace era uma das mulheres das tortas durante a colheita, e quando o mercado se encontrava em efervescência; Wally se perguntou se ela estaria trabalhando naquele dia. Havia muito o que fazer nos pomares num bom dia no final da primavera; mas quando chovia, não se podia fazer outra coisa que não pintar e lavar ou aprontar a casa de sidra para a colheita.

Era típico de Meany Hyde ficar encerando as tábuas da prensa antes do tempo. Alguém provavelmente lhe diria para encerar de novo, pouco antes da primeira prensagem. Mas Meany não gostava de pintar ou lavar, e quando chovia, podia passar dias inteiros cuidando de sua amada prensa de sidra.

– Quem você conhece que precisa de um aborto, Wally? – perguntou Meany Hyde.

– Uma amiga de um amigo – respondeu Wally, o que teria arrancado uma camisa de vênus do bolso de Herb Fowler; mas Meany era compreensivo, não sentia prazer com a desgraça alheia.

– É uma pena, Wally. Acho que você deve falar com Grace a respeito... só não fale quando Vernon estiver por perto.

Wally não precisava desse aviso. Já vira muitas vezes as equimoses nos braços de Grace Lynch, por onde Vernon a agarrava e sacudia. Houvera uma ocasião em que ele a agarrara pelos braços e a puxara em sua direção, baixando a cabeça para lhe dar uma cabeçada no rosto. Wally sabia que isso acontecera, porque Sênior pagara o trabalho dentário de Grace (ela dissera a Sênior e Olive que caíra da escada). Vernon também espancara um negro, um dos colhedores migrantes, no pomar chamado Old Trees, várias colheitas antes. Os homens estavam contando piadas e o negro resolvera dizer a sua. Vernon não gostava que um negro contasse piadas que tivessem alguma relação com sexo – ele até dissera a Wally que os negros deviam ser proibidos de fazer sexo.

– Ou daqui a pouco haverá negros demais – acrescentara Vernon.

Ali, no pomar Old Trees, Vernon arrancara o homem da escada; quando o negro se levantara, Vernon agarrara-o pelos braços e desferira várias cabeçadas em seu rosto, até que Everett Taft, um dos capatazes, e Ira Titcomb, o homem das abelhas, o contiveram. O negro levava mais de vinte pontos, na boca, nos lábios e na língua; todo mundo sabia que Grace Lynch não perdera os dentes ao cair de qualquer escada.

Era Vernon quem deveria ter o apelido de Meany ou algo pior.

– Wally... – chamou Meany, quando ele estava deixado a casa de sidra. – Não diga a Grace que fui *eu* quem mandou você falar com ela.

Wally saiu à procura de Grace Lynch. Ao volante da picape, seguiu pelo caminho enlameado que separava o pomar chamado Frying Pan, a frigideira, porque ficava num vale e era o mais quente para se trabalhar, do pomar chamado Doris, em homenagem à esposa de alguém. Foi até o prédio chamado Número 2 (era simplesmente o segundo prédio para guardar os veículos maiores; os pulverizadores ficavam no Número 2 porque era mais isolado e os

pulverizadores – os agentes químicos que continham – sempre fediam). Vernon Lynch estava pintando ali; empunhava uma pistola de pintura, com um esguicho comprido e fino, e pintava o pulverizador Hardie de 500 galões com uma nova camada de vermelho-maçã. Vernon usava um respirador para se proteger dos vapores da tinta (era a mesma máscara que os homens usavam quando pulverizavam as árvores) e estava também com o traje de mau tempo – todo impermeável. Wally soube de alguma forma que era Vernon, embora não houvesse qualquer feição visível. Vernon tinha um jeito de atacar o trabalho que fazia com que todas as suas ações fossem inconfundíveis. Wally percebeu que Vernon pintava o Hardie como se manejasse um lança-chamas. Wally seguiu em frente; não queria perguntar a Vernon logo hoje onde sua esposa estava. Wally estremeceu ao pensar nas possíveis reações desconfiadas de Vernon.

No mercado vazio, fora da estação, três mulheres fumavam cigarros e conversavam. Não tinham muito o que fazer; e quando viram o filho do patrão se aproximando, não largaram os copos de café, não apagaram os cigarros e não se dispersaram em direções diferentes. Apenas se afastaram um pouco entre si e sorriram timidamente para Wally.

Florence Hyde, a mulher de Meany, nem sequer simulou estar ocupada com alguma coisa; deu uma tragada no cigarro e gritou para Wally:

– Oi, doçura!

– Oi, Florence – respondeu Wally, sorrindo.

Big Dot Taft, que milagrosamente corra uma milha, sendo picada durante todo o tempo, na noite em que Sênior derrubara as colmeias de Ira Titcomb, largou o cigarro e pegou um engradado vazio; depois, largou o engradado e tentou se lembrar de onde pusera sua vassoura.

– Oi, bonito – disse Dot a Wally, jovialmente.

– O que há de novo? – perguntou Wally às mulheres.

– Não tem nada de novo por aqui – respondeu Irene Titcomb, a mulher de Ira.

Ela soltou uma risada e virou o rosto. Estava sempre rindo – e virando o lado do rosto com a cicatriz de queimadura, como se encontrasse a pessoa pela primeira vez e pudesse manter a cicatriz em segredo. O acidente ocorrera anos antes e não podia haver pessoa alguma em Heart's Haven ou Heart's Rock que não tivesse visto a cicatriz de Irene Titcomb e não conhecesse todos os detalhes de como ela a ganhara.

Ira Titcomb resolvera passar uma noite inteira sentado em seu pátio, com uma tocha de óleo e uma espingarda; alguma coisa vinha atacando suas colmeias – provavelmente um urso ou um guaxinim. Irene tinha conhecimento do plano de Ira, mas mesmo assim ficou surpresa quando acordou no meio da noite, ouvindo o marido chamá-la. Ele estava no gramado e acenando com a tocha acesa por baixo da janela; tudo o que Irene via era o clarão da tocha. Ira pediu-lhe que preparasse ovos com bacon, se não se importasse, porque sentia-se tão entediado de tanto esperar pelo que andava atacando as colmeias, o que quer que fosse, que acabara ficando com fome.

Irene estava cantarolando e observava o bacon fritar quando Ira se aproximou da janela da cozinha e bateu no vidro, a fim de saber se a comida já ficara pronta. Irene estava despreparada para a visão de Ira em seu traje de abelheiro, emergindo da escuridão para a tênue claridade da janela da cozinha, com fogo nas mãos. Já vira o marido no traje de abelheiro muitas vezes, mas não imaginara que ele o usaria enquanto esperava para abater um urso ou guaxinim. Nunca vira a maneira como o traje rebrilhava à luz do fogo ou à noite.

Ira vestira o traje porque imaginara que o tipo de espingarda poderia abrir uma das colmeias e libertar algumas abelhas. Não

tinha a menor intenção de assustar a mulher, mas a pobre Irene olhou pela janela e viu o que pensou ser um fantasma branco flamejante! Com toda certeza era *aquilo* que vinha molestando as colmeias! O fantasma de um abelheiro do passado! Provavelmente matara o pobre Ira e agora vinha buscá-la! A frigideira voara em suas mãos, a banha quente do bacon derramando pelo seu rosto. Irene teve sorte de não ficar cega. Ah, esses acidentes domésticos! São uma surpresa e tanto.

– O que está querendo, garotão? – perguntou Big Dot Taft a Wally.

As mulheres do mercado de maçãs estavam sempre caçoando e flertando com Wally; achavam que ele era deslumbrante e muito divertido; além do mais, aquelas três o conheciam desde que era garotinho.

– Ele quer nos levar para um passeio! – exclamou Irene Titcomb, ainda rindo... e com o rosto virado.

– Por que não nos leva ao cinema, Wally? – perguntou Florence Hyde.

– Santo Deus, Wally, o que eu não faria por você... se me levasse ao cinema! – acrescentou Dot Taft.

– Não quer nos fazer felizes, Wally? – indagou Florence, em tom de lamúria.

– Talvez Wally esteja pensando em nos *despedir*! – gritou Irene Titcomb.

As três não puderam mais se aguentar. Dot Taft ria tão alto que Florence Hyde aspirou a fumaça do cigarro pelo lado errado e começou a tossir – o que fez Dot rir ainda mais.

– Grace não está por aqui hoje? – perguntou Wally, em tom casual, depois que as três se acalmaram um pouco.

– Oh, não, ele quer a Grace! – exclamou Dot Taft.

– O que ela tem que nós não temos?

Equimoses, pensou Wally. Ossos quebrados, dentes postiços – e certamente dores e aflições autênticas.

– Só quero perguntar uma coisa a ela – respondeu Wally, sorrindo timidamente... uma timidez deliberada, pois sempre se comportava de maneira insinuante com as mulheres do mercado.

– Aposto que ela vai dizer “Não!” – gritou Irene Titcomb, soltando uma risadinha.

– Nada disso! – protestou Florence Hyde, em tom de troça. – Todas dizem “Sim!” a Wally.

Wally esperou que as risadas se desvanecessem. Depois, Dot Taft disse:

– Grace está limpando o forno das tortas.

– Obrigado, madames – disse Wally, fazendo uma mesura e soprando beijos enquanto recuava.

– Você é muito mau, Wally – disse Florence Hyde. – Só veio aqui para nos deixar com ciúme.

– Grace deve ter um tremendo forno quente – comentou Dot Taft, o que provocou mais risos e tosse.

– Não vá se queimar, Wally! – berrou Irene Titcomb.

Ele deixou as mulheres conversando e fumando com mais animação do que quando as encontrara.

Wally não ficou surpreso por Grace Lynch ter ficado com o pior trabalho para um dia de chuva. As outras mulheres sentiam pena, mas não a consideravam uma delas. Grace mantinha-se apartada, como se tivesse medo de que todos pudessem de repente se virar contra ela e espancá-la tão brutalmente quanto Vernon o fazia, como se as surras a que já sobrevivera lhe custassem o humor necessário para trocar histórias com Florence, Irene e Dot.

Grace Lynch era muito mais magra e um pouco mais jovem do que as outras; sua magreza era excepcional entre as mulheres do mercado. Até mesmo a namorada de Fowler (Louise) era mais corpulenta do que Grace; e a irmã caçula de Dot Taft, Debra

Pettigrew – que sempre trabalhava ali na temporada das tortas e quando a linha de montagem do empacotamento estava em funcionamento –, também tinha mais carne do que Grace.

E desde que precisara de dentes novos Grace se mantinha mais calada do que antes; havia uma concentração sombria na linha estreita de sua boca. Wally não podia se lembrar de ter visto alguma vez Grace Lynch rir – e alguma forma de riso era essencial para aliviar o tédio da vida das mulheres do mercado de maçãs. Grace era simplesmente a cadela assustada entre elas. Dava a impressão de não sentir prazer em comer torta – ou comer qualquer outra coisa. Não fumava – embora todos fumassem em 194-, até mesmo Wally. Assustava-se com o barulho e se mantinha encolhida perto das máquinas.

Wally esperava que ela estivesse de mangas compridas, a fim de não ter de olhar para as equimoses em seus braços, mas Grace estava inclinada pela metade de uma prateleira do forno de tortas quando a encontrou; usava uma blusa de mangas compridas, mas estavam enroladas acima dos cotovelos, a fim de evitar um pouco a fuligem preta. Wally surpreendeu-a com a cabeça e a metade do corpo dentro do forno. Grace soltou um gritinho e bateu com um cotovelo na dobradiça da porta, ao recuar de forma muito precipitada.

– Desculpe ter assustado você, Grace – apressou-se Wally em dizer.

Era difícil aproximar-se de Grace sem fazê-la esbarrar em alguma coisa. Ela não disse nada; esfregou o cotovelo; dobrou e desdobrou os braços magros, a fim de esconder os seios muito pequenos ou, mantendo os braços em constante movimento, ocultar as equimoses. Não fitaria Wally nos olhos; por mais equilibrado que Wally fosse, sempre experimentava uma terrível tensão quando tentava conversar com Grace; tinha a impressão de que a qualquer

momento ela podia sair correndo ou jogar-se em cima dele – com as unhas estendidas ou beijando-o com a língua insinuante.

Ele especulou se Grace interpretava a sua busca inevitável por novas equimoses em seu corpo como um interesse sexual; talvez isso fosse parte do problema entre os dois.

– Aquela pobre coitada é apenas doida – dissera Ray Kendall a Wally; talvez isso fosse tudo.

– Grace?

Ela estremeceu. Estava apertando um pedaço de palha de aço com tanta força que a espuma suja escorreu por um braço e pingou na barra da blusa e na calça de zuarde. Um único dente, provavelmente postiço, emergiu de sua boca e se cravou num pedaço do lábio inferior.

– Estou com um problema, Grace.

Ela fitou-o fixamente, como se aquele anúncio a assustasse mais do que qualquer outra coisa que qualquer outra pessoa já lhe tivesse dito. Desviou os olhos no instante seguinte e balbuciou:

– Estou limpando o forno.

Wally pensou que talvez precisasse agarrá-la para impedir que voltasse a rastejar para dentro do forno. Compreendeu de repente que todos os seus segredos – os segredos de *qualquer pessoa* – estavam totalmente seguros com Grace Lynch. Não havia absolutamente nada que ela se atrevesse a dizer e ninguém em sua vida a quem contar – se algum dia tivesse coragem para tanto.

– Candy está grávida – disse Wally a Grace, que cambaleou como se um pé de vento – ou os fortes vapores de amônia do limpador de forno – a tivesse atingido.

Ela tornou a fitar Wally, os olhos arredondados como os de um coelho.

– Preciso de conselho. – Ocorreu a Wally que Vernon Lynch, se o visse conversando com Grace, provavelmente acharia que era

motivo suficiente para espancá-la outra vez. – Por favor, Grace, conte-me tudo o que sabe.

Grace Lynch falou com veemência entre os lábios contraídos:

– St. Cloud's.

Era um sussurro alto. Wally pensou que fosse o nome de alguém – o nome de um santo? Ou então uma espécie de apelido para um aborteiro excepcionalmente maligno de St. Cloud's! Era evidente que Grace Lynch não tinha sorte. Se procurara um aborteiro, não teria sido o pior aborteiro que se poderia imaginar?

– Não sei o nome do médico – confidenciou Grace, ainda sussurrando e sem mais olhar para Wally... nunca mais tornaria a fitá-lo nos olhos. – O lugar se chama St. Cloud's e o médico é bom... um homem gentil, faz um trabalho direito. – Para ela, aquilo era praticamente um sermão... ou pelo menos um discurso. – Mas não a obrigue a ir sozinha... está certo, Wally?

Grace estendeu a mão e tocou-o, mas recuou no instante em que fez contato, como se a pele de Wally fosse mais quente do que o forno de tortas quando estava aceso.

– Claro que não a deixarei ir sozinha – prometeu Wally.

– Pergunte pelo orfanato quando saltar do trem.

Ela tornou a se meter dentro do forno antes que Wally pudesse agradecer. Grace Lynch fora sozinha a St. Cloud's. Vernon nem mesmo soubera que ela ia ou provavelmente a teria espancado por isso. Como ela passara a noite fora, Vernon a espancara por isso, mas talvez tenha sido uma surra mais suave, por seus padrões.

Grace chegara no início da noite, logo depois de escurecer; como era costumeiro, não ficara alojada com as mães que iam ter filhos; estava tão nervosa que a sedação do Dr. Larch não a afetara muito e passara a noite acordada, escutando tudo. Fora antes de Homer se tornar aprendiz; por isso, se a vira, ele nunca se lembraria, da mesma forma que Grace Lynch, ao ver Homer Wells um dia, não o reconheceria.

Ela fizera o aborto no momento oportuno e seguro da gravidez, não houvera complicações – exceto em seus sonhos. Nunca havia complicações mais graves em decorrência de qualquer aborto realizado pelo Dr. Larch, nenhum dano permanente de qualquer das operações – a não ser que fosse algo tão interior, tão no fundo da mente que não se podia considerar o Dr. Larch como responsável.

Ainda assim – embora a enfermeira Angela e a enfermeira Edna a fizessem sentir-se bem-vinda, embora Larch se mostrasse gentil, como ela dissera a Wally –, Grace Lynch detestava pensar em St. Cloud's. Não era tanto pela experiência pessoal ou por causa de seu problema, mas pelo clima do lugar, na longa noite em que permanecera acordada. O ar denso pairava como um peso enorme, o rio agitado recendia a morte, os gritos dos bebês eram mais estranhos que os gritos das gaivotas – e havia ainda as corujas, alguém espiando, alguém andando de um lado para outro. Havia uma máquina distante (a máquina de escrever) e um grito de outro prédio – apenas um gemido longo (possivelmente de Melony).

Depois que Wally foi embora, Grace não foi capaz de acabar o trabalho no forno das tortas. Sentia um enjoo terrível no estômago – como as câibras que experimentara naquela ocasião – e foi até o mercado, perguntou às mulheres se poderiam terminar de limpar o forno por ela; explicou que não se sentia bem. Ninguém caçou de Grace. Big Dot Taft perguntou se ela não queria que a levasse até em casa, e Irene Titcomb e Florence Hyde (que não tinham mesmo nada para fazer) garantiram que cuidariam do forno “em dois segundos”, como se diz no Maine. Grace Lynch foi procurar Olive Worthington; disse a Olive que não estava se sentindo bem e ia para casa mais cedo.

Olive foi gentil como sempre, diante de um problema assim; mais tarde, ao se encontrar com Vernon Lynch, lançou-lhe um olhar furioso – o bastante para que Vernon se sentisse embaraçado. Ele estava limpando o esguicho da pistola de tinta no Número 2 quando Olive passou por lá na picape desbotada. O olhar de Olive levou

Vernon a especular por um momento se teria sido despedido, se aquele olhar era todo o aviso que receberia. Mas o pensamento passou depressa, da maneira como os pensamentos tendiam a passar por Vernon Lynch. Olhou para as trilhas lamacentas deixadas pela picape de Olive e disse uma coisa típica:

– Venha chupar meu pau, sua sacana rica.

E, depois, Vernon Lynch continuou a limpar calmamente o esguicho da pistola de tinta.

Naquela noite, sentado no píer de Ray Kendall, Wally contou a Candy o pouco que sabia a respeito de St. Cloud's. Não sabia, por exemplo, que havia um apóstrofo. Não se dera ao trabalho de se candidatar a Harvard; suas notas não eram bastante boas para levá-lo a Bowdoin; a Universidade do Maine, onde estava estudando botânica, sem o menor entusiasmo, não lhe ensinava coisa alguma de gramática.

– Eu sabia que era um orfanato – comentou Candy. – E mais nada.

Era evidente para os dois que não poderiam inventar qualquer boa desculpa para passarem uma noite fora. Por isso, Wally tomou providências para levar emprestado o Cadillac de Sênior; teriam de partir pela manhã bem cedo e voltar ao cair da noite, no mesmo dia. Wally disse a Sênior que era a melhor época do ano para explorar o litoral e talvez excursionar um pouco pelo interior; o litoral teria mais turistas à medida que o verão progredisse e o interior ficaria muito quente para um passeio de carro.

– Sei que é um dia de trabalho – disse Wally a Olive. – Mas que diferença um dia vai fazer, mamãe? É só para ter uma pequena aventura com Candy... apenas um dia de folga.

Olive especulou se Wally algum dia seria qualquer coisa. Ray Kendall tinha o seu trabalho com que se preocupar. Sabia que Candy ficaria feliz por dar um passeio com Wally. Além do mais, Wally era um bom motorista – se bem que gostasse de andar depressa – e o

Cadillac, Ray sabia melhor do que ninguém, era um carro seguro. Afinal, era Ray quem cuidava dele.

Na noite anterior à viagem, Candy e Wally foram deitar cedo, mas ambos permaneceram acordados. Como a maioria dos jovens sinceramente apaixonados, eles se preocupavam com o efeito que a experiência poderia causar no outro. Wally preocupava-se com a possibilidade de um aborto deixar Candy infeliz ou até constrangida com o sexo. Candy se perguntava se Wally continuaria a sentir o mesmo por ela depois que tudo aquilo acabasse.

Nessa mesma noite, Wilbur Larch e Homer Wells também não estavam dormindo. Larch sentava à máquina de escrever, na sala da enfermeira Angela; pela janela, avistou Homer andando lá fora, com um lampião, no escuro. O que será agora?, especulou Larch. Foi falar com Homer.

- Não conseguia dormir – explicou Homer.
- O que é dessa vez?
- Talvez apenas uma coruja.

O lampião não projetava muita claridade pela escuridão e o vento era forte, algo excepcional para St. Cloud's. Quando o vento apagou o lampião, o doutor e seu assistente descobriram que eram iluminados pela luz brilhando da janela da sala da enfermeira Angela. Era a única luz por quilômetros ao redor e tornava suas sombras gigantescas. A sombra de Larch estendia-se pelo terreno despido, sem qualquer planta, subia pela árida encosta da colina, seguia até a floresta escura. A sombra de Homer Wells encostava no céu escuro. Foi somente então que os dois notaram uma coisa: Homer estava mais alto do que o Dr. Larch.

– Essa não! – murmurou Larch, abrindo os braços, de tal forma que sua sombra parecia um mágico prestes a revelar alguma coisa. Larch balançou os braços, como um imenso morcego. – Olhe só! Sou um feiticeiro!

Homer Wells, o aprendiz de feiticeiro, também balançou os braços.

O vento era muito forte e fresco. A densidade habitual do ar por cima de St. Cloud's desvanecera; as estrelas brilhavam, cintilantes e frias; a memória de fumaça de charuto e serragem não se encontrava presente naquele novo ar.

– Sinta o vento – disse Homer Wells; talvez o vento o estivesse animando.

– É um vento que sopra da costa – disse Wilbur Larch, aspirando fundo, em busca de indícios de maresia.

E Larch teve certeza: era mesmo uma rara brisa marinha. De onde quer que seja, é agradável, concluiu Homer Wells.

Os dois ficaram parados, aspirando o vento. E cada um pensou: O que vai acontecer comigo?

Homer Quebra uma Promessa

O chefe da estação de St. Cloud's era um homem solitário e desgracioso – uma vítima dos catálogos de reembolso postal e de uma religião especialmente excêntrica que pregava seus ensinamentos pelo correio. A publicação da segunda tinha quase a forma de uma revista em quadrinhos e era entregue mensalmente; o número do último mês, por exemplo, tinha na capa a ilustração de um esqueleto em roupas de soldado, voando numa zebra alada sobre um campo de batalha que parecia vagamente com as trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Os catálogos de reembolso postal eram de uma variedade mais comum, mas o chefe da estação era tão vítima de suas superstições que seus sonhos frequentemente confundiam as imagens do material religioso enviado pelo correio com utensílios domésticos, sutiãs de amamentação, cadeiras dobráveis e abóboras gigantes anunciados nos catálogos.

Assim, não era raro que ele despertasse num terror noturno pela visão de caixões levitando de uma horta imaculada – os legumes premiados alçando voo junto com os cadáveres. Havia um catálogo devotado exclusivamente a equipamentos de pesca; os cadáveres do chefe da estação muitas vezes apareciam em botas de cano longo ou segurando caniços e puçás. Havia também os catálogos de roupas de baixo, anunciando sutiãs e cintas. Os cadáveres voadores em sutiãs e cintas assustavam especialmente o chefe da estação.

O aspecto mais lunático dessa religião postal era a insistência na presença de números crescentes de mortos inquietos, desabrigados e sem salvação; o chefe da estação imaginava que essas almas desafortunadas apinhavam o céu em áreas do mundo mais

povoadas do que St. Cloud's. A chegada da "Clara" do Dr. Larch enquadrou-se sinistramente no padrão dos terrores noturnos do chefe da estação e contribuiu para sua aparência abalada à aproximação de cada trem, embora Larch garantisse ao idiota que não chegariam novos corpos, pelo menos por um ou dois anos.

Para o chefe da estação, a noção do Dia do Juízo Final era tão concreta quanto o tempo. O trem que ele mais detestava era o primeiro da manhã. Era o trem-leiteiro; em qualquer tempo, os grandes latões ficavam cobertos por um suor frio. Os latões vazios, que eram embarcados no trem, produziam uma espécie de dobre fúnebre, um ribombo seco, ao baterem pela plataforma de madeira da estação, um repicar sinistro ao subirem pelos degraus de ferro. O primeiro trem da manhã era também o trem da correspondência; embora o chefe da estação se sentisse ansioso por novos catálogos, nunca perdia o medo da correspondência – do que lhe poderia ser entregue: se não outro cadáver, chapinhando no líquido de embalsamar, então a advertência mensal da religião postal de que o Dia do Juízo Final era iminente (sempre mais cedo do que se esperava no número anterior e sempre com um vigor mais aterrador). O chefe da estação vivia para ser apavorado, chocado, abalado.

Um buraco num tomate podia levá-lo a uma escalada em seus acessos de oração febril antes do amanhecer; animais mortos (de qualquer causa) faziam-no tremer – acreditava que as almas das criaturas bloqueavam o ar de que precisava para respirar ou eram capazes de invadir seu corpo. (Eram com toda a certeza capazes de contribuir para a sua falta de sono, pois o chefe da estação era um insone tão veterano quanto Wilbur Larch e Homer Wells, mas sem contar com o benefício do éter, juventude ou instrução.)

Dessa vez era o vento que o despertava, ele tinha certeza; algo como um morcego que fora soprado para fora de seu curso e batera na casa. Estava convencido de que um animal voador morrera ao se chocar violentamente contra a parede e sua alma enfurecida

circulava lá fora, tentando entrar. Depois, o vento emitiu um som de gemido, como se passasse pelos aros da bicicleta do chefe da estação. Uma súbita rajada derrubou a bicicleta; caiu ruidosamente no caminho de alvenaria, a campainha retinindo debilmente – como se uma das almas irrequietas do mundo tivesse fracassado em sua tentativa de roubá-la. O chefe da estação sentou na cama e gritou.

Ele fora informado, pela publicação mensal de sua religião postal, que gritar era uma proteção, embora não infalível, contra as almas desabrigadas. O fato é que o grito do chefe da estação não ficou sem efeitos; a estridência desalojou um pombo do beiral da casa e o pássaro (já que nenhum pombo deseja voar à noite) saiu pulando ruidosamente pelo telhado do chefe da estação, procurando por um canto mais tranquilo. O chefe da estação ficou estendido de costas, olhando fixamente para o teto; esperava que a alma errante descesse a qualquer instante para buscá-lo. O arrulho do pombo era o grito de outro pecador torturado, o chefe da estação tinha certeza absoluta. Ele se levantou e olhou pela janela do quarto, a luz noturna iluminando fracamente o pequeno terreno que arara recentemente para sua horta. A terra revirada chocou-o; tomou-a por uma sepultura à espera. Ficou tão abalado que vestiu-se depressa e saiu de casa.

Outra coisa que ele aprendera com sua religião postal era que as almas dos mortos não podem invadir um corpo ativo. Não se deve ser surpreendido dormindo ou mesmo imóvel; isso era o mais importante. E, por isso, o chefe da estação partiu bravamente para uma vigorosa caminhada noturna por St. Cloud's. Murmurava ameaçadoramente para os fantasmas em potencial que via por toda parte.

– Vá embora – grunhia ele... para um prédio, um som, uma sombra indefinida.

Um cachorro latiu numa casa. O chefe da estação surpreendeu um guaxinim ocupado com o lixo de alguém, mas os animais vivos

não o incomodavam; assoviou para o guaxinim e ficou satisfeito quando o bicho assoviou em resposta. Resolveu se manter a distância dos prédios abandonados em que, como não podia esquecer, aquela garota terrível do orfanato causara tantos danos. Sabia que naqueles prédios as almas perdidas eram ao mesmo tempo numerosas e violentas.

Sentia-se mais seguro perto do orfanato. Embora tivesse medo do Dr. Larch, o chefe da estação tornava-se bastante agressivo na presença das crianças e de suas almas imaginadas. Como a maioria das pessoas que se assustam com facilidade, ele era um tirano quando percebia que se encontrava em posição superior.

– Malditas crianças – murmurou, ao passar pela divisão de garotas.

O chefe da estação não podia pensar na divisão de garotas sem imaginá-las a fazerem coisas terríveis, com aquela enorme facínora – a destruidora, como a chamava. Ele tivera mais de um terror noturno por sua causa; ela era com frequência a modelo dos muitos sutiãs e cintas de seus sonhos. Parou apenas por um instante junto à divisão de garotas, aspirando fundo – pensou que poderia sentir a fragrância de Melony, a demolidora de prédios –, mas o vento estava muito forte; o vento estava por toda parte. É o vento do Dia do Juízo Final!, pensou o chefe da estação, seguindo em frente, apressado. Não ia ficar parado por tempo suficiente para que alguma alma terrível invadisse seu corpo.

Ele estava no lado errado do prédio da divisão de meninos para ver a janela iluminada na sala da enfermeira Angela, mas podia olhar por cima do prédio, pela encosta, observar a claridade da janela iluminando a colina erodida, sem qualquer vegetação. Não podia ver de onde vinha a luz, e isso o inquietou; parecia fantasmagórico que uma luz do nada fizesse a colina árida brilhar até a beira escura da floresta.

O chefe da estação poderia ter chorado da própria timidez, mas em vez disso amaldiçoou a si mesmo; tanto do seu sono era perdido para o medo e o primeiro trem da manhã chegava muito cedo. Durante a maior parte do ano o trem chegava quando ainda estava escuro. E aquelas mulheres que às vezes vinham no trem... o chefe da estação estremeceu. Aquelas mulheres em roupas folgadas, sempre perguntando onde ficava o orfanato – algumas voltavam no mesmo dia, ao anoitecer, os rostos pálidos, da cor de tantos rostos dos terrores noturnos do chefe da estação. Quase a cor do rosto de Clara, pensou o chefe da estação, embora não soubesse seu nome. A única olhada que dera em Clara fora tão rápida que era uma injustiça que estivesse condenado a vê-la tantas vezes desde então; e cada vez ele a via mais – em seus sonhos.

Ao ouvir o que julgou serem vozes, o chefe da estação olhou sobre o prédio da divisão de meninos para a encosta iluminada que se elevava sobre St. Cloud's. Foi nesse instante que avistou as sombras gigantes de Wilbur Larch e Homer Wells – estendendo-se, no caso de um, até a beira escura do bosque, e, no caso do outro, até o céu. Os dois vultos sacudiram os braços enormes, que envolviam toda a colina; tangida pelo vento, o chefe da estação ouviu a palavra "feiticeiro". Foi então que ele compreendeu que poderia andar ou mesmo correr durante a noite inteira – mas *não* escaparia, não dessa vez. O último pensamento do chefe da estação foi de que seu momento chegara – e também o momento do mundo.

A brisa marinha ainda agitava St. Cloud's na manhã seguinte. Até mesmo Melony a notou; seu mau humor habitual ficou suspenso – e teve dificuldade para acordar, embora tivesse passado a noite insone. Ficara com a impressão de que durante toda a noite um animal rondara o terreno da divisão de garotas, provavelmente mexendo no lixo. E pudera observar as duas mulheres subindo da estação, na claridade difusa que antecedia o amanhecer. As

mulheres não falavam uma com a outra – provavelmente não se conheciam, certamente haviam adivinhado a situação uma da outra. As duas andavam de cabeça baixa, vestidas demais para a primavera. Melony observou o vento comprimir os casacos largos de inverno contra seus corpos. Elas não *pareciam* grávidas, refletiu Melony; lembrou-se de que devia dar um jeito de se postar em sua janela predileta para observar as mulheres descerem a colina para pegar o trem vespertino. Com o que elas deixavam ali, pensou Melony, podia-se esperar que seus passos ao voltar fossem mais leves; além do mais, estavam descendo. Mas sempre as mulheres desciam a encosta em passos mais pesados e arrastados do que exibiam ao subir – parecia que haviam recebido algum peso para carregarem na volta. O jeito de andar era justamente o contrário do que se podia esperar em mulheres que haviam sido realmente esvaziadas, raspadas até ficarem limpas.

Raspadas, sim, limpas, talvez não, pensou Melony. Embora Homer nada lhe tivesse dito, que problema podia existir sem que Melony soubesse? O que quer que brilhasse errado, que irradiasse engano – perda, esperança abandonada, opções sinistras sempre possíveis –, Melony possuía um olho treinado para perceber.

Ela ainda não pusera os pés lá fora, mas podia dizer que havia algo diferente no vento. Não podia ver o corpo do chefe da estação; ele caíra no mato, junto à entrada de carga da divisão de meninos, que era pouco usada, pois havia uma entrada de carga separada para o hospital.

De sua janela para o mundo, na sala da enfermeira Angela, o Dr. Larch também não podia ver o mato em que se encontrava rígido o corpo do chefe da estação. E não era a alma partida do chefe da estação que perturbava o Dr. Larch naquela manhã. Ele já passara outras noites insones; as brisas marinhas eram raras, mas já as sentira. Houvera uma briga na divisão de garotas que exigira alguns pontos no lábio de uma garota e na testa de outra, mas Wilbur Larch também não estava preocupado com isso. Homer Wells fizera

um bom trabalho com o lábio; Larch cuidara do supercílio, que apresentava um problema maior de cicatriz permanente.

E as duas mulheres que esperavam por abortos ainda se encontravam no início da gravidez e – no julgamento da enfermeira Edna – pareciam robustas e saudáveis. E havia uma mulher quase jovial de Damariscotta – começara a ter contrações, que pareciam absolutamente normais; ela já fizera um parto antes, bastante normal, e assim Larch não previa qualquer dificuldade por esse lado. Estava pensando em mandar Homer fazer o parto da mulher de Damariscotta, porque tudo indicava que seria bem simples e porque a mulher, segundo dissera a enfermeira Angela, demonstrava uma atração inequívoca por Homer; ela falava sem parar em cada momento em que Homer se encontrava por perto.

Então o que há de errado?, pensou Wilbur Larch. Se não errado, pelo menos diferente?

E daí se a correspondência estava atrasada e o refeitório informava que o leite ainda não fora entregue? Larch não sabia – e não teria se importado – que a situação estava mais desorganizada do que o habitual pela ausência do chefe da estação; não sabia que o chefe da estação estava desaparecido. Wilbur Larch não notara qualquer agitação entre as almas que povoavam o céu por cima de St. Cloud's. Com o trabalho que sentia ser a sua vocação, o Dr. Larch não podia se permitir uma contemplação muito profunda da alma.

Antes daquela manhã, Homer Wells jamais tivera uma oportunidade para contemplar a alma. Um estudo da alma não constava de seu currículo. E como não havia janelas no cômodo em que efetuava seus estudos com Clara, não foi o chefe da estação – ou sua alma – que de repente se apresentou a Homer Wells.

O Dr. Larch pedira a Homer que preparasse um feto para autópsia.

Uma mulher de Three Mile Falls fora apunhalada, ou se apunhalara; isso não era excepcional em Three Mile Falls, mas a

gravidez da mulher estava quase completa – e a possibilidade de tirar um bebê vivo da mulher morta fora excepcional, até mesmo para o Dr. Larch. Ele tentara salvar a criança, mas ela – ou melhor, o feto, com quase 9 meses – não escapara a uma das punhaladas. Com a mãe, a criança (ou o feto, como o Dr. Larch preferia) sangrara até a morte. Teria sido um menino – isso pelo menos era evidente para Homer Wells ou até para um olho destreinado; o que quer que se preferisse chamar, era quase um bebê plenamente desenvolvido. O Dr. Larch pedira a Homer para ajudá-lo a determinar (mais exatamente do que “sangrara até a morte”) a fonte da hemorragia do feto.

Homer Wells tomara emprestada a tesoura de esterno do Dr. Larch, mas depois compreendeu que uma tesoura comum era tudo do que precisava para abrir o esterno do feto. Ele cortou reto pelo meio, notando imediatamente a artéria pulmonar seccionada; para sua surpresa, o ferimento ficava a pouco mais de um centímetro de um ducto aberto – no feto, o ducto arterioso tem a metade do tamanho da aorta, mas Homer nunca vira o interior de um feto; no *nascido*, em dez dias, o ducto se torna apenas um fio fibroso. Essa mudança não é desencadeada por algum mistério, mas simplesmente pela primeira respiração, que fecha o ducto e abre os pulmões. No feto, o ducto é um desvio da corrente sanguínea – o sangue contorna os pulmões, a caminho da aorta.

Não deveria ser um choque para Homer Wells observar a prova de que um feto tem pouca necessidade de sangue nos pulmões; o feto não respira. Mas Homer ficou chocado; o ferimento a faca, na base do ducto, parecia um segundo olho, ao lado da pequena abertura do ducto. Os fatos eram bastante simples: o ducto estava aberto porque o feto nunca tivera a primeira respiração.

O que era a vida de um feto que não uma história de desenvolvimento? Homer prendeu um grampo pequeno e fino na artéria pulmonar partida. Abriu o capítulo da *Anatomia de Gray* dedicado ao feto. Foi outro choque para ele lembrar que não

começava com o feto; terminava com o feto. Era a última coisa a ser considerada.

Homer Wells já vira os produtos da concepção em diversos estágios de desenvolvimento; numa forma quase completa, de vez em quando, mas também em formas tão parciais que eram quase irreconhecíveis. Não sabia dizer por que os velhos desenhos em preto e branco o haviam afetado com tanta intensidade. Na *Anatomia de Gray* havia uma imagem de perfil da cabeça de um embrião humano, que se estimava ter 27 dias. Ainda não vivo, como o Dr. Larch se apressaria em ressaltar, e também ainda não reconhecivelmente humano; o que seria a espinha estava enroscado, como um punho; no lugar em que estariam as articulações do punho se encontrava a cabeça informe de um peixe (do tipo que vive abaixo da luz, nunca é apanhado, pode provocar pesadelos). A superfície inferior da cabeça do embrião se escancarava como uma enguia – os olhos estavam nos lados da cabeça, como se pudessem proteger a criatura de um ataque de qualquer direção. Em oito semanas, embora ainda não esteja vivo, o feto adquire o nariz e a boca; possui uma expressão, pensou Homer Wells. E com essa descoberta – de que um feto, já com 8 semanas, tem uma *expressão* –, Homer Wells sentiu-se na presença do que os outros chamam de alma.

Ele expôs a artéria pulmonar do bebê de Three Mile Falls numa bandeja de exame, rasa, esmaltada em branco; usou dois grampos para manter aberta a incisão no peito e mais um para levantar e expor a artéria lacerada. As faces do bebê pareciam esvaziadas; as mãos invisíveis de alguém pareciam ter comprimido os lados do pequeno rosto; o feto estava estendido de costas, apoiado nos cotovelos – os antebraços se mantinham perpendiculares ao peito, rígidos. Os pequenos dedos das mãos estavam entreabertos – como se o bebê se preparasse para pegar uma bola.

Homer Wells não se importou com a aparência esfarrapada do coto do cordão umbilical, que também era muito comprido; cortou-o

de novo e deu outro nó, impecável. Havia uma pequena crosta de sangue no pênis e Homer limpou-a. Uma pinta de sangue antigo na beira branca da bandeja esmaltada desprendeuse com facilidade a apenas uma passada de uma mecha de algodão embebida em álcool. A cor do bebê morto, especialmente em contraste com a brancura da bandeja, era de alguma coisa amarela, passando a cinzenta. Homer virou-se para a pia e vomitou. Quando abriu a torneira para limpar a pia, os canos velhos tremeram e uivaram; ele pensou que o problema estava nos canos ou em sua vertigem, que fazia a sala – o prédio inteiro – tremer. Não estava pensando no vento que soprava da costa – como era forte!

Também não estava culpando o Dr. Larch. Homer sentia que não havia nada tão simples quanto a culpa de alguém envolvido no caso; não era culpa de Larch – ele fazia aquilo em que acreditava. Se Wilbur Larch era um santo para a enfermeira Angela e a enfermeira Edna, era um santo e um pai para Homer Wells. Larch sabia o que estava fazendo – e por quem. Mas aquela história de vivo e não vivo era algo que não funcionava com Homer. Pode-se chamar de feto, embrião ou produtos da concepção, mas como quer que se chame está realmente vivo, pensou Homer. E o que quer que lhe seja feito, pensou Homer – e como quer que se chame o que se faz –, está o matando. Ele olhou para a artéria pulmonar seccionada, tão perfeitamente exposta no peito do bebê de Three Mile Falls. Que Larch chame como quiser, pensou Homer Wells. É a opção dele – se acha que é um feto, não tem problema. Mas para mim é um bebê, pensou Homer Wells. Se Larch tem uma opção, eu também tenho.

Pegou a bandeja imaculada e saiu da sala, como um garçom orgulhoso carregando um prato especial para o seu freguês predileto. Curly Day, sempre com o nariz escorrendo, estava passando pelo corredor entre o dispensário e a sala da enfermeira Angela. Ele não tinha permissão para brincar ali, mas Curly Day tinha um olhar de entediado-em-cada-minuto e possuía o prazo de atenção de um coelho. No momento, Curly arrastava uma caixa de

papelão pelo corredor. Era a caixa em que haviam chegado as novas bolsas de enema; Homer reconheceu-a porque a abriu.

– O que você tem aí? – perguntou Curly Day. Homer segurava a bandeja com o bebê morto de Three Mile Falls na altura do ombro; Curly Day batia na cintura de Homer. Ao chegar perto da caixa de papelão, Homer constatou que não estava vazia; David Copperfield Júnior se encontrava lá dentro – Curly Day estava lhe dando uma carona.

– Saia daqui, Curly – disse Homer.

– Gomer! – gritou David Copperfield.

– É *Homer*, seu idiota – disse Curly Day.

– Gomer! – gritou David Copperfield.

– Saiam daqui, por favor – insistiu Homer.

– O que você tem aí? – perguntou Curly Day outra vez.

Ele se esticou para a beira da bandeja, mas Homer afastou sua mãozinha suja; pegou o pulso e torceu o braço de Curly para as costas. Homer equilibrou a bandeja e seu conteúdo habilmente; Curly Day tentou se debater.

– Ai! – gritou Curly.

David Copperfield tentou se levantar no fundo da caixa, mas perdeu o equilíbrio e caiu sentado.

Homer levantou o braço de Curly Day nas costas – apenas um pouco mais alto do que a marca do ângulo reto –, o que fez com que Curly se dobrasse e encostasse a testa na beira da caixa de bolsas de enema.

– Pare com isso – disse Curly.

– Você vai sair daqui, Curly... certo?

– Está bem, está bem. – Homer largou-o e Curly acrescentou: – Valentão!

– Certo – disse Homer Wells.

– Gomer! – David Copperfield conseguiu balbuciar.

Curly Day limpou o nariz em sua manga desgrenhada. Sacudiu a caixa tão abruptamente que David Copperfield rolou de lado.

– Ai! – gritou o pequeno Copperfield.

– Cale a boca – ordenou Curly à sua carga.

Afastou-se de Homer Wells, a quem lançou um último olhar, de pesar mal-humorado, de protesto a esmo – e mais nada. Seu corpo balançava de um lado para outro enquanto avançava com a caixa contendo David Copperfield. Homer notou que os sapatos de Curly estavam nos pés errados e um deles se achava desamarrado, mas concluiu que seria uma crítica desonrosa mencionar isso a Curly, que era tão exuberante quanto enrolado – e sua exuberância não era mais importante do que o desleixo especialmente em se tratando de um órfão?

– Adeus, Curly – disse Homer para as costas descaídas do garoto; a camisa para fora da calça caía até os joelhos.

– Até já, Homer – respondeu Curly, mantendo o rosto virado.

Quando ele passou pela porta do dispensário, a enfermeira Edna apareceu e o censurou:

– Você não deveria estar brincando aqui, Curly.

– Está bem, está bem – disse Curly. – Já estou indo, já estou indo.

– Medna! – exclamou David Copperfield, numa voz abafada, do fundo da caixa de bolsas de enema.

– É *Edna*, seu moleque – disse Curly.

E logo Homer se encontrava na porta da sala da enfermeira Angela, que estava aberta. Deparou com o Dr. Larch à máquina de escrever; o doutor não estava escrevendo; não havia papel na máquina. O Dr. Larch apenas olhava pela janela. Homer reconheceu, na expressão que parecia de transe, a distância serena que o éter proporcionava, em todos os momentos em que encontrava o bom doutor “apenas descansando” no dispensário. Talvez o estado de espírito que o éter ocasionalmente permitia ao Dr. Larch desfrutar

fosse, cada vez mais, um estado de espírito que Larch podia alcançar pelo simples expediente de olhar pela janela. Homer presumia que o Dr. Larch usava um pouco de éter porque experimentava algum sofrimento; desconfiava que quase todos em St. Cloud's experimentavam algum sofrimento e que Larch, como um médico, se achava especialmente qualificado para remediá-lo. O cheiro de éter era tão enjoativo e nauseante para Homer Wells que jamais seria um remédio que teria escolhido. Ainda não lhe ocorrera uma coisa: o que era um vício. O estado de sonho era tão patente no rosto de Wilbur Larch que Homer Wells parou na porta, antes de se adiantar para a sua apresentação macabra; quase se virou e foi embora, levando o bebê de Three Mile Falls.

Mas ninguém depara com a presença de uma alma e permanece tão indiferente que se permite que o senso de missão inevitável passe sem qualquer comentário; e um senso de missão geralmente exige um gesto mais demonstrativo do que um comentário de passagem. Homer hesitou na porta da sala da enfermeira Angela; depois, adiantou-se e bateu com a bandeja de metal no topo da máquina de escrever. O bebê morto de Three Mile Falls estava no nível da garganta do Dr. Larch – perto o bastante para se morder, como costumam dizer no Maine.

– Dr. Larch? – Larch desviou os olhos de seu sonho; olhou por cima do bebê para Homer, que acrescentou: – A fonte da hemorragia foi a artéria pulmonar, completamente cortada... como o senhor pode verificar.

Larch baixou os olhos para a bandeja em cima da máquina de escrever. Olhou para o bebê como se fosse alguma coisa que escrevera – alguma coisa que adquiria vida (e era levada à morte) à sua ordem.

Fora do hospital, alguém estava gritando, mas o vento açoitava as palavras e as confundia; a mensagem do gritador era incompreensível.

– Mas que diabo! – exclamou Wilbur Larch, olhando fixamente para a artéria cortada.

– Tenho de lhe dizer que não vou mais fazer um aborto – declarou Homer Wells. – Nunca mais.

Isso era uma decorrência lógica da artéria cortada; na mente de Homer, era lógica, mas o Dr. Larch parecia confuso.

– Não vai? – disse Larch. – *Você o quê?*

Lá fora, o grito se tornara mais alto, mas nem por isso mais nítido. Homer Wells e o Dr. Larch limitavam-se a olhar um para o outro – o bebê de Three Mile Falls ocupando o espaço intermediário.

– Já estou indo, já estou indo – ouviram dizer a enfermeira Angela.

– É aquele Curly Day – a enfermeira Edna estava explicando à enfermeira Angela. – Tive de expulsá-lo e ao garoto Copperfield daqui ainda há pouco.

– Nunca mais – repetiu Homer Wells.

– Você desaprova? – perguntou-lhe o Dr. Larch.

– Não desaprovo você fazer – disse Homer Wells. – Desaprovo a coisa... não é para mim.

– Nunca o obriguei, Homer. E nunca o farei. A opção é toda sua.

– Certo.

Uma porta se abriu, mas nem assim a gritaria de Curly Day se tornou mais distinta. O Dr. Larch e Homer Wells ouviram os tubos de ensaio na prateleira do dispensário retinirem; por cima desse carrilhão e pela primeira vez se sobrepondo ao vento, a palavra “Morto!” chegou até eles.

– Morto! Morto! Morto! – Curly Day estava gritando, o anúncio era pontuado por manifestações incompreensíveis e monossilábicas do pequeno Copperfield.

– Quem está morto, querido? – perguntou a enfermeira Angela a Curly, docemente.

Curly Day descobrira que o chefe da estação estava morto; Curly não sabia que era o chefe da estação – Curly não se demorara por tempo suficiente para olhar.

– Um homem está morto! – disse Curly à enfermeira Angela e à enfermeira Edna.

Wilbur Larch, que ouviu isso nitidamente, levantou-se e passou por Homer, saindo para o corredor.

– E se não se importa – disse-lhe Homer Wells –, eu gostaria de sua permissão para *não* estar presente quando fizer o que tem de fazer. Quero ser de utilidade de qualquer outra forma e não o estou desaprovando. Se concordar, apenas não quero mais olhar.

– Terei de pensar a respeito, Homer. E agora vamos ver; quem está morto?

Seguindo Larch pelo corredor, Homer notou que a porta da sala de parto estava fechada, com a luz acesa – o que significava que a enfermeira Edna ou a enfermeira Angela preparara as duas mulheres que esperavam por seus abortos. A mulher de Damariscotta, cujas contrações ainda eram lentas e regulares, provavelmente não precisaria da sala de parto antes de o Dr. Larch concluir os dois abortos. Homer concordava com o Dr. Larch que era cruel fazer as mulheres esperarem pelos abortos por mais tempo do que era necessário, especialmente depois de serem preparadas. Por isso, Homer abriu a porta da sala de parto e enfiou a cabeça para dentro, anunciando, sem olhar para qualquer das mulheres:

– O doutor estará aqui dentro de um momento. Por favor, não se preocupem.

Homer Wells arrependeu-se da escolha do momento para tranquilizar as mulheres; antes de poder fechar a porta da sala de parto, Curly Day recomeçou a sua toada de “Morto!”.

Curly Day possuía o tipo de inquietação que sempre o levaria a descobertas indesejáveis. Cansara-se de arrastar David Copperfield na caixa de bolsas de enema e por isso tivera a ideia de lançar o

pequeno Copperfield (dentro da caixa) pela plataforma de carga da entrada de serviço de divisão de meninos. Fora um tremendo esforço levar a caixa e Copperfield pela rampa acima, mas assim que ficaram por cima do caminho pouco usado e mato alto, Curly imaginou que se podia ensinar a Copperfield quase como voar. Claro que não era tão alto assim; ainda mais dentro da caixa, não chegava a ser uma queda e tanto. E a encosta coberta pelo mato que se estendia além da plataforma de carga provavelmente permitiria que a caixa de bolsas de enema deslizasse. Curly previa danos possíveis à caixa – e sua destruição o deixaria sozinho na companhia de David Copperfield, e a perspectiva de Copperfield sem uma caixa ou qualquer outra coisa para brincar era extremamente enfadonha. Mas Curly já estava cansado dos possíveis usos de Copperfield *com* (ou *dentro*) a caixa; esgotara as coisas seguras que havia para fazer e Copperfield não estava se queixando. Copperfield não sabia que estava na beira da plataforma de carga; não podia ver por cima dos lados da caixa. Quando Curly empurrou a caixa e Copperfield pela beira, teve o cuidado de manter a caixa em posição vertical, impedindo assim que Copperfield caísse de cabeça. A caixa bateu com um canto lá embaixo, desmanchando-se; o pequeno Copperfield foi impelido pela beira do mato alto. Como um pinto trôpego saindo da casca a cambaleiar, ele se levantou por um instante, antes de cair e rolar, sem parar. Da plataforma, Curly Day observava o mato acenando em sua direção; se o mato indicava o paradeiro de Copperfield, estava alto demais para que Curly pudesse ver Copperfield.

Copperfield não estava machucado, mas se encontrava desorientado. Não podia ver Curly e não podia ver a caixa – à qual se tornara bastante afeiçoado. Quando parou de rolar, ele tentou se levantar, mas a vertigem, em combinação com o terreno irregular, fez com que ele perdesse o equilíbrio e caísse sentado. A coisa em que sentou era dura e redonda, como uma pedra, mas, quando ele olhou para o que era, descobriu que era a cabeça do chefe da

estação – o rosto virado para cima, olhos abertos, um terror estranhamente resignado na expressão congelada.

Uma criança mais velha ou mesmo um adulto poderia ter ficado transtornada por sentar no rosto do chefe da estação morto, mas o jovem David Copperfield encarou a situação como encarava o resto do mundo: com mais curiosidade do que surpresa. Mas quando tocou no rosto e sentiu a frieza, a precisão da sensibilidade infantil prevaleceu: não podia haver qualquer dúvida de que a frieza estava errada. O jovem Copperfield pulou para longe, rolou, levantou-se, correu, caiu, rolou de novo. Finalmente de pé outra vez, conseguiu uivar como um cachorro. Curly Day começou a procurá-lo pelo mato alto.

– Espere, espere, não precisa ficar nervoso! – gritou Curly para o garoto.

Mas Copperfield corria e caía em círculos, berrando estranhamente.

– Fique parado no mesmo lugar para que eu possa encontrar você! – berrou Curly.

Ele pisou em alguma coisa que rolou sob o seu sapato; era o braço do chefe da estação. Numa tentativa de manter o equilíbrio, Curly pôs a mão no peito do chefe da estação. O rosto irredutível, de olhos arregalados, que o mato alto resguardava do vento, olhava fixamente para além de Curly, imperturbável. E no instante seguinte, no meio do mato, havia dois cachorros uivando, movimentando-se como se estivessem presos num labirinto. Foi um testemunho de algo basicamente bravo e responsável em Curly Day que o garoto não saiu do mato até encontrar David Copperfield.

Melony, em sua janela, observava o movimento inexplicável pelo mato; a qualquer momento ela poderia ter gritado para Curly Day e informado o paradeiro de David Copperfield – podia perceber pelo movimento do mato onde e que animal se encontrava uivando. Mas deixou que se virassem sozinhos. Somente quando Curly Day estava

arrastando o jovem Copperfield pelo caminho acima, contornando a divisão de meninos para a entrada do hospital, foi que Melony sentiu-se inclinada a comentar.

– Ei, Curly, seus sapatos estão nos pés errados! – gritou Melony.
– Seu bobão!

Mas o vento era muito forte. Curly não pôde ouvi-la; e ela não podia ouvir o que Curly estava gritando. Melony falou apenas mais uma palavra pela janela, sem se dirigir a alguém em particular; sentiu que o vento lhe permitia dizer exatamente o que havia em sua mente, no fundo de seu coração, tão alto quanto quisesse, embora nem ao menos se desse ao trabalho de falar em voz alta.

– Que chatice! – disse ela.

Mas as coisas se tornaram mais interessantes para Melony quando Wilbur Larch e Homer Wells – e também a enfermeira Edna e a enfermeira Angela – apareceram no caminho junto à entrada de serviço da divisão de meninos. Era evidente que eles estavam revistando o mato.

– O que vocês estão procurando? – gritou Melony pela janela.

Mas o barulho do vento ou a concentração com que os exploradores mergulhavam pelo mato fez com que sua pergunta fosse ignorada. Decidiu verificar pessoalmente o que estava acontecendo.

Melony estava apreensiva pela maneira como aquele dia estava se desenrolando, mas ao mesmo tempo sentia-se grata porque alguma coisa parecia estar acontecendo – o fato de qualquer coisa acontecer já era muito bom para Melony.

Não era um sentimento partilhado por Candy Kendall ou Wally Worthington, que durante as últimas três horas haviam mantido um silêncio constrangido – o senso de expectativa era intenso demais para disfarçar com uma conversa. Ainda estava escuro quando deixaram a costa, em Heart's Haven, aventurando-se pelo interior – para longe do vento, embora o vento ainda fosse

surpreendentemente forte. Wally estudara tanto o mapa na noite anterior que o Cadillac branco afastava-se do mar com a mesma determinação com que uma ostra ou sua pérola é lançada à praia. Ventava muito, mesmo para o interior, para que a capota ficasse arriada, mas Wally preferia o Cadillac quando era um conversível de fato – e com o vento investindo ruidosamente contra o carro, a ausência de conversa entre ele e Candy não ressaltava tanto. Candy também preferia assim; os cabelos muito louros envolviam seu rosto – em alguns momentos quase que o cobriam por completo, e ela sabia que Wally não podia ver sua expressão. Mas Wally sabia qual era a expressão de Candy; ele a conhecia muito bem.

Wally olhou para o livro fechado no colo de Candy; ela o pegava para ler vez por outra, mas quando devolvia o livro ao colo era sempre com a mesma página marcada, dobrada no canto. O livro era *Little Dorrit*, de Charles Dickens. Era a leitura de verão exigida de todas as garotas que iam se formar na turma de Candy; ela começara a lê-lo quatro ou cinco vezes, mas não tinha a menor ideia do tema do livro ou mesmo se estava gostando.

Wally, que não era de ler, não se deu ao trabalho de verificar o título do livro; ele apenas olhava para a mesma página marcada e pensava em Candy. Também pensava em St. Cloud's. Já passara (em sua imaginação) pelo aborto; Candy estava se recuperando muito bem; o médico estava contando piadas; todas as enfermeiras riam. Havia enfermeiras em quantidade suficiente para ganhar uma guerra, na imaginação de Wally. Todas eram jovens e bonitas. E os órfãos eram engraçados, com as falhas apropriadas nos sorrisos desdentados.

Na mala do reluzente Cadillac de Sênior Worthington havia três engradados de guloseimas que Wally levava para os órfãos. Se fosse a estação oportuna, ele levaria maçãs e sidra; na primavera não havia maçãs frescas nem sidra, mas Wally providenciara a melhor coisa depois de maçãs frescas e sidra – em sua opinião. Carregara o Cadillac com potes e mais potes de geleia de maçã e com jarras de

meio galão do melhor mel de flor de macieira de Ira Titcomb. Imaginava-se chegando para aquele aborto como Papai Noel (uma imagem infeliz, levando-se em consideração a lembrança de Wilbur Larch do lugar de aborto conhecido como “Off Harrison”).

Wally imaginava Candy sentada depois do aborto, com aquele alívio no rosto de alguém que acabara de remover uma farpa incômoda; estranhamente, Wally povoava a sala de aborto com a aura de comemoração que se associa ao nascimento de uma criança desejada. O clima da expectativa de Wally transbordava de congratulações – e por toda a cena inebriante desfilavam as espertas crianças abandonadas de St. Cloud’s, cada uma com o seu pote de geleia. Pequenos irrequietos, felizes como filhotes de urso!

Candy fechou o livro e devolveu-o mais uma vez ao colo, e Wally achou que tinha de dizer alguma coisa: – Como está o livro?

– Não sei – respondeu Candy, soltando uma risada.

Ele beliscou a coxa de Candy; alguma coisa se prendeu em sua garganta quando tentou rir com ela. Candy também beliscou a coxa dele – um beliscão com a mesma paixão e pressão. Ah, como Wally se sentia aliviado por serem tão parecidos!

Através de cidadezinhas embasbacadas e cada vez mais pobres, enquanto o sol subia e subia, eles foram passando como a realeza perdida – o Cadillac branco com seus passageiros deslumbrantes fazia as cabeças virarem. O estofamento vermelho, tão curiosamente manchado pelo acidente de Sênior com o agente químico, era singular. Todos os que os viram passar jamais os esqueceriam.

– Não falta muito – comentou Wally.

Dessa vez ele sabia que era melhor não beliscar a coxa de Candy; limitou-se a pousar a mão em seu colo, perto de *Little Dorrit*. Candy pôs a mão por cima da dele, enquanto Melony – avançando pelo corredor da divisão de garotas com mais determinação do que o habitual – atraiu o olhar generoso e vigilante da Sra. Grogan.

– O que está acontecendo, querida? – perguntou a Sra. Grogan a Melony.

– Não sei – respondeu Melony, dando de ombros. – Mas pode apostar que não é um rapaz novo na cidade ou algo parecido.

Era um comentário suave para Melony. A Sra. Grogan pensou: Como essa garota abrandou! Melony abrandara um pouco. Muito pouco.

Alguma coisa na determinação daquela moça enorme fez com que a Sra. Grogan a seguisse para fora.

– Puxa, que vento! – exclamou a Sra. Grogan.

Por onde *você* andou?, pensou Melony. Mas ela não disse nada; o grau de seu abrandamento podia ser confundido com não se importar mais com as coisas.

– É o chefe da estação – disse Homer Wells, o primeiro a deparar com o corpo.

– Aquele idiota! – murmurou Wilbur Larch.

– Seja como for, ele está morto – informou Homer ao Dr. Larch, que ainda se esforçava através do mato, a caminho do corpo.

O Dr. Larch absteve-se de comentar que ao morrer daquela maneira o chefe da estação tivera a intenção de causar mais uma inconveniência ao orfanato. Se Wilbur Larch estava abrandando, também estava abrandando muito pouco.

St. Cloud's não era um lugar que abrandasse uma pessoa. Homer Wells olhou por cima do mato que escondia o chefe da estação morto e divisou Melony avançando em sua direção.

Oh, por favor!, ele sentiu o coração lhe dizer. Oh, por favor, deixe-me partir! O vento forte afastou os cabelos de seu rosto; ele inclinou o peito contra o vento, como se estivesse no convés de um navio navegando contra o vento, cortando as ondas de um oceano que ainda não vira.

* * *

Wilbur Larch estava pensando sobre o coração fraco que inventara para Homer Wells. Especulava como poderia falar a Homer do coração fraco sem assustar o rapaz ou lembrá-lo da visão congelada do rosto do chefe da estação. O que será que o idiota imaginou ter visto?, pensava o Dr. Larch, enquanto ajudava a carregar o corpo enrijecido do chefe da estação para a entrada do hospital.

Curly Day, que gostava de ser mantido ocupado, já fora enviado à estação; o jovem Copperfield fora com ele, o que reduzia consideravelmente a velocidade de Curly – mas mesmo assim Curly sentia-se grato pela companhia. Curly estava um pouco confuso com a mensagem que teria de transmitir, e Copperfield pelo menos representava um ouvinte-modelo. Curly praticou a mensagem que achava que deveria transmitir dizendo-a em voz alta para David Copperfield; a mensagem não teve qualquer efeito visível sobre David Copperfield, mas Curly descobriu que a repetição era calmante e a prática ajudou-o a compreendê-la – ou pelo menos ele assim pensou.

– O chefe da estação está morto! – anunciava Curly, arrastando Copperfield pela encosta abaixo.

A cabeça de Copperfield acenava em concordância ou simplesmente balançava frouxa entre os ombros aos solavancos. O caminho de descida era árduo para Copperfield, cujo equilíbrio não era dos melhores, e ele estava com a mão esquerda (agarrada na mão de Curly Day) levantada acima da orelha.

– O Dr. Larch diz que ele sofreu um ataque cardíaco há várias horas! – acrescentava Curly Day.

Não lhe parecia muito certo, mas depois de várias repetições, começou a soar mais razoável. O que Larch dissera era que o chefe da estação parecia ter sofrido um ataque cardíaco há várias horas, mas a versão de Curly parecia mais ou menos correta a Curly – quanto mais ele a dizia.

– Avisem aos parentes e amigos que em breve vai haver um automóvel! – dizia Curly Day.

David Copperfield balançava a cabeça em concordância. Isso também não parecia certo para Curly, por mais que a repetisse, mas tinha certeza de que fora instruído a dizer algo assim. A palavra era “autópsia”, não “automóvel”; Curly acertava uma parte da palavra. Talvez, pensava ele, houvesse algum carro especial para buscar o morto. Fazia um pouco de sentido, e um pouco já era suficiente para Curly Day – e tinha mais sentido do que Curly via na maioria das coisas.

– Morto! – gritou David Copperfield, na maior felicidade, ao se aproximarem da estação.

Dois dos palermas habituais estavam refestelados no banco de frente para os trilhos; eram do tipo de labregos que pairavam pela estação durante o dia inteiro, como se a estação fosse uma casa de belas mulheres e elas concedessem seus favores a todos os desmazelados e desempregados da cidade. Eles não deram a menor atenção a Curly Day e David Copperfield. (“Morto!”, gritou David Copperfield para eles, sem causar qualquer efeito.)

O assistente do chefe da estação era um jovem que modelara sua oficiosidade particularmente desagradável pela oficiosidade do chefe da estação. Assim, acrescentara à sua juventude um aspecto totalmente impróprio de velho queixoso e rabugento – em combinação com a mesquinhez de espírito de um homem da carrocinha que gosta de seu trabalho. Era um jovem estúpido que partilhava com o chefe da estação uma característica do arrogante: berrava com as crianças para não porem os pés nos bancos, mas se desmanchava em sorrisos diante de qualquer um melhor vestido e tolerava qualquer grosseria de quem se encontrasse em posição superior. Era sem exceção frio e superior com as mulheres que saltavam do trem e perguntavam pelo orfanato, jamais pegara no braço de qualquer dessas mulheres e oferecera ajuda quando

subiam a escada para pegar o trem de volta; e o primeiro degrau era bastante alto – muitas das mulheres que haviam sido limpas tinham dificuldades óbvias com aquele primeiro degrau.

Naquela manhã, o assistente do chefe da estação estava se sentindo especialmente virtuoso e impertinente. Dera 15 centavos a um dos palermas para ir à casa do chefe da estação e chamá-lo, mas o idiota voltara sem outra informação que não a de que a bicicleta do chefe da estação caíra e fora deixada no lugar. Era agourento, pensou o assistente, mas frustrante. Estava meio irritado por ter de fazer as tarefas do chefe da estação, algo de que se desincumbira muito mal, e meio emocionado por se encontrar no comando. Quando avistou os dois pirralhos sujos do orfanato atravessando a estrada na frente da estação e avançando em sua direção, o assistente do chefe da estação sentiu sua autoridade aumentar. Curly Day, limpando o nariz num braço e arrastando David Copperfield pelo outro, parecia prestes a falar, mas o assistente do chefe da estação falou primeiro:

– Sumam daqui! Vocês não pertencem a este lugar. – Curly parou; o jovem Copperfield colidiu com ele e cambaleou com o repente da colisão. Curly acreditava plenamente que não “pertencia” a lugar algum, mas recuperou a confiança e transmitiu, em voz bastante alta, a mensagem tão ensaiada:

– O chefe da estação está morto! O Dr. Larch diz que ele sofreu um ataque cardíaco há várias horas! Avisem aos parentes e amigos que em breve vai haver um automóvel!

Até mesmo os palermas prestaram atenção. O assistente foi invadido por um fluxo de sentimentos súbitos e conflitantes: que a morte do chefe da estação podia significar que ele, o assistente, seria o próximo chefe da estação; que era possível alguém sofrer um ataque cardíaco durando várias horas, algo inconcebivelmente doloroso; e o que significava aquela promessa – ou ameaça – sobre um automóvel?

Que parentes? Que amigos?, especularam os dois palermas.

– Que história é essa de um automóvel? – perguntou o assistente a Curly Day.

Curly desconfiou que cometera um erro, mas decidiu blefar. Não era aconselhável demonstrar fraqueza ou indecisão diante de um arrogante, e o astuto instinto de sobrevivência de Curly levou-o a optar pela confiança em detrimento da verdade.

– Significa que há um carro que vai buscá-lo – respondeu Curly Day.

Os dois palermas pareciam um pouco impressionados; jamais haviam pensado que o chefe da estação fosse bastante importante para justificar um carro para transportá-lo.

– Está se referindo a um carro fúnebre? – indagou o assistente.

Havia um carro fúnebre em Three Mile Falls – ele o vira uma vez: um carro comprido e preto, que andava tão devagar que podia ser puxado por mulas.

– Estou falando de um carro – insistiu Curly Day, para quem a palavra “fúnebre” nada significava. – Um *automóvel*.

Ninguém se mexeu, ninguém falou; talvez os sintomas do ataque cardíaco especial, que supostamente durava várias horas, estivessem começando lentamente em todos. Aguardavam pelo próximo evento do dia quando o Cadillac branco de Wally Worthington entrou em cena.

Nas muitas cidadezinhas pobres e isoladas por que haviam passado, Wally e Candy atraíram mais do que uma cota normal de olhares, mas ainda assim estavam despreparados para o olhar aturdido e boquiaberto do assistente do chefe da estação e para os extremos de espanto que provocaram nos dois basbaques, sentados no banco na frente da estação, como se ali estivessem pregados.

– Aqui estamos: St. Cloud’s – disse Wally a Candy, com um entusiasmo obviamente falso.

Candy não pôde se conter; estendeu a mão para a perna de Wally e apertou-a no meio da coxa – *Little Dorrit* caiu de seu colo, roçando nos tornozelos unidos no chão do Cadillac. Os rostos de Curly Day e David Copperfield foram os elementos na cena que mais impressionaram Candy. Apesar da sujeira e desleixo, o rosto de Curly Day estava brilhando – o sorriso era um raio de sol afortunado; penetrava pelo lixo e revelava o esplendor oculto. Foi a enormidade da expectativa no rosto sujo de Curly que deixou Candy atordoada; seus olhos tremeram, a visão ficou turva – mas não antes que a abertura da boca de David Copperfield a espantasse. Do rechonchudo lábio inferior, no formato de uma lágrima, pendia uma saudável fieira de baba, suspensa quase até os punhos cerrados, que ele comprimia contra a barriga, como se o Cadillac branco ofuscante o tivesse deixado sem fôlego, tão solidamente quanto um murro.

Wally não tinha certeza, mas achou que o assistente do chefe da estação parecia estar no comando daquela estranha reunião de pessoas.

– Com licença – disse Wally ao assistente, cuja boca não mexeu, cujos olhos não piscaram. – Pode me indicar o caminho para o orfanato?

– Chegou aqui bem depressa – murmurou o assistente, abalado.

Um carro fúnebre *branco!*, ele estava pensando. Para não mencionar a beleza dos coveiros; o assistente descobriu que não era capaz de olhar para a moça; sua imaginação jamais esqueceria o rápido vislumbre dela.

– Como? – disse Wally.

O homem é maluco, Wally estava pensando; eu deveria falar com outra pessoa. Um olhar de passagem para os basbaques no banco foi suficiente para Wally saber que não deveria lhes perguntar coisa alguma. E o garoto menor, com a baba de cristal agora faiscando ao

sol como um pingente e se estendendo quase até as covinhas sujas de relva nos joelhos, parecia pequeno demais para falar.

– Olá – arriscou Wally, jovialmente.

– Morto! – disse David Copperfield, a baba dançando como ouropel na árvore de Natal.

Não ele, pensou Wally, procurando os olhos de Curly Day; os olhos de Curly eram fáceis de encontrar – estavam fixados em Candy.

– Olá – disse Candy a ele.

Curly Day engoliu em seco visivelmente – e com aparente dor. A extremidade úmida do nariz parecia em carne viva, mas mesmo assim esfregou-a vigorosamente.

– *Você* poderia nos indicar o caminho para o orfanato? – perguntou Wally a Curly Day, que, ao contrário dos basbaques e do assistente, sabia que aquele Cadillac e aquelas espécies angelicais dos vivos não haviam sido enviados para buscar o corpo do chefe da estação morto.

Eles querem o *orfanato*, pensou Curly Day. Vieram aqui para *adotar* alguém!, disse-lhe o coração disparado. Oh, Deus, pensou Curly Day, faça com que seja eu!

David Copperfield, em seu transe típico, estendeu a mão para tocar no monograma perfeito na porta do Cadillac: o monograma de ouro de Sênior Worthington sobre uma fulgurante maçã Red Delicious – com uma folha verde, no formato simples de uma lágrima. Curly afastou a mão do jovem Copperfield com um tapa.

Tenho de assumir o comando das coisas, Curly estava pensando, se quero que eles me escolham.

– *Eu* vou mostrar o orfanato – disse Curly Day. – Nos dê uma carona.

Candy sorriu e abriu a porta traseira para eles entrarem. Ela ficou um pouco surpresa quando Curly levantou o jovem Copperfield e o empurrou para dentro do carro – não para o assento, mas para o

chão. Copperfield parecia contente no chão; na verdade, quando tocou o estofamento vermelho estranhamente manchado do banco, retirou a mão alarmado – nunca tocara em couro antes – e teve um sobressalto, como se temesse que o banco pudesse estar vivo. Fora um dia sensacional para o jovem Copperfield: a maior parte da manhã confinado numa caixa de bolsas de enema; sua primeira tentativa de voar; a longa queda pelo mato; e depois sentar no rosto do morto. O que aconteceria em seguida?, especulava o jovem Copperfield. Quando o Cadillac começou a andar, ele soltou um grito. Nunca antes estivera dentro de um carro.

– Ele nada sabe de carros – explicou Curly Day a Candy.

O próprio Curly também nunca sentira couro antes, mas tentou sentar no banco luxuoso como se tivesse nascido para andar eternamente daquela maneira. Não podia imaginar que as manchas desbotadas que riscavam o vermelho eram o resultado de um acidente com um agente químico – seria muitas vezes o infortúnio de Curly Day encarar um acidente com intenção artística.

– Devagar, Wally – disse Candy. – O pequeno está assustado.

Ela se inclinou por cima do banco da frente e estendeu os braços para o jovem Copperfield, cujos uivos cessaram abruptamente. Ele reconhecia a maneira como os cabelos de Candy caíam para a frente, nos lados do rosto – isso e mais os braços estendidos e o sorriso tranquilizador eram familiares a Copperfield, da enfermeira Angela e da enfermeira Edna. Os homens, pensava Copperfield, pegam uma criança com um braço e a carregam sobre o quadril; por “homens” ele queria se referir a Homer Wells e ao Dr. Larch. Curly Day às vezes carregava Copperfield dessa maneira, mas Curly não era bastante forte e frequentemente o deixava cair.

– Venha aqui, venha aqui, não tenha medo – murmurou Candy para Copperfield, puxando-o por cima do encosto e ajeitando-o em seu colo.

Copperfield sorriu e tocou nos cabelos de Candy; nunca antes sentira cabelos louros, não tinha certeza se tudo aquilo era realidade. Também nunca cheirara antes alguém que cheirasse tão bem; encostou o rosto no lado do pescoço de Candy e deu uma cheirada comprida. Ela o abraçou, até o beijou na depressão azulada da têmpora. Olhou para Wally e quase chorou.

Curly Day, roendo-se de inveja, agarrou o assento de couro e se perguntou o que poderia dizer para fazer com que quisessem a *e/e*. Por que alguém haveria de me querer?, começou a especular, mas tratou de reprimir o pensamento. Procurou o olhos de Wally pelo espelho retrovisor do Cadillac; era angustiante demais para ele a maneira como Candy segurava Copperfield.

– Você é um dos órfãos? – perguntou Wally... Com o devido tato, era o que esperava.

– Pode apostar que sim! – respondeu Curly Day, alto demais, para pensar em seguida que parecia entusiasmado demais por isso. E acrescentou, bruscamente: – Não sou apenas um dos órfãos. Sou o *melhor!*

Isso fez Candy soltar uma risada; ela se virou no banco da frente e sorriu-lhe. Curly sentiu que estava perdendo o equilíbrio no assento de couro. Sabia que deveria dizer mais alguma coisa, mas seu nariz escorria tanto que teve certeza de que seria grotesca qualquer coisa que dissesse; antes que ele pudesse passar a manga pelo rosto, lá estava a mão de Candy estendida em sua direção, oferecendo um lenço. E Curly compreendeu no instante seguinte que ela não estava apenas lhe entregando o lenço, estava comprimindo o lenço contra o seu nariz e mantendo-o na posição correta.

– Assoe – disse Candy.

Somente uma vez alguém fizera isso por Curly Day – a enfermeira Edna, pensou ele. Curly fechou os olhos e assoou o nariz – cautelosamente a princípio.

– Vamos – insistiu Candy. – Assoe de verdade.

Curly assoou pra valer – assoou o nariz com tanto vigor que a cabeça ficou no mesmo instante desanuviada. A fragrância deliciosa de Candy deixou-o tonto; ele fechou os olhos e molhou a calça. Perdeu o controle e se jogou para o fundo do enorme assento vermelho. Percebeu que assoara o nariz por toda a mão de Candy – e ela nem parecia zangada; em vez disso, parecia preocupada, o que o fez urinar ainda mais. Não podia se conter. Ela parecia completamente surpresa.

– À esquerda ou à direita? – indagou Wally, efusivo, parando no caminho para a entrada de carga da divisão de meninos.

– Esquerda! – gritou Curly. Ele abriu a porta de trás, no lado de Candy, e disse a ela: – Desculpe! Nem mesmo faço pipi na cama. Nunca fiz! Não sou um molhador de cama. Apenas peguei um resfriado! E fiquei nervoso! Apenas estou tendo um dia ruim. Sou *bom* de verdade! Sou o *melhor*!

– Está bem, está bem, mas torne a entrar – disse Candy.

Mas Curly já estava correndo pelo mato e contornando o outro lado do prédio.

– O pobre menino acaba de fazer pipi na calça – disse Candy a Wally, que via a maneira como ela segurava David Copperfield em seu colo e sentia que estava ruindo.

– Por favor, você não precisa fazer isso – murmurou ele para Candy. – Pode ter o bebê. Eu *quero* o bebê... quero o *seu* bebê. Seria maravilhoso. Podemos dar a volta.

Mas ela disse:

– Não, Wally. Estou bem. Não é o momento para termos um bebê.

Candy encostou o rosto no pescoço úmido de David Copperfield; o garoto era fragrante e ao mesmo tempo recendia a mofo. O carro estava parado.

– Tem certeza? – sussurrou Wally. – Não precisa fazer isso.

Ela o amou por dizer a coisa certa, no momento certo, mas Candy Kendall era mais pragmática do que Wally Worthington e tinha obstinação do pai quando tomava uma decisão; não era de vacilar.

– O menino disse para virar à esquerda – murmurou Candy para Wally. – Vire à esquerda.

A Sra. Grogan, no outro lado da estrada, na entrada da divisão de garotas, observou a hesitação do Cadillac. Não vira Curly Day fugir do carro e não reconheceu a criança pequena no colo da moça bonita – ela tinha dúvida se já vira alguma vez uma moça tão bonita. E o rapaz que a acompanhava era inegavelmente bonito – quase bonito demais para ser o marido, como costumam dizer no Maine.

Na opinião da Sra. Grogan, eles pareciam jovens demais para estarem adotando alguém – uma pena, refletiu ela, porque pareciam muito bem de vida. Um Cadillac nada significava para a Sra. Grogan; eram as próprias pessoas que lhe pareciam dispendiosas. Ela ficou perplexa pela maneira como se sentia encantada ao olhar para aquelas pessoas adoráveis. Os poucos vislumbres dos muito ricos não haviam encantado a Sra. Grogan no passado; tais vislumbres só serviram para deixá-la amargurada – por causa das garotas não adotadas. A sra. Grogan era toda por suas garotas; não havia nada de pessoal em sua amargura – e, mais do que isso, havia muito pouco de pessoal em toda a sua vida.

O carro continuou parado, proporcionando à Sra. Grogan uma longa visão. Ah, os pobres coitados!, pensou ela. Não são casados, tiveram essa criança, ela, ou ele, está sendo deserdada – é evidente que os dois foram desgraçados e agora vieram até aqui para renunciar ao filho. Mas estão hesitando! Ela teve vontade de sair correndo e dizer-lhes: Fiquem com a criança! Vão embora! Sentia-se paralisada pelo drama que estava imaginando. Não façam isso!,

sussurrou ela, reunindo a força para uma enorme mensagem telepática.

Foi o sinal que Wally sentiu quando disse a Candy que não precisava fazer nada, podiam voltar. Mas depois o carro recomeçou a subir – não estava fazendo a volta, seguia direto para a entrada do hospital, ao lado da divisão de meninos – e a Sra. Grogan sentiu um aperto no coração. Menino ou menina?, especulou, atordoada.

Que porra está acontecendo por aqui?, especulou Melony, em sua janela da amargura.

Por causa da luz forte no teto do dormitório, Melony podia ver o próprio rosto refletido na janela; ela observou o Cadillac branco parar em seu lábio superior. Curly Day escapou por sua face e os braços da moça loura bonita envolveram David Copperfield na garganta de Melony.

Era o mais próximo que Melony já estivera de se olhar num espelho. Não que ela se perturbasse com a densidade do rosto, como os olhos eram juntos ou como os cabelos se rebelavam; foi a expressão que a transtornou – o vazio, a ausência de energia (antes, ela imaginava, pelo menos tinha energia). Não podia se lembrar de quando fora a última vez em que se contemplara num espelho.

O que a perturbava ainda mais agora era que acabara de observar aquele vazio familiar no rosto de Homer Wells, ao levantar o corpo do chefe da estação – não era a ausência de tensão, era o olhar de inexistência de surpresa. Melony estava com medo de Homer. Como as coisas haviam mudado!, pensou ela. Sentira vontade de lembrá-lo de sua promessa. Não vai embora, não é?, ela quase perguntara. Você vai me levar se for embora, ela quisera dizer, mas seu conhecimento da nova expressão de Homer (porque era a sua própria expressão constante, Melony tinha certeza) deixara-a paralisada.

Quem são essas pessoas lindas?, especulou ela. E que carro!, pensou. Não vira os rostos, mas até as partes posteriores da cabeça

já a tornavam contrafeita. Os cabelos louros do homem contrastavam tão perfeitamente com a pele lisa e bronzeada do pescoço que Melony sentiu um calafrio. E como a parte posterior da cabeça da mulher podia ser tão perfeita – o ondulado e a suavidade dos cabelos tão acurados? Havia algum segredo em alinhar o comprimento dos cabelos de forma exata com os ombros retos, mas pequenos? E era incontestavelmente graciosa a maneira como ela segurava no colo o pequeno Copperfield – aquele nanico chato, pensou Melony. Ela devia ter dito a palavra “nanico” meio em voz alta, porque sua respiração embaçou a janela nesse instante; perdeu o reflexo da própria boca e nariz. Quando a janela clareou, viu o carro seguir adiante, na direção da entrada do hospital. Pessoas assim são perfeitas demais para precisarem de um aborto, refletiu Melony. São perfeitas demais para foderem, pensou ela, amargurada. São puras demais para fazerem isso. A moça bonita se pergunta por que não consegue engravidar. Ela não sabe que tem de foder primeiro. Estão pensando em adotar alguém, mas não vão encontrar alguém aqui. Não há alguém que seja bastante bom para eles, pensou Melony – odiando-os. Ela cuspiu em sua imagem opaca e observou a saliva escorrer pelo vidro. Não tinha energia para se mexer. Já houve um tempo, pensou ela, em que eu pelo menos teria saído e bisbilhotado o Cadillac. Talvez eles deixassem alguma coisa no carro – alguma coisa bastante boa para roubar. Mas agora nem mesmo o pensamento de roubar podia afastar Melony da janela.

O Dr. Larch efetuara o primeiro aborto, com a ajuda da enfermeira Edna; ele pedira a Homer para verificar as contrações da parturiente de Damariscotta. A enfermeira Angela estava ajudando no segundo aborto, mas o Dr. Larch exigira também a presença de Homer. Supervisionara a aplicação do éter por Homer; o Dr. Larch era tão hábil com o éter que a primeira paciente de aborto conversara com a enfermeira Edna durante toda a operação, mas nem por isso sentira

qualquer coisa. Ela falara e falara: uma espécie de lista etérea de falsas ilações, a que a enfermeira Edna respondera com entusiasmo.

Homer apagara a segunda mulher e estava claramente irritado consigo mesmo por sedá-la mais intensamente do que tencionava.

– É melhor ficar do lado seguro do que se arrepender depois – comentou a enfermeira Angela, procurando animá-lo, as mãos nas têmporas pálidas da mulher, que instintivamente massageava.

Larch pediu a Homer para inserir o espéculo vaginal. Homer olhou sombriamente para o lustroso colo do útero da mulher, a abertura pregueada do útero. Banhada por um muco claro, tinha uma aura de neblina matutina, de orvalho, das nuvens rosadas do nascer do sol ao redor. Se Wally Worthington espiasse pelo espéculo, teria imaginado que estava contemplando uma maçã em algum estágio etéreo de desenvolvimento. Mas o que é essa pequena abertura?, poderia ter indagado.

– Como parece? – perguntou Larch.

– Parece ótimo – respondeu Homer Wells.

Para sua surpresa, Larch entregou o estabilizador cervical – um instrumento simples. Servia para segurar o lábio superior do colo do útero e firmar a abertura, que era então sondada para se determinar a profundidade e dilatação.

– Não ouviu o que falei? – perguntou Homer ao Dr. Larch.

– Desaprova tocar no colo do útero, Homer?

Homer pegou corretamente o colo do útero da mulher. Mas não vou pôr a mão em nenhum dilatador, pensou ele. O Dr. Larch não vai me obrigar. Só que Larch nem pediu, limitando-se a dizer:

– Obrigado, Homer. Já é uma ajuda.

Ele explorou e dilatou pessoalmente o colo do útero. Quando pediu a cureta, Homer entregou-lhe.

– Lembra que eu perguntei se a minha presença aqui era necessária? – indagou Homer, suavemente. – Eu disse que preferia não assistir, se não se incomodasse. Está lembrado?

– É necessário que você assista – disse Wilbur Larch, escutando o som de raspar da cureta, sua respiração pouco profunda, mas regular. – Acho que você deve participar no mínimo para observar, prestar uma pequena ajuda, compreender o processo, aprender a fazer... quer resolva fazer ou não.

E Larch continuou:

– Acha que *eu* estou interferindo? Quando mulheres absolutamente desamparadas me dizem que *não* podem admitir um aborto, que têm de continuar e produzir outro... e mais outro... órfão, eu interfiro? Interfiro? Não interfiro. Apenas faço o parto. E você pensa que as histórias dos bebês nascidos aqui são quase todas felizes? Acha que o futuro dos órfãos é róseo? Acha? Não, não acha. Mas eu resisto? Não, não resisto. Nem mesmo recomendo. Faço apenas o que elas querem: um órfão ou um aborto.

– Eu sou um órfão – disse Homer Wells.

– E eu exijo que tenhamos as mesmas ideias? Não, não exijo.

– Mas desejaria.

– As mulheres que me procuram não são ajudadas por *desejos*.

Wilbur Larch largou a cureta de tamanho médio e estendeu a mão para uma menor, que Homer Wells já tinha pegado para ele, e entregou automaticamente.

– Eu *quero* ser útil – começou Homer, mas sabendo que o Dr. Larch não entenderia.

– Então não deve dar a si mesmo permissão para se esconder. Não deve se permitir desviar os olhos. Foi você mesmo quem me disse, corretamente, que para ser útil, para ter alguma participação, tinha de saber de tudo. Nada podia ser escondido de você. *Eu* aprendi isso com *você*! Pois está certo... *estava* certo.

– Está vivo – disse Homer Wells. – É só isso que conta.

– Você está envolvido num processo, Homer. Nascimento, às vezes, e interrupção... em outras ocasiões. Sua desaprovação fica registrada. É legítima. Tem todo o direito de desaprovar. Mas não

tem o direito de ser ignorante, de olhar para o outro lado, de ser *incapaz* de fazer... deve mudar de ideia.

– Não vou mudar de ideia.

– A decisão é sua. Mas pense nos casos em que, contra a sua vontade... como para salvar a vida da mãe, por exemplo... terá de efetuar um aborto.

– Não sou um médico.

– Não é um médico completo. Pode estudar comigo por mais dez anos e ainda não será completo. Mas em relação a todas as complicações na área dos órgãos femininos da geração, em relação a esses órgãos... você pode ser um cirurgião completo. E ponto final. E você já é mais competente do que a parteira mais competente.

Homer previra a extração da cureta pequena; entregou a Larch o primeiro dos vários tampões vulvares esterilizados.

– Nunca obrigarei você a fazer o que desaprova, Homer, mas vai observar, vai saber como fazer o que eu faço. Se não for assim, para que eu sirvo? Não somos trazidos a este mundo para trabalhar? Pelo menos para aprender, pelo menos para observar? O que você pensa que significa ser útil? Pensa que deve ser deixado em paz, sozinho? Pensa que devo deixá-lo ser uma *Melony*?

– Por que não ensina a *ela* como fazer? – perguntou Homer Wells ao Dr. Larch.

É uma pergunta e tanto, pensou a enfermeira Angela; mas nesse momento a cabeça da mulher se mexeu ligeiramente entre suas mãos. A mulher gemeu e a enfermeira Angela aproximou os lábios de seu ouvido, sussurrando:

– Você está bem, minha cara. Já acabou tudo agora. Procure descansar.

– Entende o que estou querendo dizer, Homer? – perguntou Larch. – Certo.

– Mas não concorda, não é?

– Certo outra vez.

Mas que adolescente impertinente, arrogante, inexperiente, que não sabe de nada e tem pena de si mesmo!, pensou Wilbur Larch. Mas em vez de manifestar qualquer dessas opiniões, ele disse a Homer Wells:

– Talvez você esteja mudando de ideia sobre a possibilidade de se tornar um médico.

– Nunca tive essa ideia – declarou Homer. – Nunca falei que queria ser um médico.

Larch olhou para o sangue na gaze – a quantidade certa de sangue, pensou ele –, e quando estendeu a mão para um novo tampão, Homer já o previra.

– Não quer ser um médico, Homer?

– Não – respondeu Homer Wells. – Acho que não.

– Não teve muita oportunidade de conhecer outras coisas – comentou Larch, filosófico, sentindo um aperto no coração. – Sei que a culpa é minha se fiz a medicina parecer tão pouco atraente.

A enfermeira Angela, que era muito mais dura do que a enfermeira Edna, sentiu que podia chorar.

– Nada é culpa sua – apressou-se Homer em declarar.

Wilbur Larch tornou a verificar a hemorragia.

– Não há muito mais a fazer aqui – disse ele, abruptamente. – Se não se importa de ficar com ela até que saia do éter... você aplicou uma dose e tanto – acrescentou Larch, olhando sob as pálpebras da mulher. – Posso fazer o parto da mulher de Damariscotta, quando ela estiver pronta. Não sabia que você não gostava de nada.

– Isso não é verdade – protestou Homer. – Posso fazer o parto da mulher de Damariscotta. Terei o maior prazer.

Mas Wilbur Larch já se afastara da paciente e deixava a sala de operações.

A enfermeira Angela lançou um olhar rápido para Homer; foi um olhar bastante neutro, nunca fulminante e nem de longe condenador, mas também não foi compreensivo (ou mesmo

amistoso, pensou Homer Wells). Ela saiu no encalço do Dr. Larch, deixando Homer com a paciente que voltava do éter.

Homer olhou para a mancha no tampão; sentiu que a mão da mulher pegava seu pulso, enquanto ela balbuciava, a voz engrolada:

– Esperarei aqui enquanto você pega o carro, meu bem.

No banheiro dos meninos, onde havia diversos reservados com vasos sanitários, Wilbur Larch molhou o rosto com água fria e procurou por indícios de lágrimas no espelho; não era um veterano de espelhos, da mesma forma que Melony, e ficou surpreso com sua aparência. Há quanto tempo sou tão *velho?*, especulou. Por trás dele, no espelho, reconheceu a pilha de roupas encharcadas no chão: pertenciam a Curly Day.

– Curly?

Ele pensara que estava sozinho, mas Curly Day também se encontrava ali, chorando – num dos reservados.

– Estou tendo um dia horrível – anunciou Curly.

– Vamos conversar a respeito – sugeriu o Dr. Larch, conseguindo persuadir Curly a deixar o reservado.

Vestia roupas mais ou menos limpas, mas Larch constatou que não eram dele. Havia algumas roupas velhas de Homer, muito pequenas para Homer agora, mas ainda grandes demais para Curly Day.

– Estou tentando parecer bonito para o casal bonito – explicou Curly. – Quero que eles me levem.

– *Levar* você, Curly? – perguntou o Dr. Larch. – Que casal?

– Você sabe – disse Curly, que acreditava que o Dr. Larch sabia de tudo. – A mulher bonita? O carro branco?

O pobre menino está tendo visões, pensou Wilbur Larch, que levantou Curly e sentou-o na beira da pia, onde podia observá-lo mais atentamente.

– Ou será que eles estão aqui para adotar outro? – indagou Curly, desesperado. – Acho que a mulher gosta de Copperfield... mas

ele nem mesmo sabe falar!

– Ninguém está adotando alguém hoje, Curly. Não tenho encontros marcados hoje.

– Talvez eles tenham vindo apenas para dar uma olhada – sugeriu Curly. – Só querem levar o melhor de nós.

– Não é assim que acontece, Curly – disse o Dr. Larch, alarmado.

Será que o menino pensa que dirijo uma loja de animais de estimação?, especulou Larch. Pensa que deixo as pessoas entrarem aqui para examinar as mercadorias?

– Não sei como acontece qualquer coisa – disse Curly, recomeçando a chorar.

Wilbur Larch, com a lembrança recente de como parecia velho para si mesmo no espelho, pensou por um momento que o trabalho era demais para ele; sentiu que estava caindo, sentiu que desejava que alguém o adotasse – que alguém o levasse embora. Aconchegou o rosto molhado de Curly contra o seu peito; fechou os olhos e contemplou as manchas que via com mais frequência quando inalava éter, só que as manchas o lembraram brutalmente das que encontrava nos tampões vulvares esterilizados.

Olhou para Curly Day e se perguntou se o menino algum dia seria adotado ou se corria o perigo de se tornar outro Homer Wells.

A enfermeira Angela passou pela porta do banheiro dos meninos; escutou o Dr. Larch confortando Curly Day. Ela estava mais preocupada com o Dr. Larch do que com Curly Day; uma espécie de antagonismo obstinado se desenvolvera entre o Dr. Larch e Homer Wells, algo que ela jamais pudera imaginar que existisse entre duas pessoas que tão obviamente se amavam e precisavam uma da outra. Afligia-a o fato de ser impotente para intervir. Ela ouviu a enfermeira Edna chamando-a e sentiu-se grata pela interrupção; concluiu que seria mais fácil conversar com Homer do que com o Dr. Larch, mas ainda não resolvera o que deveria dizer a qualquer dos dois.

Homer observou a segunda paciente de aborto emergir do éter; transferiu-a da mesa de operações para uma cama portátil; levantou as grades de segurança da cama, para o caso de a mulher se virar, ainda tonta. Deu uma olhada no outro quarto e viu que a primeira paciente de aborto já estava sentando, mas concluiu que as duas mulheres preferiam ficar a sós por um momento. Assim, deixou a segunda paciente na sala de operações. De qualquer forma, ele tinha certeza de que ainda não chegara o momento de fazer o parto da mulher de Damariscotta. O minúsculo hospital parecia-lhe particularmente apertado e apinhado, ele ansiava por ter sua própria sala. Antes de pensar em qualquer outra coisa, porém, sabia que precisava pedir desculpas por ter magoado os sentimentos do Dr. Larch – deixara as palavras saírem inadvertidamente e agora quase chorava só de pensar que causara algum sofrimento ao Dr. Larch. Foi direto para o dispensário, onde avistou o que julgou ser os pés do Dr. Larch se projetando além da cama que havia ali; os armários de medicamentos bloqueavam o resto da cama de sua vista. Ele falou para os pés do Dr. Larch, que para sua surpresa eram maiores do que se lembrava; também ficou espantado pelo fato de o Dr. Larch – um homem meticuloso – não ter tirado os sapatos, que ainda por cima estavam enlameados.

– Dr. Larch? – disse Homer. – Sinto muito. – Como não houvesse resposta, Homer pensou, irritado, que o Dr. Larch estava sob o efeito de sedação de éter no momento mais inoportuno que se podia imaginar.

– Sinto muito e amo você – acrescentou Homer, um pouco mais alto.

Ele prendeu a respiração, atento à respiração de Larch, que não conseguiu ouvir; alarmado, contornou os armários e deparou com o corpo sem vida do chefe da estação estendido na cama de Larch. Não ocorreu a Homer que aquela fora a primeira vez em que alguém dissera “Eu amo você” ao chefe da estação.

Não se encontrara lugar melhor para deixá-lo. A enfermeira Edna e a enfermeira Angela o haviam removido da sala de operações. Teria sido cruel esperar que uma das pacientes de aborto tolerasse a sua presença ou colocá-lo ao lado da parturiente; e certamente seria perturbador para os órfãos se o chefe da estação fosse estendido numa das camas do dormitório.

– Mas que diabo! – explodiu Homer.

– O que foi? – perguntou Larch, com Curly Day no colo e falando com Homer da porta do dispensário.

– Nada – respondeu Homer Wells. – Não tem importância.

– Curly teve um dia horrível – explicou o Dr. Larch.

– É uma pena, Curly – disse Homer.

– Alguém veio aqui para adotar alguém – anunciou Curly. – Eles estão escolhendo.

– Acho que não, Curly – disse o Dr. Larch.

– Diga a eles que sou o melhor, está bem, Homer? – pediu Curly.

– Certo – respondeu Homer Wells. – Você é o melhor.

– Wilbur!

Era a enfermeira Edna quem estava chamando. Ela e a enfermeira Angela conversavam na entrada do hospital.

Todos foram ver o que estava acontecendo: o doutor, seu relutante aprendiz e o segundo órfão mais velho da divisão de meninos.

Havia um grupo pequeno, mas movimentado em torno do Cadillac. A mala estava aberta e o rapaz bonito distribuía presentes aos órfãos.

– Lamento não ser a temporada das maçãs, garotos – estava dizendo Wally. – Ou da sidra. Vocês bem que poderiam aproveitar um pouco de sidra!

Ele falava jovialmente, entregando os potes de mel e de geleia de maçã. As mãozinhas sujas e ansiosas pegavam tudo. Mary Agnes Cork, a segunda órfã mais velha da divisão de garotas, estava

pegando mais do que a sua parte. (Melony lhe ensinara como dominar a frente de uma fila.) Mary Agnes era um nome popular com a Sra. Grogan e Cork era o condado da Irlanda em que ela nascera. Já houvera muitas Cork na divisão de garotas.

– Há bastante para todos! – declarou Wally, otimista, enquanto Mary Agnes guardava dois potes de mel e um de geleia de maçã na blusa... e depois avançava para pegar mais.

Um garoto chamado Smoky Fields abriu seu pote de geleia e estava comendo com os dedos.

– É muito gostoso com torradas, de manhã – informou Wally, cautelosamente.

Mas Smoky Fields fitou-o como se torradas não fossem um item constante de sua dieta ou dificilmente estivessem disponíveis pela manhã. Smoky Fields tencionava acabar com o pote de geleia ali mesmo. Mary Agnes viu uma presilha de cabelos com uma beirada de osso em cima do banco traseiro do conversível – uma presilha que Candy tirara de seus cabelos. Mary Agnes virou-se para Candy, em cujos pés deixou cair um segundo pote de geleia de maçã.

– Epa! – exclamou Candy, abaixando-se para pegar a geleia para ela, enquanto Mary Agnes roubava a presilha de cabelos... o pequeno John Walsh observando com admiração seus hábeis movimentos.

Um vestígio de sangue ou talvez de ferrugem na canela à mostra de Mary Agnes atraiu a atenção de Candy e deixou-a repugnada; ela precisou fazer um esforço para não molhar o dedo e tentar remover a mancha. Quando se empertigou e entregou o pote de geleia à garota, Candy sentiu-se um pouco tonta. Alguns adultos saíam pela entrada do hospital e a presença deles ajudou Candy a se controlar. Não vim aqui para brincar com as crianças, pensou.

– Sou o Dr. Larch – estava dizendo o velho a Wally, que parecia paralisado pela determinação com que Smoky Fields devorava o pote de geleia.

– Wally Worthington – disse Wally, sacudindo a mão do Dr. Larch e entregando-lhe um pote do mel de Ira Titcomb. – É do Ocean View Orchard. Fica em Heart’s Rock, mas estamos muito perto da costa... quase em Heart’s Haven.

– Heart’s Haven? – repetiu Wilbur Larch, examinando o mel.

Uma brisa marinha parecia irradiar do rapaz – tão distinta quanto notas novas e estalando de 100 dólares. De quem era o rosto numa nota de 100 dólares? Larch tentou se lembrar.

– Diga a ela – falou Curly Day para Homer Wells, apontando para Candy.

Mas não havia necessidade de apontar. Homer Wells a vira e apenas a ela desde o instante em que saíra pela entrada do hospital. O pequeno Copperfield agarrava-se à perna da moça, mas isso não parecia prejudicar a sua graciosidade – e nada podia interferir com a sua radiância.

– Diga a ela que sou o melhor – insistiu Curly para Homer.

– Olá – disse Candy a Homer, porque ele era o mais alto ali, tão alto quanto Wally. – Sou Candy Kendall. Espero não estarmos interrompendo nada.

Está interrompendo dois abortos, um nascimento, uma morte, duas autópsias e uma discussão, pensou Homer Wells, embora dissesse apenas:

– Ele é o melhor.

Uma declaração mecânica demais!, pensou Curly Day. Carece de convicção!

– Eu – anunciou Curly, interpondo-se entre os dois. – Ele está falando de mim. Eu sou o melhor.

Candy inclinou-se para Curly e desmanchou-lhe os cabelos visguntos.

– Claro que é! – disse ela, jovialmente. Empertigando-se, acrescentou para Homer: – E você trabalha aqui? Ou é um...

Era polido dizer *deles?*, especulou Candy.

– Não exatamente – murmurou Homer, pensando: Trabalho aqui, inexatamente, e sou inexatamente um deles. – O nome dele é Homer Wells – informou Curly a Candy, já que Homer esquecera de se apresentar. – Ele é muito velho para ser adotado.

– Dá para perceber! – exclamou Candy, sentindo-se contrafeita.

Eu deveria estar falando com o médico, pensou ela, embaraçada; estava irritada com Wally por ter atraído toda aquela multidão.

– Estou no negócio de maçãs – estava dizendo Wally ao Dr. Larch. – É o negócio do meu pai. Ou melhor, o negócio da minha mãe.

O que esse idiota quer?, pensou Wilbur Larch.

– Ah, eu adoro maçãs! – interveio a enfermeira Edna.

– Eu teria trazido uma porção de maçãs, mas é a época errada do ano – disse Wally. – Deveriam cultivar as suas próprias maçãs.

Ele indicou a encosta árida por trás do orfanato, antes de acrescentar:

– Olhem só para aquela colina! Está sendo erodida. Deveriam plantar ali. Eu poderia arrumar as árvores. Dentro de seis ou sete anos, teriam suas próprias maçãs. E teriam maçãs por mais de 100 anos.

Para que eu quero 100 anos de maçãs?, pensou Wilbur Larch.

– Não seria maravilhoso, Wilbur? – indagou a enfermeira Edna.

– E também poderiam ter uma prensa de sidra – sugeriu Wally. – Dariam às crianças maçãs frescas e sidra fresca... elas teriam muita coisa para fazer.

Elas não precisam de coisas para fazer, pensou o Dr. Larch. Precisam de lugares aonde *ir*!

Eles devem ser de alguma instituição de caridade, pensou a enfermeira Angela, cautelosa. Aproximou os lábios do ouvido do Dr. Larch e murmurou:

– Um donativo de vulto.

Seu propósito era evitar que Larch tratasse o casal com grosseria.

Eles são jovens demais para darem o seu dinheiro de mão beijada, pensou Wilbur Larch.

– Abelhas! – estava dizendo Wally. – Vocês deveriam também ter abelhas. É fascinante para as crianças e muito mais seguro do que pensa a maioria das pessoas. Teriam seu próprio mel e proporcionariam uma educação às crianças... as abelhas formam uma sociedade exemplar, constituem uma lição em trabalho de equipe!

Cale a boca, Wally, estava pensando Candy, embora compreendesse por que ele não podia parar de falar. Wally não estava acostumado a um ambiente que não podia animar imediatamente, não estava acostumado a um lugar tão desesperador que exigia o silêncio. Não estava acostumado a absorver um choque, a simplesmente aceitá-lo. O estilo de falar-um-quilômetro-por-minuto de Wally era um esforço sincero; ele acreditava em melhorar o mundo – tinha de consertar tudo, fazer com que tudo fosse melhor.

O Dr. Larch olhou ao redor, observando as crianças se empanturrarem de geleia e mel. E pensou: Eles vieram aqui para brincar com os órfãos por um dia e deixar todos doentes? Larch deveria ter olhado para Candy; compreenderia então por que os dois estavam ali. Mas Wilbur Larch não era muito de fitar as mulheres nos olhos; já as vira demais sob luzes fortes. A enfermeira Angela especulava às vezes se o Dr. Larch sequer percebia como ignorava as mulheres; ela se perguntava se isso era um risco ocupacional entre os obstetras ou se os homens com tendência para ignorar as mulheres eram atraídos para a obstetrícia.

Homer Wells não ignorava as mulheres, fitava-as nos olhos, o que podia explicar, pensava a enfermeira Angela, por que ele parecia achar que a posição delas nos estribos era tão perturbadora. É

curioso, pensava ela, como Homer vê tudo o que o Dr. Larch vê, mas não quer observar a mim ou a enfermeira Edna raspar qualquer mulher. Ele era inflexível nas discussões com o Dr. Larch sobre raspar as mulheres para os abortos. Não era necessário, Homer sempre dizia, e as mulheres não gostavam de serem raspadas.

– Gostar? – dizia o Dr. Larch. – Por acaso estou no negócio de diversão?

Candy sentia-se desamparada; ninguém parecia entender por que ela estava ali. As crianças colidiam com ela, no nível do quadril, e aquele rapaz embaraçado, de uma beleza sombria, que certamente era de sua idade, mas de certa forma parecia mais velho... ela deveria dizer a *ele* por que viera a St. Cloud's? Ninguém podia adivinhar só de olhar para ela? E foi nesse instante que Homer Wells olhou para ela dessa maneira; os olhos se encontraram. Candy pensou que ele já a vira muitas vezes antes, que a observara crescer, a vira nua, até mesmo observara o ato responsável pelo problema em particular que a trouxera até ali em busca de cura. Foi terrível para Homer reconhecer na expressão da linha estranha por quem se apaixonara algo tão familiar e lamentável como uma gravidez indesejada.

– Acho que ficaria mais confortável lá dentro – murmurou ele para a jovem.

– Tem razão – disse Candy, incapaz de fitá-lo nos olhos agora. – Obrigada.

Larch, observando a moça se encaminhar para a entrada do hospital – reconhecendo aquele jeito deliberado de andar que previsivelmente ocorre a alguém que está observando os próprios pés –, pensou de repente: Ora, é apenas mais um aborto, só isso. Virou-se para seguir a moça e Homer, no instante em que Smoky Fields terminava de comer a geleia e atacava um pote de mel. Smoky comia sem qualquer satisfação aparente, mas comia tão metodicamente que mesmo quando levava um esbarrão de um órfão

próximo nunca desviava os olhos de sua pequena pata, esvaziando o pote. Quando o esbarrão era mais forte, uma espécie de grunhido – ou gorgolejo – afluía em sua garganta e inclinava-lhe os ombros para a frente, como a proteger o pote de outros predadores.

Homer seguiu na frente para a sala da enfermeira Angela; no limiar, viu as mãos do bebê morto estendendo-se por cima da bandeja branca de exame, que ainda estava em cima da máquina de escrever. As mãos do bebê ainda esperavam pela bola, mas os reflexos de Homer foram bastante rápidos: efetuou uma volta completa na porta, empurrando Candy rumo ao corredor.

– Este é o Dr. Larch – disse Homer a Candy, apresentando-os, enquanto conduzia a todos para o dispensário.

Wilbur Larch não lembrava que havia um bebê morto em cima da máquina de escrever na sala da enfermeira Angela. E disse a Homer, irritado:

– Não deveríamos deixar que a Sra. Kendall sentasse? Ele também não lembrava que o chefe da estação morto se encontrava no dispensário; ao ver os sapatos enlameados do basbaque, puxou Homer para o lado e lhe sussurrou, em tom áspero:

– Não tem pena dessa pobre moça?

Homer sussurrou em resposta que achava que a visão parcial de um homem morto era preferível à visão inteira de um bebê morto.

– Ah... – murmurou Wilbur Larch.

– Vou fazer o parto da mulher de Damariscotta – acrescentou Homer para o Dr. Larch, ainda sussurrando.

– Não precisa ter pressa – sussurrou Larch.

– É que não quero ter nada com *esta* – sussurrou Homer em resposta, olhando para Candy. – Nem mesmo quero olhar para ela, entende?

O Dr. Larch olhou para a jovem. Pensou que compreendia, pelo menos um pouco. Era uma jovem muito bonita, até mesmo o Dr. Larch podia perceber isso, e nunca vira Homer tão agitado na

presença de qualquer outra pessoa antes. Homer fantasia que está apaixonado!, pensou o Dr. Larch. Ou fantasia que gostaria de estar. Tenho sido totalmente insensível?, especulou Larch. O garoto ainda é bastante jovem para precisar romantizar as mulheres? Ou já é bastante homem para desejar também um *romance* com as mulheres?

Wally estava se apresentando a Homer Wells. Wilbur Larch pensou: Eis alguém que tem maçãs no lugar de miolos; por que *ele* está sussurrando? Não ocorreu ao Dr. Larch que Wally pensava, por sua visão parcial do corpo, que o chefe da estação estava dormindo.

– Se eu puder ficar a sós por um momento com a Srta. Kendall – disse Wilbur Larch –, podemos deixar para nos conhecer melhor em outra ocasião. Edna, eu gostaria por favor que me ajudasse com a Srta. Kendall. E você, Angela... quer ajudar Homer com a mulher de Damariscotta? *Homer...* – explicou o Dr. Larch a Wally e Candy –... é um *parteiro* muito experiente.

– É mesmo? – disse Wally para Homer, com o maior entusiasmo.
– Puxa vida!

Homer Wells manteve-se em silêncio. A enfermeira Angela, eriçando-se à palavra “parteiro” – à condescendência que corretamente sentiu no tom do Dr. Larch –, pôs a mão gentilmente no braço de Homer e lhe disse:

– Vou lhe dar uma contagem das contrações.

A enfermeira Edna, cujo amor irrestrito pelo Dr. Larch se tornou ainda mais radiante, ressaltou jovialmente que várias pessoas teriam de ser transferidas de e para vários leitos, a fim de se arrumar um lugar para Candy.

– Então, por favor, tome as providências necessárias – disse o Dr. Larch. – Se eu pudesse ficar a sós por um momento com a Srta. Kendall...

Mas ele percebeu que Homer parecia fascinado; Homer ignorava que olhava fixamente para Candy. O garoto ficou desnortado,

pensou Wilbur Larch, que também não via qualquer indicação de que Cérebro de Maçã tencionasse deixar o dispensário.

– Eu gostaria de explicar o processo à Srta. Kendall – acrescentou Wilbur Larch para Wally (parecia inútil se dirigir a Homer). – Gostaria de saber sobre a hemorragia depois... por exemplo.

Com a palavra “hemorragia”, Larch tencionava causar algum efeito na pele cor de maçã de Wally. E conseguiu – talvez em combinação com a intensa atmosfera de éter no dispensário.

– Alguém vai cortá-la? – perguntou ele a Homer, em tom patético.

Homer pegou o braço de Wally e afastou-o abruptamente. Levou-o pelo corredor e para fora tão depressa que Wally quase escapou à náusea. Ao final, graças exclusivamente aos bons reflexos de Homer, Wally só vomitou quando os dois estavam por trás da divisão de meninos – na própria encosta em que Wally sugerira plantar macieiras, a própria encosta em que a sombra de Homer Wells ultrapassara recentemente a sombra do Dr. Larch.

Os dois jovens subiram e desceram pela colina, em linhas retas – respeitando as fileiras de árvores que Wally estava plantando em sua imaginação.

Homer, polidamente, explicou o procedimento a que Candy seria submetida, mas Wally queria falar sobre macieiras.

– Esta colina é perfeita para o lote padrão de 12 por 12 – comentou Wally, caminhando 12 metros numa direção e fazendo a volta, num ângulo reto perfeito.

– Se ela está nos três primeiros meses – ressaltou Homer –, então não deve haver qualquer trabalho com o fórceps, apenas a dilatação normal... que é a dilatação da abertura do útero... e depois a curetagem... que é raspar.

– Eu recomendaria quatro fileiras de McIntosh e depois uma fileira de Red Delicious – disse Wally. – Metade das árvores deve ser

Macs. Eu misturaria o resto... talvez 10 por cento de Red Delicious, outros 10 ou 15 por cento de Cortlands e Baldwins. Vão querer umas poucas Northern Spies, e eu acrescentaria também algumas Gravensteins... maçãs maravilhosas para tortas, e são colhidas mais cedo.

– Não há nenhum corte de verdade – disse Homer a Wally –, embora vá haver alguma hemorragia... chamamos de manchas, porque na verdade não há muito sangue. O Dr. Larch é muito competente com o éter, e assim não precisa se preocupar... ela não vai sentir nada. Claro que ela sentirá alguma coisa depois. É um tipo especial de cãibra. O Dr. Larch diz que qualquer mal-estar é psicológico.

– Você pode voltar para a costa com a gente – disse Wally a Homer. – Carregaríamos um caminhão com mudas e dentro de um ou dois dias estaríamos aqui de volta e poderíamos plantar o pomar juntos. Não levaria muito tempo.

– Negócio fechado – disse Homer Wells.

A *costa*, pensou ele. Tenho de ver a costa. E a moça. Tenho de viajar no carro com a moça.

– Um *parteiro*, puxa vida! – disse Wally. – Posso apostar que vai ser médico.

– Acho que não – respondeu Homer Wells. – Ainda não sei.

– As maçãs estão na minha família – disse Wally. – Vou para a universidade, mas juro que não sei por que me incomodar.

Universidade, pensou Homer Wells.

– O pai de Candy é lagosteiro – explicou Wally. Mas ela também vai para a universidade.

Lagosta!, pensou Homer Wells. O fundo do mar!

Do fundo da colina, a enfermeira Angela estava acenando para eles.

– Damariscotta está pronta! – gritou ela para Homer Wells.

– Tenho de tirar o bebê de uma mulher – disse Homer a Wally.

– Puxa vida! – disse Wally. Ele parecia relutante em deixar a colina. – Acho que ficarei aqui por cima. Prefiro não ouvir nada.

Arrematou a frase com um sorriso simpático e confidencial para Homer.

– Não há muito barulho – disse Homer.

Ele não estava pensando na mulher de Damariscotta; estava pensando em Candy. Pensou no som de raspar areia que a cureta fazia, mas achou melhor poupar o seu novo amigo desse detalhe.

Deixou Wally na colina e se encaminhou a trote para a enfermeira Angela; olhou para Wally lá atrás uma vez e acenou. Um garoto de sua idade! Um garoto do seu tamanho! Eram da mesma altura, embora Wally fosse mais musculoso – de esportes, calculara o Dr. Larch. Ele tem o corpo de um herói, pensou o Dr. Larch, lembrando os heróis que tentara ajudar na França, durante a Primeira Guerra Mundial. Esguio, mas musculoso: assim era o corpo de um herói – e repleto de buracos de balas, pensou Wilbur Larch. Ele não sabia por que o corpo de Wally levava-o a se lembrar de tais coisas.

E o rosto de Wally?, Wilbur Larch estava pensando. Era bonito, de uma maneira mais suave que o de Homer, que também tinha um rosto bonito. Embora o corpo de Wally fosse mais forte, os ossos eram um tanto mais pronunciados – e mais delicados. Não havia qualquer vestígio de ira nos olhos de Wally; eram os olhos das boas intenções. O corpo de um herói e o rosto... o rosto de um benfeitor!, concluiu Wilbur Larch, empurrando para o lado um anel louro de pelos pubianos que não caíra diretamente no saco de refugio, mas aderira à parte interna da coxa de Candy, perto do joelho levantado e dobrado. Ele trocou a cureta de tamanho médio pela menor, notando que as pálpebras da moça estavam adejando, notando os polegares gentis da enfermeira Edna – massageando as têmporas da moça – e os lábios ligeiramente entreabertos; ela se mostrara extraordinariamente relaxada para alguém de sua idade, e sob o

efeito do éter se tornara ainda mais serena. A beleza em seu rosto, pensou Larch, era o fato de que ela ainda estava livre de culpa. O que surpreendia Larch: como Candy dava a impressão de que sempre estaria livre de culpa.

Sentiu que a enfermeira Edna observava-o perscrutar a moça, e por isso inclinou-se mais uma vez para a vista que o espéculo lhe proporcionava e concluiu o trabalho com a cureta pequena.

Um benfeitor, pensou Wilbur Larch. Homer encontrou seu benfeitor!

Homer Wells estava pensando por linhas paralelas. Encontrei um Príncipe do Maine, ele estava pensando; conheci um Rei da Nova Inglaterra – e fui convidado para ir a seu castelo. Em todas as suas jornadas através de *David Copperfield*, finalmente ele compreendia a visão de Steerforth pelo jovem David. “Ele era uma pessoa de grande poder a meus olhos”, observou o jovem Copperfield. “Nenhum futuro velado o contemplava nos raios de luar. Não havia imagem sombria sobre seus passos, no jardim em que eu sonhava andar por toda a noite.”

“Nenhum futuro velado”, pensou Homer Wells. Estou indo para a *costa!*

– Faça força – disse ele à mulher de Damariscotta. – Damariscotta fica na costa?

O pescoço da mulher estava tenso com o esforço e ela apertava com toda a força a mão da enfermeira Angela. – Quase! – gritou a mulher, empurrando a criança para St. Cloud’s... a cabeça escorregadia segurada com perfeição pela palma da confiante mão direita de Homer.

Ele ajeitou a quina da mão sob o frágil pescoço do bebê; a mão esquerda levantou o traseiro, enquanto ele o guiava para “o ar livre” – como diria o Dr. Larch.

Era um menino. *Steerforth*, assim Homer Wells chamaria aquele – o segundo parto que fazia sozinho. Homer cortou o cordão

umbilical e sorriu ao ouvir o berro saudável do pequeno Steerforth.

Candy, saindo do éter, ouviu os gritos do bebê e estremeceu; se o Dr. Larch visse o seu rosto naquele momento, poderia perceber algum sentimento de culpa.

– Menino ou menina? – perguntou ela, a fala engrolada. Somente a enfermeira Edna ouviu. – Por que está chorando?

– Não foi nada, querida – disse a enfermeira Edna. – Está tudo acabado.

– Eu gostaria de ter um bebê um dia – declarou Candy. – Juro que gostaria.

– Claro, claro, querida – murmurou a enfermeira Edna. – Pode ter tantos quantos quiser. Tenho certeza de que terá filhos muito bonitos.

– Terá Príncipes do Maine! – declarou o Dr. Larch a Candy subitamente. – Terá Reis da Nova Inglaterra!

Ora, o bode velho, pensou a enfermeira Edna – ele está flertando! Seu amor por Larch ficou momentaneamente abalado.

Que ideia estranha, pensou Candy – não sei por que eles pareceriam assim. Sua mente vagueou por algum tempo. Por que o bebê está chorando?, especulou. Wilbur Larch, efetuando a limpeza, notou outra massa de pelo crespo da região pubiana; era do mesmo tom amarelo-castanho da pele de Candy, sem dúvida o motivo pelo qual a enfermeira Edna não o percebera. Ele escutou os gritos do bebê da mulher de Damariscotta e pensou que não devia ser egoísta; devia encorajar Homer a fazer amizade com o jovem casal. Lançou um olhar para a moça cochilando; a oportunidade irradiava dela como um farol.

E as pessoas sempre comerão maçãs, pensou Larch – deve ser uma vida boa.

A maçã esmaltada na porta do Cadillac – e com o monograma em ouro – era de especial interesse para Melony, que conseguiu se estimular à ação; tentou roubar a maçã na porta antes de

compreender que não se desprenderia. A chegada de Mary Agnes na divisão de garotas – com os braços esqueléticos açambarcando vários potes de geleia e mel – levara Melony para ir verificar pessoalmente o que estava acontecendo. Ela pensou, amargurada, como era típico que nada lhe restasse – nem mesmo um vislumbre das pessoas tão bonitas; não se incomodaria em dar outra olhada nelas. Não havia nada que valesse a pena roubar, ela podia constatar à primeira vista – apenas um livro velho; era o destino, ela pensaria depois, que o título do livro e o nome do autor lhe fossem visíveis. O livro parecia abandonado no chão do carro. *Little Dorrit* nada significava para Melony, mas Charles Dickens era um nome que ela reconhecia, ele era uma espécie de herói para Homer Wells. Sem pensar que aquele era o primeiro ato altruísta de sua vida, ela roubou o livro – para Homer. Na ocasião, não estava sequer pensando como poderia impressioná-lo, como poderia adquirir alguma luz favorável aos olhos dele. Pensou apenas generosamente: Ei, veja só, um presente para Sunshine!

Significava mais para ela do que poderia admitir até para si mesma: que Homer prometera nunca deixar St. Cloud's sem ela.

E depois ela viu Wally; ele se encaminhava para o Cadillac, para a entrada do hospital, mas a todo instante se virava para olhar a colina. Em sua imaginação, ele via o pomar na época da colheita – as escadas compridas encostadas nas árvores, os colhedores eram os próprios órfãos. Os engradados estavam empilhados nas passagens entre as árvores; numa delas, um trator puxava um reboque já carregado com maçãs. Parecia uma boa colheita.

Onde eles vão arrumar um trator?, especulou Wally. Tropeçou, recuperou o equilíbrio, olhou para onde estava andando – na direção do Cadillac abandonado. Melony desaparecera. Perdera a coragem. O pensamento de se confrontar sozinha com o rapaz tão bonito – ela não tinha certeza se poderia tolerar a sua indiferença. Se ele ficasse visivelmente intimidado por sua aparência, isso não incomodaria Melony; ela até que gostava de sua capacidade de

chocar as pessoas. Mas não podia suportar a possibilidade de que ele nem sequer a notasse. E se ele lhe entregasse um pote de mel, Melony o usaria para rachar seu crânio. Ninguém faz isso comigo, pensou ela – e *Little Dorrit* esgueirou-se para dentro de sua blusa, contra o coração batendo forte.

Ela atravessou a estrada entre a divisão de meninos e a divisão de garotas no instante em que o assistente do chefe da estação subia por ali, a caminho do hospital. A princípio, ela não o reconheceu – ele estava todo paramentado. Para Melony, ele não passava de um pateta de macacão, um intrometido que tentava assumir um ar de empáfia pelo que era, na opinião dela, o trabalho mais estúpido do mundo: observar os trens chegarem e depois observá-los partirem. A solidão da estação ferroviária deprimia Melony; ela evitava o lugar. Chegava-se à estação para uma coisa: ir embora. Mas ficar ali o dia inteiro, imaginando a partida – podia haver coisa mais triste ou mais estúpida? E agora ali estava aquele imbecil, ainda exibindo o esforço de um ano inteiro para criar um bigode, mas vestido a capricho – não, não era bem assim, compreendeu Melony: ele está vestido para um funeral.

Era o seguinte: o garoto simplório, mas ambicioso ficara impressionado pelo Cadillac branco; calculara que o posto de chefe da estação seria seu se demonstrasse uma solenidade apropriada e adulta diante do falecimento do chefe da estação. Estava apavorado pela perspectiva do encontro com o Dr. Larch, e a ideia das mulheres grávidas fazia-o sentir-se furtivo; mas imaginara que apresentar seus respeitos no orfanato, onde o corpo do chefe da estação repousava, era um ritual de passagem desagradável, mas necessário. O cheiro de cuspe que associava com bebês também o deixava nauseado; uma bravura excepcional o guiara até o orfanato, dando a seu rosto jovem e tolo um semblante quase adulto – exceto pelo buço que manchava seu lábio superior e fazia com que todos os esforços de parecer adulto se tornassem ridículos. Ele também se sobrecarregara para a subida da colina com todos os catálogos; o

chefe da estação não precisaria deles agora, e seu assistente imaginava que poderia se insinuar nas boas graças do Dr. Larch ao oferecê-los como presente – uma espécie de oferenda de paz. Não se dera ao trabalho de considerar que proveito Wilbur Larch poderia ter para sementes e lingerie ou como o velho doutor reagiria às declarações sobre os perigos das almas – a sua própria e muitas outras inquietas.

Os dois órfãos que o assistente do chefe da estação mais desprezava eram Homer e Melony. Homer, porque sua serenidade lhe proporcionava uma aparência confiante e adulta que o assistente se sentia impotente para alcançar; e Melony, porque caçoava dele. Agora, para tornar o dia ainda pior, ali estava Melony – bloqueando seu caminho.

– O que é isso no seu lábio? – perguntou Melony. – Um fungo? Talvez fosse melhor lavar.

Ela era maior do que o assistente do chefe da estação, especialmente agora que se encontrava num ponto mais alto da encosta. Ele tentou ignorá-la.

– Vim ver o corpo – disse ele, com dignidade.

Se tivesse um pouco de bom senso, ele perceberia que tais palavras eram muito mal escolhidas para apresentação a Melony.

– Quer ver *meu* corpo? – Ao perceber como ele estava perdido e assustado, Melony acrescentou: – Não estou brincando.

Melony possuía o instinto para aproveitar qualquer vantagem, mas afrouxava quando o adversário era muito fácil. Compreendeu que o assistente do chefe da estação continuaria parado ali na estrada até cair de fadiga, e por isso deu um passo para o lado, a fim de deixá-lo passar, dizendo:

– Eu *estava* brincando.

Ele cambaleou para a frente, corando, e quase virara o canto da divisão de meninos quando Melony lhe gritou: – Você teria de se *raspar* antes que eu deixasse!

O assistente vacilou um pouco, fazendo com que Melony ficasse admirada com a própria força; depois, ele virou o canto do prédio e sentiu-se animado pela visão do reluzente Cadillac – pelo que pensava ser o carro fúnebre branco. Se, naquele momento, um coro irrompesse em voz celestial, o assistente teria caído de joelhos, os catálogos se espalhando ao redor. A mesma luz que abençoava o Cadillac parecia irradiar dos cabelos louros do jovem de aparência vigorosa: o motorista do carro fúnebre. Eis ali uma responsabilidade que intimidava o assistente do chefe da estação!

Ele se aproximou de Wally com todo cuidado. Wally estava encostado no Cadillac, fumando um cigarro e visualizando um pomar de macieiras em St. Cloud's. O assistente do chefe da estação, que parecia um lacaio repulsivo de um agente funerário, surpreendeu Wally.

– Vim ver o corpo – disse o assistente.

– O corpo? – repetiu Wally. – Que corpo?

O medo de se meter numa situação embaraçosa quase paralisou o assistente do chefe da estação. O mundo, ele imaginava, estava transbordando de etiqueta além de sua compreensão; obviamente, fora falta de tato mencionar o corpo do falecido ao próprio homem que era responsável por levá-lo dali em segurança.

– Mil perdões! – balbuciou o assistente, uma expressão que ele lera.

– Mil o quê? – disse Wally, começando a ficar alarmado.

– Foi uma descortesia da minha parte – disse o assistente do chefe da estação, fazendo uma mesura insinuante e se esgueirando para a entrada do hospital.

– Alguém morreu? – perguntou Wally, ansioso.

Mas o assistente já conseguira passar pela entrada do hospital, onde rapidamente se escondeu num canto da parede, enquanto pensava no que fazer em seguida. Era evidente que perturbara os sentimentos delicados e sensíveis do motorista do carro fúnebre. É

uma situação difícil, pensou o assistente, tentando se acalmar. Que erro cometerei em seguida? Encolheu-se no canto, onde podia sentir o cheiro de éter flutuando do dispensário próximo; não tinha a menor ideia de que o corpo que desejava ver estava a menos de cinco metros de distância. Pensou que também podia cheirar os bebês – ouviu um berrando. Achava que os bebês nasciam quando as mulheres estavam com as pernas esticadas para cima, a sola dos pés virada para o teto; essa visão imobilizou-o no canto. Cheiro de sangue!, imaginou, fazendo o maior esforço para controlar o pânico. Ele aderiu à parede como reboco – a tal ponto que Wally não o percebeu quando passou pela entrada do hospital, preocupado em saber quem morrera. Wally entrou no dispensário, como que atraído pelo éter – embora no mesmo instante sentisse a náusea voltando. Pediu desculpas aos pés do chefe da estação.

– Oh, desculpe – murmurou Wally, cambaleando de volta para o corredor.

Ouviu a enfermeira Angela falando com Candy, que já era capaz de se sentar. Wally entrou abruptamente na sala, mas a expressão de alívio em seu rosto – ao constatar que Candy não era a pessoa que estaria morta – foi tão comovente que a enfermeira Angela nem mesmo ficou zangada pela intromissão.

– Por favor, pode chegar perto – disse ela a Wally, em sua melhor voz de hospital, que sempre usava a primeira pessoa do plural. – Nós estamos nos sentindo muito melhor agora. Ainda não estamos prontas para sair por aí, mas já estamos sentando muito bem... não é?

Candy sorriu em resposta. Estava tão visivelmente contente por ver Wally que a enfermeira Angela achou que deveria deixá-los a sós. St. Cloud's não tinha uma história grande e terna da presença de casais na sala de operações, e a enfermeira Angela estava ao mesmo tempo surpresa e feliz por ver um homem e uma mulher que

se amavam. Posso fazer a limpeza depois, pensou ela – ou pedirei a Homer para fazer.

Homer e o Dr. Larch estavam conversando. A enfermeira Edna levava a mulher de Damariscotta de volta ao seu leito na enfermaria da maternidade, e o Dr. Larch examinava o bebê que Homer Wells trouxera ao mundo – o pequeno Steerforth (um nome que Larch já criticara; havia alguma vileza no caráter de Steerforth – ou será que Homer esquecera essa parte? – e havia também uma morte por afogamento; era mais um estigma do que um nome, na opinião do Dr. Larch). Mas não estavam mais conversando sobre Steerforth.

– Wally garantiu que levaria apenas dois dias – estava dizendo Homer Wells. – Acho que vamos carregar um caminhão. Serão 40 árvores. E eu gostaria de ver a costa. – Claro que você deve ir, Homer... é uma grande oportunidade – disse o Dr. Larch.

Ele espetou Steerforth na barriga com um dedo; depois, incitou Steerforth a agarrar um de seus outros dedos; depois, projetou uma pequena luz nos olhos de Steerforth.

– Eu ficaria ausente apenas por dois dias – acrescentou Homer Wells.

Wilbur Larch sacudiu a cabeça; a princípio, Homer pensou que havia alguma coisa errada com Steerforth.

– *Talvez* apenas dois dias, Homer – disse o Dr. Larch. – Você deve estar preparado para aproveitar a situação. Não deve perder uma oportunidade dessas... em apenas dois dias.

Homer olhava fixamente para o Dr. Larch, mas este examinava os ouvidos de Steerforth.

– Se esse jovem casal gosta de você, Homer, e se você gosta deles... bom... acho que também vai conhecer os pais deles... e se os pais gostarem de você... bom... acho que deve tentar fazer com que os pais gostem de você.

Ele não olhava para Homer, que o observava atentamente; o Dr. Larch examinou a ponta atada do cordão umbilical, enquanto

Steerforth chorava e chorava.

– Creio que ambos sabemos que seria bom para você escapar daqui por mais de dois dias, Homer – disse o Dr. Larch. – Quero que compreenda que não estou falando de uma adoção, mas sim da possibilidade de um trabalho de verão... para começar. Alguém pode lhe oferecer os meios para se manter longe por mais de dois dias... isso é tudo o que estou dizendo... e se for uma perspectiva atraente...

O Dr. Larch finalmente olhou para Homer; os dois ficaram se fitando.

– Certo – murmurou Homer.

– Claro que você pode *querer* voltar em dois dias! – ressaltou Larch, efusivo... mas os dois desviaram os olhos um do outro, como se preferissem evitar qualquer atenção para essa probabilidade. Lavando as mãos, Larch acrescentou: – Nesse caso, você sabe que sempre será bem-vindo aqui.

Ele saiu da sala, deixando Homer com o bebê... e saiu depressa demais para Homer dizer o quanto o amava. O apavorado assistente do chefe da estação observou Wilbur Larch levar a enfermeira Angela e a enfermeira Edna para o dispensário.

Talvez, apesar da presença do chefe da estação, a atmosfera eterizada do dispensário fosse tranquilizadora para Wilbur Larch e o ajudasse a dizer o que precisava a suas leais enfermeiras.

– Quero reunir nossos recursos – disse Wilbur Larch.

– Quero que o garoto tenha tanto dinheiro quanto pudermos recolher e tudo o que houver em termos de roupas que pareçam pelo menos um pouco decentes.

– Apenas por dois dias, Wilbur? – perguntou a enfermeira Edna.

– De quanto dinheiro o garoto precisa por dois dias? – perguntou a enfermeira Angela.

– Será que não percebem que é uma oportunidade para ele? Não creio que ele voltará em dois dias. Espero que não volte... pelo

menos não tão depressa.

O coração partido de Wilbur Larch lembrou-lhe o que esquecera: a história do coração “fraco” de Homer. Como poderia contar a ele? Onde e quando?

Atravessou o corredor para verificar como Candy estava passando. Sabia que ela e Wally queriam partir o mais depressa possível; tinham uma longa viagem pela frente. E se Homer Wells está me deixando, pensou Wilbur Larch, é melhor ele me deixar às pressas – embora 20 anos, como o Dr. Larch muito bem sabia, não fossem o que a maioria teria chamado uma partida às pressas. Homer tinha de partir às pressas agora porque o Dr. Larch precisava descobrir se seria capaz de aguentar.

Acho que não, pensou ele. Larch examinou a mancha no tampão vulvar esterilizado – enquanto Wally olhava para o teto, as mãos, o chão.

– Está muito bem – disse o Dr. Larch a Candy.

Ele estava prestes a acrescentar que Homer poderia aconselhá-la sobre quaisquer câibras que sofresse e que Homer também poderia conferir qualquer sangramento, mas queria deixar Homer livre dessa responsabilidade. Além disso, o Dr. Larch não poderia no momento dizer o nome de Homer.

– Eles vão levar *você*? – perguntou Curly Day a Homer, quando o viu arrumando suas coisas.

– Eu *não* estou sendo adotado, Curly – respondeu Homer Wells.
– Voltarei em apenas dois dias.

– Eles vão levar *você*! – exclamou Curly Day, com uma expressão tão abalada que Homer teve de desviar os olhos.

O Dr. Larch era um historiador amador, mas não obstante compreendia o poder da informação recebida indiretamente. Por esse motivo, falou a Candy e Wally do coração fraco de Homer. Não apenas foi mais fácil para o Dr. Larch do que mentir para Homer; a longo prazo, Larch desconfiava, a história seria mais convincente.

– Nunca o deixei partir antes... nem apenas por dois dias... sem falar um pouco sobre a sua *condição* – disse o Dr. Larch a Candy e Wally.

Uma palavra maravilhosa: *condição*. O efeito da palavra na boca de um médico é realmente espantoso. Candy pareceu esquecer que acabara de fazer um aborto; a cor voltou ao rosto de Wally.

– É o seu coração – acrescentou Wilbur Larch. – Não falei com ele antes porque não queria preocupá-lo. É o tipo de condição que poderia ser agravada pela preocupação a respeito.

Aqueles dois inocentes de bom coração ouviam a confidência do Dr. Larch com atenção extasiada.

– Seja como for, ele não deve ser exposto a qualquer coisa muito vigorosa ou violenta em termos de exercício... ou a qualquer coisa muito chocante.

Wilbur Larch criara uma história perfeita para alguém que simplesmente precisava ser cuidadoso – que precisava permanecer fora de perigo. Larch dera a seu órfão predileto uma história que esperava que o manteria são e salvo. Estava consciente de que era uma história que um pai inventaria para seu filho – se um pai pudesse fazer com que o filho acreditasse.

Homer Wells, naquele momento, não podia arquitetar uma história ou qualquer outra coisa que acalmasse Curly Day, que se enterrara sob vários travesseiros e um cobertor e soluçava desesperadamente.

– Para que *você* precisa ser adotado? – gritou Curly. – É praticamente um *doutor*!

– É apenas por dois dias – repetiu Homer Wells; a cada repetição, a promessa parecia menos e menos provável. – Eles vão levar *você*! – gritou Curly Day. – Não posso acreditar!

A enfermeira Angela foi sentar ao lado de Homer, na cama de Curly. Juntos, ficaram olhando para a pilha soluçante sob o cobertor.

– É apenas por dois dias, Curly – disse a enfermeira Angela, pouco convincente.

– O Dr. Larch disse que Homer estava aqui para nos proteger! – soluçou Curly. – Que proteção!

A enfermeira Angela sussurrou para Homer: se Homer fosse limpar a mesa de operações, ela ficaria sentada com Curly até que ele se sentisse melhor; não quisera limpar a mesa enquanto o jovem e simpático casal precisasse ficar a sós.

– Seus amigos pareciam ter um lindo momento juntos – sussurrou a enfermeira Angela para Homer Wells.

Meus *amigos!*, pensou ele. Será possível que vou ter *amigos*?

– Você *não* é o melhor, Homer! – gritou Curly, debaixo do cobertor.

– Certo. – Homer tentou afagá-lo, mas Curly ficou rígido e prendeu a respiração. – Até mais tarde, Curly.

– Traidor! – gritou Curly Day.

Curly pareceu reconhecer o toque da enfermeira Angela; o corpo rígido relaxou e ele se entregou a um choro firme.

A enfermeira Edna finalmente fizera com que o pequeno Steerforth parasse de chorar ou simplesmente resistira mais que o bebê, que estava agora lavado e vestido, quase adormecido em seus braços. Tomara o bastante da mamadeira para satisfazer a enfermeira Edna, que o pôs na cama e terminou de limpar a sala em que ele nascera. Logo depois que estendeu um lençol limpo na mesa – e estava limpando os estribos reluzentes –, o Dr. Larch entrou, com o corpo rígido do chefe da estação no ombro, parecendo uma tábua um pouco flexível.

– Wilbur! – exclamou a enfermeira Edna, em tom crítico. – Deve deixar Homer ajudá-lo com isso.

– Já está na hora de nos acostumarmos a não contar com Homer por aqui – respondeu o Dr. Larch, bruscamente, largando o corpo do chefe da estação na mesa.

Oh, não, pensou a enfermeira Edna, estamos entrando num período de fúria!

– Imagino que você não tenha visto a tesoura de esterno – disse o Dr. Larch.

– O alicate?

– O nome é *tesoura*. Se você quiser despi-lo... vou perguntar a Homer.

Homer bateu antes de entrar na sala de operações, onde Candy se vestira, com a ajuda desajeitada de Wally; estava agora encostada nele, no que pareceu a Homer ser uma pose estranhamente formal – como se o casal tivesse acabado uma competição de dança e aguardasse os aplausos dos juízes.

– Pode relaxar agora – disse Homer Wells, incapaz de olhar para o rosto de Candy. – Talvez queira respirar um pouco de ar fresco. Não vou demorar. Preciso limpar a mesa.

Uma pausa, e depois ele acrescentou para Candy, como um segundo pensamento constrangido:

– Está se sentido bem, não está?

– Estou sim – apressou-se ela em dizer, passando os olhos depressa por Homer e sorrindo tranquilizadamente para Wally.

Foi nesse instante que o Dr. Larch entrou e perguntou a Homer se sabia onde estava a tesoura de esterno.

– Está com Clara – respondeu Homer. – Desculpe. Deixei lá porque pensei que poderia precisar para a autópsia. No feto.

– Não se usa tesoura de esterno num feto – protestou o Dr. Larch.

– Sei disso... e usei uma tesoura comum – disse Homer Wells, percebendo que as palavras “feto” e “autópsia” haviam caído como gotas de sangue em Wally e Candy. – Vou buscá-la.

– Não precisa – respondeu Larch. – Termine o que está fazendo aqui. Vocês dois precisam de ar fresco.

A sugestão foi para Wally e Candy, que a tomaram como uma ordem – o que de fato era. Eles deixaram a sala de operações; atravessando o corredor, a caminho da entrada do hospital, teriam avistado o assistente do chefe da estação, espreitando de seu canto, se o assistente não ficasse tão enervado pela visão do Dr. Larch carregando o corpo do chefe da estação para fora do dispensário, que tentara seguir cautelosamente essa visão perturbadora. Em seu medo, ele fizera uma volta errada e se descobrira no dispensário. Estava olhando para a mancha de lama no lençol, ao pé da cama, quando Wally levou Candy para fora.

– Se tem tanta certeza de que foi o coração – estava perguntando Homer Wells ao Dr. Larch –, por que está com tanta pressa de fazer uma autópsia?

– Gosto de me manter ocupado – respondeu Larch, surpreso pela ira quase incontrolável em sua voz.

Ele poderia dizer então a Homer que o amava muito e precisava de algo muito ativo com que se ocupar no momento de sua partida. Poderia confessar a Homer Wells que desejava muito deitar em sua cama no dispensário e administrar um pouco de éter em si mesmo, mas não poderia fazê-lo enquanto o chefe da estação ocupasse o lugar. Queria pegar Homer em seus braços, beijá-lo, apertá-lo, mas só podia torcer para que Homer compreendesse o quanto o amor-próprio do Dr. Larch dependia de seu autocontrole. E, por isso, nada disse: deixou Homer sozinho na sala de operações, enquanto ia procurar a tesoura de esterno.

Homer limpou a mesa com desinfetante. Já fechara o saco de refugio quando notou a lourice quase transparente da mecha de pelos pubianos na perna de sua calça – um anel limpo dos pelos particularmente finos de Candy grudara na altura de seu joelho. Homer suspendeu-o contra a luz e depois guardou-o no bolso.

A enfermeira Edna estava chorando enquanto despia o chefe da estação. O Dr. Larch dissera a ele e à enfermeira Angela que não

haveria alvoroço e sinceros votos de felicidade na partida de Homer Wells – nada que pudesse levar Candy e Wally a desconfiarem que Homer Wells estava sequer cogitando de se ausentar por mais de dois dias.

– Nada – dissera o Dr. Larch.

Nada de abraços ou beijos, pensou a enfermeira Edna, soluçando. Suas lágrimas não tiveram qualquer influência sobre a expressão do chefe da estação, cujo rosto permanecia dominado pelo medo; a enfermeira Edna ignorava por completo o chefe da estação. Devotava-se ao seu sofrimento por ser proibida de se expandir na despedida a Homer Wells.

– Todos vamos parecer indiferentes por sua partida – dissera o Dr. Larch. – É ponto final.

Indiferentes!, pensou a enfermeira Edna. O chefe da estação estava só de meias quando o Dr. Larch voltou com a tesoura de esterno.

– Não haverá choro – disse ele, firmemente, à enfermeira Edna.
– Quer estragar tudo?

Ela arrancou as meias do chefe da estação e jogou-as contra o Dr. Larch; depois, deixou-o sozinho com o corpo.

Homer Wells fez uma inspeção meticulosa da mesa de operações, um exame final – um último olhar. Transferiu o anel de pelos pubianos de Candy do bolso para a carteira; mais uma vez, contou o dinheiro que o Dr. Larch lhe dera. Havia quase 50 dólares.

Voltou ao dormitório dos meninos; a enfermeira Angela continuava sentada na beira da cama em que Curly Day ainda chorava. Ela beijou Homer sem alterar o movimento da mão, que esfregava as costas de Curly Day, através do cobertor; Homer beijou-a também e saiu sem dizer nada.

– Não posso acreditar que vão levar *e/e* – murmurou Curly Day, entre as lágrimas.

– Ele voltará – sussurrou a enfermeira Angela, tranquilizadora.

Nosso Homer!, pensou ela, tenho certeza de que ele voltará! Ele não sabe a que lugar pertence?

A enfermeira Edna, tentando se controlar, entrou no dispensário, deparando com o trêmulo assistente do chefe da estação.

– Posso ajudá-lo? – perguntou a enfermeira Edna.

– Vim ver o corpo – balbuciou o assistente.

No outro lado do corredor, a enfermeira Edna ouviu o estalido familiar da tesoura de esterno abrindo o peito do chefe da estação. Ela duvidou que o assistente gostaria de ver o corpo no estado em que se encontrava no momento. E disse ao assistente:

– O Dr. Larch ainda não acabou a autópsia.

– Trouxe alguns catálogos para o Dr. Larch – anunciou o assistente, entregando a mixórdia à enfermeira Edna.

– Obrigada.

O jovem assecla, em seu traje fúnebre, não deu qualquer indicação de que tencionava ir embora. Talvez o éter no ar do dispensário estivesse prendendo-o ali.

– Gostaria de esperar? – perguntou a enfermeira Edna; ele se limitou a fitá-la, fixamente. – Para ver o corpo. Pode esperar na sala da enfermeira Angela.

Ele acenou com a cabeça, agradecido, enquanto a enfermeira Edna apontava o caminho, pelo corredor:

– A última porta à direita. Fique à vontade.

Aliviado dos catálogos do chefe da estação, o assistente tinha um passo mais leve e relaxado ao se encaminhar para a sala da enfermeira Angela. Ficou satisfeito ao constatar que havia uma opção de cadeiras para sentar. Claro que não escolheria a cadeira por trás da mesa, por trás da máquina de escrever, mas havia duas cadeiras, mais baixas, que pareciam mais confortáveis, na frente da mesa e da máquina de escrever. Eram as cadeiras em que se sentavam os pais adotivos em perspectiva quando eram entrevistados. Eram cadeiras diferentes, de braços, estofadas com

um estampado de cores vivas; o assistente do chefe da estação escolheu a mais baixa, a mais estofada. Arrependeu-se da decisão no instante mesmo em que sentiu como a cadeira era baixa; tudo na sala atravancada parecia assomar por cima dele. Se o Dr. Larch estivesse sentado à mesa, à máquina de escrever, pairaria muito acima do assistente.

Viu uma espécie de bandeja branca esmaltada sobre a máquina de escrever, mas estava sentado tão baixo que não podia observar o que havia lá dentro. Duas mãozinhas estendiam-se por cima da beira da bandeja, mas apenas as pontas dos dedos do bebê morto de Three Mile Falls eram visíveis ao assistente do chefe da estação. Ele nunca vira um feto antes, nem mesmo um bebê recém-nascido; estava despreparado para dedos tão pequenos. Ficou correndo os olhos pela sala, em sua posição afundada e cada vez mais desconfortável, mas a todo instante sua atenção retornava às pontas dos dedos esticadas sobre a borda da bandeja de exame. Não podia acreditar que estivesse realmente olhando para *dedos*.

O que quer que fosse, pareciam *dedos*, pensou. Pouco a pouco, o assistente deixou de olhar para outras coisas na sala. Concentrou-se nas pontas dos dedos; uma parte de sua mente dizia: Levante-se e descubra o que é! Outra parte de sua mente fazia o corpo afundar ainda mais na cadeira, prendia-o ali, como um enorme peso.

Não podem ser *dedos!*, pensou; e continuou a olhar, continuou sentado.

A enfermeira Edna queria dizer ao Dr. Larch que ele deveria, por uma vez, deixar que seus sentimentos se manifestassem – que ele deveria dizer a Homer Wells o que sentia –, mas permaneceu em silêncio, escutando, na porta da sala de operações. O peito do chefe da estação estalou mais algumas vezes. Isso não a incomodou – a enfermeira Edna era uma profissional – e ela sabia, pela precisão dos estalos, que o Dr. Larch resolvera ocupar suas emoções com um

trabalho. A decisão é dele, ela pensou. E a enfermeira Edna afastou-se para verificar como estava o jovem casal.

O rapaz estava fazendo o que quer que os jovens fazem quando espiam sob o capô de carros, enquanto a moça estava descansando, parcialmente reclinada no espaçoso banco traseiro do Cadillac. A capota do conversível estava arriada. A enfermeira Edna inclinou-se para Candy e murmurou:

– Você é tão bonita quanto uma gravura!

Candy sorriu, afetuosamente. A enfermeira Edna podia perceber como ela estava esgotada.

– Escute, querida, não seja inibida... se está preocupada com as manchas ou se tiver câibras estranhas, fale com Homer a respeito – disse a enfermeira Edna, em tom confidencial. – E não deixe de falar em hipótese alguma... se tiver febre. Quero que me prometa.

– Prometo – murmurou Candy, corando.

Melony estava fazendo o maior esforço para escrever uma dedicatória no exemplar de *Little Dorrit* que roubara para Homer quando ouviu Mary Agnes Cork vomitar no banheiro.

– Não faça barulho! – gritou-lhe Melony.

Mas Mary Agnes continuou a vomitar. Comera três potes de geleia e outro de mel. Achava que era o mel que a deixara assim.

Smoky Fields já vomitara. Comera de todos os seus potes, de tudo, ainda devorara um dos potes que pertencia a um dos pequenos Walsh. Estava deitado na cama, desesperado, escutando Curly Day chorar e a enfermeira Angela a lhe falar interminavelmente.

PARA HOMER "SUNSHINE" WELLS

PELA PROMESSA

QUE VOCÊ ME FEZ

escreveu Melony. Ela olhou pela janela, mas não havia nada acontecendo. Não estava escuro; ainda não estava na hora de as duas mulheres que observara chegarem pela manhã descerem a colina para pegar o trem de volta – para onde quer que fossem.

COM AMOR, MELONY

Ela fez o acréscimo enquanto Mary Agnes gemia e vomitava de novo.

– Sua porca estúpida! – berrou Melony.

Homer entrou na sala de operações no momento em que Wilbur Larch conseguira expor o coração do chefe da estação. Larch não ficou surpreso por não encontrar qualquer indício de doença cardíaca, nenhum tecido muscular morto (“Não foi infarto”, disse ele a Homer, sem levantar os olhos) – em suma, não havia lesão de qualquer espécie no coração.

– O chefe da estação possuía um coração saudável – anunciou o Dr. Larch a Homer Wells.

Não fora um ataque cardíaco “maciço” que abatera o chefe da estação, como Larch desconfiara. Parecia ter ocorrido uma mudança súbita no ritmo do coração.

– Acho que foi *arritmia* – disse o Dr. Larch a Homer Wells.

– O coração simplesmente parou, certo? – perguntou Homer.

– Acho que ele sofreu algum choque ou susto bem grande.

Homer Wells podia acreditar nessa possibilidade – bastava olhar para o rosto do chefe da estação.

– Certo.

– Claro que pode ter sido um coágulo no cérebro – acrescentou Wilbur Larch. – Onde devo procurar?

– Na base do cérebro.

– Certo – disse Wilbur Larch. – Bom garoto.

Quando viu o cérebro do chefe da estação exposto, Homer Wells concluiu que o Dr. Larch se encontrava bastante ocupado – com as duas mãos – para dizer-lhe o que queria.

– Eu amo você – declarou Homer Wells.

Ele sabia que tinha de deixar a sala naquele instante enquanto ainda podia ver a porta – e por isso começou a se retirar.

– Eu também amo você, Homer – disse Wilbur Larch, que por um minuto ou mais não poderia ver um coágulo de sangue na base do cérebro, se houvesse algum.

Ele ouviu Homer dizer “certo”, antes de ouvir a porta ser fechada.

Pouco depois, no entanto, pôde divisar claramente a base do cérebro; não havia nenhum coágulo.

– Arritmia – repetiu Wilbur Larch para si mesmo.

E depois ele acrescentou “certo”, como se estivesse agora falando por Homer Wells. O Dr. Larch largou os instrumentos; ficou apoiado na mesa de operações por um longo tempo.

Lá fora, Homer Wells guardou sua sacola na mala do Cadillac, sorriu para Candy no banco de trás, ajudou Wally a levantar a capota do conversível; estaria escuro em breve e bastante frio para Candy no banco traseiro, se deixassem a capota arriada.

– Vejo-o dentro de dois dias! – disse a enfermeira Edna para Homer, alto demais.

– Dois dias – repetiu Homer, baixo demais.

Ela deu um beijo em seu rosto; Homer afagou-lhe o braço. A enfermeira Edna virou-se e quase correu para a entrada do hospital; tanto Candy como Wally pareciam impressionados pelo fato de a mulher ser capaz de se movimentar tão depressa. Entrando no hospital, a enfermeira Edna seguiu direto para o dispensário e jogou-se na cama; podia ter o coração fraco, mas tinha também um estômago forte – não tinha a menor importância para ela que o corpo do chefe da estação tivesse passado uma boa parte do dia

naquela cama ou que a lama de seus sapatos ainda estivesse à mostra no lençol de cima.

O Dr. Larch ainda se apoiava na mesa de operações quando ouviu o grito do assistente do chefe da estação. Houve apenas um grito, seguido de uma prolongada sucessão de lamúrias. Homer, Candy e Wally não ouviram o grito; Wally já ligara o carro.

O assistente esperara pelo máximo de tempo possível antes de se forçar a sair da cadeira baixa e funda. Não queria olhar mais atentamente para o conteúdo da bandeja branca esmaltada, mas os dedinhos o chamavam e se sentira atraído para a bandeja, onde a visão total e de perto do feto aberto o fizera (como acontecera com Curly Day) molhar a calça. Ele gritou ao descobrir que suas pernas não se mexiam; a única maneira com que conseguiu deixar a sala da enfermeira Angela foi de quatro; saiu choramingando pelo corredor como um cachorro espancado. O Dr. Larch bloqueou seu caminho na porta da sala de operações.

– O que há com você? – perguntou Larch ao assistente, em tom mordaz.

– Eu lhe trouxe todos os catálogos dele! – conseguiu balbuciar o assistente do chefe da estação, ainda de quatro.

– Catálogos? – repetiu Larch, com evidente repulsa. – Levante-se, homem! O que há de errado com você?

Ele agarrou o trêmulo assistente sob as axilas e conseguiu levantá-lo.

– Eu queria apenas ver o corpo – protestou o assistente, a voz débil.

Wilbur Larch deu de ombros. O que será esse fascínio que o mundo sente pela morte?, especulou. Mas deu um passo para o lado, introduzindo o assistente na sala de operações em que o chefe da estação se encontrava bem à vista, com o coração e a base do cérebro expostos.

– Uma mudança súbita no ritmo do coração – explicou Wilbur Larch. – Alguma coisa o assustou e provocou sua morte.

Não era difícil para o assistente imaginar um susto mortal, embora ele pensasse que o chefe da estação parecia ter sido atropelado por um trem – ou então fora vítima do mesmo demônio responsável pelo horrível bebê em cima da máquina de escrever.

– Obrigado – sussurrou o assistente para o Dr. Larch.

E depois saiu correndo para fora, tão depressa que o som de seus passos arrancou a enfermeira Edna de seu choro, que a impedira de ouvir o grito e as lamúrias do assistente.

A enfermeira Angela achou que nada poderia consolar Curly Day, e por isso tentou encontrar uma posição confortável na cama estreita, calculando que ali passaria uma longa noite.

O Dr. Larch sentou em seu lugar habitual, à máquina de escrever; o feto deixado por Homer Wells não o perturbava absolutamente. Talvez apreciasse o fato de Homer ter deixado para trás alguma coisa que exigiria atenção – muito trabalho, muito trabalho, quero muito trabalho, pensou Wilbur Larch. Pouco antes de a noite cair, ele se inclinou para a frente na cadeira, o suficiente para acender o abajur. Depois, recostou-se na cadeira em que já passara tantas noites. Parecia esperar por alguém. Ainda não estava escuro, mas pôde ouvir uma coruja lá fora – nitidamente. Sabia que o vento uivante da costa devia ter amainado.

Quando ainda havia claridade, Melony olhou por sua janela e viu o Cadillac passar. O lado de passageiro do carro dava para a divisão de garotas, e Melony não teve qualquer dificuldade para reconhecer Homer Wells, instalado ali o perfil virado em sua direção. Homer sentava rígido, como se prendesse a respiração; o que de fato acontecia. Se ele a tivesse visto – ou melhor, se precisasse lhe falar para consumir a fuga –, sabia que não conseguiria dizer-lhe que voltaria dentro de dois dias. Melony sabia o que era uma mentira e o que era uma promessa, assim como sabia também o instante em

que uma promessa era quebrada. Teve um relance da moça bonita de pernas compridas no banco traseiro do carro e calculou que era o rapaz bonito que estava guiando; teve uma visão maior e melhor do perfil de Homer Wells. Quando fechou o exemplar roubado de *Little Dorrit*, a tinta ainda estava úmida e a dedicatória ficou borrada. Ela jogou o livro contra a parede, o que somente a Sra. Grogan; ouviu. Mary Agnes ainda se sentia muito mal e se encontrava cercada por seu próprio barulho.

Melony foi direto para a cama, sem jantar. A Sra. Grogan, preocupada, foi até sua cama e pôs a mão em sua testa; estava febril. Mas a Sra. Grogan não foi capaz de persuadir Melony a comer qualquer coisa. Melony limitou-se a dizer:

– Ele quebrou a promessa.

Mais tarde, ele disse:

– Homer Wells deixou St. Cloud's.

– Você está com um pouco de febre, querida – disse a Sra. Grogan.

Naquela noite, quando Homer Wells não apareceu para ler *Jane Eyre* em voz alta, a Sra. Grogan começou a prestar mais atenção. Deixou que Melony lesse para as garotas; a voz de Melony soava estranhamente apática, desprovida de emoções. A leitura de *Jane Eyre* por Melony deprimiu a Sra. Grogan – especialmente quando ela leu o trecho seguinte:

... é loucura em todas as mulheres permitir que um amor secreto as incendeie; tal amor, se for desconhecido e ficar sem retribuição, deve devorar a vida que o alimenta...

Ora, a garota nem pestanejou!, refletiu a Sra. Grogan.

A enfermeira Angela não teve mais sucesso, lendo Dickens em voz alta na divisão de meninos. A descrição dickensiana era vigorosa demais para ela – perdia-se nas passagens mais compridas – e

percebeu que os meninos perdiam o interesse quando tinha de voltar ao começo.

A enfermeira Edna esforçou-se ao máximo com a bênção noturna; o Dr. Larch recusou-se a deixar a sala da enfermeira Angela; disse que estava escutando uma coruja e queria continuar a escutar. A enfermeira Edna sentiu-se extremamente inibida com a bênção – encarava-a como uma espécie de piada particular entre o Dr. Larch e o Universo. Sua voz soou muito estridente e arrancou o pequeno Smoky Fields do sono com um sobressalto, produziu um gemido longo e alto em Curly Day – antes que Curly voltasse a seus soluços mais regulares.

– Boa-noite para vocês, Príncipes do Maine, Reis da Nova Inglaterra! – entoou a enfermeira Edna.

Onde está Homer?, sussurraram várias vozes, enquanto a enfermeira Angela continuava a esfregar Curly Day entre as omoplatas, no escuro.

A enfermeira Edna, bastante nervosa pelo comportamento do Dr. Larch, reuniu coragem e marchou direto para a sala da enfermeira Angela. Ia dizer ao Dr. Larch que devia-se proporcionar uma boa dose de éter e depois ter uma boa-noite de sono! Mas a enfermeira Edna foi ficando tímida ao se aproximar da luz solitária que brilhava na sala. A enfermeira Edna também não tinha conhecimento da autópsia fetal, e ao espiar para o interior da sala da enfermeira Angela, cautelosamente, teve um sobressalto pela visão do feto macabro. O Dr. Larch sentava à máquina de escrever, imóvel. Estava compondo mentalmente a primeira das muitas cartas que escreveria a Homer Wells. Tentava abrandar suas ansiedades e acalmar os pensamentos. Por favor, seja saudável, por favor, seja feliz, por favor, seja cuidadoso, Wilbur Larch estava pensando – a escuridão a cercá-lo, as mãos suplicantes do bebê assassinado de Three Mile Falls estendidas em sua direção.

Ocean View

Durante as duas primeiras semanas depois que Homer Wells deixou St. Cloud's, Wilbur Larch deixou a correspondência se acumular, sem responder, a enfermeira Angela brigou com as frases mais longas e mais densas de Charles Dickens (o que teve um efeito curioso sobre a atenção dos meninos; eles absorviam cada palavra, prendendo a respiração pelos erros que antecipavam) e a Sra. Grogan sofreu com a interpretação apática de Charlotte Brontë por Melony. Quase no final do capítulo 27, a Sra. Grogan pôde perceber o mínimo do espírito "indômito" de Jane Eyre na voz de Melony.

– "Eu gosto de mim" – leu Melony. – "Quanto mais solitária estou, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada, mais eu me respeito."

Boa moça, pensou a Sra. Grogan; por favor, seja uma boa moça. Ela disse ao Dr. Larch que a voz com que Melony lia a deixava deprimida, mas que se devia encorajá-la; devia-se dar mais responsabilidade a Melony.

A enfermeira Angela disse que renunciaria à leitura de Dickens com a maior satisfação. O Dr. Larch surpreendeu a todos. Quando Homer Wells já estava ausente há três semanas, o Dr. Larch anunciou que não se importava absolutamente com quem lesse o quê para quem. Ele deixara de se preocupar inteiramente com a bênção, e assim a enfermeira Edna – embora nunca se sentisse à vontade – persistiu na saudação noturna aos imaginários Príncipes do Maine, "os pequenos e queridos Reis da Nova Inglaterra".

A Sra. Grogan tornou-se tão fascinada pela voz de leitura de Melony que agora a acompanhava à divisão de meninos e escutava,

junto com os nervosos meninos, enquanto ela lia Dickens. A voz de Melony era estridente demais para Dickens; ela simplesmente seguia em frente – não cometia erros, mas também nunca ajustava a cadência; apresentava alvoroço e raios de sol com a mesma fala arrastada que usava para tristeza e nevoeiro. Por seu semblante firme, a Sra. Grogan sabia que Melony estava analisando enquanto lia – só que o assunto de sua análise não era Charles Dickens; Melony procurava em Dickens as características específicas que associava a Homer Wells. Às vezes, por sua intensa concentração, Melony parecia estar prestes a descobrir o paradeiro de Homer na Inglaterra de outro século. (O Dr. Larch dissera a Melony que o paradeiro real de Homer não era de sua conta.)

Não importava que Melony assassinasse cada momento do espírito dickensiano por sua ferocidade ou que os detalhes ricos e pitorescos de caráter e lugar se tornassem uniformemente insípidos em sua voz.

– A garota não tem ritmo – queixava-se a enfermeira Edna.

Não tinha importância: os meninos sentiam-se apavorados com Melony, e seus temores os levavam a prestar mais atenção a ela do que jamais haviam prestado a Homer Wells. Às vezes, o interesse pela literatura não está na literatura – a divisão de meninos era uma plateia como qualquer outra: interesses próprios, lembranças pessoais e ansiedades secretas impregnavam as percepções do que ouviam (independentemente do que Charles Dickens fizera e do que Melony fazia com ele).

Não se sentindo muito à vontade em deixar a divisão de garotas desatendida enquanto ia à divisão de meninos para ouvir Melony ler, a Sra. Grogan adquiriu o hábito de acompanhar o trecho de *Jane Eyre* com uma breve oração, que pairava, ao mesmo tempo adorável e ameaçadora, sobre as colchas claras e manchadas, sobre as quais o luar brilhava por muito tempo depois que ela e Melony deixavam as garotas sozinhas. Até mesmo Mary Agnes Cork era levada ao

silêncio – embora não se mantivesse exatamente bem-comportada – pela oração da Sra. Grogan.

Se a Sra. Grogan soubesse que a oração era de origem inglesa, talvez não a usasse; ouvira-a no rádio e memorizara, sempre a dizia para si mesma, antes de se permitir dormir. A oração fora escrita pelo cardeal Newman. Quando Melony começou a ler para os meninos, a Sra. Grogan tornou pública a sua oração particular.

– Ó Deus – dizia ela, na porta aberta, à luz do corredor, com Melony parada ao seu lado, impaciente. – Ó Deus, sustente-nos por todo o dia comprido, até que as sombras se alonguem e a noite chegue, o mundo movimentado fique em silêncio, a febre da vida acabe e o nosso trabalho esteja concluído. E depois, em Sua misericórdia, conceda-nos um abrigo seguro, um sagrado repouso e a paz finalmente.

– Amém – dizia Melony, não exatamente em tom jocoso, mas também não com reverência.

Ela dizia da mesma forma que lia Charlotte Brontë e Charles Dickens – o que provocava um calafrio na Sra. Grogan, embora as noites de verão fossem quentes e úmidas e ela precisasse dar dois passos para cada um de Melony, apenas para acompanhar o ritmo de Melony em sua jornada determinada para a divisão de meninos. A maneira como Melony dizia “Amém” era a maneira como dizia tudo. Era uma voz sem alma, pensava a Sra. Grogan – os dentes estalejando enquanto sentava numa cadeira na divisão de meninos, um pouco fora da luz, por trás de Melony, observando suas costas largas. Algo na aparência paralisada da Sra. Grogan pode ter sido responsável pelo rumor que começou na divisão de meninos, possivelmente lançado por Curly Day: que a Sra. Grogan nunca fora à escola, era na verdade analfabeta, incapaz de ler sequer um jornal – e, com isso, estava sob o controle de Melony.

Os garotos pequenos, deitados em suas camas, assustados, pensavam estar também sob o controle de Melony.

A enfermeira Edna sentia-se tão inquieta com a leitura de Melony que mal podia esperar para se lançar no refrão de Príncipes do Maine e Reis da Nova Inglaterra (mesmo não sabendo o que significava). A enfermeira Edna sugeriu que Melony era culpada por um aumento nos pesadelos na divisão de meninos e que deveria ser afastada das responsabilidades de leitora. A enfermeira Angela discordou; se Melony persistia em assumir uma presença maléfica, era por não ter recebido bastante responsabilidade. Além disso, argumentou a enfermeira Angela, talvez não houvesse mais pesadelos: com Homer Wells ausente (já se passara um mês agora), talvez acontecesse simplesmente que a enfermeira Edna e a enfermeira Angela ouvissem agora o sofrimento dos terrores noturnos – no passado, Homer ouvia primeiro e cuidava de tudo.

A Sra. Grogan estava a favor de aumentar as responsabilidades de Melony; sentia que a moça estava no limiar de uma mudança – podia se elevar acima de sua amargura ou mergulhar nela ainda mais profundamente. Foi a enfermeira Angela quem sugeriu ao Dr. Larch que Melony podia ser de utilidade.

– De *mais* utilidade, não é mesmo? – indagou o Dr. Larch.

– Certo – respondeu a enfermeira Edna.

Mas o Dr. Larch não gostava que qualquer pessoa imitasse os hábitos de falar de Homer Wells; lançou tal olhar à enfermeira Angela que ela nunca mais tornou a dizer “Certo”. Ele também não apreciou a sugestão de que Melony podia ser ensinada a substituir Homer – nem mesmo na utilidade.

A enfermeira Edna assumiu a defesa de Melony:

– Se fosse um *menino*, Wilbur, você já teria lhe dado mais coisas para fazer.

– O hospital está ligado à divisão de meninos. É impossível manter em segredo dos meninos o que acontece aqui. – E Larch arrematou, sem muita convicção: – Mas as *garotas* são outro problema.

– Melony sabe o que acontece aqui – garantiu a enfermeira Angela.

Wilbur Larch sabia que estava acuado. Também estava furioso com Homer Wells – dera permissão ao garoto para prolongar a ausência de St. Cloud's pelo maior tempo possível, mas não imaginara que não receberia qualquer notícia de Homer (nem uma só palavra!) em quase seis semanas.

– Não sei se tenho mais paciência para trabalhar com uma adolescente – disse Larch, impertinente.

– Acho que Melony tem 24 ou 25 anos – insistiu a Sra. Grogan.

Como alguém com essa idade podia continuar num orfanato?, especulou Larch. Da mesma forma que *eu* continuo aqui, respondeu para si mesmo. Quem mais assumiria o cargo? Quem mais assumiria Melony?

– Está bem – concordou ele. – Vamos perguntar a ela se está interessada.

Ele receava o encontro com Melony; não podia se conter e culpava-a pelo mau humor que se insinuara na personalidade de Homer – e a rebelião recente de Homer contra ele. Larch sabia que estava sendo injusto, e isso o fazia sentir-se culpado; começou a responder à correspondência.

Havia uma carta comprida (embora formal) de Olive Worthington e um cheque – um donativo até que vultoso para o orfanato. A Sra. Worthington dizia que estava feliz porque seu filho ficara tão impressionado com o bom trabalho em St. Cloud's que resolvera levar para casa um dos "meninos" do Dr. Larch. Era ótimo para os Worthington que Homer lá passasse o verão. Frequentemente contratavam "empregados universitários" e ela se sentia francamente grata porque o filho Wally tinha "a oportunidade de se misturar com alguém de sua idade – mas de circunstâncias menos afortunadas". Olive Worthington queria que Larch soubesse que ela e o marido achavam que Homer era um ótimo rapaz, polido e

trabalhador, parecia exercer “uma influência moderadora sobre Wally”. Concluía com a declaração de que esperava que “Wally pudesse aprender o valor de um dia de trabalho pela convivência com Homer” e que Homer havia “lucrado visivelmente com uma educação rigorosa” – baseava tal julgamento na capacidade de Homer de aprender o negócio de maçã, “como se estivesse acostumado a estudos mais exigentes”.

Olive queria que o Dr. Larch soubesse que Homer pedira para ser pago sob a forma de um donativo mensal a St. Cloud’s, menos apenas o que ela julgava serem as suas despesas pessoais; como ele partilhava um quarto com Wally e cabia nas roupas dele e como fazia as refeições com a família Worthington, Olive dizia que as despesas do garoto eram mínimas. Ela estava satisfeita porque seu filho contava com “uma companhia viril e honrada” para o verão. Também estava feliz pela oportunidade de contribuir com o pouco que podia para o bem-estar dos órfãos de St. Cloud’s. “As crianças...”, dizia Olive (era como se referia a Wally e Candy), “... me contaram que está fazendo coisas maravilhosas aí. Estão felizes por tê-lo conhecido.”

Wilbur Larch compreendeu que Olive Worthington não sabia que tinha um experiente obstetra para cuidar de suas macieiras e resmungou para si mesmo pela “educação rigorosa” que achava que fora desperdiçada no caso de Homer Wells – tendo em vista sua atual ocupação –, mas logo se acalmou o bastante para escrever uma carta cordial, embora formal, em resposta à Sra. Worthington.

O donativo foi recebido com gratidão e ele ficou contente por Homer Wells estar representando sua criação em St. Cloud’s de forma tão positiva – não esperaria menos do garoto do que a Sra. Worthington fora tão gentil em lhe comunicar. Mas seria ótimo se Homer também escrevesse. O Dr. Larch estava feliz por Homer ter um emprego tão saudável; o garoto fazia falta em St. Cloud’s, onde sempre fora útil, mas Larch enfatizava a sua satisfação pela sorte de Homer. Dava os parabéns a Olive Worthington pelas boas maneiras e

a generosidade de seu filho; dizia que teria a maior satisfação em acolher as “crianças” de volta a St. Cloud’s – a qualquer hora. Que sorte – para todos! – que eles tivessem deparado por acaso com o orfanato.

Wilbur Larch rangeu os dentes e tentou imaginar um lugar mais difícil para se deparar por acaso do que St. Cloud’s; conseguiu um esforço supremo de concentração e continuou com a parte da carta que esperara mais de um mês para escrever.

“Há uma coisa que devo lhe contar a respeito de Homer Wells”, escreveu o Dr. Larch. “Há um problema com o seu coração.” Era o médico quem escrevia agora, entrando em pormenores. Foi mais cuidadoso do que fora ao falar sobre o problema cardíaco de Homer com Candy e Wally; tentou ser preciso, mas vago, como sabia que teria de ser um dia ao descrever a aflição a Homer Wells. A carta a Olive Worthington sobre o coração de Homer foi uma espécie de exercício de aquecimento. Estava semeando sementes (uma expressão irritante, mas que ele se descobriu a pensar – desde que herdara os catálogos do chefe da estação); queria que Homer fosse tratado com luvas de pelica, como costumam dizer no Maine.

Olive Worthington mencionara que Homer estava aprendendo a dirigir com Wally e tomando aulas de natação com Candy – na piscina aquecida do Haven’s Club. A segunda coisa – aulas de natação com a garota! – arrancou um resmungo de Wilbur Larch, que concluiu os seus conselhos acauteladores sobre o coração de Homer com a sugestão de que era melhor Homer “ir com calma” na estação.

O Dr. Larch não partilhava da opinião de Olive Worthington de que “todo menino deve aprender a dirigir e nadar”; o Dr. Larch não sabia fazer qualquer das duas coisas.

“Aqui em St. Cloud’s”, escreveu ele para si mesmo, “é indispensável ter um bom conhecimento do procedimento obstétrico

e ser capaz de efetuar uma dilatação e curetagem. Em outras partes do mundo, eles aprendem a dirigir e nadar!”

Ele mostrou a carta de Olive Worthington à enfermeira Angela e à enfermeira Edna, que choraram ao lê-la. As duas foram de opinião de que a Sra. Worthington parecia “encantadora”, “afetuosa” e “inteligente”, mas Larch resmungou que era estranho que o *Sr.* Worthington aparecesse tão pouco; o que haveria com ele?

– Por que sua esposa está dirigindo a plantação? – perguntou Larch a suas enfermeiras, que o censuraram por sua disposição de presumir que havia algo errado sempre que uma mulher se encontrava no comando de qualquer coisa. E elas lembraram-lhe que tinha um encontro com Melony.

Melony vinha se preparando para entrar no estado de espírito apropriado para o encontro com o Dr. Larch. A preparação consistia em deitar na cama e ler interminavelmente a dedicatória que escrevera no exemplar roubado de *Little Dorrit*.

PARA HOMER “SUNSHINE” WELLS
PELA PROMESSA
QUE VOCÊ ME FEZ
COM AMOR, MELONY

Depois, tentava, repetidas vezes, começar a ler o livro, por entre lágrimas de raiva.

A imagem do sol ardente e ofuscante em Marselha, o clarão opressivo – era ao mesmo tempo deslumbrante e desconcertante para Melony. Que experiência tinha ela para ajudá-la a compreender um sol com tanto brilho? E a coincidência de tanto *sunshine*, tanto brilho do sol (levando-se em consideração o apelido que dera a Homer Wells), era demais para ela. Ela lia, se perdia, recomeçava, se perdia outra vez, e se tornava cada vez mais furiosa.

Depois, deu uma olhada na bolsa de lona dos artigos de toalete e descobriu que a presilha de cabelos que Mary Agnes roubara de Candy – e que Melony arrancara dos cabelos de Mary Agnes, apropriando-se dela – fora roubada de novo. Foi até a cama de Mary Agnes Cork e recuperou a elegante presilha debaixo do travesseiro. Os cabelos de Melony eram cortados muito curtos para que usasse a presilha; além do mais, ela nem sabia direito como usá-la. Meteu-a no bolso do jeans; era incômodo, porque a calça era muito apertada. Foi até o chuveiro das garotas, onde Mary Agnes Cork estava lavando os cabelos; pôs a água tão quente que Mary Agnes quase ficou escaldada. Mary Agnes saiu correndo do chuveiro; estendeu-se no chão, vermelha e se contorcendo. Melony torceu-lhe o braço para as costas e pisou com todo o seu peso no ombro de Mary Agnes. Melony não tencionava quebrar coisa alguma; sentiu-se repugnada pelo som da clavícula de Mary Agnes cedendo e se apressou em afastar o pé da garota mais moça – cujo corpo nu passou de muito vermelho para muito branco. Ela continuou no chão, tremendo e gemendo, sem se atrever a fazer qualquer movimento.

– Vista-se e eu a levarei ao hospital – disse Melony. – Você quebrou alguma coisa.

Mary Agnes tremeu e balbuciou:

– Não consigo me mexer.

– Não tive a intenção, mas eu avisei para ficar longe das minhas coisas.

– Seus cabelos são muito curtos – disse Mary Agnes. – Não pode usar mesmo.

– Você quer que eu quebre mais alguma coisa?

Mary Agnes tentou balançar a cabeça, mas parou o movimento e repetiu:

– Não consigo me mexer. – Quando Melony se inclinou para ajudá-la a levantar, ela gritou: – Não me toque!

– Como quiser – disse Melony, deixando-a ali. – Só quero que não pegue nas minhas coisas.

No vestíbulo da divisão de garotas, a caminho do encontro com o Dr. Larch, Melony informou à Sra. Grogan que Mary Agnes tinha “quebrado alguma coisa”. A Sra. Grogan naturalmente presumiu que Melony estava querendo dizer que Mary Agnes quebrara uma lâmpada, uma janela ou mesmo uma cama.

– Está gostando do livro, minha cara? – a Sra. Grogan perguntou a Melony, que sempre levava *Little Dorrit* a toda parte; ainda não conseguira passar da primeira página.

– Começa meio chato – respondeu Melony.

Ao chegar à sala da enfermeira Angela, onde o Dr. Larch a esperava, ela estava um pouco esbaforida e suando.

– Que livro é esse? – indagou o Dr. Larch.

– *Little Dorrit*, de Charles Dickens – respondeu Melony, sentindo a presilha beliscar sua perna quando sentou.

– Onde o conseguiu?

– Foi um presente – disse Melony... o que não era exatamente uma mentira.

– Isso é ótimo.

Melony deu de ombros.

– Começa meio chato.

Os dois se fitaram por um momento, cautelosamente. Larch sorriu um pouco. Melony tentou sorrir, mas não sabia como ficaria seu rosto – e por isso se conteve. Mudou de posição na cadeira; a presilha no bolso doeu um pouco menos.

– Ele não vai voltar, não é? – perguntou Melony ao Dr. Larch, que a contemplava com o respeito e a cautela que se sente por alguém que leu seus pensamentos.

– Ele tem um emprego de verão – disse Larch. – Mas é claro que algumas outras oportunidades podem surgir.

Melony deu de ombros.

– Acho que ele pode ir para a escola.

– Espero que sim!

– Acho que você quer que ele seja um médico.

Larch deu de ombros. Era a sua vez de simular indiferença:

– Se ele quiser, muito bem.

– Quebrei o braço de alguém uma vez – disse Melony. – Ou talvez tenha sido alguma coisa no peito.

– No peito? – repetiu Larch. – Quando fez isso?

– Não faz muito tempo – respondeu Melony. – Foi até recentemente. Não tive intenção.

– Como aconteceu?

– Torci o braço dela para as costas... ela estava no chão... e depois pisei no ombro... o mesmo ombro do braço que torci.

– Puxa! – exclamou o Dr. Larch.

– Ouvi o estalo. No braço ou no peito.

– Talvez tenha sido a clavícula.

Tendo em vista a posição, ele calculou que só podia ser a clavícula.

– O que quer que tenha sido, eu ouvi.

– Como isso a fez se sentir? – perguntou Wilbur Larch a Melony, que deu de ombros.

– Não sei. Acho que doente, mas forte... doente e forte.

– Não gostaria de ter mais coisas para fazer?

– Aqui? – indagou Melony.

– Isso mesmo, aqui. Eu poderia arrumar mais coisas para você fazer aqui... coisas mais importantes. Claro que posso também me informar sobre outros empregos... lá fora. Longe daqui.

– Quer que eu vá embora ou faça mais coisas aqui... é isso?

– *Eu* não quero que faça coisa alguma que não queira. Já me disse uma vez que não queria ir embora... e eu nunca a obrigarei a

partir. Apenas pensei que poderia estar à procura de uma oportunidade.

– Não gosta como eu leio? – indagou Melony. – É isso?

– Não! – protestou o Dr. Larch. – Quero que continue a ler, mas isso é apenas uma das coisas que você pode fazer aqui.

– Quer que eu faça o que Homer Wells fazia?

– Homer estudava muito – disse o Dr. Larch. – Talvez você pudesse ajudar a enfermeira Angela, a enfermeira Edna e a mim. Talvez se interessasse apenas em *observar...* para saber se iria gostar.

– Acho que é repugnante.

– Você desaprova? – indagou Larch.

Melony parecia genuinamente perplexa: – Desaprovo o quê?

– Não acha que devemos fazer abortos, não é? Acha que não se deve impedir um nascimento ao se abortar o feto?

Melony deu de ombros.

– Acho apenas que isso me deixaria repugnada. Tirar bebês de dentro das mulheres... ufa! E arrancar bebês antes do tempo... ufa outra vez!

Larch estava confuso.

– Mas não acha que é errado?

– O que pode haver de errado nisso? Acho que é repulsivo. Sangue, pessoas soltando coisas de seus corpos... argh! O cheiro por aqui é horrível.

Ela estava se referindo ao ar do hospital – a aura de éter, a fragrância de sangue antigo.

Wilbur Larch olhou para Melony e pensou: Ora, ela é apenas uma criança grande! É um bebê rufião!

– Não quero trabalhar no hospital – declarou Melony, incisiva. – Posso varrer as folhas ou fazer outra coisa... isso não tem problema, se quiser que eu trabalhe mais, pela minha comida e todo o resto.

– Quero que você seja mais feliz do que é, Melony – disse o Dr. Larch, cauteloso.

Ele se sentia desconsolado pela maneira como negligenciara a criatura à sua frente.

– Mais feliz! – Melony deu um pulinho na cadeira e a presilha roubada se cravou mais um pouco em sua carne. – Você deve ser estúpido ou louco.

O Dr. Larch não ficou chocado; balançou a cabeça, analisando as possibilidades. Ouviu a Sra. Grogan chamá-lo do corredor, na frente do dispensário.

– Dr. Larch! Dr. Larch! – Uma pausa, e ela acrescentou: – Wilbur?

O que provocou um tremor na enfermeira Edna, porque se sentia um tanto possessiva em relação ao uso desse nome. E depois a Sra. Grogan arrematou:

– Mary Agnes quebrou o braço!

Larch olhou para Melony, que pela primeira vez conseguiu exibir um sorriso.

– Você disse que “não faz muito tempo”?

– Disse que foi “até recentemente” – admitiu Melony.

Larch foi para o dispensário, onde examinou a clavícula de Mary Agnes, que estava quebrada; deu instruções à enfermeira Angela para preparar a criança para uma radiografia.

– Escorreguei no chão do banheiro – lamentou-se Mary Agnes. – Estava todo molhado.

– Melony! – chamou o Dr. Larch. Ela estava esperando no corredor. – Gostaria de observar como consertamos um osso quebrado, Melony?

Melony entrou no dispensário, que era uma área pequena e atravancada – especialmente com a enfermeira Edna e a Sra. Grogan ali e com a enfermeira Angela levando Mary Agnes para a radiografia. Vendo todos juntos, Larch compreendeu como ele e suas colegas pareciam velhos e frágeis em comparação com Melony.

– Gostaria de participar do concerto de um osso quebrado, Melony? – reiterou Larch à jovem vigorosa e imponente.

– Não – respondeu Melony. – Tenho coisas para fazer. – Ela acenou com o exemplar de *Little Dorrit* de forma um pouco ameaçadora. – E tenho de dar uma olhada no que vou ler esta noite.

Ela retornou à divisão de garotas, à sua janela ali, enquanto o Dr. Larch consertava a clavícula de Mary Agnes. Melony tentou novamente compreender o poder do sol em Marselha.

“A própria poeira era de um marrom crestado”, leu para si mesma. “Alguma coisa tremia na atmosfera como se o próprio ar estivesse ofegando.” Oh, Sunshine, pensou ela, por que você não me levou para algum lugar? Não teria sido a França, embora isso pudesse ser maravilhoso.

Ela sonhou enquanto lia e assim perdeu a transição entre o “olhar universal” do sol em Marselha e a atmosfera da prisão na mesma cidade. Subitamente descobriu que estava na prisão. “Uma mácula de prisão estava em tudo...”, leu. “Como um poço, como um cofre, como uma tumba, a prisão não tinha conhecimento da claridade intensa lá fora...” Parou de ler. Deixou *Little Dorrit* em cima de seu travesseiro. Tirou a fronha do travesseiro de uma cama mais arrumada do que a sua e meteu nela a bolsa de lona com artigos de toalete e algumas roupas. Também pôs *Jane Eyre* lá dentro.

Melony não teve qualquer dificuldade para encontrar a bolsa no quarto um tanto espartano da Sra. Grogan – roubou o dinheiro da Sra. Grogan (não havia muito) e também pegou seu grosso casaco de inverno (no verão, o casaco seria útil se tivesse de dormir no chão). A Sra. Grogan ainda estava no hospital, preocupada com a clavícula de Mary Agnes Cork; Melony gostaria de se despedir da Sra. Grogan (mesmo depois de roubá-la), mas conhecia de cor o horário dos trens – mais do que isso, conhecia de ouvido; o som de cada chegada e partida chegava à sua janela.

Na estação, comprou uma passagem apenas até Livermore Falls. Sabia que até mesmo o novo e estúpido chefe da estação seria capaz de se lembrar disso e diria ao Dr. Larch e à Sra. Grogan que Melony fora para Livermore Falls. Sabia também que depois que estivesse no trem poderia comprar uma passagem para algum lugar muito mais distante do que Livermore Falls. Posso ir para Portland?, especulou. Era a costa que precisaria explorar, mais cedo ou mais tarde – porque, por baixo do monograma em ouro naquela maçã Red Delicious do Cadillac, inscrita (também em ouro) contra o fundo verde intenso da folha de macieira, ela lera as palavras OCEAN VIEW ORCHARD. O que significava que era um lugar à vista da costa; e o Cadillac tinha placa do Maine. Não fazia diferença para Melony que houvesse milhares de quilômetros de litoral no estado do Maine. Enquanto o trem partia de St. Cloud's, Melony disse a si mesma – com tanta veemência que sua respiração embaçou a janela e obscureceu os prédios abandonados na parte esquecida da cidade: “Vou encontrar você, Sunshine.”

O Dr. Larch tentou confortar a Sra. Grogan, que disse que desejava apenas ter mais dinheiro para Melony roubar.

– E meu casaco não é impermeável – queixou-se a Sra. Grogan.
– Ela deveria ter uma capa de verdade neste estado.

O Dr. Larch tentou tranquilizar a Sra. Grogan; assegurou-lhe que Melony não era uma garotinha.

– Ela tem 24 ou 25 anos – lembrou Larch.
– Acho que o coração dela está partido – disse a Sra. Grogan, angustiada.

O Dr. Larch ressaltou que Melony levava *Jane Eyre*; encarava isso como um indício esperançoso – onde quer que Melony fosse, não estaria sem orientação, não estaria sem amor, sem fé; tinha um bom livro em sua companhia. Se ao menos continuasse a lê-lo e lê-lo, pensou Larch.

O livro que Melony deixara era um enigma para a Sra. Grogan e o Dr. Larch. Eles leram a dedicatória a Homer "Sunshine" Wells, que comoveu profundamente a Sra. Grogan.

Nenhum dos dois teve também qualquer sorte na leitura de *Little Dorrit*. A Sra. Grogan nunca passaria da "infame" prisão; o sol intenso de Marselha a intimidou, era ofuscante demais. O Dr. Larch, que retomou suas responsabilidades como leitor para os meninos e meninas, na ausência de Homer Wells e Melony, tentou ler *Little Dorrit* para as garotas; afinal, o personagem principal não era uma garota? Mas o contraste entre o ar escaldado ao sol de Marselha e o ar contaminado na prisão de Marselha criou tanta insônia entre as garotas que Larch sentiu-se aliviado ao abandonar o livro no capítulo 3, que tinha um título lamentável para órfãs: "Lar." Começou a descrição de Londres ao cair da noite de um domingo – sob a tormenta dos sinos de igreja.

– "Ruas de melancolia, num traje penitencial de fuligem" – leu o Dr. Larch, e parou no mesmo instante, pensando que não havia necessidade de mais melancolia ali.

Depois de uma pausa, o Dr. Larch indagou:

– Não seria melhor esperarmos um pouco e lermos *Jane Eyre* de novo?

As garotas acenaram com a cabeça, ansiosamente. Sabendo que o belo rapaz com o rosto de um benfeitor devia ter uma mãe com o coração para *beneficiar* os que existiam (como ela própria escrevera) em "circunstâncias menos afortunadas", o Dr. Larch escreveu para Olive Worthington:

Prezada Sra. Worthington:

Aqui em St. Cloud's dependemos de nossos poucos lucros e imaginamos (e oramos) que durem eternamente. Se não se incomoda, por favor avise a Homer que sua amiga Melony nos deixou – seu paradeiro é desconhecido – e levou o único exemplar de *Jane Eyre*. As órfãs na divisão de garotas estão acostumadas a ouvir a leitura desse livro em voz alta – era Homer quem

costumava ler para elas. Se Homer pudesse providenciar um exemplar em substituição, as garotas e eu ficaríamos gratos. Em outras partes do mundo há livrarias...

Larch sabia que assim conseguia duas coisas. A própria Olive Worthington mandaria outro exemplar de *Jane Eyre* (ele duvidava que fosse um exemplar de segunda mão), e Homer receberia a mensagem importante: Melony partira. Ela estava à solta no mundo. Larch achava que Homer devia saber disso, que poderia querer ficar atento à sua imaginação.

Quanto a *Little Dorrit*, a enfermeira Edna leu a dedicatória de Melony e chorou. Edna não era uma grande leitora; não foi além da dedicatória. A enfermeira Angela já fora derrotada por Dickens; piscou uma vez, rapidamente, ao sol de Marselha, não conseguiu virar a página.

Durante anos o exemplar não lido de Candy ficaria na sala da enfermeira Angela; os que esperavam nervosamente por entrevistas com o Dr. Larch pegavam o livro como se fosse uma revista – inquietos, desatentos. Larch raramente mantinha alguém esperando além do primeiro clarão ofuscante do sol. E a maioria preferia dar uma olhada no estranho sortimento de catálogos. As sementes, equipamentos de pesca, estupendas roupas íntimas – estas apresentadas de uma maneira que parecia de outro mundo: nos troncos sem cabeça, sem pernas e sem braços que eram a versão da época para os manequins comuns das costureiras.

“Em outras partes do mundo”, começou a escrever um dia o Dr. Larch, “existem sutiãs de amamentação”. Mas esse pensamento não o levou a parte alguma; caiu como um fragmento nas muitas e muitas páginas de *Uma breve história de St. Cloud's*.

Little Dorrit parecia condenado a passar a vida sem ser lido. Até mesmo Candy, que substituíra o exemplar roubado (e sempre se perguntou o que teria acontecido), nunca terminaria o livro, embora fosse leitura exigida para a sua turma. Ela também não foi capaz de

navegar além da investida inicial do sol contra os seus sentidos; desconfiava que sua dificuldade com o livro derivava do poder de *Little Dorrit* de lembrá-la de seu desconforto na longa viagem para e de St. Cloud's – e do que lhe acontecera ali.

Ela se lembraria especialmente da viagem de volta à costa – como se esticara no banco traseiro, com apenas as luzes do painel do Cadillac e a ponta acesa do cigarro de Wally brilhando intensa, mas pequena na escuridão ao redor. Os pneus do carro enorme zumbiam tranquilizadamente; ela se sentia grata pela presença de Homer, porque assim não precisava falar – nem escutar – com Wally. Não podia sequer ouvir o que Wally e Homer estavam dizendo um ao outro.

– Histórias da vida – lhe explicaria Wally depois. Aquele garoto teve uma vida e tanto, mas devo deixar que ele mesmo conte a você.

O murmúrio da conversa era tão ritmado quanto a canção dos pneus, mas Candy – por mais cansada que estivesse – não conseguiu dormir. Pensava no quanto estava sangrando e se preocupava que talvez fosse mais do que deveria. Entre St. Cloud's e a costa, ela pediu três vezes a Wally para parar o carro. Verificava o sangramento e trocava o tampão; o Dr. Larch lhe dera alguns – mas seriam suficientes, e até que ponto o sangramento era normal? Ela olhava para a parte posterior da cabeça de Homer. Se estiver pior amanhã ou igualmente ruim no dia seguinte, pensou ela, terei de perguntar a ele.

Quando Wally foi ao banheiro e deixou-os a sós no carro, Homer falou com ela, mas sem virar a cabeça:

– Provavelmente está com cãibras, mais ou menos tão ruins quanto fica nas regras. Provavelmente está sangrando, mas não tanto quanto sangra nas regras... nem de longe tanto quanto sangra nos momentos de maior intensidade. Se as manchas no tampão têm

apenas 5 ou 6 centímetros de diâmetro, não há problema. É o que se deve esperar.

– Obrigada – sussurrou Candy.

– O sangramento deve diminuir amanhã e quase desaparecer no dia seguinte. Se estiver preocupada, deve me falar.

– Está bem.

Candy sentia que a situação era muito estranha: um garoto de sua idade saber tanto a seu respeito.

– Nunca vi uma lagosta – disse Homer Wells, para mudar de assunto... e para permitir a Candy que assumisse alguma autoridade.

– Então também nunca comi nenhuma – comentou Candy, jovialmente.

– Não sei se quero comer alguma coisa que nunca vi – respondeu Homer.

Candy riu; ainda estava rindo quando Wally voltou ao carro.

– Estamos falando sobre lagostas – explicou Homer.

– Ah, as lagostas são hilariantes – disse Wally, arrancando risadas dos três.

– Espere só até ver uma! – disse Candy a Homer.

– Ele nunca viu uma lagosta, Wally!

– Elas são ainda mais engraçadas quando a gente as vê – declarou Wally.

O riso de Candy deixou-a dolorida; ela parou abruptamente, mas Homer continuou a rir. Wally acrescentou:

– E espere só até elas tentarem falar com você. As lagostas me deixam tonto cada vez que tentam falar.

Quando ele e Wally pararam de rir, Homer disse:

– Nunca vi o mar.

– Ouviu isso, Candy? – indagou Wally.

Mas Candy relaxara com o riso e estava agora profundamente adormecida. Wally perguntou a Homer:

- Jura que *nunca* viu o mar?
- Certo – respondeu Homer Wells.
- Isso não é engraçado – comentou Wally, muito sério.
- Certo.

Pouco depois, Wally perguntou:

- Quer dirigir um pouco?
- Não sei dirigir.
- É mesmo?

E ainda mais tarde – já era quase meia-noite – Wally perguntou:
– Ahn... você já andou com uma garota... fez amor com ela?

Mas Homer Wells também se sentia relaxado: rira muito com seus novos amigos. O jovem, mas veterano insone pegara no sono. Wally teria ficado surpreso se soubesse que Homer também nunca antes rira alto com amigos? E possivelmente Homer teria dificuldade em caracterizar o seu relacionamento com Melony como um relacionamento baseado em fazer amor.

Homer experimentara um novo senso de segurança naquele momento de riso com amigos, na escuridão restrita do carro em movimento, assim como um senso de liberdade que o próprio carro lhe proporcionava – sua jornada aparentemente sem esforço era uma maravilha para Homer Wells, para quem a ideia de movimento (sem falar no senso de mudança) só era realizada raramente e mesmo com um enorme esforço.

– Candy? – sussurrou Wally. E pouco depois ele tornou a sussurrar: – Homer?

Ele até que gostava da ideia de conduzir aqueles dois pelo mundo às escuras, de ser o guia pela noite, o protetor de qualquer coisa que espreitasse além do alcance dos faróis. – Muito bem, companheiro – disse Wally ao adormecido Homer Wells –, está mais do que na hora de você se *divertir* um pouco.

Wilbur Larch, quase um mês depois – ainda esperando por notícias de Homer e orgulhoso demais para escrever a primeira carta

–, especulou sobre a “diversão” que Homer estava tendo. Aulas de natação!, pensou ele. O que se usa para nadar numa piscina aquecida? Como aquecem a piscina, e até que ponto a aquecem?

Em 194-, a piscina do Haven Club era a primeira aquecida do Maine. Embora Raymond Kendall achasse absurdo esquentar água para outros propósitos que não cozinhar e tomar banho, inventara um sistema de aquecimento para a piscina do Haven Club. Fora apenas um exercício de mecânica para Ray.

– Se você aprende a nadar no mar – disse Ray a Homer –, vai aprender a reação apropriada para um corpo ter em tanta água.

– Mas *você* não sabe nadar, papai – ressaltou Candy.

– É justamente o que estou querendo dizer – declarou Ray, piscando para Homer Wells. – Você põe o pé no mar ou cai nele e terá bastante juízo para nunca mais voltar... é frio demais!

Homer gostava do pai de Candy, talvez porque a cirurgia é a mecânica da medicina, e o treinamento inicial de Homer fora cirúrgico. Teve uma identificação instantânea com as máquinas com que Ray Kendall trabalhava, tanto os equipamentos da plantação de maçãs quanto os mecanismos para recolher as lagostas e mantê-las vivas.

Ao contrário da promessa de Wally sobre a comicidade das lagostas, Homer não achou a menor graça ao ver pela primeira vez as criaturas. Atulhavam o tanque no curral de Ray Kendall, rastejando umas por cima das outras, as garras fechadas, manejadas como se fossem porretes ineficazes. Homer compreendeu que vira um bom motivo para aprender a nadar. Se uma pessoa caísse no mar, não haveria de querer afundar até o fundo em que tais criaturas viviam. Algum tempo se passou antes que Homer aprendesse que as lagostas não cobriam o fundo do mar na mesma densidade com que ocupavam o tanque. A primeira indagação que aflorou em sua mente não se referia à maneira como

uma lagosta comia ou de que forma se multiplicava – mas por que vivia.

– Tem de haver alguma coisa para recolher o que está lá por baixo – disse Ray Kendall a Homer.

– É o monstro do lixo do fundo do mar – comentou Wally, rindo... ele sempre ria quando falava de lagostas.

– A gaivota limpa a praia – acrescentou Ray Kendall. – A lagosta limpa o fundo do mar.

– Lagostas e gaivotas recolhem as sobras – arrematou Candy.

Wilbur Larch poderia ter comentado que elas recebiam a cota dos órfãos. Isso ocorreu a Homer Wells, que descobriu que podia passar muito tempo observando lagostas, com temor, e gaivotas, com prazer – e ambas com admiração e respeito.

Anos mais tarde, quando se tornou a orgulhosa proprietária do primeiro aparelho de TV de Heart's Rock, Olive Worthington diria que Homer Wells fora a única pessoa que já puxara uma cadeira e sentara diante do tanque de lagostas de Ray Kendall, "como se estivesse assistindo ao noticiário na TV".

Homer recolhia côvãos de lagostas com o pai de Candy aos domingos – não por dinheiro, mas para sair pelo mar e ficar perto de Ray. Seis dias por semana, Homer trabalhava com Wally nos pomares. O mar só era visível de um dos vários pomares de Ocean View, mas a sua presença era sentida por toda a plantação, especialmente no nevoeiro do início da manhã e quando uma brisa marinha refrescava o calor do verão – e pelas gaivotas que circulavam pelo interior e de vez em quando se empoleiravam nas árvores. Apreciavam mais os arandos do que as maçãs, mas sua presença era uma irritação para Olive, que desde seus primeiros anos entre as ostras não tinha qualquer amor pelas aves estridentes e brigava com as gaivotas em disputa de sua pequena plantação de arandos – as frutas eram protegidas por redes baixas, mas as

gaivotas e os corvos eram bastante espertos para passarem por baixo.

Entre os órfãos, pensava Homer Wells, as gaivotas são superiores aos corvos – não em inteligência ou personalidade, observou, mas na liberdade que possuem e tanto prezam. Foi ao contemplar as gaivotas que ocorreu pela primeira vez a Homer que estava livre.

Wilbur Larch sabia que a liberdade era a ilusão mais perigosa de um órfão; quando recebeu por fim notícias de Homer, examinou a carta estranhamente formal, desapontadora na carência de detalhes. Sobre ilusões e todo o resto, não havia qualquer indício.

“Estou aprendendo a nadar”, escreveu Homer Wells. (Já sei! Já sei! Conte-me tudo a respeito!, pensou Wilbur Larch.) “Estou me saindo melhor ao volante de um carro”, acrescentou Homer.

“A Sra. Worthington é muito simpática.” (Eu já imaginava!, pensou Wilbur Larch.) “Ela sabe de tudo sobre maçãs.”

“O pai de Candy também é muito simpático”, escreveu Homer Wells ao Dr. Larch. “Ele me leva em seu barco de pesca de lagostas e está me ensinando como um motor funciona.” (Você usa um colete salva-vidas no barco?, queria saber Wilbur Larch. Acha que um *motor* é muito especial? Eu poderia lhe ensinar como o *coração* funciona, pensou Wilbur Larch – seu próprio coração ensinando-o a respeito de si mesmo e muito mais do que sua função como um músculo.)

“Candy e Wally são maravilhosos!”, escreveu Homer. “Vou a toda parte com eles. Durmo no quarto de Wally. Uso suas roupas. É ótimo que sejamos do mesmo tamanho, embora ele seja mais forte. Candy e Wally vão casar um dia e querem ter muitos filhos.” (Fale-me das aulas de natação, pensou Wilbur Larch. Tome cuidado com as aulas de natação.)

“O pobre Sr. Worthington – todo mundo o chama de Sênior”, escreveu Homer. (Ahn, ahn!, pensou Wilbur Larch. Então alguma

coisa não é perfeita, hem? O que há com o “pobre” Sr. Worthington?)

Ele perguntou à enfermeira Angela e à enfermeira Edna o que achavam do nome “Sênior”. Elas concordaram que era diferente.

– Parece-me muito estúpido – comentou Wilbur Larch.

A enfermeira Angela e a enfermeira Edna disseram-lhe que não estava sendo justo. O garoto partira com sua bênção – mais até, com o seu encorajamento. Elas concordavam que Homer poderia ter escrito alguma coisa e repetido antes de seis semanas, mas argumentaram que isso só indicava como ele estava feliz – e também como estava ocupado e contente por estar ocupado. E que experiência Homer Wells tinha de escrever cartas... ou escrever qualquer outra coisa, diga-se de passagem?

– Você quer que ele se torne um médico – comentou Wilbur à enfermeira Edna –, mas a vida é dele.

– Espera que ele se torne também um escritor? – acrescentou a enfermeira Angela.

– E que nunca se case? – indagou a enfermeira Edna, perigosamente.

Eu espero que ele seja útil, pensou Wilbur Larch, cansado. E quero ele comigo; mas Larch sabia que esse último desejo era injusto. Era no dispensário que ele descansava do calor do verão. Todo aquele vidro e aço eram de certa forma refrescantes e os vapores do éter evaporavam mais devagar na umidade. Tinha agora a sensação de viajar mais longe e por mais tempo nos sonhos de éter. E quando saía do éter, tinha a impressão de voltar mais devagar. Estou ficando mais velho, repetia para si mesmo.

Um belo e intacto exemplar de *Jane Eyre* foi enviado pela Sra. Worthington, e Wilbur Larch passou a ler com mais animação para as garotas – a novidade de história revigorou-o. Até alegrou seu enfoque desolado da triste conclusão de *Great Expectations*. (Ele nunca acreditou na parte sobre Pip e Estella serem felizes para

sempre; nunca acreditou que isso fosse possível para qualquer pessoa.)

Um padrão de correspondência foi se desenvolvendo lentamente entre Wilbur Larch e Homer Wells. Homer esboçava os fatos de sua vida em Heart's Rock e Heart's Haven; oferecia ao Dr. Larch um vislumbre, como a visibilidade distante do oceano do único pomar de Ocean View em que era possível se avistar o mar. Enviava ao Dr. Larch uma página, talvez duas, uma vez por semana ou de duas em duas semanas. A essa mancha no horizonte o Dr. Larch respondia com uma orquestração completa de perguntas (que nunca seriam respondidas) sobre a especificidade que faltava na última carta de Homer ("Qual é exatamente o problema do Sr. Worthington?") e um fluxo de detalhes sobre a desolação diária de St. Cloud's. Embora desprezasse o instinto mexeriqueiro de Snowy Meadows para se manter "informado" em relação ao orfanato, o Dr. Larch proporcionava a Homer Wells uma autêntica carta noticiosa aos ex-alunos, com a agenda do hospital e eventos sociais. As cartas para Homer Wells eram mais longas do que os mais longos registros em *Uma breve história de St. Cloud's*; eram sempre escritas e remetidas no dia seguinte ao recebimento dos bilhetes mínimos de Homer.

– Não pode esperar que o garoto tenha o seu ritmo, Wilbur – advertiu a enfermeira Edna.

– Não pode esperar que ele *concorra* com você – acrescentou a enfermeira Angela.

– Mas o que há de errado com o caráter de Sênior Worthington? – indagou o Dr. Larch.

– Homer disse que era um problema de bebida, Wilbur – lembrou a enfermeira Edna.

– O que você quer saber...? A marca do uísque? – perguntou a enfermeira Angela.

Mas o que Wilbur Larch esperava de seu jovem aprendiz era apenas o que pensara que lhe ensinara: análise clínica, definição

exata das características associadas com beber pouco, beber mais ou menos e beber muito. Estamos falando de um sujeito que banca o tolo nas festas?, especulava Wilbur Larch. Ou se trata de um problema grave e crônico?

Porque nunca vira um bêbado antes, Homer Wells foi – a princípio – enganado ainda mais facilmente pela aparência de Sênior Worthington do que a família e os amigos; e Homer estava tão disposto quanto eles a aceitar a deterioração de Sênior como o resultado natural do alcoolismo. Homem por muito tempo admirado em Heart's Rock e Heart's Haven, especialmente pela doçura de seu temperamento, Sênior tornara-se irritadiço, explosivo e até mesmo agressivo de vez em quando. Depois do incidente da torta, Olive não lhe permitiu mais ir ao clube sozinho. Sênior grudara uma torta inteira no peito de um jovem e simpático salva-vidas e depois tivera de ser contido para não esfregar os ingredientes verdes no traseiro de uma jovem e atraente garçonete.

– Ele estava se exibindo – dissera Sênior sobre o salva-vidas. – Estava *parado* ali.

– E a garçonete? – indagara Olive.

Sênior ficara confuso e começara a chorar, balbuciando:

– Pensei que era outra pessoa.

Olive o levara para casa, Wally oferecera uma compensação à garçonete, e Candy encantara e acalmara o salva-vidas.

Sênior começou a se perder quando saía de carro para outros lugares que não os rotineiros; Olive não o deixava dirigir se não estivesse acompanhado por Wally ou Homer. Não demorou muito para que ele se perdesse também ao procurar os lugares familiares; Homer tinha de levá-lo de volta para Ocean View, do curral de lagostas de Ray Kendall – até mesmo Homer, que não estava familiarizado com a rede de pequenas estradas entre a costa e o interior, podia perceber que Sênior fizera uma volta errada.

Sênior cometia erros terríveis em qualquer trabalho em motor mais complexo. Ao limpar o carburador do Cadillac – um trabalho simples, que Ray Kendall demonstrara muitas vezes –, Sênior aspirou a gasolina e pequenas partículas de carbono para os tubos (ele sugou em vez de soprar).

A memória recente de Sênior tornou-se tão deteriorada que ele vagueava por uma hora em seu próprio quarto sem conseguir se vestir; constantemente confundia a sua gaveta de meias com a gaveta de roupas íntimas de Olive. Ficou tão furioso pelo equívoco uma manhã que se apresentou à mesa do café da manhã com um sutiã amarrado firme em cada pé. Normalmente afável com Homer e terno com Olive e Wally, ele gritou uma acusação contra Wally – seu próprio filho estava usando as meias do pai, que pegara sem pedir permissão! – e arengou contra Olive por ter transformado sua casa num abrigo de enjeitados, sem pedir sua autorização.

– Você estaria melhor em St. Cloud’s do que nesta casa de ladrões – disse ele a Homer.

Ao dizer isso, Sênior Worthington desatou em lágrimas e suplicou perdão a Homer; encostou a cabeça no ombro de Homer e chorou.

– Meu cérebro está mandando veneno para o coração – disse a Homer, que achou estranho o fato de Sênior aparentemente não beber antes do fim da tarde, mas dar a impressão de que se encontrava embriagado o tempo todo.

Às vezes acontecia o seguinte: Sênior não bebia por três dias – uma parte dele podia constatar que seu comportamento absurdo nem por isso florescia menos intensamente. Contudo, ele esquecia de ressaltar esse ponto para Olive ou qualquer outra pessoa, até que cedia e tomava um drinque; e quando se lembrava de dizer que *não* estava bebendo, já ficara embriagado. Por que esqueço tudo?, especulava, para logo depois esquecer a própria especulação.

A memória de longo alcance, no entanto, permanecia intacta. Ele entoava canções universitárias para Olive (cujos versos ela própria

não era capaz de lembrar) e recordava ternamente as noites românticas do namoro; contava a Wally as histórias de Wally quando era pequeno; divertia Homer com o relato jovial do plantio de alguns dos pomares mais antigos, inclusive do único pomar de onde o mar era visível.

– Era ali que eu queria construir a casa – revelou Homer a Sênior.

Era a hora do almoço. Wally e Homer haviam trabalhado no pomar, arrancando os galhos internos das árvores e todas as ramificações novas viradas para dentro – ou seja, que não se estendiam para o sol. Wally já ouvira a história; estava distraído; despejou um pouco de Coca-Cola num formigueiro. O trabalho que faziam visava a expor tantos galhos quantos fosse possível à luz; era para permitir que a luz passasse através da árvore.

– Não se pode permitir que uma macieira cresça para todos os lados – explicara Wally a Homer.

– Como um garoto! – gritara Sênior, rindo.

E agora ele explicou o que acontecera a Homer:

– Olive achou que ventava demais ali para se construir uma casa. As mulheres são mais perturbadas pelo vento do que os homens. É um fato. Seja como for..

Fez uma pausa. Gesticulou para o mar, como se fosse uma plateia distante e tencionasse incluí-la pelo movimento da mão. Virou-se para as macieiras ao redor.. Formavam uma plateia um pouco mais íntima, prestando mais atenção.

– O vento... – Fez outra pausa, talvez esperando que o vento contribuísse com alguma coisa. – A casa...

Outra pausa, e depois acrescentou para Homer:

– Pode-se ver este pomar do segundo andar de nossa casa. Sabia disso?

– Certo – respondeu Homer.

O quarto de Wally ficava no segundo andar. Da janela de Wally ele podia avistar o pomar de onde o mar era visível, embora o mar

não fosse visível da janela de Wally – ou de qualquer outra janela da casa.

– Dei a toda a propriedade o nome de Ocean View porque pensei que a casa seria aqui – explicou Sênior. – Bem aqui.

Olhou para a Coca-Cola espumante que Wally estava derramando lentamente no formigueiro.

– Usa-se aveia venenosa e milho venenoso para se matar os camundongos – disse Sênior. – Fede muito.

Wally olhou para ele; Homer balançou a cabeça.

– Espalha-se a coisa para os camundongos do campo, mas é preciso encontrar os buracos e jogar nos túneis quando se quer matar os camundongos dos pinheiros – acrescentou Sênior.

– Sabemos disso, papai – murmurou Wally.

– Os camundongos do campo são a mesma coisa que camundongos das campinas – explicou Sênior a Homer, que já ouvira tal informação.

– Certo – disse Homer.

– Os camundongos das campinas fazem um anel numa árvore, e os camundongos dos pinheiros comem as raízes – recitou Sênior, de sua memória distante.

Wally parou de despejar Coca-Cola no formigueiro. Ele e Homer não sabiam por que Sênior os acompanhara no intervalo para o almoço; haviam trabalhado a manhã inteira no pomar com vista para o mar, e Sênior acabara de aparecer. Estava dirigindo o velho jipe, que não tinha placas; servia exclusivamente para circular entre os vários pomares.

– O que está fazendo aqui, pai? – perguntou Wally. Sênior olhou para o filho, confuso. Olhou para Homer; esperava que Homer pudesse lhe oferecer a resposta. Olhou para a sua plateia, as macieiras, o mar distante.

– Eu queria construir a casa aqui – disse ele a Wally. – *Bem aqui.* Mas a cadela mandona de sua mãe que tem de fazer tudo como ela

quer não deixou... a sacana não me deixou! A sacana catadora de ostras, cavadora de poços!

Sênior levantou-se, parecia desorientado; Wally também se levantou.

– Vamos embora, pai. Eu o levarei para casa.

Foram na picape de Wally. Homer seguiu-os no velho jipe; era o veículo em que aprendera a dirigir, depois que Wally lhe garantira que não poderia avariá-lo.

Álcool, pensou Homer Wells; pode destruir uma pessoa.

Sênior tinha também todos os outros sintomas. Estava com 55 anos; parecia ter 70. Tinha períodos de paranoia, de grandiosidade, de confabulação. Suas poucas características desagradáveis – que sempre tivera – estavam exageradas; em seu caso, tirar meleca, por exemplo. Podia explorar uma narina por uma hora; punha as melecas na calça ou nos móveis. O vulgar irmão de Olive, Bucky Bean, dizia que Sênior poderia muito bem ter sido um escavador de poços.

– Da maneira como ele escarafuncha o nariz – comentava Bucky –, eu bem que podia aproveitá-lo para abrir um poço.

O salva-vidas do Haven Club, cujo peito recebera todo o impacto de uma torta, não ficara completamente apaziguado. Protestou contra Candy dar aulas de natação a Homer na parte rasa da piscina, ao final da tarde. A piscina ficava muito cheia nessa ocasião, queixou-se ele; as aulas de natação estavam marcadas para o início da manhã e era ele quem as ministrava – por uma taxa. Não ficou convencido de que devia ser flexível no caso. Homer trabalhava em Ocean View o dia inteiro, argumentou Candy. O final da tarde, quando Wally ia jogar tênis depois do trabalho, era o momento ideal para Candy dar aulas a Homer.

– Ideal para *você* – insistiu o salva-vidas.

Era evidente que ele sentia alguma paixão por Candy. Uma coisa era ter ciúme de Wally Worthington – todo mundo tinha –, mas

outra muito diferente era sofrer pelas atenções de Candy Kendall ao caso de azar de St. Cloud's. No Haven Club – nunca na presença de Candy ou na presença de qualquer dos Worthington –, Homer não era chamado de enjeitado ou órfão, mas como “o caso de azar de St. Cloud's” – às vezes como “o caso de azar dos Worthington”.

Homer dizia que não se importaria de praticar na piscina particular dos Worthington em Ocean View, mas era ótimo que ele e Candy pudessem ficar no Haven Club enquanto Wally jogava tênis; podiam depois sair juntos, para a praia, o píer de Ray Kendall, qualquer outro lugar. Além disso, na piscina dos Worthington teriam de aturar Sênior; mais e mais, Olive tentava manter Sênior em casa, longe do Haven Club. Ela descobriu que podia acalmá-lo melhor servindo gim com tônica e mantendo-o dentro da piscina – flutuando numa balsa de borracha. Mas o verdadeiro motivo pelo qual não era uma boa ideia (todos pensavam assim) Homer aprender a nadar na piscina não aquecida dos Worthington era a possibilidade de a água fria provocar um choque em seu coração.

Olive decidiu que assumiria as aulas de natação, no lugar de Candy; sabia que o salva-vidas do Haven Club não se atreveria a queixar-se dela. Olive, Candy e Wally haviam concordado que a experiência da água fria podia ser demais para Homer.

– Não quero ser um problema para vocês – disse Homer, desconcertado e sem dúvida desapontado porque as mãos sob a sua barriga, enquanto se movimentava de um lado para outro, eram de Olive e não de Candy. – Não é frio demais para mim em sua piscina, Wally.

– É mais difícil aprender quando a água está fria – ressaltou Candy.

– Isso mesmo – confirmou Olive.

– Quero nadar no mar assim que aprender – declarou Homer. – E a água do mar é muito mais fria do que na sua piscina.

Oh, não!, preocupou-se Olive. Ela escreveu para o Dr. Larch sobre o “problema cardíaco”, o que fez Larch sentir-se culpado e um pouco acuado. Na verdade, ele escreveu para Olive, a água fria não proporciona o tipo de choque pelo qual estava preocupado; o tipo de choque associado com um acidente – “por exemplo, um quase afogamento” era o que ele achava que Homer devia tentar evitar.

Quanta mentira!, pensou Larch, mas mesmo assim despachou a carta para a Sra. Worthington. Olive descobriu que Homer aprendeu a nadar bem depressa.

– Ele devia estar prestes a pegar o jeito quando substituí você – disse ela a Candy.

Mas a verdade é que Homer aprendeu mais depressa com Olive porque as aulas não eram tão agradáveis.

Com Candy, talvez ele nunca tivesse aprendido a nadar; pelo menos teria prolongado o aprendizado e faria as aulas durarem pelo resto do verão.

Homer Wells faria com que aquele verão durasse pelo resto de sua vida, se pudesse. Havia muita coisa na vida em Ocean View que o fazia feliz.

Não se sentia envergonhado por amar os tapetes de parede a parede dos Worthington; viera de paredes de madeira expostas e muitas camadas de linóleo, entre as quais se podia sentir a serragem deslocar-se sob os pés. Não se podia alegar que as paredes dos Worthington estivessem cobertas por obras de arte, mas Homer nunca vira quadros nas paredes antes (exceto o retrato da mulher do pônei); até mesmo a graciosidade suprema do quadro a óleo do gato no canteiro de flores (no banheiro de Wally) o atraía – e o papel de parede floral por trás do quadro também o atraía. O que ele sabia de papel de parede ou arte? Homer achava que todo e qualquer papel de parede era maravilhoso.

Ele pensava que nunca deixaria de amar o quarto de Wally. O que sabia de letras universitárias e bolas de futebol americano

mergulhadas em ouro líquido e com a inscrição do resultado de um jogo importante? E de troféus de tênis, velhos anuários e canhotos de ingressos presos na moldura do espelho (do primeiro filme a que Wally levava Candy)? O que sabia de cinema? Wally e Candy levaram-no a um dos primeiros cinemas *drive-in* do Maine. Como poderia sequer ter imaginado aquilo? E o que sabia de pessoas que se reuniam todos os dias e trabalhavam juntas, por aparente opção? Os companheiros de trabalho em Ocean View eram uma maravilha para Homer Wells; a princípio, amou a todos. Amou Meany Hyde principalmente, porque Meany se mostrava tão cordial e gostava tanto de explicar como tudo era feito, até mesmo as coisas que Homer – ou qualquer outro – poderia perceber como eram feitas, sem precisar que lhe dissessem. Homer adorava especialmente escutar Meany explicar o óbvio.

Ele amou a mulher de Meany Hyde, Florence – e as outras mulheres que passavam o verão aprontando o mercado de maçãs e a casa de sidra para a colheita. Amou Big Dot Taft, embora o balanço na parte de trás de seus braços o fizesse lembrar de Melony (em quem nunca pensava, nem mesmo quando soube que ela deixara St. Cloud's). Gostou da irmã caçula de Big Dot Taft, Debra Pettigrew, que era da sua idade e bonita, embora houvesse alguma coisa determinada em seu corpo roliço a sugerir que possuía a capacidade de se tornar um dia tão grande quanto Big Dot.

O marido de Big Dot, Everett Taft, ensinou tudo sobre segadura a Homer. Ceifava-se os caminhos entre as árvores duas vezes no verão; recolhia-se o feno; embalava-se e vendia-se à fazenda de gado em Kenneth Corners. Usava-se o feno solto para proteger as raízes das árvores mais novas. Tudo era aproveitado em Ocean View.

Homer gostou de Ira Titcomb, o abelheiro e marido de Irene da maravilhosa cicatriz de queimadura; foi Ira quem explicou a Homer tudo sobre as abelhas:

– Elas gostam de uma temperatura de pelo menos 18 graus, sem vento, sem granizo, sem geada – disse Ira. – Uma abelha vive cerca de 30 dias e trabalha mais nesse período do que alguns homens em toda a sua vida... e não estou dizendo que homens. Todo mel é combustível para as abelhas.

Homer aprendeu que as abelhas preferiam os dentes-de-leão a flores de macieira; era por isso que se ceifava os dentes-de-leão pouco antes de se levar as abelhas para o pomar. Aprendeu por que tinha de haver mais de uma espécie de árvore num pomar, para a polinização por cruzamento – as abelhas tinham de levar o pólen de uma espécie de árvore para outra. Aprendeu que só se devia pôr as colmeias no pomar à noite; as abelhas estavam então dormindo e se podia fechar a pequena porta de tela na base da caixa que continha a colmeia; quando se carregava as colmeias, as abelhas despertavam, mas não podiam sair. As colmeias eram leves quando saíam do reboque e eram espalhadas pelos pomares, mas estavam pesadas com mel quando tinham de ser recolhidas e levadas de volta ao reboque uma semana depois. Às vezes uma colmeia podia ficar tão pesada que um homem sozinho não conseguia levantá-la. Se as colmeias eram sacudidas, as abelhas lá dentro começavam a zumbir; podia-se sentir a agitação através da madeira. Se o mel vazava entre as ripas, uma abelha solitária podia escapar com o mel, ocorrendo então a única possibilidade de alguém ser picado.

Uma ocasião, quando abraçava uma colmeia contra o peito, levando-a com todo o cuidado para a beira do reboque, Homer sentiu uma vibração contras as ripas que continham a colmeia; mesmo no ar frio da noite, a madeira estava quente; a atividade da colmeia gerava calor – como uma infecção, pensou Homer subitamente. Ele recordou a barriga esticada da mulher que salvara das convulsões. Pensou na atividade no útero como produtora de calor e uma dureza no abdome. Em quantos abdomes Homer Wells pusera as mãos antes de completar 20 anos? Prefiro o cultivo de maçãs, concluiu.

Em St. Cloud's, a proliferação era indesejável, mesmo quando consumada – e o processo de nascimento era muitas vezes interrompido. Agora, ele estava empenhado no negócio de fazer as coisas proliferarem e crescerem. O que amava na vida em Ocean View era a maneira como tudo era útil e tudo era desejado.

Até pensou que amava Vernon Lynch, embora tivesse sido informado de que Vernon espancava a mulher e Grace Lynch tivesse um jeito de fitá-lo que o alarmava. Não podia dizer pelo olhar se o que via era necessidade, suspeita ou simplesmente curiosidade – Grace dava aquele tipo de olhar que se continua a sentir mesmo depois que se parou de olhar para trás.

Vernon Lynch mostrou a Homer como pulverizar as árvores. Nada de mais apropriado que Vernon Lynch estivesse encarregado dos pesticidas, do extermínio.

– Assim que aparecem as folhas, lá vêm os problemas – disse Vernon. – É em abril. A gente começa a pulverizar em abril e não para mais até o final de agosto, quando tudo está pronto para se começar a colher. Pulveriza-se a cada semana ou de 10 em 10 dias. Pulveriza-se contra a sarna e contra os insetos. Temos dois pulverizadores aqui, um Hardie e um Bean, ambos com capacidade para 500 galões. A gente tem de usar o respirador porque ninguém quer respirar toda aquela merda. O respirador não adianta nada se não estiver bem ajustado.

Dizendo isso, Vernon Lynch apertou o respirador em torno da cabeça de Homer, que sentiu as têmporas latejarem. – Se não ficar lavando o pano dentro da máscara, pode acabar sufocando – acrescentou Vernon.

Pôs a mão em concha sobre a boca e o nariz de Homer, que experimentou a sensação de ausência de ar.

– E mantenha os cabelos cobertos, se não quiser ficar careca. – A mão de Vernon continuou tapando a boca e o nariz de Homer. – E mantenha os óculos de proteção, se não quiser ficar cego.

Homer pensou em se debater, resolveu conservar as forças, pensou em desmaiar, especulou se era verdade ou apenas uma expressão que os pulmões estouravam.

– Se você tem o que eles chamam de um ferimento aberto, como um talho, e a merda entrar por aí, você pode ficar estéril – disse Vernon Lynch. – Isso significa que não vai mais ficar com o asqueroso pau duro.

Homer bateu no ombro de Vernon e acenou-lhe, como se sinalizasse alguma coisa complicada demais para comunicar pelos meios normais. Não consigo respirar! Ei! Não consigo respirar! Ei, você aí!

Quando os joelhos de Homer começaram a vergar, Vernon arrancou a máscara de seu rosto – a tira da cabeça puxando suas orelhas para cima e se entrelaçando nos cabelos.

– Entendeu tudo? – perguntou Vernon.

– Certo! – exclamou Homer, os pulmões berrando.

Ele até gostou de Herb Fowler. Estava com Herb há menos de dois minutos quando o preservativo voou em sua direção e bateu em sua testa. Meany Hyde disse apenas:

– Oi, Herb, este aqui é Homer Wells... o amigo de Wally de St. Cloud's.

E no instante seguinte Herb arremessou a camisa de vênus contra Homer.

– Não haveria tantos órfãos no mundo se mais pessoas pusessem essas coisas quando trepam – disse Herb.

Homer Wells nunca vira um preservativo numa embalagem comercial. Os que o Dr. Larch mantinha e distribuía a muitas das mulheres, aos punhados, estavam guardados em alguma coisa simples e transparente, como papel encerado; não eram adornados por nomes de marcas. O Dr. Larch estava sempre se queixando de que não tinha a menor ideia da maneira como sumiam tantas camisas de vênus, mas Homer sabia que Melony se servira em

muitas ocasiões. Fora Melony, é claro, quem apresentara Homer aos preservativos.

A namorada de Herb Fowler, Louise Tobey, era sem dúvida profissional ao manipular os preservativos de Herb. Quando tocava em si mesmo, Homer pensava em Louise – imaginava a habilidade dela com um preservativo, os dedos rápidos e ágeis, a maneira como segurava a brocha e cerrava os dentes, aplicando uma grossa camada de tinta com um bafo azedado pelo cigarro.

Homer não se permitia masturbar quando Candy estava presente em sua mente. Não se tocava no quarto de Wally, com Wally respirando fundo e dormindo serenamente ao seu lado. Sempre que Homer imaginava Candy dormindo ao seu lado, eles nunca estavam se tocando intimamente – apenas se abraçavam firme, numa atitude de casta afeição. (“Nada genital”, como Melony costumava dizer.)

Candy fumava, mas era tão exagerada e afetada que muitas vezes deixava o cigarro cair em seu colo, levantando-se de um pulo e espanando furiosamente as brasas, sempre rindo.

– Mas que palerma! – gritava ela.

Se assim é, pensava Homer Wells, só acontece quando você está fumando.

Louise Tobey devorava um cigarro; sugava uma enorme nuvem de fumaça e soprava de volta muito pouco, levando Homer a especular para onde ia o resto. As mulheres mais velhas do mercado eram fumantes inveteradas (à exceção de Grace Lynch, que resolvera não abrir os lábios – não por qualquer motivo). Florence, Irene e Big Dot Taft fumavam há tanto tempo que pareciam indiferentes. Somente Debra Pettigrew, a irmã caçula de Dot, fumava com a mesma infrequência e falta de jeito de Candy. Louise Tobey fumava com uma violência rápida e firme que Homer imaginava ser inspirada pelo uso rude dos preservativos por Herb Fowler.

Em toda Heart's Rock e em toda Heart's Haven, do borbulhar salgado do curral de lagostas à segurança clorada da piscina do Haven Club; da movimentação para aprontar o mercado de maçãs ao trabalho nos campos, não havia nada que constituísse para Homer um lembrete vívido de St. Cloud's – nada até o primeiro dia de chuva, quando o mandaram, junto com uma pequena turma de faxineiros e pintores, para a casa de sidra.

Nada no prédio, por fora, preparou-o para o que iria encontrar. Passara muitas vezes por ali, em diversos veículos da plantação – um prédio de um só andar, comprido, estreito, telhado inclinado, no formato de um braço dobrado em ângulo reto; no cotovelo do prédio, onde havia uma porta dupla, ficavam o engenho e a prensa (o moinho, a bomba, o motor da bomba e o motor do moinho e o tanque de mil galões).

Uma ala do prédio estava ocupada por unidades de refrigeração; era uma câmara frigorífica para a sidra. Na outra ala havia uma pequena cozinha, além da qual estendiam-se duas fileiras compridas de camas de ferro ao estilo de hospital, cada uma com seu cobertor e travesseiro. Os colchões estavam meticulosamente enrolados em cada uma das vinte camas. Às vezes um cobertor pendurado em arame envolvia uma cama ou um grupo de camas na semiprivacidade que Homer Wells associava a uma enfermeira de hospital. Prateleiras de madeira compensada sem pintura entre as camas formavam armários primitivos, mas estáveis que continham as lâmpadas de leitura de pescoço comprido e retorcido, onde quer que houvesse uma tomada próxima. Os móveis eram velhos, mas bem cuidados, como se resgatados ou rejeitados de hospitais e escritórios, onde haviam sido expostos a um uso inexorável, mas ponderado.

Aquela ala da casa de sidra tinha a economia funcional de um alojamento militar, mas apresentava muitos toques pessoais para ser institucional. Havia cortinas, por exemplo, e Homer podia dizer que seriam adequadas, embora estivessem desbotadas nas janelas da

sala de jantar dos Worthington – que era o lugar de onde procediam. Homer também reconheceu uma serenidade particularmente exagerada em algumas das paisagens floridas e retratos de animais pendurados nas paredes de placas de gesso – em lugares tão improváveis (às vezes muito alto, em outras, muito baixo) que Homer teve certeza de que haviam sido pendurados para esconder buracos. Talvez buracos de botinas, talvez buracos de punhos, talvez buracos de cabeça inteira; Homer Wells teve a impressão de que se irradiava do lugar uma espécie de ira de dormitório, de apreensão de dormitório, que conheceu de seus quase vinte anos de divisão de meninos em St. Cloud's.

– Que lugar é este? – perguntou ele a Meany Hyde, a chuva martelando o telhado.

– A casa de sidra – respondeu Meany.

– Mas quem *dorme* aqui...? Quem fica aqui? Pessoas *vivem* aqui?

O lugar era extraordinariamente limpo, mas a atmosfera de uso era tão predominante que Homer lembrou-se de um dos velhos alojamentos de St. Cloud's, onde os lenhadores e serradores haviam passado vidas exaustas a sonhar.

– É o alojamento dos colhedores – explicou Meany Hyde. – Durante a colheita, os colhedores ficam aqui... os migrantes.

– É para a gente de cor – interveio Big Dot Taft, arrastando esfregões e baldes. – Todos os anos arrumamos tudo para eles. Lavamos tudo e passamos uma nova camada de tinta.

– Tenho de encerar as tábuas da prensa – disse Meany Hyde, escapulindo ao que julgava ser um trabalho de mulheres, embora Homer e Wally o fizessem regularmente durante a maioria dos dias de chuva, no verão.

– Negros? – indagou Homer Wells. – Os colhedores são negros?

– Pretos como a noite, alguns deles – informou Florence Hyde. – São boa gente.

– Eles são ótimos! – gritou Meany Hyde.

– Alguns são melhores do que os outros – comentou Big Dot Taft.

– Como outras pessoas que eu conheço – acrescentou Irene Titcomb, soltando uma risadinha e escondendo a cicatriz.

– Eles são ótimos porque a Sra. Worthington os trata muito bem!
– gritou Meany Hyde, das proximidades manchadas da prensa de sidra.

O prédio cheirava a vinagre – sidra antiga que azedara. Era um cheiro forte, mas não tinha nada de sufocante ou impuro.

Debra Pettigrew sorriu para Homer por cima do balde que estavam partilhando; cautelosamente, ele retribuiu o sorriso, enquanto especulava onde Wally estaria trabalhando naquele dia, com a chuva, e imaginando Ray Kendall no trabalho. Ray estaria no mar encapelado, em seu reluzente chapéu impermeável, ou trabalhando no International Harvester, no prédio chamado Número 2.

Grace Lynch estava esfregando os balcões de linóleo na cozinha da casa de sidra; Homer admirou-se de não tê-la notado ali antes, de nem mesmo saber que ela integrava a sua equipe. Louise Tobey, sugando um cigarro até a guimba mínima, que depois jogou pela porta do alojamento dos colhedores, comentou que seu espremedor estava “desconjuntado”.

– Está emperrado ou qualquer outra coisa – disse Louise, irritada.

– O espremedor de Louise está desconjuntado – disse Big Dot Taft, zombeteira.

– Pobre Louise... seu espremedor emperrou, hein? – disse Florence Hyde, com uma risada, levando Big Dot Taft a gargalhadas incontroláveis.

– Parem com isso! – berrou Louise, chutando seu espremedor de pano.

– O que está acontecendo por aí? – gritou Meany Hyde.

– Louise está com um espremedor sobrecarregado de trabalho! – respondeu Big Dot Taft.

Homer olhou para Louise, que estava furiosa; depois, olhou para Debra Pettigrew, que corou.

– Está usando demais o seu pobre espremedor, Louise? – perguntou Irene Titcomb.

– Louise, querida, você deve estar metendo muitos esfregões no seu espremedor – disse Florence Hyde.

– Sejam boazinhas, todas vocês! – berrou Meany Hyde.

– Usando demais o mesmo esfregão, com toda a certeza – disse Big Dot Taft.

Até mesmo Louise achou esse comentário engraçado. Quando ela olhou para Homer Wells, ele desviou os olhos; Debra Pettigrew observava-o, e por isso ele desviou os olhos dela também.

Quando Herb Fowler apareceu, no intervalo para o almoço, entrou na casa de sidra e disse:

– Puxa! Dá para sentir o cheiro dos crioulos aqui durante o ano inteiro!

– Acho que é apenas vinagre – disse Meany Hyde.

– Está querendo dizer que não é capaz de farejar crioulos? – perguntou Herb Fowler. – Você cheira crioulos? – indagou a Louise, que deu de ombros. – E você? Virou-se para Homer. – Não é capaz de cheirá-los?

– Posso cheirar vinagre, maçãs velhas, sidra velha – respondeu Homer.

Ele viu o preservativo voando em sua direção a tempo de agarrá-lo.

– Sabe o que os negros fazem com essas coisas? – perguntou-lhe Herb.

Ele jogou outro preservativo na direção de Louise Tobey, que o pegou sem o menor esforço – sempre esperava que preservativos voassem em sua direção a todo instante.

– Mostre a ele o que um negro faz com isso, Louise – disse Herb.

As outras mulheres estavam entediadas; haviam assistido à demonstração por todas as suas vidas; Debra Pettigrew olhou nervosamente para Homer e desviou deliberadamente os olhos de Louise; a própria Louise parecia nervosa e entediada ao mesmo tempo. Tirou o preservativo da embalagem e enfiou o dedo indicador – a unha esticou a borracha, a ponta aparecendo na extremidade como um mamilo.

– Houve um ano em que eu disse aos negros que deviam apenas enfiar suas coisas nessas borrachas, se não queriam pegar doenças ou ter mais filhos – comentou Herb.

Ele pegou o dedo de Louise na bainha de borracha e suspendeu para que todos vissem.

– E no ano seguinte todos os negros me disseram que os preservativos não funcionavam. Disseram que meteram o dedo, como eu tinha mostrado, mas mesmo assim pegaram doenças e tiveram novos filhos a cada vez que se viraram.

Ninguém riu; ninguém acreditou; era uma piada velha para todos, menos para Homer Wells; e a ideia de pessoas terem filhos a cada vez que se viravam não era muito engraçada para Homer.

Quando Herb Fowler propôs a todos comerem um almoço quente na Drinkwater Road, Homer disse que não queria ir; a Sra. Worthington preparava o seu almoço e o de Wally todas as manhãs, e Homer sentia-se na obrigação de comê-lo – e sempre gostava. Também sabia que a turma não devia deixar os pomares no intervalo do almoço, muito menos em qualquer dos veículos de Ocean View; e Herb Fowler estava guiando o furgão verde que Olive usava com mais frequência. Não era uma regra inflexível, mas Homer sabia que Herb não teria feito a sugestão se Wally estivesse também trabalhando na casa de sidra.

Homer almoçou na cozinha da casa de sidra; olhando para o cômodo comprido, com as duas fileiras de camas estreitas, pensou o

quanto os cobertores e colchões enrolados pareciam pessoas dormindo ali – só que as formas sobre as camas de ferro estavam imóveis demais para serem dorminhocos. São como cadáveres esperando para serem identificados, pensou Homer Wells.

Embora estivesse chovendo, saiu para dar uma olhada na coleção de carros mortos e peças descartadas de tratores e reboques que engalanavam o caminho de terra na frente da casa de sidra. Havia nos fundos uma área desolada de mato descolorido, em que era jogado o bagaço depois da prensagem. Um criador de porcos de Waldoboro vinha até ali de tão longe só para pegá-lo, Meany Hyde informara a Homer; o bagaço das maçãs era ótimo para os porcos.

Alguns dos carros mortos tinham placas da Carolina do Sul. Homer Wells nunca vira um mapa dos Estados Unidos; já vira um globo terrestre, mas era bastante rudimentar – os estados americanos nem estavam indicados. Ele sabia que a Carolina do Sul ficava bastante longe, para o sul; os negros vinham de lá em caminhões, dissera Meany Hyde, ou guiando seus próprios carros, só que alguns eram tão velhos e avariados que morriam ali. Meany não sabia como todos os negros voltavam à Carolina do Sul.

– Acho que eles vão colher toranjas lá na Flórida, pêssegos quando está na época dos pêssegos em algum lugar e maçãs aqui – dissera Meany. – Estão sempre viajando, colhendo coisas.

Homer olhou para uma gaivota que estava observando do telhado da casa de sidra; a gaivota estava tão encolhida que Homer lembrou-se que chovia, e voltou para o interior do prédio.

Ele desenrolou um dos colchões e deitou-se, ajeitando o travesseiro e o cobertor sob a cabeça. Alguma coisa o levou a farejar o cobertor e o travesseiro, mas nada pôde perceber além da aura de vinagre e um cheiro que classificou simplesmente como antigo. O cobertor e o travesseiro tinham uma sensação mais humana do que cheiravam; quanto mais profundamente Homer comprimia o rosto neles, no entanto, mais humano o cheiro se tornava. Pensou na

tensão no rosto de Louise Tobey e como seu dedo esticava a borracha, a maneira como a unha parecia prestes a rasgá-la. Recordou o colchão no alojamento dos madeireiros em St. Cloud's, onde Melony o introduzira à maneira como se sentia agora. Tirou a calça jeans de trabalho e masturbou-se rapidamente, as molas da velha cama de ferro rangendo alto. Alguma coisa em sua visão parecia mais clara depois que acabou. Ao sentar na cama, avistou o outro corpo que tomara a liberdade de descansar na casa de sidra. Mesmo com o corpo todo enroscado e encolhido – como a gaivota na chuva, como um feto ou como uma mulher com cólicas –, Homer não teve qualquer dificuldade para reconhecer Grace Lynch.

Mesmo que ela não o estivesse observando, mesmo que nunca tivesse se virado em sua direção, Grace certamente não poderia ter se equivocado com o ritmo das molas da velha cama – ou até, pensou Homer, com a pungência discernível do odor do sêmen que recolheu em sua mão. Saiu do prédio sem fazer barulho e estendeu a mão para a chuva. A gaivota, ainda encolhida no telhado da casa de sidra, demonstrou um súbito interesse por ele – havia uma história de carniça farta naquele lugar. Ao retornar ao interior da casa de sidra, Homer viu que Grace Lynch arrumara seu colchão da maneira como estava antes e se encontrava agora parada junto à janela, o rosto comprimido contra a cortina. Era preciso olhar duas vezes para se ver Grace Lynch; ele não a teria visto se já não soubesse que ela se encontrava ali.

– Eu estive lá – disse Grace Lynch, baixinho, sem olhar para Homer. – O lugar de onde você veio... estive lá... não sei como você conseguia ter uma noite de sono.

Sua fragilidade era acentuada à luz cinzenta e mortiça que o dia de chuva projetava na janela; a cortina desbotada envolvia seus ombros estreitos como um xale. Não olhou para Homer Wells, e nada em sua postura frágil e trêmula poderia ser interpretado como um convite, mas ainda assim Homer sentiu-se atraído para ela – da maneira como somos tangidos, especialmente quando o tempo é

sombrio, a procurar o familiar. Em St. Cloud's a pessoa se acostumava com vítimas, e a atitude de vítima brilhava mais forte do que a luz do sol refletida de Grace Lynch. Homer sentiu um brilho tão contraditório irradiando dela que foi impelido a se adiantar e segurar suas mãos inertes e úmidas.

– Engraçado – murmurou ela, ainda sem olhar para Homer. – Foi horrível lá, mas eu me senti segura.

Ela encostou a cabeça no peito de Homer e enfiou o joelho ossudo entre suas pernas, comprimindo o quadril contra o dele. E sussurrou:

– Não gosto daqui. É um lugar perigoso.

A mão ossuda enfiou-se por dentro da calça de Homer, insinuante como um lagarto.

A chegada ruidosa do furgão verde trazendo os foragidos – para o almoço quente – salvou-o. Como um gato assustado, Grace pulou freneticamente para longe de Homer. Quando todos passaram pela porta, ela estava removendo a sujeira de uma junta no linóleo do balcão da cozinha usando uma escova de arame que Homer não notara que ela tinha no bolso. Como tanto da própria Grace Lynch, estivera escondida. Mas a tensão no olhar que ela lhe lançou ao final do dia de trabalho – quando ele voltou ao mercado de maçãs no colo alegre de Big Dot Taft – foi suficiente para revelar a Homer Wells que o que quer que fosse “perigoso” não abandonara Grace Lynch e que por mais longe que ele viajasse nunca seria abandonado pelas vítimas de St. Cloud's.

Na noite seguinte ao ataque de Grace Lynch, Homer teve o seu primeiro encontro com Debra Pettigrew; foi também a primeira vez que ele foi ao cinema *drive-in* com Candy e Wally. Foram todos no Cadillac de Sênior. Homer e Debra Pettigrew sentaram nos bancos traseiros manchados, onde apenas dois meses antes o pobre Curly Day perdera o controle. Homer não sabia que o propósito dos

cinemas *drive-in* era, em última análise, perder o controle nos bancos traseiros dos carros.

– Homer nunca esteve antes num *drive-in* – anunciou Wally a Debra Pettigrew, quando a pegaram.

A família Pettigrew era grande e tinha cachorros – muitos cachorros, a maioria acorrentada; alguns estavam acorrentados aos para-choques de diversos carros considerados mortos, que ocupavam permanentemente o gramado da frente, de tal forma que a relva crescia entre os eixos. Quando Homer contornou, cauteloso, os cães latindo, a caminho da porta da frente da casa de Debra, os animais se jogaram contra os carros imóveis.

A família Pettigrew era grande não só em número, mas também em carne; o atraente corpo rechonchudo de Debra era um lembrete do potencial da família para ampla circunferência. À porta, a mãe de Debra cumprimentou Homer maciçamente – era seu o monstruoso gene responsável por coisas como a irmã de Debra, Big Dot Taft.

– De-BRA! – gritou estridentemente a mãe de Debra. – É o seu NAMORADO! Oi, queridinho, já soube como você é simpático e tem boas maneiras... Por favor, desculpe a confusão.

Debra, corando ao lado da mãe, tentou afastar Homer apressadamente, com o mesmo vigor com que a mãe procurava atraí-lo para o interior da casa. Ele vislumbrou diversas pessoas enormes – algumas com o rosto extraordinariamente estufado, como se passassem a metade da vida dentro d'água ou tivessem sobrevivido a surras incríveis; todas com sorrisos largos e cordiais, que contradiziam a incalculável ameaça dos cachorros latindo no maior frenesi às costas de Homer.

– Temos de ir, mamãe – lamentou-se Debra, empurrando Homer pela porta. – Não podemos nos atrasar.

– Atrasar para o quê? – gritou alguém do interior da casa, o que provocou risos gerais.

Seguiram-se tosses, que foram acompanhadas por suspiros sugestivos, antes que os cachorros explodissem em tanta fúria que Homer pensou que o barulho seria suficiente para impedi-lo e a Debra de alcançarem o Cadillac.

– CALADOS! – berrou Debra para os cachorros. Todos pararam, mas apenas por um segundo.

Quando Wally disse “Homer nunca esteve antes num *drive-in*”, teve de gritar para ser ouvido acima dos cachorros.

– Nunca fui a um cinema – confessou Homer.

– Essa não! – exclamou Debra Pettigrew.

Debra tinha um cheiro agradável; estava muito mais arrumada e mais limpa do que parecia nas roupas de trabalho, embora também exibisse um certo aprumo atraente no mercado. O corpo roliço estava reprimido; enquanto seguiam para Cape Kenneth, sua jovialidade emergiu de maneira tão efusiva que até a timidez desapareceu – era uma garota divertida, como dizem no Maine. Bonitinha, relaxada, bem-humorada, trabalhadora e não muito inteligente. Suas perspectivas, na melhor das hipóteses, incluíam o casamento com alguém simpático e não muito mais velho ou mais inteligente do que ela.

Nos verões, os Pettigrew instalavam-se numa das casas novas na apinhada praia imunda do Drinkwater Lake; conseguiram fazer com que a casa nova parecesse muito usada – e já a caminho da deterioração – quase que no mesmo instante. O gramado parecera gerar seus próprios carros mortos da noite para o dia e os cachorros sobreviveram à mudança da casa de inverno dos Pettigrew em Kenneth Corners sem perder absolutamente nada de sua selvageria territorial. Como todos os chalés em torno do Drinkwater Lake, a casa dos Pettigrew ganhou um nome – como se as casas fossem órfãos que nasciam incompletos e precisavam de uma criação adicional. A casa dos Pettigrew foi batizada de “Todos Nós!”.

– O ponto de exclamação é que me mata – dissera Wally a Homer, quando pararam diante do estacionamento de carros e cachorros. – Parece que eles sentem orgulho de sua superpopulação.

Mas Wally mostrou-se muito respeitoso depois que Debra entrou no carro.

Esse maneirismo do que vira na sociedade impressionava Homer Wells; as pessoas, até mesmo as pessoas de bem – e não havia dúvida de que Wally era assim –, faziam uma porção de críticas a outras, com as quais depois se comportavam da forma mais agradável e cortês. Em St. Cloud's, a crítica era mais clara – e mais difícil, se não mesmo impossível, de esconder.

O cinema *drive-in* em Cape Kenneth era quase tão novo para o Maine quanto a piscina aquecida do Haven Club, e muito menos prático. Os cinemas *drive-in* nunca seriam uma grande ideia no Maine; o nevoeiro noturno ao longo da costa acrescentava a muitas comédias um clima inadequadamente fantasmagórico de filme de terror. Em anos posteriores, pessoas que tateavam o caminho até o banheiro ou o bar não conseguiam encontrar seus carros quando voltavam.

O outro problema era o dos mosquitos. Em 194-, quando Homer Wells foi pela primeira vez a um cinema *drive-in*, o zumbido dos mosquitos no ar noturno de Cape Kenneth era muito mais audível do que a trilha sonora. Wally era relativamente bem-sucedido no esforço de impedir que os mosquitos invadissem o carro, porque sempre levava uma lata de aerossol com que frequentemente ensopava o carro – e o ar ao redor. A lata era carregada com o mesmo inseticida com que pulverizavam as maçãs. Assim, o ar em torno do Cadillac tornava-se venenoso e fétido, mas livre de mosquitos. O zunido e o mau cheiro do spray provocavam protestos frequentes das pessoas nos carros próximos do Cadillac até que eram picadas com tanta ferocidade pelos mosquitos que paravam de

reclamar. Havia até quem indagasse polidamente se Wally podia emprestar o artefato, a fim de envenenarem seus próprios carros.

Não havia lanchonete no *drive-in* de Cape Kenneth em 194-, e também não havia banheiro. Os homens e rapazes se revezavam para urinar contra um muro de cimento úmido no fundo do cinema; em cima do muro estavam empoleirados vários garotos agressivos (os locais de Cape Kenneth, muito pequenos ou muito pobres para terem seus carros), que usavam o lugar para assistir ao filme, embora estivessem muito além de qualquer possibilidade de ouvi-lo. De vez em quando, se o filme era insatisfatório, eles espiavam do alto do muro para as desafortunadas pessoas que ali urinavam.

As garotas e mulheres não deviam fazer pipi no *drive-in*, e por isso eram mais bem-comportadas do que os homens e garotos – as mulheres bebiam menos, por exemplo, embora seu comportamento dentro dos carros não pudesse ser controlado.

Toda a experiência foi maravilhosa para Homer Wells. Ele foi especialmente perspicaz em notar o que os seres humanos faziam por prazer – o que (não podia haver qualquer equívoco a respeito) *optavam* fazer – porque viera de um lugar em que a opção não era tão evidente e exemplos de pessoas em desempenho por prazer não eram abundantes. Espantou-o que as pessoas sofressem nos cinemas *drive-in* por prazer e por opção, mas ficou convencido de que a culpa seria toda sua se não percebesse a diversão.

A coisa para a qual estava mais despreparado foi o próprio filme. Depois que as pessoas buzinaaram, piscaram os faróis e exibiram outras formas menos delicadas de impaciência – Homer ouviu o que era inconfundivelmente o som de alguém vomitando contra um para-lama –, uma imagem gigantesca encheu o céu. É a boca de alguma coisa!, pensou Homer Wells. A câmera recuou – ou melhor, afastou-se com um solavanco. A cabeça de alguma coisa – uma espécie de cavalo!, pensou Homer. Era um camelo, na verdade, mas Homer Wells nunca vira um camelo, nem mesmo numa ilustração;

pensou que era um cavalo horrivelmente deformado – um cavalo mutante! Talvez algum fantástico cavalo num estágio de feto! A câmara recuou ainda mais. Montado na grotesca corcunda do “cavalo” estava um homem de pele preta, quase inteiramente oculto por um invólucro branco – ataduras!, pensou Homer Wells. O ameaçador negro árabe nômade brandiu uma assustadora espada curva; batendo no desajeitado camelo com o lado da lâmina, ele levou o animal a um galope titubeante e falho, através de dunas intermináveis. Não demorou muito para que o animal e o homem que o montava se tornassem apenas uma pequena mancha no vasto horizonte. E, subitamente, *música!* Homer teve um sobressalto. *Palavras!* Os títulos, os nomes dos atores, foram escritos na areia por uma mão invisível.

– O que era aquilo? – perguntou Homer a Wally.

Ele estava se referindo ao animal, o homem que o montava, o deserto, os créditos – tudo!

– Acho que algum estúpido beduíno – respondeu Wally.

Um beduíno?, pensou Homer Wells.

– É uma espécie de cavalo?

– Que cavalo? – indagou Debra Pettigrew.

– O animal – disse Homer, sentindo o seu engano. Candy virou-se no banco da frente e fitou Homer com uma afeição pungente.

– Aquilo é um camelo, Homer – informou ela.

– Você nunca tinha visto um camelo! – exclamou Wally. – E onde ele poderia ver um camelo? – perguntou-lhe Candy, o tom um pouco brusco.

– Apenas fiquei surpreso – protestou Wally, na defensiva.

– Eu também nunca tinha visto um negro – revelou Homer. – Aquele era, não é mesmo... o que estava no camelo?

– Acho que era um beduíno negro – disse Wally.

– Puxa vida! – exclamou Debra Pettigrew, olhando para Homer um pouco apreensiva, como se desconfiasse de que ele existia

simultaneamente em outro planeta, em outra forma de vida.

E depois os créditos acabaram. O negro no camelo desapareceu e nunca mais seria visto. O deserto também sumiu; aparentemente, servira à sua função indefinida – e também não tornaria a ser visto. Era um filme de piratas. Navios enormes disparavam seus canhões uns contra os outros; homens morenos, de cabelos compridos e calças largas, faziam coisas terríveis com homens de aparência mais simpática e mais bem-vestidos. Nenhum dos homens era negro. Talvez o homem no camelo fosse alguma espécie de presságio, pensou Homer Wells. Sua convivência com o relato de histórias, através de Charles Dickens e Charlotte Brontë, não o preparara para personagens que vinham do nada e iam para o nada – nem para histórias que não faziam sentido.

Os piratas roubavam uma arca cheia de moedas e uma loura de aspecto mais agradável no navio, que depois afundavam. Afastavam-se em seu próprio e fétido navio, no qual tentavam se divertir rudemente, na embriaguez e com canções. Pareciam gostar de olhar e escarnecer da mulher, mas alguma força misteriosa e totalmente invisível os impedia de lhe fazerem qualquer mal – por uma hora inteira, durante a qual machucaram quase todos os outros e muitos de si mesmos. A mulher, no entanto, estava reservada para mais zombarias. Ela protestou contra o seu destino, amargurada, e Homer teve a impressão de que deveria lamentá-la.

Um homem que aparentemente adorava a mulher que se lamuriava procurou-a por todo o oceano, através de portos em chamas e estalagens sórdidas de luxúria sugerida, mas nunca visualizada. Enquanto o nevoeiro se espalhava, havia muito do filme que nunca era visto, embora Homer permanecesse fascinado pela imagem no céu. Só parcialmente percebia que Wally e Candy não estavam interessados no filme; haviam arriado fora de sua vista no banco da frente e só de vez em quando a mão de Candy aparecia, segurando o encosto do banco – ou pendendo dele. Por duas vezes Homer ouviu-a dizer “Não, Wally”, uma delas com uma firmeza que

nunca antes percebera em sua voz. O riso frequente de Wally continuava a intervalos, ele também sussurrava, murmurava e arrulhava.

Homer reparava ocasionalmente que Debra Pettigrew não estava tão interessada no filme de piratas quanto ele; ao fitá-la, ficava surpreso por descobrir que ela o observava. Não com uma expressão crítica, mas também não afetuosamente. Ela parecia cada vez mais espantada por observá-lo, enquanto o filme continuava. Houve um momento em que ela tocou em sua mão; Homer pensou que ela queria alguma coisa e fitou-a, polidamente. Ela apenas continuou a olhá-lo; ele tornou a se concentrar no filme.

A loura estava sempre trancando a sua porta contra os captores, que sempre conseguiam entrar no quarto, apesar de seus esforços; pareciam arrombar a porta com o único propósito de demonstrar a ela que não poderia impedi-los. Uma vez no quarto, eles caçoavam da mulher na maneira habitual e depois se retiravam – e no mesmo instante ela tentava barrar-lhes a entrada novamente.

– Acho que perdi alguma coisa – anunciou Homer Wells, depois que mais de uma hora transcorreria.

Candy sentou no banco da frente e fitou-o, a preocupação genuína bem aparente, apesar dos cabelos desgrenhados.

– O que você perdeu? – indagou Wally, com uma voz sonolenta, na opinião de Homer.

Debra Pettigrew encostou-se em Homer coquetemente e sussurrou em seu ouvido:

– Acho que você perdeu a mim... acho que esqueceu que estou aqui.

Homer estava querendo dizer que perdera alguma coisa na história; olhou aturdido para Debra. Ela beijou-o na boca, de maneira precisa – e secamente. Depois, recostou-se no banco e sorriu-lhe, murmurando:

– Sua vez.

Nesse momento, Wally abriu a porta da frente e pulverizou os vapores letais em torno do Cadillac – uma boa parte entrando pela porta aberta. Candy, Wally e até Debra tossiram de maneira dramática, mas Homer ficou olhando fixamente para Debra Pettigrew – a ideia do cinema *drive-in* lentamente lhe ocorrendo.

Ele beijou a boca pequena e seca de Debra, cauteloso. Ela beijou-o em resposta. Homer ajeitou-se mais confortavelmente ao seu lado, Debra encostou a cabeça em seu ombro, pôs a mão em seu peito. Ele pôs a mão no peito dela, mas Debra empurrou-a. Homer sabia que ainda estava perdendo alguma coisa, mas seguiu em frente, hesitante, querendo descobrir as regras. Beijou-a no pescoço; isso era aceitável – ela se aconchegou contra o pescoço dele e alguma coisa nova e ousada (e molhada) lambeu seu pescoço (a língua de Debra!); Homer permitiu que sua língua se aventurasse no ar poluído. Hesitou por um momento, refletindo sobre os usos da língua; resolveu beijá-la na boca e sugerir, gentilmente, a aplicação de sua língua ali, mas isso foi rejeitado, de uma maneira um tanto tensa – a língua de Debra empurrou a dele, os dentes de Debra bloquearam qualquer progresso.

Homer estava começando a compreender que deparara com um conjunto de regras de sim/não; tinha permissão para passar a mão na barriga de Debra, mas não para tocar em seus seios. A mão no quadril de Debra tinha permissão para ficar ali; a mão na coxa, no colo, foi afastada. Ela estendeu os braços e enlaçou-o; seus beijos eram afáveis e ternos; Homer começou a sentir-se como um animal de estimação bem tratado – certamente mais bem tratado do que a maioria dos cachorros dos Pettigrew.

– Não! – exclamou Candy, tão alto que Homer e Debra Pettigrew se encolheram.

Depois, Debra soltou uma risadinha e tornou a se aninhar contra Homer. Esticando o pescoço e virando os olhos para cima, Homer Wells conseguia assistir ao filme.

Finalmente o incansável apaixonado conseguira alcançar a loura em mais um local de cativeiro; a mulher estúpida tornara a se trancar, só que dessa vez estava tentando se manter a salvo de seu salvador. Era frustrante observá-lo martelar a porta.

De um dos carros, no perigoso nevoeiro ao redor, alguém gritou “Larga essa mulher!”. Outra pessoa berrou “Mata ela!”. Homer só tinha certeza de que ninguém jamais conseguiria *foder* a mulher – ela parecia protegida tanto do sexo como da morte por alguma coisa tão insidiosa quanto o nevoeiro de Cape Kenneth – da mesma forma que ninguém no Cadillac encontraria muita aventura além do prazer que era proporcionado aos bichinhos de estimação.

Esse sentimento levou Homer a se lembrar da afeição que o Dr. Larch tinha por ele – e que a enfermeira Edna e a enfermeira Angela também tinham. Quando o filme acabou, descobriu que estava chorando; compreendeu que podia amar o lugar em que estava, mas amava o Dr. Larch mais do que qualquer outra pessoa – àquela altura de sua vida, ainda amava Larch mais do que amava Candy – e compreendeu que também sentia saudade de Larch – ao mesmo tempo que esperava nunca mais ter de pôr os pés em St. Cloud’s.

Foi uma confusão opressiva que inspirou seu choro, mas Debra Pettigrew se enganou sobre a causa; pensou que o filme o comovera até as lágrimas.

– Calma, calma – murmurou ela, em tom maternal, abraçando-o.

Candy e Wally inclinaram-se por cima do banco da frente. Candy tocou em sua cabeça.

– Está tudo bem – disse ela. – Pode chorar. Eu também choro em muitos filmes.

Até mesmo Wally se mostrou profundamente respeitoso.

– Ei, companheiro, sabemos como tudo isso deve ter sido um choque para você.

Seu pobre *coração*, o doce Wally estava pensando. Meu querido garoto, pensou Candy, tome cuidado, por favor, com o seu *coração*.

Ela encostou o rosto no de Homer e beijou-o perto da orelha. Foi uma surpresa súbita para ela o quanto gostou desse beijo de amizade, e foi um surpresa também para Homer. Apesar dos beijos secos que Debra Pettigrew lhe dera em abundância, ele sentiu uma diferença extraordinária invadi-lo no instante em que Candy o beijava. Foi um sentimento que lhe surgiu do nada – e ele compreendeu, olhando para o rosto bonito e afetuoso de Wally, que era um sentimento que não levaria a nada. O amor era isso e assim acontecia – deixando a pessoa sem opções para seu uso? Como o nômade de pele negra no camelo: a que lugar ele pertencia num filme sobre piratas?

Eu sou aquele homem de pele negra no camelo, pensou o órfão, Homer Wells. Como era mesmo que ele se chamava?

Mais tarde, depois de levar Debra Pettigrew em casa e ser quase devorado por seus cachorros, ele pediu a Wally para sentar no banco da frente do Cadillac – com Candy no meio, entre os dois.

– Um beduíno – disse Wally.

Sou um beduíno, pensou Homer Wells.

Quando Candy adormeceu, pendeu contra o ombro de Wally; mas isso o incomodava na direção e ele empurrou-a gentilmente na direção de Homer. No restante do percurso para Heart's Haven, ela dormiu com a cabeça no ombro de Homer, os cabelos roçando de leve em seu rosto. Quando chegaram ao curral de lagostas de Ray Kendall, Wally desligou o carro e sussurrou:

– Ei, dorminhoca.

Ele beijou Candy nos lábios, o que a despertou. Ela se empertigou, por um instante desorientada, olhou acusadoramente para Wally e Homer, como se não tivesse certeza de qual deles a beijara.

– Calma – murmurou Wally, rindo. – Você está em casa.

A casa, o lar, pensou Homer Wells. Ele sabia que para o beduíno – vindo do nada, indo para o nada – não havia um lar.

Em agosto daquele mesmo verão, outro beduíno deixou o que fora o lar para ele até então; Curly Day partiu de St. Cloud's para Boothbay, onde um jovem farmacêutico e sua esposa haviam se instalado recentemente e se lançado a uma vida de serviço comunitário. O Dr. Larch tinha dúvidas sobre o jovem casal, mas tinha mais dúvidas sobre a resistência de Curly a outro inverno em St. Cloud's. O final do verão era a última boa ocasião para visitas de famílias adotivas; o bom tempo no início do outono era breve. E o positivismo geral de Curly se encontrava em declínio desde a partida de Homer Wells; não fora possível convencer Curly de que Homer não roubara de alguma forma o lindo casal que um destino mais generoso reservava para ele.

O farmacêutico e a esposa não eram um belo casal. Eram prósperos e de bom coração, mas não haviam nascido para uma vida de despreocupação e era improvável que algum dia se ajustassem a qualquer coisa que se assemelhasse a uma vida despreocupada e graciosa. Haviam *lutado* para alcançar sua posição na vida, e a ideia de ajudar o semelhante parecia arraigada na noção de que o semelhante devia ser ensinado a também *lutar*. Pediram um órfão mais velho; queriam alguém que pudesse trabalhar por algumas horas na farmácia depois das aulas.

Consideravam que a falta de filhos era uma decisão exclusiva de Deus e concordavam que Deus os destinara a encontrarem um enjeitado e educá-lo nos métodos de autossustento e autoaperfeiçoamento, pelo que o enjeitado seria amplamente recompensado, herdando a farmácia do jovem casal e com isso os meios para provê-los na velhice, que aparentemente era aguardada com ansiedade.

Eram pessoas práticas e cristãs – embora soturnas quando relataram a Larch os esforços anteriores para terem seu próprio filho. Antes de conhecer o casal – quando mantinha contato apenas por correspondência –, Larch acalentara a esperança de poder persuadi-los a permitir que Curly conservasse seu primeiro nome.

Quando um órfão chega à idade de Curly, era o argumento do Dr. Larch, o nome possui mais que um significado casual. Mas as esperanças de Larch murcharam quando ele viu o jovem casal; o homem era prematuramente calvo – tão completamente calvo que Larch especulou se não teria sofrido os efeitos da aplicação de um produto farmacêutico ainda não testado –, enquanto os cabelos da jovem esposa eram lisos e escorridos. O casal pareceu ficar chocado com a abundância dos cabelos crespos de Curly Day, que lhe tinham dado o nome.^[1] Larch imaginou que a primeira viagem familiar incluiria provavelmente uma visita ao barbeiro.

O próprio Curly parecia tão pouco entusiasmado em relação ao casal quando este estava pouco entusiasmado em relação ao seu nome, mas queria deixar St. Cloud's desesperadamente. Larch compreendeu que o garoto ainda esperava por uma adoção tão deslumbrante quanto a que imaginara, por um casal tão resplandecente com a promessa de outra vida como Candy e Wally. Sobre o casal tão banal de Boothbay, Curly Day disse ao Dr. Larch:

– Eles parecem boa gente. Acho que são bons. E Boothbay fica na costa. Acho que vou gostar do oceano.

Larch não disse ao garoto que o casal que o adotava não parecia ser um casal de passear de barco, um casal de ir à praia ou até mesmo um casal de pescar no píer; desconfiava que eles pensavam que uma vida de diversão no mar era frívola, uma coisa para turistas. (O próprio Larch pensava assim.) Larch calculava que a farmácia permanecia aberta durante todas as horas de claridade no verão e o jovem casal trabalhador ficava na loja durante cada minuto – vendendo óleo de bronzear aos veranistas, enquanto eles próprios continuavam tão pálidos como no inverno e se orgulhavam disso.

– Não pode ser exigente demais, Wilbur – disse a enfermeira Edna. – Se o garoto ficar doente, haverá à disposição uma porção de pílulas e remédios para tosse.

– Ele ainda será Curly para mim – declarou a enfermeira Angela, em tom de desafio.

Pior, pensou Larch: para ele, sempre será Curly. Mas Larch deixou-o partir; estava mais do que na hora que ele se fosse – esse foi o principal motivo.

O nome do casal era Rinfret; deram a Curly o nome de Roy. E, assim, Roy “Curly” Rinfret fixou residência em Boothbay. A farmácia Rinfret era uma loja na enseada; a família residia a vários quilômetros para o interior, de onde não se podia ver o mar.

– Mas não se está fora do alcance do *cheiro* – afirmara a Sra. Rinfret, explicando que se podia sentir a maresia na casa quando o vento era certo.

Não com o nariz de Curly, refletiu o Dr. Larch; o nariz de Curly era um escorredor tão constante que o Dr. Larch até desconfiava que o garoto não tinha o menor senso de olfato.

– Vamos nos sentir felizes por Curly Day – anunciou o Dr. Larch à divisão de meninos numa noite de agosto de 194-, sobre os soluços resolutos de David Copperfield. – Curly Day encontrou uma família. Boa-noite, Curly!

– Boa-noite, *Burly!* – gritou o jovem Copperfield.

Ao receber a carta que dava a notícia da adoção de Curly, Homer Wells leu-a várias vezes – ao luar que entrava pela janela de Wally, enquanto Wally dormia.

Um farmacêutico!, pensou Homer Wells. Ele ficara bastante transtornado com a notícia para conversar a respeito com Wally e Candy. Estavam sentados ao luar, no início daquela noite, arrancando caracóis do píer de Ray Kendall. Homer Wells falou e falou. Contou a litania: “Vamos ser felizes por Curly Day” e assim por diante; tentou explicar qual era a sensação de ser tratado como um Príncipe do Maine, como um Rei da Nova Inglaterra.

– Acho que eu imaginava alguém que parecia com você – disse Homer a Wally.

Candy lembrou que o Dr. Larch também lhe dissera isto: que seus filhos seriam aqueles príncipes, aqueles reis. – Mas não entendi o que ele estava querendo dizer.

Ele foi gentil... mas era inconcebível.

– Ainda é inconcebível para mim – disse Wally. Estou me referindo ao que você imaginava, Homer... ao que todos vocês imaginavam... devia ser diferente para cada um.

Wally não estava disposto a aceitar a noção de que alguém que parecia com ele próprio pudesse se enquadrar na expressão.

– Parece um pouco zombeteiro – comentou Candy. – Não consigo entender o que ele queria dizer.

– Tem razão – concordou Wally. – Parece um pouco cínico.

– Talvez fosse – disse Homer Wells. – Talvez ele falasse para si mesmo, e não para nós.

Ele contou a história de Melony, mas não disse tudo. Respirou fundo e falou sobre Fuzzy Stone; imitou de maneira admirável o mecanismo de respiração – e fez os dois caírem em gargalhadas tão ruidosas que abafaram o insignificante *plinque!* dos caracóis caindo no mar. Wally e Candy não sabiam que estavam no fim da história até que Homer simplesmente chegou lá e repetiu para eles:

– Fuzzy Stone encontrou uma nova família. – E concluiu, a voz cavernosa: – Boa-noite, Fuzzy.

Não houve qualquer ruído então, nem mesmo de um caracol; o mar se desmanchava contra as estacas do píer; os barcos atracados ao redor balançavam na água. Quando um cabo estava esticado e saía da água, podia-se ouvir o gotejar; quando os cabos mais grossos eram esticados, faziam um barulho como dentes rangendo.

– Curly Day foi o primeiro garoto que circuncidei – anunciou Homer Wells, apenas para mudar de assunto e não falar mais de Fuzzy Stone. – O Dr. Larch estava presente quando o fiz. Uma circuncisão não é grande coisa... é até bem fácil.

Wally sentiu o próprio pênis se encolher como um caracol. Candy sentiu uma câibra na panturrilha e parou de balançar as pernas pela beira do píer; ajeitou os calcanhares sob as nádegas e envolveu os joelhos com os braços.

– Curly foi o primeiro – acrescentou Homer, para confessar em seguida: – Fiz um pouco torto.

– Podemos dar um pulo a Boothbay para ver como ele está – sugeriu Wally.

E o que veríamos?, especulou Candy. Ela imaginou Curly mijando todo o Cadillac outra vez e repetindo que era o melhor.

– Acho que não seria uma boa ideia – disse Homer.

Ele voltou com Wally para Ocean View e escreveu uma carta comprida ao Dr. Larch – a mais longa até então. Tentou descrever para Larch o cinema *drive-in*, mas a carta degenerou para uma crítica do filme; por isso, resolveu mudar de assunto.

Deveria falar sobre Herb Fowler sempre carregando uma porção de preservativos? (O Dr. Larch aprovava que todos usassem preservativos, mas dificilmente aprovaria o comportamento de Herb Fowler.) Deveria contar a Larch que aprendera o verdadeiro propósito do *drive-in*? Não era o de levar a si mesmo e à companheira a um estado de frenesi sexual que nenhum dos dois tinha permissão para consumir? (O Dr. Larch certamente não acharia isso louvável.) Deveria contar ao Dr. Larch o que Grace Lynch dissera e fizera ou como sonhara com ela – ou como imaginava que estava se apaixonando ou já se apaixonara por Candy (o que ele sabia que era proibido)? E como dizer “Estou com saudade de você”?, especulou Homer – quando não tenho a intenção de declarar “Eu quero voltar”?

E, assim, encerrou a carta à sua maneira; encerrou de forma inexata. “Lembro de quando me beijou”, escreveu ao Dr. Larch. “Não estava realmente dormindo.”

Eu também lembro, pensou o Dr. Larch. Ele estava descansando no dispensário. Por que não o beijei mais, por que não o beijei o tempo todo? Em outras partes do mundo, ele sonhou, existem cinemas *drive-in*.

Ele sempre usava mais éter do que deveria antes da reunião anual do conselho de administração de St. Cloud's. Jamais compreendera direito para que servia um conselho de administração, e sua impaciência com as perguntas de rotina era crescente. Antigamente, havia a comissão média do estado do Maine; nunca lhe faziam perguntas – não queriam saber dele. Agora, Wilbur Larch tinha a impressão de que havia conselhos de administração para tudo. Naquele ano, havia dois novos membros, que nunca tinham visto o orfanato antes, e a reunião fora marcada para St. Cloud's – o conselho geralmente se reunia em Portland. Os novos membros queriam conhecer o lugar; os membros antigos concordaram que precisavam se renovar com o clima.

Era uma perfeita manhã de agosto, com mais indicações de setembro na friagem do ar do que um resquício da umidade e do calor nevoento de julho, mas Larch estava irritado.

– Não sei o que é “exatamente” um cinema *drive-in* – disse ele, mal-humorado, à enfermeira Angela. – Homer não explicou “exatamente”.

A enfermeira Angela parecia frustrada.

– É verdade, ele não explicou – concordou ela, relendo a carta.

– O que se faz com os carros quando se está assistindo a um filme? – indagou a enfermeira Edna.

– Não sei – respondeu o Dr. Larch. – Presumo que se você entra com o carro para assistir ao filme, então fica dentro do carro.

– Mas em que lugar se entra com o carro, Wilbur? – insistiu a enfermeira Edna.

– É isso que não sei! – exclamou Larch.

– Estamos com um excelente humor, não é mesmo? – comentou a enfermeira Angela.

– Por que você haveria de querer levar seu carro ao cinema, antes de mais nada? – perguntou Edna.

– Também não sei responder a essa pergunta – disse o Dr. Larch, cansado.

Infelizmente, ele parecia cansado também durante a reunião do conselho de administração. A enfermeira Angela tentou apresentar por ele algumas das prioridades do orfanato; não queria que Larch se mostrasse irritado com alguém do conselho. Os dois novos membros pareciam ter uma pressa terrível em demonstrar que já compreendiam tudo – e a enfermeira Angela descobriu o Dr. Larch olhando para os dois membros mais novos com alguma coisa da expressão que anteriormente reservava para Clara, nos tempos em que descobria que o cadáver de Homer não fora guardado direito.

A nova mulher no conselho fora escolhida por sua capacidade de levantar fundos: era particularmente agressiva. Fora casada com um missionário congregacionalista que cometera suicídio no Japão, e voltara a seu estado natal do Maine com o empenho de devotar suas consideráveis energias a trabalhar por alguma coisa “viável”. O Japão não era absolutamente “viável”, vivia dizendo ela. Os problemas do Maine, em comparação, eram perfeitamente superáveis. Estava convencida de que todo o Maine precisava – ou carecia era de organização e achava que cada solução começava com “sangue novo” – uma expressão, observou a enfermeira Angela, que levou o Dr. Larch a empalidecer, como se seu próprio sangue estivesse se esvaindo.

– É uma expressão infeliz para aqueles entre nós que estão familiarizados com o trabalho de hospital – disse o Dr. Larch em determinado momento, o tom brusco, mas a mulher, Sra. Goodhall, não se deixou impressionar.

A Sra. Goodhall manifestou, embora friamente, sua admiração pelo rigor e duração da “incumbência” do Dr. Larch e seu respeito pela experiência de Larch e suas assistentes na administração de St. Cloud’s; mas talvez todos pudessem ser revigorados por um assistente *mais jovem*.

– Um jovem interno... um trabalhador disposto e com algumas ideias novas no campo obstétrico – sugeriu a Sra. Goodhall.

– Estou atualizado no campo – declarou o Dr. Larch. – E também com as crianças que nascem aqui.

– Que tal então um novo assistente administrativo? – insistiu a Sra. Goodhall. – Todos os assuntos médicos ficariam aos seus cuidados... penso em alguém com conhecimento dos mais novos procedimentos de adoção, alguém que possa cuidar da correspondência e de entrevistas no seu lugar.

– Estou precisando de uma nova máquina de escrever – disse o Dr. Larch. – Basta me arrumar um nova máquina de escrever e pode ficar com seu assistente... ou oferecê-lo a alguém que esteja *realmente* com problemas.

O novo homem no conselho era um psiquiatra; era relativamente novo na psiquiatria, que era relativamente nova no Maine em 194-. Seu nome era Gingrich; até com as pessoas que acabara de conhecer, tinha um jeito de assumir que compreendia as pressões a que estavam submetidas – tinha certeza de que todos se encontravam sob alguma pressão. Mesmo que ele estivesse correto (sob a pressão específica a que se estava submetido) e mesmo que se concordasse (que havia de fato uma certa pressão a que se estava de fato submetido), ele tinha um jeito de assumir que conhecia *outras* pressões que o atormentavam (e que nunca se percebia). Por exemplo, se tivesse visto o filme que começava com o beduíno no camelo, o Dr. Gingrich poderia presumir que a mulher cativa estava sob grande pressão para casar com alguém – embora a sua opinião óbvia fosse a de que queria apenas ser livre. Os olhos

e o sorriso introdutório do Dr. Gingrich transmitiam uma simpatia envolvente que talvez não se merecesse – como se estivesse comunicando pela gentileza forçada da voz e a lentidão com que falava a garantia de que tudo é mais sutil do que podemos supor.

Os membros mais velhos do conselho – todos homens, todos tão idosos quanto Larch – sentiam-se intimidados por aquele novo homem que falava aos sussurros e por aquela nova mulher que falava tão alto. Em conjunto, pareciam muito seguros; encaravam suas novas funções no conselho não como uma experiência de aprendizado ou como uma introdução à vida no orfanato, mas sim como uma oportunidade de assumir o comando.

Isso é demais, pensou a enfermeira Edna.

Vai haver problemas, como se precisássemos de algum, pensou a enfermeira Angela. Não havia mal algum em ter ali um jovem interno ou mesmo um assistente administrativo, mas ela sabia que Wilbur Larch estava protegendo sua capacidade de realizar abortos. Como ele poderia aceitar novos funcionários sem conhecer as convicções da pessoa?

– Ora, Dr. Larch, tenho certeza de que sabe que não achamos que esteja com problemas – disse o Dr. Gingrich, suavemente.

– Há ocasiões em que eu mesmo penso assim – ressaltou Larch, na defensiva. – E imagino que vocês também possam pensar.

– A *pressão* a que deve estar submetido – murmurou o Dr. Gingrich. – Alguém com todas as suas responsabilidades deve aceitar toda ajuda que puder obter.

– Alguém com a minha responsabilidade deve permanecer responsável – declarou Larch.

– Com a *pressão* a que deve estar submetido – insistiu o Dr. Gingrich –, não é de admirar que tenha dificuldade para delegar sequer um pouco dessa responsabilidade.

– Tenho mais necessidade de uma máquina de escrever do que de uma delegação.

Mas quando piscou, Wilbur Larch viu as estrelas cintilantes que povoavam tanto uma noite clara do Maine quanto o firmamento do éter – e não teve certeza de que estrelas eram. Esfregou o rosto com a mão e surpreendeu a Sra. Goodhall a escrever alguma coisa em um bloco impressionantemente grosso à sua frente.

– Vamos ver – disse ela incisivamente, em comparação com a voz delicada do Dr. Gingrich. – Já passou dos 70 anos... correto? Não está com setenta e tantos anos, Dr. Larch?

– Certo – respondeu Wilbur Larch. – Setenta e alguma coisa.

– E qual é a idade da Sra. Grogan? – perguntou a Sra. Goodhall subitamente, como se a Sra. Grogan não estivesse presente... ou fosse tão velha que era incapaz de responder pessoalmente.

– Estou com 62 anos – declarou a Sra. Grogan, impertinente. – E me sinto tão vigorosa quanto um franguinho. – Ninguém duvida de que é muito *vigorosa*! – interveio o Dr. Gingrich.

– E a enfermeira Angela? – perguntou a Sra. Goodhall, sem levantar os olhos para alguém; o exame do que escrevia no bloco à sua frente exigia toda a sua exaustiva atenção.

– Estou com 58 anos – respondeu a enfermeira Angela.

– Angela é forte como um touro! – acrescentou a Sra. Grogan.

– Não temos a menor dúvida quanto a isso! – disse o Dr. Gingrich, jovialmente.

– Estou com 55 ou 56 anos – informou a enfermeira Edna, antes mesmo que a pergunta fosse formulada.

– Não *sabe* qual é a sua idade? – indagou o Dr. Gingrich, insinuante.

– Na verdade – interveio Wilbur Larch –, somos todos tão senis que não podemos nos lembrar... estamos apenas adivinhando. Mas olhe só para você!

Ele se dirigiu à Sra. Goodhall com tanta veemência que a fez levantar os olhos do bloco. E Larch acrescentou:

– Acho que tem tanto problema para se lembrar das coisas que precisa anotar tudo.

– Estou apenas tentando definir o que está acontecendo por aqui – respondeu a Sra. Goodhall, calmamente.

– Pois então sugiro que preste atenção ao que eu falo – disse Larch. – Estou aqui há bastante tempo para ter tudo definido na cabeça.

– É perfeitamente claro que está fazendo um trabalho maravilhoso! – interveio o Dr. Gingrich. – E também é claro que se trata de um trabalho *árduo*.

O Dr. Gingrich irradiava tanta simpatia do tipo babado que Larch sentiu-se encharcado – e agradecido por não estar sentado bastante perto para que o Dr. Gingrich pudesse tocá-lo; não podia haver a menor dúvida de que se tratava de um tocador.

– Se não é pedir demais, em termos de apoio – disse o Dr. Larch –, eu gostaria não apenas de uma nova máquina de escrever, mas também queria permissão para conservar a antiga.

– Acho que podemos dar um jeito – declarou a Sra. Goodhall.

A enfermeira Edna, que não estava acostumada a percepções súbitas – ou, apesar de seus anos, a lampejos ardentes – e era completamente inexperiente com o mundo de presságios, augúrios e pressentimentos, sentiu uma violência estranha e surpreendente a se elevar do estômago. Descobriu-se olhando fixamente para a Sra. Goodhall, com um ódio que não podia conceber que se acalentasse contra outro ser humano. Oh, não, o *inimigo!*, pensou ela; e teve de pedir licença para se retirar, pois tinha certeza de que ia vomitar. (E foi o que aconteceu, só que discretamente, fora de vista, no banheiro dos meninos.) Somente David Copperfield, ainda lamentando a partida de Curly Day e ainda brigando com a língua, viu-a ali.

– Medna? – disse o jovem Copperfield.

– Estou bem, David – murmurou a enfermeira Edna, embora não estivesse bem.

Eu vi o *fim*, pensou ela, com uma insólita amargura.

Larch também o percebera. Alguém vai me substituir, concluiu. E não vai demorar muito. Consultou sua agenda; tinha dois abortos para realizar no dia seguinte e três “Prováveis” perto do fim da semana. E sempre havia as que apareciam sem aviso.

E se elas pegarem alguém que não queira fazer nenhum aborto?, refletiu ele.

Quando a nova máquina de escrever chegou, ajustou-se – bem a tempo – em seus planos para Fuzzy Stone.

“Obrigado pela nova máquina de escrever”, escreveu Larch para o conselho de administração. Chegara “bem a tempo”, acrescentou, porque a velha máquina de escrever (a qual, se estão lembrados, ele queria conservar) quebrara por completo. Não era verdade. Ele mandara substituir as teclas da velha máquina de escrever e agora datilografara uma história com uma aparência diferente.

E o que datilografou foram cartas do jovem Fuzzy Stone. Fuzzy começava por informar ao Dr. Larch o quanto desejava ser um médico quando crescesse e o quanto o Dr. Larch o inspirara a tomar essa decisão.

“Duvido que algum dia eu venha a me sentir como você em relação ao aborto”, o jovem Fuzzy escreveu para o Dr. Larch. “É a obstetrícia que me interessa, e pode estar certo de que o seu exemplo é responsável por esse interesse, mas creio que jamais concordaremos sobre o aborto. Embora eu saiba que realiza abortos pelas convicções mais sinceras e com as melhores intenções, deve permitir que eu também respeite as minhas convicções.”

E assim por diante. Larch cobriu os anos; projetou-se pelo futuro, deixando umas poucas e convenientes lacunas. Larch completou o aprendizado do Dr. Fuzzy Stone (fez com que ele cursasse a faculdade de medicina, deu-lhe um excelente procedimento

obstétrico – até com algumas variações do seu próprio procedimento, que o Dr. Larch pôs o Dr. Stone a descrever). E sempre Fuzzy Stone permanecia fiel a suas convicções.

“Desculpe, mas creio que há uma alma, e ela existe desde o momento da concepção”, escreveu Fuzzy Stone. Ele era um pouco pomposo, à medida que foi crescendo, quase untuoso na afabilidade com que tratava Larch, capaz até de se mostrar condescendente às vezes – o tipo de condescendência a que um jovem se permite quando pensa que se “desenvolveu” além do mestre. Larch proporcionou a Fuzzy Stone uma inequívoca posição virtuosa, imaginando que todos os partidários da lei contra o aborto em vigor compreenderiam.

Até fez o jovem Dr. Stone se oferecer para substituir o Dr. Larch – “mas não antes que esteja pronto para se aposentar, é claro!” –, e sugerir que por essa substituição podia ficar demonstrado para o Dr. Larch que era necessário respeitar a lei, que os abortos *não* deviam ser praticados e que uma visão segura e informativa do planejamento familiar (controle da natalidade e assim por diante) poderia com o tempo realizar o efeito desejado (“... sem violar as leis de Deus ou do homem”, escreveu um Fuzzy Stone convincentemente arrepiante).

“O efeito desejado” – o Dr. Larch e o Dr. Stone concordavam – seria o mínimo de crianças indesejáveis trazidas ao mundo. “Eu me sinto feliz por estar aqui!”, exultou o jovem Dr. Stone. Ele parece até um missionário!, pensou Wilbur Larch. A ideia de transformar Fuzzy num missionário atraía o Dr. Larch, por vários motivos, entre os quais: Fuzzy não precisaria de uma licença para praticar a medicina se levasse a sua magia para um lugar remoto e primitivo.

Larch ficou esgotado, mas registrou tudo – uma máquina de escrever para Fuzzy, que não era usada para mais nada, e a nova para ele próprio. (Larch tirava cópias em carbono de suas próprias e

referiu-se a seu “diálogo” com o jovem Dr. Stone em vários fragmentos de *Uma breve história de St. Cloud’s.*)

Imaginou que a correspondência terminou, abruptamente, quando Larch recusou-se a aceitar a possibilidade de ser substituído por alguém que não estava disposto a praticar abortos. “Continuarei até não aguentar mais”, escreveu a Fuzzy. “Aqui em St. Cloud’s nunca permitirei ser substituído por algum idiota religioso e reacionário que está mais preocupado com as dúvidas de sua frágil alma do que com o sofrimento concreto de incontáveis crianças indesejáveis e maltratadas. *Lamento* que você seja um médico!”, declarou Larch ao pobre Fuzzy. “Lamento que tanto ensinamento tenha sido desperdiçado em alguém que se recusa a ajudar os vivos por causa de um ponto de vista presunçoso assumido em relação aos que não nasceram. Você *não* é o médico apropriado para este orfanato, e só passando por cima do meu cadáver é que conseguirá o cargo!”

A notícia que recebeu do Dr. Stone, depois disso, foi um bilhete um tanto brusco, em que Fuzzy dizia que precisava sondar sua alma sobre a dívida pessoal para com o Dr. Larch e sua “dívida talvez maior para com a sociedade e com todos os não nascidos assassinados do futuro”; era difícil, insinuou Fuzzy, escutar a sua consciência e não “entregar” o Dr. Larch “... às autoridades”, acrescentou ele, ameaçadoramente.

Que história sensacional!, pensou Wilbur Larch. Ocupou-o pelo resto de agosto de 194-. Queria deixar tudo pronto – tudo acertado – quando Homer Wells voltasse a St. Cloud’s de seu emprego de verão.

Wilbur Larch criava um substituto para si mesmo, alguém que seria aceitável pelas autoridades – quem quer que fossem. Criara alguém com um procedimento obstétrico competente e – o que podia ser melhor? – um órfão que conhecia o lugar desde o nascimento. Também criara uma mentira perfeita, porque o Dr.

Fuzzy Stone que Wilbur Larch tinha em mente iria praticar abortos, é claro, embora ao mesmo tempo – o que podia ser melhor? – proclamasse oficialmente que era *contra*. Quando Larch se aposentasse (ou, ele sabia, se algum dia fosse apanhado), já teria à disposição o substituto mais perfeito. Claro que Larch ainda não acabara com Fuzzy; um substituto tão importante podia exigir alguma revisão.

Wilbur Larch estava deitado no dispensário, com as estrelas do Maine e as estrelas do éter circulando ao seu redor. Dera a Fuzzy Stone um papel na vida que era muito mais árduo do que Fuzzy jamais teria sido capaz. Como o pobre Fuzzy poderia sequer tê-lo imaginado, enquanto sucumbia à pane do seu mecanismo de respiração?

Só tem um problema, pensou Wilbur Larch, sonhando com as estrelas. Como posso fazer com que Homer desempenhe o papel?

Homer Wells, contemplando as estrelas reais do Maine e os pomares visíveis ao luar minguante da janela de Wally, viu alguma coisa faiscar – alguma coisa além do pomar de onde ele sabia que se podia avistar o oceano. Homer levantou e baixou a cabeça na janela de Wally, o brilho lhe faiscando; o tênue sinal lembrou-o da noite em que a floresta profunda do Maine não devolvera a sua voz – quando gritara o seu boa-noite sem eco para Fuzzy Stone.

E depois ele percebeu de onde vinha o lampejo. Devia haver um ponto pequeno e polido no telhado de lata da casa de sidra; estava vendo a lua minguante ricochetear no telhado da casa de sidra – de uma mancha que não era mais do que a lâmina de uma faca. Aquele brilho na noite era uma dessas coisas que não deixam uma pessoa em paz, mesmo depois da identificação.

De nada lhe adiantava escutar a respiração serena de Wally. O problema, pensou Homer Wells, é que estou apaixonado por Candy. Fora Candy quem sugerira que ele não voltasse a St. Cloud's.

– Meu pai gosta muito de você – dissera ela a Homer. – Sei que ele lhe daria um emprego no barco ou no curral.

– Minha mãe gosta muito de você – acrescentara Wally. – Sei que ela o manterá nos pomares, especialmente durante a colheita. E ela se sente solitária quando eu volto à universidade. Aposto que ela ficará na maior satisfação se você continuar onde está... no meu quarto!

Lá fora, nos pomares, o telhado da casa de sidra faiscava para Homer; o clarão foi tão pequeno e rápido quanto o vislumbre de um dente que Grace Lynch revelara – a boca se entreabriu apenas a esse ponto quando finalmente ela o fitara.

Como eu poderia *não* estar apaixonado por Candy?, perguntou-se Homer. E, se eu ficar aqui, o que poderei fazer?

O telhado da casa de sidra faiscou; depois, vieram o escuro e o silêncio. Homer já vira o piscar da cureta antes de entrar em ação; já a vira em repouso na bandeja de exame, opaca com sangue, precisando de limpeza.

E se eu voltar a St. Cloud's, perguntou a si mesmo, o que poderei fazer?

Na sala da enfermeira Angela, na nova máquina de escrever, o Dr. Larch começou uma carta para Homer. "Não me lembro de qualquer outra coisa tão nitidamente quanto o momento em que beijei você." O Dr. Larch parou; sabia que não podia dizer isso. Arrancou a folha da máquina de escrever e escondeu-a dentro de *Uma breve história de St. Cloud's*, como se fosse outra partícula de história sem uma plateia.

David Copperfield estava com febre quando se deitara, e Larch foi verificar como estava o garoto. Sentiu-se aliviado ao constatar que acabara a febre do jovem Copperfield; a testa do garoto estava fresca e um pouco de suor envolvia-lhe o pescoço, que Larch enxugou cuidadosamente com uma toalha. Não havia muito luar; assim, Larch sentiu que não era observado. Inclinou-se sobre

Copperfield e beijou-o, quase da mesma maneira com que se lembrava de ter beijado Homer Wells. Larch foi para a cama ao lado e beijou Smoky Fields, que sabia vagamente a cachorro-quente; a experiência foi tranquilizante para Larch. Como ele gostaria de ter beijado Homer muito mais, quando tivera a oportunidade! Foi de cama em cama, beijando os meninos; ocorreu-lhe que não conhecia o nome de todos, mas beijou-os mesmo assim. Beijou a todos.

Depois que ele se retirou, Smoky Fields indagou na escuridão:

– O que foi isso?

Mas ninguém mais estava acordado ou ninguém queria responder.

Eu gostaria que ele me beijasse, pensou a enfermeira Edna, que tinha um ouvido muito alerta para acontecimentos fora do normal.

– Acho que é maravilhoso – comentou a Sra. Grogan, quando a enfermeira Angela lhe contou.

– Acho que é senil – comentou a enfermeira Angela. Mas Homer Wells, à janela de Wally, não sabia que os beijos do Dr. Larch haviam saído pelo mundo, à sua procura.

Ele também não sabia – nunca poderia imaginar! – que Candy se encontrava igualmente acordada e igualmente preocupada. Se ele ficar, se não voltar a St. Cloud's, ela estava pensando, o que eu vou fazer? O mar arremetia ao seu redor. A escuridão e a lua estavam sumindo.

Veio o momento em que Homer Wells pôde divisar os contornos da casa de sidra, mas o telhado não mais lhe piscou, por mais que mexesse a cabeça. Sem qualquer sinal para ele, Homer talvez tenha pensado que falava ao morto quando murmurou:

– Boa-noite, Fuzzy.

Ele não sabia que Fuzzy Stone, como Melony, estava à sua procura.

¹ *Curly* significa crespo. (N. do T.)

Antes da Guerra

Num dia daquele mês de agosto, um sol nevoento pairava sobre a estrada litorânea entre York Harbor e Ogunquit; não era o sol intenso de Marselha e não era o sol frio que pisca sobre uma boa parte da costa do Maine nessa época do ano. Era um sol de St. Cloud's, enfumaçado e estagnado; deixara Melony irritada e suada, quando ela aceitou carona de um caminhão de leite que seguia para o interior.

Melony sabia que estava ao sul de Portland e que havia relativamente pouca costa do Maine ao sul dessa cidade, mas levara todos aqueles meses para investigar as plantações de maçãs nessa área limitada. Não estava desanimada; sabia que tivera algum azar, mas estava convencida de que a sorte inevitavelmente mudaria. Conseguira esvaziar os bolsos de vários cidadãos de Portland; isso a sustentara por algum tempo. Metera-se numa encrenca com alguns homens da Marinha cujos bolsos tentara esvaziar em Kittery. Conseguira evitar o sexo com os homens, mas eles lhe quebraram o nariz, que sarara torto, e lascaram dois dentes da frente. Não que ela tivesse o hábito de sorrir com frequência, mas desde então adotara uma expressão de boca fechada, lábios contraídos.

Os dois primeiros pomares que visitara se encontravam à vista do oceano, mas não se chamavam Ocean View; além disso, ninguém em qualquer dos pomares ouvira falar do Ocean View Orchard. Encontrara em seguida um pomar no interior em que alguém lhe dissera que ouvira falar de um Ocean View, mas tinha certeza de que não passava de um nome, o lugar não ficava na costa. Arrumou um emprego de lavadora de garrafas numa fazenda leiteira de

Biddeford, mas abandonou-o assim que conseguiu algum dinheiro para viajar.

O pomar entre York Harbor e Ogunquit chamava-se York Farm e parecia tão desgracioso quanto o nome, mas mesmo assim Melony pediu ao motorista do caminhão de leite para deixá-la ali; era pelo menos uma plantação de maçãs, talvez alguém tivesse ouvido falar de Ocean View.

O capataz de York Farm deu uma olhada em Melony e presumiu que se tratava de uma colhedora tentando arrumar emprego antes dos migrantes.

– Chegou três semanas antes do tempo – disse ele. – Só estamos colhendo as Gravensteins este mês e não preciso de ajuda para elas... não são tantas assim.

– Já ouviu falar de um pomar chamado Ocean View? – perguntou Melony.

– Costumava colher lá?

– Não. Estou apenas procurando o lugar.

– Pelo nome, parece um balneário. – Como Melony nem sequer sorrisse, o capataz deixou de ser cordial. – Tem alguma ideia de quantos lugares no Maine devem se chamar Ocean View?

Melony deu de ombros. Se iam contratar colhedores na York Farm dentro de três semanas, ela não se importaria de ficar; talvez alguns dos outros colhedores conhecesse o lugar para onde Homer fora.

– Tem algum trabalho para mim? – indagou Melony.

– Dentro de três semanas... se souber colher.

– Não deve ser nada demais colher maçãs.

– Pensa que é fácil? Pois venha até aqui.

O capataz conduziu-a pelo sujo mercado de maçãs, onde duas mulheres mais velhas pintavam uma lista de preços em madeira. No pomar ao lado, o capataz começou a ensinar a Melony a arte de colher maçãs.

– Tira-se uma maçã com a haste. Mas logo acima da haste fica o broto para a maçã do ano seguinte. É o esporão. Se arrancar o esporão, está tirando dois anos em um. Mostrou a Melony como torcer a maçã. – Torça, em vez de puxar.

Melony estendeu a mão para a árvore e torceu uma maçã, até desprendê-la. Fez corretamente, olhou para o capataz e deu de ombros. Deu uma mordida na maçã, que não estava madura; cuspiu o pedaço e jogou a maçã longe.

– Essa é uma Northern Spy – explicou o capataz. São colhidas por último... não estão prontas antes de outubro.

Melony estava entediada. Começou a voltar para o mercado.

– Eu lhe pagarei 10 centavos por *bushel*! – gritou o capataz. – Somente 5 centavos se deixar cair ou machucar as maçãs! Você parece bem forte!

Ele foi atrás de Melony, acrescentando:

– Se tiver jeito, pode colher noventa *bushels* por dia. Tenho homens por aqui que chegam a cem *bushels*. O que dá 10 dólares por dia.

O capataz parou ao lado das mulheres que trabalhavam no cartaz no mercado de maçãs; Melony já voltara à estrada. E gritou para o homem:

– Estarei em outro lugar dentro de três semanas.

– É uma pena. – O capataz observou-a afastar-se pela estrada que seguia para a costa e comentou com uma das mulheres: – Ela parece forte. Sou capaz de apostar que pesa mais de 70 quilos.

– Mas não passa de uma vagabunda – murmurou a mulher.

A cerca de um quilômetro e meio do mercado de maçãs, Melony passou por um pomar em que dois trabalhadores estavam colhendo Gravensteins. Um dos homens acenou para ela; Melony começou a acenar em resposta, mas depois mudou de ideia. Estava a não mais de 100 metros além dos homens quando ouviu a picape ser ligada e

sair atrás dela. O veículo parou ao seu lado, à beira da estrada, e o motorista lhe disse:

– Parece que está perdida, queridinha. Ainda bem que me encontrou.

O homem no lado do passageiro abriu a porta antes mesmo que a picape parasse.

– É melhor me deixar em paz, companheiro – disse Melony ao motorista.

Mas o outro homem já contornara a picape e estava se aproximando. Melony pulou a vala ao lado da estrada e correu pelo pomar. O homem saiu em seu encalço, soltando um grito. O motorista desligou a picape e também se lançou na perseguição – deixou a porta aberta, tamanha era a sua pressa.

Não havia onde se esconder, mas os pomares pareciam intermináveis. Melony correu por um caminho entre as árvores e depois por outro. O primeiro homem estava encurtando a distância, mas ela notou que o motorista ficava cada vez mais distanciado: era um homem grandalhão e lerdo, estava bufando depois de passar por cinco ou seis árvores. Melony também bufava, mas corria com um vigor determinado e firme; o primeiro homem, menor que o outro, estava chegando perto, mas ela podia perceber que sua respiração era cada vez mais resfolegante.

Ela passou por uma estrada de terra para outro pomar. Bem atrás, a uns 200 ou 300 metros, o motorista corpulento estava agora andando; e gritou para o companheiro mais rápido:

– Pega ela, Charley!

Para surpresa de Charley, Melony parou nesse instante e virou-se para confrontá-lo. Ela normalizou a respiração num instante e correu para Charley – o corpo meio agachado, um ganido animal se formando na garganta. O homem chamado Charley não teve tempo de parar e recuperar o fôlego antes que Melony se lançasse em cima dele. Caíram juntos – e quando sentiu seu joelho contra a garganta

do homem, Melony golpeou-o com toda a força. Charley deixou escapar um ruído estrangulado e rolou de lado. Melony levantou-se de um pulo e pisou duas vezes em sua cara. Quando Charley conseguiu virar-se, de quatro, ela saltou o mais alto que podia e caiu com os dois pés na base de suas costas. Ele já estava sem sentidos quando Melony imobilizou seus braços nas costas e mordeu-lhe a orelha; ela sentiu os dentes se encontrarem. Largou-o e ajoelhou-se ao lado do corpo; recuperou o fôlego e cuspiu no homem. Quando se levantou, viu que o motorista corpulento só agora cruzara a estrada de terra para o segundo pomar.

– Levante-se, Charley! – gritou ele, ofegante.

Mas Charley não se mexeu. Melony rolou o corpo para deixá-lo de costas no chão e abriu a fivela do cinto. Puxou-o bruscamente pelas presilhas. O grandalhão, o motorista, estava agora a apenas três ou quatro macieiras de distância. Melony passou a extremidade do cinto duas vezes em torno do punho e do pulso; quando baixou o braço, a extremidade com a fivela encostava no topo de seu pé. O grandalhão parou, a apenas duas árvores de distância.

– O que você fez com Charley? – perguntou ele.

Melony começou a girar o cinto, por cima da cabeça, mais e mais depressa. A fivela quadrada de latão começou a assoviar. Melony avançou para o homem corpulento, ao final dos 40 ou início dos 50 anos, os cabelos grisalhos e ralos, a pança se projetando à frente. Ele ficou imóvel por um momento, observando Melony se aproximar. O cinto era uma tira de couro larga, manchada de suor e óleo; a fivela de latão era do tamanho da palma de um homem; com as beiras quadradas, zunia pelo ar como o vento norte – emitia o som de uma foice.

– Ei! – gritou o gordo.

– Ei o quê, companheiro?

Melony baixou o cinto subitamente, e a fivela acertou na canela do homem, levantando uma aba do jeans e pele que parecia uma

nota de dólar rasgada. Quando o homem se inclinou para segurar a perna, ela acertou com a fivela no lado de seu rosto; ele caiu sentado, levando a mão ao rosto, onde descobriu um canal do comprimento e espessura de um cigarro. O motorista não teve tempo de avaliar o ferimento, pois no instante seguinte a fivela atingiu-o no alto do nariz – e a força do golpe e a dor cegaram-no temporariamente. Tentou proteger a cabeça com um braço, enquanto procurava agarrar Melony com o outro, mas ela descobriu que era fácil acertá-lo por toda parte. Não demorou muito para que o homem levantasse os joelhos contra o peito e cobrisse o rosto e a cabeça com os braços. A fivela acertou e cortou sua espinha por algum tempo; depois, Melony parou de golpeá-lo com a fivela e passou a surrá-lo com o lado do cinto, atrás das pernas e no traseiro. Parecia que ela nunca mais pararia.

– As chaves estão na picape, companheiro? – perguntou ela, entre golpes.

– Estão! – gritou o homem.

Melony desferiu mais algumas correadas antes de deixá-lo. Levou o cinto, caminhando pelo primeiro pomar; de vez em quando, acertava uma maçã com a ponta do cinto, com o qual adquirira alguma habilidade.

O homem chamado Charley recuperou os sentidos, mas não se mexeu nem abriu os olhos.

– Ela já foi, Charley? – perguntou o gordo, depois de algum tempo, porque também não se mexera nem abrira os olhos.

– Espero que sim – murmurou Charley.

Mas nenhum dos dois se mexeu até ouvirem Melony ligar a picape.

Passou-lhe pela cabeça que estava em dívida para com o Dr. Larch por ter ele certa vez lhe arrumado um emprego em que aprendera a dirigir, mas foi um pensamento passageiro. Fez a volta

com a picape e seguiu para o mercado de maçãs, onde o capataz ficou espantado ao vê-la.

Ela contou ao capataz, na presença das mulheres que trabalhavam na placa, que dois de seus homens haviam tentado estuprá-la. Um dos homens, o gordo, era casado com a mulher que desenhava as letras. Melony disse ao capataz que podia despedir os homens e dar a ela seus empregos.

– Posso fazer qualquer coisa que os dois fazem e muito melhor – garantiu ela.

Ou então, acrescentou Melony, ele podia chamar a polícia e ela contaria como fora atacada. A mulher cujo marido investira contra Melony estava pálida e silenciosa, mas a outra repetiu o que já dissera antes ao capataz:

– Não passa de uma vagabunda. Por que fica ouvindo o que ela diz?

– Também posso fazer tudo o que você faz – declarou Melony à mulher. – Especialmente tudo o que você faz de costas. Parece uma merda deitada de costas.

Ela estalou a extremidade do cinto na direção da mulher, que saltou para longe como se o cinto fosse uma cobra.

– Ei, esse é o cinto de Charley! – disse o capataz.

– Certo – murmurou Melony, esse eco de Homer Wells quase levando lágrimas a seus olhos. – Charley o perdeu.

Ela foi até a picape e pegou sua trouxa – seus poucos pertences, embrulhados no casaco da Sra. Grogan. Usou o cinto para prender mais firmemente o casaco e seu conteúdo.

– Não posso despedir aqueles homens – protestou o capataz. – Trabalharam aqui toda a sua vida.

– Então chame a polícia.

– Ela está ameaçando você – disse a mulher do gordo ao capataz.

– Não enche – disse Melony.

O capataz levou Melony para a casa de sidra.

– Pode ficar aqui, pelo menos até a turma da colheita chegar. Não sei se vai querer continuar quando eles estiverem aqui. Às vezes há mulheres com eles e até crianças, mas se vierem apenas os homens, acho que você não vai querer ficar aqui. São negros.

– Serve, pelo menos por enquanto – disse Melony, olhando ao redor.

Havia menos camas do que na casa de sidra dos Worthington, e era muito menos arrumado e limpo. York Farm era um pomar bem menor e mais pobre que Ocean View, não havia ninguém por ali que se preocupasse com os alojamentos dos migrantes; York Farm não tinha uma Olive Worthington. O cheiro de vinagre era mais forte na casa de sidra de York Farm, e por trás da prensa havia crostas ressequidas de bagaço, grudadas na parede. Não havia fogão na parte que servia como cozinha – apenas uma chapa quente, cujos velhos fusíveis estavam sempre queimando. Não havia caixa de fusíveis para a bomba, o moedor e as lâmpadas fracas penduradas do teto; a lâmpada no refrigerador estava queimada, mas isso pelo menos ajudava a tornar o mofo menos visível.

Estava ótimo para Melony, que contribuía, em caráter permanente, para a história de tantos cômodos demolidos nos prédios abandonados e habitados de St. Cloud's.

– Esse tal de Ocean View... por que está procurando o lugar? – perguntou o capataz.

– Estou procurando meu namorado – respondeu Melony.

Ela tem um *namorado?*, espantou-se o capataz.

Ele foi ver como estavam os homens. O gordo, cuja esposa o acompanhara ao hospital (embora não lhe falasse e assim continuaria por mais de três meses), suportara um tanto placidamente todos os pontos, mas ficou nervoso quando o capataz informou que instalara Melony na casa de sidra e lhe dera um emprego – pelo menos durante a colheita.

– Você deu um emprego a ela! – exclamou o gordo. – Aquela mulher é uma assassina!

– Então é melhor você ficar longe dela. Se, por acaso, se meter com ela, terei de despedi-lo... ela quase que já me obrigou a fazer isso.

O gordo tivera o nariz quebrado e precisara de um total de 41 pontos, 37 no rosto e quatro na língua, que ele próprio mordera.

O homem chamado Charley estava melhor em matéria de pontos. Precisara de apenas quatro – para fechar o ferimento na orelha. Mas Melony lhe partira duas costelas ao pular em cima dele. Charley também sofrera uma concussão por ela pisar em sua cabeça; e as costas teriam tantos espasmos musculares que ele não poderia subir em uma escada durante toda a colheita.

– Eu não gostaria de conhecer o filho da puta que é o *namorado* dela – comentou Charley para o capataz.

– Trate de ficar longe dela.

– Ela ainda está com o meu cinto?

– Se pedir o cinto de volta – declarou o capataz –, serei obrigado a despedi-lo. Arrume um cinto novo.

– Não vai me ver pedindo nada a ela – afirmou Charley. – Ela não disse que o namorado vinha para cá, disse?

O capataz explicou que se Melony estava procurando pelo namorado, então ele não lhe indicara seu paradeiro; devia tê-la abandonado.

– E que Deus o ajude se ele a abandonou – repetiu o capataz várias vezes.

– Se você tivesse uma mulher assim, não tentaria abandoná-la? – indagou a mulher que chamara Melony de vagabunda no mercado de maçãs.

– Em primeiro lugar, eu jamais teria uma mulher assim – respondeu o capataz. – Em segundo lugar, se por acaso eu tivesse, nunca a abandonaria... não teria coragem.

Na casa de sidra de York Farm – em algum lugar para o interior de York Harbor, em algum lugar a oeste de Ogunquit, com várias centenas de quilômetros de costa entre ela e Homer Wells –, Melony ficou deitada, escutando os camundongos. Às vezes eles corriam, às vezes roíam. O primeiro camundongo bastante ousado para correr pelo pé de seu colchão foi golpeado com tanta força pela fivela do cinto de Charley que voou através de quatro camas enfileiradas e bateu na parede com um baque surdo. Melony foi pegá-lo imediatamente – o bicho estava morto, o dorso quebrado. Com a ajuda de um lápis sem ponta, ela conseguiu equilibrar o camundongo morto numa posição sentada na mesinha de cabeceira, um engradado de maçã virado, transferido para o pé da cama. Melony estava convencida de que o camundongo morto poderia funcionar como uma espécie de totem, a fim de afugentar os outros camundongos – e o fato é que nenhum camundongo incomodou Melony por várias horas. Deitada à luz fraca, ela ficou lendo *Jane Eyre* – o pomar vazio e escuro amadurecendo ao seu redor.

Releu duas vezes o trecho quase ao final do capítulo 27, que concluiu: “Opiniões preconcebidas e determinações anteriores são tudo o que tenho neste momento para me apoiar: é nisso que planto os pés.”

Melony fechou o livro e apagou a luz. Ficou deitada de costas, as narinas largas invadidas pelo ar pungente de vinagre de sidra – o mesmo ar que Homer Wells está cheirando, pensou ela. Pouco antes de mergulhar no sono, Melony murmurou, embora houvesse apenas os camundongos para ouvi-la:

– Boa-noite, Sunshine.

Choveu no dia seguinte. Choveu de Kennebunkport a Christmas Cove. O vento nordeste foi tão forte que as bandeiras dos barcos atracados no Haven Club, embora encharcadas pela chuva, apontavam para a praia e produziam estalos tão constantes quanto

o atrito do lagosteiro de Ray Kendall contra os pneus velhos que amorteciam seu píer.

Ray passaria o dia por baixo do John Deere, no Prédio Número 2; estava alternadamente trocando o distribuidor do trator e dormindo. Era o lugar em que dormia melhor: sob uma máquina grande e familiar. Nunca era descoberto; as pernas se projetavam às vezes de baixo do veículo tão escarrapachadas que ele parecia morto – atropelado ou esmagado. Um dos trabalhadores da plantação, sobressaltado ao vê-lo assim, dizia:

– É você, Ray?

No mesmo instante, como o Dr. Larch voltando do éter, Ray Kendall despertava e dizia:

– Isso mesmo. Estou aqui embaixo.

– Que trabalho, hein? – murmurava o preocupado empregado.

– É verdade – dizia Ray. – Um trabalho e tanto.

A chuva caiu forte, o vento soprando pela costa com tanta intensidade que as gaivotas se deslocaram para o interior. Em York Farm, foram se amontoar na casa de sidra e acordaram Melony com sua impaciência; em Ocean View, encolheram-se juntas no telhado de zinco da casa de sidra, onde uma turma de faxineiros e pintores se encontrava em ação outra vez

Grace Lynch, como sempre, tinha o pior trabalho: arear o tanque de sidra de 1.000 galões; estava ajoelhada lá dentro, e os sons de seus movimentos impressionavam os outros, uma espécie de energia furtiva, como um animal surrupiando alguma coisa para um ninho ou para o jantar. Meany Hyde deixara a casa de sidra para o que sua mulher Florence chamara de “outro trabalho de merda”. Meany concluíra que a correia do ventilador da transportadora estava solta e a removera, explicando que ia levá-la a Ray Kendall para ver o que se podia fazer.

– O que Ray vai fazer com uma correia de ventilador frouxa? – perguntou Florence a Meany. – Vai encomendar uma nova ou tirar

um pedaço desta... certo?

– Acho que sim – disse Meany, cauteloso.

– E para que você precisa da transportadora hoje? – indagou Florence.

– Estou apenas levando para Ray! – insistiu Meany, irritado.

– O que você não quer é trabalhar muito, não é?

Meany saiu pela chuva; sorriu e piscou para Homer Wells ao subir na picape.

– Tenho um marido preguiçoso – comentou Florence, feliz da vida.

– É melhor do que maridos de alguns outros tipos – disse Irene Titcomb... e todos olharam automaticamente na direção do tonel de 1.000 galões que Grace Lynch areava febrilmente.

Irene e Florence, que tinham mãos pacientes e firmes, estavam pintando as janelas na ala do dormitório da casa de sidra. Homer Wells, Big Dot Taft e a irmã de Big Dot, Debra Pettigrew, estavam pintando a cozinha com pinceladas mais largas e mais descuidadas.

– Espero que não pensem que estou de olho em vocês – disse Big Dot a Debra e Homer. – Não sou de vigiar ninguém. Se quiserem sair, podem ir.

Debra Pettigrew parecia embaraçada e irritada; Homer sorriu timidamente. Era curioso, pensou ele, como se saía duas ou três vezes com alguém – e se beijava e tocava em lugares insólitos – e todo mundo começa a falar como se se estivesse fazendo a coisa na imaginação a todo minuto. A mente de Homer estava muito mais em Grace Lynch dentro do tonel do que em Debra Pettigrew, que se encontrava bem a seu lado, pintando a mesma parede. Ao chegar ao interruptor de luz, junto à porta da cozinha, Homer perguntou a Big Dot Taft se deveria apenas pintar ao redor e deixar que Florence e Irene com seus pincéis menores retocassem de maneira mais precisa.

– Pode pintar por cima – respondeu Big Dot Taft. – É o que fazemos todos os anos. Fica parecendo novo. Não estamos querendo ganhar nenhum concurso de perfeição.

Junto ao interruptor havia uma tacha que pregava um pedaço de papel datilografado na parede – as letras estavam quase apagadas pela longa exposição ao sol que entrava pelas janelas sem cortinas da cozinha. Era alguma espécie de lista; o quarto inferior da página fora rasgado; o que quer que fosse, estava incompleto. Homer tirou a tacha da parede e teria amassado o papel e jogado no barril de lixo se a linha de cima não atraísse sua atenção:

REGRAS DA CASA DE SIDRA

dizia a primeira linha.

Que regras?, pensou ele, começando a ler. As regras estavam numeradas:

1. Por favor, não opere o moedor ou a prensa se andou bebendo.
2. Por favor, não fume na cama nem use velas.
3. Por favor, não suba no telhado se andou bebendo – especialmente à noite.
4. Por favor, lave os panos da prensa no mesmo dia ou noite em que são usados.
5. Por favor, remova a tela rotativa imediatamente depois que terminar a prensagem e limpe com água QUANDO O BAGAÇO AINDA ESTIVER ÚMIDO!
6. Por favor, não leve garrafas quando subir no telhado.
7. Por favor – mesmo que você esteja com calor (ou se andou bebendo) –, não entre no frigorífico para dormir.
8. Por favor, entregue sua lista de compras ao chefe de turma às sete horas da manhã.

9. Não deve haver mais do que meia dúzia de pessoas no telhado em qualquer momento.

Se havia mais algumas regras, Homer não pôde lê-las, porque o restante da página fora arrancado. Homer entregou o papel rasgado a Big Dot Taft.

– Que história é essa do telhado? – perguntou ele a Debra Pettigrew.

– Dá para se ver o oceano do telhado – explicou Debra.

– Não é isso – interveio Big Dot Taft. – À noite se pode ver a roda-gigante e as luzes do parque de diversões em Cape Kenneth.

– Não acho grande coisa – comentou Homer Wells.

– Também não acho – concordou Big Dot Taft –, mas aqueles escuros gostam de verdade.

– Há ocasiões que eles passam a noite inteira sentados no telhado – acrescentou Debra Pettigrew.

– E algumas noites eles se embriagam lá em cima e caem – anunciou Florence Hyde da ala do dormitório.

– Quebram garrafas lá em cima e se cortam todos – informou Irene Titcomb.

– Não é todas as noites – ressaltou Big Dot Taft.

– E uma noite um deles ficou tão bêbado e suado, operando a prensa, que apagou no frigorífico e acordou com pneumonia – disse Debra Pettigrew.

– Não se “acorda” exatamente com pneumonia – protestou Homer. – A coisa é muito mais complicada.

– Desculpe – murmurou Debra, irritada.

– Seja como for, ninguém dá atenção a essas regras – informou Big Dot Taft. – Todos os anos Olive as escreve e todos os anos ninguém dá a menor atenção.

– Todos os colhedores que já tivemos não passam de crianças – disse Florence Hyde. – Se Olive não fosse fazer compras para eles

todos os dias, acho que passariam fome. – Eles nunca se organizam – acrescentou Irene Titcomb.

– Um deles teve o braço inteiro preso no moedor – recordou Big Dot Taft. – Não apenas a mão... o braço todo.

– Argh! – exclamou Debra Pettigrew.

– “Argh” é como o braço dele ficou – disse Florence Hyde.

– Quantos pontos? – perguntou Homer Wells.

– Você sabia que é um bocado curioso? – perguntou-lhe Debra Pettigrew.

– Eles não fazem mal algum, a não ser a si mesmos – comentou Irene Titcomb, filosófica. – Qual é o problema se eles querem beber demais e caem do telhado? Ninguém jamais foi morto por aqui, não é?

– Ainda não – disse Grace Lynch, a voz tensa e esganiçada, as palavras estranhamente amplificadas, porque estava falando do fundo do tonel de mil galões.

A combinação da estranheza de sua voz e a raridade de uma contribuição sua a qualquer tipo de conversa deixou todos em silêncio.

Todos ainda trabalhavam quando Wally apareceu no furgão verde, com Louise Tobey; ele largou Louise com seu balde e sua brocha e perguntou se precisavam de alguma coisa – mais brochas? Mais tintas?

– Basta me dar um beijo, meu bem – disse Florence Hyde.

– Basta nos levar ao cinema – disse Big Dot Taft.

– Basta me convidar! Basta me convidar! – gritou Irene Titcomb.

Todos estavam rindo quando Wally foi embora. Já era quase a hora do almoço, e todos sabiam que Louise estava bastante atrasada. Ela geralmente chegava com Herb Fowler, mais ou menos no horário. Louise parecia particularmente mal-humorada naquela manhã, e ninguém lhe falou por algum tempo.

– Você pode estar com as regras ou qualquer outra coisa, mas mesmo assim pode dizer bom-dia – sugeriu Big Dot Taft finalmente.

– Bom-dia – disse Louise Tobey.

– Tá-tá-tá! – gritou Irene Titcomb.

Debra Pettigrew deu uma cotovelada no flanco de Homer; quando ele a fitou, ela piscou. Nada mais aconteceu, até que Herb Fowler apareceu e se ofereceu para levar todo mundo para almoçar na lanchonete da Drinkwater Road.

Homer olhou para o tonel, mas Grace Lynch não apareceu por cima da borda; ela continuou a raspar lá no fundo. De qualquer forma, não aceitaria o convite. Homer estava pensando que provavelmente deveria aceitar, a fim de escapar de Grace Lynch, mas prometera a si mesmo investigar o telhado da casa de sidra – queria descobrir o ponto que lhe fiascara tão misteriosamente ao luar; e agora que tomara conhecimento das regras da casa de sidra e soubera que se podia avistar o mar – e a roda-gigante de Cape Kenneth! – lá de cima, ele queria subir a qualquer custo. Mesmo na chuva.

Saiu com todos os outros, pensando que Grace Lynch podia presumir que também se fora, depois disse a Herb Fowler que ia ficar. Sentiu um dedo puxar o bolso de seu jeans, um da frente; depois que Herb e todo mundo partiram, ele examinou o bolso e descobriu a borracha. A presença do preservativo em seu bolso impeliu-o a subir apressadamente para o telhado da casa de sidra.

Seu aparecimento ali surpreendeu as gaivotas, cujo voo súbito e barulhento surpreendeu-o; não as notara encolhidas no declive do telhado no outro lado – longe do vento. O telhado estava escorregadio da chuva; teve de se segurar nas calhas corrugadas com as duas mãos, arrastar os pés com extremo cuidado, enquanto subia. O telhado não era muito íngreme, caso contrário não conseguiria escalá-lo. Para sua surpresa, encontrou algumas tábuas pregadas lá em cima, no lado virado para o mar. Bancos!, pensou.

Mesmo tortos, eram mais confortáveis para sentar do que o zinco. Homer sentou ali, sob a chuva, e tentou imaginar o prazer da vista. Mas o tempo estava muito tempestuoso para que pudesse ver os pomares mais distantes; o oceano se encontrava completamente oculto, e ele teve de imaginar onde, numa noite clara, estariam a roda-gigante e as luzes do parque de diversões de Cape Kenneth.

Estava ficando encharcado e já era tempo de descer quando viu a faca. Era grande, a lâmina cravada na tábua no topo do lado; o cabo, imitação de chifre, estava rachado em dois pontos; quando Homer Wells tentou arrancar a lâmina da madeira, o cabo partiu-se ao meio em suas mãos. Ao que parecia, fora por isso que haviam deixado a faca ali. Com o cabo quebrado, não era possível recolher a lâmina direito e não era seguro carregá-la assim – além do mais, a lâmina estava enferrujada. Todo o telhado estava enferrujado, notou Homer; não havia qualquer ponto bastante brilhante para refletir o luar para a janela de Wally. Mas depois ele viu o vidro quebrado; alguns pedaços maiores estavam presos nas calhas corrugadas do zinco. Devia ter sido um daqueles pedaços que refletira o luar, pensou Homer.

Vidro de garrafa de cerveja e vidro de garrafa de rum, vidro de garrafa de uísque e vidro de garrafa de gim, calculou. Tentou imaginar os negros bebendo à noite no telhado, mas a chuva o encharcara por completo, e o vento agora o deixava enregelado. Descendo o telhado cautelosamente, até a beira em que era mais seguro o pulo para o chão, ele cortou a mão, apenas um talho pequeno, num caco de vidro que não viu. Ao tornar a entrar na casa de sidra, o talho sangrava bastante – era muito sangue para um corte tão pequeno, pensou, especulando que talvez um fragmento de vidro ainda estivesse dentro do ferimento. Grace Lynch devia tê-lo ouvido lavar o ferimento na pia da cozinha (se não o ouvira no telhado). Para surpresa de Homer, Grace ainda estava dentro do tonel de mil galões.

– Ajude-me! – gritou ela para Homer. – Não consigo sair.

Era uma mentira; ela estava apenas tentando atraí-lo para a beira do tanque. Mas os órfãos possuem uma natureza crédula; a vida no orfanato é simples; em comparação, cada mentira é sofisticada. Homer Wells, embora se aproximasse da borda do tonel de sidra com apreensão, estava determinado. A rapidez das mãos descarnadas de Grace Lynch e a força com que agarraram seus punhos surpreenderam-no; ele quase perdeu o equilíbrio – quase foi puxado para dentro do tonel, por cima dela. Grace Lynch tirara todas as roupas, mas a extrema definição dos ossos impressionou Homer mais intensamente do que qualquer coisa proibida em sua nudez. Ela parecia um animal faminto contido numa armadilha mais ou menos humana... talvez não tão humana porque as equimoses indicavam que o captor a espancava de maneira regular e brutal. As equimoses nos quadris e coxas eram as maiores; as impressões dos polegares atrás dos braços tinham a tonalidade roxa mais profunda, e havia uma equimose passando de amarelo para verde num dos seios pequenos, que parecia particularmente inflamada.

– Largue-me! – gritou Homer Wells.

– Sei o que fazem no lugar de onde você veio! – gritou Grace Lynch, puxando-lhe os pulsos.

– Certo – disse Homer Wells.

Sistematicamente, ele começou a soltar os dedos de Grace Lynch, mas ela subiu agilmente pelo lado do tonel e mordeu-lhe a mão. Homer teve de empurrá-la nesse instante e poderia tê-la machucado se ambos não ouvissem a chegada ruidosa de Wally, no furgão verde. Grace Lynch largou Homer e começou a se vestir, apressada. Wally ficou sentado no furgão sob a chuva forte e tocou a buzina; Homer saiu correndo para saber o que ele queria.

– Entre! – gritou Wally. – Temos de salvar meu estúpido pai... ele se meteu em alguma encrenca no Sanborn's.

Para Homer Wells, criado num mundo sem pais, era um choque ouvir alguém que tinha um pai chamá-lo de estúpido, mesmo que

fosse verdade. Havia um saco de Gravensteins no assento do passageiro do furgão; Homer ajeitou as maçãs em seu colo, enquanto Wally seguia pela Drinkwater Road para o armazém geral Sanborn's. Os proprietários, Mildred e Bert Sanborn, estavam entre os amigos mais antigos de Sênior; haviam sido colegas de escola, e Sênior chegara a namorar Milly (antes de conhecer Olive – e antes de Milly casar com Bert).

A loja de ferragens Titus ficava ao lado do Sanborn's; Warren Titus, o encanador, estava parado no alpendre do armazém geral, não deixando ninguém entrar, quando Wally e Homer chegaram a Heart's Rock.

– Ainda bem que você está aqui, Wally – disse Warren, quando os rapazes saltaram do furgão. – Seu pai está descontrolado.

No armazém, Homer e Wally constataram que Mildred e Bert Sanborn haviam – pelo momento – encurralado Sênior num nicho de prateleiras; Sênior derramara pelo chão e em si mesmo toda a farinha de trigo e açúcar ao seu alcance. Sua aparência acuada fez Homer se lembrar de Grace Lynch.

– Qual é o problema, papai? – perguntou Wally. Mildred Sanborn soltou um suspiro de alívio ao ver Wally, mas Bert não desviou os olhos de Sênior.

– Problema, papai – disse Sênior.

– Ele ficou furioso por não encontrar comida de cachorro – explicou Bert a Wally, sempre olhando para Sênior, pois esperava que a qualquer momento Sênior arremettesse para outra parte da loja e a destruísse.

– Para quê você queria comida de cachorro, papai? – perguntou Wally.

– Comida de cachorro, papai – repetiu Sênior.

– Parece que ele não se lembra, Wally – comentou Bert Sanborn.

– Falamos que ele não tinha cachorro – informou Mildred.

– Eu me lembro que fiz tudo com você, Mildred! – gritou Sênior.

– Lá vai ele de novo. – Uma pausa, e Bert acrescentou, gentilmente: – Sênior, Sênior, somos todos seus amigos aqui.

– Tenho de alimentar Blinky – disse Sênior.

– Blinky era o seu cachorro quando ele era pequeno – explicou Milly Sanborn a Wally.

– Se Blinky ainda estivesse vivo, Sênior – disse Bert Sanborn –, estaria mais velho do que nós.

– Mais velho do que nós – repetiu Sênior.

– Vamos para casa, papai – disse Wally.

– Casa, papai – repetiu Sênior, deixando que Homer e Wally o conduzissem para o furgão.

– Posso lhe garantir que não é bebida, Wally – disse Warren Titus, abrindo a porta do furgão para eles. – Não está em seu bafo, não dessa vez.

– É alguma outra coisa, Wally – acrescentou Bert Sanborn.

– Quem é você? – perguntou Sênior a Homer.

– Sou Homer Wells, Sr. Worthington.

– Sr. Worthington – repetiu Sênior.

Quando estava viajando há cerca de cinco minutos, em silêncio, Sênior gritou:

– Calem-se todos vocês!

Ao chegarem a Ocean View, Olive recebeu o furgão no caminho, ignorou Sênior e disse a Wally:

– Não sei o que ele tomou esta manhã, a menos que tenha sido vodca. Não tinha bafo de bebida quando saiu. Eu não o deixaria pegar o furgão se soubesse que ele andou bebendo.

– Acho que é alguma outra coisa, mamãe.

Com a ajuda de Homer, Wally levou o pai para o quarto, tirou-lhe os sapatos e persuadiu-o a deitar na cama.

– Eu já andei com Milly uma vez – disse Sênior ao filho.

– Sei disso, papai.

– Andei com Milly! – gritou Sênior. – Andei com Milly!

Wally tentou apaziguar Sênior com um poeminha humorístico, um *limerick*; Sênior ensinara muitos *limericks* ao filho, mas agora tinha dificuldade em se lembrar, embora Wally o levasse, verso a verso.

– Lembra da duquesa de Kent, papai?

– Claro – respondeu Sênior, porém sem dizer mais nada.

– Ah, tenham pena da duquesa de Kent! – começou Wally, mas Sênior limitou-se a escutar. – Sua cona é tão horrivelmente torta...

– Torta? – repetiu Sênior.

Wally tentou de novo, dois versos de cada vez:

Ah, tenham pena da duquesa de Kent!

Sua cona é tão horrivelmente torta...

– Horrivelmente torta! – entoou Sênior.

Ah, tenham pena da duquesa de Kent!

Sua cona é tão horrivelmente torta

Que a pobre coitada sempre balbucia:

“Preciso de um malho forte

Para cravar um homem em meu orifício.”

Santo Deus!, pensou Homer Wells. Mas Sênior parecia aturdido; não disse nada. Wally e Homer deixaram-no quando pensaram que ele estava dormindo.

Lá embaixo, Homer Wells disse a Olive e Wally que achava que o problema era neurológico.

– Neurológico? – disse Olive.

– O que isso significa? – indagou Wally.

Eles ouviram Sênior gritar lá de cima:

– Orifício!

Homer Wells, que tinha o hábito de repetir as palavras fundamentais de uma frase, sabia que as repetições de Sênior eram insanas. Esse hábito foi o primeiro sintoma que ele descreveu em sua carta sobre Sênior Worthington para o Dr. Larch. “Ele repete tudo”, escreveu Homer ao Dr. Larch. Também ressaltou que Sênior parecia esquecer o nome das coisas mais comuns; recordou como o homem empacara ao pedir um cigarro a Wally – limitara-se a apontar para o bolso da camisa de Wally. “Acho que a palavra para cigarro lhe escapara”, escreveu Homer Wells. Também observara que Sênior não conseguia abrir o trinco do porta-luvas na última vez em que o levava ao Sanborn’s para alguma compra simples. E o homem possuía o estranho hábito de limpar as roupas a todo instante. “É como se ele pensasse que ficou sujo, está com fios de cabelos ou fiapos nas roupas”, escreveu Homer Wells. “Só que não tem nada ali.”

Olive Worthington garantiu a Homer que o médico da família, que era ainda mais velho que o Dr. Larch, tinha certeza de que os problemas de Sênior estavam exclusivamente “relacionados com o álcool”.

– Doc Perkins está velho demais para clinicar, mamãe – disse Wally.

– Foi Doc Perkins quem trouxe você ao mundo... acho que ele sabe o que está fazendo – protestou Olive.

– Aposto que foi fácil me trazer ao mundo – comentou Wally, jovialmente.

Aposto que foi mesmo, pensou Homer Wells, que achava que Wally considerava que tudo no mundo era fácil – não de uma maneira egoísta ou mimada, mas como um Príncipe do Maine, como um Rei da Nova Inglaterra; Wally simplesmente nascera para assumir o comando.

A carta do Dr. Larch a Homer Wells foi tão impressionante que ele a mostrou imediatamente à Sra. Worthington.

“O que você me descreveu, Homer, parece alguma espécie de síndrome cerebral orgânica em evolução”, escreveu o Dr. Larch. “Num homem dessa idade, não há muitos diagnósticos entre os quais optar. Eu diria que a maior possibilidade é a demência pré-senil de Alzheimer; é bastante rara; consultei um dos meus volumes encadernados do *New England Journal of Medicine*.

“Tirar fiapos imaginários das roupas é o que os neurologistas chamam de *cartologia*. No progresso da deterioração comum à doença de Alzheimer, um paciente repetirá com frequência o que lhe é dito. É o que se chama de *ecolalia*. A incapacidade de nomear até mesmo objetos familiares, como um cigarro, é decorrência de uma deficiência no reconhecimento dos objetos. É o que se chama de *anomia*. E a perda da capacidade de efetuar qualquer tipo de movimento hábil ou aprendido, como abrir um porta-luvas, também é típica. É chamada de *apraxia*.

“Você deve convencer a Sra. Worthington a providenciar para que um neurologista examine seu marido. Sei que há pelo menos um no Maine. Meu palpite é de que se trata da doença de Alzheimer.”

– Doença de *Alzheimer*? – indagou Olive Worthington.

– Está querendo dizer que o problema dele é... uma *doença*? – indagou Wally.

Wally chorou no carro, a caminho do neurologista. – Desculpe, papai – disse ele.

Mas Sênior parecia na maior satisfação. Quando o neurologista confirmou o diagnóstico do Dr. Larch, Sênior Worthington ficou exultante.

– Tenho uma doença! – gritou ele, orgulhoso, até feliz. Era quase como se alguém tivesse anunciado que ele estava curado; mas o que tinha era incurável. – Tenho uma *doença*!

Sênior estava eufórico. Devia ser um alívio para ele – pelo menos no momento – saber que não era simplesmente um bêbado. Foi um

alívio tão grande para Olive que ela chorou no ombro de Wally; e abraçou e beijou Homer, com um vigor que Homer não conhecia desde que deixara os braços da enfermeira Angela e da enfermeira Edna. A Sra. Worthington agradeceu a Homer repetidas vezes. Significava muito para Olive (embora há muito tivesse se desapaixonado de Sênior, se é que alguma vez o amara realmente) saber que aquela nova informação permitia-lhe renovar seu respeito por Sênior. Sentia-se profundamente grata a Homer e ao Dr. Larch por restaurar o amor-próprio de Sênior... e também por restaurar um pouco de sua estima por ele.

Tudo isso contribuiu para o clima especial que cercou a morte de Sênior ao final do verão, pouco antes da colheita; um senso de alívio foi mais predominante que um senso de pesar. Que Sênior estava a caminho da morte já era certo há algum tempo; que, no momento oportuno, ele conseguira morrer com alguma honra – "... de uma doença genuína!", comentou Bert Sanborn – foi uma surpresa agradável.

Claro que os habitantes de Heart's Rock e Heart's Haven tiveram alguma dificuldade com o termo – Alzheimer não era um nome familiar na costa do Maine em 194-. Os trabalhadores em Ocean View tiveram um problema maior; um dia Ray Kendall tornou mais fácil a compreensão de todos.

– Sênior estava com a doença de *Al's Hammer* – anunciou ele.

Al's Hammer! (Martelo de Al!) Eis uma doença que qualquer um podia compreender.

– Só espero que não seja contagiosa – disse Big Dot Taft.

– Não seria uma doença que só dá em rico? – especulou Meany Hyde.

– Nada disso – insistiu Homer Wells. – É uma doença neurológica.

Mas isso não significava nada para ninguém, exceto para Homer. E assim, os homens e mulheres em Ocean View desenvolveram um

novo ditado, enquanto se preparavam para a colheita naquele ano.

– E melhor tomar cuidado ou vai pegar o Al's Hammer – dizia Herb Fowler.

E quando Louise Tobey aparecia atrasada, Florence Hyde (ou Irene Titcomb ou Big Dot Taft) lhe perguntava:

– Qual é o problema? Está com as regras ou pegou Al's Hammer?

E quando Grace Lynch aparecia mancando ou com uma equimose perceptível, todos pensavam, mas nunca diziam em voz alta: “Com toda certeza, ela pegou Al's Hammer ontem à noite.”

– Acho que você deveria ser médico – comentou Wally para Homer. – É evidente que possui o instinto para isso. – O Dr. Larch é o médico – declarou Homer Wells. – Eu sou o beduíno.

Pouco antes da colheita – quando Olive Worthington pusera flores frescas na ala do dormitório da casa de sidra e datilografara uma nova folha com as regras (quase exatamente as mesmas regras dos anos anteriores) e a pregara ao lado do interruptor junto à porta da cozinha –, ela ofereceu um lar ao beduíno.

– Sempre detesto quando Wally volta à universidade – disse Olive a Homer. – E este ano, com a morte de Sênior, detesto ainda mais. Eu ficaria muito satisfeita se você achasse que pode ser feliz aqui, Homer... pode permanecer no quarto de Wally. Gosto de ter alguém em casa à noite e alguém para conversar pela manhã.

Olive estava de costas para Homer, olhando pela janela grande da cozinha dos Worthington. A balsa de borracha que Sênior costumava usar estava boiando na água à sua vista, mas Homer não podia saber se Olive olhava para a balsa.

– Não sei qual seria a reação do Dr. Larch – disse Homer.

– O Dr. Larch gostaria que você fosse para a universidade um dia – comentou Olive. – E eu também. Terei o maior prazer em perguntar na escola secundária de Cape Kenneth se trabalhariam com você... se tentariam avaliar o que você sabe e o que precisa

aprender. Teve uma educação muito... *estranha*. Sei que o Dr. Larch quer que você estude todas as ciências. (Homer sabia que ela devia estar lembrando isso de uma carta do Dr. Larch.) E latim também.

– Latim – repetiu Homer Wells. Era mesmo obra do Dr. Larch. *Cutaneus maximus*, pensou Homer Wells, *dura mater*, para não mencionar o velho *umbilicus*. – O Dr. Larch quer que eu seja um médico, mas eu não quero ser.

– Acho que ele quer que você tenha a *opção* de se tomar um médico, caso mude de ideia. Acho que ele disse latim ou grego.

Eles devem ter mantido uma correspondência e tanto, pensou Homer Wells, embora se limitasse a dizer:

– Gosto realmente de trabalhar na plantação.

– Pode estar certo de que quero que continue a trabalhar aqui – garantiu Olive. – Preciso de sua ajuda... especialmente durante a colheita. Não creio que seria um aluno em tempo integral. Preciso conversar com a diretoria da escola secundária, mas tenho certeza de que o considerariam como uma espécie de experiência.

– Uma experiência – disse Homer Wells.

Não era tudo uma experiência para um beduíno? Pensou na faca quebrada que encontrara no telhado da casa de sidra. Estava lá para que ele a encontrasse? E o vidro quebrado, um fragmento do qual lhe transmitira um sinal em sua insônia na janela de Wally: o vidro estava no telhado só para lhe enviar alguma mensagem?

Ele escreveu para o Dr. Larch, solicitando permissão para permanecer em Ocean View. “Vou estudar biologia e tudo o que é científico”, escreveu Homer Wells. “Mas preciso mesmo estudar latim? Ninguém mais o fala.”

Onde ele se tornou tão sabe-tudo?, especulou Wilbur Larch, que não obstante achava haver algumas vantagens em Homer Wells *não* saber latim ou grego, as raízes de tantos termos médicos. Como coarctação da aorta, o Dr. Larch estava pensando. Pode ser uma forma relativamente branda de distúrbio cardíaco congênito, que

diminui à medida que o paciente vai ficando mais velho; ao chegar à idade de Homer, o paciente podia não ter mais qualquer sopro e somente um olho bem treinado poderia perceber, na radiografia, a ligeira hipertrofia da aorta. Num caso brando, o único sintoma poderia ser uma hipertensão nas extremidades superiores. Assim, não aprenda latim, se não quiser, pensou Wilbur Larch.

Quanto ao *melhor* defeito cardíaco congênito para Homer Wells, o Dr. Larch estava se inclinando para estenose da válvula pulmonar. “Desde bebê e durante a primeira infância, Homer Wells teve um sopro no coração bastante alto”, escreveu o Dr. Larch – para o registro, só para sentir como ficava. Em outra parte, anotou: “Aos 21 anos, o velho sopro no coração de Homer é difícil de perceber; contudo, constato que a estenose da válvula pulmonar ainda é evidente numa radiografia.” Podia ser quase imperceptível, ele sabia; o defeito cardíaco de Homer não era para todos verem – esse era o ponto importante. O necessário era que simplesmente existisse.

“Não estude latim ou grego, se não quiser”, escreveu o Dr. Larch para Homer Wells. “Este não é um país livre?”

Homer Wells estava começando a ter dúvidas. No mesmo envelope da carta do Dr. Larch havia uma carta do velho Snowy Meadows que o Dr. Larch lhe encaminhava. Na opinião de Wilbur Larch, Snowy era um tolo, “mas um tolo persistente”.

“Oi, Homer, sou eu – Snowy”, começara Snowy Meadows. Ele explicava que seu nome era agora Robert Marsh – “dos Marsh de Bangor, a grande família dos móveis”.

A família dos móveis?, pensou Homer Wells.

Snowy continuava, interminável, contando como conhecera e casara com a garota dos seus sonhos, como preferira o negócio de móveis em vez de ir para a universidade, como estava feliz por ter escapado de St. Cloud’s; Snowy acrescentava que esperava que Homer também tivesse “escapado”.

“E o que você sabe de Fuzzy Stone?”, indagava Snowy Meadows. “O velho Larch diz que Fuzzy está indo muito bem. Eu gostaria de escrever para Fuzzy, se você souber o endereço dele.”

O endereço de Fuzzy Stone!, pensou Homer Wells. E o que o “velho Larch” estava querendo dizer (ao escrever que “Fuzzy está indo muito bem”)? Indo muito bem em quê?, perguntou Homer Wells. Mas escreveu para Snowy Meadows dizendo que Fuzzy Stone estava de fato indo muito bem, que não sabia onde guardara o endereço de Fuzzy e que achava que a cultura de maçãs era um trabalho saudável e satisfatório. Homer acrescentou que não tinha planos imediatos de visitar Bangor, mas certamente procuraria “os móveis Marsh”, se algum dia fosse à cidade. E não, concluiu ele, não concordava com a ideia de Snowy de que “uma espécie de reunião em St. Cloud’s” seria sensacional; tinha certeza de que o Dr. Larch jamais aprovaria tal plano; confessava que sentia saudade da enfermeira Angela e da enfermeira Edna, e do Dr. Larch também, é claro, mas não era melhor deixar o lugar para trás? “Não é para isso que serve?,” perguntou Homer Wells a Snowy Meadows. “Um orfanato não é um lugar que se deve deixar para trás?”

Depois, Homer escreveu para o Dr. Larch:

“Que história é essa de Fuzzy Stone estar ‘indo muito bem’ – indo muito bem em QUÊ? Sei que Snowy Meadows é um idiota, mas se você vai lhe contar uma história sobre Fuzzy Stone, não acha que é melhor me pôr a par de tudo?”

No momento oportuno, no momento oportuno, pensou Wilbur Larch, cansado; ele estava se sentindo acossado. O Dr. Gingrich e a Sra. Goodhall haviam convencido o conselho de administração; o conselho solicitara que Larch atendesse à recomendação do Dr. Gingrich de um “relatório de acompanhamento” sobre o sucesso (ou fracasso) de cada órfão, em cada lar adotivo. Se esse trabalho adicional era tedioso demais para o Dr. Larch, o conselho recomendava que ele acatasse a sugestão da Sra. Goodhall e

aceitasse um assistente administrativo. Já não tenho história suficiente para cuidar?, pensou Larch. Ele estava descansando no dispensário; cheirou um pouco de éter e se acalmou. Gingrich e Goodhall, disse a si mesmo. Gingham e Goodrich, murmurou. Richhall e Gingham! Gooding e Hallrich! Ele despertou, rindo.

– O que está achando tão engraçado? – indagou a enfermeira Angela, abruptamente, do corredor.

– Goodballs e Ding Dong! – respondeu Wilbur Larch. Ele foi para a sala da enfermeira Angela, com uma vingança. Tinha planos para Fuzzy Stone. Telefonou para o Bowdoin College (onde Fuzzy Stone concluiria com sucesso o curso preparatório) e para a Faculdade de Medicina de Harvard (onde Larch tencionava que Fuzzy se saísse bem, muito bem). Disse ao interlocutor no Bowdoin que uma quantia considerável fora doada ao orfanato em St. Cloud's com o propósito expresso de pagar o curso de medicina para um rapaz ou moça excepcional que estivesse disposto – mais do que disposto, até mesmo devotado – a servir St. Cloud's. O Dr. Larch poderia ter acesso aos registros dos graduados recentes do Bowdoin que haviam ingressado na faculdade de medicina? Contou uma história um pouco diferente à Faculdade de Medicina de Harvard; queria acesso aos registros, mas nesse caso o dinheiro fora doado para uma bolsa de estudos de especialização em obstetrícia.

Era a primeira viagem que Wilbur Larch fazia desde que saíra no encalço de Clara, a primeira vez em que dormia em outro lugar que não o dispensário desde a Primeira Guerra Mundial, mas precisava conhecer os registros no Bowdoin e na Faculdade de Medicina de Harvard. Somente assim poderia criar um registro apropriado para Fuzzy Stone; solicitou o uso de uma máquina de escrever e algum papel – “Um dos formulários de registros em branco seria o ideal” – e fingiu datilografar os nomes e credenciais de uns poucos candidatos interessantes.

– Há muitos que seriam perfeitos, mas é impossível saber se algum poderia tolerar St. Cloud's – disse ele no Bowdoin e em Harvard. – Estamos muito isolados.

Agradeceu pela ajuda, devolvendo os registros (entre os quais o de Fuzzy, no lugar certo, na letra S).

De volta a St. Cloud's, o Dr. Larch escreveu para o Bowdoin e Harvard, solicitando cópias dos registros de alguns alunos destacados; explicou que reduzira suas opções àqueles poucos. Uma cópia do registro de Fuzzy Stone chegou pelo correio, junto com as outras.

Ao visitar a Faculdade de Medicina de Harvard, o Dr. Larch alugara uma caixa postal em Cambridge, no nome de Fuzzy. Escreveu então para o agente postal ali, solicitando que a correspondência para Fuzzy Stone fosse encaminhada para St. Cloud's. A caixa postal também seria útil se o jovem Dr. Stone assumisse o seu instinto fervoroso de aceitar uma missão no exterior. Enviou um envelope vazio para o endereço em Cambridge e ficou aguardando a devolução.

Quando o envelope foi devolvido – e ele teve certeza assim que o sistema funcionava –, o Dr. Larch compôs o resto da história de Fuzzy Stone e sua família adotiva (chamada Eames), enviando-a para o conselho de administração, junto com o endereço de Fuzzy. Não precisou inventar coisa alguma sobre Curly Day; ficou todo arrepiado ao escrever o nome Roy Rinfret, e contou a verdade sobre Snowy Meadows e a maioria dos outros, embora tivesse dificuldade em datilografar “os Marsh dos móveis” sem soltar uma gargalhada; ao chegar ao caso de Homer Wells, pensou com muito cuidado na melhor maneira de apresentar o problema cardíaco.

Entre os membros do conselho não havia um especialista em coração ou radiologista, nem mesmo um cirurgião; havia um clínico geral muito idoso, que o Dr. Larch tinha certeza de que nunca lera coisa alguma. Larch não considerava o Dr. Gingrich um médico; para

ele, os psiquiatras não eram absolutamente nada. Além disso, estava convencido de que poderia intimidar a Sra. Goodhall com um pouco do jargão.

Ele confessou ao conselho (todos não se sentem lisonjeados por uma confiança?) que se absteria de mencionar o problema do coração de Homer ao próprio Homer; admitiu ter protelado, mas argumentou que preocupar o garoto poderia agravar o problema e queria que Homer ganhasse confiança no mundo exterior antes de sobrecarregá-lo com aquele perigoso conhecimento – mas tencionava sobrecarregar Homer, muito em breve. Larch disse que informara os Worthington do problema cardíaco; assim, eles podiam ser mais protetores de Homer do que o normal; não se incomodara em explicar-lhes a presença do sopro ou detalhar as características exatas da estenose da válvula pulmonar. Teria o maior prazer em fornecer os detalhes ao conselho, caso eles o desejassem. E divertiu-se ao pensar na Sra. Goodhall examinando uma radiografia.

Concluiu com a declaração de que achava que o pedido do conselho de relatórios de acompanhamento fora uma boa ideia e que gostara muito de prepará-los; em vez de precisar de um assistente administrativo para realizar tal serviço, o Dr. Larch disse que se sentira “positivamente energizado” pela “tarefa agradável” – já que, acrescentou, acompanhar a vida adotiva de seus órfãos sempre estivera em sua mente. E às vezes bem no topo da minha cabeça, pensou.

Estava exausto e esqueceu de circuncidar um garoto recém-nascido que a enfermeira Angela preparara para a operação. Pensou que uma mulher que aguardava um aborto era a mulher que dera à luz no dia anterior, e por isso lhe disse que seu bebê estava saudável, passando muito bem. Derramou um pouco de éter no rosto e precisou de um colírio para limpar os olhos.

Ficou irritado por ter encomendado preservativos demais – já tinha muitos em St. Cloud’s. Desde que Melony partira que ninguém

mais estava roubando os preservativos. Ao pensar em Melony, sentia-se preocupado, o que também o deixava irritado.

Voltou à sala da enfermeira Angela e escreveu um relatório, que era real, sobre o ceceio de David Copperfield; deixou de mencionar que o parto de David Copperfield fora realizado por Homer Wells. Escreveu um relatório ligeiramente fictício sobre o órfão chamado Steerforth, observando que seu parto fora tão simples que a enfermeira Edna e a enfermeira Angela puderam efetuar-lo sozinhas, sem a assistência de um médico. Escreveu a verdade sobre Smoky Fields: o garoto guardava comida, uma característica que era mais comum na divisão de garotas do que entre os meninos. Além disso, Smoky começava a exibir um padrão de insônia que Larch não testemunhara em St. Cloud's "desde os tempos de Homer Wells".

A lembrança daqueles tempos trouxe lágrimas instantâneas a seus olhos, mas recuperou-se o suficiente para escrever que tanto ele como a Sra. Grogan estavam preocupados com Mary Agnes Cork; ela exibira frequentes depressões desde a partida de Melony. Também disse a verdade sobre Melony, embora optasse por não incluir os atos de vandalismo. Larch escreveu sobre Mary Agnes: "Talvez ela se considere herdeira da posição anterior de Melony, mas não possui a característica dominante que é inerente a qualquer papel de poder ou liderança." Aquele idiota do Dr. Gingrich vai gostar disso, imaginou Larch. "Papel", disse Larch em voz alta, desdenhoso. Como se os órfãos pudessem se dar ao luxo de imaginar que possuem *papéis*.

Impulsivamente, foi ao dispensário e inflou dois preservativos. Tenho de usar essas coisas de alguma forma, pensou. Usou uma caneta de marcar roupa para escrever o nome GINGRICH em um preservativo e o nome GOODHALL em outro. Pegou os dois balões e saiu à procura da enfermeira Angela e da enfermeira Edna.

Elas estavam na divisão de garotas, tomando chá com a Sra. Grogan, quando o Dr. Larch as encontrou.

– Ahá! – exclamou Larch, surpreendendo as mulheres, que não estavam acostumadas a vê-lo na divisão de garotas, exceto para a dose noturna de *Jane Eyre...* e ainda menos acostumadas a vê-lo brandir em seus rostos preservativos marcados.

– Dr. Gingrich e Sra. Goodhall, eu presumo! – disse Larch, fazendo uma mesura para elas.

No instante seguinte, ele pegou um bisturi e estourou os balões. No andar de cima, Mary Agnes Cork ouviu o barulho e sentou na cama, onde estava deitada numa soturna depressão. A Sra. Grogan estava aturdida demais para falar.

Depois que o Dr. Larch deixou as mulheres com o chá e voltou ao hospital, a enfermeira Edna foi a primeira a se manifestar.

– Wilbur está trabalhando demais – disse ela, cautelosa. – Não é de admirar que ele consiga encontrar tempo para uma brincadeira?

A Sra. Grogan ainda estava incapaz de falar, mas a enfermeira Angela disse:

– Acho que o velho está ficando pirado.

A enfermeira Edna pareceu se sentir pessoalmente atingida por esse comentário; repôs a xícara no pires com bastante firmeza, antes de falar:

– Acho que é o éter.

– Sim e não – disse a enfermeira Angela.

– Acha que é Homer Wells também? – indagou a Sra. Grogan.

– Acho – respondeu a enfermeira Angela. – É o éter e é Homer Wells e é a velhice e são aqueles novos membros do conselho. É tudo, em suma. É St. Cloud's.

E é também o que aconteceu com Melony – acrescentou a Sra. Grogan, desatando a chorar ao dizer o nome de Melony.

Lá em cima, Mary Agnes Cork ouviu o nome de Melony e também chorou.

– Tenho certeza de que Homer Wells voltará – declarou a enfermeira Angela.

Mas isso a dissolveu em lágrimas de tal forma que a enfermeira Edna foi obrigada a confortá-la, assim como à Sra. Grogan:

– Calma, calma – disse a enfermeira Edna às duas. Mas ela especulou: será o rapaz ou a moça quem vai cuidar de todos nós?

– Ó Senhor... – começou a Sra. Grogan. Lá em cima, Mary Agnes Cork inclinou a cabeça e cruzou as mãos; comprimindo a quina das mãos num determinado ângulo, ela podia reconstituir um pouco da dor que sentira com a antiga fratura da clavícula. A Sra. Grogan continuou a oração: Ó Senhor, sustente-nos durante o dia inteiro até que as sombras se alonguem e a noite chegue, o mundo movimentado fique em silêncio, a febre da vida acabe e nosso trabalho esteja realizado.

Naquela noite, na escuridão, acompanhando o gemido de uma coruja, a enfermeira Edna murmurou “Amém” para si mesma, enquanto escutava o Dr. Larch fazendo sua ronda, beijando cada um dos meninos – até mesmo Smoky Fields, que guardava sua comida e a escondia na cama, que fedia e que só fingia estar adormecido.

Na roda-gigante, muito acima do terreno do parque de diversões e da praia em Cape Kenneth, Homer Wells tentava localizar o telhado da casa de sidra, mas estava escuro e não havia luzes – e mesmo que a casa estivesse iluminada ou que fosse o dia mais claro possível, a distância era muito grande. Somente as luzes mais fortes do parque de diversões, especialmente as luzes da roda-gigante, eram visíveis do telhado da casa de sidra; a visibilidade inversa não existia.

– Quero ser um piloto – disse Wally. – Quero voar. Juro que quero. Se eu tivesse um brevê de piloto e meu próprio avião, poderia pulverizar os pomares... arrumaria um avião para pulverizar as plantações, mas o pintaria como um caça. Não é fácil guiar aqueles pulverizadores estúpidos por trás daqueles tratores estúpidos, subindo e descendo aquelas colinas estúpidas.

Era isso que o pai de Candy, Ray, estava fazendo naquele momento; Meany Hyde estava doente, e Everett Taft, o capataz, perguntara a Ray se se importava de realizar uma pulverização noturna – afinal, Ray conhecia o equipamento muito bem. Era a última pulverização antes da colheita e em algum lugar no interior às escuras, estendendo-se além da roda-gigante, Raymond Kendall e Vernon Lynch avançavam a pulverizar por Ocean View.

– Às vezes era Wally quem fazia a pulverização; Homer estava aprendendo. E às vezes Herb Fowler pulverizava, só que protestava contra a pulverização noturna. (“Tenho coisas melhores para fazer à noite”, dizia.) Era melhor pulverizar à noite porque o vento caía, especialmente ao longo da costa.

Wally não estava pulverizando naquela noite porque era a sua última noite em casa; voltaria à universidade pela manhã.

– Vai tomar conta de Candy para mim, não é, Homer? – perguntou Wally, enquanto estavam por cima da costa rochosa e da praia apinhada de Cape Kenneth; as fogueiras esparsas das festas de fim de verão na praia piscavam, enquanto a roda-gigante descia.

Candy terminaria seu último ano na academia para moças em Camden; passaria a maioria dos fins de semana em casa, mas Wally permaneceria em Orono, a não ser nos feriados compridos do Dia de Ação de Graças e do Natal.

– Certo – disse Homer Wells.

– Se eu estivesse voando... na guerra – disse Wally. – Se eu me alistasse e se voasse, se estivesse num bombardeiro, preferiria o B-24 em vez do B-25. Preferiria ser *estratégico* e não *tático*, bombardear coisas, e não pessoas. E não gostaria de pilotar um caça na guerra. Também serve para acertar pessoas.

Homer Wells não sabia do que Wally estava falando; Homer não acompanhava a guerra – não tinha conhecimento das notícias. Um B-24 era um quadrimotor, um bombardeiro pesado, usado para bombardeio estratégico – pontes, refinarias de petróleo, depósitos

de combustível, linhas ferroviárias. Também bombardeava fábricas, mas não largava bombas sobre exércitos. Esse era o trabalho do B-25 – um bombardeiro tático médio. Wally estudara a guerra – com mais interesse do que dedicava à botânica (ou seus outros cursos) na Universidade do Maine. Mas a guerra, que era chamada – no Maine, naquele tempo – de “a guerra na Europa”, estava muito longe dos pensamentos de Homer. As pessoas com famílias são as pessoas que se preocupam com as guerras.

Os beduínos têm guerras?, especulou Homer Wells. E se têm, até onde se importam?

Estava ansioso para que a colheita começasse; estava curioso em conhecer os migrantes, em ver os negros. Não sabia por quê. Eles seriam como os órfãos? Não chegavam a pertencer a lugar algum? Não eram de suficiente utilidade?

Porque amava Wally, ele resolveu manter os pensamentos a distância de Candy. Era o tipo de determinação que realçava o seu senso de elevação, na roda-gigante. E naquela noite havia um plano; Homer Wells – um órfão afeiçoado à rotina – gostava de ter um plano para todas as noites, mesmo que não se sentisse excitado com aquele.

Levou Wally, no Cadillac de Sênior, até o curral de lagostas de Ray Kendall, onde Candy esperava. Deixou Candy e Wally ali. Ray estaria pulverizando a plantação por várias horas, e Candy e Wally queriam uma despedida particular, antes que Ray voltasse para casa. Homer iria buscar Debra Pettigrew e a levaria ao *drive-in* em Cape Kenneth; seria a primeira vez que iriam ao *drive-in* sem a companhia de Wally e Candy, e Homer se perguntava se haveria alguma variação nas regras de toque-isto-mas-não-aquilo quando ficasse a sós com Debra. Enquanto navegava por um curso seguro através dos violentos cachorros dos Pettigrew, sentia-se desapontado consigo mesmo por não estar ansioso em descobrir se Debra violaria ou não as regras. Um cachorro particularmente atlético latiu muito

alto, perto de seu rosto, mas a corrente em torno do pescoço pareceu estrangular o animal em pleno ar; o cachorro caiu de lado, soltando um gemido, e demorou a levantar. Por que as pessoas querem ter cachorros?, especulou Homer.

Era um filme *western*, pelo qual Homer só pôde concluir que atravessar o país numa caravana de carroças era um exercício de insanidade e sofrimento; no mínimo, pensou, devia-se fazer alguns acordos com os índios antes da partida. O filme era desprovido de acordos, e Homer foi incapaz de fazer um para o uso dos preservativos de Herb Fowler, que tinha no bolso – “para qualquer emergência”. Debra Pettigrew se mostrava consideravelmente mais livre do que antes, mas nem por isso a barreira final era menos firme.

– Não! – gritou ela uma vez.

– Não há necessidade de gritar – disse Homer Wells, retirando a mão do lugar proibido.

– É a segunda vez que você faz essa coisa em particular – ressaltou Debra, uma certeza matemática (e outras certezas) evidente em sua voz.

No Maine, em 194-, Homer Wells era forçado a aceitar que havia permissão para o que chamavam de “agarramento”; o que chamavam de “pôr para fora” também se enquadrava nas regras, mas o que ele fizera com Melony – o que Grace Lynch parecia estar lhe oferecendo e o que Candy e Wally faziam (ou haviam feito, pelo menos uma vez) – a tudo isso a resposta era “Não!”.

Mas como Candy engravidara?, pensou Homer Wells, com o rostinho úmido de Debra Pettigrew comprimido contra o seu peito. Os cabelos de Debra faziam cócegas em seu nariz, mas ele conseguia ver por cima de sua cabeça – e pôde testemunhar o massacre dos índios. Com Herb Fowler dispensando preservativos ainda mais depressa do que o Dr. Larch os distribuía às mulheres em St. Cloud’s, como Wally pudera deixá-la grávida? Wally era um

homem *prevenido*; Homer Wells não podia entender por que Wally se interessava tanto pela guerra. Mas um órfão poderia se preocupar por ser mimado e jamais testado? Um órfão se sentia entediado ou inquieto... ou esses estados de espírito constituem um luxo? Ele se lembrou de que Curly Day se sentia entediado.

– Está dormindo, Homer? – indagou Debra Pettigrew.

– Não. Estava apenas pensando.

– Pensando em quê?

– Como é possível que Wally e Candy façam tudo e nós não fazemos?

Debra Pettigrew pareceu ficar cautelosa com a pergunta, ou pelo menos estava surpresa com a sua brusquidão; compôs uma resposta com bastante cuidado.

– Bom... – começou ela, em tom filosófico. – Eles estão apaixonados... Wally e Candy. Não estão?

– Certo – disse Homer Wells.

– Você nunca disse que estava apaixonado... por mim – acrescentou Debra. – E eu nunca disse que estava apaixonada... por você.

– Tem razão – disse Homer. – Então é contra as regras fazer a coisa se a pessoa não está apaixonada?

– Pense de outra maneira. – Debra Pettigrew mordeu o lábio inferior. Era tão difícil quanto ela sempre imaginara. – Se a pessoa está apaixonada e ocorre um acidente... se a garota engravida, então os dois podem casar, se estão apaixonados. Wally e Candy estão apaixonados e vão casar se houver um acidente.

Talvez, pensou Homer Wells, talvez na *próxima* vez. Mas o que ele disse foi:

– Estou entendendo.

Pensou em outra coisa: então são *essas* as regras! Tratam de acidentes, engravidar, não querer ter um filho. Será que isso é tudo?

Pensou em tirar o preservativo do bolso e mostrá-lo a Debra Pettigrew. Se o argumento era o de que uma gravidez acidental constituía o único motivo para não fazer, o que ela achava da alternativa que Herb Fowler apregoava com tanta insistência? Mas ao argumentar dessa maneira, ele não estaria sugerindo que toda intimidade podia ser grosseiramente justificada – ou que era grosseira por si mesma? Ou a intimidade só seria grosseira para ele?

No filme, vários escalpos humanos pendiam de uma lança; por motivos inexplicáveis para Homer Wells, os índios lutavam pela lança, como se a lança fosse um grande tesouro. Subitamente, um oficial de cavalaria teve a mão pregada em uma árvore por uma flecha; o homem fez o maior esforço (usando os dentes e a outra mão) para arrancar a flecha da árvore, embora ainda continuasse espetada em sua mão. Um índio com um *tomahawk* aproximou-se do oficial de cavalaria; parecia o fim, especialmente porque o homem insistia em tentar engatilhar a pistola com o polegar da mão que tinha a flecha espetada.

Por que ele não usa a mão boa?, especulou Homer Wells. Mas o polegar funcionou; a pistola – finalmente – foi engatilhada. Homer Wells concluiu por essa demonstração que a flecha atravessara a mão sem afetar o nervo que vai para os músculos do polegar. Um homem de sorte, pensou Homer Wells, enquanto o oficial de cavalaria acertava um tiro no coração do índio, que avançava – devia ser o coração, pensou Homer Wells, porque o índio teve morte instantânea. Era curioso como ele podia ver as gravuras da mão na *Anatomia de Gray* mais nitidamente do que podia ver o filme.

Levou Debra para casa, pedindo-lhe perdão por não acompanhá-la até a porta; um dos cachorros estava solto, arrebitara a corrente e arremetia furioso contra a janela do motorista (que Homer levantara bem a tempo). Respirava, babava e batia com os dentes no vidro, que ficou tão embaçado e manchado que Homer teve dificuldade em ver quando fez a volta com o Cadillac.

– Pare com isso, Eddy! – estava gritando Debra Pettigrew para o cachorro, enquanto Homer se afastava. – Pare com isso, Eddy, *por favor!*

Mas o cachorro perseguiu o Cadillac por mais de um quilômetro. Eddy?, pensou Homer Wells. A enfermeira Angela não dera a alguém o nome de Eddy? Ele achava que sim, mas devia ser alguém que fora adotado depressa, como sempre deveria acontecer.

Quando chegou ao curral das lagostas, Ray já estava em casa. Fazia um chá e esquentava as mãos rachadas e enrugadas sobre a chaleira – sob as unhas quebradas havia a graxa preta permanente do mecânico.

– Olhem só quem sobreviveu ao *drive-in!* – disse Ray. – É melhor sentar um pouco e tomar um chá comigo.

Homer podia avistar Candy e Wally no píer, abraçados. Ray acrescentou:

– Acho que os enamorados não sentem frio. Parece que eles nunca mais vão acabar de se despedir.

Homer sentiu-se feliz por tomar o chá e sentar em companhia de Ray; gostava de Ray e sabia que Ray gostava dele.

– O que você aprendeu hoje? – perguntou-lhe Ray. Homer já ia falar alguma coisa sobre as regras do *drive-in*, mas achou que não era disso que Ray estava falando.

– Nada – respondeu Homer Wells.

– Aposto que aprendeu alguma coisa – insistiu Ray. – É um aprendiz, e sei disso porque eu também era assim. Depois que descobre como alguma coisa é feita, passa a saber como fazê-la pessoalmente. É isso o que estou querendo dizer.

Ray ensinara Homer a fazer a troca de óleo e a lubrificação, a regular um motor, a distribuição do combustível e o alinhamento de rodas; para espanto de Ray, Homer depois se lembrara de tudo. Também lhe mostrara como trabalhar uma válvula. Em apenas um verão, Homer Wells aprendera mais sobre mecânica do que Wally

sabia. Mas não era apenas a habilidade manual de Homer que Ray apreciava; Ray respeitava a solidão e imaginava que um órfão tinha a sua cota considerável.

– Aposto que não há nada que você não possa aprender... nada que suas mãos não se lembrem, se pegarem uma coisa, o que quer que seja – comentou Ray.

– Certo – disse Homer Wells, sorrindo.

Ele lembrou o perfeito equilíbrio do jogo de dilatadores com as pontas Douglass; como se podia segurar um firmemente, entre o polegar e o indicador, encostando a haste no dedo do meio. O dilatador se deslocava só e exatamente quando e para onde se o deslocava. E como era maravilhosamente preciso, pensou Homer: o fato de o espécuro vaginal ser fabricado em mais de um tamanho; o fato de que sempre havia um tamanho que era o absolutamente certo. E como se podia alcançar um ajuste delicado com apenas meia volta do parafuso de controle manual, como o espécuro de bico de pato podia manter os lábios da vagina abertos na largura exata.

Homer Wells, 21 anos, respirando o vapor do chá quente, esperava que sua vida começasse.

No Cadillac com Wally, voltando a Ocean View – a beleza de rocha e água de Heart's Haven sendo substituída pela terra mais árida e emaranhada de Heart's Rock –, Homer disse:

– Eu estava pensando... mas não me diga nada, se prefere não falar a respeito... estava pensando em como Candy engravidou. Você não estava usando nada?

– Claro que estava – respondeu Wally. – Usava um dos preservativos de Herb Fowler, mas tinha um buraco.

– Tinha um buraco?

– Não era muito grande, mas deu para perceber que tinha um buraco... pois vazou tudo.

– Qualquer buraco é bastante grande – comentou Homer.

– Tem toda a razão. Do jeito como ele carrega as coisas, provavelmente foi espetado por alguma coisa em seu bolso. – Acho que não usa mais os preservativos que Herb Fowler joga em você – disse Homer Wells.

– Isso mesmo.

Depois que Wally estava dormindo – tão serenamente como um príncipe, tão tranquilo quanto um rei –, Homer Wells saiu da cama, pegou sua calça, encontrou as camisas de vênus no bolso e levou uma para o banheiro, e a encheu na torneira de água fria. O buraco era mínimo, mas preciso – um esguicho de água fino, mas ininterrupto saía pela extremidade. O buraco era maior que uma alfinetada, mas não tão grande quanto o que uma unha faria; talvez Herb Fowler usasse uma tacha ou a ponta de um compasso, pensou Homer Wells.

Era o tipo de buraco deliberado, a posição exata, bem no centro. O pensamento de Herb Fowler fazendo os buracos provocou um sobressalto em Homer. Ele lembrou o primeiro feto que vira, voltando do incinerador – como parecia ter caído do céu. Recordou os braços estendidos do feto assassinado de Three Mile Falls. E a equimose que passava de verde para amarelo no seio de Grace Lynch. A viagem de Grace a St. Cloud's teria sido originada por um dos preservativos de Herb Fowler?

Em St. Cloud's, ele testemunhara a angústia e as formas mais óbvias de infelicidade – e depressão e destruição. Também conhecia a mesquinhez e a injustiça. Mas isso não é o mal?, especulou Homer Wells. Já vi o mal antes? Pensou na mulher com o pênis do pônei na boca. O que se faz quando se reconhece o mal?, perguntou a si mesmo.

Olhou pela janela de Wally – mas no escuro, em sua imaginação, viu a encosta erodida e ainda não plantada por trás do hospital e da divisão de meninos em St. Cloud's; viu a floresta densa, mas danificada, que absorvia o som, além do rio que carregava seu pesar

por Fuzzy Stone. Se soubesse a oração da Sra. Grogan, ele a teria experimentado, mas a oração que Homer usava para se acalmar era o final do capítulo 43 de *David Copperfield*. Faltando ainda mais 20 capítulos, talvez aquelas palavras fossem indefinidas demais para uma oração, e Homer pronunciou-as para si mesmo indeciso – não como se acreditasse que as palavras fossem verdadeiras, mas como se tentasse forçá-las a serem; repetindo e repetindo as palavras, poderia fazer com que se tomassem verdadeiras para *ele*, Homer Wells:

Tenho me posto de lado para ver os fantasmas daqueles dias passarem por mim. Já se foram, e retomo o curso da minha história.

Mas durante toda aquela noite, Homer permaneceu acordado, porque os fantasmas daqueles dias não se foram. Como os buracos mínimos e terríveis nos preservativos, os fantasmas daqueles dias não eram fáceis de perceber – e seu significado era desconhecido –, mas estavam ali.

Wally partiu pela manhã, desanimado, a caminho da universidade, em Orono. No dia seguinte, Candy partiu para a academia em Camden. No dia anterior à chegada da turma de colhedores a Ocean View, Homer Wells – o mais alto e o mais velho garoto na escola secundária de Cape Kenneth – compareceu à primeira reunião da turma de biologia 2. Sua amiga Debra Pettigrew teve de levá-lo ao laboratório; Homer se perdera no caminho e entrara numa aula de oficina em madeira.

O livro de biologia 2 era *Anatomia prática do coelho*, de B. A. Bensley; o texto e as ilustrações eram intimidativos para os outros alunos, mas Homer foi dominado pela saudade. Foi um choque para ele descobrir como sentia falta do exemplar tão manuseado da *Anatomia de Gray*, que pertencia ao Dr. Larch. À primeira vista, Homer foi crítico de Bensley; enquanto Gray começava com o esqueleto, Bensley iniciava pelos tecidos. Mas o professor não era

nenhum tolo; o Sr. Hood era um homem cadavérico, mas deixou Homer bastante satisfeito ao anunciar que não tencionava seguir o texto com exatidão – que o curso, como na *Anatomia de Gray*, começaria pelos ossos. Confortado pelo que lhe era rotina, Homer Wells saboreou sua primeira visão do velho e amarelado esqueleto de um coelho. A turma estava em silêncio; alguns alunos ficaram repugnados. Esperem só até chegar ao sistema urogenital, pensou Homer Wells, os olhos deslizando sobre os ossos perfeitos; mas o pensamento também deixou-o chocado. Compreendeu que estava ansioso em chegar ao sistema urogenital do pobre coelho.

Tinha uma visão lateral do crânio do coelho; testou-se ao nomear as partes – era muito fácil para ele: craniano, orbital, nasal, frontal, mandíbula, maxilar, pré-maxilar. Como se lembrava tão bem de Clara e das outras, que tanto lhe haviam ensinado!

Quanto a Clara, foi finalmente levada a repousar num lugar que não poderia ter escolhido pessoalmente – o cemitério em St. Cloud's ficava na parte abandonada da cidade. O que talvez fosse apropriado, pensou o Dr. Larch, que supervisionou o sepultamento de Clara, porque a própria Clara fora abandonada – e certamente fora mais explorada e examinada do que jamais fora amada.

A enfermeira Edna ficou chocada ao ver a remoção do caixão, mas a enfermeira Angela assegurou-lhe que nenhum dos órfãos falecera durante a noite. A Sra. Grogan acompanhou o Dr. Larch ao cemitério; Larch lhe pedira que fosse porque sabia que a Sra. Grogan apreciava toda e qualquer oportunidade de dizer sua oração. (Não havia ministro, padre ou rabino em St. Cloud's; se palavras sagradas eram necessárias, alguém vinha de Three Mile Falls para dizê-las. Era um testemunho do crescente isolacionismo de Wilbur Larch o fato de se recusar a pedir qualquer coisa a Three Mile Falls, preferindo a Sra. Grogan – se era obrigado a escutar uma oração.)

Foi o primeiro enterro em que Wilbur Larch chorou; a Sra. Grogan sabia que as lágrimas não eram por Clara. Larch não teria

sepultado Clara se pensasse que Homer Wells voltaria algum dia.

– Pois ele está *enganado* – declarou a enfermeira Angela. – Até mesmo um santo pode cometer um erro. Homer Wells voltará. Ele *pertence* a este lugar, quer goste ou não.

Será o éter?, especulou o Dr. Larch. Ele estava querendo dizer que talvez fosse o éter que lhe proporcionava a impressão cada vez mais intensa de que sabia de tudo o que ia acontecer. Por exemplo, previra a carta que chegou para Fuzzy Stone – encaminhada da caixa postal de Fuzzy.

– Isto é alguma piada de mau gosto? – indagou a enfermeira Angela, revirando o envelope.

– Ficarei com isso, por favor – disse o Dr. Larch. Era do conselho de administração, como ele esperava.

Era por isso que queriam os seus relatórios de acompanhamento e haviam solicitado os endereços dos órfãos. Larch sabia que o estavam investigando.

A carta para Fuzzy começava com cordiais votos de felicidade; dizia que o conselho sabia de muita coisa sobre Fuzzy por intermédio do Dr. Larch, mas gostaria de saber qualquer coisa a mais sobre “a experiência de St. Cloud’s” de Fuzzy – qualquer coisa, é claro, que ele quisesse “partilhar”.

A “experiência de St. Cloud’s” pareceu a Wilbur Larch um acontecimento místico. O questionário anexo deixou-o furioso, mas divertiu-se ao tentar imaginar quais das perguntas haviam sido concebidas pelo enfadonho Dr. Gingrich e quais haviam aflorado da mente assustadora da Sra. Goodhall. O Dr. Larch também se divertiu ao imaginar como Homer Wells, Snowy Meadows e Curly Day – e todos os outros – responderiam àquele tolo questionário, mas encarou o problema com toda a seriedade. Queria que as respostas de Fuzzy Stone ao questionário fossem perfeitas. Queria ter certeza de que o conselho de administração jamais se esqueceria de Fuzzy Stone.

Havia cinco perguntas. Cada uma fora baseada na pressuposição incorreta de que cada criança devia estar pelo menos com 5 ou 6 anos antes de ser adotada. Essa e outras tolices convenceram Wilbur Larch de que o Dr. Gingrich e a Sra. Goodhall seriam adversários fáceis.

1. Sua vida em St. Cloud's foi supervisionada de maneira apropriada? (Por favor, inclua em sua resposta se alguma vez achou que seu tratamento foi especialmente afetuoso ou especialmente instrutivo; queremos saber também se o tratamento foi alguma vez abusivo.)
2. Recebeu atenção médica adequada em St. Cloud's?
3. Foi convenientemente preparado para sua nova vida num lar adotivo e acha que seu lar adotivo foi cuidadosa e corretamente escolhido?
4. Sugere quaisquer melhorias possíveis nos métodos e administração de St. Cloud's? (Especificamente, acha que as coisas seriam melhores para você se houvesse uma equipe residente mais jovem e mais dinâmica – ou talvez simplesmente uma equipe maior?)
5. Houve alguma tentativa de integrar a vida cotidiana do orfanato com a vida da comunidade ao redor?

– *Que comunidade?* – gritou Wilbur Larch. Ele estava parado à janela da sala da enfermeira Angela e olhava para a encosta desolada em que Wally quisera plantar macieiras. Por que eles não tinham voltado e plantado as árvores idiotas, mesmo que toda aquela história fosse apenas para me agradar?, pensou Larch.

– *Que comunidade?* – berrou Wilbur Larch.

Ah, sim, pensou ele, eu poderia ter pedido ao chefe da estação para lhes oferecer instrução religiosa – para falar-lhes sobre o caos aterrador das almas errantes, pairando em cada nicho do céu. E poderia ter pedido também àquele nobre senhor que mostrasse os seus catálogos de roupas íntimas.

Poderia ter pedido à família de espancadores de crianças de Three Mile Falls que viesse ali uma vez por semana para dar aulas. Poderia reter algumas das mulheres que vieram abortar e pedir que revelassem, a todos nós, por que não queriam ter um filho naquele momento particular de suas vidas; ou poderia convidar algumas das mães a voltarem elas explicariam aos filhos por que os deixaram aqui! *Isso* teria sido bastante instrutivo! Oh, Deus, pensou Wilbur Larch, que *comunidade* poderíamos ter – se ao menos eu fosse mais jovem, mais *dinâmico*!

Claro que cometi alguns erros, pensou ele; e por uma ou duas horas sinistras, recordou alguns. Se ao menos eu soubesse como fazer uma máquina de respirar, pensou ele – se ao menos eu pudesse proporcionar pulmões diferentes a Fuzzy.

E talvez Homer Wells lhes diga que não estava “convenientemente preparado” para a sua primeira visão de um feto. E havia alguma maneira de preparar Homer para Three Mile Falls, para os Draper de Waterville, para os Winkle sendo arrastados no rio? Qual era a minha opção?, especulou Wilbur Larch. Suponho que poderia *não* iniciá-lo como aprendiz.

“Somos trazidos a este mundo para sermos de utilidade”, escreveu Wilbur Larch (como Fuzzy Stone) ao conselho de administração. “É melhor *fazer* do que criticar”, escreveu um jovem idealista, Fuzzy Stone. “É melhor fazer qualquer coisa do que ficar ociosamente de braços cruzados.” Isso mesmo, Fuzzy, diga a eles!, pensou o Dr. Larch.

E assim, Fuzzy Stone disse ao conselho de administração que o hospital de St. Cloud’s era modelar. “Foi Larch quem me fez querer ser um médico”, escreveu Fuzzy. “O velho Larch – ele é uma inspiração. Fala-se em dinamismo – ele é cheio de vigor como um adolescente.

“É melhor tomar cuidado com os jovens que enviarem a St. Cloud’s – o velho Larch vai pô-los para trabalhar tanto que acabarão

doentes. Ficarão tão cansados que irão embora em um mês!

“E pensam que aquelas velhas enfermeiras não cumprem um dia de trabalho? Pois vou lhes dizer uma coisa: quando a enfermeira Angela está jogando bola, a impressão que se tem é de uma competição olímpica. Falam em *tratamento afetuoso* – pois são eles, em pessoa. Estão sempre abraçando e beijando a gente, mas também sabem como meter um pouco de juízo em alguém.

“Falam em *supervisão*. Alguma vez já descobriram que estão sendo observados por corujas? Assim são a enfermeira Edna e a enfermeira Angela – verdadeiras *corujas*, não perdem coisa alguma. E algumas garotas costumavam dizer que a Sra. Grogan sabia o que faziam antes mesmo de fazerem – antes de sequer saberem que iam fazer!

“E falam de *comunidade*. St. Cloud’s era uma coisa muito especial. Lembro de pessoas que saltavam do trem e subiam a colina só para conhecer o lugar – devia ser porque éramos uma comunidade modelar, para a região. Lembro nitidamente dessas pessoas, vindo e indo, vindo e indo – estavam ali apenas para nos ver, como se fôssemos uma das maravilhas do Maine.”

Uma das maravilhas do Maine?, pensou Wilbur Larch, fazendo o maior esforço para se controlar. Uma lufada de vento desgarrada entrou pela janela aberta na sala da enfermeira Angela, trazendo um pouco da fumaça preta do incinerador; a fumaça levou Larch para mais próximo de seus sentidos. É melhor eu parar, pensou ele. Não quero me deixar arrebatado.

Ele descansou no dispensário depois de seu esforço histórico. A enfermeira Edna foi dar uma olhada nele; Wilbur Larch era uma das maravilhas do Maine para ela, e por isso se preocupava com ele.

O próprio Larch também se preocupou um pouco, quando acordou. Para onde o tempo foi? O problema é que tenho de durar, pensou ele. Podia reescrever a história, mas não podia alterar o tempo; as datas estavam fixadas; o tempo marchava em seu próprio

ritmo. Mesmo que pudesse convencer Homer Wells a cursar uma genuína faculdade de medicina, ainda levaria tempo. Haveria necessidade de uns poucos anos para que Fuzzy Stone concluísse seu aprendizado. Tenho de durar até que Fuzzy esteja em condições de me substituir, pensou Wilbur Larch.

Sentiu vontade de ouvir de novo a oração da Sra. Grogan, e por isso foi para a divisão de garotas um pouco mais cedo, para a leitura habitual de *Jane Eyre*. Ouviu escondido no corredor a oração da Sra. Grogan. Devo perguntar a ela se não se importaria de dizer a oração para os meninos, pensou, mas depois especulou se não confundiria os meninos, logo na esteira ou pouco antes da bênção dos Príncipes do Maine, Reis da Nova Inglaterra. O Dr. Larch sabia que ele próprio ficava às vezes confuso.

– Conceda-nos um alojamento seguro e santo descanso – estava dizendo a Sra. Grogan –, a paz finalmente.

Amém, pensou Wilbur Larch, o santo de St. Cloud's, que tinha setenta e poucos anos, era um viciado em éter e sentia que percorrera um longo caminho, mas ainda faltava muito a percorrer.

Ao ler o questionário enviado pelo conselho de administração de St. Cloud's, Homer Wells não soube exatamente o que o deixava ansioso. Claro que o Dr. Larch e o restante do pessoal estavam envelhecendo, mas sempre haviam sido "mais velhos" para ele. Ocorreu-lhe especular o que poderia acontecer a Sr. Cloud's quando o Dr. Larch estivesse velho demais, mas esse pensamento era tão perturbador que ele meteu o questionário e o envelope para a resposta no seu exemplar de *Anatomia prática do coelho*. Além do mais, era o dia em que os migrantes chegavam; era o tempo da colheita em Ocean View, e Homer Wells estava muito ocupado.

Ele e a Sra. Worthington receberam a turma de colhedores no mercado de maçãs e levaram a todos para os alojamentos na casa de sidra – mais da metade já colhera antes em Ocean View e conhecia o caminho; o chefe da turma era o que a Sra. Worthington

chamava de “um veterano”. Ele pareceu muito jovem a Homer. Era o primeiro ano em que a Sra. Worthington tratava diretamente com os colhedores e seu chefe; a contratação pelo correio fora uma das responsabilidades de Sênior Worthington, que sempre argumentara que a manutenção de um bom chefe de turma, ano após ano, permitia que ele se encarregasse de contratar o pessoal, assim como supervisionar a todos durante a colheita.

O nome do chefe era Arthur Rose, e ele parecia ter mais ou menos a idade de Wally – apenas um pouco mais velho do que Homer –, embora devesse ter mais; era o chefe da turma há cinco ou seis anos. Houvera um ano em que Sênior Worthington escrevera para o velho que era seu chefe de turma há tanto tempo quanto Olive podia se lembrar e Arthur Rose lhe respondera, dizendo que seria agora o novo chefe de turma – “o velho chefe está cansado de viajar”, informara Arthur Rose. No final das contas, descobrira-se que o velho chefe estava apenas morto, mas Arthur Rose fizera um bom trabalho. Ele levava o número certo de colhedores e bem poucos abandonaram o trabalho ou perderam mais do que um ou dois dias pelo excesso de bebida. Parecia haver um firme controle sobre as brigas entre eles – mesmo quando estavam acompanhados por algumas mulheres. E quando ocasionalmente havia uma criança no grupo, ela também se comportava. Havia sempre colhedores que caíam de escadas, mas não houvera ferimentos mais graves. Havia sempre pequenos acidentes em torno da prensa de sidra – mas aconteciam à noite, quando os homens estavam cansados ou haviam bebido um pouco. E havia os previsíveis descuidos ou bebedeiras que acarretavam os raros acidentes inerentes ao uso quase ritual do telhado da casa de sidra.

Dirigir uma plantação proporcionara a Olive Worthington um sentimento afetuoso pelas horas do dia e uma profunda desconfiança da noite; a maioria das encencas em que as pessoas se metiam, na opinião de Olive, acontecia porque elas ficavam acordadas até tarde.

Olive escrevera a Arthur Rose para comunicar a morte de Sênior, dizendo que agora lhe competia a responsabilidade pela turma da colheita em Ocean View. Escrevera-lhe para o endereço habitual – uma caixa postal numa cidadezinha chamada Green, na Carolina do Sul –, e Arthur Rose respondera prontamente, apresentando pêsames e a garantia de que a turma chegaria como sempre, no prazo marcado e no número correto.

E cumpriu a palavra. Só quando escrevia o nome dele num envelope ou quando o registrava anualmente em seu cartão de Natal (“Feliz Natal, Arthur!”) é que Olive Worthington o tratava por Arthur; e também ninguém mais o chamava de Arthur. Por motivos que nunca foram explicados a Homer Wells, mas talvez porque era necessário que um bom chefe de turma mantivesse uma presença de autoridade, ele era *Mister* Rose para todo mundo.

Quando Olive apresentou-o a Homer Wells, essa medida de respeito ficou patente.

– Homer – disse Olive –, este é Mister Rose. E este é Homer Wells.

– Prazer em conhecê-lo, Homer.

– Homer tornou-se meu braço direito – informou Olive, afetuosamente.

– Fico contente em saber disso, Homer!

Mister Rose apertou a mão de Homer com vigor, embora a largasse com uma rapidez inesperada. Não estava mais bem-vestido que o resto da turma de colhedores e também era magro, como a maioria; contudo, exibia uma certa classe em seus andrajos. Se o paletó estava sujo e rasgado, era um modelo jaquetão listrado, que em sua história já proporcionara muita elegância a alguém. Mister Rose usava uma gravata de seda genuína como cinto, os sapatos também eram bons, e bons sapatos eram vitais para o trabalho na plantação; eram velhos, mas bem engraxados, de solas novas, aparência confortável, em boas condições. As meias combinavam. O

jaquetão tinha um bolso de relógio e continha um relógio de ouro que funcionava; ele olhava o relógio naturalmente e com frequência, como se o tempo lhe fosse muito importante. Tinha o rosto tão bem barbeado que dava a impressão de que nunca precisara fazer a barba; era liso, da cor do mais escuro chocolate amargo, e a boca se movimentava habilmente em torno de uma pastilha branca de menta, que sempre o envolvia com uma fragrância de frescura.

Ele falava e se movimentava lentamente – de uma maneira modesta, mas também determinada; tanto na fala como nos gestos, dava a impressão de ser humilde e contido. Mas quando alguém o observava imóvel, sem falar, ele parecia extraordinariamente rápido e seguro.

Era um dia quente de veranico, e o mercado de maçãs ficava bastante afastado da costa para não receber a pouca brisa marinha que podia soprar. Mister Rose e a Sra. Worthington conversavam entre os veículos estacionados e em movimento da plantação; o resto da turma de colhedores esperava em seus carros – as janelas arriadas, uma orquestra de dedos pretos tamborilando nos lados dos carros. Havia 17 colhedores e um cozinheiro – nenhuma mulher ou criança naquele ano, para alívio de Olive.

– Muito simpático – comentou Mister Rose, sobre as flores na casa de sidra.

A Sra. Worthington referiu-se às regras que pregara junto ao interruptor, na parede da cozinha.

– Pode fazer o favor de mostrar as regras a todos? – perguntou Olive.

– Sou bom de regras – disse Mister Rose, sorrindo.

Enquanto Homer abria a porta do furgão para Olive, Mister Rose acrescentou:

– Apareça para assistir à primeira prensa, Homer. Tenho certeza de que pode encontrar coisas melhores para assistir... cinema e por

aí... mas se tiver algum tempo de sobra, venha ver a gente fazer um pouco de sidra. Cerca de mil galões.

Ele arrematou timidamente e arrastou os pés, como se ficasse envergonhado por estar se gabando.

– Tudo o que precisamos é de oito horas e cerca de 300 *bushels* de maçãs. – Uma pausa, e ele repetiu, orgulhoso: – Mil galões.

No furgão, Olive Worthington disse a Homer:

– Mister Rose é um trabalhador e tanto. Se os outros fossem como ele, poderiam melhorar muito.

Homer não compreendeu o tom. Percebia em sua voz admiração, simpatia – e até mesmo afeição –, mas havia também o gelo que envolve um ponto de vista antigo e imutável.

Felizmente para Melony, a turma de colheita na York Farm incluía duas mulheres e uma criança; ela se sentiu segura para permanecer na casa de sidra. Uma das mulheres era uma esposa e a outra, sua mãe e cozinheira; a esposa saía para a colheita com a turma, enquanto a velha cuidava da comida e da criança – que se mantinha silenciosa, a ponto de inexistência. Só havia um chuveiro, e ficava ao ar livre – instalado atrás da casa de sidra, numa plataforma de blocos de concreto de cinzas, sob um antigo caramanchão, as treliças apodrecidas pelo tempo. As mulheres tomavam banho primeiro, no final da tarde, e não permitiam que ninguém espiasse. O chefe da turma de colhedores na York Farm era um homem afável – a esposa era dele – e não fez objeções a que Melony partilhasse a casa de sidra com seu pessoal.

Seu nome era Rather; era um apelido, derivado do seu lacônico hábito de comentar durante cada atividade que preferia^[1] estar fazendo alguma outra coisa. Sua autoridade parecia menos certa e menos firme do que a autoridade imposta por Mister Rose; ninguém o chamava de *Mister* Rather. Era um colhedor eficiente, mas não muito rápido, o que não o impedia de ser responsável por mais de

100 *bushels* por dia. Melony precisou de apenas um dia para observar que os outros colhedores pagavam uma comissão a Rather. Davam-lhe um *bushel* para cada 20 *bushels* que colhiam.

– Afinal – explicou Rather a Melony –, sou eu quem arruma o trabalho para eles.

Ele gostava de dizer que sua comissão, nas circunstâncias, era “um tanto pequena”, mas nunca insinuou que Melony lhe devia qualquer coisa.

– Afinal, não fui eu quem lhe arrumou o trabalho! – disse ele, jovialmente.

Em seu terceiro dia no campo, Melony já estava colhendo 80 *bushels*; também ajudou como engarrafadora na primeira prensa de sidra. Mas Melony estava desapontada; encontrara tempo para indagar se alguém ouvira falar de Ocean View e ninguém conhecia o lugar.

Talvez porque encarasse tudo com um pouco menos de ceticismo do que Melony impunha a cada uma de suas experiências, Homer Wells precisou de alguns dias para perceber a comissão que Mister Rose arrancava de sua turma. Ele era o colhedor mais rápido, sem jamais parecer se apressar – e nunca deixava cair uma fruta; nunca machucava as maçãs por bater com o balde de lona nos degraus da escada. Mister Rose poderia chegar sozinho a 110 *bushels* por dia, mas Homer acabou concluindo que, mesmo com a sua velocidade, a média de 150 a 160 por dia era alta demais. Sua comissão era de apenas um *bushel* em cada 40, mas tinha uma turma de 15 homens e nenhum colhia menos que 80 *bushels* por dia. Mister Rose colhia meia dúzia de *bushels* bem depressa, depois descansava um pouco ou supervisionava a técnica de colheita dos outros.

– Um pouco mais devagar, George – dizia ele. – Se machucar essa fruta, para que ela vai servir?

– Apenas para sidra – respondia George.

– Tem razão, George. E maçãs de sidra só valem 5 centavos por *bushel*. – Está certo.

– Tudo vai dar certo – arrematava Mister Rose.

Choveu no terceiro dia, e ninguém colheu; tanto as maçãs como os colhedores deslizavam na chuva, e as frutas se tornam mais sensíveis a machucaduras.

Homer foi assistir a Meany Hyde e Mister Rose conduzirem a primeira prensa de sidra, que orientaram fora do alcance dos respingos. Puseram dois homens na prensa, dois no engarrafamento, trocando-os quase de hora em hora. Meany estava atento a apenas uma coisa: se as tábuas estavam tortas ou direitas. Quando as tábuas são ajeitadas tortas, pode-se perder a prensa – 300 *bushels* de maçãs de uma só vez, 8 ou 10 galões de sidra e o bagaço voando em todas as direções. Os homens na prensa usavam aventais de borracha; os engarrafadores, botas de borracha. O zunido do moedor lembrou a Homer Wells os sons que ele apenas imaginara em St. Cloud's – as serras que eram ensurdecedoras em seus sonhos e em sua insônia. A bomba sugava, o esguicho despejava uma polpa de sementes, cascas e maçãs esmagadas, até mesmo bichos (se havia bichos). Parecia o que a enfermeira Angela chamava de "piriri". Da tina grande sob a prensa a sidra passava zunindo por uma tela giratória, sendo filtrada para o tonel de mil galões em que recentemente Grace Lynch se mostrara a Homer.

Em oito horas de trabalho, eles tinham mil galões. As jarras foram levadas para o frigorífico. Um homem chamado Branches (galhos) foi encarregado de limpar o tonel e a tela giratória; o nome derivava de sua habilidade nas árvores grandes – e do desdém pelo uso da escada. Um homem chamado Hero lavou os panos da prensa; Meany Hyde explicou a Homer que o homem fora uma espécie de herói.

– Isso é tudo o que sei. Há anos que ele vem para cá, mas já foi um herói. Apenas uma vez.

Era como se pudesse haver mais vergonha inerente à raridade do heroísmo do homem do que havia glória para ser louvada por seu momento ao sol.

– Aposto que se sentiu entediado – comentou Mister Rose para Homer.

Homer mentiu, disse que achara muito interessante; oito horas observando o preparo de sidra são várias horas em excesso de interesse.

– Tem de vir à noite para pegar a sensação de verdade – confidenciou Mister Rose. – Essa foi apenas um prensa de dia de chuva. Quando se colhe o dia inteiro e se prensa à noite, então a gente tem a *sensação* toda.

Piscou para Homer, presumindo que conseguiria fazer com que um segredo da vida se tomasse absolutamente claro; depois, entregou a Homer um copo com sidra. Homer tomara sidra o dia inteiro, mas agora o copo lhe foi oferecido solenemente – algum compromisso sobre a prensa de sidra à noite estava sendo assumido naquele instante –, e Homer pegou-o e bebeu. Seus olhos ficaram aguados no mesmo momento; a sidra estava tão temperada com rum que Homer sentiu o rosto arder e o estômago pegar fogo. Sem dizer mais nada, Mister Rose pegou o copo e ofereceu o restante ao homem chamado Branches, que tomou tudo sem precisar fazer qualquer ajustamento no jato da mangueira que empunhava.

Enquanto punha as jarras de sidra no furgão, Homer viu o copo passar para Meany Hyde e o homem chamado Hero – tudo sob a tranquila supervisão de Mister Rose, que não revelara a fonte do rum a ninguém. A expressão “um presente para esconder” ocorreu a Homer Wells em relação a Mister Rose; Homer não tinha a menor ideia de onde vinha a expressão; devia ser de Charles Dickens ou Charlotte Brontë, pois duvidava que a tivesse encontrado na *Anatomia de Gray* ou na *Anatomia prática do coelho*, de Bensley.

Não havia desperdícios nos movimentos que se podia ver de Mister Rose – uma quantidade que Homer associara anteriormente apenas ao Dr. Larch; claro que o Dr. Larch tinha outras qualidades, muito diferentes, como também acontecia com Mister Rose.

No mercado de maçãs, a colheita parecia num impasse momentâneo, contida pela chuva, que Big Dot Taft e as outras mulheres observavam sombriamente de suas posições na linha de montagem do empacotamento.

Ninguém pareceu ficar muito excitado com a sidra que Homer levou. Estava muito fraca, como costuma acontecer com a primeira sidra, muito aguada – composta tipicamente das primeiras Macs e Gravensteins. Não se consegue uma boa sidra até outubro, Meany Hyde dissera a Homer, e Mister Rose confirmara com um solene aceno de cabeça. Uma boa sidra precisa de algumas das maçãs colhidas ao final – Golden Delicious e Winter Banana, assim como as Baldwins ou Russets.

– A sidra não tem vapor antes de outubro – comentou Big Dot Taft, dando uma tragada em seu cigarro apaticamente.

Homer Wells, escutando Big Dot Taft, sentia-se como a voz dela – apático. Wally estava longe, Candy estava longe, e a anatomia de um coelho não representava um desafio, depois de Clara; os migrantes, que esperara com tanta ansiedade, eram apenas trabalhadores simples e esforçados; a vida era apenas um trabalho. Ele crescera sem notar *quando*? Não havia nada de extraordinário na transição?

Tiveram quatro dias de tempo bom para a colheita em Ocean View antes de Meany Hyde anunciar que haveria uma prensa noturna. Mister Rose novamente convidou Homer para ir à casa de sidra, a fim de “ter a sensação”. Homer teve um jantar tranquilo com a Sra. Worthington, e só depois de ajudá-la a lavar a louça é que disse que iria à casa de sidra para ajudar no que pudesse; sabia que haveria trabalho árduo por duas ou três horas.

– Que bom trabalhador você é, Homer! – exclamou Olive, satisfeita.

Homer Wells deu de ombros. Era uma noite fria e clara, o melhor tempo para as maçãs McIntosh – dias quentes e ensolarados e noites frias. Não estava tão frio que Homer não pudesse sentir o cheiro das maçãs enquanto se encaminhava para a casa de sidra, não estava tão escuro que precisasse se manter na estrada de terra; podia atravessar os pomares. Porque não estava na estrada, pôde se aproximar da casa de sidra sem ser observado.

Permaneceu lá fora por algum tempo, além do alcance das luzes no interior, escutando os homens trabalharem na prensa, rindo e conversando – e o murmúrio dos homens que falavam e riam no telhado da casa de sidra. Homer Wells escutou por um longo tempo, mas compreendeu que não podia absolutamente entender os homens quando eles não faziam um esforço para serem entendidos por um branco – nem mesmo Mister Rose, cuja voz tímida parecia pontuar as outras vozes com interjeições, calmas, mas enfáticas.

Também prensavam sidra naquela noite na York Farm, mas Melony não estava interessada; também não estava interessada em compreender o processo ou o dialeto. O chefe da turma, Rather, deixara-lhe bem claro que os homens se ressentiam de seu trabalho na prensa ou mesmo no engarrafamento, pois reduzia o pagamento extra deles. De qualquer forma, Melony estava cansada de colher. Deitou em sua cama na casa de sidra, lendo *Jane Eyre*; havia um homem adormecido na extremidade do alojamento, mas a luz de leitura de Melony não o incomodava – ele bebera cerveja demais, que era tudo o que Rather permitia que seus homens bebessem. A cerveja era mantida no frigorífico, ao lado da moenda, e os homens bebiam e conversavam enquanto operavam a prensa.

A mulher amável chamada Sandra, esposa de Rather, estava sentada numa cama não muito longe de Melony, tentando consertar o zíper da calça de um dos homens. O nome do homem era Sammy,

e ele só tinha uma calça; de vez em quando, ele vinha da prensa para verificar se Sandra já terminara – uma cueca enorme pendendo até os joelhos encaroçados, as pernas por baixo parecendo trepadeiras resistentes.

A mãe de Sandra, a quem todos chamavam de Ma e que cozinhava refeições simples, mas substanciais para toda a equipe, estava estendida ao lado de Sandra, com mais do que sua cota de cobertores empilhados por cima – ela estava sempre com frio, mas era a única coisa de que se queixava.

Sammy entrou no alojamento, tomando uma cerveja e trazendo o odor de purê de maçã; os respingos da prensa pontilhavam suas pernas nuas.

– Com pernas assim, não é de admirar que queira sua calça de volta – comentou Sandra.

– Quais são as minhas chances? – perguntou Sammy.

– Primeiro, o zíper está emperrado. Segundo, você o rasgou da calça.

– Por que está com tanta pressa do zíper? – indagou Ma, sem se mexer, em sua posição encolhida, sob os cobertores.

– Merda! – disse Sammy.

Ele voltou à prensa. De vez em quando a moenda prendia em alguma coisa – uma haste mais grossa ou um acúmulo de sementes – e fazia um barulho que nem o de uma serra circular encontrando um nó na madeira. Quando isso acontecia, Ma dizia:

– Lá se vai a mão de alguém.

Ou então:

– Lá se vai a cabeça inteira de alguém. Bebeu demais e caiu lá dentro.

Apesar de tudo, Melony ainda conseguia ler. Não estava sendo antissocial, em sua opinião. As duas mulheres a tratavam muito bem, depois de terem compreendido que ela não estava interessada em qualquer dos homens. Os homens respeitavam seu trabalho – e

a marca que lhe fora feita pelo namorado desaparecido. Embora caçoassem dela, não lhe queriam mal.

Ela mentira com êxito para um dos homens, e a mentira, como sabia que aconteceria, se espalhara. O homem era chamado Quarta-Feira, sem qualquer motivo que fosse explicado a Melony – e ela não estava bastante interessada para perguntar por quê. Quarta-Feira lhe fizera muitas perguntas sobre a Ocean View em particular que estava procurando e o namorado que tentava encontrar.

Melony prendera sua escada numa árvore carregada e estava tentando soltá-la sem derrubar qualquer maçã; Quarta-Feira a ajudava quando ela disse de repente:

– Não acha que estou usando uma calça muito apertada?

Quarta-Feira contemplou-a e murmurou:

– Eu diria que sim.

– Pode ver tudo nos bolsos, certo?

Quarta-Feira tornou a olhar e viu apenas o estranho formato de foice da presilha de cabelos parcialmente aberta; comprimida pelo brim, beliscava a coxa de Melony. Era a presilha que Mary Agnes Cork roubara de Candy e Melony por sua vez roubara dela. Um dia, ela imaginava, seus cabelos poderiam ser bastante compridos para que a presilha se tornasse útil. Até então, ela a carregava como uma faca de bolso sobre a coxa direita.

– O que é isso? – perguntou Quarta-Feira.

– É uma faca de pênis – respondeu Melony.

– Uma faca de quê?

– Você me ouviu. É bem pequena e afiada... e só serve para uma coisa.

– O quê?

– Para cortar a ponta de um pênis – explicou Melony. – Bem depressa, bem fácil... só a ponta.

Se a turma de colhedores na York Farm fosse de homens que andavam com facas, alguém poderia pedir a Melony para mostrar

sua faca de pênis – apenas como um objeto de apreciação entre amigos que usavam facas. Mas ninguém lhe pediu; a história parecia ter sido aceita. Combinou com as outras histórias atribuídas a Melony e consolidou a impressão latente e inquietante entre os trabalhadores na York Farm: que Melony não era uma pessoa com quem se podia puxar briga. Até os bebedores de cerveja se comportavam junto de Melony.

O único efeito pernicioso de os colhedores da York Farm beberem cerveja enquanto prensavam sidra era a constância com que urinavam, a que Melony só protestava quando se aliviavam perto da casa de sidra.

– Ei, não quero ouvir isso! – berrava ela pela janela quando podia escutar alguém mijando. – E também não quero ficar sentindo o cheiro depois! Vá para longe do prédio! Qual é o problema... tem medo de escuro?

Sandra e Ma gostavam de Melony por isso e gostavam do refrão; sempre que ouviam alguém urinando, não deixavam de gritar, em uníssono:

– Qual é o problema? Tem medo do escuro?

Mas se todos toleravam a dureza de Melony ou até a apreciavam por isso, ninguém gostava de sua leitura à noite. Ela era a única que lia alguma coisa, e levou algum tempo para compreender como todos achavam que a leitura era um ato de hostilidade, como se sentiam insultados.

Depois que terminaram a prensa naquela noite e todos se ajeitaram em suas camas, Melony perguntou, como sempre, se a sua luz de leitura estava incomodando alguém.

– A *luz* não incomoda ninguém – respondeu Quarta-Feira.

Houve murmúrios de concordância e Rather disse: – Vocês todos se lembram de Cameron?

Houve risos, e Rather explicou a Melony que Cameron, que trabalhava na York Farm por anos, era tão bebê que precisava de

uma luz acesa durante a noite inteira para poder dormir.

– Ele achava que bichos iam comê-lo se apagasse a luz! – acrescentou Sammy.

– Que bichos? – indagou Melony.

– Cameron não sabia – disse alguém.

Melony continuou a ler *Jane Eyre*, e depois de algum tempo Sandra comentou:

– Não é a *luz* que nos incomoda, Melony.

– Isso mesmo – acrescentou alguém.

Melony não percebeu nada a princípio, mas gradativamente foi constatando que todos haviam se virado em suas camas e a fitavam, agressivos.

– Muito bem – disse ela. – O que incomoda vocês?

– Afinal, o que está lendo? – perguntou Quarta-Feira.

– Isso aí – disse Sammy. – O que há de tão especial nesse livro?

– É apenas um livro – respondeu Melony.

– Grande coisa que você pode ler, hein? – disse Quarta-Feira.

– Como? – murmurou Melony.

– Se você gosta tanto, talvez a gente possa gostar também – comentou Rather.

– Querem que eu leia para vocês? – indagou Melony.

– Alguém leu para mim um dia – informou Sandra.

– Não fui eu! – exclamou Ma. – E também não foi seu pai!

– Eu nunca disse que foi! – gritou Sandra.

– Nunca ouvi alguém ler para ninguém – disse Sammy.

– Nem eu – declarou alguém.

Melony percebeu que alguns dos homens estavam apoiados nos cotovelos, em suas camas, esperando. Até mesmo Ma virou a massa enorme na direção da cama de Melony.

– Fiquem quietos, todos – ordenou Rather.

Pela primeira vez em sua vida, Melony estava com medo. Depois de todos os seus esforços e tantas viagens, sentiu que fora recambiada à divisão de garotas, sem percebê-lo; mas não era apenas isso. Era a primeira vez que alguém esperava alguma coisa dela; sabia o que *Jane Eyre* significava para ela, mas o que podia significar para eles? Lera para crianças muito pequenas para compreenderem sequer a metade das palavras, muito pequenas para prestarem atenção até o fim de uma frase, mas eram órfãs – prisioneiras da rotina da leitura em voz alta; era a rotina que importava.

Melony estava além da metade em sua terceira ou quarta jornada por *Jane Eyre*. Disse:

– Estou na página 208. Muita coisa aconteceu antes.

– Basta ler para a gente – insistiu Sammy.

– Talvez eu devesse começar do início – sugeriu Melony.

– Basta ler o que está lendo para você – disse Rather, gentilmente.

A voz nunca lhe tremera antes, mas Melony começou a ler assim mesmo:

– “O vento rugia alto na enorme árvore que enramava os portões.”

– O que é enramava? – perguntou Quarta-Feira.

– Como um ramo – disse Melony.

– Como uma coisa pairando por cima de você, como parreiras ou roseiras.

– É uma espécie de cobertura em que fica o chuveiro – acrescentou Sandra.

– Ahn... – murmurou alguém.

– “Mas a estrada, até onde eu podia ver” – continuou Melony –, “à direita e à esquerda, estava silenciosa e solitária...”

– O que é isso? – indagou Sammy.

– Solitária é *sozinha* – explicou Melony.

– Como a solitária que dá na barriga da gente – disse Rather, sob um murmúrio de aprovação.

– Parem de interromper – protestou Sandra.

– A gente tem de entender – insistiu Quarta-Feira.

– Cale essa boca – disse Ma.

– Leia – disse Rather a Melony, que tentou continuar:

– “... a estrada... silenciosa e solitária... salvo pelas sombras das nuvens cruzando-a a intervalos, enquanto a lua espiava, era uma linha comprida e pálida, invariável, a não ser por um ponto em movimento.”

– In o quê? – perguntou alguém.

– Invariável significa inalterado, não mudado – explicou Melony.

– Eu já sabia – declarou Quarta-Feira. – Essa eu peguei.

– Cale-se! – ordenou Sandra.

– “Uma lágrima pueril” – recomeçou Melony, parando em seguida. – Não sei o que significa “pueril”. Não é importante que vocês saibam o que significa cada palavra.

– Está certo – disse alguém.

– “Uma lágrima pueril toldou meu olho enquanto eu olhava... uma lágrima de desapontamento e impaciência; envergonhada, tratei de removê-la...”

– Sabemos o que é isso – murmurou Quarta-Feira.

– “... Eu persisti” – leu Melony.

– Você fez *o quê?* – indagou Sammy.

– Persistir... significa continuar, insistir! – exclamou Melony. E continuou a leitura: – “... a lua se fechou inteiramente em sua câmara, puxando a cortina de nuvem; a noite tornou-se mais escura...”

– Está começando a meter medo agora – comentou Quarta-Feira.

– “... a chuva chegou depressa, trazida pelo vento.” – Melony trocara “aragem” por “vento”, sem que eles soubessem. – “Ah, como

eu gostaria que ele viesse! Como eu gostaria que ele viesse!, exclamei, dominada por um presságio hipocondríaco.”

Melony parou ao dizer isso; as lágrimas enchiam seus olhos e não podia ver as palavras. Houve um silêncio prolongado, antes que alguém falasse.

– Ela foi dominada pelo *quê?* – indagou Sammy, visivelmente assustado.

– Não sei! – disse Melony, soluçando. – Acho que é alguma espécie de medo.

Eles se mantiveram respeitosos aos soluços de Melony por um momento, e depois Sammy disse:

– Acho que é uma história de terror.

– Por que você quer ler isso antes de tentar dormir? – perguntou Rather a Melony, com uma preocupação amigável.

Mas Melony se estendera em sua cama e apagara a luz. Depois que todas as luzes estavam apagadas, ela sentiu Sandra sentar ao seu lado; se fosse Ma, ela sabia, a cama vergaria mais.

– Se quer saber o que eu penso, acho melhor você esquecer o tal namorado – disse Sandra. – Se ele não contou a você onde podia ser encontrado, então ele não vale grande coisa.

Melony não sentia ninguém afagar suas têmporas desde a Sra. Grogan na divisão de garotas em St. Cloud’s; compreendeu que sentia muita falta da Sra. Grogan e por algum tempo isso afastou seus pensamentos de Homer Wells.

Depois que todos os outros já estavam dormindo, Melony tornou a acender a lâmpada de leitura; não importava o fracasso que *Jane Eyre* pudesse ser para os outros, sempre dera certo para Melony – sempre a ajudara –, e ela sentia que precisava de ajuda agora. Leu mais 20 páginas, ou por aí, mas Homer Wells não saiu de seus pensamentos. “Devo me separar de você por toda a vida”, leu, horrorizada. “Devo iniciar uma vida nova, entre rostos estranhos e paisagens estranhas.” A verdade dessas palavras encerrou o livro,

para ela, para sempre. Meteu-o debaixo da cama do alojamento da casa de sidra da York Farm, onde o deixaria. Se tivesse acabado de ler a passagem de *David Copperfield* que Homer Wells tanto amava e repetia para si mesmo, como se fosse uma prece esperançosa, ela também se descartaria de *David Copperfield*. “Tenho ficado de lado para ver os fantasmas daqueles dias passarem por mim.” Não há a menor possibilidade!, pensaria Melony. Ela sabia que todos os fantasmas daqueles dias estavam ligados a si mesma e a Homer Wells mais seguramente do que as próprias sombras. E assim Melony chorou antes de dormir – não estava esperançosa, mas estava determinada, a imaginação esquadrinhando a escuridão em busca de Homer Wells.

Não poderia tê-lo visto naquela noite – ele estava muito bem escondido, além do alcance das luzes que brilhavam na casa de sidra em Ocean View. Mesmo que espirrasse ou caísse, o barulho da moenda e da bomba esconderia sua presença. Observou o brilho vermelho dos cigarros que deslizavam e paravam no telhado da casa de sidra. Quando sentiu frio, foi observar a prensa e tomar um pouco de sidra com rum.

Mister Rose pareceu ficar contente ao vê-lo; ofereceu a Homer um drinque com bem pouca sidra, e juntos observaram a orquestra da moenda e da bomba. Um homem chamado Jack, que tinha uma cicatriz horrível através da garganta – o tipo de cicatriz de que se pensava ser impossível sobreviver –, manipulava o esguicho. Um homem chamado Orange ajeitava as tábuas e recebia os respingos com uma espécie de orgulho; seu nome era Orange porque tentara pintar os cabelos uma vez e ficaram cor de laranja – só que agora não restava qualquer resquício dessa cor. O rum deixara Jack e Orange furiosos no trabalho e indiferentes aos respingos, numa atitude desafiadora, mas Homer sentiu que Mister Rose, que parecia sóbrio, ainda estava no controle – o maestro dos homens e das máquinas, operando as duas coisas a pleno vapor.

– Vamos tentar sair daqui por volta de meia-noite – declarou Mister Rose, calmamente.

Jack cortou o fluxo de bagaço na prateleira de cima; Orange abaixou a prensa para o lugar.

No outro canto da sala, dois homens que Homer Wells não conhecia estavam engarrafando em alta velocidade. Um deles começou a rir, e seu companheiro o imitou, tão alto que Mister Rose gritou para os dois:

– O que há de tão engraçado?

Um dos homens explicou que seu cigarro caíra da boca para o tonel; a esse aviso, até Jack e Orange desataram a rir. Homer Wells sorriu, mas Mister Rose disse suavemente: – Então é melhor você tirar. Ninguém quer cigarro estragando a sidra.

Os homens ficaram quietos; só as máquinas continuaram com seus zunidos e gritos.

– Vamos – insistiu Mister Rose. – Trate de tirar seu cigarro.

O homem que perdera o cigarro olhou para o tonel de 1.000 galões; estava cheio apenas pela metade, mas ainda assim era uma piscina. Ele tirou as botas de borracha, mas Mister Rose disse:

– Não só as botas. Tire *todas* as suas roupas e depois vá tomar um banho de chuveiro... e não demore. Temos muito trabalho a fazer.

– Que história é essa? – perguntou o homem. – Tenho de me despir e tomar um banho só para nadar aí dentro?

– Você está imundo – insistiu Mister Rose. – E trate de se apressar.

– Ei, *você* é que pode ser tão rápido assim – disse o homem. – Se quer tirar aquela guimba de lá, pode ir buscar você mesmo.

Foi Orange quem falou para o homem:

– O que deu em você?

– *Como?* – indagou o homem.

– O que deu em você, cara? – repetiu Orange.

– Não se esqueça de que está no negócio de maçãs – lembrou Jack ao homem.

– E daí?

– Estou apenas dizendo que você está no negócio de maçãs.

Foi nesse instante que Mister Rose pegou o braço de Homer e lhe disse:

– Precisa ver a vista do telhado, meu amigo.

A pressão no cotovelo de Homer foi firme, mas gentil. Mister Rose levou Homer para fora da sala de moagem e depois pela porta da cozinha.

– Sabe qual é o negócio de Mister Rose, cara? – Homer ouviu Orange perguntar.

E também ouviu Jack acrescentar:

– Ele está no negócio de faca, cara.

– E não vai querer entrar no negócio de faca com Mister Rose, não é mesmo? – disse Orange.

– É melhor continuar só no negócio de maçãs que você vai se dar bem, cara – arrematou Jack.

Homer estava subindo a escada para o telhado atrás de Mister Rose quando ouviu o chuveiro ser ligado; era um chuveiro interno – mais privado do que o chuveiro na York Farm. A não ser pelos cigarros, os homens no telhado eram difíceis de ser ver, mas Homer pegou a mão de Mister Rose e acompanhou-o pela prancha no telhado até encontrarem dois bons lugares.

– Todos vocês já conhecem Homer – disse Mister Rose aos homens no telhado.

Houve um murmúrio de cumprimentos. O homem chamado Hero estava lá em cima, assim como o homem chamado Branches; havia alguém chamado Willy e mais dois ou três que Homer não conhecia, além do velho cozinheiro, conhecido como Black Pan, Panela Preta. O cozinheiro tinha o formato de um caldeirão; precisara fazer algum esforço para alcançar seu poleiro no telhado.

Alguém entregou a Homer uma garrafa de cerveja, mas a garrafa estava quente e cheia de rum.

– Parou de novo – disse Branches.

Todos olharam para o mar. As luzes da vida noturna de Cape Kenneth estavam tão baixas no horizonte que algumas não eram visíveis – apenas os seus reflexos, especialmente quando se projetavam para o oceano –, mas a roda-gigante ardia intensamente. Estava parada, permitindo o embarque dos novos passageiros, desembarcando os antigos.

– Talvez pare para respirar – acrescentou Branches, fazendo com que todos rissem.

Alguém sugeriu que parava para peidar, o que provocou risos ainda mais altos.

Foi então que Willy disse:

– Acho que tem de parar quando chega muito perto do chão.

Todos pareceram considerar a sério a sugestão. A roda-gigante recomeçou a se movimentar, e os homens no telhado da casa de sidra soltaram um gemido reverente.

– Lá vai ela de novo! – exclamou Hero.

– Parece uma estrela – disse Black Pan, o velho cozinheiro. – Parece fria, mas queima a gente quando se chega perto... é mais quente que uma chama!

– É uma roda-gigante – disse Homer Wells.

– Uma *o quê?* – perguntou Willy.

– Uma roda o quê? – perguntou Branches.

– Uma roda-gigante – repetiu Homer Wells. – Aquilo é o parque de diversões de Cape Kenneth, e aquela é a roda-gigante.

Mister Rose cutucou-o nas costelas, mas Homer não compreendeu. Ninguém falou por um longo tempo; quando Homer olhou para Mister Rose, este sacudiu a cabeça de leve.

– Já ouvi falar de alguma coisa assim – comentou Black Pan. – Acho que eles têm uma em Charleston.

– Parou de novo – observou Hero.

– Está largando os passageiros – disse Homer Wells. – E pegando outros.

– Há gente que *anda* naquela porra? – indagou Branches.

– Não sacaneia, Homer – disse Hero.

Homer tornou a sentir a cutucada nas costelas, e Mister Rose disse suavemente:

– Vocês todos são ignorantes... Homer está se divertindo um pouco com vocês.

Quando a garrafa de rum passou de mão em mão, Mister Rose se absteve.

– O nome Homer não significa nada para vocês? – perguntou Mister Rose aos homens.

– Acho que já ouvi falar – disse o cozinheiro Black Pan.

– Homer foi o primeiro contador de histórias do mundo! – anunciou Mister Rose. Houve outra cutucada nas costelas de Homer, enquanto Mister Rose acrescentava: O *nosso* Homer também conhece uma boa história.

– Mas que merda! – exclamou alguém, depois de um momento.

– Como é mesmo que você chama aquela roda, Homer? – perguntou Branches.

– Uma roda-gigante – respondeu Homer Wells.

– É isso aí! – gritou alguém, arrancando risadas de todos.

– Uma porra de uma *roda-gigante*! – gritou Hero. – Essa é muito boa!

Um dos homens que Homer não conhecia rolou pelo telhado. Todos esperaram que caísse lá embaixo no chão antes de o chamarem.

– Você está bem, seu idiota? – indagou Black Pan.

– Estou, sim – respondeu o homem.

Todos riram. Ao ouvir o chuveiro ser ligado de novo, Mister Rose compreendeu que seu homem da garrafa encontrara o cigarro e estava agora se lavando da sidra.

– Willy e Hero, vocês dois vão engarrafar agora – disse Mister Rose.

– Eu engarrafei da última vez – protestou Hero.

– Então está ficando muito bom na coisa – insistiu Mister Rose.

– Vou pensar um pouco – sugeriu alguém.

– Jack e Orange estão indo muito bem – declarou Mister Rose. – Vamos deixar eles continuarem mais um pouco.

Homer sentiu que deveria sair do telhado com Mister Rose. Ajudaram um ao outro na escada; no chão, Mister Rose disse a Homer, num sussurro, muito sério:

– Você tem de compreender uma coisa. Eles não querem saber o que é aquela coisa. De que adianta para eles saberem?

– Está bem – disse Homer Wells.

Ficou parado ali por algum tempo, fora do alcance das luzes na sala de moagem. Agora que estava mais familiarizado com o dialeto, podia compreender de vez em quando as vozes no telhado.

– Parou de novo – ouviu Branches dizer.

– Está pegando *passageiros!* – acrescentou alguém, provocando risadas.

– Querem saber de uma coisa? – disse Black Pan. – Talvez seja uma coisa do exército.

– Que exército? – perguntou alguém.

– Estamos quase em guerra – explicou Black Pan. – Ouvi isso.

– Merda – disse alguém.

– É uma coisa para os aviões verem – comentou Black Pan.

– Aviões de quem? – indagou Hero.

– Lá vai de novo – informou Branches.

Homer Wells voltou pelos pomares para a casa dos Worthington; ficou comovido ao verificar que a Sra. Worthington deixara acesa para ele a luz por cima da escada. Ao passar pelo quarto dela e avistar a luz por baixo da porta, disse:

– Boa-noite, Sra. Worthington. Estou de volta.

– Boa-noite, Homer.

Ele ficou olhando pela janela de Wally por algum tempo.

Não havia possibilidade, àquela distância, de poder testemunhar a reação no telhado da casa de sidra quando a roda-gigante de Cape Kenneth fosse desligada para a noite – quando todas as luzes se apagassem com uma piscadela, o que os homens no telhado diriam a respeito?

Talvez pensassem que a roda-gigante vinha de outro planeta e que voltara para lá, quando todas as luzes se apagassem.

E Fuzzy Stone não adoraria vê-la?, pensou Homer Wells. E também Curly Day e o pequeno Copperfield! E seria divertido andar na roda-gigante com Melony – apenas uma vez, para saber o que ela diria a respeito. O Dr. Larch não ficaria impressionado. Alguma coisa era um mistério para o Dr. Larch?

Pela manhã, Mister Rose resolveu descansar suas mãos mágicas entre as árvores; aproximou-se de Homer, que estava trabalhando como conferente no pomar, chamado Frying Pan, contando os engradados de um *bushel* antes de serem carregados no reboque e registrando o crédito de cada colhedor.

– Quero que você me mostre aquela roda – disse Mister Rose, sorrindo.

– A roda-gigante? – indagou Homer Wells.

– Se não se importa de me mostrar. Só que não pode haver qualquer conversa a respeito.

– Certo – disse Homer. – É melhor a gente ir logo, antes que fique muito frio e fechem pela temporada. Aposto que já está bastante frio lá em cima.

– Não sei se vou querer andar nela até ver a coisa – disse Mister Rose.

– Certo.

A Sra. Worthington deixou Homer levar o furgão, mas quando ele pegou Mister Rose na casa de sidra, todos ficaram curiosos.

– Temos de verificar uma coisa num pomar mais longe – explicou Mister Rose a seus homens.

– De que pomar mais longe ele está falando? – perguntou Black Pan a Hero, quando Homer e Mister Rose embarcaram no furgão.

Homer Wells lembrava o seu passeio na roda-gigante com Wally. Estava muito mais frio agora, e Mister Rose se manteve estranhamente calado durante todo o percurso até Cape Kenneth e bastante retraído enquanto avançavam juntos pelo parque de diversões. A turma do verão já sumira; algumas das barracas do parque já haviam sido fechadas.

– Não fique nervoso – disse Homer Wells a Mister Rose. – A roda-gigante é absolutamente segura.

– Não estou nervoso por causa da roda – explicou Mister Rose. – Está vendo muita gente da minha cor por aqui?

Homer nada percebera de hostil nos olhares das pessoas; como um órfão, sempre desconfiava que as pessoas o observavam especialmente – e por isso não se sentiu diferenciado pela companhia de Mister Rose. Mas agora prestou mais atenção aos olhares e compreendeu que os olhares que um órfão podia perceber eram apenas imaginários, em comparação.

Não havia fila quando chegaram à roda-gigante, mas tiveram de esperar que a viagem em andamento terminasse. Quando a roda parou, Homer e Mister Rose embarcaram e sentaram juntos no mesmo banco.

– Podemos sentar em bancos separados, se preferir – sugeriu Homer Wells.

– Vamos ficar assim – respondeu Mister Rose.

Quando a roda começou a subir, ele se manteve imóvel e empertigado, prendendo a respiração, até ficarem quase lá no alto.

– O pomar fica nessa direção – informou Homer Wells, apontando.

Mas Mister Rose olhava fixamente para a frente, como se a estabilidade de toda a roda-gigante dependesse de cada passageiro manter um perfeito equilíbrio.

– O que há de tão especial em fazer isso? – perguntou Mister Rose, muito rígido.

– Acho que é apenas pelo passeio e a vista – respondeu Homer Wells.

– Gosto da vista do telhado. – Quando a roda começou a descer, Mister Rose acrescentou: – Ainda bem que não comi muito hoje.

Ao passarem pelo nível do chão e começarem a subir outra vez, uma multidão considerável se formara – mas não pareciam estar em fila para a próxima viagem. Havia apenas dois casais e um garoto sozinho partilhando a roda com Homer e Mister Rose. Quando estavam de novo lá em cima, Homer compreendeu que a multidão se formara para observar Mister Rose.

– Eles vieram ver se negros voam – comentou Mister Rose. – Mas não vou a lugar algum... não para a diversão dos outros. Vieram ver se a máquina vai quebrar tentando carregar um negro... ou talvez queiram me ver vomitando.

– Não faça nada – disse Homer Wells.

– Esse é o conselho que tenho ouvido por toda a minha vida, garoto.

Quando começaram a descer, Mister Rose inclinou-se para fora do banco – perigosamente mais do que o necessário – e vomitou, num esplêndido arco, sobre a multidão lá embaixo. A multidão afastou-se como uma só pessoa, mas nem todos conseguiram se desviar a tempo.

Quando o banco estava outra vez lá embaixo, a roda-gigante parou, a fim de que o homem que estava passando mal pudesse saltar. A multidão recuara, exceto por um rapaz, que estava bastante salpicado de vômito. Quando Homer Wells e Mister Rose deixaram a área da roda-gigante, o rapaz adiantou-se e disse a Mister Rose:

– Parece que você vomitou *de propósito*.

– Quem pode vomitar de propósito? – indagou Mister Rose.

Continuou a andar, e Homer acompanhou-o. O rapaz era mais ou menos da idade de Homer; ele devia ter deveres de casa, pensou Homer Wells – se ainda está na escola, é uma escola noturna.

– Acho que você fez de propósito – insistiu o rapaz. Mister Rose parou de andar e perguntou:

– Qual é o seu negócio?

– Como? – murmurou o rapaz.

Homer Wells colocou-se entre os dois e disse:

– Meu amigo está passando mal. Por favor, deixe-o em paz.

– Seu *amigo*? – repetiu o rapaz.

– Pergunte a mim qual é o meu negócio – disse Mister Rose ao rapaz.

– Que porra de negócio é o seu, *Mister*? – gritou o rapaz.

Homer sentiu-se empurrado firmemente para o lado; viu que Mister Rose estava subitamente na frente do rapaz, peito a peito. Não havia o cheiro azedo de vômito na respiração de Mister Rose. De alguma forma, Mister Rose conseguira meter na boca uma de suas pastilhas de menta; a vigilância que desaparecera quando passava mal estava de volta a seus olhos. O garoto pareceu ficar surpreso por estar tão perto de Mister Rose e tão de repente; era um pouco mais alto e bem mais corpulento do que Mister Rose, mas mesmo assim parecia inseguro.

– Eu perguntei: que porra de negócio é o seu, *Mister*? – repetiu o rapaz.

Mister Rose sorriu e disse, em tom humilhante:

– Estou no negócio de vomitar!

Alguém na multidão soltou uma risada; Homer Wells sentiu um alívio intenso; Mister Rose sorria de tal maneira que permitia que o garoto sorrisse também.

– Desculpe se acertei em alguns de vocês – acrescentou Mister Rose, suavemente.

– Não foi nada – disse o rapaz, virando para se afastar.

Depois de dar alguns passos, o garoto tornou a se virar, inquisitivo, na direção de Mister Rose, que já pegara Homer Wells pelo braço e seguia em frente. Homer viu o choque no rosto do rapaz. O blusão de flanela do rapaz, ainda com o zíper fechado, estava completamente aberto, um único corte descendo da gola à cintura – e todos os botões da camisa por baixo haviam desaparecido. O garoto olhou para si mesmo, aturdido, depois para Mister Rose, que não olhou para trás; então, o garoto deixou-se ser arrastado para a segurança da multidão.

– Como conseguiu fazer aquilo? – perguntou Homer a Mister Rose, quando chegaram ao furgão.

– É preciso ter as mãos muito rápidas – explicou Mister Rose. – E a faca precisa ser muito afiada. Mas você *faz* mesmo é com os olhos. Seus olhos mantêm os olhos do outro afastados das suas mãos.

O blusão aberto do rapaz fez Homer se lembrar de Clara e de como um bisturi não cometia erros. Somente a mão comete erros. Ele sentia um frio no peito e dirigia muito depressa.

Quando Homer deixou a Drinkwater Road e avançou pelos pomares, seguindo para a casa de sidra, Mister Rose disse:

– Está vendo? Eu não estava certo? De que adianta... para os colhedores de maçãs... saberem da roda?

Não adianta mesmo saberem alguma coisa a respeito, pensou Homer Wells. E de que adiantaria para Melony, Curly Day, Fuzzy – ou qualquer outro beduíno?

– Não estou certo? – indagou Mister Rose.

– Certo – respondeu Homer Wells.

¹ Em inglês, *rather*: "... he'd rather be doing something else." (N. do T.)

A Oportunidade Bate

Depois da colheita na York Farm, o capataz pediu a Melony para ficar e ajudar na caçada aos ratos.

– Temos de liquidar os bichos antes que a terra congele ou eles vão controlar os pomares durante todo o inverno – explicou.

Os homens usavam aveia e milho envenenados, espalhando-os em torno das árvores e enfiando nos túneis dos ratos.

Pobres bichos, pensou Melony, mas tentou ajudar no extermínio dos ratos por alguns dias. Quando encontrava um túnel, tentava escondê-lo; nunca pôs qualquer veneno dentro. E só fingia espalhar a aveia e o milho envenenados em torno das árvores; não gostava do cheiro do veneno. Despejava a carga na estrada de terra e enchia seu saco com terra e cascalho, que espalhava pelos pomares.

– Tenham um bom inverno, camundongos – sussurrava ela para os bichos.

Começou a ficar muito frio na casa de sidra; deram-lhe uma estufa de lenha, que Melony virou para uma janela do alojamento; a estufa impedia a privada de congelar. A manhã em que a água do chuveiro lá fora estava congelada foi a manhã em que Melony decidiu seguir viagem. Lamentou apenas, por um instante, não poder ficar e salvar mais camundongos.

– Se está procurando outro pomar – advertiu o capataz –, não vai encontrar nenhum que contrate gente para o inverno.

– Eu gostaria de um emprego na cidade pelo inverno – disse Melony.

– Que cidade?

Melony deu de ombros. Prendera a pequena trouxa de suas coisas com o cinto de Charley; as mangas do casaco da Sra. Grogan alcançavam apenas a metade dos seus antebraços, e o casaco estava bastante apertado nos ombros e quadris – mas mesmo assim Melony parecia confortável nele.

– Não há cidades de verdade no Maine – acrescentou o capataz.

– Não é preciso muita coisa para ser uma cidade grande para mim – explicou Melony.

O capataz observou-a afastar-se pela mesma parte da estrada em que lhe gritara uma despedida antes. Era a época do ano em que as árvores estão desfolhadas e o céu parece chumbo, o chão sob os pés se torna mais duro a cada dia que passa – mas ainda é muito cedo para a neve ou então surge uma tempestade fora de época e a neve não se mantém.

Por algum motivo, o capataz experimentou um intenso desejo de partir junto com Melony; e surpreendeu a si mesmo ao murmurarem em voz alta:

– Espero que neve em breve.

– Como? – indagou uma das mulheres do mercado de maçãs.

– Até a volta! – gritou o capataz para Melony, que não respondeu.

– Já vai tarde! – disse uma das mulheres.

– A prostituta – disse outra.

– O que a faz uma prostituta? – indagou o capataz, bruscamente.

– Quem você viu dormindo com ela?

– Ela não passa de uma vagabunda.

– Pelo menos ela é *interessante* – declarou o capataz, o tom ríspido.

As mulheres fitaram-no em silêncio por um momento, antes que uma indagasse:

– Ficou apaixonado por ela?

– Aposto que gostaria de ser o namorado que ela está procurando – acrescentou outra mulher, o que arrancou risadas zombeteiras de todas.

– Não é nada disso! Espero que ela nunca encontre o tal namorado... para o bem dele. – Uma pausa, e o capataz acrescentou: – E também dela.

A mulher cujo marido gordo tentara estuprar Melony desviou-se da conversa. Abriu a enorme garrafa térmica comunitária na mesa ao lado da caixa registradora, mas quando tentou servir-se de café, não saiu nenhum. Em vez disso, o que saiu foi veneno para os camundongos. Se Melony tivesse mesmo a intenção de envenenar qualquer um, seria mais comedida nas proporções. Obviamente, era apenas uma mensagem, e as mulheres do mercado de maçãs ficaram olhando em silêncio, como se tentassem ler os augúrios.

– Estão entendendo agora o que eu disse? – indagou o capataz.

Ele pegou a maçã numa cesta em exposição no balcão e deu uma vigorosa mordida; a maçã fora deixada ao frio por tanto tempo que estava parcialmente congelada e tão farinhenta em sua boca que ele cuspiu no mesmo instante.

Estava muito frio na estrada para a costa, mas o ato de andar esquentou Melony; e como não havia qualquer tráfego, ela não tinha alternativa que não andar. Ao chegar à estrada litorânea, no entanto, não precisou esperar muito por uma carona. Um rapaz pálido, mas jovial ao volante de um furgão parou ao seu lado.

– Tintas e Vernizes Yarmouth, às suas ordens – disse o rapaz a Melony.

Ele era um pouco mais jovem que Homer Wells e, na opinião de Melony, não tão atraente. O furgão recendia a tinta, verniz e creosoto.

– Sou um especialista em tratamento de madeira – anunciou o rapaz, orgulhoso.

Na melhor das hipóteses, um vendedor, pensou Melony; mais provavelmente um entregador. Ela sorriu tensamente, sem mostrar os dentes lascados. O rapaz se remexeu no banco, à espera de algum cumprimento. Posso deixar qualquer um nervoso em menos de um minuto, pensou Melony.

– Para onde você está indo? – perguntou o rapaz, o furgão levantando água na estrada.

– Para a cidade.

– Que cidade?

Melony permitiu agora que os seus lábios se entreabrissem para exibir seu sorriso – o rapaz preocupado olhando agora fixamente para a história conturbada de sua boca.

– Adivinhe.

– Aposto que vai para Bath – murmurou o rapaz, bastante nervoso.

Melony ficou olhando para ele como se o rapaz tivesse dito que precisava *tomar* um banho.^[1]

– Bath – repetiu ela.

– É mais ou menos uma cidade – explicou o especialista em tratamento de madeira.

Era a cidade de Clara! O Dr. Larch ou Homer Wells poderiam informar a Melony – a velha Clara chegara a St. Cloud's procedente de Bath! Melony não sabia disso e não teria se importado; seu relacionamento com Clara fora desagradavelmente invejoso. Homer Wells conhecia Clara mais intimamente do que conhecia Melony. Poderia interessar a Melony o fato de Bath deixá-la bem mais próxima de Ocean View do que estivera na York Farm – que podia haver habitantes de Bath que conheçam o Ocean View Orchard; havia certamente muitos habitantes de Bath que poderiam orientá-la para Heart's Haven ou Heart's Rock.

– Quer ir para Bath? – indagou o rapaz, cauteloso. Melony tornou a mostrar os dentes avariados; estava exibindo menos um sorriso e

mais o jeito com que os cachorros mostram as presas.

– Certo – disse ela.

Wally voltou a Ocean View para o Dia de Ação de Graças; Candy passara vários fins de semana em casa no início do outono, mas Homer não soubera como tomar a iniciativa de vê-la sem a presença de Wally. Wally ficou surpreso por Homer e Candy não terem se encontrado; e, do embaraço de Candy pela surpresa de Wally, Homer percebeu que ela se sentira igualmente perturbada em tomar a iniciativa de encontrá-lo. Mas o peru tinha de ser regado a cada 15 minutos, a mesa tinha de ser posta e Olive estava visivelmente satisfeita por ter uma casa cheia outra vez – não havia tempo para sentir maior constrangimento.

Raymond Kendall já partilhara antes o almoço do Dia de Ação de Graças com os Worthington, mas nunca sem a semipresença de Sênior; Ray passou alguns minutos esforçando-se por ser excessivamente polido, depois relaxou e pôs-se a falar de negócios com Olive.

– Papai se comporta como se estivesse saindo pela primeira vez com uma nova garota – comentou Candy para Olive, na cozinha.

– Sinto-me lisonjeada – murmurou Olive, apertando o braço de Candy e rindo.

Mas isso foi o fim do flerte. Homer ofereceu-se para trincar o peru. Fez um trabalho tão bom que Olive disse: – Você devia ser um cirurgião, Homer!

Wally soltou uma risada, Candy olhou para o seu prato, ou para as mãos em seu colo, e Ray Kendall acrescentou: – O garoto é bom com as mãos. Quando se tem boas mãos, a gente faz uma coisa uma vez e as mãos nunca mais esquecem.

– Você é assim, Ray – disse Olive, o que desviou a atenção do trabalho de Homer com a faca; ele separou cada pedaço de carne dos ossos o mais depressa possível.

Wally falou sobre a guerra. Disse que pensara em largar a universidade para ingressar na escola de pilotos.

– Assim, se houver uma guerra... isto é, se entrarmos nela... então já saberei voar.

– Não vai fazer nada disso – protestou Olive.

– Por que quer fazer isso? – indagou Candy. – Acho que está sendo egoísta.

– Egoísta? Como assim? – disse Wally. – Lutar na guerra é servir a seu país!

– Para você, é uma aventura – insistiu Candy. – É por isso que se torna egoísta.

– De qualquer forma, você não vai fazer nada disso – repetiu Olive.

– Eu era muito jovem para ir na última guerra – comentou Ray. – Se houver outra, estarei muito velho.

– Sorte sua! – exclamou Olive.

– Isso mesmo – concordou Candy.

Ray deu de ombros.

– Não sei não... Eu queria ir na última guerra. Tentei mentir sobre a idade, mas alguém me denunciou.

– Agora você sabe o que é melhor – disse Olive.

– Não tenho tanta certeza assim – respondeu Ray.

– Se houver outra guerra, haverá uma porção de armas novas... estão construindo coisas que nem dá para imaginar.

– Eu tento imaginar – declarou Wally. – Imagino a guerra o tempo todo.

– Menos a morte, Wally – disse Olive Worthington, enquanto levava a carcaça do peru para a cozinha. – Não creio que tenha imaginado a morte.

– Certo – disse Homer Wells, que imaginava a morte o tempo todo.

Candy olhou para ele e sorriu.

– Você deveria ter me procurado nos fins de semana, Homer – disse ela.

– Isso mesmo – interveio Wally. – Por que não o fez? Ah, já sei... andava muito ocupado com Debra Pettigrew.

Homer sacudiu a cabeça.

– Andava ocupado demais com a anatomia prática do coelho! – gritou Olive da cozinha.

– Com *o quê?* – perguntou Wally.

Mas Olive estava enganada. Homer levava apenas cerca de três semanas de biologia 2 para compreender que sabia mais sobre aquele animal em particular e sua relação com a anatomia do seu cadavérico professor, o Sr. Hood.

Como Wilbur Larch poderia ter adivinhado, fora o sistema urogenital que revelara as deficiências do Sr. Hood em comparação com a experiência do jovem Dr. Wells. Ao discorrer sobre os três estágios de especialização do útero, o Sr. Hood tornara-se confuso. A vida intrauterina do embrião de coelho é de apenas 30 dias; nascem entre 5 e 8 filhotes. De acordo com a sua natureza primitiva, a coelha tem dois úteros complexos – a estrutura do órgão nesse estágio é chamada de *uterus duplex*. A estrutura do órgão da mulher, que Homer Wells conhecia muito bem – dois tubos uterinos se abrindo numa única cavidade uterina –, é chamada de *uterus simplex*. O terceiro estágio da estrutura uterina fica entre os dois anteriores – uma condição parcialmente fundida, existente em alguns mamíferos (as ovelhas, por exemplo); é o que se chama de *uterus bicornis*.

O pobre Sr. Hood, tentando revelar os segredos do útero no quadro-negro, confundiu o *duplex* com o *bicornis*; chamou uma ovelha de coelha (e vice-versa). Era um erro menor do que se ele imaginasse que a mulher possuía dois úteros completos e transmitisse essa informação errada à turma, mas mesmo assim era

um erro; e Homer Wells pegou-o. Era a primeira vez em que ele se encontrava na posição de corrigir uma autoridade. “Um órfão se sente especialmente contrafeito e inseguro nessa situação”, escreveu o Dr. Wilbur Larch.

– Dá licença, senhor? – pediu Homer Wells.

– O que é, Homer? – disse o Sr. Hood.

Sua magreza esquelética, sob uma determinada luz, fazia-o parecer tão exposto quanto os muitos cadáveres de coelhos nas mesas dos alunos no laboratório. Ele parecia esfolado, quase pronto para ser classificado. Havia em seus olhos uma paciência gentil, mas cansada; eram as únicas coisas alertas no homem.

– É o contrário, senhor – declarou Homer Wells.

– Como?

– A coelha tem dois úteros completos, a coelha é *uterus duplex...* não a ovelha, senhor. O útero da ovelha é parcialmente fundido, quase um útero só... a ovelha é *uterus bicornis*.

A turma esperou. O Sr. Hood piscou; por um momento, ele parecia uma lagartixa observando um mosquito, mas subitamente bateu em retirada.

– Não foi o que eu disse? – murmurou ele, sorrindo.

– Não – respondeu a turma. – Foi o contrário.

– Então eu me enganei – declarou o Sr. Hood jovialmente. – O que eu queria dizer foi exatamente o que você falou, Homer.

– Talvez eu tenha entendido mal, senhor – disse Homer.

Mas a turma insistiu:

– Não. Você entendeu direito.

Um garoto baixo chamado Bucky, com quem Homer tinha de partilhar seu cadáver de coelho, cutucou-o nas costelas, indagando:

– Como sabe de tanta coisa sobre conas?

– Adivinhe – respondeu Homer Wells.

Ele aprendera a expressão com Debra Pettigrew.^[2] Era o único jogo em que os dois se empenhavam. Ele perguntava alguma coisa que Debra não podia responder. Ela dizia: "Adivinhe." E Homer Wells, dizendo "Está bem", começava a revistá-la.

– Aí não! – gritava Debra, empurrando sua mão para longe, mas rindo.

Sempre rindo, mas sempre empurrando sua mão. Não havia a menor possibilidade de Homer Wells ganhar acesso ao *uterus simplex* de Debra Pettigrew.

– Só depois que eu pedir a ela para casar comigo – explicou Homer a Wally, quando estavam no quarto de Wally, na noite de Ação de Graças.

– Eu não iria tão longe, meu velho – disse Wally. Homer não contou a Wally o embaraço do Sr. Hood, nem como o homem parecia mudado pelo incidente. Se o Sr. Hood sempre fora cadavérico, agora havia também uma insônia em sua presença – como se ele não apenas estivesse morto, mas também trabalhando demais; ficando acordado até tarde; estudando com afinco toda a sua anatomia do coelho; tentando manter *todos* os úteros em seus lugares corretos. O cansaço fazia com que parecesse um pouco menos cadavérico, mas apenas porque a exaustão é um sinal de vida; é pelo menos uma forma de ser humano. O Sr. Hood começou a dar a impressão de que estava esperando pela aposentadoria, com a esperança de que pudesse chegar lá.

Onde já vi essa impressão antes?, perguntou-se Homer Wells.

A enfermeira Angela ou a enfermeira Edna, até mesmo a Sra. Grogan, poderiam tê-lo lembrado; todas eram familiarizadas com essa impressão – a combinação tensa de exaustão e expectativa, a profunda contradição entre ansiedade sombria e fé infantil. Há anos que essa impressão se infiltrara até nas expressões mais inocentes de Wilbur Larch; ultimamente, a enfermeira Angela e a enfermeira

Edna, até mesmo a Sra. Grogan, haviam reconhecido a impressão em suas próprias expressões.

– O que estamos esperando? – perguntou a enfermeira Edna à enfermeira Angela uma manhã.

Havia uma aura de alguma coisa iminente, alguma forma de mudança inevitável. Essas boas mulheres sentiam-se tão insultadas pelo agora famoso questionário Goodhall-Gingrich quanto tinham certeza de que o Dr. Larch ficara; Larch parecia excepcionalmente animado pelos comentários do ex-Snowy Meadows; o conselho achara que as respostas de Snowy eram tão louváveis que as enviara para o Dr. Larch tomar conhecimento.

À pergunta da “supervisão conveniente”, Snowy declarou que o Dr. Larch e as enfermeiras nunca o deixaram fora de suas vistas. À pergunta sobre se os cuidados médicos eram adequados, Snowy Meadows aconselhou-os: “Basta perguntar a Fuzzy Stone.” Na opinião de Snowy, o Dr. Larch *respirara* por Fuzzy. “Nunca se ouviu um par de pulmões em piores condições”, escreveu Snowy, “mas o velho Larch ligou o garoto a um autêntico salva-vidas.” E à pergunta sobre a escolha cuidadosa e correta do lar adotivo, Snowy Meadows afirmou que o Dr. Larch era um verdadeiro gênio nesse delicado trabalho de adivinhação. “Como ele podia saber que eu iria me encaixar com perfeição numa família de móveis? Pois posso garantir que ele sabia.” E Snowy Meadows (agora Robert Marsh) acrescentou, em sua resposta ao conselho: “A propriedade particular, o mundo dos bens pessoais – não representa o mundo para todos. Mas devem saber de uma coisa: móveis representam o mundo para um órfão.”

– Uma de vocês deve ter deixado aquele garoto cair de cabeça no chão – disse Wilbur Larch à enfermeira Angela e à enfermeira Edna, embora elas percebessem que ele estava satisfeito com os comentários de Snowy.

Só por uma questão de justiça, no entanto, o conselho também enviou a Larch as respostas ao questionário um pouco menos entusiasmadas de Curly Day. Roy Rinfret, de Boothbay, estava fervilhando de ressentimento. “Eu não estava mais preparado para ser adotado por farmacêuticos do que estava preparado para o corte do cordão umbilical. O mais lindo casal do mundo foi embora com alguém que não precisava e não queria ser adotado, enquanto eu fui apanhado por droguistas!”, queixou-se Roy “Curly” Rinfret. “Podem dizer que há supervisão adequada quando garotinhos tropeçam em cadáveres? Imaginem o seguinte: no dia em que encontro um homem morto no mato, o casal dos meus sonhos adota outro, o Dr. Larch me diz que um orfanato não é uma loja de animais de estimação e pouco depois dois farmacêuticos me contratam para trabalhar em sua farmácia de graça – e chamam isso de ser adotado!”

– Ora, aquele melequento ingrato! – exclamou a enfermeira Angela.

– Você não se sente envergonhado, Curly Day? – indagou a enfermeira Edna ao ar indiferente.

– Se aquele garoto estivesse aqui – acrescentou a enfermeira Angela –, juro que eu o poria sobre os meus joelhos!

E por que o nosso Homer Wells não respondeu ao questionário?, especularam as mulheres.

Falando em “ingrato”, pensou Wilbur Larch, mas se absteve de fazer qualquer comentário.

A enfermeira Angela não se conteve. Escreveu diretamente para Homer Wells, o que teria irritado o Dr. Larch se ele soubesse. A enfermeira Angela foi bastante objetiva. “Aquele questionário é o mínimo que você pode fazer”, escreveu ela a Homer. “Todos precisamos de um pouco de apoio. Só porque você está se divertindo como nunca na vida (é o que suponho), não deve esquecer de ser útil e não esqueça o lugar a que pertence. E se por

acaso encontrar jovens médicos ou enfermeiras que apreciariam nossa situação, acho que sabe que é melhor recomendar-nos a eles – e eles a nós. Sabe muito bem que não estamos ficando mais jovens.”

Meu caro Homer [escreveu o Dr. Larch, na correspondência do dia seguinte]:

Chegou ao meu conhecimento que o conselho de administração está tentando se comunicar com vários antigos residentes de St. Cloud's, sob a forma de um questionário ridículo. Responda-o como achar mais conveniente, mas não deixe de responder, por favor. E deve se preparar para alguma outra e mais perturbadora correspondência do conselho. Houve necessidade que eu fosse franco com eles sobre a saúde dos órfãos. Embora não visse motivo para lhes contar que “perdi” Fuzzy Stone para uma doença respiratória – de que adiantaria essa admissão para Fuzzy? –, falei ao conselho sobre seu coração. Achei que alguém deveria saber, para o caso de alguma coisa me acontecer. Peço desculpas por não ter lhe falado antes sobre a sua condição. Estou falando agora porque, reconsiderando a questão, não gostaria que tomasse conhecimento do problema de seu coração por intermédio de outra pessoa. Agora, NÃO FIQUE ALARMADO! Eu nem sequer descreveria seu coração como um problema, já que a condição é mínima: você tinha um sopro considerável no coração quando era pequeno, mas já havia desaparecido quase que inteiramente quando o examinei pela última vez – enquanto você dormia; não se lembraria – e protelei a conversa com você sobre seu coração com receio de preocupá-lo desnecessariamente. (Tal preocupação poderia agravar a condição.) Você tem (ou tinha) uma estenose da válvula pulmonar, mas POR FAVOR NÃO SE PREOCUPE! Não é nada ou quase nada. Se está interessado em mais detalhes, posso fornecê-los. Por enquanto, eu queria apenas que não ficasse transtornado por alguma besteira que pode ouvir dos idiotas do conselho de administração. Além de evitar qualquer situação de extrema tensão ou extremo esforço físico, quero que saiba que pode quase que certamente levar uma vida normal.

Uma vida normal?, pensou Homer Wells. Eu sou um beduíno com um problema cardíaco e o Dr. Larch está me dizendo que posso levar uma vida normal? Estou apaixonado pela namorada do meu melhor – e único – amigo, mas é isso o que o Dr. Larch chamaria de “extrema tensão”? E o que Melony era para mim se não um “extremo esforço físico”?

Sempre que Homer Wells pensava em Melony (o que não acontecia com frequência), sentia saudade; depois, ficava furioso consigo mesmo. Por que devo sentir saudade dela?, perguntava-se. Tentava não pensar em St. Cloud’s; quanto mais tempo ficava longe, mais extrema a vida ali lhe parecia – contudo, quando pensava em St. Cloud’s, também sentia saudade. E a enfermeira Angela, a enfermeira Edna, a Sra. Grogan e o Dr. Larch, também sentia saudade de todos. E também ficava furioso consigo mesmo por isso; não havia absolutamente sinais de seu coração para lhe dizer que a vida em St. Cloud’s era a vida que queria.

Gostava da vida em Ocean View. Queria Candy e alguma vida com ela. Quando ela voltou a Camden, tentou não pensar a seu respeito; e como não podia pensar em Wally sem pensar em Candy, ficou aliviado quando Wally voltou a Orono – embora tivesse sentido saudade de Wally durante todo aquele outono.

“Quando um órfão se sente deprimido”, escreveu Wilbur Larch, “é atraído a dizer mentiras. Uma mentira é pelo menos uma iniciativa vigorosa, mantém a pessoa alerta e subitamente responsável pelo que acontecer em decorrência. Deve-se estar alerta para mentir e permanecer alerta para manter a mentira em segredo. Os órfãos não são os donos de seus destinos; são os últimos a acreditar se lhes disser que outras pessoas também não estão no comando de seus destinos.

“Quando você mente, sente que está no comando de sua vida. Dizer mentiras é muito sedutor para os órfãos. Sei disso. E sei por que também lhes digo mentiras. Adoro mentir. Quando se mente, a

sensação é de que se ludibriou o destino – o seu próprio e o de todos os outros.”

E assim Homer Wells respondeu ao questionário; entoou um hino de louvor a St. Cloud's. Mencionou a “restauração” dos prédios abandonados de St. Cloud's como uma das muitas tentativas realizadas de “integrar a vida cotidiana do orfanato com a vida da comunidade ao redor”. Também mentiu para a enfermeira Angela, mas foi apenas uma mentira inofensiva – uma dessas mentiras que visam a fazer com que as outras pessoas se sintam melhor. Escreveu para ela que perdera o questionário original – o que constituía o único motivo para demorar tanto a respondê-lo. O conselho não poderia fazer a gentileza de lhe enviar outro? (Ao receber o segundo questionário do conselho, ele sabia que estava na hora de remeter o primeiro, que respondera tão arduamente – dessa forma daria a impressão de que o preencheria espontaneamente, dizendo as primeiras coisas que lhe surgiram à cabeça.)

Escreveu com uma calma simulada ao Dr. Larch. Agradeceria detalhes adicionais sobre a estenose da sua válvula pulmonar. O Dr. Larch achava necessário, por exemplo, que Homer se submetesse a *check-ups* mensais? (O Dr. Larch acharia desnecessário, é claro.) E havia algum sinal de problema que o próprio Homer poderia perceber; havia meios de poder escutar um possível retorno do sopro? (Acalme-se, o Dr. Larch aconselharia; era a melhor coisa – permanecer calmo.)

Num esforço para se acalmar, Homer pregou o questionário – que não preencheria – na parede do quarto de Wally, ao lado do interruptor, a fim de que as perguntas sobre a vida em St. Cloud's ocupassem uma posição de autoridade ignorada parecida com a página de regras pregada todos os anos na casa de Sidra. Ao entrar e sair, Homer olhava para aquelas perguntas que respondera com mentiras tão competentes – por exemplo, era sempre estimulante para ele cogitar de possíveis melhorias nos métodos e administração de St. Cloud's cada vez que entrava ou saía do quarto de Wally.

À noite, agora, a insônia de Homer acompanhava o ritmo de uma nova música; os galhos de inverno das macieiras colhidas batendo ao vento do início de dezembro faziam um barulho seco e ritmado. Deitado na cama – um luar da cor do osso delineando as mãos cruzadas sobre o peito –, Homer Wells pensava que as árvores podiam estar tentando se desvencilhar da neve de seus galhos, antes da própria neve cair.

Talvez as árvores também soubessem que uma guerra se aproximava, mas Olive Worthington não pensava a respeito. Há muitos anos que ouvia o estrépito do inverno no pomar; já vira os galhos de inverno despojados, depois engalanados pela neve, despídos em seguida. Os ventos costeiros faziam o pomar tremer tanto que as árvores em choque pareciam soldados congelados em todas as posturas do chocar de sabres, mas Olive já ouvira tudo aquilo por tantos anos que nunca percebeu que uma guerra se aproximava. Se as árvores lhe pareciam especialmente nuas naquele mês de dezembro, pensou ela, era por ser a primeira vez que enfrentava o inverno sem Sênior.

“Os adultos não procuram sinais no que é familiar”, registrou o Dr. Wilbur Larch em *Uma breve história de St. Cloud’s*, “mas os órfãos estão sempre à procura de sinais.”

Homer Wells, à janela de Wally, esquadrihava o pomar em esqueleto em busca de seu futuro – o seu, principalmente, mas também o de Candy e o de Wally. O futuro do Dr. Larch certamente estava ali, naqueles galhos de inverno, até mesmo o futuro de Melony. E que futuro haveria para a obra de Deus?, especulava Homer Wells.

A guerra que estava prestes a se tornar realidade não se anunciou por sinais em St. Cloud’s; tanto o conhecido como o desconhecido eram sufocados ali pelo ritual e pelo costume. Uma gravidez encerrada num nascimento ou num aborto; um órfão era adotado ou esperava para ser. Quando havia um frio seco e sem neve, a

serragem solta irritava os olhos, narinas e gargantas de St. Cloud's; só por um instante, quando a neve acabava de cair, era que a serragem desaparecia do ar. Quando havia um degelo, a neve derretia e a serragem acumulada cheirava como pelo molhado; quando havia um congelamento, a serragem reaparecia – seca outra vez, por cima da neve antiga – e outra vez os olhos comichavam, os narizes escorriam e as gargantas jamais conseguiam se limpar de todo.

– Vamos ficar felizes por Smoky Fields – anunciou o Dr. Larch, na divisão de meninos. – Smoky Fields encontrou uma família. Boa-noite, Smoky.

– Boa-noite, Timoky! – disse David Copperfield.

– Boa-noite! – gritou o pequeno Steerforth.

Boa-noite, seu pequeno guardador de comida, pensou a enfermeira Angela. Quem quer que o tenha levado, ela sabia, aprenderia em breve a trancar a geladeira.

Na manhã de dezembro, à janela em que Melony outrora permitia que o mundo passasse com e sem comentários, Mary Agnes Cork observava as mulheres subirem a colina, procedentes da estação ferroviária. Não pareciam grávidas, pensou Mary Agnes.

Na colina desolada em que Wally Worthington outrora imaginara macieiras, o jovem Copperfield tentava conduzir uma caixa de papelão pela primeira neve, ainda úmida. A caixa contivera outrora 400 tampões vulvares esterilizados; Copperfield sabia disso porque descarregara a caixa – e colocara o pequeno Steerforth lá dentro, na base da colina. Quase lá em cima, ele estava começando a compreender seu erro. Não apenas arrastar Steerforth pela encosta acima com dificuldade, mas também o peso do menino – além da umidade da neve – deixara encharcado o fundo da caixa. Copperfield se perguntava se aquele trenó improvisado deslizaria – se conseguisse levar tudo até o topo.

– Boa-noite, Smoky! – Steerforth estava cantando.

– Tale a boca, túpido – disse David Copperfield.

O Dr. Larch estava muito cansado. E repousava no dispensário. A claridade cinzenta do inverno transformava as paredes brancas em cinzentas, e por um momento Larch se perguntou qual seria o momento do dia – e qual o momento do ano. Daqui por diante, ele estava pensando, tudo o que eu fizer deve ter uma razão. Não pode haver movimentos desperdiçados.

Em sua imaginação, ele viu o ângulo correto em que o espéculo vaginal proporcionava-lhe uma visão perfeita do colo do útero. Mas colo do útero de quem?, perguntou-se. Mesmo no sono do éter, o polegar e o indicador da mão direita apertaram o parafuso que segurava as pontas do espéculo; ele viu a lourice espantosa do pequeno anel de pelos pubianos nos cabelos de seu próprio pulso. Os pelos eram tão louros que quase não os percebeu contra a sua pele muito pálida. Quando sacudiu o pulso, o pequeno anel era tão leve que flutuou no ar. No desfalecimento do éter, a mão esquerda estendeu-se para o anel, perdendo-o por pouco. Ah, sim – o colo do útero *dela*, pensou Wilbur Larch. Como era mesmo o seu nome?

– Ela tem um nome de coisa de criança – disse Larch, em voz alta. – Candy!

Ele riu. A enfermeira Edna, passando pelo dispensário, prendeu a respiração e escutou o riso. Mas mesmo sem ela respirar, os vapores do éter deixaram aguados os seus velhos olhos. Isso e a serragem. Isso e os órfãos – alguns deles também deixavam seus olhos marejados.

Ela abriu a porta principal do hospital para deixar entrar um pouco de ar fresco. Observou na colina uma caixa de papelão efetuar uma descida irregular; sabia que os tampões vulvares esterilizados haviam estado na caixa antes, mas não imaginava o que havia lá dentro agora. Alguma coisa pesada, porque a descida da caixa era desajeitada e sem rumo definido. Às vezes adquiria velocidade, deslizando quase suavemente, mas sempre alguma

pedra ou um trecho vazio na neve lamacenta desviava o curso e diminuía a velocidade. O primeiro corpo pequeno a ser projetado da caixa e rolar pela encosta foi o de Steerforth; ela reconheceu as luvas enormes e o chapéu de esquiador que sempre lhe cobria os olhos. Por algum tempo ele rolou quase tão depressa quanto a caixa, mas um trecho extenso de terreno limpo e congelado finalmente o deteve. A enfermeira Edna observou-o subir de novo a encosta para pegar uma das luvas.

O segundo corpo, maior, a ser expelido da caixa foi obviamente o de David Copperfield; ele rolou livre, com um pedaço grande e encharcado da caixa nas mãos. A caixa pareceu desintegrar-se em voo.

– Meda! – gritou Copperfield.

Pelo menos, pensou a enfermeira Edna, os palavrões do pequeno Copperfield eram melhorados pela dificuldade da língua.

– Feche essa porta – disse o Dr. Larch, no corredor, por trás da enfermeira Edna.

– Eu estava apenas tentando respirar um pouco de ar fresco – disse a enfermeira Edna, incisiva.

– Poderia ter me enganado – comentou Wilbur Larch. – Pensei que estivesse tentando congelar os que ainda não nasceram.

Talvez seja assim no futuro, pensou a enfermeira Edna – imaginando como seriam as coisas no futuro.

Na piscina, a balsa que Sênior Worthington costumava usar ainda flutuava em dezembro, soprada pelo vento de um lado para outro, rompendo as franjas rendadas de gelo que se formavam e reformavam nas beiras. Olive e Homer haviam esvaziado um terço da piscina, a fim de deixar espaço para a chuva e a neve derretida.

A balsa fria de Sênior, apenas parcialmente esvaziada pela queda da temperatura, ainda arremetia pela piscina como um cavalo sem cavaleiro; galopava sempre que o vento a tangia. Todos os dias,

Olive observava a balsa da janela da cozinha e Homer se perguntava quando ela apresentaria a sugestão de tirá-la de lá.

Num fim de semana, Candy voltou de Camden, e a confusão de Homer sobre o que fazer em relação a ela aumentou ainda mais. Sexta-feira foi um dia ruim e indefinido. Homer foi cedo para a aula de biologia 2, esperando persuadir o Sr. Hood a deixá-lo ter o seu próprio coelho para dissecação ou lhe designar outro companheiro de laboratório que não o garoto Bucky, que sempre dava um jeito de estraçalhar as entranhas do coelho quando as manipulava, e Homer chegou à conclusão de que a fixação constante do palerma com o sistema reprodutivo de tudo era tola e irritante. Ultimamente, Bucky estava obcecado pelo fato de os marsupiais possuírem vaginas duplas.

– Bocetas gêmeas! Pode imaginar algo assim? – disse ele a Homer.

– Certo – respondeu Homer Wells.

– Isso é tudo o que você saber dizer? – indagou Bucky. – Será que não entendeu? Se fosse um hamster, poderia foder uma hamster *junto com seu companheiro!*

– Por que eu haveria de querer fazer isso? – perguntou Homer.

– Duas conas! – exclamou Bucky, entusiasmado. – Você não tem imaginação.

– Duvido muito que até os hamsters estejam interessados no que você sugere.

– Foi justamente isso que eu quis dizer, idiota! Que desperdício... dar duas conas a uma hamster! Já viu os bichos correrem naquelas rodinhas? São loucos! Você também não ficaria louco se soubesse que a garota de seus sonhos tinha duas conas e mesmo assim não estava interessada?

– A garota dos meus sonhos – disse Homer Wells.

Era bastante louco, na opinião de Homer, que a garota de seus sonhos tivesse duas pessoas que a amavam.

E por isso ele foi mais cedo para a aula de biologia 2, a fim de solicitar um novo coelho ou um substituto para o obcecado garoto chamado Bucky.

Havia uma aula de geografia em andamento quando ele chegou; e quando a aula terminou, Homer constatou que os grandes mapas do mundo ainda se encontravam baixados, cobrindo o quadro-negro.

– Posso dar uma olhada nos mapas por um momento, antes da minha próxima aula? – perguntou Homer ao professor de geografia.
– Pode deixar que depois vou enrolar todos.

E assim ele ficou sozinho com a sua primeira visão acurada do mundo – o mundo inteiro, embora achatado de forma irrealista contra um quadro-negro. Depois de algum tempo, localizou o Maine; considerou como era pequeno. Depois de algum tempo, localizou a Carolina do Sul; ficou olhando para a Carolina do Sul por um longo tempo, como se o paradeiro exato de Mister Rose e os outros migrantes pudesse se materializar. Ouvira toda a conversa sobre a Alemanha, que foi mais fácil de encontrar que o Maine. Ficou surpreso com o tamanho da Inglaterra; Charles Dickens lhe dera a impressão de uma coisa muito maior.

E o oceano que parecia tão vasto quando se olhava do píer de Ray Kendall – ora, os oceanos do mundo eram muito maiores do que imaginara! Contudo, St. Cloud's, que assomava tão grande na vida de Homer, não podia ser encontrada no mapa do Maine. Ele estava usando a lente de aumento do professor de geografia quando compreendeu subitamente que toda a turma de biologia 2 ocupara as carteiras às suas costas. O Sr. Hood fitava-o de maneira estranha.

– Procurando seu coelho, Homer? – perguntou o Sr. Hood.

A turma adorou a piada, e Homer concluiu que perdera – pelo menos naquele dia – a oportunidade de livrar-se de Bucky.

– Pense da seguinte maneira – sussurrou-lhe Bucky, quase ao final da aula. – Se Debra Pettigrew tivesse duas bocetas, poderia deixar você meter em uma. Está percebendo as vantagens?

Infelizmente, a ideia de vaginas duplas perturbou Homer durante todo o seu encontro com Debra Pettigrew na noite de sexta-feira. Havia um filme de Fred Astaire em Bath, mas era quase uma hora de carro, ida e volta – e o que Homer sabia ou se importava com a dança? Ele já recusara vários convites para acompanhar Debra à aula de dança; se ela queria assistir ao filme de Fred Astaire, Homer achava que poderia ir com alguém do curso de dança. E estava ficando muito frio para guiar pela praia e estacionar lá. Olive era generosa na permissão para que Homer usasse o furgão. Em breve haveria o racionamento de gasolina e um fim bem-vindo, na opinião de Homer, a todos aqueles agitados passeios de carro.

Ele levou Debra Pettigrew para a área do parque de diversões, em Cape Kenneth. Ao luar, a roda-gigante abandonada e apagada parecia um andaime para o lançamento do primeiro foguete do mundo ou os ossos de alguma espécie dos tempos dos dinossauros. Homer tentou falar a Debra sobre o trabalho de faca de Mister Rose, mas ela concentrara seu coração em Fred Astaire; ele sabia que era melhor não desperdiçar uma boa história quando ela estava tão mal-humorada. Foram para o *drive-in* de Cape Kenneth, que estava “fechado durante a estação”; pareciam estar reconstituindo as cenas de um romance que acontecera com outras pessoas – e não apenas no verão passado, mas em outra geração.

– Não sei o que você tem contra a dança – disse Debra.

– Também não sei – disse Homer Wells.

Ainda era cedo quando ele levou Debra para a sua casa de inverno em Kenneth Corners; os mesmos cães ferozes do verão estavam ali, as pelagens mais grossas, o bafo quente se transformando em vapor nos focinhos. Debra e Homer haviam conversado antes sobre a possibilidade de usar a casa de verão no Drinkwater Lake para alguma espécie de festa; a casa estaria sem aquecimento e teriam de manter as luzes apagadas, pois, caso contrário, alguém poderia ver e denunciar um arrombamento;

apesar desses desconfortos, no entanto, havia uma emoção em ficarem a sós, sem serem vigiados por ninguém. Por quê?, especulou Homer Wells. Ele sabia que mesmo assim não iria além de um ponto com Debra Pettigrew – mesmo que ela tivesse *duas* vaginas. Com a enfadonha noite de sexta-feira que passaram juntos e o bafo dos cachorros se cristalizando na janela do lado do motorista do furgão, não houve qualquer conversa sobre uma festa tão tentadora naquela noite.

– O que vamos fazer amanhã à noite? – perguntou Debra, suspirando.

Homer observou um cachorro roer o espelho lateral do furgão.

– Eu ia ver Candy... ela voltou de Camden – respondeu Homer. – Não a vi em nenhum fim de semana durante o outono, e Wally me pediu para cuidar dela.

– Vai ver Candy sem Wally?

– Certo.

A frente do furgão era tão achatada que os cachorros podiam se lançar diretamente contra o para-brisa, sem precisarem trepar no capô. As patas de um cachorro enorme puxaram um limpador de para-brisa, soltando-o com um estalo; parecia torto; não mais encostaria na superfície do vidro.

– Vai ver Candy sozinha – disse Debra.

– Ou com o pai dela.

– Claro, claro...

Debra Pettigrew saiu do furgão. Deixou a porta aberta por tempo demais. Um cachorro com a cabeça afilada de um doberman arremeteu pela porta aberta; já estava no meio do furgão, o peito arfando sobre o assento, o focinho gelado babando na caixa de mudança, quando Debra agarrou-o pela orelha e puxou-o para fora, gritando.

– Até – disse Homer Wells, suavemente, depois que a porta fora batida, depois de limpar a baba congelada do cachorro na alavanca

de mudança.

Ele passou duas vezes pelo curral de lagostas de Ray Kendall, mas não havia nada ali para indicar que Candy se encontrava em casa. Nos fins de semana em que vinha para casa, Candy pegava o trem; no domingo, Ray a levava de carro. Vou procurá-la amanhã, sábado, pensou Homer Wells.

Quando Candy disse que queria assistir ao filme de Fred Astaire, Homer não fez qualquer objeção.

– Eu sempre quis vê-lo – declarou ele.

Afinal, Bath ficava a menos de uma hora de carro. Da ponte sobre o rio Kennebec eles puderam avistar vários navios grandes na água e outros em diques secos; o estaleiro de Bath espalhava-se pela praia – havia um martelar ritmado e outros sons metálicos audíveis até mesmo num sábado. Chegaram muito cedo para a sessão e foram procurar um restaurante italiano de que Ray lhes falara – se é que ainda existia; há anos que Raymond Kendall não ia a Bath.

Em 194-, especialmente para um forasteiro, a cidade parecia dominada pelos estaleiros e pelos navios que sobressaíam mais altos que os prédios dali, assim como pela ponte que cruzava o rio Kennebec. Bath era uma cidade operária, como Melony logo descobriu.

Ela arrumou emprego num estaleiro e começou o seu trabalho de inverno numa linha de montagem, junto com outras mulheres – e um que outro homem com alguma deficiência física – no segundo andar de uma fábrica especializada em peças móveis. A peça móvel a que Melony devotaria suas energias durante o primeiro mês no emprego era uma roda dentada de formato hexagonal, que parecia a metade de um presunto, cortado no sentido do comprimento; Melony não conhecia o paradeiro da linha de montagem que lidava com a outra metade do presunto. A roda dentada chegava na correia transportadora à sua frente, parando ali 42 segundos exatamente,

antes de seguir adiante e ser substituída por uma nova roda dentada. A junta da roda dentada estava cheia de graxa; podia-se enfiar o dedo na graxa e afundar além da segunda articulação. O trabalho era inserir seis bilhas na junta cheia de graxa; empurrava-se cada bola pela graxa até sentir que alcançava o fundo: todas as seis se ajustavam perfeitamente. O segredo era sujar apenas uma das mãos de graxa; era mais fácil manusear as bilhas, do tamanho de bolas de gude, com a mão limpa. A outra parte do trabalho era conferir se as seis bilhas estavam perfeitas – perfeitamente redondas, perfeitamente lisas, sem depressões, sem raspas de metal grudadas. As probabilidades eram de que uma em cada 200 bilhas tivesse algum defeito; ao final do dia, entregava-se as bilhas defeituosas. Se você tinha um dia sem qualquer bilha defeituosa, o capataz dizia que não examinara todas com a atenção devida.

Podia-se ficar sentada ou de pé, e Melony experimentou as duas posições, alternando-as ao longo do dia. A correia era muito alta para ficar sentada confortavelmente e muito baixa para se ficar melhor de pé. Suas costas doíam num ponto quando ficava de pé e em outro quando se sentava. Não apenas Melony ignorava quem fazia o quê, onde, à outra metade da roda dentada; também não sabia para que servia a roda dentada. E tem mais: não se importava.

Depois de duas semanas, ela já dominava a rotina: entre 26 e 28 segundos para inserir as bilhas e nunca mais de 10 segundos para escolher seis bilhas perfeitas. Aprendeu a manter um punhado de bilhas no colo (quando sentava) e num cinzeiro (ela não fumava) quando estava de pé; assim, sempre tinha uma bilha à mão no caso de deixar cair alguma. Tinha um descanso de 12 a 14 segundos entre as rodas dentadas, durante o qual podia olhar para a pessoa à direita e a pessoa à esquerda, fechar os olhos e contar até três, às vezes até cinco. Observou que havia dois estilos de trabalhar na linha de montagem. Algumas operárias pegavam as seis bilhas perfeitas assim que terminavam uma roda dentada; outras esperavam que a nova roda dentada chegasse. Melony encontrou

falhas nos dois estilos. A mulher ao seu lado expressou a situação da seguinte maneira:

– Algumas são apressadas, outras são demoradas.

– Não sou nenhuma das duas coisas ou sou ambas – declarou Melony.

– Acho que seria mais fácil para você se tomasse uma decisão, queridinha.

A mulher se chamava Doris. Tinha três filhos; um lado de seu rosto ainda era bonito, mas o outro estava desfigurado por uma verruga com pelos. Doris fumava nos 12 a 14 segundos disponíveis entre duas rodas dentadas.

No outro lado de Melony postava-se um homem idoso, numa cadeira de rodas. Seu problema era que não podia pegar as bilhas que caíam, e algumas ficavam presas na manta em seu colo ou nos mecanismos da cadeira de rodas, que sempre chocalhava quando se afastava no intervalo para o café ou na hora do almoço. Seu nome era Walter.

Três ou quatro vezes por dia Walter gritava:

– Malditas bilhas!

Alguns dias, quando alguém estava doente, a linha de montagem era rearrumada e Melony não ficava entre Walter e Doris. Havia ocasiões em que ficava ao lado de Troy, que era cego. Ele *sentia* as bilhas para conferir a perfeição e as inseria delicadamente na graxa invisível. Era um pouco mais velho do que Melony, mas sempre trabalhara em estaleiros; ficara cego num acidente de solda, e os estaleiros lhe deviam um emprego pelo resto da vida.

– Pelo menos tenho segurança – dizia ele, três ou quatro vezes por dia.

Em outras ocasiões, Melony ficava ao lado de uma garota mais ou menos de sua idade, pequena e rabugenta, chamada Lorna.

– Há trabalhos piores – comentou Lorna um dia.

– Diga um – falou Melony.

– Derrubar novilhos pelos chifres.

– Não sei nada a respeito, mas aposto que cada novilho é diferente.

– Então por que todos os homens são iguais? – perguntou Lorna.

Melony chegou à conclusão de que gostava de Lorna. A garota casara aos 17 anos – “com um homem mais velho” –, mas não dera certo. Ele era mecânico de automóveis, “com cerca de 21 anos”. E Lorna explicou para Melony:

– Só casou comigo porque fui a primeira mulher com quem foi para a cama.

Melony contou a Lorna que fora separada do namorado “por uma garota rica que se meteu entre nós”; Lorna concordou que isso era “o pior”.

– Mas calculo que uma de duas coisas aconteceu – acrescentou Melony. – Ou ele ainda não a fodeu, porque ele não deixou, e assim ele já sabe o que está perdendo. Ou então ela deixou que ele a comesse... e nesse caso ele já sabe também o que está perdendo.

– É isso mesmo! – disse Lorna.

Ela parecia gostar de Melony.

– Tenho alguns amigos – disse ela a Melony. – Comemos pizza, vamos ao cinema, essas coisas.

Melony balançou a cabeça; nunca fizera essas coisas. Lorna era tão magra quanto Melony era corpulenta, mostrava tantos ossos quanto Melony mostrava carne; Lorna era pálida e loura, enquanto Melony era morena e mais escura; Lorna era frágil e tossia muito, enquanto Melony parecia quase tão forte quanto era e seus pulmões eram como motores. Contudo, as mulheres sentiam que eram muito parecidas.

Quando pediram que as pusessem juntas na linha de montagem, o pedido foi negado. Amizades, especialmente do tipo falador, eram consideradas contraproducentes na linha de montagem. Assim, Melony só tinha permissão para trabalhar ao lado de Lorna quando a

linha era redispota, num dia de doença. Melony tinha de suportar as homilias lunáticas de Doris e as bilhas perdidas de Walter Cadeira de Rodas, como todos o chamavam. Mas a separação forçada de Lorna durante o trabalho só fazia com que Melony sentisse que a ligação era mais forte; a afeição era mútua. Naquele sábado elas fizeram horas extras e trabalharam lado a lado durante a tarde.

Mais ou menos na hora em que Candy e Homer Wells atravessavam a ponte sobre o Kennebec e seguiam para Bath, Lorna deixou cair uma bilha pelo decote da blusa de trabalho de Melony. Era o meio que usavam para atrair a atenção uma da outra.

– Está passando um filme de Fred Astaire na cidade – disse Lorna, estalando a goma de mascar. – Você quer ir ver?

Embora sua voz carecesse do entusiasmo estudado do Dr. Larch, a Sra. Grogan fazia o melhor que podia para inspirar uma reação favorável a seus anúncios na divisão de garotas.

– Vamos ficar felizes por Mary Agnes Cork – disse ela. Houve fungadelas gerais, mas a Sra. Grogan continuou: – Mary Agnes Cork encontrou uma família. Boa-noite, Mary Agnes!

Houve gemidos abafados, o som de alguém se reprimindo contra o travesseiro e alguns dos soluços abalados habituais.

– Vamos ficar *felizes* por Mary Agnes Cork! – suplicou a Sra. Grogan.

– Vá se foder! – disse alguém na escuridão.

– Como me dói ouvir você dizer isso – murmurou a Sra. Grogan.
– Como dói em todas nós. Boa-noite, Mary Agnes!

– Boa-noite, Mary Agnes – repetiu uma das garotas menores.

– Tome cuidado, Mary Agnes! – balbuciou alguém.

Oh, Deus, isso mesmo!, pensou a Sra. Grogan, as lágrimas escorrendo pelas faces. Isso mesmo, cuide-se bem!

Larch garantira à Sra. Grogan que a família adotiva era especialmente boa para uma garota mais velha como Mary Agnes.

Era um casal jovem, que comprava, vendia e restaurava antiguidades; eram muito ativos em seu negócio para cuidarem de uma criança pequena, mas dispunham de bastante energia para partilhar com uma criança mais velha nos fins de semana e à noite. A jovem esposa fora muito chegada a uma irmã caçula; era “devotada a conversa de garota”, como explicou ao Dr. Larch. (Ao que parecia, a irmã caçula casara com um estrangeiro e estava agora vivendo no exterior.)

E Wilbur Larch tinha uma boa impressão de Bath; sempre mantivera uma correspondência cordial com o patologista do hospital local; a velha Clara viera de lá. E, assim, parecia perfeitamente razoável para ele que Mary Agnes Cork fosse para Bath.

Mary Agnes era afeiçoada a seu nome e por isso lhe permitiram que o conservasse, não apenas o Mary Agnes, mas também o Cork. Afinal, eles eram Callahan; um Cork não combinava com um Callahan. Parecia um pouco moderno para o gosto da Sra. Grogan, embora ela se permitisse ficar satisfeita por ter dado um nome a alguém para sempre.

Ted e Patty Callahan queriam que Mary Agnes Cork os considerasse como amigos. A primeira coisa amistosa que o jovem casal fez foi levar Mary Agnes para assistir ao seu primeiro filme. Era um casal robusto e que tinha a opinião de que moravam bastante perto do cinema de Bath para irem a pé; foi uma longa caminhada, durante a qual Ted e Patty demonstraram algumas das diferenças básicas entre um foxtrote e uma valsa. A calçada de dezembro estava lamacenta, mas Ted e Patty queriam preparar Mary Agnes para o deslumbramento de Fred Astaire.

Um vento úmido e gelado soprava do Kennebec, e Mary Agnes sentiu a dor na clavícula; quando tentou acompanhar os Callahan na dança, a antiga lesão se soltou; depois, latejou, ficou entorpecida. A calçada estava tão escorregadia que ela quase caiu – segurando-se

para manter o equilíbrio no para-lama de um furgão verde bastante sujo. Patty espanou seu casaco por ela. Havia muitas pessoas na frente do cinema, comprando ingressos, à luz desvanecente. Na porta corrediça do furgão, Mary Agnes reconheceu o monograma da maçã – o W. W. e o OCEAN VIEW. Vira esse emblema pela primeira vez num Cadillac – formara-se então uma espécie de fila da fome; ela lembrou a linda moça que se mantinha à parte e o lindo rapaz que distribuía a comida. Eles estão *aqui!*, pensou Mary Agnes, as pessoas lindas que levaram Homer Wells! Talvez Homer ainda estivesse com o casal. Mary Agnes começou a olhar ao redor.

Homer e Candy não tiveram muita sorte na procura do restaurante italiano que Ray recomendara; encontraram três restaurantes italianos, cada um servindo pizza e sanduíches quentes, além de cerveja, cada um atulhado com tantos operários dos estaleiros que não havia lugar para sentar. Eles comeram pizza no furgão e chegaram cedo no cinema.

Ao abrir a carteira na frente da bilheteria, Homer Wells descobrira que nunca antes a abrira ao ar livre sob um vento de inverno. Virou as costas para o vento, mas ainda assim as notas soltas adejaram; Candy pôs as mãos em concha nos lados da carteira, como se protegesse uma chama em perigo de extinção. Foi por isso que se encontrava em posição de pegar o seu anel de pelos pubianos, tão apreciado, quando o vento o arrancou da carteira de Homer e jogou no punho de seu casaco. Os dois estenderam a mão para pegá-lo (Homer deixando cair a carteira), mas Candy foi mais rápida. Alguns dos fios finos e louros podem ter escapado no vento, mas Candy pegou o anel firmemente – a mão de Homer se fechando sobre a sua no instante seguinte.

Eles se afastaram da bilheteria; uma fila pequena entrava no cinema, além dos dois. Candy continuou a segurar o anel de pelos pubianos, e Homer não largava sua mão – não a deixava abri-la para examinar o que continha; não havia necessidade disso. Candy já

sabia o que tinha na mão, e sabia tanto pela expressão de Homer quanto pelo próprio anel de pelos pubianos.

– Eu gostaria de dar uma volta – murmurou ela.

– Certo – disse Homer Wells, sem largar sua mão.

Eles se afastaram do cinema e desceram a ladeira para o Kennebec. Candy contemplou o rio e encostou-se em Homer Wells.

– Talvez você seja um colecionador – disse ela, tão baixo quanto podia falar e ainda ser ouvida acima do barulho do rio. – Talvez você seja apenas um colecionador de pelos pubianos. Não resta a menor dúvida de que está em condições de ser.

– Não.

– Isto é um anel de pelos pubianos – disse Candy, retorcendo o punho cerrado na mão de Homer. – E são meus, certo?

– Certo.

– Só meus? – indagou Candy. – Só guardou os meus?

– Certo.

– Por quê? – perguntou Candy. – Não minta.

Homer nunca dissera estas palavras: estou apaixonado por você. Estava despreparado para o esforço inerente a pronunciá-las. Sem dúvida compreendeu mal o peso desconhecido que sentia no coração – deve ter associado o aperto no músculo grande em seu peito com as notícias recentes do Dr. Larch; o que sentia era apenas amor, mas o que pensou que sentia foi a estenose da válvula pulmonar. Largou a mão de Candy e pôs as suas no peito. Já vira a tesoura de esterno em ação – conhecia o procedimento de autópsia –, mas nunca fora tão difícil e doloroso respirar.

Quando se virou e viu o rosto de Homer, Candy não pôde se conter – abriu as duas mãos e pegou as dele, a mecha loura de pelos pubianos voando livre; uma corrente de ar mais forte levou-a sobre o rio e pela escuridão.

– É seu coração? – perguntou Candy. – Oh, Deus, não precisa dizer nada... por favor, nem pense a respeito!

– Meu coração – murmurou Homer. – Você sabe sobre o meu coração?

– *Você sabe?* – perguntou ela. – Não se preocupe – acrescentou.

– Amo você – grunhiu Homer Wells, como se estivesse dizendo suas últimas palavras.

– Sim, eu sei... mas não pense nisso. Não se preocupe com nada. Eu também amo você.

– Você me ama?

– Amo, sim... e Wally também ama. Eu amo você e amo Wally... mas não se preocupe com isso, nem mesmo pense a respeito.

– Como sabe do meu coração? – perguntou Homer Wells.

– Todos sabemos – respondeu Candy. – Olive sabe, e Wally também.

Ouvir isso foi mais convincente para Homer Wells do que as observações improvisadas na carta do Dr. Larch; sentiu o coração escapar ao controle outra vez.

– Não pense no seu coração, Homer! – exclamou Candy, abraçando-o. – Não se preocupe comigo ou com Wally... não se preocupe com nada!

– Em que eu deveria pensar?

– Só em coisas boas. – Candy fitou-o nos olhos e acrescentou, abruptamente: – Não posso acreditar que você tenha guardado os meus pelos!

Mas quando viu a intensidade da angústia de Homer, ela murmurou:

– Não tem problema... acho que compreendo. Mas também não se preocupe com isso. Pode ser estranho, mas não resta dúvida de que é romântico.

– Romântico – disse Homer Wells, abraçando a garota de seus sonhos... mas apenas abraçando-a.

Certamente tocá-la mais seria proibido – por todas as regras –, e por isso ele tentou aceitar a dor em seu coração como o que o Dr.

Larch chamaria de sintomas comuns de uma vida normal. Isto é uma vida normal, tentou pensar, abraçando Candy, enquanto o nevoeiro noturno que vinha do rio e a escuridão os envolviam.

Não era uma noite que os deixasse animados para um musical.

– Podemos ver Fred Astaire dançar em outra ocasião – sugeriu Candy, filosófica.

A segurança do conhecido atraía-os para o píer de Raymond Kendall – quando ficassem com muito frio, sentados lá fora, sempre poderiam tomar um chá com Ray. Pegaram o furgão e voltaram a Heart's Haven; ninguém que os conhecia viu-os passar.

No filme de Fred Astaire, Mary Agnes Cork comeu pipoca demais; sua família adotiva pensou que a pobre garota estava simplesmente superestimulada por seu primeiro filme; ela não conseguia permanecer sentada quieta. Observava a plateia mais do que observava a dança; esquadrinhava cada rosto na escuridão bruxuleante. Eram a moça bonita e o rapaz bonito que estava procurando – e talvez Homer Wells. E por isso estava despreparada para deparar com o rosto na multidão da pessoa de quem mais sentia falta em seu mundo estreito; a visão daquele semblante moreno e rude provocou uma pontada de dor tão grande em sua antiga lesão na clavícula que o saco de pipoca voou de suas mãos.

Melony se destacava ao lado da garota loura e espevitada chamada Lorna – assomava em seu assento com a autoridade de uma frequentadora de cinema crônica e cética, como um crítico azedo que nasceu para se sentir insatisfeito, embora aquele fosse seu primeiro filme. Mesmo à claridade cinzenta do projetor, Mary Agnes Cork não podia deixar de reconhecer sua antiga algoz, a ex-rainha e ex-carrasca da divisão de garotas.

– Acho que já comeu pipoca demais, meu bem – disse Patty Callahan a Mary Agnes, que parecia ter um caroço preso na garganta.

E pelo resto da frívola diversão da noite, Mary Agnes não foi capaz de desviar os olhos da presença mais dominante na plateia; na opinião de Mary Agnes Cork, Melony poderia destruir uma pista de dança com Fred Astaire, poderia ter quebrado todos os ossos do corpo esguio dele – poderia tê-lo paralisado depois de apenas uma valsa.

– Está vendo alguém que conhece, querida? – perguntou Ted Callahan a Mary Agnes.

Ele achou que a pobre garota estava tão empanturrada de pipoca que não podia falar.

No saguão, à luz de néon nauseante, Mary Agnes encaminhou-se para Melony como se um sonho guiasse seus pés – como se estivesse capturada no antigo e violento transe da autoridade de Melony.

– Oi – disse ela.

– Está falando comigo, garota? – perguntou Lorna, mas Mary Agnes sorria apenas para Melony.

– Oi, sou *eu!* – disse Mary Agnes.

– Então você escapou? – disse Melony.

– Fui adotada!

Ted e Patty estavam perto dela, um pouco nervosos, não querendo se intrometer, mas também não querendo deixá-la muito longe de suas vistas.

– Estes são Ted e Patty – apresentou Mary Agnes. – Esta é minha amiga Melony.

Melony parecia não saber o que fazer com as mãos estendidas em sua direção. A garota pequena e rude chamada Lorna pestanejou – um pouco da máscara grudando uma das pálpebras em posição aberta.

– Esta é minha amiga Lorna – murmurou Melony, constrangida.

Todos disseram Oi! e depois ficaram em silêncio. O que essa chata está querendo?, pensou Melony.

E foi nesse momento que Mary Agnes perguntou:

– Onde está Homer?

– Como? – balbuciou Melony.

– Homer Wells – disse Mary Agnes. – Ele não está com você?

– Por quê? – indagou Melony.

– Aquelas pessoas bonitas com o carro...

– *Que* carro?

– Não era o mesmo carro, não era o carro bonito, mas havia a maçã na porta... nunca esquecerei aquela maçã.

Melony pôs as mãos enormes nos ombros de Mary Agnes; Mary Agnes sentiu o peso a comprimi-la para o chão.

– Do que você está falando?

– Vi um carro velho, mas tinha aquela maçã. Pensei que eles estavam no cinema, aquelas pessoas bonitas... e Homer também. Quando vi você, pensei que ele também estaria aqui.

– Onde estava o carro? – perguntou Melony, os polegares fortes comprimindo as clavículas de Mary Agnes. – Mostre-me o carro!

– Algum problema? – indagou Ted Callahan.

– Não se meta onde não é chamado – disse Melony.

Mas o furgão desaparecera. No frio úmido, na calçada escorregadia, olhando para o meio-fio vazio, Melony disse:

– Tem certeza de que era mesmo aquela maçã? Tinha os dois W e dizia Ocean View?

– Isso mesmo – confirmou Mary Agnes. – Só que não era o mesmo carro, mas sim um furgão velho. Eu reconheceria aquela maçã em qualquer lugar. Não se pode esquecer uma coisa daquelas.

– Ora, cale a boca! – murmurou Melony, cansada. Ficou parada junto ao meio-fio, as mãos nos quadris, as narinas tremendo; tentava pegar um cheiro, do jeito como um cachorro fareja no ar a história de intromissões em seu território.

– O que aconteceu? – perguntou Lorna a Melony. – Aquele seu namorado estava aqui com a tal garota rica?

Ted e Patty Callahan estavam ansiosos em levar Mary Agnes para casa, mas Melony deteve-os quando se afastavam. Enfiou a mão no bolso apertado e tirou a presilha de cabelos que Mary Agnes roubara de Candy e de que Melony se apossara. Entregou-a a Mary Agnes.

– Fique com isso – disse Melony. – Você pegou, é sua.

Mary Agnes apertou a presilha como se fosse uma medalha de bravura, por conduta valorosa na única área que Melony respeitava.

– Espero ver você de novo! – gritou Mary Agnes para Melony, que estava se afastando, já que o esquivo Homer Wells podia se encontrar logo depois da esquina.

– De que cor era o furgão? – gritou Melony.

– Verde! – respondeu Mary Agnes. – Espero ver você de novo!

– Já ouviram falar de Ocean View? – gritou Melony para os Callahan.

Eles nunca tinham ouvido falar. O que significavam maçãs para negociantes de antiguidades?

– Posso ver você de novo? – perguntou Mary Agnes a Melony.

– Estou no estaleiro – respondeu Melony. – Se algum dia ouvir falar em Ocean View, pode me procurar.

Mais tarde, Lorna comentou com Melony:

– Você não pode ter certeza se era mesmo ele. – As duas tomavam cerveja. Melony mantinha-se calada. – E também não pode ter certeza se a garota rica ainda está com ele.

As duas estavam de pé na margem do nevoento Kennebec, perto da pensão em que Lorna vivia; quando acabavam uma cerveja, jogavam a garrafa no rio. Melony era competente em jogar coisas em rios. Mantinha o rosto virado para cima; ainda estava farejando o vento – como se a mecha de pelos pubianos de Candy não pudesse escapar a seus poderes de detecção.

Homer Wells também estava fazendo um depósito na água. *Plonk!*, diziam os caracóis que ele lançava do píer de Ray Kendall; o mar fazia um som mínimo ao tragar os caracóis. *Plonk! Plonk!*

Candy e Homer sentavam encostados em estacas opostas, na extremidade do píer. Se ambos esticassem as pernas na direção um do outro, as solas de seus pés poderiam se tocar, mas Candy estava com os joelhos um pouco dobrados – numa posição familiar a Homer Wells das muitas vezes em que vira mulheres em estribos.

– Está bem? – perguntou Candy, suavemente.

– Está bem o quê?

– Seu coração.

Como ele podia dizer?

– Acho que sim.

– Vai acabar bem.

– O que vai acabar bem?

– Tudo – apressou-se Candy em responder.

– Tudo – repetiu Homer Wells. – Eu amar você... isso está certo. E você me amar e a Wally... isso também está certo?

– Você tem de esperar para ver – respondeu Candy. – Por tudo... tem de esperar para ver.

– Certo.

– Também não sei o que fazer – disse Candy, desamparada.

– Temos de fazer a coisa certa.

Wally gostaria que fizéssemos a coisa certa, e o Dr. Larch também estava fazendo o que julgava certo. Se você for capaz de ser bastante paciente e esperar para ver, a coisa certa deve se apresentar – não deve? Além do mais, que outra coisa um órfão pode fazer, além de esperar para ver?

– Posso ser paciente – acrescentou Homer Wells.

Melony também podia ser paciente. E Ray Kendall, em sua janela por cima do píer – ele também podia ser paciente. Um mecânico

também é paciente; um mecânico tem de esperar que alguma coisa quebre antes de poder consertá-la. Ray observava a distância entre os pés da filha e os de Homer Wells; não era uma grande distância, e ele já observara a filha no píer muitas vezes, nos braços de Wally, assim como antes disso, quando Candy e Wally também sentavam no píer sem que os pés se tocassem.

Eram três bons garotos, Ray estava pensando. Mas ele era um mecânico; sabia que era melhor não interferir. Quando quebrasse, então ele consertaria; e sentia pena de todos. – Posso levar você de carro à escola amanhã – sugeriu Homer.

– Papai pode me levar – respondeu Candy. – Acho que ele gosta

Olive Worthington olhou para o relógio na mesinha de cabeceira e apagou a lâmpada de leitura; Homer nunca ficara até tão tarde com Debra Pettigrew, ela estava pensando. Olive não tinha dificuldade para imaginar a atração que Candy exercia sobre Homer Wells; Olive tinha o maior respeito pela diligência de Homer. Já o vira ser um estudante melhor – e do coelho, entre todas as coisas! – do que Wally jamais fora, sabia que ele era também um companheiro confiável e amigo. Olive estava agitada. Sentia a contradição típica que uma mãe experimenta com tanta frequência: totalmente do lado do filho – queria até alertá-lo, ajudar sua causa – mas ao mesmo tempo Wally estava precisando aprender uma lição. Mas talvez não *essa* lição, pensou Olive.

– Graças a Deus que são três pessoas maravilhosas! – disse ela abruptamente, em voz alta, o som na casa vazia surpreendendo-a e despertando-a por completo.

Um chocolate quente seria tranquilizante, pensou ela; e quando Homer chegar em casa, poderá tomar um pouco comigo.

Na cozinha, no entanto, Olive ficou impressionada pela maneira como o nevoeiro, espalhando-se sob o luar, fazia com que a balsa na piscina parecesse fantasmagórica. A balsa estava equilibrada na beira da piscina, metade na água, metade fora, como uma fotografia

cinzenta e enevoadada de si mesma. A imagem perturbou-a, e Olive decidiu que já se cansara daquela balsa. Calçou um par de botas e pôs um capote comprido de inverno por cima da camisola. Incomodou-a que a luz externa do pátio não estivesse funcionando; só as luzes dentro da água se acendiam, e ela ficou surpresa ao constatar que a água na piscina finalmente congelara. Era esse o motivo para a posição imobilizada da balsa. Estava acuada, tão rígida quanto uma estátua, como um navio aprisionado numa banquisa. Tomando cuidado para manter o equilíbrio na beira da piscina, Olive bateu hesitante no gelo com o salto da bota, mas a balsa não se despreendeu quando a puxou. Se eu pisar no gelo, vou cair direto, pensou ela.

Foi nesse instante que Homer chegou em casa. Ela ouviu o furgão no caminho e chamou-o.

– O que quer fazer com isso? – perguntou Homer a Olive, referindo-se à balsa.

– Apenas tirar daqui.

– E depois?

– Quero jogar fora – afirmou Olive. – Enquanto você cuida disso, vou fazer um chocolate quente.

Homer lutou com a balsa. O gelo, que não suportaria todo o seu peso, estava bastante duro para segurar firmemente a balsa. Espertamente, ele acomodou-se em cima da balsa, esperando que ainda tivesse ar suficiente para não afundar, depois que rompesse sua ligação com o gelo. Balançou para a frente e para trás, de joelhos, em cima da balsa, até que pôde sentir o gelo se partindo. Depois, subiu para a beira da piscina e puxou a balsa. O gelo ainda aderiu; estava tão pesada que teve de arrastá-la. Quando chegou às barricas de lixo, tinha de esvaziar a balsa a fim de metê-la numa das barricas. Mas o bico estava emperrado pela ferrugem, e nem pulando em cima com os dois pés conseguiu romper a lona grossa e dura.

Foi até o galpão do jardim e pegou uma tesoura de poda; com a lâmina mais fina, fez um corte na balsa e virou para cima – o ar rançoso soprava em seu rosto. Era úmido e fétido; ele alargou o buraco e o cheiro envolveu-o – estranhamente quente no ar frio da noite e estranhamente pútrido. Não era apenas o cheiro dos tênis velhos de alguém deixados na chuva; havia também algo podre, e ele não pôde deixar de encarar o objeto rasgado como se considerasse um intestino perfurado. Meteu a balsa numa barrica de lixo, mas, quando entrou na casa para o prêmio de chocolate quente, descobriu que o cheiro persistia em suas mãos, mesmo depois de lavá-las. Cheirou a palma da mão em concha; o cheiro ainda estava lá. Demorou algum tempo para reconhecê-lo: era o mesmo cheiro que persistia em suas mãos depois que removia as luvas de borracha.

– Como Candy está? – perguntou Olive.

– Muito bem – respondeu Homer.

Eles tomaram o chocolate quente – como mãe e filho, ambos estavam pensando; e, ao mesmo tempo, *não* como mãe e filho, os dois também pensavam.

– E como *você* está? – perguntou-lhe Olive, depois de um momento.

– Muito bem.

Mas o que Homer Wells estava pensando era o seguinte: vou esperar para ver.

Wilbur Larch, inalando e contemplando as estrelas a dispararem pelo teto do dispensário, sabia como isso era um luxo; ser capaz de esperar para ver. Mesmo que eu resista, pensou ele, sempre posso ser apanhado; um aborteiro acredita nas probabilidades. Estava no negócio há muito tempo. Quais são as probabilidades de que alguém me denuncie antes que eu tenha acabado?, especulava ele.

Ontem mesmo ele conquistara uma nova inimiga – uma mulher no oitavo mês de gravidez dizendo que era apenas o quarto. Tivera de recusá-la. Quando as mulheres se tornavam histéricas, geralmente ele conseguia controlá-las; se exigiam firmeza, entregava-as à enfermeira Angela; a enfermeira Edna era melhor em segurar mãos. Com o tempo, as mulheres se acalmavam. Se, em sua opinião, uma mulher estava muito atrasada – se achava que tinha de recusar a execução do aborto –, quase sempre podia convencê-la de que estaria segura em St. Cloud's, que ele faria o parto e encontraria um lar para o bebê, o que era preferível ao risco envolvido num aborto tão atrasado.

Mas não aquela mulher. Não houvera histeria. A tranquilidade de um ódio antigo tornava a mulher quase serena. – Então é isso... não quer fazer – disse ela.

– Sinto muito.

– Quanto você quer para fazer de qualquer maneira? – perguntou a mulher. – Posso arrumar o dinheiro.

– Qualquer coisa que possa doar ao orfanato teria a nossa gratidão – disse Larch. – Se não puder dar nada, então é tudo de graça. Um aborto é gratuito, o parto é gratuito. Agradecemos os donativos. Se não tem para onde ir, pode ficar aqui. Não terá de esperar muito tempo.

– Basta me dizer o que preciso fazer – insistiu a mulher. – Tenho de trepar com você? Muito bem, treparei com você.

– Quero que tenha o bebê e me deixe encontrar um lar para ele – disse Wilbur Larch. – Isso é tudo o que quero que faça.

Mas a mulher olhara através dele. Fizera um grande esforço para sair da cadeira superestofada na sala da enfermeira Angela. Seus olhos se fixaram no peso de papel em cima da mesa de Larch; era um espécúlo vaginal com contrapeso, segurava muito papel, e a maioria das famílias adotivas em potencial não sabia do que se tratava. A mulher que queria o aborto tardio obviamente sabia o que

era; ficou olhando como se a visão lhe provocasse cólicas. Depois, olhou pela janela, por onde (o Dr. Larch imaginava) tencionava arremessar o peso de papel.

Ela pegou o espéculo e apontou-o para o Dr. Larch, como se fosse uma pistola.

– Vai se arrepender – declarou a mulher.

No nevoeiro do éter, Wilbur Larch viu a mulher apontar-lhe o espéculo de novo. Como vou me arrepender?, pensou ele.

– Sinto muito – disse o Dr. Larch, em voz alta.

A enfermeira Edna, passando pelo corredor – sempre passando –, pensou: Você está perdoado; eu o perdo.

Era domingo, e estava nublado – como sempre. O mesmo filme de Fred Astaire que entretivera os habitantes de Bath estava sendo exibido em Orono, e os alunos da Universidade do Maine, em 194-, ainda não eram tão cínicos que deixassem de apreciá-lo. Wally foi ao cinema com alguns amigos. Na segunda matinê a sessão não foi interrompida com a notícia que interrompeu tudo no resto do mundo. Deixaram que Fred Astaire continuasse a dançar e dançar. Os espectadores só tomaram conhecimento da notícia depois da sessão, quando saíram do escuro confortador do cinema para a claridade do final da tarde no centro de Orono.

Candy voltara para Camden com o pai. Raymond Kendall sentia-se especialmente orgulhoso da capacidade de recepção do rádio que adaptara em seu Chevrolet; era uma recepção muito mais nítida do que se considerava possível, naquele tempo, num rádio de carro comum; a antena especial fora feita pelo próprio Ray. Candy e o pai ouviram a notícia ao mesmo tempo que as outras pessoas no Maine, e ouviram em alto e bom som.

Olive sempre mantinha o rádio ligado e por isso era uma dessas pessoas que precisavam ouvir as coisas várias vezes antes de realmente escutá-las. Estava fazendo uma torta e preparando um

molho com maçãs; somente o tom de urgência excepcional na voz do locutor fez com que prestasse atenção ao rádio.

Homer Wells estava no quarto de Wally, lendo *David Copperfield* e pensando no Paraíso – “... esse céu por cima de mim, em que, no mistério por vir, posso ainda amá-la com um amor desconhecido na Terra e lhe contar a luta que havia em mim quando a amava aqui”. Acho que eu preferia amar Candy *aqui*, “na Terra”, Homer Wells estava pensando – quando Olive o interrompeu.

– Homer! – gritou lá de baixo. – Onde fica Pearl Harbor?

Ele era a pessoa errada para informar; Homer Wells vira o mundo inteiro apenas uma vez e rapidamente – e achatado contra o quadro-negro. Tivera dificuldade para localizar a Carolina do Sul; não apenas não sabia onde ficava Pearl Harbor, como também não sabia *o que era*.

– Não sei! – gritou ele lá de cima.

– Pois os japoneses acabaram de bombardear!

– Com aviões? – indagou Homer Wells. – Do céu?

– Claro que foi do céu! – gritou Olive em resposta. – É melhor você vir escutar a notícia.

– Onde fica Pearl Harbor? – perguntou Candy ao pai.

– Psiu! – ordenou Raymond Kendall. – Se ficarmos escutando, talvez eles digam.

– Como eles podem escapar impunes a um ataque? – indagou Candy.

– Porque alguém não estava fazendo o seu trabalho.

As primeiras notícias eram truncadas. Houve menção de um ataque à Califórnia, que até mesmo estaria sendo invadida. Muitos ouvintes ficaram confusos desde o início; pensavam que Pearl Harbor ficava na Califórnia.

– Onde é o Havaí? – perguntou a Sra. Grogan.

Estavam tomando chá com biscoitos e escutando o rádio, música, quando ouviram a notícia.

- O Havaí fica no Pacífico – informou Wilbur Larch.
- É muito longe – comentou a enfermeira Edna.
- Não tão longe assim – disse o Dr. Larch.
- Vai haver outra guerra, não é? – indagou a enfermeira Angela.
- Acho que já começou – murmurou Wilbur Larch, enquanto Wally, para quem aquela guerra significava o máximo, olhava Fred Astaire; Fred continuava a dançar e dançar, e Wally pensava que poderia continuar a assistir por horas àquela demonstração de encanto.

Melony e Lorna escutavam o rádio na sala de estar da pensão em que Lorna vivia. Era uma pensão exclusivamente feminina; as mulheres eram bastante velhas ou, como Lorna, recentemente separadas de seus maridos. Naquela tarde de domingo, a maioria das mulheres que escutavam o rádio era de velhas.

– Devemos também bombardear o Japão – comentou Melony. – Sem perdão... explodir todo o país.

– Sabe por que os japoneses têm os olhos enviesados? – indagou Lorna. Melony e todas as velhas ficaram atentas.

– Porque eles se masturbam o tempo todo... tanto os homens como as mulheres. Fazem isso o tempo todo.

Houve um silêncio polido ou aturdido, talvez as duas coisas. No caso de Melony, o silêncio era polido.

– Isso é uma piada? – perguntou ela à amiga, em tom respeitoso.

– Claro que é uma piada! – gritou Lorna.

– Acho que não entendi – admitiu Melony.

– Por que os japoneses têm os olhos enviesados? – indagou Lorna. – Porque se masturbam o tempo todo.

Ela fez uma pausa, e Melony murmurou:

– Foi o que eu pensei que você disse.

– Porque eles fecham os olhos toda vez que gozam! – gritou Lorna. – Os olhos ficam cansados de tanto abrir e fechar. É por isso

que não podem abrir os olhos completamente! Entendeu? – arrematou Lorna, triunfante.

Ainda estrangida pelos dentes, Melony conseguiu exibir um sorriso de lábios comprimidos. Qualquer um que visse as velhas na sala da pensão não saberia exatamente o que lhes incutia tanto medo e tremor: se a notícia do ataque a Pearl Harbor ou Lorna e Melony.

E o jovem Wally Worthington, que estava tão ansioso em se tornar um herói, dançava pelas ruas de Orono, onde soube da notícia. O presidente Roosevelt o chamaria de “dia da infâmia”, mas aquele dia significava mais do que infâmia para Wally, cujo coração nobre e aventureiro ansiava por voar num B-24 Liberator: um bombardeiro pesado, quadrimotor, usado para bombardear pontes, refinarias de petróleo, depósitos de combustível, linhas ferroviárias e assim por diante. Em algum lugar, naquele “dia da infâmia”, havia um bombardeiro B-24 Liberator esperando que o jovem Wally Worthington aprendesse a voar nele.

As pessoas em Heart’s Haven e Heart’s Rock sempre disseram que Wally tinha tudo: dinheiro, beleza, generosidade, charme, a garota de seus sonhos – mas tinha coragem também e possuía ainda, em abundância, as mais perigosas qualidades da juventude: otimismo e inquietação. Arriscaria tudo que tinha para pilotar o avião que pudesse carregar a bomba que havia dentro dele.

Wally alistou-se no Corpo Aéreo do Exército antes do Natal, mas permitiram-lhe passar o Natal em casa. O Corpo Aéreo do Exército levaria mais de um ano para ensinar a Wally as artes sinistras da guerra aérea.

– A esta altura – disse ele a Olive e Candy na cozinha em Ocean View –, toda a luta provavelmente já estará terminada. Não tenho mesmo sorte.

– Ao contrário, seria a sua sorte! – protestou Olive, com Candy balançando a cabeça.

– Certo! – disse Homer Wells, do outro cômodo. Ele ainda pensava em sua dispensa dos exames físicos; as informações do Dr. Larch sobre a história cardíaca de Homer haviam sido suficientes. Os exames físicos só eram feitos nas pessoas que estavam na Classe I; Homer fora enquadrado na Classe IV. Segundo o seu médico de família, Homer tinha estenose pulmonar congênita; o “médico de família” de Homer era o Dr. Larch, cuja carta para a junta médica local fora aceita como prova bastante para a dispensa de Homer – Larch era também um membro da junta local.

– Pedi a ela para casar comigo, mas ela não quis – informou Wally a Homer, no quarto que partilhavam. Disse que seria minha esposa, mas não minha viúva.

No dia seguinte, Homer perguntou a Candy:

– É isso o que você chama esperar para ver?

– É sim – respondeu Candy. – Há anos que venho esperando para casar com Wally. Você veio depois. Tenho de esperar para ver no seu caso. E agora vem a guerra. Tenho de esperar para ver o que acontece com a guerra.

– Mas você fez uma promessa – insistiu Homer Wells.

– É verdade... mas uma promessa não equivale a esperar para ver? Alguma vez você já fez uma promessa a sério... e depois a quebrou?

A reação de Homer Wells foi um tremor involuntário, tão súbito e incontrolável como se Candy o tivesse chamado de “Sunshine”.

Durante o jantar de Natal, Raymond Kendall disse, tentando mitigar o silêncio:

– Eu escolheria submarinos.

– Acabaria como comida de lagostas – comentou Wally.

– Não seria problema – respondeu Ray. – Elas estão me alimentando.

– A chance é maior num avião – insistiu Wally.

– É isso aí, uma *chance* – interveio Candy, em tom desdenhoso.

– Por que haveria de querer estar em qualquer lugar em que tudo o que tem é uma *chance*?

– Boa pergunta – disse Olive, irritada.

Ela deixou o garfo de prata de serviço cair na travessa com tanta força que o ganso pareceu se encolher.

– Uma chance é suficiente – disse Homer Wells, que não reconheceu imediatamente o tom em sua voz. – Uma chance é tudo o que temos, certo? No ar, dentro d’água ou bem aqui, desde o instante em que nascemos.

Ou desde o instante em que não nascemos, pensou ele; reconhecia agora o seu tom de voz – era do Dr. Larch.

– É uma filosofia um tanto brutal – comentou Olive.

– Pensei que estivesse estudando anatomia – disse Wally a Homer, que olhou para Candy, que desviou os olhos.

Mandaram Wally para Fort Meade, em Maryland, pelo mês de janeiro. Ele era um autor de cartas fiel, mas terrível; escrevia para a mãe, escrevia para Homer e Candy, até mesmo para Ray, mas nunca explicava coisa alguma; se havia um plano no que estavam lhe ensinando, Wally não sabia ou não era capaz de descrever. Limitava-se a escrever os detalhes tediosos da última coisa que ocupara sua mente antes de iniciar a carta, o que incluía a bolsa que idealizara para pendurar em seu beliche, separando a graxa de sapato da pasta de dentes, e o concurso do melhor-nome-para-um-avião, que dominava a vida imaginativa da Companhia A. Wally também estava deliciado porque um sargento-cozinheiro lhe ensinara mais *limericks* do que Sênior fora capaz de se lembrar em seus últimos anos. Em cada carta que escrevia, para qualquer pessoa, Wally incluía um *limerick*; Ray gostava, e Homer também, mas deixavam Candy furiosa e Olive, consternada. Candy e Homer mostravam um ao outro os *limericks* que Wally lhes enviara, até que Homer compreendeu

que isso deixava Candy ainda mais furiosa: os *limericks* que Wally escolhia para enviar a Candy eram suaves em comparação com os que Homer recebia. Por exemplo, ele enviou o seguinte a Candy:

Havia uma jovem em Exeter
Tão linda que os homens esticavam o pescoço para ela.
E houve um que foi tão bravo
A ponto de tirar e acenar para ela
Com a marca característica de seu sexo.

Para Homer Wells, ele mandou o seguinte:

Havia uma jovem de nome Brent
Com uma cona de extensão enorme
E tão profunda e tão larga
Que a acústica lá dentro
Era tão boa que se podia ouvir o que se descarregava.

Wally ensinava para Ray *limericks* de um tipo similar:

Há uma rocha intacta de Toronto
Que é muito difícil de se penetrar,
Mas quando se chega lá
E se entreabre os cabelos,
Pode-se fodê-la tanto quanto se quiser.

Só Deus sabe que *limericks* Wally mandava para Olive – onde será que Wally encontra alguns que sejam bastante decentes?, especulava Homer, que à noite, depois que Wally se foi e Candy voltou à escola, ficava deitado a escutar seu coração. Ajudaria muito, pensava ele, se soubesse o que escutar.

Wally foi mandado para St. Louis – Quartel Jefferson, Esquadrilha 17, 28º Esquadrão-Escola. Homer Wells ficou impressionado porque o Corpo Aéreo do Exército parecia calcado na *Anatomia de Gray* – manifestando uma inabalável convicção em categorias e na necessidade de que tudo tivesse um nome. Era tranquilizador para Homer Wells; em sua mente, essa categorização interminável tornava Wally mais seguro; só que Homer não foi capaz de convencer Candy disso.

– Ele está seguro num minuto e no seguinte não está mais – comentou ela, dando de ombros.

“Cuide de Homer, cuide do coração dele”, escrevera Wally para ela.

“E quem está cuidando do *meu* coração? Isso mesmo, ainda estou zangada”, escreveu Candy em resposta, embora Wally não tivesse lhe perguntado.

Mas se ela estava zangada com Wally, também era leal; estava cumprindo sua promessa, sobre esperar para ver. Beijava Homer quando o encontrava e quando se despediam, mas não o encorajava.

– Somos apenas bons amigos – disse ela ao pai; Ray nada lhe perguntara.

– Dá para perceber – respondeu Ray.

O trabalho nos pomares estava mais leve naquele inverno; a poda era a atividade principal. Os homens se revezavam para ensinar Homer a podar.

– Faça os cortes maiores no tempo do subcongelamento – disse-lhe Meany Hyde.

– Uma árvore não sangra tanto quando está frio – foi como Vernon Lynch se expressou, cortando.

– Há menos possibilidade de uma infecção quando está frio – disse Herb Fowler, que não era tão liberal com os preservativos nos meses de inverno, talvez porque precisasse tirar as luvas para pegá-

los; mas Homer tinha certeza de que Herb estava sendo cauteloso desde que o interrogara sobre os buracos.

– Há buracos? – respondera Herb. – Deve ser defeito de fabricação.

Mais tarde, porém, ele procurou Homer e lhe sussurrou:

– Nem todos têm buracos.

– Você tem algum sistema? – perguntou Homer. – Quais os que têm buracos e os que não têm?

– Não é meu o sistema – disse Herb Fowler. – Alguns têm buracos, outros não têm. Defeito de fabricação.

– Certo.

O fato é que, agora, os preservativos raramente eram lançadas em sua direção.

A mulher de Meany Hyde, Florence, estava grávida de novo, e durante todo o inverno Big Dot Taft e Irene Titcomb disseram gracejos sobre a potência de Meany.

– Fique longe de mim, Meany – dizia Big Dot. Não vou nem deixar que você tome meu café. Tenho a impressão de que você só precisa respirar sobre uma mulher para ela ficar de barriga.

– Isso foi tudo o que ele fez comigo! – exclamava Florence, arrancando uma estrondosa gargalhada de Big Dot Taft.

– Não comece a dar aulas de respiração para os homens, Meany – acrescentava Irene Titcomb.

– Meany pode engravidar qualquer uma só de beijar suas orelhas – garantia Florence Hyde, orgulhosa, envaidecida de sua gravidez.

– Quero protetores para as orelhas! – gritava Louise Tobey. – Quero um chapéu de esqui!

– Quero uma dúzia dos preservativos de Herb! – arrematava Irene Titcomb.

Não, não aceite nenhum, pensava Homer Wells. Provavelmente foi assim que ela engravidou. Homer não desviava os olhos de

Florence Hyde. Era fascinante para ele ver uma mulher que estava gostando de sua gravidez.

– Ora essa, Homer – interveio Big Dot Taft –, será que nunca viu antes uma mulher esperando um bebê?

– Já sim – murmurou Homer Wells, desviando os olhos.

Grace Lynch o observava atentamente e também desviou os olhos.

– Se eu tivesse a sua idade – disse Vernon Lynch a Homer, quando estavam podando num pomar chamado Cock Hill –, eu me alistaria. Faria o que Wally está fazendo.

– Não posso – respondeu Homer Wells.

– Eles não aceitam órfãos?

– Não é isso – explicou Homer. – Tenho um problema no coração. Uma coisa com que nasci.

Vernon Lynch não era um linguarudo, mas isso foi tudo o que Homer precisou dizer – os trabalhadores em Ocean View não apenas perdoavam Homer por não se alistar, mas até começaram a cuidar dele. Tratavam-no da maneira como o Dr. Larch gostaria de vê-lo tratado.

– Não falei a sério – disse Herb Fowler a Homer. – Sobre o defeito de fabricação. Não teria dito isso se soubesse de seu coração.

– Não tem problema – disse Homer.

E no início da primavera, quando chegou o momento de consertar as caixas para as colmeias, Ira Titcomb dispôs-se a ajudar Homer, que estava penando com um estrado de carga particularmente pesado.

– Santo Deus, não se esforce tanto! – exclamou Ira.

– Posso carregar, Ira. Sou mais forte do que você – respondeu Homer, sem compreender, a princípio, a preocupação de Ira.

– Soube que seu coração não é tão forte quanto o restante de você – explicou Ira.

No Dia das Mães, Vernon Lynch ensinou-o a operar sozinho os pulverizadores; e insistiu em dar a Homer outra aula sobre o uso do respirador.

– Você, entre todas as pessoas – disse-lhe Vernon –, deve manter sempre essa coisa e cuidar para que esteja limpa.

– Eu entre todas as pessoas – murmurou Homer Wells.

Até mesmo Debra Pettigrew perdoou-o por sua amizade aparentemente indefinida com Candy. À medida que o tempo esquentava, eles recomeçaram a sair. Uma noite, conseguiram alguns beijos prolongados na casa de verão desocupada dos Pettigrew, no Drinkwater Lake; o cheiro rançoso da casa fechada e fria lembrou a Homer os seus primeiros dias na casa de sidra. Quando seus beijos pareciam muito calmos, Debra ficava inquieta; quando seus beijos pareciam muito ardentes, Debra dizia:

– Cuidado! Não fique excitado demais!

Ele era um jovem com uma gentileza excepcional, caso contrário poderia sugerir a Debra que nada do que ela lhe permitia jamais representaria um risco para seu coração.

Era primavera. Wally foi enviado para Kelly Field, em San Antonio, no Texas – para o treinamento de cadetes do Corpo Aéreo (Grupo 2, Esquadrilha C), e Melony chegou à conclusão de que era o momento certo para cair na estrada outra vez.

– Você está louca – disse-lhe Lorna. – Quanto mais guerra houver, mais haverá bons empregos para a gente. O país precisa construir coisas... não precisa comer mais maçãs.

– Que se dane o que o país precisa! – disse Melony. – Estou procurando Homer Wells e vou encontrá-lo.

– Verei você no próximo inverno? – perguntou Lorna.

– Se eu não encontrar Ocean View nem Homer Wells.

– Então verei você no próximo inverno. Está deixando que um homem faça você bancar a idiota.

– É justamente o que não vou deixar que ele faça – garantiu Melony.

O casaco da Sra. Grogan já conhecera dias melhores, mas a trouxa de pertences contidos pelo cinto de Charley crescera de maneira considerável. Melony ganhara dinheiro no estaleiro e se presenteara com alguns artigos resistentes de traje de trabalhador, inclusive um bom par de botas. Lorna deu-lhe um presente quando ela estava partindo.

– Eu costumava tricotar – explicou Lorna.

Era uma luva de lã – apenas a mão esquerda e muito pequena para Melony, mas de uma cor linda. Uma luva para criança.

– Seria para o bebê que nunca tive, porque não fiquei casada pelo tempo suficiente. E nunca acabei a mão direita.

Melony ficou olhando fixamente para a luva em sua mão – a luva era muito pesada; estava cheia de bilhas que Lorna surripiara do estaleiro.

– É uma superarma – explicou Lorna –, caso encontre alguém que seja um idiota maior do que você.

O presente trouxe lágrimas aos olhos de Melony, e as duas se abraçaram em despedida. Melony deixou Bath sem se despedir da jovem Mary Agnes Cork, que teria feito qualquer coisa para agradá-la, que perguntara a todos os colegas na escola – e a todas as pessoas que apareciam na loja de Ted e Patty Callahan para ver as antiguidades – se alguém já ouvira falar de uma plantação de maçãs chamada Ocean View. Se essa informação pudesse converter Melony em sua amiga, Mary Agnes Cork nunca pararia de perguntar. Depois que Melony deixou Bath, Lorna compreendeu o quanto sentia saudade da amiga, e descobriu-se a perguntar a todo mundo se conhecia Ocean View – como se a investigação fosse uma parte tão necessária e leal de sua amizade com Melony quanto o presente da arma de lã.

Isso significava que agora eram três, todas procurando por Homer Wells.

Naquele verão, transferiram Wally de San Antonio para Coleman, também no Texas. “Eu gostaria que alguém declarasse guerra ao Texas”, escreveu ele para Homer. “Isso poderia ser alguma justificativa para estar aqui.” Ele disse que estava voando de cueca e meias – era tudo o que os homens conseguiam vestir num calor tão implacável.

– Para onde ele pensa que vai? – queixou-se Candy a Homer. – Será que espera um clima perfeito? Ele vai para uma *guerra!*

Homer estava sentado na frente dela, no píer de Ray Kendall, a população de caracóis sempre influenciada pela conversa entre os dois.

Na fria sala de aula de chão de cimento, na escola secundária de Cape Kenneth, Homer desenrolava o mapa do mundo; raramente havia alguém mais presente, além do zelador, que não era mais bem informado sobre geografia do que Homer Wells. Homer aproveitava a solidão do verão para estudar os lugares do mundo para onde achava que era provável que Wally fosse.

Houve uma ocasião em que o Sr. Hood surpreendeu-o nesses estudos. Talvez o Sr. Hood estivesse visitando a velha sala de aula por nostalgia ou talvez fosse a época de encomendar os coelhos para o próximo ano letivo.

– Suponho que você vai se alistar – disse o Sr. Hood a Homer.

– Não, senhor – respondeu Homer. – Tenho um problema no coração... *estenose da válvula pulmonar.*

O Sr. Hood olhou para o peito de Homer; Homer sabia que o homem só tinha olhos para coelhos – e olhos não muito aguçados, diga-se de passagem.

– Teve um sopro no coração desde o nascimento? – perguntou o Sr. Hood.

- Isso mesmo, senhor.
- E ainda tem um sopro!
- Não há quase mais nada.
- Então não é um coração tão ruim assim – comentou o Sr. Hood, procurando animá-lo.

Mas por que Homer Wells acharia que o Sr. Hood era uma autoridade? Ele nem era capaz de manter corretamente os seus úteros; não distinguia coelhas de ovelhas.

Até os migrantes estavam diferentes naquela colheita – eram ao mesmo tempo mais velhos e mais jovens; os homens em pleno vigor haviam se alistado, à exceção de Mister Rose.

- Não está fácil arrumar colhedores este ano – disse ele a Olive.
- Há muitos idiotas que pensam que a guerra é mais interessante do que colher maçãs.

– Sei disso – respondeu Olive. – Nem precisava me dizer.

Naquela colheita havia uma mulher que Mister Rose chamava de Mama, embora não fosse velha o suficiente para ser a mãe de qualquer um. Sua fidelidade parecia devida exclusivamente a Mister Rose; Homer compreendeu isso porque a mulher fazia o que queria – colhia um pouco, quando sentia vontade ou quando Mister Rose sugeria; cozinhava um pouco, mas não era a cozinheira todas as noites e não era a cozinheira de todos. Algumas noites ela até sentava no telhado, mas somente quando Mister Rose também lá estava. Era ainda jovem, alta e corpulenta, com uma lentidão deliberada, o que fazia com que seus movimentos parecessem copiados de Mister Rose, e exibia um sorriso quase constante, que não era bastante relaxado e não era bastante afetado – também copiado de Mister Rose.

Homer ficou surpreso por não haver disposições especiais para a mulher dormir; tinha a sua cama ao lado da cama de Mister Rose, mas não houve qualquer tentativa de pôr uma cortina entre elas ou proporcionar alguma outra forma de privacidade. Havia apenas uma

coisa: de vez em quando, ao passar de carro pela casa de sidra, Homer notava que todos, à exceção de Mister Rose e da mulher, estavam parados do lado de fora ou sentados no telhado. Devia ser o momento em que ficavam juntos, e Mister Rose orquestrava esses encontros de forma tão determinada quanto cuidava de todo o resto.

Havia uma proibição de luzes na costa ao final daquele verão; não havia roda-gigante para observar à noite, não havia luzes mágicas para chamar por outros nomes, mas nem essas condições de blecaute afastavam os colhedores do telhado. Eles ficavam sentados no escuro, olhando para o escuro; Mister Rose dizia:

– Ficava ali... era muito mais alta do que este telhado e mais brilhante que todas as estrelas, se a gente pudesse reunir todas as estrelas. E ficava rodando e rodando. – Enquanto Mister Rose falava, a mulher alta e corpulenta ficava encostada nele, as cabeças escuras por cima da linha do telhado balançando. – Agora tem uma porção de coisas por lá, no fundo do oceano... coisas com bombas, canhões submarinos. Essas coisas sabem quando tem uma luz acesa e as bombas são atraídas para as luzes... como metal para ímãs. Acontece automaticamente.

– Não há pessoas para apertar os gatilhos? – perguntou alguém.

– Não há gatilhos – respondeu Mister Rose. – Tudo é automático. Mas há pessoas. Estão lá só para tomar conta das coisas, cuidar para que funcionem direito.

– Há pessoas lá fora, no fundo do oceano? – perguntou alguém.

– Claro – respondeu Mister Rose. – Uma porção de pessoas. E são muito espertas. Arrumam as coisas para poderem ver a gente.

– Em terra?

– Isso mesmo. Podem ver a gente em qualquer lugar.

Uma espécie de suspiro comunitário fez com que os espectadores no telhado parecessem um coro descansando entre números. No quarto de Wally, Homer admirava-se pelo fato de o mundo estar simultaneamente sendo inventado e destruído.

Não há nada de maravilhoso, o Dr. Larch teria lhe assegurado. Em St. Cloud's, exceto pela irritação com os cupons de açúcar e outros aspectos do racionamento, bem pouco foi mudado pela guerra. (Ou pelo que outras pessoas outrora chamaram de Depressão, pensou Wilbur Larch.)

Somos um orfanato; prestamos esses serviços; continuamos os mesmos – se nos permitirem continuar os mesmos, pensou ele. Quando estava quase se entregando ao desespero, quando o éter era opressivo demais, quando sua própria idade parecia o último obstáculo e a vulnerabilidade de seu empreendimento ilegal era tão patente quanto as silhuetas dos pinheiros contra o profundo céu noturno do outono, Wilbur Larch se salvava com um único pensamento: Eu amo Homer Wells e o salvei da guerra.

Homer Wells não se sentia salvo. Alguém que estava apaixonado e estava insatisfeito com a maneira pela qual era amado em retribuição alguma vez já se sentiu *salvo*? Ao contrário, Homer Wells sentia que fora condenado a uma perseguição especial. Que jovem – até mesmo um órfão – é bastante paciente a ponto de esperar para ver em matéria de amor? E se Wilbur Larch salvara Homer da guerra, era impotente para interferir com Melony.

Durante a colheita daquele ano, Wally foi outra vez transferido – para Perrin Field, em Sherman, Texas (treinamento básico, Companhia D) –, mas Melony mudou-se cinco vezes. Tinha bastante dinheiro; não precisava trabalhar. Aceitou trabalho num pomar depois de outro, partindo assim que descobria que ninguém por lá ouvira falar de Ocean View. Trabalhou num pomar em Harpswell e em outro em Arrowsic; trabalhou bem para o norte, em Rockport, e bem para o interior, em Appleton e Lisbon. Fez uma viagem a Wiscasset, porque alguém lhe dissera que havia um Ocean View ali; e havia mesmo, só que era uma pensão. Um vendedor de sorvetes lhe disse que conhecera um Ocean View em Friendship; era o nome do barco a vela de um residente local. Melony meteu-se numa briga de socos com o chefe dos garçons de um restaurante de frutos do

mar em South Thomaston, porque insistiu em interrogar cada um dos fregueses sobre Ocean View; ganhou a briga, mas foi multada por perturbação da ordem; estava com pouco dinheiro quando passou por Boothbay Harbor, no início de novembro. O mar estava cinzento e encapelado, os lindos barcos de veraneio estavam em diques secos, o vento anunciava o inverno iminente; os poros de Melony, assim como os da terra, estavam se fechando tão firmemente quanto seu coração desapontado.

Ela não reconheceu o jovem pálido e mal-humorado que servia sorvete no balcão da farmácia Rinfret, mas o jovem Roy Rinfret – o ex (e profundamente desapontado) Curly Day – reconheceu Melony no mesmo instante.

– Eu era Curly Day! – disse ele, muito excitado. – Lembra de mim?

Ele ofereceu muita bala e chicletes de graça a Melony, e insistiu em presenteá-la também com um sorvete.

– Um sorvete duplo por minha conta – disse Curly; seus pais adotivos teriam desaprovado.

– Puxa, você não se deu tão bem quanto se podia esperar – comentou Melony.

A intenção do comentário não era insultuosa; era uma referência à cor de Curly Day, lívida, e a seu tamanho – ele não crescera muito. Não queria dizer mais nada além disso, mas o comentário abriu as comportas de tudo o que havia de fúria em Curly Day e estava pronto para explodir.

– Tem razão, eu não me dei tão bem – disse ele, furioso. – Fui rejeitado. Homer Wells roubou as pessoas a quem *eu* estava destinado.

Os dentes de Melony estavam muito fracos para goma de mascar, mas ela embolsou-a assim mesmo; seria um bom presente para Lorna. As cáries de Melony doíam quando ela chupava balas, mas

gostava de fazê-lo de vez em quando, apesar disso – ou talvez por causa disso –, e nunca tomara um sorvete antes.

Para demonstrar sua aversão ao ambiente em que vivia, Curly Day esguichou um pouco de xarope de morango no chão – verificando primeiro, para ter certeza de que somente Melony podia ver. Fez isso como se estivesse experimentando o bico, antes de esguichar no sorvete de Melony.

– Atrai formigas – explicou ele; Melony duvidava que restassem muitas formigas em novembro. – É o que estão sempre dizendo. Atrai formigas.

Ele esguichou algumas vezes no chão, antes de acrescentar:

– Estou tentando fazer com que as formigas carreguem este lugar para longe.

– Ainda está zangado com Homer Wells? – perguntou-lhe Melony, insinuante.

Ela explicou que Curly devia simplesmente perguntar – a todos os fregueses – se alguém conhecia Ocean View. Curly nunca pensara objetivamente sobre o que faria ou diria a Homer Wells se algum dia tornasse a encontrá-lo; estava ressentido, mas não era um garoto vingativo e teve uma lembrança súbita e nítida da violência de Melony. Ficou desconfiado e indagou:

– Para que você quer encontrar Homer?

– Para *quê?* – repetiu Melony, suavemente; não era claro se ela já pensara a respeito. – Ora, para que *você* gostaria de encontrá-lo, Curly?

– Bem, acho que eu gostaria de ver Homer para dizer que fiquei furioso quando ele foi embora e me deixou lá... quando era eu quem deveria ir, em vez dele.

Pensando a respeito, Curly compreendeu que simplesmente gostaria de ver Homer Wells – talvez ser seu amigo, talvez fazerem coisas juntos. Sempre admirara Homer. Se se sentira um pouco abandonado por ele, isso fora tudo. Começou a chorar. Melony

aproveitou o guardanapo de papel que acompanhava o sorvete para enxugar as lágrimas de Curly.

– Posso entender o que está querendo dizer – murmurou ela. – Sei como se sente. Também fui abandonada, e você sabe disso. Juro que sinto saudade de Homer e queria apenas vê-lo.

O choro de Curly atraiu a atenção de seu pai adotivo, o Sr. Rinfret, o farmacêutico, que se encontrava no lado da loja em que eram vendidos os remédios.

– Sou de St. Cloud's – explicou Melony ao Sr. Rinfret.

– Éramos muito chegados lá... sempre que esbarramos um no outro, demora um pouco para a gente se acostumar.

Ela abraçou Curly de forma um tanto maternal, embora rude, e o Sr. Rinfret concedeu-lhes a sua privacidade.

– Tente não esquecer, Curly – murmurou Melony, balançando o garoto em seus braços, como se estivesse lhe contando uma história de ninar. – Ocean View... não pare de perguntar por Ocean View.

Depois de acalmá-lo, ela deu o endereço de Lorna em Bath. Voltando para Bath, Melony acalentava a esperança de que o estaleiro tornasse a contratá-la e o chamado esforço de guerra começasse a mudar as coisas na linha de montagem – que ela pudesse ter um trabalho um pouco diferente da inserção daquelas bilhas na roda dentada que parecia a metade de um presunto. Com esse pensamento, tirou do bolso do casaco da Sra. Grogan a luva que Lorna lhe dera de presente; ainda não precisara usá-la como arma, mas em muitas noites a sua presença a confortara. E não fora um ano inteiramente desperdiçado, concluiu Melony, satisfeita, batendo com a pesada luva na palma da outra mão. Agora, somos quatro pessoas procurando por você, Sunshine.

Mantiveram Wally no Texas, mas ainda assim o mudaram mais uma vez – para a Escola de Aviação Lubbock (alojamento 12, D3). Ele

passaria o mês de novembro e a maior parte de dezembro ali, mas o Corpo Aéreo do Exército prometera mandá-lo para casa no Natal.

“Estarei em breve no seio de minha família!”, escreveu ele para Candy, Homer e Olive – até mesmo para Ray, que contribuíra para o esforço de guerra ao se juntar à turma de mecânicos no Arsenal de Marinha em Kittery; Ray estava construindo torpedos. Ele contratara alguns rapazes locais, que ainda estavam na escola, para ajudá-lo a impedir que o negócio de lagostas afundasse e trabalhava nos veículos de Ocean View nos fins de semana. Com o maior entusiasmo, fez uma demonstração do giroscópio na mesa da cozinha de Olive, para a própria Olive e para Homer Wells.

– Antes de o camarada entender o torpedo – gostava de dizer Ray –, precisa compreender o giroscópio.

Homer estava interessado, Olive era polida – e mais do que isso, completamente dependente de Ray; se ele não consertasse todas as máquinas em Ocean View, Olive estava convencida de que as maçãs parariam de crescer.

Candy mostrava-se irritada durante a maior parte do tempo – o esforço de guerra de todos parecia deprimi-la, embora tivesse se oferecido para participar, trabalhando por muitas horas no hospital de Cape Kenneth como ajudante de enfermagem. Ela concordou que seria “complacente” ir para a universidade agora e não teve problemas para convencer Homer Wells de que deveria contribuir também – com a experiência que tinha, Homer podia ser um auxiliar de enfermagem mais útil do que a maioria.

– Certo – dissera Homer.

Mas se Homer voltara contra a vontade a uma vida de semi-hospital, não demorou a descobrir que se sentia à vontade ali; contudo, às vezes era difícil reprimir sua opinião de perito sobre determinados assuntos e bancar o principiante num papel para o qual infelizmente nascera. Até as enfermeiras eram condescendentes com os auxiliares de enfermagem, e Homer ficou irritado ao

constatar que os médicos eram condescendentes com todos – acima de tudo com os pacientes.

Candy e Homer não tinham permissão para aplicar injeções ou medicamentos, mas tinham mais o que fazer além de arrumar camas, esvaziar comadres, dar massagens e banhos e cumprir as pequenas missões de amizade que proporcionam ao hospital moderno um arrastar de pés tão constante. Também tinham deveres na sala de parto, por exemplo; Homer não ficou impressionado com o procedimento obstétrico que testemunhou ali. Não chegava aos pés do trabalho do Dr. Larch, e em alguns casos não se equiparava ao seu próprio. Se o Dr. Larch muitas vezes criticara Homer por seu toque pesado com o éter, Homer não podia agora imaginar como o velho reagiria à falta de jeito que predominava na aplicação no hospital de Cape Kenneth. Em St. Cloud's, Homer vira muitas pacientes conversarem durante suas operações; nas salas de recuperação em Cape Kenneth, as pacientes que lutavam para emergir das doses de éter pareciam ter sido espancadas com um porrete – roncavam com a boca escancarada, as mãos pendendo como peso morto, os músculos nas faces tão flácidos que às vezes se tinha a impressão de que os olhos estavam entreabertos.

Homer sentia-se ainda mais irritado ao observar como anestesiavam as crianças – como se os médicos ou anestesistas fossem tão desinformados que não se dessem ao trabalho de considerar o peso do corpo do paciente.

Um dia ele sentou com Candy, cada um de um lado, junto à cama de um garoto de 5 anos que estava se recuperando de uma amigdalectomia. Isso era trabalho de auxiliar de enfermagem: sentar com os pacientes que estavam saindo do éter, especialmente as crianças, especialmente as operadas de amígdalas – estavam muitas vezes assustadas, sentindo dor e náusea quando despertavam. Homer comentou que não ficariam tão nauseadas se aplicassem um pouco menos de éter.

Uma das enfermeiras estava na sala de recuperação com eles; era a que mais gostavam – uma moça feia e simples, mais ou menos da idade deles.

– Você sabe um bocado sobre éter, Homer – comentou a enfermeira Caroline.

– Tenho a impressão de que é usado com exagero, em alguns casos – murmurou Homer.

– Hospitais não são perfeitos, apenas se espera que sejam – disse a enfermeira Caroline. – E os médicos também não são perfeitos; apenas pensam que são.

– Certo – disse Homer Wells.

A garganta do garoto de 5 anos estava muito dolorida quando ele finalmente acordou, e ele teve ânsias de vômito por algum tempo, até que um pouco de sorvete desceu por sua garganta e ficou lá por baixo. Uma das coisas que os auxiliares de enfermagem faziam era cuidar para que as crianças em tais condições não sufocassem com o próprio vômito. Homer explicou a Candy que era muito importante que a criança, num estado semieterizado, não *aspirasse* ou inalasse qualquer líquido, como vômito, para os pulmões.

– Aspirar... seu pai era médico, Homer? – perguntou a enfermeira Caroline.

– Não exatamente.

Foi a enfermeira Caroline quem apresentou Homer ao jovem Dr. Harlow, que vivia brigando com os cabelos que lhe caíam pelo rosto; um topete fazia com que sua testa parecesse mínima; uma prateleira de cabelos ruivos proporcionava a seus olhos a ansiedade constante de alguém espiando debaixo da aba de um chapéu.

– Ah, sim, Wells... nosso perito em éter – disse o Dr. Harlow, em tom desdenhoso.

– Fui criado num orfanato – explicou Homer Wells. – E ajudava muito no hospital.

– Mas nunca administrou éter, não é mesmo?

– Claro que não – mentiu Homer Wells.

Como o Dr. Larch já descobrira com o conselho de administração, era bastante gratificante mentir para pessoas antipáticas.

– Não se exiba – disse Candy a Homer, quando voltavam de carro para Heart's Haven. – Não combina com você, e poderia criar problemas para o Dr. Larch.

– Quando foi que me exibi?

– Ainda não o fez – respondeu Candy. – Mas tome cuidado, está bem?

Homer ficou de mau humor.

– E não fique mal-humorado – acrescentou Candy.

– Isso também não combina com você.

– Estou apenas esperando para ver – declarou Homer Wells. – Você sabe como é isso.

Ele a deixou no curral de lagostas; geralmente entrava com ela e conversava um pouco com Ray. Mas Homer estava equivocado ao confundir a irritação de Candy com frieza em relação a ele ou qualquer outra coisa que não a profunda confusão que ela experimentava naquele momento.

Candy bateu a porta do furgão e deu a volta para a janela de Homer, antes que ele pudesse se afastar. Indicou que ele deveria baixar a janela. Depois, inclinou-se para dentro e beijou-o na boca, puxou seus cabelos com força – e com as duas mãos, inclinando-lhe a cabeça para trás – e mordeu-o abruptamente, na garganta. Quando recuou, ela bateu com a cabeça na moldura da janela; estava com os olhos marejados, mas nenhuma lágrima escorria pelo rosto.

– Acha que estou me divertindo? – indagou ela. – Acha que estou zombando de você? Acha que *sei* se quero você ou Wally?

Homer voltou ao hospital de Cape Kenneth; precisava de trabalho mais substancial do que a caça aos camundongos. Era outra vez o

início da temporada de perseguição aos camundongos – e como ele detestava espalhar o veneno!

Chegou ao hospital ao mesmo tempo que um marujo ferido numa briga de faca; acontecera no lugar em que Ray trabalhava – o Arsenal de Marinha de Kittery –, e os companheiros do marinheiro haviam-no levado de carro, com um torniquete improvisado, esgotando os cupons de gasolina e se perdendo no caminho para vários hospitais bem mais próximos do local da briga que o de Cape Kenneth. O talho, entre o polegar e o indicador, estendia-se quase até o pulso. Homer ajudou a enfermeira Caroline a lavar o ferimento com sabão de coco comum e água esterilizada. Homer não pôde se conter – estava acostumado a falar à enfermeira Angela e à enfermeira Edna num tom de autoridade.

– Verifique a pressão, no outro braço – ordenou à enfermeira Caroline; e depois acrescentou, porque ela o fitava com uma expressão curiosa: – E ponha a bainha do aparelho por cima de uma atadura... para proteger a pele. Talvez tenha de ficar no lugar por meia hora ou mais.

– Creio que *eu* posso dar as instruções à enfermeira Caroline, se não se incomoda – declarou o Dr. Harlow a Homer.

Tanto o médico como a enfermeira olhavam para Homer Wells como se testemunhassem um animal ordinário que fora dotado de poderes divinos – como se esperassem que Homer passasse a mão sobre o marinheiro que sangrava profusamente e estancasse a hemorragia tão depressa quanto o torniquete.

– Um bom trabalho, Wells – comentou o Dr. Harlow.

Homer observou a injeção de 0,5 por cento de procaína no ferimento e a subsequente sondagem do Dr. Harlow. A faca penetrara no lado palmar da mão, observou Homer Wells. Ele lembrou a *Anatomia de Gray* e lembrou também o filme que assistira em companhia de Debra Pettigrew: o oficial de cavalaria com a flecha na mão, a flecha que felizmente não atingira o nervo que vai

para os músculos do polegar. Observou o marinheiro mexer o polegar. O Dr. Harlow também estava olhando.

– Há um nervo importante que passa por aqui – disse o Dr. Harlow ao marinheiro ferido. – Teve sorte de o nervo não ter sido cortado.

– A faca errou por pouco – disse Homer Wells.

– Isso mesmo – confirmou o Dr. Harlow, levantando os olhos do ferimento. – Como *você* sabe?

Homer Wells levantou o polegar de sua mão direita e mexeu-o. O Dr. Harlow acrescentou, ainda em tom de superioridade:

– Estou vendo que não é apenas um especialista em éter, mas também conhece os músculos!

– Apenas esse – murmurou Homer Wells. – Eu costumava ler a *Anatomia de Gray...* por diversão.

– Por *diversão*? – repetiu o Dr. Harlow. – Nesse caso, imagino que sabe tudo sobre os vasos sanguíneos. Por que não me diz de onde está vindo todo esse sangue?

Homer Wells sentiu a enfermeira Caroline roçar em sua mão com o quadril; era certamente um contato de simpatia e apoio – a enfermeira Caroline também não gostava do Dr. Harlow. Apesar da desaprovação inevitável de Candy, Homer não pôde se conter:

– O vaso sanguíneo é um ramo do arco palmar.

– Muito bem – disse o Dr. Harlow, desapontado. – E o que você recomendaria que eu fizesse?

– Suture – respondeu Homer Wells. – Com uma linha 3.0.

– Exatamente – confirmou o Dr. Harlow. – Não aprendeu isso com Gray.

Ele ressaltou para Homer que a faca também cortara os tendões do *flexor digito rum profundus* e do *flexor digito rum sublimis*.

– E para onde eles podem ir? – perguntou a Homer Wells.

– Para o dedo indicador.

– É necessário reparar os dois tendões?

– Não sei – respondeu Homer Wells. – Não conheço muito de tendões.

– Mas que surpresa! – disse o Dr. Harlow. – SÓ é necessário reparar o *profundus*. Vou usar seda 2.0. Precisarei de alguma coisa mais fina para juntar as bordas do tendão.

– Seda 4.0 – recomendou Homer Wells.

– Muito bem – disse o Dr. Harlow. – E o que para a fásia palmar?

– Categute 3.0.

– O garoto conhece as costuras! – comentou a Dr. Harlow para a enfermeira Caroline, que olhava atentamente para Homer Wells.

– Feche a pele com seda 4.0 – acrescentou Homer. – E depois eu recomendaria uma atadura de pressão na palma... deixando os dedos um pouco curvos em torno da atadura.

– É o que se chama de “posição de função” – comentou o Dr. Harlow.

– Não sei como se chama.

– Já andou pela faculdade de medicina, Homer?

– Não exatamente.

– E planeja cursá-la? – indagou o Dr Harlow.

– Não é provável.

Homer tentou sair da sala de operações nesse momento, mas o Dr. Harlow chamou-o.

– Por que não está servindo nas Forças Armadas?

– Tenho um problema no coração – respondeu Homer.

– E imagino que não sabe como se chama.

– Certo.

Ele poderia ter descoberto tudo sobre a estenose da válvula pulmonar naquele momento, se tivesse perguntado; poderia tirar uma radiografia e ouvir a interpretação de um especialista – poderia

tomar conhecimento da verdade. Mas quem procura a verdade de fontes antipáticas?

Homer foi ler algumas histórias para os pacientes de amigdalectomia. Eram todas histórias estúpidas – os livros infantis não impressionavam Homer Wells. Mas não era provável que os pacientes de amigdalectomia permanecessem ali por tempo suficiente para ouvirem *David Copperfield* ou *Great Expectations*.

A enfermeira Caroline perguntou-lhe se poderia dar um banho e fazer uma massagem nas costas de um homem enorme que estava se recuperando de uma operação na próstata.

– Nunca subestime o prazer de mijar – disse o homem a Homer Wells.

– Tem razão, senhor – respondeu Homer Wells, esfregando a montanha de carne até o homem brilhar com um rosa saudável.

Olive não estava em casa quando Homer voltou a Ocean View; era o seu tempo para a vigília dos aviões. Usavam o que era chamado de torre de observação e iates do Haven Club, mas Homer achava que nenhum avião jamais fora avistado. Todos os homens que mantinham a vigilância – a maioria antigos companheiros de copo de Sênior – tinham as silhuetas dos aviões inimigos pregadas em seus armários; as mulheres as levavam para casa e colocavam em lugares, como a porta da geladeira. Olive era uma vigilante de aviões duas horas por dia.

Homer estudou as silhuetas que Olive pusera na porta da geladeira.

Eu poderia aprender todas essas coisas, ele estava pensando. E posso aprender tudo o que há para saber no cultivo de maçãs. Mas sabia que o que já sabia era um procedimento obstétrico quase perfeito e o outro procedimento, muito mais fácil – o que era contra as regras.

Pensou nas regras. O marinheiro com a mão cortada não se metera numa briga de faca que estivesse de acordo com as regras

de qualquer um. Numa briga com Mister Rose, haveria as próprias regras de Mister Rose, quaisquer que fossem. Uma briga de faca com Mister Rose seria a mesma coisa que ser bicado até a morte por um passarinho, pensou Homer Wells. Mister Rose era um artista – ele apenas cortaria a ponta de um nariz, um botão ou um mamilo. As verdadeiras regras da casa de sidra eram as de Mister Rose.

E quais eram as regras em St. Cloud's? Quais eram as regras de Larch? Que regras do Dr. Larch respeitava, que regras violava ou alterava – e com que confiança? Era evidente que Candy estava observando algumas regras, mas de quem? E Wally sabia quais eram as regras? E Melony – Melony obedecia a quaisquer regras?, especulou Homer Wells.

* * *

– Pense um pouco – disse Lorna. – Já notou que estamos metidos numa guerra?

– E daí? – disse Melony.

– E daí que ele provavelmente foi para a guerra! Porque se alistou ou foi recrutado!

Melony sacudiu a cabeça.

– Não posso imaginá-lo numa guerra. Não ele. Não é o seu lugar.

– Pelo amor de Deus! – protestou Lorna. – Pensa que todos que vão para a guerra estão lá porque é seu lugar? Se ele for, então vai voltar.

O gelo no Kennebec em dezembro não estava seguro; era um rio de maré, havia água à mostra, cinzenta e turbulenta, no meio. Mas nem mesmo Melony podia lançar uma garrafa de cerveja tão longe quanto o meio daquele rio em Bath. Sua garrafa, ricocheteando no gelo frágil, produziu um som cavo e rolou para a água exposta que não podia alcançar. Perturbou uma gaivota, que se levantou e andou

um pouco pelo gelo, como uma velha suspendendo diversas anáguas incômodas sobre uma poça d'água.

– Nem todos voltarão dessa guerra... isso é tudo o que estou dizendo – arrematou Lorna.

Wally teve problemas para voltar do Texas. Houve uma série de atrasos e mau tempo; o aeroporto estava fechado. Quando Homer e Candy foram buscá-lo em Boston, a primeira coisa que ele disse foi que só tinha 48 horas de licença. Contudo, ainda estava feliz – “Ainda era Wally”, diria Candy mais tarde – e especialmente satisfeito por ter recebido sua patente.

– Segundo-tenente Worthington! – anunciou Wally a Olive.

Todos choraram, até Ray.

Com o racionamento de gasolina, eles não podiam fazer os intermináveis passeios de carro habituais. Homer se perguntou quando Wally ia querer ficar a sós com Candy e como conseguiriam. Com toda certeza *e/le* quer dar um jeito, pensou Homer. Será que *e/la* também quer?

Na véspera de Natal todos estavam juntos. E no dia de Natal não havia para onde ir; Olive estava em casa e Ray não estava construindo torpedos ou pescando lagostas. E no dia seguinte ao Natal, Candy e Homer teriam de levar Wally de volta a Boston.

Claro que Candy e Wally se abraçaram e se beijaram muito – todos podiam percebê-lo. Na noite de Natal, no quarto de Wally, Homer compreendeu que ficara tão contente por ver Wally que esquecera de notar as coisas em seu segundo Natal longe de St. Cloud's. Também compreendeu que esquecera de mandar alguma coisa para o Dr. Larch – nem mesmo um cartão.

– Tenho de passar mais algum tempo na escola de pilotos – estava dizendo Wally –, mas creio que será a Índia para mim.

– Índia – disse Homer Wells.

– O circuito da Birmânia – explicou Wally. – Para se ir da Índia à China, é preciso sobrevoar a Birmânia. Os japoneses estão na Birmânia.

Homer Wells estudara os mapas na escola de Cape Kenneth. Sabia que a Birmânia era montanhas, sabia que a Birmânia era selvas. Quando se derrubava o avião, havia uma ampla variedade de coisas possíveis em que pousar.

– Como estão as coisas com Candy? – perguntou Homer.

– Sensacionais! – Uma pausa e Wally acrescentou: – Bem, verei amanhã.

Ray foi mais cedo construir torpedos, e Homer observou que Wally deixou Ocean View mais ou menos na ocasião em que Ray estaria partindo para Kittery. Homer passou o início da manhã sem oferecer muito conforto a Olive.

– Uma licença de 48 horas não é o que eu chamaria de voltar para casa – comentou ela. – Ele está ausente há um ano... será que ele pensa que é uma visita apropriada? O Exército chama isso de uma visita apropriada?

Candy e Wally foram buscar Homer antes de meio-dia. Homer calculou que eles haviam “dado um jeito”. Mas como se pode ter certeza dessas coisas, a não ser perguntando?

– Quer que eu dirija? – perguntou Homer; ele estava sentado junto à janela, com Candy entre os dois.

– Por quê? – indagou Wally.

– Talvez vocês dois queiram ficar de mãos dadas – sugeriu Homer; Candy olhou para ele.

– Já ficamos de mãos dadas – respondeu Wally, rindo. – Mas obrigado assim mesmo.

Candy não parece estar achando graça, pensou Homer.

– Quer dizer que vocês fizeram? – perguntou Homer Wells aos dois.

Candy olhava fixamente para a frente, e desta vez Wally não riu.

– Como assim, meu velho? – perguntou ele.
– Queria saber se vocês fizeram... tiveram sexo.
– Puxa, Homer, isso é coisa que se pergunte? – disse Wally.
– Fizemos, sim... tivemos sexo – respondeu Candy, ainda olhando fixamente para a frente.

– Espero que tenham tomado cuidado – disse Homer, ainda se dirigindo aos dois. – Espero que tenham tomado algumas precauções.

– Essa não, Homer! – exclamou Wally.

– Fomos cuidadosos – disse Candy, agora olhando para Homer com uma expressão neutra.

– Estou contente por terem sido cuidadosos – disse Homer dirigindo-se a Candy. – Você deve ser cuidadosa... ao ter sexo com alguém que está prestes a voar sobre a Birmânia.

– Birmânia? – Candy virou-se para Wally. – Você não me disse para onde vai. É a Birmânia?

– Não sei para onde estou indo – respondeu Wally, irritado. – O que há com você, Homer?

– Amo vocês dois – declarou Homer Wells. – Se amo vocês, tenho o direito de perguntar qualquer coisa que eu quiser... tenho o direito de saber qualquer coisa que quiser saber.

Como dizem no Maine, era um tampão para qualquer conversa. Eles seguiram por quase todo o percurso até Boston em silêncio, rompido por Wally com um comentário que tentava ser engraçado:

– Não sei o que há com você, Homer. Está se tornando muito filosófico.

Foi uma despedida difícil.

– Também amo vocês dois... e sabem disso – murmurou Wally, antes de se afastar.

– Sei que ama – disse Homer.

Na volta para casa, Candy disse a Homer Wells:

– Eu não diria “filosófico”, mas sim *excêntrico*. Você está se tornando muito excêntrico, em minha opinião. E *não* tem o direito de saber tudo a meu respeito, quer me ame ou não.

– Tudo o que você tem de saber é uma coisa: realmente o ama?
– disse Homer. – Ama mesmo Wally?

– Cresci amando Wally – respondeu Candy. – Sempre amei Wally e sempre o amarei.

– Certo – assentiu Homer. – Assim ficamos entendidos.

– Mas Wally agora me parece diferente – raciocinou Candy. – Parece que agora conheço você melhor e também o amo.

Homer Wells suspirou. Com que então haverá mais que esperar para ver, pensou. Seus sentimentos estavam magoados: Wally não lhe perguntara uma só vez por seu coração. Mas, afinal, o que ele responderia?

Wilbur Larch, que sabia que não havia absolutamente nada de errado com o coração de Homer, especulava *onde* estaria o coração dele. Não em St. Cloud’s, receava.

E Wally foi para Victorville, na Califórnia – escola avançada de pilotos. FORÇA AÉREA DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS – era o que dizia seu papel timbrado. Wally passou vários meses em Victorville – todos os meses de poda, como Homer Wells haveria de lembrá-los. Pouco depois da época em que as macieiras ficaram em flor, depois que as abelhas de Ira Titcomb espalharam sua maravilhosa energia vital pelos pomares de Ocean View, Wally foi enviado para a Índia.

Os japoneses ocupavam Mandalay. Wally largou suas primeiras bombas na ponte ferroviária em Myitnge. Trilhos e a base do acesso pelo sul foram bastante danificados, o vão sul da ponte foi destruído. Todos os aviões e tripulantes voltaram sãos e salvos. Wally também largou suas bombas na área industrial de Myingyan, mas nuvens densas impediram a observação adequada da destruição. Naquele verão, enquanto Homer Wells outra vez pintava de branco a casa de

sidra, Wally bombardeou o cais em Akyab e a ponte de Shweli, no norte da Birmânia; depois atingiu os pátios de manobras ferroviárias em Prome. Contribuiu para as 10 toneladas de bombas que foram lançadas nas instalações ferroviárias em Shwebo e para os incêndios que ficaram ardendo nos armazéns em Kawlin e Thanbyuzayat. Os bombardeios mais espetaculares de que se lembraria foram nos campos petrolíferos de Yenangyat – a visão daquelas torres em chamas permaneceria com Wally durante a viagem de volta, através das selvas, através das montanhas. Todos os aviões e tripulantes voltaram sãos e salvos.

Wally foi promovido a capitão e deram-lhe o que ele chamou de “trabalho fácil”.

– Sempre desconfie do trabalho fácil – dissera o Dr. Wilbur Larch certa ocasião a Homer.

Wally ganhara o concurso de melhor nome para um avião em Fort Meade; agora, finalmente, pôde usá-lo; batizou seu próprio avião. Chamou-o de *Oportunidade Bate*. O punho pintado sob o nome parecia bastante autoritário. Mais tarde, Candy e Homer Wells ficariam perplexos pelo fato de o nome não ser *Bate à Porta*, mas apenas *Bate*.

Ele voava no percurso Índia–China, sobre os Himalaias – sobre a Birmânia. Transportava gasolina, bombas, artilharia, rifles, munição, roupas, motores de aviões, peças sobressalentes e alimentos para a China; trazia pessoal militar de volta à Índia. Era um voo de ida e volta de cerca de sete horas – em torno de 800 quilômetros. Por seis das sete horas eles usavam máscara de oxigênio – tinham de voar tão alto assim. Sobre as montanhas, voavam alto por causa delas; sobre as selvas, voavam alto por causa dos japoneses. Os Himalaias tinham as mais traiçoeiras correntes de ar do mundo.

Ao deixar Assam, a temperatura era de 43 graus centígrados. Era como o Texas, pensava Wally. Usavam apenas cueca e meias.

Os transportes bastante carregados precisavam subir a quase 5 mil metros em 35 minutos; era quando alcançavam a primeira passagem sobre as montanhas.

Quando faltava um pouco para 3 mil metros, Wally vestia a calça. Passando de 4 mil metros, ele punha o casaco forrado de pele. A temperatura lá em cima descia a zero. Na época das monções, eles voavam principalmente por instrumentos.

Chamavam aquela rota aérea de "linha da vida"; chamavam o voo de "salto em altura".

Foram estas as manchetes no Quatro de Julho:

IANQUES DESTROEM PONTE FERROVIÁRIA NA BIRMÂNIA, CHINESES
DERROTAM JAPONESES NA PROVÍNCIA DE HUPEH

Aqui está o que Wally escreveu para Candy e Homer. Wally estava ficando preguiçoso; mandou o mesmo *limerick* para os dois:

Havia um rapaz em Bombaim
Que moldou uma cona com argila,
Mas o calor de seu pinto
Transformou-o num tijolo,
E arrancou fora a pele do prepúcio.

Naquele verão de 194-, o interesse público em manter as luzes na costa reduzidas ao mínimo forçou o fechamento temporário do *drive-in* de Cape Kenneth, o que Homer Wells não considerou uma perda trágica. Como não tinha outra opção senão ir ao cinema com Candy e Debra Pettigrew, ele ficou grato ao esforço de guerra por poupá-lo do constrangimento.

Mister Rose informou a Olive que não seria capaz de providenciar uma turma competente para a colheita. "Considerando-se os homens que já se foram", escreveu, "e as dificuldades de viagem, por causa do racionamento de gasolina."

– Então arrumamos a casa de sidra para nada – comentou Homer para Olive.

– Nada jamais é melhorado para nada, Homer.

A justificativa ianque para o trabalho árduo nos meses de verão é ao mesmo tempo desesperada e desfeita pelo prazer excepcional dessa fugaz estação.

Homer Wells – auxiliar de enfermagem e trabalhador de um pomar – estava cortando a vegetação entre as árvores quando recebeu a notícia. Num sufocante dia de junho, ele estava conduzindo o International Harvester e observando atentamente as lâminas; não queria bater num toco ou num galho caído; por isso, não viu o furgão verde que avançava em sua direção. Quase houve um choque. Como o trator estava funcionando, ele não ouviu o que Candy gritava ao saltar do furgão e correr em sua direção. Olive estava ao volante, o rosto como pedra.

– Derrubado! – estava gritando Candy, quando Homer finalmente desligou o trator. – Ele foi derrubado... na Birmânia!

– Na Birmânia – disse Homer Wells.

Ele saltou do trator e envolveu em seus braços a jovem soluçante. O trator estava desligado, mas o motor ainda pulsava, depois estremeceu, vibrou; seu calor fazia o ar tremeluzir. Talvez o ar esteja sempre tremeluzindo sobre a Birmânia, pensou Homer Wells.

¹ *Bath* – banho. (N. do T.)

² No original, “*Search me*”, que também significa “Reviste-me”. (N. do T.)

Sobre a Birmânia

Duas semanas depois de o avião de Wally ser derrubado, o capitão Worthington e a tripulação do *Oportunidade Bate* ainda estavam relacionados como desaparecidos. Um avião fazendo a mesma rota constatara que um trecho da selva birmanesa, com cerca de dois quilômetros quadrados, mais ou menos na metade do caminho entre a Índia e a China, fora consumido pelo fogo – presumivelmente causado pela explosão do avião; a carga foi identificada como motores de jipes, peças sobressalentes e gasolina. Não havia qualquer sinal da tripulação; a selva era densa naquela região e se acreditava que despovoada.

Um porta-voz das Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos fez uma visita pessoal a Olive e declarou que havia algum motivo para ser otimista. O fato óbvio de o avião não ter explodido no ar significava que os tripulantes podiam ter tido tempo de escapar. Era impossível adivinhar o que teria acontecido depois.

O que daria um nome melhor para o avião, pensou Homer Wells: "*Adivinhe Quem Puder.*" Mas Homer apoiou a opinião de Olive e Candy de que Wally não estava morto, mas "apenas desaparecido". Em particular, Homer e Ray Kendall concordavam que não havia muita esperança para Wally.

– Vamos supor que ele não tenha morrido na queda do avião – disse Ray a Homer, quando estavam recolhendo côvãos com lagostas. – Então se encontra agora no meio da selva o que ele faz ali? Não pode deixar que os japoneses o encontrem... e deve haver muitos japoneses ao redor, pois eles derrubaram o avião, não é?

– Pode haver nativos – sugeriu Homer Wells. – Aldeões birmaneses amigos.

– Ou absolutamente ninguém – disse Ray Kendall. – Alguns tigres e muitas cobras. Oh, merda... Ele deveria ter ido para um submarino.

“Se o seu amigo sobrevivesse a todo o resto”, escreveu Wilbur Larch para Homer Wells, “teria de se preocupar com todas as doenças da Ásia – e são muitas doenças.”

Era horrível imaginar Wally sofrendo, e nem mesmo o desejo de Homer por Candy podia lhe proporcionar algum conforto na ideia de que Wally já estava morto; nesse caso, Homer sabia, Candy sempre imaginaria que amara mais a Wally. A realidade, para os órfãos, é muitas vezes sufocada por seus ideais; se Homer queria Candy, queria em termos ideais. Para que Candy escolhesse Homer, Wally precisava estar vivo, e como Homer amava Wally, também queria a bênção de Wally. Qualquer outra coisa não seria comprometedora para todos?

Wilbur Larch sentiu-se lisonjeado pelo fato de Homer pedir seus conselhos – e num problema de amor romântico, entre todas as coisas! (“Como devo me comportar com Candy?”, perguntara Homer.) O velho estava acostumado a ser uma autoridade há tanto tempo que achou natural assumir um tom peremptório – “Até mesmo num assunto de que nada conhece!”, comentou a enfermeira Angela para a enfermeira Edna, indignada. Larch estava tão orgulhoso do que escrevera a Homer que mostrara a carta a suas velhas enfermeiras, antes de remetê-la.

“Já esqueceu como é a vida em St. Cloud’s?”, indagava o Dr. Larch a Homer. “Afastou-se tanto de nós que julga uma vida de concessões tão inaceitável? E logo você, um órfão – entre todas as pessoas. Já esqueceu como ser de utilidade? Não pense tão mal das concessões; nem sempre escolhemos os meios pelos quais podemos ser de utilidade. Você diz que a ama – pois então deixe que ela o

use. Pode não ser o caminho que estava pensando, mas se você a ama, deve lhe dar o que ela precisa – e quando ela precisar, não necessariamente quando você achar que o momento é oportuno. E o que ela pode dar de si mesma a você? Somente o que lhe restou – e se isso não é tudo o que você tinha em mente, de quem é a culpa? Não vai aceitá-la porque ela não tem cem por cento de si mesma para dar? Uma parte dela está na Birmânia – você vai rejeitar o resto? Vai exigir tudo ou nada? E chama isso ser de utilidade?”

– Não é muito romântico – comentou a enfermeira Angela para a enfermeira Edna.

– E quando Wilbur já foi romântico? – indagou a enfermeira Edna.

– Seu conselho é terrivelmente utilitário – disse a enfermeira Angela ao Dr. Larch.

– É o que espero! – exclamou o Dr. Larch, lacrando a carta.

Homer tinha agora uma companheira de insônia. Ele e Candy preferiam o turno da noite no hospital de Cape Kenneth. Quando havia uma pausa no trabalho, permitiam-se cochilar em camas na enfermaria infantil de isolamento. Homer descobriu que a música das crianças irrequietas o acalmava – seus problemas e dores familiares, as lamúrias, gritos e terrores noturnos transportavam-no além das ansiedades pessoais. E Candy sentia que as cortinas pretas fechadas na noite do hospital eram condizentes com o seu pesar. As condições de blecaute prevalentes – que ela e Homer tinham de respeitar se iam ou voltavam do hospital depois do anoitecer – também eram ao gosto de Candy. Usavam o Cadillac de Wally nessas ocasiões – só podiam andar com as luzes de estacionamento acesas, e essas luzes no Cadillac eram mais fortes. Mesmo assim, as escuras estradas litorâneas pareciam mal iluminadas; eles andavam a uma velocidade de funeral. Se o chefe da estação de St. Cloud's (o antigo assistente do chefe da estação) os visse passar, pensaria de novo que estavam guiando um carro fúnebre branco.

Meany Hyde, cuja esposa, Florence, estava esperando, disse a Homer que tinha certeza de que seu novo filho partilharia alguma coisa da alma de Wally (se Wally estava mesmo morto) –, e se Wally estivesse vivo, acrescentou Meany, a aparência do novo bebê significaria sua fuga da Birmânia. Everett Taft contou a Homer que sua esposa, Big Dot, vinha sendo atormentada por sonhos que só podiam significar que Wally estava tentando se comunicar com Ocean View. Até mesmo Ray Kendall, dividindo sua atenção submarina entre as lagostas e os torpedos, comentou que estava “lendo” os cômicos, pelo que queria dizer que achava o conteúdo das armadilhas puxadas do fundo do mar digno de interpretação. Uma isca intacta era um sinal especial; se as lagostas (que preferem os alimentos realmente mortos) não a aceitavam, devia significar que a isca estava manifestando um espírito vivo.

– E você sabe que não sou religioso – disse Ray.

– Certo – respondeu Homer.

Porque passara muitos anos especulando se a mãe voltaria algum dia para buscá-lo, se ela costumava pensar nele, se estava viva ou morta, Homer Wells se encontrava em melhores condições para aceitar a situação indefinida de Wally do que os outros. Um órfão compreende o que significa que alguém importante esteja “apenas desaparecido”. Olive e Candy, confundindo o controle de Homer com indiferença, mostravam-se de vez em quando irritadas com ele.

– Só estou fazendo o que todos temos de fazer – dizia ele, reservando uma ênfase especial para Candy. – Estou apenas esperando para ver.

Houve um espetáculo de fogos de artifício naquele Quatro de Julho, mas não foi muito grande; por um lado, eles teriam violado as condições de blecaute; por outro, qualquer simulação de bombas e disparos seria desrespeitosa para com “os nossos rapazes” que estavam enfrentando a música de verdade. No turno da noite no

hospital de Cape Kenneth, os auxiliares de enfermagem promoveram uma discreta comemoração do Dia da Independência, interrompida pela histeria de uma mulher que exigia um aborto do jovem e arrogante Dr. Harlow, que acreditava em obedecer à lei.

– Mas há uma guerra! – protestou a mulher.

O marido estava morto; fora liquidado no Pacífico; a mulher tinha o telegrama do Departamento da Guerra para prová-lo. Estava com 19 anos, e a gravidez ainda não completara três meses.

– Terei o maior prazer em conversar com ela de novo, assim que estiver se comportando de maneira sensata – disse o Dr. Harlow à enfermeira Caroline.

– Por que ela deveria se comportar de maneira sensata? – indagou a enfermeira Caroline.

Homer Wells tinha de confiar em seus instintos em relação à enfermeira Caroline; além do mais, ela dissera a ele e a Candy que era socialista.

– E não sou bonita – acrescentou a enfermeira Caroline, o que era a pura verdade. – Portanto, não estou interessada em casamento. No meu caso, o homem esperaria que eu me mostrasse agradecida... ou pelo menos me considerasse afortunada.

A mulher histérica não seria acalmada, talvez porque o coração da enfermeira Caroline não estivesse empenhado na tarefa.

– Não estou pedindo qualquer coisa *secreta!* – gritou a mulher. – Por que devo ter esse filho?

Homer Wells pegou um pedaço de papel dividido em colunas, para análises de laboratório. Escreveu o seguinte, através das colunas:

VÁ PARA ST. CLOUD'S E PERGUNTE PELO ORFANATO.

Ele entregou o pedaço de papel a Candy, que o deu à enfermeira Caroline – que deu uma olhada antes de passar para a mulher, que

no mesmo instante parou de protestar.

Depois que a mulher foi embora, a enfermeira Caroline chamou Homer e Candy para o dispensário.

– Vou explicar o que geralmente faço – disse a enfermeira Caroline, como se estivesse furiosa com os dois. Efetuei uma dilatação absolutamente segura, sem a curetagem. Apenas dilatei o colo do útero. Faço isso na minha cozinha e tomo todo o cuidado. Elas precisam vir ao hospital para completar o serviço, é claro. Alguém pode pensar que elas mesmas tentaram tirar o feto, mas não há infecção e nada fica avariado. Elas simplesmente tiveram um aborto espontâneo. Tudo o que precisam é de uma boa raspagem. E os desgraçados têm de atender... há o sangue, e é evidente que a mulher já abortou.

Ela fez uma pausa e lançou um olhar furioso para Homer Wells, antes de acrescentar:

– Você também é um perito nisso, não é?

– Certo – respondeu Homer Wells.

– E conhece algum meio melhor que o meu?

– Não muito melhor. É absolutamente seguro e o médico é um cavalheiro.

– Um cavalheiro... – repetiu a enfermeira Caroline, desconfiada. – E qual é o preço do cavalheiro?

– É de graça – garantiu Homer.

– Também não cobro nada – declarou a enfermeira Caroline.

– Ele pede um donativo para o orfanato, se a pessoa tem condições – informou Homer Wells.

– Pessoas são sempre pessoas – disse a enfermeira Caroline, em seu melhor tom socialista. – Assumi um risco estúpido. E foi ainda mais estúpido dizer àquela mulher... nem mesmo a conhecia.

– Tem razão – concordou Homer.

– Seu médico não vai se aguentar por muito tempo, se você continuar assim.

– Certo.

O Dr. Harlow encontrou todos no dispensário; somente Candy parecia culpada, e por isso ele a fitou atentamente.

– O que esses dois peritos estão lhe dizendo? – indagou o Dr. Harlow.

Ele passava muito tempo olhando para Candy, quando pensava que ninguém percebia, mas Homer Wells reparava e a enfermeira Caroline era muito sensível aos desejos que outras mulheres inspiravam. Candy estava incapaz de falar, o que a fazia parecer ainda mais culpada. O Dr. Harlow virou-se para a enfermeira Caroline e perguntou:

– Livrou-se da histérica?

– Sem problemas – respondeu a enfermeira Caroline.

– Sei que desaprova – comentou o Dr. Harlow –, mas as regras existem por alguns motivos.

– As regras existem por alguns motivos – disse Homer Wells, incapaz de se controlar.

Era um comentário tão estúpido que ele se sentiu compelido a repeti-lo. O Dr. Harlow fitou-o fixamente.

– Não há dúvida de que você é também um perito em aborto, Wells – disse o Dr. Harlow.

– Não é tão difícil ser um perito em aborto – respondeu Homer Wells. – É uma coisa bastante fácil de se fazer.

– Acha mesmo? – indagou o Dr. Harlow, agressivo.

– O que eu sei? – murmurou Homer Wells, dando de ombros.

– Isso mesmo, o que sabe você? – insistiu o Dr. Harlow.

– Não muito – interveio a enfermeira Caroline, em tom áspero.

O Dr. Harlow gostou da intervenção. Até Candy sorriu. Homer Wells também sorriu, timidamente. Estão vendo? Começo a ficar mais esperto! Foi o que ele disse no sorriso para a enfermeira Caroline, que o fitava com uma expressão condescendente que as enfermeiras só deviam exibir para os auxiliares de enfermagem. O

Dr. Harlow parecia sentir que a hierarquia social que tanto reverenciava estava sendo tratada com a reverência que era compulsória para todos. Uma espécie de camada vitrificada deu a impressão de cobrir seu rosto, uma textura composta de indignação e adrenalina. Homer Wells permitiu-se uma breve sensação de prazer, ao imaginar uma coisa que podia despertar o Dr. Harlow e humilhá-lo. A faca de trabalho de Mister Rose teria esse efeito no Dr. Harlow – e Homer imaginou Mister Rose despindo o Dr. Harlow com a faca; cada peça de roupa cairia em torno dos tornozelos do Dr. Harlow, tudo retalhado, mas não haveria um único arranhão no corpo nu do médico.

Um mês depois de o avião de Wally ser derrubado, eles receberam notícias da tripulação do *Oportunidade Bate*.

“Estávamos na metade do caminho para a China quando os japoneses nos dispararam alguns tiros a esmo”, escreveu o copiloto. “O capitão Worthington ordenou que a tripulação saltasse de para-quedas.”

O mecânico e o operador de rádio saltaram quase juntos; o copiloto foi o terceiro a pular. O telhado da selva era tão denso que o primeiro homem não pôde avistar os outros para-quedas depois que passou pela folhagem. A selva propriamente dita era tão densa que o mecânico teve de procurar pelos outros – levou sete horas para encontrar o operador de rádio. A chuva era tão intensa – fazia o maior barulho contra as folhas largas das palmeiras – que nenhum dos homens ouviu o avião explodir. A atmosfera era tão carregada dos próprios odores que nunca sentiram o cheiro da gasolina e da fumaça do incêndio. Chegaram a especular se o avião não teria se recuperado milagrosamente e continuado a voar. Ao levantarem os olhos, nada puderam avistar através das copas das árvores (que por toda parte faiscava com brilhantes pombos verdes).

Em sete horas, o mecânico pegou 13 sanguessugas de vários tamanhos – as quais o operador de rádio removeu gentilmente; o

mecânico por sua vez, arrancou 15 sanguessugas do operador de rádio. Descobriram que a melhor maneira de remover as sanguessugas era encostar a extremidade acesa de um cigarro em suas extremidades posteriores; assim, as sanguessugas se desprendiam da pele. Se tentassem apenas arrancá-las, elas se partiam e as ventosas permaneciam grudadas.

O operador de rádio e o mecânico nada comeram por cinco dias. Quando chovia – o que acontecia durante a maior parte do tempo –, eles bebiam a água da chuva que se acumulava em poças nas folhas grandes das palmeiras. Tinham medo de beber qualquer outra água que encontravam. Em algumas, pensavam avistar crocodilos. Como o operador de rádio tinha medo de cobras, o mecânico não lhe apontava as cobras que via; o mecânico tinha medo de tigres, e houve uma ocasião em que teve a impressão de divisar um, mas o operador de rádio insistiu que apenas ouviram um tigre, ou vários – ou o mesmo tigre, várias vezes. O mecânico garantiu que o mesmo tigre os seguiu por cinco dias.

Disseram que as sanguessugas os deixaram esgotados. Embora o telhado da selva tornasse a chuva mais estrondosa, também impedia que caísse diretamente em cima deles; contudo, a selva estava tão saturada que constantemente pingava sobre os dois – e quando a chuva parava, por breves intervalos, o telhado da selva não permitia que a luz do sol penetrasse até lá embaixo e os pássaros ruidosos, silenciosos na chuva, se mostravam mais clamorosos do que a própria chuva quando tinham uma oportunidade de protestar contra a monção.

O operador de rádio e o mecânico não sabiam onde se encontravam Wally e o copiloto. No quinto dia encontraram o copiloto, que chegara a uma aldeia nativa um dia antes. Ele estava muito esgotado pelas sanguessugas – como viajava sozinho, não tinha como soltar com a ponta de um cigarro as sanguessugas que não conseguia alcançar. No meio de suas costas houvera uma concentração de sanguessugas, que os nativos removiam com a

maior habilidade. Usavam uma haste de bambu em brasa, como um charuto. Os nativos eram birmaneses e amigos; embora não falassem inglês, deixaram bem claro que não gostavam da invasão japonesa e também que conheciam o caminho para a China.

Mas onde estava Wally? O copiloto caíra num bosque de pau-ferro; os bambus que tivera de cortar para sair de lá eram tão grossos quanto a coxa de um homem. O fio do facão estava rombudo e arredondado como o outro lado.

Os birmaneses explicaram que não era seguro ficar e esperar por Wally no lugar em que se encontravam; alguns aldeões levariam os três para a China. Para a viagem, eles escureceram a pele com bagas de pipal e prenderam orquídeas nos cabelos; não queriam parecer homens brancos.

Chegando à base na China, ficaram hospitalizados por uma semana. Depois, retornaram de avião à Índia, onde o copiloto foi mantido no hospital para diagnóstico e combate de uma ameba – ninguém podia dizer qual era a ameba. O sargento tinha um problema de cólon; também ficou no hospital. O operador de rádio (e sua lombriga) voltaram ao trabalho. “Recolheram todas as nossas coisas quando nos internaram no hospital na China”, escreveu ele a Olive. “Quando devolveram, estava tudo junto. Havia quatro bússolas. Éramos três, mas havia quatro bússolas. Um de nós saltou do avião com a bússola do capitão Worthington.” Na opinião do operador de rádio, era melhor ter caído com o avião do que saltar de para-quedas naquela parte da Birmânia sem uma bússola.

Em agosto de 194-, a Birmânia declarou oficialmente guerra à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos. Candy disse a Homer que precisava de um novo lugar para sentar, para ficar sozinha. O píer a deixava nervosa; sentara-se muitas vezes ali com Wally. Não ajudava que Homer sentasse agora com ela.

– Conheço um lugar – disse-lhe Homer.

Talvez Olive estivesse certa, pensou ele; talvez não tivessem limpado a casa de sidra para nada. Quando chovia, Candy sentava-se lá dentro e escutava as gotas batendo no telhado de zinco. Ela especulava se a selva soava tão alto assim ou ainda mais alto, se o cheiro enjoativo de podre das maçãs de sidra era parecido com o cheiro opressivo de deterioração em progresso do fundo da selva. Quando o tempo estava bom, Candy sentava no telhado. Algumas noites ela permitia que Homer lhe contasse histórias lá em cima. Talvez fosse a ausência da roda-gigante e das interpretações de Mister Rose sobre a escuridão que estimulava Homer Wells a contar tudo a Candy.

Wilbur Larch tornou a escrever para os Roosevelt naquele verão. Já lhes escrevera tantas vezes sob as constelações de éter que não tinha certeza se de fato escrevera ou apenas imaginara que o fizera. Nunca escrevia para um sem escrever também para o outro.

Geralmente começava com "Prezado Sr. Presidente" e "Prezada Sra. Roosevelt", mas de vez em quando era mais informal e iniciava com "Prezado Franklin Delano Roosevelt"; houve uma ocasião em que até começou com "Prezada Eleanor".

Naquele verão ele se dirigiu ao presidente dos Estados Unidos com a maior simplicidade. "Sr. Roosevelt", escreveu, dispensando o tratamento afetuosos, "sei que deve estar extremamente ocupado com a guerra, mas estou convencido de que seu humanitarismo – e seu compromisso com os pobres, os esquecidos e especialmente as crianças..." Para a Sra. Roosevelt, ele escreveu: "Sei que seu marido deve andar muito ocupado, mas talvez possa levar à sua atenção um problema de extrema urgência – pois envolve os direitos das mulheres e a difícil situação da criança indesejada..."

As confusas configurações de luz que incendiavam o teto do dispensário contribuíam para a composição clamorosa e incompreensível da carta.

“As mesmas pessoas que nos dizem que devemos defender a vida dos que ainda não nasceram – são as mesmas pessoas que não parecem tão interessadas em defender alguém que não a si mesmas depois que se consuma o acidente do nascimento! As mesmas pessoas que proclamam seu amor pela alma de quem ainda não nasceu – também não se preocupam em oferecer muita contribuição aos pobres, não se interessam em oferecer muita assistência aos indesejados ou oprimidos! Como justificam tanta preocupação com o feto e tanta falta de preocupação com as crianças indesejadas e maltratadas? Condenam os outros pelo acidente da concepção; condenam os pobres – como se os pobres contribuíssem para a própria pobreza. Uma maneira de os pobres ajudarem a si mesmos seria controlar o tamanho de suas famílias. Sempre pensei que a liberdade de escolha fosse obviamente democrática – fosse obviamente americana!

“Vocês, Roosevelt, são heróis nacionais! São os meus heróis, pelo menos. Como podem tolerar as leis de aborto antiamericanas e antidemocráticas deste país?”

A essa altura, o Dr. Larch parara de escrever e arengava no dispensário. A enfermeira Edna foi até a porta do dispensário e bateu no vidro fosco.

– Uma sociedade democrática condena as pessoas ao acidente da concepção? – esbravejava o Dr. Larch. – O que somos nós...? Macacos? Se esperamos que as pessoas sejam responsáveis por seus filhos, então é preciso lhes dar o direito de optar se querem ou não tê-los. O que vocês estão pensando? Não são apenas loucos! São ogros também!

Wilbur Larch gritava tão alto agora que a enfermeira Edna entrou no dispensário e o sacudiu.

– Wilbur, as crianças podem ouvir. E as mães também. Todos podem ouvi-lo.

– Ninguém me escuta!

A enfermeira Edna reconheceu a contração involuntária nas faces de Wilbur Larch e o afrouxamento no lábio inferior; o doutor estava emergindo do éter.

– O presidente não responde às minhas cartas – queixou-se Larch à enfermeira Edna.

– Ele é muito ocupado – explicou a enfermeira Edna. – Talvez nem mesmo leia as suas cartas.

– O que me diz de Eleanor? – perguntou Wilbur Larch.

– O que tem Eleanor? – perguntou a enfermeira Edna.

– Ela não lê as cartas que recebe?

O tom de voz de Wilbur Larch era lamuriento, como o de uma criança; a enfermeira Edna afagou-lhe o dorso da mão, salpicado de manchas marrons.

– A Sra. Roosevelt também é muito ocupada – explicou a enfermeira Edna. – Mas tenho certeza de que ela encontrará uma maneira de lhe responder.

– Já se passaram anos – murmurou o Dr. Larch, virando o rosto para a parede.

A enfermeira Edna deixou-o cochilar nessa posição por algum tempo. Absteve-se de tocá-lo; sentia-se propensa a afastar-lhe os cabelos da testa, do jeito como muitas vezes acalmava os pequenos. Será que todos estavam se tornando crianças outra vez? E estariam mesmo, como a enfermeira Angela proclamava, todos se tornando iguais, parecidos uns com os outros, até fisicamente? Qualquer pessoa que visitasse St. Cloud's pela primeira vez poderia desconfiar de que eram todos membros da mesma família.

Subitamente, a enfermeira Angela surpreendeu-a no dispensário.

– Estamos de folga? – perguntou ela à enfermeira Edna. – Qual é o problema? Eu estava certa de que pedira uma caixa inteira.

– Uma caixa de quê? – indagou a enfermeira Edna.

– Mertiolate... vermelho – respondeu a enfermeira Angela, irritada. – Pedi que me levasse mertiolate... não resta uma só gota

na sala de parto.

– Oh, esqueci! – exclamou a enfermeira Edna, desatando a chorar.

Wilbur Larch despertou.

– Sei como vocês dois são ocupados – disse ele aos Roosevelt, embora gradativamente reconhecesse a enfermeira Edna e a enfermeira Angela, os braços cansados estendidos em sua direção. – Meus fiéis amigos – disse ele, como se estivesse se dirigindo a uma vasta audiência de simpatizantes. – Meus companheiros trabalhadores – disse Wilbur Larch, como se estivesse concorrendo à reeleição, um pouco exausto, mas nem por isso menos ansioso em conquistar o apoio dos companheiros que também honravam a obra de Deus.

Olive Worthington sentou no quarto de Wally com as luzes apagadas; assim, se Homer olhasse para a casa lá de fora, não a veria sentada ali. Ela sabia que Homer e Candy se encontravam na casa de sidra e tentou dizer a si mesma que não se ressentia do aparente conforto que Homer podia proporcionar a Candy. (Ele não era absolutamente capaz de confortar Olive; na verdade, a presença de Homer – contrastando com a ausência de Wally – irritava Olive, e era testemunho da força de seu caráter o fato de poder criticar a si mesma por essa irritação; só raramente é que ela permitia que a irritação transparecesse.) E ela jamais consideraria Candy infiel – mesmo que Candy anunciasse a todos que renunciava a Wally e se casaria com Homer Wells. Afinal, Olive conhecia Candy: sabia que Candy não poderia desistir de Wally sem dá-lo por morto, o que a deixaria ressentida. Ele não *parece* morto!, pensava Olive, e não é culpa de Homer estar aqui e Wally estar lá, ela lembrava a si mesma.

Havia um mosquito no quarto, e o zumbido a incomodou tanto que Olive esqueceu por que mantivera o quarto de Wally no escuro; acendeu a luz para caçar o mosquito. Não haveria mosquitos

terríveis no lugar em que Wally se encontrava? Os mosquitos birmaneses eram manchados (e muito maiores que a variedade do Maine).

Ray Kendall também estava sozinho, mas apenas um pouco incomodado pelos mosquitos. Era uma noite parada, e Ray observava o raio de calor silencioso violar as condições de blecaute ao longo da costa. Estava preocupado com Candy. Raymond Kendall sabia como a morte de outra pessoa pode suspender a própria vida e lamentava (de antemão) como o progresso da vida de Candy poderia ser interrompido pela perda de Wally.

– Se fosse eu – disse Ray em voz alta –, ficaria com o outro sujeito.

“O outro sujeito”, Ray sabia, era mais parecido com Ray; não que Ray preferisse Homer Wells a Wally – apenas Ray compreendia Homer melhor. Contudo, Ray não incomodou um único caracol enquanto sentava no píer; sabia que um caracol levava muito tempo para chegar ao lugar para onde estava indo.

– Cada vez que você empurra um caracol para a água – costumava dizer Ray a Homer Wells –, está fazendo com que alguém recomece toda a sua vida.

– Talvez eu esteja lhe prestando um favor – respondia Homer Wells, o órfão.

Ray não podia deixar de admitir que gostava daquele garoto.

Os relâmpagos silenciosos não eram tão espetaculares do telhado da casa de sidra. O mar não era visível nem mesmo nos clarões mais intensos. Contudo, os relâmpagos eram mais inquietantes ali; a distância e o silêncio lembravam Candy e Homer Wells de uma guerra que não podiam sentir nem ouvir. Para eles, era uma guerra de clarões distantes. – Acho que ele está vivo – disse Candy a Homer; quando sentavam juntos no telhado, ficavam de mãos dadas. – Acho que ele está morto – disse Homer Wells.

Foi nesse instante que os dois viram a luz acender no quarto de Wally.

Naquela noite, em agosto, as árvores estavam cheias, os galhos curvados e pesados, e as maçãs – à exceção das Gravensteins, de um verde brilhante, lustroso – estavam com um verde pálido passando para rosa. O mato entre as árvores subia até a altura dos joelhos; haveria mais uma sega antes da colheita. Naquela noite havia uma coruja piando do pomar chamado Cock Hill; Candy e Homer também ouviram uma raposa ladrar do pomar chamado Frying Pan.

- Raposas podem subir em árvores – comentou Homer Wells.
- Não, não podem – disse Candy.
- Pelo menos em macieiras – insistiu Homer. – Wally me disse.
- Ele está vivo – murmurou Candy.

No clarão do relâmpago que iluminou o rosto de Candy Homer viu as lágrimas cintilarem; seu rosto estava molhado e salgado quando a beijou. Era uma iniciativa trêmula e desajeitada – beijar no telhado da casa de sidra.

- Eu amo você – disse Homer Wells.
- Eu também amo você – disse Candy. – Mas ele está vivo.
- Não está.
- Eu amo Wally.
- Sei que você o ama – murmurou Homer Wells. – *Eu* também o amo.

Candy baixou seu ombro e encostou a cabeça no peito de Homer, a fim de que ele não pudesse beijá-la; Homer enlaçou-a com um braço, enquanto a outra mão se desgarrava para o seio de Candy, onde parou.

– É tão difícil... – murmurou Candy, mas deixando que a mão de Homer permanecesse onde estava.

Havia os clarões distantes lá no mar, uma brisa quente tão fraca que mal conseguia agitar as folhas das macieiras ou os cabelos de

Candy.

Olive, no quarto de Wally, acompanhou o mosquito de um abajur (contra o qual não podia acertá-lo) até um ponto na parede branca por cima da cama de Homer. Quando esmagou o mosquito, com a base da mão, a mancha de sangue, do tamanho de uma moeda, que ficou na parede a surpreendeu – a criaturinha repulsiva estivera se empanturrando. Olive molhou o indicador e passou na mancha de sangue, o que só contribuiu para aumentar a sujeira. Irritada consigo mesma, levantou-se da cama de Homer, alisando desnecessariamente o travesseiro intacto; alisou também o travesseiro intacto de Wally; depois, apagou o abajur na mesinha de cabeceira. Parou na porta do quarto vazio para olhar as coisas, depois virou-se e apagou a luz do teto.

Homer Wells segurava Candy pelos quadris – a fim de ajudá-la a descer do telhado. Eles deviam saber que era precário trocar beijos no alto da casa de sidra; era mais perigoso para os dois no chão. Estavam de pé, juntos, os braços enlaçando frouxamente a cintura um do outro – o queixo de Homer encostando na testa de Candy (que sacudiu a cabeça, não, não, mas sem muito vigor) – quando ambos perceberam que as luzes no quarto de Wally estavam agora apagadas. Encostaram-se um no outro enquanto se encaminhavam para a casa de sidra, o mato alto roçando em suas pernas.

Tomaram o cuidado de não deixar a porta de tela bater. Quem poderia ouvir? Preferiam a escuridão; porque não procuraram o interruptor, nunca entraram em contato com as regras da casa de sidra, que estavam pregadas ao lado. Somente os clarões mais pálidos dos relâmpagos silenciosos indicaram o caminho para o dormitório, em que as fileiras de camas de ferro sobressaíam, com as molas duras expostas – colchões velhos enrolados, à maneira das casernas, ao pé de cada cama. Desenrolaram um colchão.

Era uma cama que abrigara muitas pessoas de passagem. A história dos sonhos depositados naquela cama era rica. O pequeno

gemido que prendeu no fundo da garganta de Candy foi suave e difícil de ouvir com o rangido de ferro das molas enferrujadas; o gemido foi tão delicado naquele ar fermentado quanto o contato adejante das mãos de Candy, leves como borboletas, nos ombros de Homer, antes de ele sentir as mãos o apertarem com força – os dedos de Candy se cravando em sua carne. O gemido que escapou de Candy nesse instante foi mais alto do que o rangido das molas e quase tão alto quanto o próprio som de Homer. Ah, aquele garoto cujo choro fora outrora lendário rio acima, em Three Mile Falls – ah, como ele podia emitir um som!

Olive Worthington, rígida em sua cama, escutou o que pensou ser uma coruja em Cock Hill. Que pio é esse?, perguntou-se ela. Pensava em qualquer coisa que a distraísse da visão dos mosquitos nas selvas da Birmânia.

A Sra. Grogan estava acordada na cama, momentaneamente assustada por sua alma; a boa mulher não tinha absolutamente nada a temer. Era mesmo uma coruja que ouviu – fazia um som muito triste.

Wilbur Larch, que parecia estar sempre completamente desperto, manejava os dedos hábeis e cuidadosos sobre o teclado da máquina de escrever, na sala da enfermeira Angela. “Oh, por favor, Sr. Presidente”, escreveu.

O jovem Steerforth, que sofria de alergia a poeira e a mofo, achava a noite opressiva; tinha a sensação de que não conseguia respirar. Estava com preguiça de sair da cama e por isso assoou o nariz na fronha. A enfermeira Edna correu em sua direção ao som da trombeta ruidosa. Embora a alergia de Steerforth não fosse das maiores, o último órfão alérgico a poeira e mofo por ali fora Fuzzy Stone.

“Já fez muita coisa boa”, escreveu Wilbur Larch a Franklin D. Roosevelt. “E sua voz no rádio me dá esperança. Como um membro da profissão médica, conheço a insídia da doença sobre a qual

triunfou pessoalmente. Depois de seus serviços, qualquer um que ocupar o cargo ficará envergonhado se deixar de servir aos pobres e negligenciados, ou *deveria* ficar envergonhado...”

Ray Kendall, estendido no píer como se o mar o tivesse lançado lá em cima, não era capaz de se levantar, entrar em casa e ir para a cama. Era raro que o ar na costa se mostrasse tão abafado; em St. Cloud’s, no entanto, era o ar de sempre.

“Vi uma fotografia sua e de sua esposa – estavam assistindo a um serviço religioso. Acho que era episcopal”, escreveu Wilbur Larch ao presidente dos Estados Unidos. “Não sei o que lhe dizem naquela igreja sobre o aborto, mas aqui está uma coisa que deve saber. De 35 a 45 por cento do crescimento da população de nosso país podem ser atribuídos aos nascimentos não planejados e indesejados. Os casais em situação de prosperidade geralmente querem seus filhos; apenas 17 por cento dos bebês nascidos de pais prósperos são indesejados. MAS O QUE ACONTECE COM OS POBRES? Cerca de 42 por cento dos bebês nascidos de pais vivendo na pobreza são indesejados. Isso é quase a metade, Sr. Presidente. E não estamos nos tempos de Ben Franklin, que (como provavelmente sabe) estava tão ansioso em aumentar a população. O objetivo de sua administração tem sido o de providenciar coisas suficientes para a atual população fazer e prover melhor a atual população. Os que defendem a vida dos não nascidos devem levar em consideração a vida dos vivos. Sr. Roosevelt, deve saber, mais do que os outros, que os não nascidos não são tão infelizes e não precisam tanto da nossa assistência quanto os *nascidos*! Por favor, tenha pena dos nascidos!”

Olive Worthington remexia-se e virava-se na cama. Oh, tenha pena do meu filho!, ela orava e orava.

No meio de uma macieira, no pomar chamado Frying Pan – agachada cautelosamente na forquilha entre os galhos maiores da árvore –, uma raposa-vermelha, narinas e orelhas alertas, a cauda equilibrada tão suavemente quanto uma pena, esquadrihava a

plantação, com olhos predadores. Para a raposa, o terreno lá embaixo fervilhava de roedores, embora não tivesse subido na árvore pela vista – subira para comer um pássaro, uma pena do qual estava presa no bigode e no cavanhaque cor de ferrugem, projetando-se do queixo pontudo do feroz animalzinho.

Candy Kendall comprimia-se contra Homer Wells – ah, como o agarrava! – enquanto ambos perdiam a respiração e agitavam o ar, que afora isso estava imóvel. E os trêmulos camundongos sob o assoalho da casa de sidra estacaram entre as paredes, a fim de escutar os amantes. Os camundongos sabiam que havia a coruja com que se preocupar, assim como a raposa. Mas que animal era aquele cujos sons os deixavam paralisados? A coruja não pia quando caça, e a raposa não ladra quando ataca. Mas que novo animal é esse?, especulavam os camundongos da casa de sidra –, que nova besta investiu e perturbou o ar?

E será seguro?

Na opinião de Wilbur Larch, o amor certamente não era seguro – jamais. Por sua fragilidade cada vez maior desde que Homer Wells deixara St. Cloud's, ele teria dito que o amor era culpado; como se mostrava hesitante em relação a algumas coisas e irritado com outras! A enfermeira Angela poderia sugerir-lhe que seus acessos mais recentes de depressão e ira eram tanto o resultado do vício de cinquenta anos em éter e da idade avançada quanto do amor ansioso por Homer Wells. A Sra. Grogan, se fosse indagada, teria lhe dito que ele sofria mais do que ela chamava de síndrome de St. Cloud's do que de amor; a enfermeira Edna nunca teria considerado o amor culpado por qualquer coisa.

Mas Wilbur Larch encarava o amor como uma doença ainda mais insidiosa do que a pólio, que o presidente Roosevelt enfrentara tão corajosamente. E alguém poderia culpar Larch se de vez em quando se referisse aos chamados produtos da concepção como os “resultados do amor”? – embora suas queridas enfermeiras ficassem

aborrecidas com ele quando falava assim. Ele não tinha o direito de julgar o amor em termos rigorosos? Afinal, havia muito testemunho tanto nos produtos da concepção e no sofrimento consequente quanto na vida prejudicada de muitos órfãos do Dr. Larch – para justificar sua opinião de que não se encontrava mais segurança no amor do que havia num vírus.

Mesmo que sentisse a força da colisão entre Candy Kendall e Homer Wells – mesmo que saboreasse o suor e tocasse a tensão nos músculos de suas costas lustrosas, mesmo que ouvisse a agonia e a sua libertação que se podia perceber em suas vozes –, Wilbur Larch não teria mudado de opinião. Um vislumbre de tal paixão confirmaria sua opinião sobre o perigo do amor; ele ficaria tão paralisado pelo espanto quanto os camundongos.

Na opinião do Dr. Larch, mesmo quando conseguia persuadir suas pacientes a praticarem algum método de controle da natalidade, o amor nunca era seguro.

“Consideremos o chamado método do ritmo”, escreveu Wilbur Larch. “Aqui em St. Cloud’s vemos muitos resultados do método do ritmo.”

Ele tinha um panfleto impresso, na letra de forma mais simples:

USOS ERRADOS COMUNS DO PRESERVATIVO

Ele escrevia como se estivesse escrevendo para crianças; em alguns casos, era o que de fato acontecia:

1. ALGUNS HOMENS PÕEM O PRESERVATIVO APENAS NA PONTA DO PÊNIS: ISSO É UM ERRO, PORQUE O PRESERVATIVO VAI SE SOLTAR. DEVE SER POSTO SOBRE TODO O PÊNIS, E DEVE SER POSTO QUANDO ELE ESTÁ ERETO.
2. ALGUNS HOMENS TENTAM USAR O PRESERVATIVO UMA SEGUNDA VEZ: ISSO TAMBÉM É UM ERRO. AO TIRAR UM PRESERVATIVO, JOGUE-O

FORA! E LAVE A REGIÃO GENITAL METICULOSAMENTE ANTES DE SE PERMITIR OUTRO CONTATO COM SUA PARCEIRA – OS ESPERMATOZOIDES SÃO COISAS VIVAS (PELO MENOS POR ALGUM TEMPO) E PODEM NADAR!

3. ALGUNS HOMENS TIRAM O PRESERVATIVO DE SEU INVÓLUCRO: EXPÕEM A BORRACHA À LUZ E AO AR POR MUITO TEMPO ANTES DE USAR; EM CONSEQUÊNCIA, A BORRACHA RESSECA, FICA COM RACHADURAS E BURACOS. ISSO É UM ERRO! OS ESPERMATOZOIDES SÃO MUITO PEQUENOS – PODEM NADAR ATRAVÉS DAS RACHADURAS E BURACOS!
4. ALGUNS HOMENS PERMANECEM DENTRO DE SUAS PARCEIRAS POR MUITO TEMPO DEPOIS DE EJACULAR; É UM GRANDE ERRO! O PÊNIS ENCOLHE! QUANDO O PÊNIS NÃO ESTÁ MAIS ERETO E QUANDO O HOMEM FINALMENTE O RETIRA DE SUA PARCEIRA, O PRESERVATIVO PODE ESCORREGAR COMPLETAMENTE. A MAIORIA DOS HOMENS NEM MESMO PODE SENTIR ISSO ACONTECER, MAS QUE TRAPALHADA! VOCÊ ACABOU DE DEPOSITAR DENTRO DA MULHER UM PRESERVATIVO INTEIRO E TODO O ESPERMA!

E alguns homens, Homer Wells poderia ter acrescentado pensando em Herb Fowler, distribuem preservativos com buracos para os seus semelhantes.

Na casa de sidra em Ocean View, encolhidos junto com os camundongos encolhidos, Homer Wells e Candy Kendall não podiam romper seu abraço. Por um lado, o colchão era tão estreito – só era possível partilhá-lo se permanecessem colados –, e por outro, haviam esperado por tanto tempo, haviam antecipado tanto. E, para ambos, tanto se expressava pelo fato de terem se permitido gozar juntos. Partilhavam um amor e um pesar, pois nenhum dos dois permitiria ao outro aquele momento se não houvesse pelo menos partes de cada um que aceitavam a morte de Wally. E, depois do ato

de amor, essas partes que sentiam a perda de Wally foram obrigadas a reconhecer o momento com reverência e solenidade; assim, suas expressões não eram tão repletas de êxtase e tão vazias de preocupação como as expressões da maioria dos amantes depois do amor.

Homer Wells, com o rosto comprimido contra os cabelos de Candy, sonhava que somente agora estava chegando ao destino original do Cadillac branco; tinha a sensação de que Wally ainda o guiava e a Candy para longe de St. Cloud's – como se Wally ainda estivesse no comando; não havia a menor dúvida de que Wally era um autêntico benfeitor por tê-lo levado salvo e para aquele lugar de repouso. A pulsação na têmpora de Candy, que encostava em seu pulso, era tão tranquilizante para Homer quanto o zumbido dos pneus, quando o enorme Cadillac branco o salvara da prisão em que nascera. Havia uma lágrima na face de Homer Wells; ele teria agradecido a Wally, se pudesse.

E se, na escuridão, ele pudesse ver o rosto de Candy, saberia que uma parte dela ainda estava sobre a Birmânia.

Ficaram imóveis por um longo tempo – o primeiro camundongo bastante audacioso para correr sobre suas pernas nuas surpreendeu-os. Homer Wells ergueu-se bruscamente para uma posição ajoelhada; um momento se passou antes que compreendesse que deixara *um preservativo inteiro e todo o esperma* dentro de Candy. Era o quarto item da lista de Wilbur Larch sobre OS USOS ERRADOS COMUNS DO PRESERVATIVO

– Oh, não! – exclamou Homer Wells, cujos dedos eram rápidos, sensíveis e experientes.

Ele precisou apenas do indicador e do dedo médio da mão direita para recuperar a camisa de Vênus perdida; embora fosse muito rápido, duvidava que tivesse sido bastante rápido.

Apesar do detalhamento cuidadoso das instruções de Homer, Candy interrompeu-o bruscamente:

– Acho que sei como aplicar a ducha, Homer.

E assim a primeira noite de paixão dos dois, que se desenvolvera tão devagar, terminou na pressa típica das providências adotadas para evitar uma gravidez indesejada – cuja causa possível também era bastante típica.

– Eu amo você – repetiu Homer, dando-lhe um beijo de boa-noite.

Havia tanto fervor quanto ira no beijo de boa-noite de Candy, tanta ferocidade quanto resignação na maneira como apertou as mãos de Homer. Ele ficou parado por um instante no estacionamento por trás do curral de lagostas; o único som era do mecanismo de aeração que fazia o oxigênio circular pela água do tanque, mantendo as lagostas vivas. A qualidade do ar no estacionamento se dividia entre maresia e vapores de combustível. O calor da noite já desvanecera. Um nevoeiro frio e úmido vinha do mar; não havia mais relâmpagos silenciosos para iluminar, mesmo que ligeiramente, a vista através do Atlântico.

Parecia a Homer Wells que houvera muito que esperar para ver em sua vida, e agora havia mais alguma coisa por que esperar para ver.

Wilbur Larch, que tinha setenta e tantos anos e era um grande mestre do Maine na arte de esperar para ver, contemplou mais uma vez o teto estrelado do dispensário. Um dos prazeres do éter era o transporte ocasional do inalador para uma posição que lhe proporcionava uma visão de si mesmo lá do alto; Wilbur Larch podia assim sorrir a distância para sua própria pessoa. Foi a noite em que ele abençoou a adoção do jovem Copperfield, o troca-lettras.

– Vamos ficar felizes pelo jovem Copperfield – dissera o Dr. Larch. – O jovem Copperfield encontrou uma família. Boa-noite, Copperfield!

Só que dessa vez, na memória do éter, era uma ocasião festiva. Houve até unissonância nas respostas, como se Larch conduzisse um coro de anjos – todos cantando alegres pelo caminho de Copperfield. Não fora bem assim. Copperfield era bastante popular junto aos órfãos menores; era o que a enfermeira Angela chamava de “um ponto de união” em sua presença jovial e balbuciante, os espíritos dos outros órfãos se elevavam e se mantinham unidos. Naquela noite ninguém se juntara a Larch para desejar boa-noite e dar adeus a Copperfield. Mas a partida de Copperfield fora especialmente árdua para o Dr. Larch, porque lá se ia o último órfão a quem Homer Wells dera nome e também deixava St. Cloud’s o último órfão que conhecera Homer. Com a partida de Copperfield, um pouco mais de Homer Wells também ia embora. O pequeno Steerforth – o segundo a nascer e o segundo a ser nomeado – fora adotado primeiro.

Mas salve o éter! Que permitia ao Dr. Larch revisar sua história. Talvez tivesse sido o éter, desde o início, que proporcionara ao Dr. Larch o impulso de ser um revisionista com Fuzzy Stone. E nos sonhos de éter Larch salvara muitas vezes Wally Worthington – o avião explodindo se reagrupara e voltara a voar pelo céu; o paraquedas se abria e as suaves correntes do ar birmanês transportaram Wally até a China. São e salvo por cima dos japoneses, por cima dos tigres e cobras, por cima das terríveis doenças da Ásia – como Wilbur Larch contemplara serenamente o voo de Wally! E como os chineses haviam ficado impressionados com a nobre aparência de Wally – com aquelas feições aristocráticas, formando um rosto bonito. Com o tempo, os chineses ajudariam Wally a encontrar sua base e ele voltaria para casa e para a namorada – era o que Wilbur Larch mais desejava; queria que Wally voltasse para Candy, pois somente assim haveria alguma esperança de que Homer Wells retornasse a St. Cloud’s.

Quase três meses depois da derrubada do avião de Wally, a colheita em Ocean View começou e Candy Kendall descobriu que estava grávida. Afinal, ela conhecia os sintomas, e Homer Wells também.

Uma turma de colhedores inexperientes estropiou os pomares naquele ano; houve donas de casa e noivas de guerra caindo de árvores, estudantes dispensados das escolas locais para poderem ajudar na colheita. Até a colheita de maçãs em 194- foi considerada uma parte do esforço de guerra. Olive fez de Homer um chefe de turma dos garotos da escola secundária, cujos métodos de machucar as frutas eram tão variados que ele se manteve muito ocupado.

Candy trabalhou no mercado; disse a Olive que seus frequentes acessos de náuseas eram causados provavelmente pelo cheiro de diesel, constante em torno dos veículos da plantação. Olive comentou que achava que a filha de um mecânico e lagosteiro não seria tão sensível a odores fortes; quando ela sugeriu que Candy talvez se sentisse melhor nos pomares, Candy admitiu que subir em árvores também a deixava enjoada.

– Nunca soube que você era tão delicada – comentou Olive.

A própria Olive nunca fora mais ativa numa colheita ou mais grata por haver uma. Mas a colheita naquele ano lembrou a Homer Wells o aprendizado de espadanar água; Candy e Olive haviam lhe ensinado. (“Nadar no lugar”, como dissera Olive.)

– Estou apenas nadando no lugar – disse Homer a Candy. – Não podemos deixar Olive durante a colheita.

– Se eu trabalhar o mais arduamente que puder – disse Candy –, é possível que tenha um aborto espontâneo.

Não era muito possível, Homer Wells sabia. – E se eu não quiser que você aborte?

– E daí? – indagou Candy.

– E se eu quiser que você case comigo e tenha o filho?

Os dois estavam numa extremidade da correia transportadora no empacotamento; Candy estava na frente da fila de mulheres que conferiam o tamanho e separavam as maçãs – empacotando-as ou banindo-as para a fabricação de sidra. Candy estava com ânsias de vômito, apesar de ter escolhido a ponta da fila, porque a deixava mais perto da porta aberta.

– Temos de esperar para ver – balbuciou Candy, entre as ânsias.

– Não temos muito tempo para esperar – ressaltou Homer Wells.

– Não temos muito tempo para ver.

– Eu não casaria com você por um ano ou mais – declarou Candy. – Juro que quero casar com você, mas o que diríamos a Olive? Temos de esperar.

– O bebê não vai esperar.

– Ambos sabemos para onde ir... a fim de não ter o bebê.

– Ou para ter – disse Homer Wells. – É meu bebê também.

– Como posso ter um filho sem ninguém saber?

Candy teve outra ânsia de vômito, e Big Dot Taft aproximou-se para saber qual era o problema.

– Homer, será que você é tão mal-educado que fica vendo uma moça vomitar? – indagou Big Dot Taft. Ela passou o braço enorme pelos ombros de Candy e disse-lhe: – Vamos para o outro lado da fila... só tem maçãs para cheirar lá. A fumaça do trator entra pela porta.

– Voltaremos a nos ver em breve – murmurou Homer, tanto para Candy como para Big Dot.

– Ninguém gosta de ficar doente na presença do sexo oposto, Homer – informou Big Dot.

– Certo – disse Homer Wells, órfão e pai em potencial.

No Maine, considera-se que é mais sensato apenas saber alguma coisa do que falar a respeito; o fato de ninguém dizer que Candy Kendall estava grávida não significava necessariamente que alguém soubesse. No Maine, presume-se que qualquer rapaz pode criar

encrenca para qualquer moça. O que eles fazem é só de sua conta; se querem conselhos, devem pedir.

“Se você fosse um órfão, o que teria preferido?”, escreveu Wilbur Larch uma ocasião, em *Uma breve história de St. Cloud’s*. “Um órfão ou um aborto?”

– Um aborto, sem a menor dúvida – dissera Melony um dia, quando Homer Wells lhe perguntara. – E você?

– Eu ficaria com o órfão.

– Você não passa de um sonhador, Sunshine.

Agora, ele achava que era verdade; não passava de um sonhador. Confundia os garotos da escola secundária e concedia a alguns os créditos por *bushels* que outros haviam colhido. Deteve dois garotos que estavam jogando maçãs um no outro e achou que deveria transformá-los num exemplo – a fim de proteger as frutas e firmar sua autoridade. Mas enquanto os conduzia ao mercado de maçãs, onde os obrigou a esperarem sem se meterem em qualquer encrenca – e a perderem a colheita de uma manhã –, irrompeu uma batalha de maçãs em larga escala entre os outros garotos da escola secundária. Homer interrompeu a guerra ao voltar ao pomar. Os engradados já colocados no reboque estavam cobertos de sementes de maçã, e as partes quentes do trator exalavam um cheiro de maçã queimada (alguém devia ter tentado usar o trator como “cobertura”). Talvez Vernon Lynch desse um capataz melhor para os garotos da escola secundária, pensou Homer. Tudo o que Homer queria era acertar as coisas com Candy.

Quando sentavam agora no píer de Ray Kendall, sempre ficavam juntos e não por muito tempo – estava começando a esfriar. Ficavam aconchegados contra uma das estacas na extremidade do píer, onde Ray vira Candy sentar com Wally – tantas vezes – e mais ou menos na mesma posição (embora Wally, refletia Ray, sempre sentasse mais empertigado, como se já estivesse preso ao assento do piloto).

Ray Kendall compreendia por que era necessário – que os dois meditassem sobre o processo de se apaixonar, mas sentia pena de ambos; sabia que se apaixonar nunca deveria ser um momento tão sombrio. Contudo, Ray tinha todo o respeito por Olive e sabia que era por causa de Olive que Homer e Candy eram forçados a assumirem o luto por sua própria história de amor.

– Vocês deveriam simplesmente ir embora – disse Ray pela janela para Homer e Candy; ele falou muito baixo, e a janela estava fechada.

Homer estava com receio de que se insistisse para que Candy casasse com ele – insistisse para que tivesse o filho –, acabaria forçando-a a rejeitá-lo por completo. Também sabia que Candy tinha medo de Olive; não que Candy estivesse tão ansiosa por um segundo aborto – Homer sabia que Candy casaria com ele e teria o filho no mesmo dia, se achasse que havia algum meio de evitar contar a verdade a Olive. Candy não estava envergonhada de Homer; também não se sentia envergonhada da gravidez. Candy estava envergonhada pela perspectiva de Olive julgá-la com muito rigor por seus sentimentos insuficientes em relação a Wally a fé de Candy (em Wally estar vivo) não fora tão grande quanto a de Olive. Não é excepcional a mãe de filho único e a moça que é namorada do filho se imaginarem como concorrentes.

Eram apenas mais um casal acuado, mais à vontade com suas ilusões do que com a realidade da situação em que se encontravam.

– Depois da colheita – disse Homer a Candy –, vamos para St. Cloud's. Direi que precisam de mim por lá. O que provavelmente é verdade. E por causa da guerra ninguém está lhes dando atenção. Você pode dizer a seu pai que é apenas outra espécie de esforço de guerra. Podemos ambos dizer a Olive que nos sentimos na obrigação... de estar onde somos realmente necessários, onde somos de mais utilidade.

– Quer que eu tenha meu filho? – perguntou-lhe Candy.

– Quero que tenha o *nosso* filho – respondeu Homer. – E depois que o bebê nascer, quando ambos estiverem recuperados, voltaremos para cá. Diremos a seu pai e a Olive... ou escreveremos... que nos apaixonamos e casamos.

– E que concebemos um filho antes que isso acontecesse?

Homer Wells, que via as estrelas de verdade por cima da costa escura do Maine – brilhantes e frias –, imaginou toda a história com extrema nitidez.

– Diremos que o bebê é adotado. Diremos que sentimos uma obrigação adicional... para com o orfanato. De certa forma, é mesmo o que eu sinto.

– Nosso bebê é adotado? – murmurou Candy. – Vamos ter um filho que pensará que é órfão?

– Não é isso. Teremos o nosso filho e ele saberá que é nosso. Apenas *dizemos* que é adotado... apenas por causa de Olive e apenas por algum tempo.

– Isso é mentir.

– Certo – confirmou Homer Wells. – Isso é mentir por algum tempo.

– Talvez... quando voltarmos, com o bebê... talvez não precisemos dizer que foi adotado. Talvez possamos então contar a verdade.

– Talvez.

Talvez tudo esteja esperando para ver, pensou Homer. Encostou a boca na nuca de Candy; roçou o rosto por seus cabelos.

– Se achássemos que Olive podia aceitar, se achássemos que ela podia aceitar... em relação a Wally – acrescentou Candy –, então não teríamos de mentir sobre a adoção do bebê, não é?

– Certo – disse Homer Wells.

Por que tanta preocupação em mentir?, especulou ele, abraçando Candy firmemente, enquanto ela chorava, baixinho. Era verdade que Wilbur Larch não tinha lembrança da mãe de Homer? Era verdade

que a enfermeira Angela e a enfermeira Edna também não tinham lembrança de sua mãe? Talvez fosse verdade, mas Homer Wells nunca os culparia se tivessem mentido; teriam mentido apenas para protegê-lo. E se lembrassem de sua mãe e esta fosse um monstro, não fora melhor que tivessem mentido? Para os órfãos, nem toda a verdade é desejada.

E se Homer descobrisse que Wally morrera em terrível agonia ou sofrimento prolongado – se Wally tivesse sido torturado, queimado vivo ou devorado por um animal –, Homer certamente mentiria a respeito. Se Homer Wells fosse um historiador amador, teria sido tão revisionista quanto Wilbur Larch – tentaria fazer com que tudo acabasse dando certo no final. Homer Wells, que sempre dissera a Wilbur Larch que *e/e* (Larch) era o doutor, era mais doutor do que imaginava.

Na primeira noite da produção de sidra, ele partilhou o trabalho na prensa e na moenda com Meany Hyde e Everett Taft; Big Dot e sua irmã caçula, Debra Pettigrew, eram as engarrafadoras. Debra estava mal-humorada com a perspectiva de um trabalho sujo; queixava-se de tanta coisa derramando, e sua irritação era acentuada pela presença de Homer Wells, com quem não estava falando – a certeza de Debra de que Candy e Homer haviam se tornado parceiros num determinado sofrimento era mesclada com a suspeita de que os dois haviam se tornado parceiros também num determinado prazer. Pelo menos Debra não reagira à sugestão de Homer de que fossem apenas amigos. Homer estava aturdido com a hostilidade de Debra e presumia que seus anos no orfanato haviam-no privado de alguma explicação perfeitamente razoável para o comportamento dela. Parecia a Homer que Debra sempre lhe negara acesso a qualquer coisa mais do que sua amizade. Por que ela estava agora furiosa por ele lhe pedir apenas isso?

Meany Hyde anunciou a Homer e Everett Taft que aquela seria a sua primeira e última prensa na colheita, porque queria ficar em

casa com Florence.

– Agora que o momento está se aproximando – arrematou Meany.

Quando Mister Rose prensava a sidra, havia um sentimento muito diferente no ar fermentado. Por um lado, tudo acontecia mais depressa; a prensa era uma espécie de competição. Por outro, havia uma tensão que a autoridade de Mister Rose criava – e o conhecimento dos cansados adormecidos ou tentando dormir no alojamento ao lado emprestava à operação da moenda e da prensa um senso de pressa (e de perfeição) que só se sente à beira da exaustão.

A corpulência futura de Debra Pettigrew tornava-se mais e mais evidente à medida que ela ficava encharcada; havia uma inclinação similar à dos ombros da irmã e até uma frouxidão atrás dos braços de Debra, que um dia haveriam de bambolear tanto quanto os braços de Big Dot. Em imitação fraternal, as duas enxugavam o suor dos olhos com os bíceps – não querendo tocar no rosto com as mãos pegajosas, sujas de sidra.

Depois da meia-noite, Olive levou-lhes cerveja gelada e café quente. Quando ela se foi, Meany Hyde comentou: – Essa Madame Worthington é bastante amável... não só traz alguma coisa para a gente, mas também nos deixa escolher.

– E agora que Wally se foi – acrescentou Everett Taft. – É de admirar que ela ainda pense na gente.

O que quer que me seja trazido, o que quer que venha para o meu lado, pensou Homer, não sairei da frente. A vida estava finalmente prestes a lhe acontecer – a jornada que se propunha fazer, de volta a St. Cloud's, no fundo lhe proporcionaria a libertação de St. Cloud's. Teria um filho (se não uma esposa também); precisaria de um emprego.

Claro que levarei algumas mudas e as plantarei, ele estava pensando – como se macieiras satisfizessem St. Cloud's, como se o

fato de plantá-las pudesse satisfazer o que Wilbur Larch desejava dele.

Ao final da colheita, a luz se tornou mais cinzenta e os pomares ficavam mais escuros durante o dia, embora mais claridade passasse pelas árvores vazias. A inexperiência da turma da colheita era visível nas maçãs murchas que ainda aderiam aos galhos difíceis de alcançar. O terreno já estava congelado em St. Cloud's. Homer teria de fazer uma viagem especial para as mudas. Iria plantá-las na primavera; seria um bebê da primavera.

Homer e Candy agora trabalhavam apenas no turno da noite no hospital em Cape Kenneth. Os dias em que Ray construía torpedos eram os que Homer passava com Candy, no quarto dela, por cima do curral de lagostas.

Havia uma liberdade no ato de amor, agora que Candy já estava grávida. Embora não pudesse dizer a ele – ainda não –, Candy adorava fazer amor com Homer Wells; deleitava-se muito mais do que jamais conseguira com Wally. Mas não era capaz de dizer em voz alta que qualquer coisa era *melhor do que com Wally*; apesar de fazer amor com Homer ser melhor, ela duvidava que isso fosse culpa de Wally. Afinal, ela e Wally nunca tiveram tempo para se sentir tão livres.

"A moça e eu estamos indo para aí", escreveu Homer para o Dr. Larch. "Ela vai ter o meu filho – não será um aborto nem um órfão."

– Um bebê *desejado*! – exclamou a enfermeira Angela. – Vamos ter um bebê *desejado*!

– Embora não planejado – disse Wilbur Larch, que olhava pela janela da sala da enfermeira Angela como se a colina que se erguia lá fora tivesse se levantado pessoalmente contra ele. – E imagino que ele vai plantar as malditas árvores. Para que ele quer um bebê? E como pode ter um bebê e ir para o colégio... ou para a faculdade de medicina?

– Quando foi que ele decidiu ir para a faculdade de medicina, Wilbur? – indagou a enfermeira Edna.

– Eu sabia que ele voltaria! – gritou a enfermeira Angela. – Ele pertence a nós!

– É verdade, ele pertence mesmo – murmurou Wilbur Larch.

Involuntariamente, um tanto rígido, as costas empertigadas, os joelhos se firmaram, os braços se estenderam e os dedos das mãos se abriram parcialmente – como se ele estivesse se preparando para receber um pacote pesado. A enfermeira Edna estremeceu ao vê-lo nessa pose, que a lembrava do feto de Three Mile Falls, o bebê morto cuja postura de súplica tão intensa fora arrumada por Homer Wells.

Homer disse a Olive Worthington:

– Detesto partir, especialmente com o Natal se aproximando e todas as lembranças... mas há uma coisa e alguém que tenho negligenciado. Na verdade, são todos eles em St. Cloud's... nada muda por lá. Precisam sempre das mesmas coisas, e agora que há uma guerra, que todos estão empenhados no esforço de guerra, acho que St. Cloud's está mais esquecida do que nunca. E o Dr. Larch não está ficando mais jovem. Devo ser mais útil lá do que aqui. Há sempre muito o que fazer em St. Cloud's.

– Você é um ótimo rapaz – disse Olive Worthington.

Mas Homer inclinou a cabeça. Lembrava o que o Sr. Rochester dissera a Jane Eyre: “Tema o remorso quando se sentir tentada a errar, Miss Eyre; o remorso é o veneno da vida.”

Era uma manhã no início de novembro, e estavam na cozinha de Ocean View; Olive não arrumara os cabelos nem se maquilara. A palidez na luz, em seu rosto e cabelos, fazia com que a Sra. Worthington parecesse mais velha para Homer. Ela estava usando o cordão do saquinho de chá para espremer as últimas gotas, e Homer não podia desviar os olhos das veias saltadas e emaranhadas no

dorso de suas mãos. Ela sempre fumara demais e pela manhã sempre tossia.

– Candy vai comigo – informou Homer Wells.

– Candy é uma ótima moça – disse Olive. – É muito altruísmo dos dois... quando poderiam estar se divertindo... oferecer conforto e companhia a crianças indesejáveis.

O barbante em torno do saquinho de chá estava tão apertado que Homer pensou que poderia cortá-lo. A voz de Olive era tão formal que ela poderia estar falando numa cerimônia de premiação, descrevendo o heroísmo que era digno de prêmios. Estava se esforçando ao máximo para não tossir. Quando o barbante rompeu o saquinho de chá, algumas das folhas úmidas grudaram na gema do seu ovo pochê não comido, empoleirado no oveiro de porcelana que Homer Wells pensara outrora ser um castiçal.

– Eu nunca poderia agradecer o suficiente por tudo o que tem feito por mim – disse Homer.

Olive Worthington limitou-se a sacudir a cabeça; seus ombros estavam empinados, o queixo levantado, as costas empertigadas.

– Lamento muito o que aconteceu com Wally – acrescentou Homer.

Houve um ligeiro movimento na garganta de Olive, mas os músculos do pescoço estavam contraídos.

– Ele está apenas desaparecido – murmurou ela.

– Certo.

Homer Wells pôs a mão no ombro de Olive. Ela não deu qualquer indicação de que a presença da mão fosse um fardo ou um conforto, mas depois de ficarem assim por algum tempo, virou o rosto o suficiente para repousar o rosto na mão de Homer; e assim continuaram por mais algum tempo, como se posando para um pintor da velha escola – ou para um fotógrafo que estivesse esperando pelo improvável, que o sol de novembro surgisse.

Olive insistiu que ele levasse o Cadillac branco.

– Acho que é bom para os dois continuarem juntos – disse Ray a Candy e Homer.

Ray ficou desapontado porque nenhum dos dois recebeu seu comentário com entusiasmo; enquanto o Cadillac deixava o estacionamento do curral de lagostas, ele lhes gritou:

– E procurem se *divertir* juntos!

Mas duvidou que o tivessem ouvido.

Quem vai a St. Cloud's para se divertir?

Não fui realmente adotado, pensou Homer Wells. Não estou realmente traindo a Sra. Worthington; ela nunca disse que era minha mãe. Mesmo assim, Homer e Candy quase não falaram durante a viagem.

A caminho do interior, quanto mais para o norte avançavam, mais as folhas haviam abandonado as árvores; havia um pouco de neve em Skowhegan, onde o solo parecia o rosto de um velho precisando fazer a barba. Havia mais neve em Blanchard, East Moxie e Moxie Gore; tiveram de esperar uma hora em Ten Thousand Acre Tract, onde uma árvore caíra – atravessada na estrada. A neve se derramara sobre a árvore, cujo formato despedaçado parecia o de um dinossauro tombado. Em Moose River e Misery Gore, assim como em Tomhegan, a neve chegara para ficar. Os montes à beira da estrada estavam tão cortados pelo limpa-neve – e tão altos – que Candy e Homer só podiam perceber a presença de uma casa além pela fumaça da chaminé ou pelos caminhos estreitos abertos através da neve, manchada aqui e ali pela urina territorial dos cachorros.

Olive, Ray e Meany Hyde haviam lhes dado cupons extras de gasolina. Eles haviam decidido levar o carro porque achavam que seria um meio de escapar de St. Cloud's – mesmo que apenas em curtos passeios –, mas ao chegarem a Black Rapids e depois que Homer pusera as correntes nos pneus traseiros, concluíram que as estradas de inverno (e estavam apenas no começo do inverno) tornariam quase impossível sair de carro.

Se tivessem lhe perguntado, o Dr. Larch diria que não precisavam se incomodar em trazer o carro. Explicaria que ninguém vinha a St. Cloud's com o propósito de realizar pequenas excursões pelos arredores; e teria sugerido, como diversão, que sempre poderiam pegar o trem para Three Mile Falls.

Com as estradas ruins, a claridade mínima e a neve que começou a cair logo depois de Ellenville, já estava escuro quando chegaram a St. Cloud's. Os faróis do Cadillac branco, subindo a colina que passava pela divisão de garotas, iluminaram duas mulheres que desciam para a estação ferroviária... os rostos se desviando da luz. Os passos pareciam inseguros; uma delas não tinha um cachecol, a outra não tinha um chapéu; a neve faiscava aos faróis, como se as mulheres estivessem atirando diamantes pelo ar.

Homer Wells parou o carro e baixou a janela, perguntando às mulheres:

- Querem uma carona?
- Está indo na direção errada – respondeu uma delas.
- Posso fazer a volta.

Como elas seguissem em frente, sem responder, Homer continuou até a entrada do hospital, junto à divisão de meninos, parou ali e apagou os faróis. A neve que caía na frente da claridade do dispensário era a mesma espécie de neve que estava caindo na noite em que ele chegara a St. Cloud's depois de sua fuga dos Draper de Waterville.

Houvera uma discussão e tanto entre Larch e suas enfermeiras a propósito do lugar em que Homer e Candy dormiriam. Larch presumiu que Candy dormiria na divisão de garotas e Homer dormiria onde costumava dormir, com os outros meninos; mas as mulheres reagiram com veemência a essa sugestão.

– Eles são amantes! – ressaltou a enfermeira Edna. – Tenho certeza de que dormem juntos!

– Quanto a isso, não resta a menor dúvida – disse Larch. – Mas não significa que devam dormir juntos também aqui.

– Homer disse que ia casar com ela – lembrou a enfermeira Edna.

– Mas ainda não casou – resmungou Wilbur Larch.

– Acho que seria maravilhoso ter alguém dormindo com alguém por aqui – declarou a enfermeira Angela.

– Ao que me parece – protestou Wilbur Larch –, estamos neste negócio porque há gente demais dormindo junto.

– Eles são amantes! – repetiu a enfermeira Edna, indignada.

As mulheres acabaram decidindo. Candy e Homer partilhariam um quarto com duas camas no andar térreo da divisão de garotas; como ajeitariam as camas seria problema deles. A Sra. Grogan disse que gostava da ideia de ter um homem na divisão de garotas; de vez em quando as garotas se queixavam de um ladrão ou de um *voyeur*; ter um homem por perto à noite era uma boa ideia.

– Além do mais – acrescentou a Sra. Grogan –, fico sozinha por lá... enquanto vocês três têm um ao outro.

– Todos dormimos sozinhos aqui – disse o Dr. Larch.

– Ora, Wilbur, não devia se sentir tão orgulhoso por isso – comentou a enfermeira Edna.

Olive Worthington, sozinha no quarto de Wally, contemplou as duas camas, a de Homer e a de Wally – as duas camas estavam feitas, não havia uma única ruga nos travesseiros. Na mesinha de cabeceira entre as camas havia uma fotografia de Candy ensinando Homer a nadar. Como não havia cinzeiro no quarto dos meninos, Olive mantinha a mão livre em posição de concha sob as cinzas compridas e penderes do cigarro.

Raymond Kendall, sozinho por cima do curral de lagostas, olhava para as fotografias no tríptico, parecendo um retábulo na mesinha de cabeceira, ao lado de seu jogo de chaves de soquete. A fotografia

do meio era dele próprio, quando jovem; estava sentado numa cadeira de aparência desconfortável, com a esposa no colo; ela estava grávida de Candy; a cadeira corria perigo, aparentemente. A fotografia da esquerda era de Candy na formatura, a da direita era de Candy com Wally – as raquetes de tênis apontadas um para o outro, como armas. Ray não tinha fotografia de Homer Wells; precisava apenas olhar pela janela, para o seu píer, a fim de imaginar Homer nitidamente; Ray não podia olhar para o píer e pensar em Homer Wells sem ouvir os caracóis caindo na água.

A enfermeira Edna tentara manter quente uma refeição para Homer e Candy; pusera a carne assada decepcionante no esterilizador de instrumentos, verificando de vez em quando. A Sra. Grogan, que estava orando na divisão de garotas, não viu o Cadillac subir a encosta. A enfermeira Angela estava na sala de parto, raspando uma mulher que já rompera a bolsa d'água.

Homer e Candy passaram pelo dispensário vazio e bastante iluminado; deram uma olhada na sala vazia da enfermeira Angela. Homer sabia que era melhor não espiar na sala de parto quando a luz estava acesa. Ouviram a voz do Dr. Larch lendo no dormitório. Embora Candy apertasse sua mão com força, Homer Wells estava propenso a se apressar – a fim de não perder a história da hora de dormir.

* * *

A esposa de Meany Hyde, Florence, deu à luz um menino saudável – quatro quilos e duzentos gramas – pouco depois do Dia de Ação de Graças, que Olive Worthington e Raymond Kendall celebraram de maneira formal e discreta em Ocean View. Olive convidou todos os empregados da plantação para a casa aberta; pediu a Ray que a ajudasse a receber na ocasião. Meany Hyde insistiu com Olive que seu novo filho era um sinal inequívoco de que Wally estava vivo.

– Eu sei que ele está vivo – disse Olive a Meany, calmamente.

Não foi um dia muito penoso para ela, mas encontrou Debra Pettigrew sentada na cama de Homer, no quarto de Wally, olhando fixamente para a fotografia de Candy ensinando Homer a nadar. E não muito depois de afastar Debra do quarto, Olive encontrou Grace Lynch sentada na mesma depressão que Debra deixara na cama de Homer. Grace, no entanto, olhava para o questionário do conselho de administração de St. Cloud's, o que Homer nunca preencheria e deixara pregado na parede do quarto de Wally, como se fossem regras não escritas.

E Big Dot Taft se descontrolou na cozinha, ao relatar a Olive um de seus sonhos. Everett a encontrara, em seu sonho, a se arrastar pelo chão do quarto, na direção do banheiro.

– Eu não tinha pernas – disse Big Dot a Olive. – Era a noite em que o garoto de Florence nasceu e eu acordei sem pernas... só que não acordei de verdade, estava apenas sonhando que não restava mais nada de mim abaixo da cintura.

– Só que você tinha de ir ao banheiro – ressaltou Everett Taft. – Se não fosse por isso, por que estaria se arrastando pelo chão?

– O mais importante é que eu estava ferida – disse Big Dot ao marido, irritada.

– Ahn... – murmurou Everett Taft.

– O importante é que meu bebê nasceu muito bem, mas Big Dot teve um sonho em que não podia andar – disse Meany Hyde a Olive. – Será que não percebe, Olive? Acho que Deus está nos dizendo que Wally está bem... que está vivo... mas que foi ferido.

– Ele está ferido ou alguma coisa assim – disse Big Dot, desatando a chorar.

– Mas é claro – disse Olive, bruscamente. – É o que sempre pensei. – Suas palavras surpreenderam a todos, até mesmo a Ray Kendall. – Se ele estivesse ferido, já teríamos recebido notícias suas a essa altura. E se ele não estivesse vivo, eu já saberia.

Olive entregou seu lenço a Big Dot Taft e acendeu outro cigarro com a guimba do que quase acabara.

O Dia de Ação de Graças em St. Cloud's não foi tão místico e a comida não estava tão saborosa, mas todos se divertiram. No lugar de balões, o Dr. Larch distribuiu preservativos à enfermeira Angela e à enfermeira Edna, que os encheram, apesar de sua aversão, e mergulharam em tigelas de corante verde e vermelho. Depois que secou, a Sra. Grogan pintou os nomes dos órfãos nas camisas de vênus. Homer e Candy esconderam os preservativos coloridos por todo o orfanato.

– É uma caça à borracha – disse Wilbur Larch. – Deveríamos ter guardado a ideia para a Páscoa. Os ovos são muito caros.

– Não vamos renunciar aos ovos na Páscoa, Wilbur – protestou a enfermeira Edna, indignada.

– Acho que não – murmurou o Dr. Larch, cansado.

Olive Worthington enviara uma caixa de champanhe. Wilbur Larch nunca bebera antes uma só gota de champanhe – não era um bebedor –, mas a maneira como as borbulhas contraíram o céu da boca, abriram as passagens nasais e deixaram os olhos com a sensação de secos, mas claros levou-o a se lembrar do mais leve dos vapores, da famosa inalação em que era viciado. Bebeu e bebeu. Até cantou para as crianças – alguma coisa que ouvira os soldados franceses cantarem na Primeira Guerra Mundial. A canção não era mais apropriada para as crianças do que os preservativos, mas – por causa da ignorância do francês e uma inocência com o sexo – a canção francesa (que era mais obscena do que qualquer *limerick* e Wally Worthington jamais conheceria) foi confundida com uma cantiga alegre, enquanto as camisas de vênus verdes e vermelhas eram tomadas como balões.

Até mesmo a enfermeira Edna ficou um pouco embriagada; o champanhe também era uma novidade para ela, embora de vez em quando pusesse *sherry* na sopa quente. A enfermeira Angela não

bebeu, mas se tornou emotiva – a tal ponto que passou os braços pelo pescoço de Homer e beijou-o vigorosamente, ao mesmo tempo que proclamava que o espírito de St. Cloud's estivera perceptivelmente em deterioração durante a ausência de Homer e que Homer fora enviado por um Deus obviamente simpático para reanimá-los.

– Mas Homer não vai ficar – disse Wilbur Larch, aos soluços.

Todos ficaram impressionados com Candy, a quem até mesmo o Dr. Larch se referiu como “nossa angelical voluntária” e com quem a Sra. Grogan se preocupava todos os dias, como se fosse sua filha. A enfermeira Edna esvoaçava em torno dos jovens enamorados como uma mariposa em torno de uma luz.

No Dia de Ação de Graças, o Dr. Larch até flertou com Candy – um pouquinho.

– Jamais conheci uma garota tão bonita que estivesse disposta a aplicar enemas – comentou Larch, afagando o joelho de Candy.

– Não sou melindrosa – respondeu Candy.

– Não há lugar para melindres aqui – disse Larch, arrotando.

– Espero que ainda haja um pouco de lugar para a sensibilidade – protestou a enfermeira Angela.

Larch nunca a louvara, *nem* à enfermeira Edna por aplicarem enemas.

– Claro, eu queria que ele fosse para a faculdade de medicina, se tornasse um médico, voltasse para cá e me substituísse – disse Wilbur Larch a Candy, em voz alta, como se Homer não estivesse sentado no outro lado da mesa. Larch tornou a afagar o joelho de Candy. – Mas não tem problema! Quem não ia preferir engravidar uma garota como você... e plantar maçãs?

Ele disse alguma coisa em francês e tomou outro gole de champanhe. Depois, sussurrou para Candy:

– Claro que ele não precisa ir para a faculdade de medicina para ser um médico *aqui*. Só há apenas mais uns poucos procedimentos

que ele precisa aprender. Mas que diabo! – Larch indicou os órfãos que comiam seu peru, cada um com uma camisa de vênus colorida, com seu nome, na frente do prato. – Este não é um lugar tão ruim para se criar uma família. E se Homer algum dia plantar na maldita encosta, então poderão também cultivar maçãs aqui!

Quando o Dr. Larch caiu no sono à mesa, Homer Wells carregou-o para o dispensário. No tempo em que permanecera longe de St. Cloud's, especulou Homer, o Dr. Larch teria enlouquecido por completo? Não havia ninguém a quem perguntar. A Sra. Grogan, a enfermeira Edna e especialmente a enfermeira Angela poderiam concordar que Larch viajara além da curva – que estava com um remo fora d'água, como diria Ray Kendall; que estava com uma roda afundada na areia, como Wally costumava dizer –, mas a Sra. Grogan e as enfermeiras defenderiam o Dr. Larch com o máximo vigor. A opinião delas, Homer podia adivinhar, seria a de que ele os deixara por tempo demais, que seu julgamento estava enferrujado. Felizmente, a competência obstétrica de Homer não fora afetada por sua ausência.

Mulheres grávidas não respeitam feriados. Os trens correm em horários diferentes, mas correm. Passava de seis horas da tarde quando a mulher chegou a St. Cloud's; embora não fosse sua prática habitual, o chefe da estação acompanhou-a até a entrada do hospital, porque a mulher já se encontrava no segundo estágio do trabalho de parto – a bolsa d'água romperá e as dolorosas contrações eram regulares. Homer Wells estava apalpando a cabeça do bebê através do períneo quando a enfermeira Angela informou-o de que o Dr. Larch estava embriagado demais para ser despertado e a enfermeira Edna também caíra no sono. Homer estava preocupado porque o períneo apresentava sinais de inchaço e a reação da mulher a uma sedação de éter um tanto forte era bastante lenta.

Homer foi obrigado a reter a cabeça do bebê, a fim de proteger o períneo de rompimento; a incisão mediolateral que Homer decidiu efetuar foi no ponto correspondente ao sete no mostrador de um

relógio. Era uma episiotomia das mais seguras, na opinião de Homer, porque o talho podia, se necessário, ser prolongado muito mais do que acontecia na operação de barriga típica.

Logo depois da passagem da cabeça, Homer enfiou o dedo em torno do pescoço do bebê, a fim de verificar se o cordão umbilical se encontrava enrolado ali, mas foi um parto fácil, os ombros emergindo espontaneamente. Aplicou duas ligaduras no cordão umbilical e efetuou o corte no meio. Ainda estava com o jaleco cirúrgico quando foi ao dispensário verificar como o Dr. Larch estava se recuperando do champanhe do Dia de Ação de Graças. Se Larch estava familiarizado com as transições que encontrou ao passar de um mundo de éter para um mundo sem anestesia, não o estava com a transição entre a embriaguez e a ressaca. Vendo Homer Wells no jaleco ensanguentado de seu ofício, Wilbur Larch imaginou que estava salvo.

– Ah, Dr. Stone! – exclamou ele, estendendo a mão para Homer, com um formalismo autocongratatório, famoso entre os colegas na profissão médica.

– Doutor quem? – indagou Homer Wells.

– Dr. Stone – repetiu Wilbur Larch, retirando a mão, a ressaca assentando, uma poeira tão grossa cobrindo o céu da boca que ele só podia repetir a mesma coisa: – Fuzzy Stone, Fuzzy Stone, Fuzzy Stone.

Quando estavam deitados juntos, nas duas camas no quarto que ocupavam na divisão de garotas, Candy perguntou:

– Homer, por que o Dr. Larch diz que você não precisa cursar a faculdade de medicina para ser um médico aqui?

– Talvez ele esteja querendo dizer que o trabalho aqui é de qualquer forma ilegal – respondeu Homer Wells. – De que então adiantaria ser um médico legítimo?

– Mas ninguém o contrataria se não fosse um médico legítimo, não é?

– Talvez o Dr. Larch me contratasse – disse Homer Wells. – Conheço algumas coisas.

– Mas você *não quer* ser um médico aqui... ou quer?

– Tem razão, não quero mesmo.

Que história era aquela de Fuzzy Stone?, estava especulando Homer enquanto adormecia.

Homer ainda dormia quando o Dr. Larch inclinou-se sobre a mulher do Dia de Ação de Graças e examinou a episiotomia. A enfermeira Angela estava lhe falando a respeito, ponto por ponto, mas a descrição não era realmente necessária, embora Larch se sentisse agradecido; a aparência e o contato saudável do tecido da mulher lhe informavam tudo o que queria saber. Homer Wells não perdera a confiança em si mesmo; e ainda tinha o toque certo.

Ele também possuía o virtuosismo dos jovens e feridos; Homer Wells não tinha dúvidas para atenuar seu desprezo pelas pessoas que estragavam suas vidas de tal forma que não queriam os filhos que haviam concebido. Wilbur Larch poderia lhe dizer que estava simplesmente se comportando como um médico jovem e arrogante que nunca ficara doente – que era culpado da doença do jovem médico, de manifestar uma superioridade doentia em relação a *todos* os pacientes. Mas Homer empunhava um ideal de casamento e família como se fosse um porrete; tinha mais certeza da correção de seu objetivo do que um casal comemorando o 65º aniversário de casamento.

Ele devia ter imaginado que o fervor sagrado com que encarava sua união com Candy pairaria como um halo sobre o jovem casal e derramaria uma luz visivelmente clemente sobre os dois e seu filho quando voltassem a Heart's Haven e Heart's Rock. Devia ter pensado que a excelência de suas intenções e de Candy brilharia com uma radiância tão poderosa que Olive, Raye e o restante da comunidade que tudo sabia e nada dizia ficariam ofuscados. Homer e Candy deviam ter imaginado que seu filho – concebido num momento de

amor que ofuscava a perda de Wally, morto ou “apenas desaparecido” – seria saudado como um anjo descendo à Terra.

E, assim, eles desfrutaram da vida de jovens casados naquele inverno em St. Cloud’s. Nunca ser de utilidade fora tão divertido. Não havia tarefa que a moça adorável e cada vez mais grávida julgasse abaixo de sua condição; sua beleza e energia física eram inspiradoras para todas na divisão de garotas. O Dr. Larch devotou-se a ensinar mais sobre pediatria a Homer – já que não podia encontrar qualquer falha no método obstétrico de Homer e já que ele se mantinha inflexível em sua recusa de participar nos abortos. A rigidez dessa última posição desconcertava até mesmo a Candy, que gostava de dizer a Homer:

– Só quero que me explique de novo... como não desaprova o procedimento, mas pessoalmente não quer participar de uma coisa que acha errada.

– Certo – dizia Homer Wells, que não tinha qualquer dúvida. – Você entendeu. Não há mais nada a explicar. Acho que o aborto deve estar à disposição de quem quiser, mas *eu* não quero efetuar nenhum. O que é tão difícil de compreender nessa posição?

– Nada – respondia Candy, mas mesmo assim continuava a interrogá-lo: – Você acha que é errado, mas também acha que deve ser legal... certo?

– Certo – confirmava Homer Wells. – Acho que é errado, mas também acho que deve ser uma escolha pessoal de cada um. O que pode ser mais pessoal do que decidir se você quer ou não ter um filho?

– Não sei – dizia Candy, embora lhe ocorresse que ela e Homer Wells haviam “decidido” que Wally estava morto, o que lhe parecia especialmente pessoal.

No quinto mês de gravidez, eles começaram a dormir em camas separadas, mas juntavam as duas e tentavam adaptá-las para uma

cama de casal – um problema, já que não havia lençóis de casal em St. Cloud's.

A Sra. Grogan queria dar de presente lençóis de casal a Homer e Candy, mas não dispunha de dinheiro próprio para comprá-los e especulou se adquiri-los para o orfanato pareceria estranho.

– Muito estranho – disse Larch, vetando a ideia.

“Em outras partes do mundo eles têm lençóis para cama de casal”, escreveu Wilbur Larch em *Uma breve história de St. Cloud's*. “Aqui em St. Cloud's, passamos sem isso – simplesmente passamos sem isso.”

Contudo, foi o melhor Natal de St. Cloud's. Olive mandou muitos presentes, e o exemplo de Candy – como a primeira mulher grávida e feliz na lembrança de todos foi um grande presente. Tiveram peru e presunto, o Dr. Larch e Homer Wells se empenharam numa competição de trinchar, que todos disseram que Homer ganhou. Ele terminou de cortar o peru antes que o Dr. Larch acabasse de cortar o presunto.

– Perus são mais fáceis de cortar do que porcos declarou Larch.

Secretamente, ele estava muito satisfeito pelo trabalho de Homer com a faca. Que aprendera o jeito de cortar em circunstâncias diferentes de Mister Rose era um fato que aflorava com frequência na mente de Homer. Se dispusesse de certas vantagens da educação, refletiu Homer, Mister Rose poderia se tornar um excelente cirurgião.

– Poderia se tornar – murmurou Homer para si mesmo.

Ele nunca se sentira tão feliz. Era de utilidade, estava apaixonado – e era amado –, estava esperando um filho. O que mais pode haver?, pensava ele, fazendo as rondas diárias. Outras pessoas podiam querer uma quebra na rotina, mas um órfão anseia pela vida cotidiana.

No meio do inverno, durante uma nevasca, quando as mulheres tomavam chá na divisão de garotas com a Sra. Grogan e o Dr. Larch se encontrava na estação ferroviária, acusando pessoalmente o chefe da estação de perder uma carga esperada de sulfa, uma mulher chegou à entrada do hospital, encurvada pelas cólicas e hemorragia. Ela tivera o D sem o C, como a enfermeira Caroline teria comentado; quem efetuara a dilatação parecia ter feito um trabalho seguro. O necessário agora era uma curetagem final, que Homer realizou sozinho. Um fragmento muito pequeno dos produtos da concepção surgiu reconhecível na curetagem, o que provocou um único e pequeno pensamento em Homer Wells. Cerca de quatro meses – foi o que ele calculou, olhando rapidamente para o fragmento e livrando-se dele no instante seguinte.

À noite, quando tocou em Candy, sem despertá-la, Homer ficou maravilhado pela maneira serena como ela dormia, e refletiu como a vida em St. Cloud's parecia intemporal, sem lugar definido e constante, como parecia sombria, mas com muito desvelo, como parecia de certa forma mais segura do que a vida em Heart's Rock ou Heart's Haven – e certamente mais segura do que a vida sobre a Birmânia. Foi a noite em que ele se levantou e seguiu para a divisão de meninos; talvez estivesse procurando por sua história no grande dormitório em que todos os meninos dormiam, mas o que ali encontrou, em vez disso, foi o Dr. Larch dando um tardio beijo de boa-noite em cada um. Homer imaginou então que o Dr. Larch o beijara assim, quando era pequeno; Homer não podia imaginar como aqueles beijos, ainda agora, eram beijos destinados a ele. Eram beijos procurando Homer Wells.

Foi também a noite em que ele viu o lince na encosta árida, sem macieiras – vidrada pela neve que degelara e depois tornara a congelar numa crosta grossa. Homer saíra apenas por um momento; depois de testemunhar os beijos, desejava o suporte do ar fresco. Era um lince canadense – um cinzento-escuro contra o cinza mais claro da neve enluarada, o mau cheiro do felino tão intenso que

Homer engasgou ao senti-lo. O senso felino era bastante aguçado para manter o animal se esgueirando à distância de um único pulo da segurança do bosque. O lince passava pelo cume da colina quando começou a escorregar; as garras não conseguiam se cravar na crosta de neve, e a encosta se tornara de repente mais íngreme. Deslocou-se do luar opaco para a claridade mais intensa da janela da sala da enfermeira Angela; não podia evitar a descida de lado. Chegou mais perto do orfanato do que jamais teria optado, o terrível cheiro de morte se chocando com o frio enregelante. O desamparo do lince sobre o gelo tornara a sua expressão ao mesmo tempo apavorada e resignada; tanto loucura como fatalismo irradiavam dos olhos amarelados do felino, estavam patentes em sua tosse involuntária, enquanto deslizava, até colidir com a parede do hospital, antes que as garras pudessem se firmar na crosta de neve. Despejou a sua raiva contra Homer Wells, como se Homer tivesse causado a sua descida involuntária.

A respiração congelada nos pelos do focinho e as orelhas peludas tinham contas de gelo. O animal, em pânico, tentou disparar pela encosta acima; ainda não estava na metade do caminho quando recomeçou a deslizar, atraído para o orfanato contra a sua vontade. O lince estava ofegando ao chegar à base da colina pela segunda vez; correu em diagonal pela encosta acima, escorregando, se recuperando, tornando a escorregar, finalmente escapando para a neve mais macia no bosque – muito longe do lugar para onde tencionava ir; contudo, o lince aceitaria *qualquer* rota de fuga para escapar do hospital.

Homer Wells, olhando fixamente para o ponto do bosque em que o lince desaparecera, não imaginava que poderia algum dia escapar de St. Cloud's mais facilmente.

Houve uma falsa primavera muito cedo naquele mês de março; por todo o Maine, o gelo do rio vergou sob o peso da neve úmida, os pequenos lagos racharam com estampidos bastante altos para fazer

as aves alçarem voo, os lagos maiores no interior grunhiram, cantaram e partiram como vagões de carga colidindo no pátio das estações.

No apartamento que partilhava com Lorna, em Bath, Melony foi despertada pelo Kennebec – seu gelo se curvando sob dois palmos de neve meio derretida e cedendo com o som profundo de um gongo de alarme, o que fez com que uma das mulheres mais velhas da pensão sentasse na cama e uivasse. Melony lembrou as noites em sua cama em St. Cloud's, quando o gelo de março descia o rio rangendo, procedente de Three Mile Falls. Saiu da cama e foi ao quarto de Lorna para conversar, mas Lorna estava com tanto sono que não queria se levantar. Melony deitou na cama, ao lado da amiga.

– É apenas o gelo – murmurou Lorna.

Foi assim que ela e Melony se tornaram amantes, escutando a falsa primavera.

– Só tem uma coisa – disse Lorna a Melony. – Se vamos ficar juntas, você tem de parar de procurar esse tal de Homer. Ou você quer a mim ou quer a ele.

– Quero você – disse Melony a Lorna. – Só peço que nunca me deixe.

Um par permanente, o ideal de uma órfã, mas Melony não podia deixar de se perguntar para onde iria a sua raiva. Se parasse de procurar por Homer Wells, também deixaria de pensar nele?

Havia neve demais; o breve degelo não chegou a penetrar até o solo congelado, e quando a temperatura tornou a cair e nevou outra vez, os rios congelaram depressa. Um antigo açude de azenha, por trás do orfanato em St. Cloud's, tornou-se uma armadilha para gansos. Confundidos pelo degelo, os gansos pousaram na neve meio derretida, pensando que fosse água aberta; a neve recongelou à noite e as patas dos gansos ficaram presas. Quando Homer Wells os encontrou, os gansos eram estátuas congeladas de seus antigos eus

cobertos pela neve recente, pareciam guardiões de pedra do açude. Não havia nada a fazer que não arrancá-los do gelo e escaldá-los; era mais fácil depená-los porque estavam parcialmente congelados. Quando a Sra. Grogan assou-os, espetando-os constantemente, para verter a gordura –, manteve o senso de que estava apenas aquecendo-os, antes de despachá-los em sua perigosa jornada.

Já era abril quando o gelo despreendeu-se em Three Mile Falls e o rio transbordou além das margens em St. Cloud's; a água inundou o porão do antigo hotel das prostitutas e arremeteu com tanta força contra as vigas que o bar, com seu descansa-pé de latão, caiu pelo assoalho e flutuou para longe, como um anteparo. O chefe da estação viu a passagem; obcecado por presságios como era, dormiu duas noites consecutivas em seu escritório, com medo de que a casa da estação também corresse perigo.

Candy estava tão grande que mal conseguia dormir. Na manhã em que a colina ficou pelada, Homer Wells foi testar o solo; pôde cravar uma pá por cerca de 30 centímetros, antes de encontrar terra congelada – precisava de mais 15 centímetros de degelo antes de poder plantar as macieiras, mas não se atrevia a esperar por mais tempo para ir buscar as mudas em Heart's Rock. Não queria estar ausente quando Candy tivesse o filho.

Olive ficou surpresa ao vê-lo e com o seu pedido de trocar o Cadillac por uma das picapes, a fim de transportar as mudas.

– Quero plantar o pomar normal, de quarenta-por-quarenta – explicou Homer a Olive. – Metade de Macs, cerca de 10 por cento de Red Delicious, mais 10 ou 15 por cento de Cortlands e Baldwins.

Olive lembrou-o de acrescentar umas poucas Northern Spies e algumas Gravensteins – para tortas de maçã. Perguntou como estava Candy e por que não viera também; Homer respondeu que Candy estava muito ocupada. (Todos gostavam dela e as crianças não a largavam.) Seria difícil partir quando chegasse o momento,

confidenciou Homer a Olive; eram de muita utilidade – eram muito necessários. E a constância das demandas...

– Até mesmo um dia de folga como hoje é difícil de conseguir – comentou Homer.

– Está querendo dizer que não vai passar a noite? – indagou Olive.

– Estamos muito ocupados, mas ambos voltaremos a tempo de soltar as abelhas – respondeu Homer.

– Será no Dia das Mães.

– Certo.

Homer Wells beijou Olive, cuja pele estava fria e cheirava a cinzas. Meany Hyde e Herb Fowler ajudaram-no a carregar a picape.

– Vai plantar todo um quarenta-por-quarenta sozinho? – perguntou Meany. – É melhor esperar que o solo descongele.

– É melhor esperar que seu lombo aguente – disse Herb Fowler. – É melhor esperar que sua pica não caia.

– Como está Candy? – perguntou Big Dot Taft a Homer.

Quase tão grande quanto você, pensou Homer.

– Muito bem – disse ele. – Mas bastante ocupada.

– Eu podia imaginar – comentou Debra Pettigrew.

Na sala da fornalha, sob o tanque de lagostas, Ray Kendall estava constituindo seu próprio torpedo.

– Para quê? – indagou Homer.

– Apenas para descobrir se sou capaz de fazer – respondeu Ray.

– Mas em que vai disparar? – indagou Homer. – E de onde vai disparar?

– A parte difícil é o giroscópio – disse Ray. – Não é difícil disparar... o difícil é *guiar*.

– Não compreendo.

– Olhe para você mesmo, Homer. Está plantando um pomar de macieiras num orfanato. Passaram cinco meses ali, mas minha filha

está muito ocupada para me visitar por um dia. Também não compreendo tudo.

– Voltaremos mais ou menos na época da floração – disse Homer, com uma pontada de culpa.

– É uma boa época.

Voltando para St. Cloud's, Homer especulou se a frieza ou evasiva de Ray era intencional. Concluiu que a mensagem de Ray era clara: se você esconder coisas de mim, também não vou me explicar.

– Um torpedo? – disse Candy a Homer, quando ele chegou com as mudas. – Para quê?

– Espere para ver – respondeu Homer Wells.

O Dr. Larch ajudou-o a descarregar as mudas.

– Não acha que estão meio esqueléticas? – perguntou ele.

– Não vão dar muitos frutos por oito ou dez anos – explicou Homer.

– Então duvido que eu vá comer alguma maçã – comentou Wilbur Larch.

– Antes mesmo de as maçãs aparecerem nas árvores, pense como vão parecer na colina.

– Vão parecer esqueléticas – insistiu Wilbur Larch. Quase no topo da colina o solo ainda estava congelado; Homer não conseguiu escavar com a pá bastante fundo. E os buracos que abriu se encheram de água – o escoamento da neve que ainda derretia no bosque. Como teria de esperar para plantar as árvores, Homer preocupou-se com a possibilidade de as raízes mofarem ou serem roídas pelos camundongos – mas principalmente sentia-se irritado por não poder controlar por completo o calendário de sua vida. Queria plantar as árvores antes do parto de Candy. Queria ter toda a encosta plantada quando o bebê nascesse.

– O que eu fiz com você para torná-lo tão compulsivamente meticuloso? – indagou Wilbur Larch.

– A cirurgia é meticulosa – respondeu Homer Wells. Abril já ia pela metade quando Homer pôde escavar os buracos e plantar o pomar quarenta-por-quarenta – o que fez em três dias, as costas tão rígidas à noite que dormia tão irrequieto e tão desconfortável quanto Candy, remexendo-se e virando-se junto com ela. Era a primeira noite quente da primavera; sentiam muito calor sob o cobertor de inverno; quando a bolsa d’água de Candy rompeu, os dois confundiram, por um instante, a poça com suor.

Homer ajudou-a a ir até a entrada do hospital na divisão de meninos. A enfermeira Edna começou a preparar Candy, enquanto Homer ia falar com o Dr. Larch, que esperava na sala da enfermeira Angela.

– *Eu* farei esse parto – declarou Larch. – Há certas vantagens na isenção. Os pais só servem para perturbar na sala de parto. Se quiser ficar lá, não atrapalhe.

– Certo – disse Homer Wells.

Ele estava irrequieto e nervoso, o que não era característico; o Dr. Larch não pôde deixar de sorrir.

A enfermeira Edna estava com Candy, enquanto a enfermeira Angela ajudava o Dr. Larch a se preparar. Homer já pusera a máscara quando ouviu uma comoção no dormitório dos meninos. E continuava com a máscara quando foi investigar. Um dos John Larch ou Wilbur Walsh se levantara e fora fazer pipi contra uma lata de lixo – com um barulho considerável. O que, por sua vez, perturbara um enorme guaxinim, que remexia o lixo; e o bicho assustara o órfão fazendo pipi, que molhara o pijama. Homer tentou resolver o problema, calmamente; queria voltar logo à sala de parto.

– Fazer pipi lá dentro é melhor, à noite – disse ele, para o dormitório em geral. – Candy vai ter o bebê agora.

– O que ela vai ter? – perguntou um dos meninos.

– Ou um menino ou uma menina – respondeu Homer Wells.

– Como é que vão chamar? – indagou outro.

– A enfermeira Angela deu o meu nome – informou Homer.
– O meu também! – anunciaram vários.
– Se for uma garota, vou dar o nome de Angela – disse Homer Wells.

– E se for um menino?
– Se for um menino, vou dar o nome de Angel. O que é na verdade apenas Angela sem o último A.

– Angel? – disse alguém.
– Certo – disse Homer Wells, beijando a todos como boa-noite. Quando ele estava se retirando, alguém perguntou:
– E vai deixar ele aqui?
– Não – murmurou Homer Wells, que ajeitara a máscara no rosto.

– Como? – gritaram os órfãos.
– Não – disse Homer, mais claramente, baixando a máscara.
Estava quente na sala de parto. O calor fora inesperado; como ninguém se lembrara de pôr as telas, Larch recusava-se a abrir as janelas.

Ao saber que a criança, de um jeito ou de outro, receberia um nome em sua homenagem, a enfermeira Angela chorou tanto que Larch exigiu que ela mudasse a máscara. A enfermeira Edna era muito baixa para alcançar o suor na testa de Larch; perdeu alguma coisa. Quando a cabeça do bebê emergiu, uma gota do suor de Larch batizou-o bem na têmpora – literalmente antes que tivesse nascido por completo –, e Homer Wells não pôde deixar de pensar que não era muito diferente de David Copperfield nascendo com o âmnio.

Quando os ombros não se seguiram com rapidez suficiente para lhe agradar, Larch pegou o queixo e o occipício com as duas mãos e puxou o bebê para baixo, até que, num movimento único para cima, livrou primeiro o ombro posterior. Homer Wells, mordendo o lábio,

balançou a cabeça em aprovação, enquanto o ombro anterior – e o resto do bebê – emergia.

– Será Angel! – anunciou a enfermeira Edna para Candy, que ainda exibia um sorriso de éter.

A enfermeira Angela, que já encharcara outra máscara, virou o rosto. Só depois que a placenta saiu é que o Dr. Larch disse, como às vezes fazia:

– Perfeito!

E depois, como nunca fizera antes, ele beijou Candy – embora através da máscara – entre os olhos arregalados, saídos do éter.

No dia seguinte, nevou e nevou – uma furiosa nevasca de abril, desesperada em não renunciar ao inverno –, e Homer contemplou o pomar recém-plantado com preocupação; as frágeis árvores, cobertas pela neve, lembraram-lhe os gansos desafortunados que haviam feito um pouso mal calculado no açude.

– Pare de se preocupar com as árvores – disse Wilbur Larch. – Estão por sua própria conta agora.

E o mesmo acontecia com Angel Wells – três quilos e oitocentos gramas, nem um órfão nem um aborto.

A uma semana de maio ainda havia muita neve em St. Cloud's para que a estação da lama se instalasse. Homer Wells sacudira um a um os galhos de cada macieira, e marcas de camundongo em torno de uma Winter Banana particularmente vulnerável levaram-no a espalhar veneno. Cada árvore tinha uma manga de metal em torno do tronco esguio. Os cervos já haviam mordiscado a fileira de Macs plantadas mais perto do bosque. Homer espalhou sal para os cervos mais no fundo do bosque, na esperança de que assim os animais não se aproximassem.

Candy estava amamentando Angel, cujo remanescente do cordão umbilical caíra sem qualquer problema e cuja circuncisão cicatrizara. Homer circuncidara o filho.

- Você precisa de prática – dissera-lhe o Dr. Larch.
- Quer que eu pratique em meu filho?
- Pode ser a única dor que você lhe infligirá – respondera Wilbur Larch.

Ainda havia gelo no interior das janelas pela manhã.

Homer encostava o dedo no vidro, até que a ponta ficasse vermelha, úmida e gelada, depois tocava em Candy – o que a despertava, quando ela demorava a reagir ao roçar mais suave de sua barba por fazer. Homer e Candy adoraram a maneira como podiam se acomodar outra vez na mesma cama, como Angel cabia entre os dois quando Candy o amamentava, como o leite de Candy às vezes acordava os dois antes do choro de Angel. Eles concordavam: nunca haviam sido mais felizes. Que importância tinha se o céu, quando já era quase maio, ainda tinha a cor de chumbo de fevereiro e ainda era riscado por neve e chuva? E daí se o segredo que guardavam em St. Cloud's não podia ser guardado para sempre – e já era um segredo que metade de Heart's Haven e Heart's Rock tinha o bom senso de calcular por si mesma? As pessoas do Maine não ficam em cima de você; deixam que recupere o juízo quando achar mais oportuno.

De dois em dois dias havia um ritual de pesar Angel Wells, que era sempre conduzido no dispensário – a enfermeira Angela mantendo o registro, o Dr. Larch e Homer se revezando a espetar a barriga de Angel, examinar os seus olhos e sentir o punho.

– Confessem – disse a enfermeira Edna a Candy e Homer, numa dessas cerimônias de pesagem. – Vocês gostam daqui.

Naquele dia, em St. Cloud's, a temperatura não chegava a um grau centígrado; a neve úmida com que a manhã começara se transformara em chuva enregelante. Naquele dia, em Heart's Rock, Olive Worthington também tinha o seu segredo. Se Homer e Candy lhe estivessem mais acessíveis, talvez Olive partilhasse o seu segredo com eles; teria pego o telefone e contado. Mas as pessoas

do Maine não gostam do telefone, uma invenção grosseira; especialmente no caso de notícias importantes, um telefone surpreende a pessoa desprevenida demais. Um telegrama oferece um intervalo decente e respeitoso em que se pode controlar os sentidos e reagir. Olive transmitiu-lhes o seu segredo num telegrama; isso deu a todos um pouco mais de tempo.

Candy veria o telegrama primeiro. Estava amamentando Angel na divisão de garotas, para uma plateia apreciativa de órfãs, quando a Sra. Grogan levou-lhe o telegrama, que um dos parasitas que serviam ao chefe da estação finalmente fora persuadido a entregar. O telegrama foi um choque óbvio para Candy, que abruptamente entregou Angel à Sra. Grogan, embora o menino desse a impressão de ainda não ter acabado de mamar. Espantou a Sra. Grogan que Candy nem mesmo se detivesse a ajeitar o seio direito no sutiã – simplesmente abotoou a blusa por cima e, apesar do tempo, saiu correndo para fora e atravessou a entrada do hospital para a divisão de meninos.

Na ocasião, Homer estava perguntando ao Dr. Larch se ele (Larch) achava que uma fotografia de seu coração (de Homer) poderia ser instrutiva. Wilbur Larch pensava com extremo cuidado na resposta quando Candy irrompeu na sala.

Olive Worthington era uma ianque que conhecia o preço de um telegrama, o custo das palavras, mas era evidente que se deixara arrebatado em seu entusiasmo pelo assunto; foi muito além de sua lacônica comunicação habitual:

WALLY ENCONTRADO VIVO/PT/
RECUPERANDO ENCEFALITE CEILÃO/PT/
LIBERTADO DE RANGOON BIRMÂNIA/PT/
TEMPERATURA TRINTA E TRÊS GRAUS/PT/
PESO QUARENTA E OITO QUILOS/PT/
PARALISADO/PT/

AMOR OLIVE

- Quarenta e oito quilos – disse Homer Wells.
- *Vivo* – balbuciou Candy.
- Parálítico – disse a enfermeira Angela.
- Encefalite – disse Wilbur Larch.
- Como a temperatura dele pode estar em 33 graus, Wilbur? – indagou a enfermeira Edna.

O Dr. Larch não sabia, e não arriscaria um palpite. Era mais um de tantos detalhes – cujo esclarecimento levaria muito tempo. Para o capitão Worthington, que abandonara seu avião sobre a Birmânia – há cerca de 10 meses –, o esclarecimento de muitos detalhes levaria anos.

Chovia tão intensamente quando ele saltou que Wally teve a impressão de que o para-quedas teria de se comprimir contra a chuva para abrir. O rugido do avião estava tão próximo que Wally sentiu medo de ter puxado o cordão do para-quedas cedo demais. E também ficou com medo dos bambus – ouvira muitas histórias de aviadores sendo empalados –, mas acabou caindo numa teca, um galho soltando seu ombro. A cabeça pode ter batido no tronco ou então a dor no ombro foi tão forte que o levou a perder a consciência. Estava escuro quando acordou; como não podia ver a que distância do solo se encontrava, não se atreveu a livrar-se das cordas do para-quedas até de manhã. Aplicou em si mesmo uma dose muito grande de morfina – para o ombro – e perdeu a seringa no escuro.

Em sua pressa de abandonar o avião, não tivera tempo de localizar um facão; pela manhã, passou bastante tempo cortando as cordas do para-quedas – usando apenas a baioneta que levava numa bainha na perna e só podendo usar um braço forte. Estava baixando para o solo quando a plaqueta de identificação prendeu numa trepadeira; por causa do ombro ruim, não pôde sustentar todo

o seu peso com um só braço nem desprender a plaqueta, que acabou perdendo. A corrente cortou-lhe o pescoço quando a plaqueta se soltou e ele foi cair num velho tronco de teca, oculto sob as samambaias e folhas de palmeiras mortas. O tronco rolou e ele torceu o tornozelo. Ao concluir que na época das monções nunca poderia distinguir leste de oeste, foi o momento em que descobriu que sua bússola desaparecera. Passou um pouco de pó de sulfa no pescoço cortado.

Wally não tinha a menor ideia da direção em que ficava a China; foi seguindo por qualquer rumo que parecesse menos denso. Assim, depois de três dias, teve a impressão de que a selva estava se tornando mais rala ou que agora sabia melhor abrir o caminho. A China ficava para o leste, mas Wally seguiu para o sul; a China ficava lá em cima – sobre as montanhas –, mas Wally procurou os vales. Onde Wally estava, os vales corriam para sudoeste. Estava certo numa coisa: a selva se tornara mais rala. E também se tornava mais quente. Todas as noites ele subia numa árvore e dormia numa forquilha. Os troncos grandes e retorcidos dos pipais – enroscados como gigantescos cabos de madeira – ofereciam o melhor abrigo para se dormir, só que Wally não era a primeira criatura a descobrir isso. Uma noite, ao nível dos olhos, na forquilha de um pipal ao lado, um leopardo se examinava à procura de carrapatos. Wally seguiu o exemplo do leopardo e descobriu vários em seu próprio corpo. Desistiu de tentar remover as sanguessugas.

Um dia viu uma píton – das pequenas, com cerca de 5 metros. Estava estendida numa rocha, engolindo alguma coisa do tamanho e formato aproximados de um *beagle*. Wally calculou que era um macaco, embora não pudesse se lembrar se já vira algum pela selva. Vira macacos, é claro, mas os esquecerara; estava com febre. Tentou verificar sua temperatura, mas o termômetro na bolsa de primeiros socorros quebrara.

O dia em que viu um tigre nadar através de um rio foi o em que começou a notar os mosquitos; o clima estava mudando. O rio com

o tigre se desdobrara num vale mais largo; a floresta também estava mudando. Ele pegou um peixe com as mãos e comeu-o cru; cozinhou rãs tão grandes quanto gatos, mas as pernas tinham mais gosto de peixe do que se lembrava. Talvez fosse a falta de alho.

Comeu uma coisa que tinha a consistência de uma manga e não apresentava qualquer gosto; a fruta deixou um travo bolorento em sua boca, e durante um dia inteiro ele vomitou e teve calafrios. Depois, o rio em que vira o tigre converteu-se num rio maior; a água das monções tinha uma correnteza forte; Wally sentiu-se encorajado a construir uma balsa. Lembrou-se das balsas que arquitetara para viajar no Drinkwater Lake e chorou ao pensar como era muito mais difícil construir uma balsa com bambus e cipós do que com tábuas de pinho e cordas – e algumas tábuas e pregos. E também como o bambu verde era muito mais pesado. Não importava que a balsa vazasse, bastava que flutuasse; e se precisasse de carroto, ele sabia que não poderia carregá-la.

Percebeu a existência de mais mosquitos, especialmente quando o rio se alargou e a correnteza diminuiu, deixando-o à deriva. Não tinha a menor ideia de quantos dias permaneceu assim ou quando soube com certeza que estava com febre; diria mais tarde que foi mais ou menos na ocasião em que avistou os primeiros arrozais e búfalos-da-índia. Ele se lembraria de ter acenado um dia para mulheres nos arrozais; elas pareciam completamente surpresas por vê-lo.

Ao ver os arrozais, Wally deve ter compreendido que seguira pelo caminho errado. Fora para o coração da Birmânia, que tem o formato de uma pipa com um rabo comprido; estava muito mais próximo de Mandalay do que da China, e os japoneses ocupavam Mandalay. Mas Wally estava com febre alta, beirando os 40 graus, e simplesmente continuava à deriva; às vezes, não podia distinguir o rio dos arrozais. Era estranho como tanto os homens quanto as mulheres usavam saias compridas, mas somente os homens cobriam os cabelos; usavam na cabeça o que pareciam cestos, presos com

tiras de seda colorida. As cabeças das mulheres estavam descobertas, mas muitas punham flores nos cabelos. Tanto os homens quanto as mulheres trançavam os cabelos. Pareciam estar comendo o tempo todo, mas apenas mastigavam nozes de areca. Os dentes estavam manchados; os lábios davam a impressão de que andavam bebendo sangue, mas era apenas o sumo da areca.

Os abrigos a que levaram Wally eram todos iguais, casas de colmo, um só andar, sobre estacas de bambu; as famílias comiam fora, numa varanda. Serviam-lhe arroz e chá, uma porção de coisas com curry. Quando a febre baixava, Wally comia *panthay khowse* (talharim com galinha) e *nga sak kin* (bolinhos de peixe ao curry). Essas foram as primeiras palavras que seus salvadores birmaneses tentaram lhe ensinar, mas Wally não entendeu; pensou que *nga sak kin* fosse o nome do homem que o tirara da balsa e segurara firmemente a sua cabeça, enquanto a esposa alimentava-o com os dedos. Era uma mulher maravilhosamente pequena e usava uma blusa branca transparente; o marido tocou na blusa e chamou-a pelo nome, tentando ensinar mais um pouco de sua língua a Wally.

– *Aingyis* – disse o homem, levando Wally a pensar que era o nome de sua esposa.

Ela cheirava como o interior das casas de colmo – cheirava a chita e casca de limão.

Formavam um belo casal, *Nga Sak Kin* e *Aingyis*; Wally repetiu seus nomes em voz alta e sorriu. Eles retribuíram o sorriso, o Sr. Bolinhos de Peixe ao Curry e sua esposa, Sra. Blusa, que tinha um cheiro tão adocicado quanto o jasmim; tinha um cheiro tão cítrico quanto a bergamota.

Com a febre viera a rigidez no pescoço e nas costas, mas quando a febre cedeu e ele parou de vomitar – quando as dores de cabeça cessaram e os tremores de calafrios desapareceram, quando nem mais se sentia nauseado –, Wally notou a paralisia. Na ocasião, era uma paralisia rígida nas extremidades inferiores e superiores.

(“Espasticidade”, Wilbur Larch teria chamado.) Os braços e pernas de Wally esticaram e ele não conseguia mexê-los; ficou em delírio por duas ou três semanas, quando tentava falar as palavras saíam engroladas, devagar. Tinha dificuldade em comer por causa dos tremores nos lábios e na língua. Não podia esvaziar a bexiga, e os nativos tiveram de fazer um cateter com um pequeno e áspero broto de bambu – a fim de que ele pelo menos pudesse urinar um pouco.

E os nativos sempre o levavam de um lugar para outro. Sempre o transportavam pela água. Houve uma ocasião em que Wally viu elefantes; estavam arrastando troncos da floresta. A superfície da água era a todo instante interrompida por tartarugas, cobras negras, jacintos brancos e sumo de areca – um vermelho mais escuro do que o sangue que manchava a urina de Wally.

– *Nga Sak Kin?* – perguntava Wally. – *Aingyis?*

Onde eles estariam? Embora os rostos dos salvadores não parassem de mudar, eles pareciam compreendê-lo. Deviam ser uma grande família, pensava Wally.

– Estou paralítico, não é mesmo? – perguntava ele aos homens e mulheres pequenos e bonitos, que sempre sorriam.

Uma das mulheres lavou e escovou seus cabelos; toda a sua família observou os cabelos de Wally secando ao sol – o louro claro assomando enquanto secava: como isso os impressionava!

Deram-lhe uma blusa branca transparente para vestir, explicando:

– *Aingyis.*

É um presente dela!, pensou Wally. Depois, cobriram seus cabelos louros com uma peruca escura – era um rabo de cavalo pegajoso, que empilharam no topo de sua cabeça e ornamentaram com flores. As crianças riram. Rasparam seu rosto a tal ponto que a pele ardeu; rasparam suas pernas – abaixo dos joelhos, onde as pernas se projetavam da saia comprida que o fizeram usar. O objetivo era transformá-lo numa mulher. O objetivo era deixá-lo em

segurança, fundindo-o na comunidade. Como seu rosto era tão bonito, tornava-se mais fácil transformá-lo numa mulher do que num homem; a mulher birmanesa ideal não tem seios.

É uma pena que não tenham sido mais cuidadosos quando aplicavam a sonda – afinal, foram cuidadosos praticamente em todo o resto. O pedaço de bambu nem sempre estava limpo; a aspereza do cateter machucava e o fazia sangrar, mas a sujeira é que acarretaria a infecção. A infecção o deixaria estéril. O epidídimo, Wilbur Larch poderia tê-lo informado, é um tubo enroscado em que o espermatozoide amadurece, depois de deixar os testículos. A epididimite (uma infecção nesse pequeno tubo) impede que o espermatozoide alcance o ducto deferente. No caso de Wally, a infecção fecharia o tubo em caráter permanente.

Os nativos estavam certos ao aplicar a sonda – era somente no modo que estavam errados. Wally sofria de retenção urinária, a bexiga estava distendida – não tinham alternativa que não aliviá-lo. Wally se perguntava às vezes se não haveria um meio mais fácil – ou se o bambu estava limpo –, mas o que podia dizer a eles?

– *Aingyis* – murmurava ele. – *Nga Sak Kin?*

Meses mais tarde, ele ouviria um bombardeio. “Irrawaddy”, explicaram os nativos. Estavam bombardeando os campos petrolíferos ao longo do Irrawaddy. Wally sabia onde estava. Também costumava bombardear aqueles campos. Antes de ouvir o bombardeio (e, como sempre, disfarçado de mulher), ele foi levado a um médico em Mandalay. Seus olhos ardiam, porque haviam esfregado uma pasta de curry no seu rosto, a fim de fazê-lo parecer pardo. Mas, num exame atento, com aqueles olhos azuis e nariz aquilino, ele não poderia enganar ninguém. Wally viu muitos japoneses em Mandalay. O médico teve dificuldades em explicar-lhe o que tinha de errado. Ele disse o seguinte, em inglês:

– Mosquito B japonês.

– Fui picado por um mosquito japonês? – indagou Wally.

Mas o que é um mosquito B?, especulou. Não precisava mais de uma sonda para urinar, mas a infecção já causara seu dano.

Ao ouvir o bombardeio do Irrawaddy, a paralisia já deixara as extremidades superiores – tinha outra vez o uso pleno dos braços – e a espasticidade deixara as pernas; embora as pernas continuassem parálíticas, era uma paralisia flácida e não completamente simétrica (a perna esquerda estava mais morta do que a direita). A bexiga estava em boas condições, e os intestinos, tirando os efeitos do curry, também; o que podia sentir da função sexual, parecia normal.

– Não há efeitos automáticos da encefalite – explicaria Wilbur Larch a Candy e a Homer Wells.

– O que isso significa? – perguntou Candy.

– Significa que Wally pode ter uma vida sexual normal – disse Homer Wells, que não tinha conhecimento da epididimite de Wally.

Wally teria uma vida sexual normal, mas não teria uma contagem de espermatozoides adequada. Ainda teria orgasmo e ejaculação – já que uma grande parte da ejaculação é processada na próstata, que fica bem abaixo. Ele apenas nunca poderia fazer o seu próprio filho.

Na ocasião, nenhum deles sabia que Wally ficara estéril; sabiam apenas da encefalite.

Wally pegou-a dos mosquitos. Era chamada encefalite B japonesa, bastante comum na Ásia durante a guerra.

– É um vírus derivado de artrópodes – explicou Wilbur Larch.

A paralisia flácida residual das extremidades inferiores não era um efeito comum da doença, mas bastante conhecida para ser documentada. Há numerosas mudanças que ocorrem no tecido do cérebro, mas as mudanças na medula espinhal parecem muito com a pólio. O período de incubação é de cerca de uma semana, e o processo agudo da doença dura apenas uma semana a 10 dias; a

recuperação é muito lenta, com tremores musculares que às vezes se prolongam por meses.

– Levando-se em consideração que vem das aves, é uma doença grande – comentou Wilbur Larch para a enfermeira Edna e a enfermeira Angela.

O mosquito pega o vírus das aves e o transmite aos homens e a outros animais grandes.

O rosto de Wally era muito bonito, e ele perdera bastante peso: fora por isso que o disfarçaram de mulher. Os japoneses sentiam-se ao mesmo tempo atraídos e intimidados pelas mulheres birmanesas – especialmente as mulheres padaungues, com seus colarinhos de bronze enrolados em espirais para esticar o pescoço. O fato de Wally ser mulher e inválida ainda por cima transformava-o num intocável. E o fato de fazerem com que ele parecesse eurasiático o transformava num pária.

Quando a temporada das monções acabou, em outubro, eles o levavam pelo rio à noite ou o protegiam do sol com um guarda-chuva – e com mais pasta de curry. Wally ficou enjoado dos bolinhos de peixe ao curry, mas continuava a pedi-los – ou pelo menos os birmaneses assim pensavam; era a única coisa que sempre lhe davam. Quando delirava, ele balbuciava o nome de Candy. Um dos barqueiros interrogou-o a respeito:

– Candy? – disse o homem, polidamente.

Naquele dia estavam numa sampana; Wally se encontrava sob uma cobertura de esteiras, observando o barqueiro remar com a ginga.

– *Aingyis* – disse Wally.

Ele estava querendo dizer como ela – uma boa mulher, uma esposa. O barqueiro acenou com a cabeça. No porto seguinte do rio – Wally não sabia onde; pode ter sido Yandoon –, deram-lhe outra blusa branca transparente.

– Candy! – exclamou o barqueiro.

Wally pensou que ele estava querendo dizer que era para presentear Candy. Ele sorriu; continuava em delírio. A proa afilada da sampana parecia farejar o caminho. Era uma terra de cheiros para Wally – era um sonho fragrante.

Wilbur Larch podia imaginar a jornada de Wally. Era uma jornada de éter, é claro. Elefantes e campos de petróleo, arrozais e bombas caindo, vestido como uma mulher e parálitico da cintura para baixo – Larch já passara por lá; estivera em toda parte. Não teve problemas para imaginar Rangoon e os búfalos. Cada sonho de éter tem o equivalente de agentes secretos britânicos tentando contrabandear pilotos americanos através da baía de Bengala. A viagem de Wally através da Birmânia foi uma jornada que Wilbur Larch empreendera muitas vezes. O perfume das petúnias estava em guerra com o odor de esterco durante todo o percurso.

Transportaram Wally através da baía de Bengala num pequeno avião, com piloto britânico e tripulação cingalesa. Wilbur Larch já realizara muitos voos assim.

– Fala cingalês? – perguntou o inglês a Wally, que estava no assento do copiloto.

O piloto recendia a alho e açafrão.

– Nem mesmo sei o que é cingalês – respondeu Wally.

Ao fechar os olhos, ele ainda podia ver as flores brancas e lustrosas das limeiras silvestres, ainda podia ver a selva.

– É a língua principal do Ceilão, meu rapaz.

O piloto também recendia a chá.

– Estamos indo para o Ceilão? – perguntou Wally.

– Não podemos manter um louro na Birmânia, meu rapaz – explicou o inglês. – Não sabe que a Birmânia está cheia de japoneses?

Mas Wally preferia se lembrar de seus amigos nativos. Havia lhe ensinado o salamaleque – uma reverência com a mão direita na testa (sempre a mão direita, haviam explicado); era uma reverência

de saudação. E quando ele estava doente, sempre havia alguém a movimentar o puncá – um puncá é um ventilador grande, no formato de uma tela, acionado por uma corda (puxada por um criado).

– Puncá – disse Wally ao piloto inglês.

– O que é isso, meu rapaz?

– Está muito quente – murmurou Wally, que se sentia sonolento.

Voavam a baixa altitude, e o pequeno avião parecia um forno. Uma breve fragrância de sândalo despontou por um instante no alho mais forte do suor do piloto.

– Noventa e dois graus, americanos; quando deixamos Rangoon – disse o piloto.

O inglês se divertiu ao dizer “americanos” em vez de “Fahrenheit”, mas Wally não percebeu.

– Noventa e dois graus! – repetiu Wally.

Parecia o primeiro fato em que ele podia pendurar seu chapéu, como costumam dizer no Maine.

– O que aconteceu com as pernas? – indagou o inglês, casualmente.

– Mosquito B japonês – explicou Wally.

O piloto britânico assumiu uma expressão solene; pensava que Homer estava se referindo a um avião – que o mosquito B japonês era o nome do caça que derrubara o avião de Wally.

– Não conheço esse, meu rapaz – admitiu o piloto para Wally. – Pensei que já tinha visto todos, mas não se pode confiar nos japoneses.

A tripulação cingalesa se untara de óleo de coco e todos usavam sarongues e camisas compridas sem gola. Dois estavam comendo alguma coisa e um deles berrava pelo rádio; o piloto disse algo em tom áspero ao operador de rádio, que no mesmo instante baixou a voz.

– O cingalês é uma língua horrível – confidenciou o piloto a Wally. – Soa como gatos trepando.

Como Wally não reagisse a seu humor, o inglês perguntou-lhe se já estivera alguma vez no Ceilão. Como Wally não respondesse – parecia estar devaneando –, o inglês acrescentou:

– Não apenas plantamos as primeiras seringueiras e desenvolvemos as malditas plantações... também os ensinamos a fazer chá. Sabiam como cultivá-lo, é verdade, mas não se podia conseguir uma única xícara de chá decente em toda a ilha. E agora eles querem ser independentes.

– Noventa e dois graus – disse Wally, sorrindo.

– Isso mesmo, tente relaxar, meu rapaz – disse o piloto.

Quando Wally arrotou, sentiu um gosto de canela; quando fechou os olhos, viu cravos surgirem como estrelas, dourados e brilhantes.

Subitamente, os três cingaleses começaram a falar ao mesmo tempo. Primeiro, o rádio dizia alguma coisa, depois os três falavam em uníssono.

– Malditos budistas, todos eles – explicou o piloto. – Até oram pelo rádio. É o Ceilão. Dois terços de chá e um terço de borracha e oração.

Gritou alguma coisa para os cingaleses, que baixaram a voz. Em algum lugar sobre o oceano Índico, pouco antes de avistarem o Ceilão, o piloto ficou preocupado com um avião nas proximidades.

– Rezem agora! – gritou para os cingaleses, que estavam todos dormindo. Acrescentou para Wally: – Como é o tal mosquito B japonês? Ou será que ele o acertou por trás?

Mas tudo o que Wally dizia era: – Noventa e dois graus.

Depois da guerra, o Ceilão se tornaria uma nação independente; 24 anos depois disso, o país mudaria seu nome para Sri Lanka. Mas tudo o que Wally poderia lembrar era o calor. De certa forma, seu para-quedas nunca chegara ao solo; de certa forma, ele

permanecera sobre a Birmânia por 10 meses – apenas flutuando por lá. Tudo o que Wally se lembraria de sua história nunca faria mais sentido do que uma fantasia de éter. E como ele sobrevivera à guerra estéril, paralítico, as pernas flácidas – já fora sonhado por Big Dot Taft.

Fazia 34 graus Fahrenheit – o que dá pouco mais de um grau centígrado – em St. Cloud's quando Homer Wells foi à estação ferroviária e ditou ao chefe de lá um telegrama para Olive. Homer não podia telefonar e mentir para ela diretamente. E Olive não lhes passara um telegrama? Ela devia ter seus motivos para não querer falar pelo telefone. Foi com o pressentimento, quase certeza, de que Ray e Olive sabiam de tudo que ele e Candy estavam fazendo que Homer ditou seu telegrama para Olive – respeitando um formalismo tão tênue quanto suspeito. Era uma desconfiança que só podia ser confirmada de maneira impolida, e Homer Wells era polido.

DEUS ABENÇOE VOCÊ E WALLY/PT
QUANDO VAMOS VER WALLY/PT
CANDY E EU VOLTAREMOS EM BREVE/PT
ADOTEI UM MENINO/PT
AMOR HOMER

– Não acha que é um tanto jovem para adotar alguém? – indagou o chefe da estação.

– Certo – disse Homer Wells.

Candy telefonou para o pai.

– Vão se passar semanas ou talvez meses antes de poderem trazê-lo para cá – informou Ray. – Ele precisa ganhar algum peso antes de poder viajar por tamanha distância e provavelmente terão de fazer alguns exames... e não se esqueça de que ainda estamos em guerra.

Ao final da ligação, Candy apenas chorava e chorava.

– Conte-me como você está, querida – disse Ray Kendall.

Foi nessa altura que Candy poderia revelar que acabara de ter um filho de Homer, mas o que disse foi:

– Homer adotou um dos órfãos.

Depois de uma pausa, Raymond Kendall indagou:

– Apenas um deles?

– Ele adotou um menino – disse Candy. – Mas é claro que eu também vou ajudar. De certa forma, adotamos um bebê juntos.

– É mesmo?

– O nome dele é Angel.

– Deus abençoe o seu coração. E abençoe também vocês dois. – Candy chorou mais um pouco.

– Adotou, hein? – indagou Ray Kendall para a filha.

– Isso mesmo – respondeu Candy Kendall. – Um dos órfãos.

Ela parou de amamentar, e a enfermeira Edna apresentou-a ao artefato para bombear o leite. Angel não gostou da conversão à mamadeira e por alguns dias exibiu um temperamento mal-humorado. Candy também exibiu um temperamento mal-humorado. Quando Homer comentou que seus pelos pubianos já estariam quase de volta ao tamanho normal quando retornasse a Heart's Haven, ela reagiu de maneira brusca:

– Pelo amor de Deus, quem vai ver se tenho pelos pubianos ou não... exceto você?

Homer também apresentava sinais de tensão.

Mostrou-se impaciente com a sugestão do Dr. Larch de que seu futuro estava na medicina. Larch insistiu em dar a Homer um exemplar novinho da *Anatomia de Gray*; também presenteou-o com a *Ginecologia* de Greenhill e a obra-prima britânica *Doenças das mulheres*.

– Oh, Deus! – exclamou Homer Wells. – Sou pai e vou ser um plantador de maçãs!

– Tem um método obstétrico quase perfeito – disse-lhe Larch. – Precisa apenas conhecer um pouco mais de ginecologia... e de pediatria também, é claro.

– Talvez eu acabe como um pescador de lagostas.

– E vou lhe mandar uma assinatura de *The New England Journal of Medicine* – acrescentou o Dr. Larch. E também do *JAMA* e do *S., G. and O...*

– O médico é você – murmurou Homer Wells, cansado.

Candy perguntou a Homer:

– Como se sente?

– Como um órfão – respondeu Homer. Os dois se abraçaram apertado, mas não faziam amor. – Como *você* se sente?

– Não vou saber enquanto não me encontrar com ele – respondeu Candy, sinceramente.

– E o que saberá então?

– Se amo a ele ou a você... ou aos dois. Ou então não vou saber mais do que sei agora.

– Sempre esperar para ver, não é? – indagou Homer.

– Não espera que eu conte qualquer coisa a Wally quando ele ainda está por lá, não é mesmo?

– Claro que não espero isso – respondeu Homer, suavemente. Candy apertou-o com mais força ainda e recomeçou a chorar.

– Oh, Homer, como ele pode pesar apenas 48 quilos?

– Tenho certeza de que vai ganhar algum peso.

Mas todo o corpo de Homer estremeceu subitamente; o corpo de Wally fora tão forte... Homer lembrou a primeira vez em que Wally o levara ao mar; as ondas estavam excepcionalmente violentas e ele o advertira para o recuo brusco. Wally o conduziu pela mão e mostrara como mergulhar por baixo das ondas, como deslizar por cima. Caminharam pela praia por uma hora, sem se distraírem com a presença de Candy, que ficara se bronzeando.

– Não compreendo essa mania estúpida de se deitar ao sol – comentara Wally para Homer, que concordara. – Ou você está fazendo alguma coisa ao sol e pega um pouco de cor ou está fazendo outra coisa... mas sempre fazendo uma coisa. Isso é o importante.

Eles estavam pegando conchas e pedras – a eterna busca por espécimes. Homer se impressionara com a suavidade das pedras e dos fragmentos de conchas – como a água e a areia os haviam amaciado.

– Este é um pedaço muito experiente – dissera Wally, estendendo para Homer um fragmento de concha bastante erodido, sem arestas.

– Experiente – murmurara Homer.

E, mais tarde, exibindo uma pedra antiga e lisa, Wally comentara:

– E esta é uma pedra mundana.

Homer pensava que seu desejo por Candy mudara tudo, até mesmo o processo natural do alisamento das pedras e conchas. Se ele e Wally voltassem à praia, ainda procurariam coisas ou era inevitável que o amor de uma mulher alterasse até mesmo as experiências comuns mais corriqueiras? Ele foi meu amigo por cinco minutos – especulava Homer Wells – e meu rival pelo resto da vida?

Homer confiou à enfermeira Edna os cuidados com o pomar na encosta. Explicou que as mangas de arame trançado em torno dos troncos não podiam ficar tão apertadas que impedissem o crescimento das árvores – mas também não tão frouxas que permitissem que os camundongos subissem. Mostrou-lhe como localizar os túneis dos camundongos que roíam as raízes.

Todos beijaram Candy em despedida, até mesmo Wilbur Larch – que pareceu ficar embaraçado quando estendeu a mão para apertar a de Homer, pelo fato de Homer passar pela mão e abraçá-lo, beijando-o no pescoço curtido. A enfermeira Edna soluçava

profusamente. Assim que a picape passou pela divisão de garotas, Wilbur Larch foi se fechar no dispensário.

Era um domingo, e por isso Raymond Kendall estava trabalhando em seu torpedo de fabricação caseira quando Homer levou Candy para casa. Candy dissera a Homer que não poderia encarar Olive até a manhã seguinte, mas foi dominada por um pânico imprevisto quando Homer se afastou com Angel. Embora seu leite tivesse desaparecido, ela sabia que ainda acordaria pelo relógio do bebê – embora fosse Homer sozinho quem ouviria os gritos de verdade. E quantas noites haviam passado desde a última vez em que dormira sozinha? Ela diria a Homer no dia seguinte:

– Precisamos encontrar uma maneira de partilhá-lo. Antes mesmo de contarmos a Olive... para não mencionar Wally... devemos *ambos* cuidar dele, devemos *ambos* ficar com ele. Sinto muita saudade dele.

– E eu sinto saudade de você – declarou Homer Wells. Ele era um órfão que tivera uma família por menos de um mês de sua vida e não estava disposto a não ter uma família outra vez.

Quando ele e Angel chegaram a Ocean View, Olive recebeu Homer como se fosse sua mãe; abraçou-o, beijou-o e chorou.

– Mostre-me esse bebê... Oh, ele é lindo! – exclamou Olive. – O que deu em você? É tão jovem e sozinho...

– O bebê também estava sozinho – murmurou Homer. – E Candy vai me ajudar.

– Claro – disse Olive. – Eu também ajudarei.

Ela levou Angel para o quarto de Wally, onde Homer ficou surpreso ao deparar com um berço – e mais coisas de bebê, para apenas um bebê, do que se poderia reunir, numa busca meticulosa, nas divisões de garotas e de meninos em St. Cloud's.

Um exército de mamadeiras aguardava Homer na cozinha. Olive até comprara uma panela especial para esterilizar os bicos. No armário, havia mais fraldas do que fronhas, lençóis e toalhas. Pela

primeira vez em sua vida, Homer sentiu que fora adotado. Para seu horror, compreendeu que Olive o amava.

– Acho que você e Angel devem ficar no quarto de Wally – disse Olive, que obviamente estivera ocupada a fazer planos. – Wally não poderá subir escadas, e por isso vou transformar a sala de jantar num quarto... podemos sempre comer na cozinha, e a sala de jantar tem aquele terraço para quando o tempo estiver bom. Vou mandar fazer uma rampa do terraço até o pátio em torno da piscina para a cadeira de rodas.

Abraçando-a enquanto ela chorava, Homer sentiu-se envolvido por uma nova culpa, como o cair da noite, aquele remorso sempre antigo e sempre novo que o Sr. Rochester advertira Jane Eyre a temer, aquele “veneno da vida”.

Na segunda semana de maio, Ira Titcomb e Homer trabalharam lado a lado, espalhando as abelhas pelos pomares. Era o começo da época da floração, a noite anterior ao Dia das Mães, quando tiravam as colmeias. Todos lembraram o Dia das Mães naquele ano; ninguém esqueceu Olive. A casa ficou cheia de pequenos presentes e muitas flores de macieira, algumas pessoas até deram a Homer um presente pelo Dia das Mães – achavam que era muito divertido que ele tivesse adotado um bebê.

– Imagine você com seu próprio bebê! – Foi como Big Dot Taft exprimiu a situação.

No mercado de maçãs, onde estavam passando uma nova camada de tinta nas mesas de exposição, havia dois bebês à mostra – Angel Wells e o filho de Florence e Meany Hyde, Pete. Pete Hyde parecia uma batata em comparação com Angel Wells – o que significava que sua disposição era totalmente branda e não tinha ossos à mostra no rosto.

– Homer – dizia Florence Hyde –, o seu Angel é um Angel,^[1] enquanto o meu Pete é um Pete.

As mulheres do mercado de maçãs caçoavam dele interminavelmente; Homer limitava-se a sorrir. Debra Pettigrew demonstrava um interesse especial em cuidar de Angel Wells; observava atentamente o rosto do bebê por muito tempo e um dia anunciou que ele ficaria igualzinho a Homer.

– Só um pouco mais aristocrático – sugeriu ela. Louise Tobey comentou que o bebê era “precioso demais para palavras”. Quando Homer estava nos pomares, Olive ou uma das mulheres do mercado tomava conta de Angel; na maior parte do tempo, porém, era Candy quem cuidava do bebê.

– De certa forma, nós o adotamos juntos – explicava ela.

Ela fez esse comentário com tanta frequência que Olive acabou dizendo que Candy era tão mãe da criança quanto Homer. Por isso, como um gracejo, Olive deu também um presente a Candy no Dia das Mães. Enquanto isso, as abelhas realizavam seu trabalho, levando pólen de Frying Pan para Cock Hill; o mel vazava por entre as ripas que alojavam as colmeias.

Uma manhã, num canto do jornal, Homer Wells deparou com a letra de Olive – um comentário escrito a lápis por cima das manchetes do dia, qualquer uma das quais poderia provocar a reação de Olive. Mas, por algum motivo, Homer achou que o comentário se destinava a ele:

DESONESTIDADE INTOLERÁVEL

escrevera Olive.

E, uma noite, Candy ouviu Ray falar. Ela apagara a luz do quarto e fora na total escuridão que ouviu o pai dizer:

– Não é errado, mas também não é certo.

A princípio, ela pensou que o pai estivesse ao telefone. Resvalou de volta ao sono e foi despertada pelo barulho de sua porta abrindo e fechando. Só então compreendeu que Ray estava sentado no quarto com ela – falando-lhe em seu sono, na escuridão.

E em algumas noite, na época da floração, Candy diria a Homer:
– Você é um pai trabalhando demais.

Ao que Olive acrescentava, com inequívoca admiração:

– Não é mesmo?

– Vou tirar a criança de suas mãos por esta noite – arrematava Candy.

Homer sorria na tensão de tais conversas. Despertava sozinho no quarto de Wally, na expectativa de Angel precisando da mamadeira. Podia imaginar Raymond Kendall de pé, a esquentar a mamadeira, Candy na cama, com a mamadeira o mais próximo possível do ângulo correto do seio.

As peças do torpedo de Ray eram roubadas do arsenal de marinha em Kittery; tanto Homer quanto Candy sabiam que era assim que ele as obtinha, mas somente Candy criticava Ray por isso.

– Já encontrei mais erros na maneira como eles fazem as coisas do que eles sabem como fazer – disse Ray. – Não é provável que descubram.

– Mas, afinal, para que serve? – perguntou Candy ao pai. – Não gosto de ter uma bomba aqui... especialmente quando há um bebê na casa.

– Eu não sabia do bebê quando comecei a construir o torpedo.

– Mas sabe agora. Por que não o dispara contra alguma coisa... bem distante?

– Vou disparar quando estiver pronto.

– Contra o que vai disparar? – perguntou Homer a Raymond Kendall.

– Não sei. Talvez contra o Haven Club... na próxima vez em que me disserem que estrago a vista.

– Não gosto de ignorar para que você está fazendo alguma coisa – disse Candy ao pai, quando ficaram a sós.

– A coisa é assim mesmo – murmurou Ray. – Posso dizer como é um torpedo. A mesma coisa que Wally voltar para casa. Sabe-se que

está vindo, mas não dá para calcular os danos.

Candy pediu a Homer uma interpretação do comentário de Ray.

– Ele não está lhe dizendo coisa alguma – respondeu Homer. – Está sondando. Quer que você conte a ele.

– E se tudo continuar do jeito que está? – perguntou Candy a Homer, depois de fazerem amor na casa de sidra, que ainda não fora preparada para a colheita.

– Do jeito que está – disse Homer Wells.

– Isso mesmo. Vamos supor que a gente espere e espere. Por quanto tempo podemos esperar? Depois de algum tempo, fica mais fácil esperar do que contar?

– Teremos de contar algum dia – declarou Homer Wells.

– Quando?

– Quando Wally voltar para casa.

– Quando ele voltar paralítico e pesando menos do que eu – murmurou Candy. – É o momento em que lhe desfechamos o bote?

Há coisas que não se pode deixar de lado?, especulou Homer Wells. O bisturi, ele podia lembrar, possuía um certo peso; não é preciso pressionar – ele parece cortar por conta própria –, mas é indispensável assumir o comando de alguma forma. Quando se empunha, é preciso movê-lo. O bisturi não exige a autoridade da força, mas impõe ao usuário a autoridade do movimento.

– Precisamos saber para onde estamos indo – declarou Homer Wells.

– E se não soubermos? – indagou Candy. – E se soubermos apenas como queremos ficar? E se esperarmos e esperarmos?

– Está querendo dizer que jamais saberá se o ama ou a mim?

– Tudo pode ser confundido por quanto ele vai precisar de mim – respondeu Candy.

Homer pôs a mão nela – no lugar em que os pelos pubianos haviam tornado a crescer, quase exatamente como antes. E perguntou:

– Não acha que eu também vou precisar de você?

Candy virou-se para o outro quadril, ficando de costas para ele – e ao mesmo tempo retirando a mão de Homer do lugar em que ele a pusera e levando-a para o seio.

– Teremos de esperar para ver – disse ela.

– Além de um certo ponto, não vou mais esperar – anunciou Homer Wells.

– E que ponto é esse?

Como estava com a mão no seio de Candy, Homer pôde senti-la prendendo a respiração.

– Quando Angel tiver idade bastante para saber que é um órfão ou quem são seus pais. Esse é o ponto. Não vou deixar que Angel pense que é adotado. Não vou deixá-lo na ignorância de quem são seus pais.

– Não estou preocupada com Angel – disse Candy. – Angel terá muito amor. Estou preocupada com você e comigo.

– E com Wally – acrescentou Homer.

– Vamos acabar loucos.

– Não, não vamos enlouquecer. Temos de cuidar de Angel e fazê-lo sentir que é amado.

– Mas o que acontece se *eu* não me sentir amada... ou *você*?

– Vamos esperar até lá – respondeu Homer Wells. – Vamos simplesmente esperar para ver.

Ele falou quase como uma vingança. Uma brisa da primavera soprou sobre os dois, trazendo o fedor enjoativo das maçãs apodrecidas. O cheiro tinha quase a intensidade de amônia, envolvendo Homer de tal forma que ele tirou a mão do seio de Candy para tapar a boca e o nariz.

Foi somente no verão que Candy recebeu notícias diretas de Wally. Chegou uma carta – a primeira comunicação para ela desde que o avião de Wally fora abatido, um ano antes.

Wally passara seis semanas no hospital Mt. Lavinia, no Ceilão. Não queriam que fosse transferido até que adquirisse pelo menos sete quilos, até que os tremores musculares cessassem e sua fala perdesse o devaneio vazio da desnutrição. Ele escreveu a carta de outro hospital, este em Nova Délhi; depois de um mês na Índia, engordara mais cinco quilos. Dizia que aprendera a pôr canela no chá e que o som de sandálias arrastando era quase constante no hospital.

Estavam lhe prometendo que permitiriam que iniciasse a longa jornada de volta para casa quando pesasse 63 quilos e depois que dominasse uns poucos exercícios básicos, essenciais à sua reabilitação. Ele não podia descrever o roteiro da proposta viagem de volta por causa dos censores. Wally esperava que os censores compreendessem – à luz de sua paralisia – que lhe era necessário dizer alguma coisa sobre a sua função sexual, “perfeitamente normal”. Os censores deixaram o comentário passar. Wally ainda não sabia que estava estéril; sabia apenas que tivera uma infecção no aparelho urinário e que a infecção desaparecera.

“E como está Homer?”, escreveu Wally. “Ah, como sinto saudade dele!”

Mas não foi essa a parte da carta que deixou Candy arrasada. Candy ficou tão arrasada pelo início da carta que o resto foi simplesmente uma continuação do estrago.

“Estou com receio de que você não queira casar com um aleijado”, começava Wally.

Em sua cama de solteira, balançada entre o sono e a vigília pela maré, Candy ficou olhando para o retrato da mãe, na mesinha de cabeceira. Gostaria de ter uma mãe para conversar naquele momento; talvez porque não tivesse lembrança da mãe, ela recordou a primeira noite de sua estada no orfanato. O Dr. Larch estava lendo *Great Expectations* para os meninos. Candy jamais

esqueceria as palavras que ouvira no momento em que chegara em companhia de Homer Wells:

– “Acordei sem ter me separado no sono da percepção de minha desgraça” – lera Wilbur Larch, em voz alta.

Ou o Dr. Larch decidira antes que encerraria a leitura daquela noite com essa frase ou somente então notara Candy e Homer Wells na porta aberta – a luz forte do corredor, uma lâmpada pendurada, projetava uma espécie de halo institucional em torno de suas cabeças – e perdera o lugar no livro, o que o levara, num súbito impulso, a parar de ler. Por qualquer motivo, essa percepção da desgraça fora a introdução de Candy a St. Cloud’s e o começo e o fim de sua história para dormir.

¹ Anjo, em inglês. (N. do T.)

Quinze Anos

Durante 15 anos elas formaram um casal: Lorna e Melony. Estavam estabelecidas. Antigamente as jovens rebeldes da pensão só para mulheres, agora ocupavam os melhores quartos – com vista para o rio – e serviam como zeladoras do prédio, por um desconto no aluguel. Melony era competente. Aprendera a trabalhar em encanamento e eletricidade no estaleiro, onde era uma dos três eletricitistas do quadro permanente. (Os outros dois eram homens, mas nunca se metiam com Melony; ninguém jamais o fazia.)

Lorna tornou-se mais caseira. Carecia de concentração para o treinamento avançado em alguma especialização no estaleiro, mas continuou a trabalhar lá – “Fique pelo plano de pensão”, aconselhara Melony. Na verdade, Lorna gostava da monotonia da linha de montagem e era bastante esperta por se alistar nos turnos que pagavam extra – estava sempre disposta a trabalhar em horários diferentes, se assim pudesse trabalhar menos. O fato de ela trabalhar até tarde desagradava Melony.

Lorna tornou-se cada vez mais feminina. Não apenas usava vestidos (até no trabalho), mas também aplicava mais maquiagem e perfume (e vigiava o peso); sua voz, antes áspera, suavizou-se consideravelmente, e ela desenvolveu o hábito de sorrir (especialmente quando estava sendo criticada). Melony descobria-a cada vez mais passiva.

Como um casal, elas raramente brigavam, porque Lorna não reagia. Em 15 anos, ela descobrira que Melony abrandava se não havia uma luta; diante de qualquer resistência, Melony era implacável.

- Você não luta limpo – queixava-se Melony de vez em quando.
- Você é muito maior do que eu – respondia Lorna, timidamente.

O que era a pura verdade. Por volta de 195-, quando estava com quarenta e poucos anos (ninguém sabia a sua idade exata), Melony pesava quase 80 quilos. Tinha 1,75m de altura; cerca de 1,20m em torno do peito, o que lhe exigia usar camisas de homem (grandes; qualquer coisa menor que um colarinho de 42 centímetros não cabia; como os braços eram curtos, sempre precisava enrolar as mangas). Tinha uma cintura de 90 centímetros, mas uma altura de perna de apenas 70 centímetros (o que significava que precisava dobrar a bainha das calças ou mandar Lorna encurtá-las). As calças de Melony eram sempre tão apertadas nas coxas que logo perdiam o vinco na frente, mas folgadas atrás – Melony não tinha a bunda cheia e possuía os quadris insignificantes da maioria dos homens. Tinha pés pequenos, que sempre doíam.

Em 15 anos, fora presa apenas uma vez. – por briga. A acusação, na verdade, foi de agressão, mas ela acabou se safando apenas com uma perturbação da ordem pública. Estava no banheiro das mulheres de uma pizzeria em Bath quando algum universitário tentara puxar conversa com Lorna. Ao ver Melony ocupar seu lugar ao lado de Lorna, ele sussurrara:

- Acho que eu não conseguiria arrumar ninguém para sua amiga.

Ele estava imaginando uma situação de encontro duplo. Melony lhe ordenara:

- Fale alto! Sussurrar é falta de educação.

– Eu disse que acho que não conseguiria arrumar ninguém para sair com você – repetira o rapaz, temerariamente.

Melony passara o braço por Lorna, segurando-lhe o seio.

– E eu não poderia encontrar um cachorro que saísse com você – anunciara Melony.

- Fanchona escrota – dissera o rapaz, começando a se afastar.

Ele pensara ter falado baixo – e exclusivamente para impressionar os operários do estaleiro que estavam na extremidade do balcão; não podia saber que os homens eram colegas de trabalho de Melony. Eles seguraram o estudante, enquanto Melony lhe quebrava o nariz com um prendedor de guardanapos de metal.

Melony gostava de adormecer com o rosto grande na barriga nua e lisa de Lorna; Lorna sempre sabia quando Melony pegava no sono por causa da mudança em sua respiração, que ela sentia nos pelos pubianos. Em 15 anos, houve uma única noite em que Lorna teve de pedir à amiga para tirar a cabeça pesada antes de mergulhar no sono profundo.

– Qual é o problema? – perguntou Melony. – Está com cólicas?

– Não – respondeu Lorna. – Estou grávida.

Melony achou que era uma piada, até que Lorna foi ao banheiro e vomitou. Quando Lorna voltou para a cama, Melony disse:

– Quero compreender essa história, calmamente. Há 15 anos que formamos um casal e agora você está grávida?

Lorna enroscou-se em torno de um travesseiro e cobriu a cabeça com outro. O rosto, a barriga e as partes íntimas estavam protegidos, mas ainda assim ela tremia; começou a chorar.

– Acho que está querendo me dizer que quando mulheres trepam com outras mulheres leva muito mais tempo para engravidar do que quando uma mulher está trepando com um homem – acrescentou Melony. – É isso?

Lorna não respondeu, limitando-se a choramingar. Melony continuou:

– Como um prazo de 15 anos... todo esse tempo. Leva 15 anos para as mulheres pegarem barriga quando estão trepando apenas com outras mulheres. Puxa, é um esforço e tanto.

Melony foi até a janela e contemplou a vista do Kennebec; no verão, as árvores ficavam tão frondosas que mal dava para se ver o

rio. Ela deixou que a brisa de verão secasse o suor em seu pescoço e peito antes de começar a arrumar as coisas.

– Não vá embora, por favor... não me deixe – balbuciou Lorna, ainda enroscada na cama.

– Estou arrumando as *suas* coisas – disse Melony. – Não sou eu quem está grávida. Não preciso ir a lugar algum.

– Não me expulse – disse Lorna, desesperada. – Me dê uma surra, mas não me mande embora.

– Pegue o trem para St. Cloud's – disse Melony à amiga. – Chegando lá, pergunte onde fica o orfanato.

– Foi apenas um homem... apenas um e só uma vez! – gritou Lorna.

– Não, não foi. Um cara engravida você *depressa*. Com as mulheres, leva 15 anos.

Depois de arrumar as coisas de Lorna, Melony postou-se ao lado da cama e sacudiu a amiga, que tentou se esconder sob as cobertas.

– Quinze anos! – exclamou Melony.

Ela sacudiu e sacudiu Lorna, mas isso foi tudo o que lhe fez. Até acompanhou Lorna para pegar o trem. Lorna parecia desgrenhada, e era apenas o início de um dia de verão que seria extenuante.

– Pergunto pelo orfanato? – murmurou Lorna, atordoada.

Além da mala, Melony entregou a Lorna uma caixa de papelão grande.

– E entregue isto a uma velha chamada Grogan... se ela ainda estiver viva. Não diga nada a ela, apenas entregue. E se ela estiver morta ou não se encontrar mais por lá... – Melony parou de falar abruptamente, pensou por um instante e continuou: – Esqueça a última parte. Ela está lá ou está morta. Se estiver morta, traga a caixa de volta. Pode me devolver quando vier buscar o restante das suas coisas.

– O restante das minhas coisas?

– Fui fiel a você. Fui leal como um cachorro. – Melony percebeu que falara mais alto do que tencionava, porque um ferroviário fitou-a com uma expressão estranha... como se ela fosse um cachorro. E Melony perguntou-lhe: – Está vendo alguma coisa que quer, cara de merda?

– O trem está prestes a partir – murmurou o homem.

– Não me mande embora, por favor! – sussurrou Lorna para Melony.

– Espero que tenha um monstro de verdade dentro de você – disse Melony. – Espero que rasgue você em pedaços quando o puxarem pela porta.

Lorna caiu no corredor do trem, como se tivesse levado um soco; Melony deixou-a assim. O chefe do trem ajudou Lorna a levantar e sentar em seu banco; pela janela do trem em movimento, observou Melony se afastar. Só então ele percebeu que estava tremendo tanto quanto Lorna.

Melony pensou na chegada de Lorna a St. Cloud's – aquele bosta do chefe da estação (ainda estaria lá?), a longa caminhada encosta acima, com a mala e a caixa grande para a Sra. Grogan (Lorna conseguiria)... e o velho ainda estaria no ramo? Ela não ficara furiosa por 15 anos, mas agora deparava com outra traição – e Melony não pôde deixar de ponderar como sua fúria ressurgira prontamente, deixando todos os sentidos mais aguçados. Sentiu a comichão de colher maçãs outra vez.

Ficou surpresa ao descobrir que não era com vingança que pensava em Homer Wells. Lembrou como no início adorara ter Lorna como amiga – em parte porque podia queixar-se a Lorna do que Homer lhe fizera. Agora, Melony calculou que gostaria de se queixar a Homer Wells do comportamento de Lorna.

– Aquela sem-vergonha miserável! – diria ela a Homer. – Se havia um homem com a calça estufada, ela não conseguia desviar os olhos.

– Certo – diria Homer Wells.

E, juntos, eles demoliriam um prédio – tratariam de empurrá-lo para o tempo. Quando o tempo passa, são as pessoas que se conheceu que se deseja encontrar, são as pessoas com quem se pode conversar. Quando bastante tempo passa, que importância tem o que elas fizeram com você?

Melony descobriu que podia pensar assim por um minuto; mas, no minuto seguinte, quando pensava em Homer Wells, era com a certeza de que gostaria de matá-lo.

Ao voltar de Sr. Cloud's e ir à pensão para buscar suas coisas, Lorna encontrou tudo meticulosamente arrumado, guardado em caixas, num canto do quarto. Melony estava no trabalho. Lorna pegou suas coisas e foi embora.

Depois disso, elas se encontravam talvez uma vez por semana, no estaleiro ou na pizzaria de Bath que todos os operários frequentavam; nessas ocasiões, elas se mostravam polidas, mas silenciosas. Houve uma ocasião em que Melony falou:

– A velha, Grogan... ela estava viva?

– Eu não trouxe a caixa de volta, não é?

– Quer dizer que entregou a ela? E não contou nada?

– Apenas perguntei se ela estava viva e uma das enfermeiras disse que sim – explicou Lorna. – Entreguei a caixa a uma das enfermeiras... quando já estava de partida.

– E o médico? – indagou Melony. – O velho Larch... ele está vivo?

– Se é que se pode chamar aquilo de vivo.

– Essa não... Doeu?

– Não muito – respondeu Lorna, cautelosa.

– É uma pena. Deveria ter doído muito.

Na pensão, onde era agora a zeladora exclusiva, Melony tirou de um antigo catálogo de eletricitista um artigo amarelado e uma fotografia do jornal local. Foi à loja de antiguidades que era dirigida por sua antiga e obtusa devota, Mary Agnes Cork, cujos pais

adotivos haviam-na tratado muito bem; até a puseram no comando da loja da família. Melony pediu a Mary Agnes uma moldura apropriada para o artigo e a fotografia. Mary Agnes sentiu a maior satisfação em providenciar algo perfeito. Era uma autêntica moldura vitoriana, tirada de um navio que fora reformado no estaleiro de Bath. Mary Agnes vendeu a moldura a Melony por um preço muito abaixo do valor, embora Melony fosse rica. Eletricistas eram bem pagos, e Melony trabalhava em tempo integral para o estaleiro há 15 anos; como era a zeladora da pensão, quase não pagava aluguel. Não tinha carro e comprava todas as suas roupas na Sam's, uma loja para soldados e marinheiros.

Era apropriado que a moldura fosse de teca – a madeira da árvore que sustentara Wally Worthington no ar sobre a Birmânia por uma noite inteira – porque o artigo de jornal era sobre o capitão Worthington e a fotografia – que Melony reconhecera, 15 anos antes – era também de Wally. O artigo falava da milagrosa salvação do piloto abatido (e parálítico), que fora condecorado com o Coração Púrpura. Para Melony, a história parecia a trama de um filme de aventura ordinário e improvável, mas ela gostava do retrato – e da parte do artigo que dizia que Wally era um herói local, um Worthington entre os Worthington, que há anos possuíam e administravam os Ocean View Orchards em Heart's Rock.

Em seu quarto na pensão de Bath, Melony pendurou por cima da cama a moldura antiga com o artigo e a fotografia. Na escuridão, gostava de saber que estava ali – sobre sua cabeça, como a história. Gostava disso tanto quanto de olhar para a fotografia durante o dia. E, na escuridão, ela se demorava nas sílabas do nome do herói.

– Worthington – gostava de dizer, em voz alta. Em outras ocasiões, dizia o nome com que estava mais familiarizada:

– Ocean View.

O outro nome ela falava depressa, proferindo as sílabas com violência:

– Heart’s Rock.

Nas horas que antecediam o amanhecer, que são as mais difíceis para os insones, Melony murmurava:

– Quinze anos.

E pouco antes de pegar no sono, ela perguntava, à primeira claridade que se insinuava no quarto:

– Você ainda está lá, Sunshine?

O mais difícil de aceitar na passagem do tempo é que as pessoas que antigamente mais importavam para nós estão envoltas em parênteses.

Por 15 anos Homer Wells assumira a responsabilidade de escrever e pôr no lugar as regras da casa de sidra. Todos os anos era a última coisa que ele punha na parede, depois que secara a nova camada de tinta. Em alguns anos, ele tentara ser jovial com as regras; em outros anos, tentara parecer indiferente; talvez fosse o tom de Olive e não as regras propriamente ditas que causavam alguma ofensa, levando os migrantes, por uma questão de orgulho, a nunca obedecê-las.

As regras não mudavam muito. A tela rotativa tinha de ser limpa. Uma palavra de advertência sobre beber demais e pegar no sono no frigorífico era obrigatória. E muito tempo depois de a roda-gigante de Cape Kenneth ter sido desmontada, quando já havia tantas luzes na costa que a vista do telhado da casa de sidra parecia o vislumbre de uma cidade distante, os migrantes ainda sentavam no telhado e bebiam demais, acabavam caindo – Homer Wells pedia (ou dizia) para não fazerem isso. As regras, ele refletia, nunca *pediam*; as regras *diziam*.

Mas ele tentava fazer com que as regras da casa de sidra parecessem cordiais. Formulava as regras num tom confiante: “Tem havido alguns acidentes no telhado ao longo dos anos – especialmente à noite e especialmente em combinação com muita

bebida quando se senta no telhado. Recomendamos que todos bebam com os dois pés no chão.”

Mas todos os anos o pedaço de papel ficava gasto e rasgado, e era usado para outras coisas – uma espécie de lista de compras desesperada, por exemplo, sempre escrita por alguém que não conhecia ortografia:

FUBÁ DE MIO
FARIA DE TRIGO

escreveram sobre as regras de Homer em um ano.

Havia ocasiões em que a solitária folha de papel acumulava pequenos insultos ou escárnios de natureza semianalfabeta:

“Nada de foder no telhado!” ou “Sacanagem só no frigorífico!”.

Wally disse a Homer que somente Mister Rose sabia escrever, que as piadas, insultos e listas de compras eram todos escritos por Mister Rose, mas Homer não podia ter certeza.

Todos os verões, Mister Rose escrevia para Wally, que informava quantos colhedores precisava – e Mister Rose dizia quantos estava trazendo e o dia em que chegariam. Nenhum contrato jamais era firmado – bastavam as garantias lacônicas e confiáveis de Mister Rose.

Em alguns verões ele apareceu com uma mulher – grande, suave e quieta, com uma garota empoleirada no quadril. Quando a garota já podia andar para se meter em encrencas (era mais ou menos da idade de Angel Wells), Mister Rose parou de trazê-la e à mulher.

Durante 15 anos o único migrante tão constante quanto Mister Rose foi Black Pan, o cozinheiro.

– Como está a sua garotinha? – perguntava Homer Wells a Mister Rose, em todos os anos em que a mulher e a filha não voltaram.

– Está crescendo, como o seu garoto – respondia Mister Rose.

– E como está sua senhora? – perguntava Homer.

– Está cuidando da garotinha – respondia Mister Rose.

Somente uma vez, em 15 anos, Homer Wells procurou Mister Rose para falar das regras da casa de sidra:

– Sou o responsável... escrevo-as todos os anos... e se alguém se sentir ofendido, espero que me diga.

– Não tem ofensa – disse Mister Rose, sorrindo.

– São apenas pequenas regras.

– Isso mesmo.

– Mas me preocupa o fato de que ninguém parece dar atenção a elas – acrescentou Homer.

Mister Rose, cujo rosto afável não fora alterado pelos anos e cujo corpo permanecera esguio e flexível, olhou para Homer mansamente.

– Também temos as nossas regras, Homer.

– As suas próprias regras – disse Homer Wells.

– Sobre uma porção de coisas – disse Mister Rose. – Sobre o quanto a gente pode se meter com você, por exemplo.

– Comigo?

– Com os brancos – explicou Mister Rose. – Temos nossas regras sobre isso.

– Entendo – disse Homer, embora na verdade não entendesse.

– E sobre brigar.

– Brigar – disse Homer Wells.

– Um contra o outro – explicou Mister Rose. – Uma regra é que não podemos cortar um ao outro muito fundo. Nenhum corte que leve ao hospital, nenhum corte que chame a polícia. Podemos cortar um ao outro, mas não muito fundo.

– Entendo – disse Homer.

– Não, você não entende – objetou Mister Rose. – Você *não* vê... esse é o ponto. Podemos cortar um ao outro só até um ponto em que você nunca vê... nunca sabe que a gente se cortou. Entende?

– Certo – disse Homer Wells.

– Quando vai dizer mais alguma coisa? – perguntou Mister Rose, sorrindo.

– Basta tomar cuidado no telhado – aconselhou Homer.

– Nada de muito ruim pode acontecer lá em cima – declarou Mister Rose. – Coisas piores podem acontecer no chão.

Homer Wells estava prestes a dizer “Certo” de novo quando descobriu que não podia falar; Mister Rose agarrara sua língua entre o indicador áspero e de ponta quadrada e o polegar. Havia um gosto indefinido, como poeira, na boca de Homer; a mão de Mister Rose fora tão rápida que Homer não a vira – nunca soubera antes que alguém era capaz de pegar a língua de outra pessoa.

– Peguei você – disse Mister Rose, sorrindo e largando a língua de Homer.

Homer conseguiu balbuciar: – Foi muito rápido.

– Certo – disse Mister Rose, alerta. – Não tem ninguém mais rápido.

Wally queixou-se a Homer dos estragos anuais no telhado da casa de sidra. A cada dois ou três anos tinham de instalar novas folhas de zinco, ajeitar as vigas ou trocar as calhas.

– O que o fato de eles terem as suas próprias regras tem a ver com não darem atenção às nossas? – perguntou Wally a Homer.

– Não sei – respondeu Homer. – Escreva uma carta para ele e pergunte.

Mas ninguém queria ofender Mister Rose; ele era um chefe de colhedores de confiança. Fazia com que a colheita e a prensagem transcorressem sem problemas em cada ano.

Candy, que administrava o dinheiro em Ocean View, declarou que quaisquer que fossem os custos dos reparos no telhado da casa de sidra, eram mais do que compensados pela confiabilidade de Mister Rose.

– Tem alguma coisa de estilo de quadrilha no homem – comentou Wally, que não estava exatamente se queixando. – Mas não quero realmente saber como ele faz para todos aqueles colhedores se comportarem.

– A verdade é que eles se comportam – disse Homer.

– Ele faz um bom trabalho – acrescentou Candy. – Vamos deixar que tenha as suas próprias regras.

Homer Wells desviou os olhos; ele sabia que todas as regras, para Candy, eram contratos particulares.

Quinze anos antes eles haviam feito as suas regras, ou melhor, Candy as fizera (antes de Wally voltar para casa). Estavam na casa de sidra (depois do nascimento de Angel, numa noite em que Olive cuidava do menino). Havia acabado de fazer amor, mas não com felicidade; alguma coisa estava errada. Seria errado por 15 anos, mas naquela noite Candy dissera:

– Vamos acertar uma coisa.

– Está bem – respondeu Homer.

– O que quer que aconteça, vamos partilhar Angel.

– Claro.

– Você fica como o pai... tem todo o tempo de pai que quiser... e eu tenho todo o tempo de mãe de que precisar.

– Sempre – disse Homer Wells, embora alguma coisa estivesse errada.

– Independentemente do que acontecer, Homer... se eu fico com você ou com Wally.

Homer ficou em silêncio por um momento e depois indagou:

– Quer dizer que está se inclinando para Wally?

– Não estou me inclinando para lugar algum. Estou parada aqui mesmo e estamos combinando algumas regras.

– Eu não sabia que eram regras.

– Partilhamos Angel – disse Candy. – Ambos precisamos viver com ele. Temos de ser sua família. Ninguém jamais vai embora.

– Mesmo que você fique com Wally? – perguntou Homer, depois de algum tempo.

– Lembra o que me disse quando queria que eu tivesse Angel?

Homer Wells estava cauteloso agora:

– Lembre-me.

– Disse que ele era seu filho também... que ele era *nosso*. Que eu não podia decidir, sozinha, não ter ele... esse foi o argumento.

– Eu me lembro – disse Homer.

– Se ele era nosso naquela ocasião, também é nosso agora... o que quer que aconteça.

– Na mesma casa? Mesmo que você fique com Wally?

– Como uma família.

– Como uma família – murmurou Homer Wells.

Era uma palavra que tinha um grande efeito sobre ele. Um órfão é uma criança para sempre; um órfão detesta mudança; um órfão odeia se mudar; um órfão ama a rotina.

Por 15 anos, Homer Wells sabia que havia possivelmente tantas regras da casa de sidra quantas as pessoas que por lá haviam passado. Mesmo assim, todos os anos ele postava uma lista nova.

Por 15 anos o conselho de curadores tentara e não conseguira substituir o Dr. Larch; não podiam encontrar alguém que quisesse o posto. Havia pessoas ansiosas em se lançarem ao serviço sem recompensas de seus semelhantes, mas existiam lugares mais exóticos do que St. Cloud's em que tais serviços eram necessários – e onde podiam também sofrer. O conselho também não conseguia atrair uma nova enfermeira para servir ali; não conseguia sequer contratar um assistente administrativo.

Quando o Dr. Gingrich se aposentou – não do conselho, do qual jamais se afastaria –, pensou em aceitar o posto em St. Cloud's, mas a Sra. Goodhall ressaltou-lhe que não era um obstetra. Sua prática psiquiátrica jamais florescera no Maine, mas o Dr. Gingrich ficou

surpreso e um pouco magoado ao descobrir que a Sra. Goodhall sentia satisfação em ressaltar-lhe isso. A Sra. Goodhall também alcançara a idade da aposentadoria, mas nada poderia estar mais longe dos pensamentos dessa mulher devotada. Wilbur Larch estava com noventa e alguns anos, e a Sra. Goodhall tinha a obsessão de aposentá-lo antes que morresse no posto; pensava que a morte de Larch em serviço ficaria marcada como uma derrota para ela.

Não muito tempo antes – talvez num esforço de revigorar o conselho –, o Dr. Gingrich propusera que fizessem uma reunião num hotel fora da temporada, em Ogunquit, apenas para romper a rotina dos encontros em seus escritórios normais, em Portland.

– Será uma espécie de excursão – comentou ele. – A brisa marinha e todo o resto.

Mas choveu. No tempo mais frio, a madeira se contraía; a areia entrava pelas janelas e portas, rangia sob os pés; as cortinas, toalhas e roupas de cama estavam areentas. o vento soprava do oceano; ninguém podia sentar na varanda porque o vento jogava a chuva por baixo do telhado. O hotel ofereceu-lhes um salão de jantar, comprido, escuro e vazio; realizaram a reunião sob um lustre que ninguém conseguiu acender – ninguém pôde encontrar o interruptor correto.

Era apropriado à discussão de St. Cloud's que tentassem conduzir as deliberações num antigo salão de baile que já conhecera melhores dias, num hotel tão esquecido fora da temporada que alguém que os visse ali teria desconfiado que estavam em quarentena. Na verdade, quando teve um vislumbre deles, foi justamente o que Homer Wells pensou; ele e Candy eram os únicos outros hóspedes do hotel fora da temporada. Haviam alugado um quarto por metade do dia; estavam muito longe de Ocean View, mas tinham percorrido uma distância tão grande para terem certeza de que ninguém os reconheceria.

Estava na hora de partirem. Parados na varanda, Candy mantinha as costas no peito de Homer, cujos braços e enlaçavam; ambos olhavam para o mar. Homer parecia gostar da maneira como o vento soprava os cabelos de Candy contra seu rosto, e nenhum dos dois aparentemente se importava com a chuva.

Dentro do hotel, a Sra. Goodhall olhou pelas janelas riscadas da chuva, franzindo o rosto para o tempo e o jovem casal que desafiava os elementos. Em sua opinião, nada poderia jamais voltar a ser bastante normal. Era isso que estava errado com Larch; nem todos que têm noventa e alguns anos são senis, ela podia admitir, mas Wilbur Larch não era normal. E mesmo que aqueles jovens fossem casados, as demonstrações públicas de afeição não eram admissíveis para a Sra. Goodhall – e eles estavam atraindo ainda mais atenção pelo desafio à chuva.

– E tem mais – comentou ela com o Dr. Gingrich, que não tivera qualquer aviso e não dispunha de um mapa para acompanhar os pensamentos da Sra. Goodhall –, aposto que nem são casados.

O jovem casal, pensou ele, parecia um pouco triste. Talvez precisassem de um psiquiatra; talvez fosse o tempo – tinham planejado velejar.

– Já descobri o que ele é – disse a Sra. Goodhall ao Dr. Gingrich, que pensou que ela estava se referindo ao jovem, Homer Wells. – Ele é um homossexual não praticante.

Ela estava se referindo ao Dr. Larch, que não saía de seus pensamentos, dia e noite.

O Dr. Gingrich ficou um tanto espantado com o que lhe parecia ser uma conjectura desvairada da Sra. Goodhall, mas observou o jovem com renovado interesse. É verdade que ele não estava acariciando a moça; parecia um pouco distante.

– Se pudéssemos surpreendê-lo no ato, poderíamos afastá-lo imediatamente – acrescentou a Sra. Goodhall. Mas é claro que ainda teríamos de encontrar alguém para substituí-lo.

O Dr. Gingrich ficou completamente desorientado. Compreendeu que a Sra. Goodhall não podia estar interessada em substituir o jovem na varanda; portanto, ela ainda estava pensando no Dr. Larch. Mas se o Dr. Larch era um "homossexual não praticante", em que ato poderiam surpreendê-lo?

– Nós o surpreenderíamos em *ser* um homossexual, apenas não praticando? – indagou o Dr. Gingrich, cauteloso, pois não era difícil irritar a Sra. Goodhall.

– Obviamente ele é bicha – disse ela, bruscamente.

Em todos os seus anos de serviços psiquiátricos prestados ao Maine, o Dr. Gingrich nunca se sentira compelido a aplicar o rótulo de "homossexual não praticante" a qualquer pessoa, embora tivesse ouvido falar de tal coisa com frequência; geralmente, alguém se queixava das esquisitices de outra pessoa. No caso da Sra. Goodhall, ela desprezava os homens que viviam sozinhos. Não era normal. E desprezava os casais jovens que exibiam sua afeição, não eram casados ou as duas coisas; muita coisa normal também a enfurecia. Embora partilhasse o desejo da Sra. Goodhall de substituir o Dr. Larch e sua equipe em St. Cloud's, ocorreu ao Dr. Gingrich que deveria ter tido a Sra. Goodhall como paciente – ela poderia mantê-lo fora da aposentadoria por mais alguns anos.

Quando o jovem casal entrou no hotel, a Sra. Goodhall lançou-lhes tal olhar que a moça desviou o rosto.

– Observou-a desviando o rosto de vergonha? – perguntaria a Sra. Goodhall mais tarde ao Dr. Gingrich.

Mas o rapaz fitou-a firmemente. Fitou através dela! O Dr. Gingrich não pôde deixar de ficar admirado. Era um dos melhores olhares que o Dr. Gingrich já testemunhara, na tradição do "fulminante"; ele descobriu-se a sorrir para o jovem casal.

– Reparou naquele casal? – perguntou Candy a Homer depois, na longa viagem de volta para Ocean View.

– Acho que eles não eram casados – comentou Homer Wells. – Ou se eram casados, se odeiam.

– Talvez seja por isso que pensei que eram casados.

– Ele parecia um pouco estúpido, e ela, completamente louca – acrescentou Homer.

– Tenho certeza de que eram casados – arrematou Candy.

No salão de jantar triste e encardido de Ogunquit, enquanto a chuva caía, a Sra. Goodhall disse:

– Não é absolutamente normal. O Dr. Larch, aquelas velhas enfermeiras... tudo por lá. Se alguém novo, com alguma capacidade, não for contratado em breve, devemos mandar um zelador para lá... qualquer um que possa dar uma olhada no lugar e nos informar como a situação é terrível.

– Talvez a situação não seja tão ruim quanto pensamos – comentou o Dr. Gingrich, cansado.

Ele observara o jovem casal deixar o hotel e se sentia dominado pela melancolia.

– Vamos arrumar alguém para ir até lá e verificar – insistiu a Sra. Goodhall, o lustre escuro por cima de sua pequena cabeça grisalha.

E foi então que, no momento oportuno – na opinião de todos –, uma nova enfermeira chegou a St. Cloud's. O que era extraordinário: ela parecia ter descoberto o lugar sozinha. enfermeira Caroline, como a chamavam; era constantemente de utilidade e foi de grande ajuda quando chegou o presente de Melony para a Sra. Grogan.

– O que é isto? – perguntou a Sra. Grogan.

A caixa era quase pesada demais para que a levantasse; a enfermeira Edna e a enfermeira Angela haviam-na levado juntas para a divisão de garotas. Era uma tarde sufocante de verão; ainda assim, porque fora um dia absolutamente sem vento, a enfermeira Edna pulverizara as macieiras.

O Dr. Larch foi à divisão de garotas para saber o que havia na caixa.

– Vamos, abra logo – disse ele à Sra. Grogan. – Não tenho o dia inteiro.

A Sra. Grogan não sabia como atacar a caixa, que estava fechada com arame, barbante e fita adesiva – como se um selvagem tivesse tentado conter um animal selvagem. A enfermeira Caroline foi convocada para prestar ajuda.

O que fariam sem a enfermeira Caroline?, especulou Larch. Antes da caixa para a Sra. Grogan, a enfermeira Caroline fora o único presente grande que alguém já enviara a St. Cloud's; Homer Wells a remetera do hospital de Cape Kenneth. Homer Wells sabia que a enfermeira Caroline acreditava na obra de Deus e a persuadira a ir para o lugar em que sua devoção seria bem recebida. Mas a enfermeira Caroline teve dificuldade em abrir o presente de Melony.

– Quem deixou? – perguntou a Sra. Grogan.

– Uma mulher chamada Lorna – respondeu a enfermeira Angela.
– Nunca a vi antes.

– Também nunca a vi antes – disse Wilbur Larch.

Quando a caixa foi aberta, o mistério ainda persistiu. Lá dentro havia um casaco enorme, grande demais para a Sra. Grogan. Um excedente militar, feito para o serviço no Alasca, tinha capuz e gola de pele, era tão pesado que quase levou a Sra. Grogan ao chão quando o experimentou – ela perdeu o equilíbrio e cambaleou, como um pião ficando sem impulso. O casaco tinha todos os tipos de bolsos secretos, provavelmente para esconder armas ou rações...

– Ou os braços e pernas cortados dos inimigos – comentou o Dr. Larch.

A Sra. Grogan, perdida dentro do casaco e suando profusamente, murmurou:

– Não estou entendendo.

Foi então que ela sentiu algo num dos bolsos. Dinheiro. Tirou várias notas soltas e contou, lembrando nesse momento que era a

quantia exata que Melony lhe roubara ao deixar St. Cloud's – levando o casaco da Sra. Grogan – há mais de 15 anos.

– Oh, Deus! – exclamou a Sra. Grogan, desfalecendo.

A enfermeira Caroline correu para a estação, mas o trem de Lorna já partira. Quando recuperou os sentidos, a Sra. Grogan chorou e chorou.

– Oh, aquela querida menina! – gritou a Sra. Grogan, enquanto todos a mimavam e ninguém falava.

Larch, a enfermeira Angela e a enfermeira Edna lembravam que Melony fora tudo, menos “querida”. Larch experimentou o casaco, que era também muito grande e pesado para ele; cambaleou ao redor por um momento, assustando uma das garotas menores, que viera investigar os gritos da Sra. Grogan.

Larch descobriu alguma coisa em outro bolso: as extremidades cortadas e retorcidas de um fio de cobre e um alicate com borracha nos cabos.

Ao voltar para a divisão de meninos, Larch sussurrou para a enfermeira Angela:

– Aposto que ela roubou de algum eletricitista.

– Um eletricitista *grande* – disse a enfermeira Angela.

– Ora, vocês dois! – censurou-os a enfermeira Edna. – É um casaco quente, pelo menos... vai mantê-la aquecida.

– Vai lhe dar um ataque cardíaco só de arrastá-lo – disse o Dr. Larch.

– Eu posso usá-lo – comentou a enfermeira Caroline.

Foi a primeira vez que Larch e suas velhas enfermeiras perceberam que a enfermeira Caroline não apenas era jovem e dinâmica, mas também grande e forte – e, de uma forma muito menos grosseira e vulgar, um pouco reminiscente de Melony (se Melony fosse marxista, pensava Wilbur Larch – e um anjo).

Larch tinha problemas com a palavra “anjo” desde que Homer Wells e Candy haviam levado o filho de St. Cloud's. Larch tinha

dificuldades com toda a ideia da maneira como Homer estava vivendo. Por 15 anos, Wilbur Larch se espantara que os três – Homer, Candy e Wally – conseguissem; ele não sabia direito o que haviam conseguido ou a que custo. Sabia, é claro, que Angel era uma criança desejada, muito amada e bem cuidada – ou então Larch não poderia permanecer em silêncio. Era difícil para ele permanecer em silêncio sobre o resto. Como teriam conseguido?

Mas quem sou eu para defender a honestidade em todos os relacionamentos?, especulou. Eu com minhas histórias fictícias, eu com meus defeitos cardíacos fictícios – eu com meu Fuzzy Stone.

E quem era ele para indagar qual era exatamente o relacionamento sexual? Precisava lembrar a si mesmo que fora para a cama com a mãe de outra pessoa e se vestira ao clarão do charuto da filha? Que deixara morrer uma mulher que pusera um pênis de pônei na boca por dinheiro?

Larch olhou pela janela para as macieiras na colina. Naquele verão de 195-, as árvores estavam vicejando; as maçãs eram principalmente de um verde-claro e rosa, as folhas de um verde-escuro vibrante. As árvores estavam quase altas demais para a enfermeira Edna pulverizá-las. Eu deveria pedir à enfermeira Caroline para assumir os cuidados com as macieiras, pensou o Dr. Larch. Escreveu um bilhete para si mesmo e deixou-o na máquina de escrever. O calor deixava-o sonolento. Foi para o dispensário e estendeu-se na cama. No verão, com as janelas abertas, podia arriscar uma dose um pouco mais forte, pensou.

O último verão em que Mister Rose esteve no comando da turma da colheita em Ocean View foi o de 195-, quando Angel Wells tinha 15 anos. Durante todo aquele verão, Angel se mostrara ansioso pelo verão seguinte – quando teria 16 anos, a idade mínima para tirar a carteira de motorista. A essa altura, imaginava, já teria guardado dinheiro suficiente – de seus trabalhos de verão nos pomares e de suas contribuições às colheitas – para comprar seu primeiro carro.

Seu pai, Homer Wells, não possuía um carro. Quando ia fazer compras na cidade ou ir para seu trabalho voluntário no hospital de Cape Kenneth, Homer usava um dos veículos da fazenda. O velho Cadillac, que fora adaptado com freio e acelerador acionado pelas mãos, a fim de que Wally pudesse guiá-lo, estava quase sempre disponível, e Candy tinha o seu próprio carro – um jipe amarelo-limão, em que ensinara Angel a guiar e que era tão confiável nos pomares quanto era resistente nas estradas públicas.

– Ensinei seu pai a nadar – sempre dizia Candy a Angel. – Acho que posso ensinar você a dirigir.

Claro que Angel também sabia dirigir todos os veículos da fazenda. Sabia como ceifar, como pulverizar e como operar a empilhadeira. A carteira de motorista era apenas a aprovação necessária e oficial a uma coisa que Angel já fazia muito bem na fazenda.

E, para um garoto de 15 anos, ele parecia muito mais velho. Poderia ter guiado por todo o Maine e ninguém o questionaria. Seria mais alto do que o pai, de rosto redondo e infantil (já estavam empatados no início do verão), e havia uma angulosidade definida nos ossos do rosto que o fazia parecer já adulto; havia ali até os indícios de barba. As olheiras não eram de aparência insalubre; serviam apenas para acentuar a escuridão brilhante dos olhos. Era uma piada entre pai e filho: de que as olheiras de Angel eram “herdadas”.

– Você pegou sua insônia de mim – dizia Homer Wells ao filho, que ainda pensava que era adotado.

Homer também costumava lhe dizer:

– Não tem motivos para se *sentir* adotado. No fundo, tem dois pais e uma mãe, enquanto o máximo que as pessoas conseguem é um pai e uma mãe.

Candy fora como uma mãe para ele e Wally era um segundo pai – ou o tio excêntrico predileto. A única vida que Angel conhecera

fora a vida com todos. Aos 15 anos, nunca sofrera sequer uma mudança de quarto; tudo era o mesmo desde que podia se lembrar.

Ele ocupava o que fora o quarto de Wally, o que Wally partilhara com Homer. Angel nascera para um autêntico quarto de menino; crescera cercado pelos troféus de Wally no tênis e na natação e as fotografias de Candy com Wally (quando as pernas de Wally funcionavam), até mesmo a fotografia de Candy ensinando Homer a nadar. A do Coração Púrpura de Wally (que Wally dera a Angel) estava pendurada na parede, por cima da cama do menino; escondia impressões digitais estranhamente borradas – as impressões de Olive na noite em que esmagara um mosquito contra a parede, na mesma noite em que Angel Wells fora concebido, na casa de sidra. Depois de 15 anos, a parede precisava de uma demão de tinta.

O quarto de Homer, no fundo do corredor, fora o quarto principal: o quarto de Olive e o quarto em que Sênior morrera. A própria Olive morrera no hospital de Cape Kenneth antes de a guerra terminar, antes mesmo que mandassem Wally para casa. Fora um câncer inextirpável, que se espalhara muito depressa depois que fizeram a intervenção exploratória.

Homer, Candy e Ray haviam se revezado em visitá-la; um deles estava sempre com Angel, mas Olive nunca ficava sozinha. Homer e Candy disseram – em particular, apenas um para o outro – que as coisas poderiam ter sido diferentes se Wally tivesse voltado aos Estados Unidos antes de Olive morrer. Por causa do estado precário de Wally e da dificuldade adicional de transferi-lo em tempo de guerra, chegara-se à conclusão de que era melhor não lhe falar do câncer de Olive; fora assim que Olive também quisera.

Ao final, Olive pensava que Wally já voltara para casa. Estava tão cheia de sedativos que confundiu Homer com Wally em seus últimos encontros. Homer adquirira o hábito de ler para ela – *Jane Eyre*, *David Copperfield* e *Great Expectations* –, mas desistira quando a

atenção de Olive começara a vaguear. Nas primeiras vezes em que Olive o confundira com Wally, Homer não soubera direito a quem ela pensava que estava se dirigindo.

– Você deve perdoar-lhe – disse Olive na ocasião.

Sua voz estava engrolada. Ela pegou a mão de Homer, que não chegou a segurar direito, largando-a em seu colo.

– Perdoar-lhe? – perguntou Homer Wells.

– Isso mesmo. Ele não pode evitar o amor que sente por ela, o quanto precisa dela.

Para Candy, Olive foi mais precisa:

– Ele vai ficar entrevado. E vai me perder. Se perder você também, quem vai cuidar dele?

– Eu sempre cuidarei dele – prometeu Candy. – Homer e eu cuidaremos dele.

Mas Olive não estava tão drogada para deixar de perceber e detestar a ambiguidade da resposta de Candy:

– Não é direito magoar ou enganar alguém que já foi magoado e enganado, Candy.

Com as drogas que estava tomando, Olive sentia uma liberdade absoluta. Não lhe cabia dizer aos dois que sabia o que sabia; cabia a eles dizer-lhe o que estavam escondendo dela. Até que lhe contassem, podia mantê-los imaginando o que ela sabia.

Para Homer, Olive disse:

– Ele é um órfão.

– Quem é um órfão?

– *Ele é* – disse Olive. – Não se esqueça de como um órfão é um necessitado. Ele tomará tudo. Vem de não ter nada... quando vê o que pode ter, tomará tudo que vir. Não culpe ninguém, meu filho. A culpa o matará.

– Tem razão – disse Homer Wells, que segurava a mão de Candy.

Quando ele se inclinou sobre a cama, a fim de ouvir-lhe a respiração, Olive beijou-o como se ele fosse Wally.

– A culpa vai matar você – disse ele para Candy, depois que Olive morrera. E sempre recordando o conselho do Sr. Rochester, Homer Wells acrescentou: – O implacável remorso.

– Não me venha com citações – protestou Candy. O fato é que ele está voltando para casa e nem mesmo sabe que a mãe está morta. Para não mencionar...

Candy não concluiu a frase, e Homer Wells repetiu:

– Para não mencionar...

Candy e Wally casaram menos de um mês depois que Wally voltou a Ocean View; Wally pesava 65 quilos, e Homer empurrou a cadeira de rodas pela nave da igreja. Candy e Wally ocuparam o quarto adaptado no andar térreo da casa-grande.

Homer Wells escrevera para Wilbur Larch, pouco depois de Wally voltar. A morte de Olive (Homer escreveu para Larch) “acertara” as coisas para Candy e Wally mais seguramente do que a paralisia de Wally ou qualquer sentimento de traição e culpa que pudesse atormentar Candy.

“Candy está certa: não se preocupe com Angel”, escrevera Wilbur Larch a Homer Wells. “Angel receberá bastante amor. Por que ele se sentiria como um órfão se nunca o é? Se você é um bom pai para ele e Candy é uma boa mãe – e se ele também tem Wally a amá-lo –, acha que ele vai começar a acalentar alguma ideia de quem poderia ser o seu suposto pai verdadeiro? O problema não vai ser de Angel. O problema será seu. Vai querer que ele saiba que você é o pai verdadeiro, por sua própria causa – não porque ele precise saber. O problema é que você vai precisar dizer a ele. Você e Candy. Você vai se sentir orgulhoso. Será por você e não por Angel que vai querer dizer a ele que não é nenhum órfão.”

E, para si mesmo ou como um registro em *Uma breve história de St. Cloud's*, Wilbur Larch escreveu: “Aqui em St. Cloud's só temos

um problema. Seu nome é Homer Wells. Ele é um problema, onde quer que vá.”

Além da escuridão nos olhos e da capacidade de manter um olhar pensativo e distante, que era ao mesmo tempo alerta e sonhador, Angel Wells se parecia muito pouco com o pai. Nunca pensava em si mesmo como um órfão; sabia que fora adotado e sabia que vinha do mesmo lugar de onde seu pai saíra. E sabia que era amado; sempre o sentira. Que importância tinha se ele chamava Candy de “Candy” e Homer de “papai” – e Wally de “Wally”?

Aquele era o segundo verão em que Angel Wells se tornara bastante forte para carregar Wally – subindo alguns degraus, para as ondas, da parte rasa da piscina para a cadeira de rodas. Homer ensinara Angel a carregar Wally para as ondas, quando iam à praia. Wally nadava melhor do que todos eles, mas precisava alcançar água bastante funda para poder flutuar por cima de uma onda ou mergulhar por baixo.

– Não pode deixar que ele seja arrastado na água rasa – explicara Homer ao filho.

Havia algumas regras em relação a Wally (sempre havia regras, observara Angel). Por melhor nadador que fosse, Wally nunca podia nadar sozinho; já há muitos verões que Angel era o guarda-vida de Wally, sempre que Wally dava suas braçadas ou simplesmente boiava na piscina. Quase a metade do contato físico entre Wally e Angel ocorria na água, onde pareciam lontras ou focas. Engalfinhavam-se e jogavam água um no outro com tanta exuberância que Candy às vezes não podia deixar de ficar preocupada por ambos.

E Wally também não tinha permissão para dirigir sozinho; embora o Cadillac tivesse controles manuais, alguém precisava desmontar a cadeira de rodas e colocá-la ou tirá-la da mala do carro. De vez em quando, Wally podia se arrastar pelo andar térreo da casa usando um desses andadores de metal, já que suas pernas

eram apenas decorativas; em terreno desconhecido, precisava da cadeira de rodas – e em terreno mais difícil, precisava de alguém para empurrá-la.

Eram incontáveis as vezes em que Angel fora o empurrador; eram incontáveis as vezes em que Angel fora passageiro no Cadillac. Homer e Candy poderiam ter protestado, se soubessem, mas há muito que Wally ensinara Angel a dirigir o Cadillac.

– Os controles manuais tornam tudo mais fácil, garoto – dizia Wally. – Não precisa ter pernas bastante compridas para alcançar os pedais.

Não fora o que Candy dissera a Angel sobre a possibilidade de ensiná-lo a dirigir no jipe.

– Assim que suas pernas estiverem bastante compridas para alcançar os pedais – prometera ela a Angel, beijando-o (o que fazia sempre que tinha um pretexto) –, ensinarei você a dirigir.

Quando chegou o momento, nunca ocorreu a Candy que Angel aprendera tão facilmente porque há anos vinha dirigindo o Cadillac.

– Algumas regras são boas, garoto – dizia Wally a Angel, beijando-o (o que Wally fazia muito, especialmente na água). – Mas algumas regras são apenas regras. Tem apenas de violá-las com bastante cuidado.

– É uma estupidez que eu tenha de esperar até os 16 anos para tirar a carteira de motorista – disse Angel ao pai.

– Certo – disse Homer Wells. – Deveriam abrir uma exceção para garotos que são criados em fazendas.

Às vezes, Angel jogava tênis com Candy, porém com mais frequência devolvia as bolas para Wally, que ainda dava boas raquetadas, apesar de sentado. Os sócios do clube haviam se queixado um pouco das marcas da cadeira de rodas na argila – mas o que seria o Haven Club sem tolerar uma que outra excentricidade Worthington? Wally ajeitava a cadeira de rodas numa posição fixa e só dava golpes de frente, por 15 ou 20 minutos; a responsabilidade

de Angel era lançar as bolas para ele com precisão. Depois, Wally deslocava a cadeira e só desfechava *backhands*.

– No fundo, garoto, o exercício é melhor para você do que para mim – dizia Wally a Angel. – Pelo menos eu não estou ficando melhor.

Angel estava jogando cada vez melhor; já era tão melhor do que Candy que às vezes magoava os sentimentos da mãe, quando ela percebia como eram enfadonhas para Angel as partidas que disputavam.

Homer Wells não jogava tênis. Nunca fora um homem de competições esportivas, resistira até mesmo ao futebol americano em St. Cloud's – embora de vez em quando gostasse do beisebol, geralmente com a enfermeira Angela lançando, pois suas bolas eram as mais difíceis de rebater. E Homer Wells não tinha hobbies – nada além de seguir Angel por toda parte, como se Homer fosse o cachorrinho de estimação do filho, esperando por um afago. Brigas de travesseiros no escuro; haviam sido populares por alguns anos. Troca de beijos de boa-noite e depois encontrar pretextos para repetir o ritual – e encontrar novas maneiras de acordar um ao outro pela manhã. Se Homer estava entediado, também andava muito ocupado. Continuara em seu trabalho voluntário para o hospital de Cape Kenneth; num certo sentido, nunca cessara o seu esforço de guerra, nunca suspendera o serviço de auxiliar de enfermagem. E era um veterano leitor de literatura médica. *The Journal of the American Medical Association* e *The New England Journal of Medicine* estavam empilhados nas mesas e estantes da casa em Ocean View. Candy protestava contra as ilustrações em *The American Journal of Obstetrics and Gynecology*.

– Preciso de um pouco de estímulo intelectual por aqui – dizia Homer Wells, sempre que Candy se queixava da natureza gráfica do material.

– Apenas acho que Angel não deve ver – insistia Candy.

- Ele sabe que tenho alguma experiência no assunto.
- Não tenho qualquer objeção a que ele saiba, apenas não quero que veja as ilustrações.
- Não há motivo para mistificar o assunto para o garoto – interveio Wally, tomando o partido de Homer.
- E também não há necessidade de tornar o assunto grotesco – argumentou Candy.
- Pois *eu* não acho que seja um mistério ou grotesco – declarou Angel, que naquele verão estava com 15 anos. – É apenas interessante.
- Você ainda nem está saindo com garotas – disse Candy, rindo e aproveitando a oportunidade para beijá-lo.

Mas quando se inclinou para beijá-lo, ela viu no colo do filho a ilustração de um artigo sobre operações vaginais. A ilustração indicava as linhas de incisão para a remoção da vulva e um tumor primário, numa vulvectomy radical ampla.

- Homer! – gritou Candy.

Homer estava lá em cima, em seu quarto frugal. Sua vida fora tão frugal que ele pregara apenas duas coisas em suas paredes – e uma dessas paredes era do banheiro. Ao lado da cama ele tinha uma fotografia de Wally com a echarpe e o blusão de couro de aviador. Wally posava com a tripulação do *Oportunidade Bate*; a sombra da asa do avião escuro obscurecia por completo o rosto do operador de rádio, e o clarão do sol indiano embranquecia por completo o rosto do mecânico (que acabou morrendo de sua complicação no cólon); somente Wally e o copiloto estavam iluminados corretamente, embora Homer já tivesse visto fotografias melhores de ambos. Todos os Natais, o copiloto enviava a Wally uma fotografia sua e de sua crescente família. Tinha cinco ou seis filhos e uma esposa gorducha, mas todos os anos o copiloto parecia mais magro (a ameba que pegara na Birmânia nunca o deixara inteiramente).

E no banheiro Homer pregara o questionário em branco, a cópia extra – a que nunca enviara para o conselho de administração de St. Cloud's. A exposição ao vapor do chuveiro dera ao papel do questionário a textura de uma aba apergaminhada de abajur, mas cada pergunta permanecia legível e idiota.

O quarto principal era mais alto do que a maioria (porque Sênior Worthington gostava de olhar pela janela enquanto continuava deitado); era um detalhe que Homer também apreciava. Ele podia ver a piscina lá em cima e também avistar o telhado da casa de sidra; gostava de ficar deitado naquela cama por horas, apenas olhando pela janela.

– Homer! – gritou Candy. – Por favor, venha ver o que seu filho está lendo!

Era assim que todos falavam. Candy sempre dizia “seu filho” a Homer, a maneira como Wally também falava, enquanto Angel sempre dizia “papai” quando se dirigia a Homer. Fora um relacionamento ininterrupto de 15 anos – Homer e Angel lá em cima, Wally e Candy na sala de jantar reformada em quarto lá embaixo. Os quatro faziam as refeições juntos.

Algumas noites – especialmente no inverno, quando as árvores desfolhadas permitiam uma vista mais ampla das janelas iluminadas da sala de estar e cozinha da casa de estranhos –, Homer Wells gostava de dar um pequeno passeio de carro antes do jantar. Especulava sobre as famílias que jantavam juntas – como seriam sua vida real? St. Cloud's fora mais previsível. O que alguém podia de fato saber sobre todas aquelas famílias sentadas juntas para uma refeição?

– Nós *somos* uma família, isso não é o mais importante? – indagava Candy a Homer Wells, sempre que ele parecia estar demorando mais e mais em seus passeios antes do jantar.

– Angel tem uma família, uma família realmente maravilhosa – concordava Homer. – Tem razão, isso é o mais importante.

E quando Wally dizia a ela como era feliz, como se sentia o mais afortunado dos homens vivos – como qualquer um renunciaria às pernas para ser tão feliz quanto Wally era –, essas eram as noites em que Candy não conseguia dormir; essas eram as noites em que ela pensava em Homer Wells, que também estava desperto. Algumas noites eles se encontravam na cozinha – tomavam leite e comiam torta de maçã. Algumas noites, quando estava quente, eles se sentavam à beira da piscina, sem se tocarem; para qualquer observador, o espaço entre os dois indicaria uma briga (embora eles raramente brigassem) ou então indiferença (mas eles nunca eram indiferentes um ao outro). A maneira como sentavam à beira da piscina lembrava a ambos como costumavam sentar no píer de Ray Kendall, antes de sentarem mais perto ali. Se ficavam muito conscientes dessa lembrança e sentiam saudades do píer ou de Ray (que morrera antes de Angel ter idade suficiente para ter qualquer lembrança dele) –, isso estragava a noite à beira da piscina e os forçava a voltarem para seus quartos separados, onde permaneciam acordados por mais algum tempo.

À medida que foi ficando mais velho (e quase tão insone quanto o pai), Angel Wells muitas vezes observava Homer e Candy sentados à beira da piscina, que também podia ver da janela de seu quarto. Se Angel pensava em alguma coisa sobre os dois sentados ali, era por que dois velhos amigos se mantinham tão apartados.

Raymond Kendall morrera pouco depois de Wally e Candy casarem. Foi morto quando o viveiro de lagostas explodiu; todo o píer foi destruído e seu barco afundou, dois automóveis antigos em que estava trabalhando foram arremessados pela explosão através do estacionamento para a estrada, por uma distância de 25 metros – como se tivessem chegado lá por sua própria força. Até mesmo a janela panorâmica do Haven Club foi destruída pela explosão, mas aconteceu tão tarde que o bar já se encontrava fechado e nenhum dos seus bebedores habituais estava presente para testemunhar seu monstro predileto ser eliminado da enseada de Heart's Haven.

Ray estava mexendo em seu torpedo de fabricação caseira; apesar de seu lendário gênio mecânico, devia ter encontrado alguma coisa que não conhecia num torpedo. O infortúnio de alguém que se ama pode despertar o sentimento de culpa; Candy lamentou não ter contado ao pai sobre Homer e Angel Wells. Não foi consolo para ela imaginar que Ray já sabia de tudo; ela compreendera, pelos silêncios do pai, que ele queria ouvir tudo de seus próprios lábios. Contudo, nem mesmo a morte do pai podia impelir Candy Kendall a contar sua história a alguém.

Para o sul, pela estrada litorânea, até o Powell's Ice Cream Palace, caíram lagostas mortas e fragmentos delas, no estacionamento e na estrada. Isso levou Herb Fowler (que nunca era surpreendido sem alguma coisa engraçada para dizer) a perguntar ao velho Sr. Powell se estava inventando um novo sabor de sorvete.

Herb esperara pelo verão em que Angel Wells completou 15 anos antes de lançar-lhe sua primeira camisa de vênus. Os sentimentos de Angel ficaram um pouco magoados porque Herb não o iniciara mais cedo. O amigo e colega de trabalho de Angel, o atarracado Pete Hyde, era apenas uns poucos meses mais velho do que Angel (e não tão desenvolvido, sob incontáveis aspectos), e Angel sabia que Herb Fowler já lhe arremessara uma camisa de vênus na cabeça, quando Pete tinha 13 anos. O que Angel ainda não percebera era que Pete Hyde pertencia a uma família das classes trabalhadoras de Ocean View, enquanto ele, Angel, embora trabalhasse com os empregados, era da família do patrão.

Os trabalhadores sabiam que Homer Wells dirigia Ocean View. Era o que mais comandava. Isso não surpreenderia Olive, e era evidente que Candy e Wally sentiam-se gratos pela autoridade de Homer. Talvez porque soubessem que Homer viera de St. Cloud's, os trabalhadores achavam que Homer estava mais perto deles; ele vivia no que Big Dot Taft chamava de "a casa de luxo", mas era como um deles. Nenhum dos trabalhadores se ressentia por Homer ser o chefe, com a possível exceção de Vernon Lynch, que se ressentia de

toda e qualquer autoridade – e ainda mais desde a morte de Grace Lynch.

Candy, que cuidava dos problemas das esposas dos trabalhadores, descobrira que Grace estava grávida; ela morreria de peritonite aguda, depois de uma tentativa desastrada de ela mesma fazer um aborto. Homer, que muitas vezes se perguntaria por que ela não preferira fazer uma segunda viagem a St. Cloud's, gostava de pensar que Grace não morreria em vão. Fora a sua morte (e a reação particularmente fria do Dr. Harlow) que levara a enfermeira Caroline a pedir demissão do hospital de Cape Kenneth, como Homer Wells vinha se exortando a fazer. A enfermeira Caroline finalmente aceitou a sugestão de Homer e foi oferecer seus serviços em St. Cloud's.

– Homer Wells me mandou – disse a enfermeira Caroline, ao se apresentar a Wilbur Larch.

Apesar da idade, o velho não se tornara negligente.

– Mandou para quê?

– Sou uma enfermeira experiente – respondeu ela. – Vim aqui para ajudá-lo.

– Ajudar a fazer o quê? – perguntou Larch, que não era muito convincente na demonstração de inocência.

– Acredito na obra de Deus – declarou a enfermeira Caroline, exasperada.

– Por que não disse logo?

Portanto, ele me deu alguma coisa além de macieiras, meditou o velho. O que significa que ainda há esperança para ele.

A enfermeira Angela e a enfermeira Edna ficaram tão aliviadas por contar com a enfermeira Caroline que nem mesmo sentiram ciúme. Ali estava o sangue novo que podia manter o conselho de administração a distância por mais algum tempo.

– A nova enfermeira é uma melhoria inegável na situação – confidenciou o Dr. Gingrich ao conselho. – Eu diria que ela atenua

muito da pressão para se tomar uma decisão imediata. (Como se eles não estivessem tentando substituir o velho a cada minuto!)

– Eu preferia um jovem médico a uma jovem enfermeira – declarou a Sra. Goodhall. – Um jovem médico e um jovem administrador. Sabem como me sinto em relação aos arquivos. Os registros daquele lugar são completamente extravagantes. Mas pelo menos é uma melhora temporária. Não posso deixar de concordar.

Se pudesse ouvi-la, Wilbur Larch teria dito:

– Basta me conceder algum tempo, madame, e lhe darei muito mais do que isso.

Mas em 195 – Wilbur Larch estava com noventa e alguns anos. Às vezes seu rosto permanecia tão imóvel sob o cone de éter que a máscara continuava no lugar mesmo depois que a mão caía para o lado; somente a força de suas exalações fazia com que o cone caísse. Ele emagrecera muito. Num espelho ou viajando com seu amado éter, tinha a impressão de que estava se tornando um pássaro. Somente a enfermeira Caroline teve a coragem de criticar o seu hábito da droga.

– Deveria saber que não é certo, logo você, entre todas as pessoas – comentou a enfermeira Caroline, em tom um tanto rude.

– Eu entre todas as pessoas? – indagou Larch, com uma expressão de inocência; às vezes ele achava que era divertido provocá-la.

– Tem uma opinião desfavorável da religião.

– Acho que sim – respondeu Larch, cauteloso; sabia que a enfermeira Caroline era muito jovem e rápida para ele.

– E o que acha que uma dependência de droga é... senão uma espécie de religião?

– Não tenho nada contra alguém em oração – disse Wilbur Larch.

– A oração é pessoal... a oração é uma opção de cada um. Ore para quem ou para o que quiser! O problema surge quando se começa a fazer regras.

Mas ele se sentia perdido. Sabia que a enfermeira Caroline podia envolvê-lo por completo na conversa. Admirava o socialismo, mas conversar com uma socialista era como falar com um autêntico crente. Ouvira-a dizer, muitas vezes, que uma sociedade que aprovava a ilegalidade do aborto era uma sociedade que aprovava a violência contra as mulheres; que tornar o aborto ilegal era simplesmente uma forma hipócrita de violência contra as mulheres – era apenas uma maneira de legalizar a violência contra as mulheres, dizia a enfermeira Caroline. Ouvira-a dizer muitas vezes que os abortos não apenas eram uma questão de liberdade de escolha pessoal, mas também uma responsabilidade do Estado que devia providenciá-los.

– Assim que o Estado começar a fornecer tais serviços, vai se sentir livre para impor regras também! – apressou-se Larch a protestar.

Era um comentário típico de ianque – típico do Maine. Mas a enfermeira Caroline sorriu. Isso o levou a mais uma discussão com ela; a enfermeira Caroline sempre conseguia atraí-lo para a armadilha. Larch não era um homem de sistemas, era apenas um bom homem.

– Num mundo melhor... – começou ela, paciente.

A paciência que a enfermeira Caroline demonstrava com ele podia deixar Larch furioso.

– Não, *não* num mundo melhor! – gritou Larch. Neste... *neste* mundo. Aceito este mundo como ele é. Fale-me sobre este mundo!

Mas tudo sempre o deixava muito cansado. E querendo um pouco de éter, Quanto mais tentava acompanhar a enfermeira Caroline, mais precisava de éter; e quanto mais forte sentia a necessidade de éter, mais isso fazia com que ela estivesse certa.

– Não posso estar certo sempre – murmurou Larch, cansado.

– Sei disso – respondeu a enfermeira Caroline, compreensiva. – É porque até um homem de bem não pode estar sempre certo que

precisamos de uma sociedade, precisamos de determinadas regras... chame-as de prioridades, se assim preferir.

– Pode chamar de qualquer coisa que quiser – disse Wilbur Larch, irritado. – Não tenho tempo para filosofia, governo ou religião. Não tenho tempo suficiente.

Sempre, no fundo de sua mente, havia um bebê recém-nascido chorando; mesmo quando o orfanato estava tão silencioso quanto os poucos prédios abandonados restantes de St. Cloud's – mesmo quando estava espectralmente quieto –, Wilbur Larch ouvia bebês chorando. E não estavam chorando para nascer, ele sabia; estavam chorando porque haviam nascido.

Naquele verão, Mister Rose escreveu para informar que ele “e a filha” podiam chegar um dia ou dois antes dos colhedores; esperava que a casa de sidra já estivesse pronta.

– Já faz bastante tempo que não vemos a filha – comentou Wally, no escritório do mercado de maçãs.

Everett Taft estava lá fora, colocando óleo na cadeira de rodas. Por isso, Wally sentava à mesa – as pernas murchas balançando inertes, os pés sem uso em mocassins impecavelmente engraxados; os mocassins tinham mais de 15 anos. Candy estava brincando com a máquina de calcular e disse:

– Acho que a filha é mais ou menos da idade de Angel.

– Certo – disse Homer Wells.

Wally atingiu Homer com um murro bem lançado – o único tipo de golpe que ele podia desferir, sentado. Como Homer estava encostado na mesa e Wally sentado empertigado, o soco o acertou em cheio no rosto, pegando-o completamente de surpresa. O golpe surpreendeu tanto Candy que ela empurrou a máquina de calcular pela beira da mesa. A máquina caiu com estrondo no chão do escritório; quando Homer bateu no chão, não foi tão estrondosamente ou como um peso morto como a máquina de

calcular, mas assim mesmo o impacto foi grande. Ele levou a mão ao rosto, onde em breve teria um hematoma.

– Wally! – exclamou Candy.

– Estou cheio disso! – berrou Wally. – Está na hora de você aprender uma palavra nova, Homer!

– Santo Deus, Wally! – balbuciou Candy.

– Estou bem – disse Homer, mas permaneceu sentado no chão do escritório.

– Desculpe – murmurou Wally. – Mas me dá nos nervos você falar “certo” o tempo todo.

Embora não cometesse aquele erro em particular há anos, Wally levantou-se com os braços – deve ter lhe parecido que o apropriado a fazer seria levar as pernas para o chão e ajudar Homer a ficar de pé; esquecera que não podia andar. Se Candy não o pegasse por baixo dos braços e o abraçasse – peito contra peito –, Wally teria caído. Homer levantou-se e ajudou Candy a ajeitar Wally de volta na cadeira.

– Desculpe, companheiro – disse Wally, encostando a cabeça no ombro de Homer.

Homer não disse “certo”. Candy foi buscar um pouco de gelo envolto numa toalha para o rosto de Homer, que disse:

– Não foi nada, Wally. Está tudo bem.

Wally debruçou-se um pouco para a frente e Homer inclinou-se por cima dele; as testas se tocaram. Mantiveram essa posição, até que Candy voltou com o gelo.

Na maioria dos dias, durante 15 anos, Candy e Homer pensaram que Wally sabia de tudo, aceitava tudo, mas ressentia-se por não terem lhe falado. Ao mesmo tempo, Homer e Candy imaginavam que era um alívio para Wally – que ele não precisava admitir que sabia de tudo. Em que situação nova e constrangedora poriam Wally se lhe contassem agora? O mais importante não era que Angel não soubesse? Ou pelo menos não soubesse até que Candy e Homer lhe

contassem; o importante era que Angel não descobrisse por intermédio de qualquer outra pessoa. O que quer que Wally soubesse, jamais contaria a Angel.

Se Homer estava surpreso, a surpresa maior era porque Wally nunca o agredira antes.

– O que foi aquilo? – perguntou Candy a Homer, à noite, quando estavam sentados, a sós, à beira da piscina.

Algum inseto grande e zumbidor estava preso na folhagem; podiam ouvir suas asas batendo contra as folhas encharcadas. O que quer que fosse, foi se tornando cada vez mais fraco.

– Acho que é irritante a maneira como eu digo “certo” o tempo todo – comentou Homer.

– Wally sabe – disse Candy.

– É o que você tem pensado há 15 anos.

– E você acha que ele não sabe, Homer?

– Acho que ele ama você e você o ama. Acho que ele sabe que nós amamos Angel. E acho que Wally também ama Angel.

– Mas você acha que ele sabe que Angel é *nosso*? – insistiu Candy.

– Não sei – respondeu Homer. – Mas sei que um dia Angel tem de saber que é nosso. Acho que Wally sabe que eu o amo.

– E que eu amo você? – indagou Candy. – Ele sabe disso?

– Você me ama às vezes. Não com muita frequência.

– Eu não estava falando sobre sexo – murmurou Candy.

– Eu estava.

Eles haviam sido cuidadosos e – na opinião de ambos – quase perfeitos. Desde que Wally voltara da guerra, Homer e Candy haviam feito amor apenas 270 vezes – uma média de 18 vezes por ano, somente uma vez e meia por mês; eram extremamente cuidadosos, como só eles sabiam. Era outra coisa em que Candy exigira que Homer concordasse: pelo bem de Wally e de Angel – pelo que Candy chamava de suas famílias –, nunca podiam ser

surpreendidos; e nunca haviam causado a ninguém o menor embaraço. Se alguém os visse algum dia, eles iriam parar, para sempre.

Era por isso que não haviam contado a Wally. Porque Wally não aceitaria que os dois houvessem pensado que ele estivesse morto – não apenas desaparecido –, que haviam precisado um do outro e também quiseram Angel? Sabiam que Wally aceitaria. Quem não podia aceitar o que acontecera? O que estava acontecendo *agora* era o que eles sabiam que Wally queria saber e não podiam lhe contar.

Havia outra coisa com que precisavam tomar cuidado. Como Wally era estéril, o fato de Candy engravidar parecia milagroso demais para se acreditar. Porque a esterilidade de Wally não era uma decorrência da encefalite, ele levaria vários anos para descobrir que era estéril. Lembraria a instrumentação suja em sua uretra, mas lembraria gradativamente – da maneira como lembrou todo o resto da Birmânia. Depois que soube que seu epidídimo estava obstruído, pelo resto da vida, ele recordou a especificidade dos vários pedaços de bambu; às vezes parecia que podia recordar nitidamente cada sonda que o aliviara.

Não há diferença na sensação do orgasmo; Wally gostava de enfatizar esse ponto em particular para Homer Wells. Wally chamava de um “tiro”; Homer era a única pessoa com quem Wally podia gracejar sobre o seu estado.

– Ainda posso mirar a arma e a arma ainda dispara, ainda explode com um estampido... para mim – dizia Wally. – A diferença é que ninguém jamais encontra a bala.

Wally lembrava de vez em quando que toda vez que um birmanês na sampana lhe aplicava a sonda – pelo que sempre se sentia grato –, nunca havia muita hemorragia, mesmo quando o bambu não era de todo reto; seu sangue parecia pálido e mínimo,

em comparação com as manchas mais sangrentas do sumo de areca que todos cuspiam no convés.

Se Homer Wells a engravidasse de novo, Candy o obrigara a prometer que – desta vez – *e/le* lhe faria um aborto. Ela não poderia enganar Wally sobre outra viagem a St. Cloud's; e não o enganaria, garantiu. E, assim, essa condição adicional – de que Candy jamais engravidasse – contribuiu para a moderação dos intercursos, que quase sempre eram conduzidos sob circunstâncias bastante austeras para merecer a aprovação dos primeiros e puritanos colonos da Nova Inglaterra. Mas não mereceriam a aprovação de Wilbur Larch.

Eles não estabeleceram qualquer padrão de comportamento que pudesse deixar alguém desconfiado. (Como se todos já não estivessem desconfiados, independentemente da maneira como se comportavam!) Não havia um lugar certo onde se encontravam, nenhum dia certo, nenhuma hora do dia. Nos meses de inverno, quando Angel – depois das aulas – levava Wally para nadar na piscina interna de uma academia particular para meninos, Homer e Candy podiam se encontrar de vez em quando no final da tarde. Mas a cama de Homer, que fora de Olive, que também sofria de todas as conotações do quarto principal, era repleta de emoções conflitantes para ambos – e a cama que Candy partilhava com Wally também tinha os seus tabus. Raramente faziam viagens. A casa de sidra só podia ser usada no final do verão, depois de ter sido arrumada para a turma da colheita; mas desde que aprendera a dirigir, Angel costumava circular pelos pomares – tinha permissão para dirigir qualquer um dos veículos da plantação, desde que se mantivesse longe das estradas públicas; seu amigo atarracado, Pete Hyde, muitas vezes o acompanhava. Homer desconfiava que Pete e Angel usavam a casa de sidra para tomar cerveja em segredo, sempre que podiam convencer Herb Fowler a lhes comprar cerveja; ou que iam até lá para a emoção dos 15 anos de fumar cigarros. E à noite, acossados pela insônia, para onde Candy e Homer podiam desaparecer, agora que Angel também era insone?

Homer Wells sabia que não havia motivo para ocorrer um acidente – nenhum motivo para Candy engravidar (era impossível, sabendo o que Homer sabia) – e também nenhum motivo para que fossem descobertos. Mas por serem tão sensatos e tão discretos, Homer lamentava a perda da paixão com que ele e Candy haviam inicialmente colidido. Embora ela insistisse (e ele concordasse), Homer achava absolutamente desnecessário escrever ao Dr. Larch para pedir (o que ele fez) o equipamento apropriado para cuidar da emergência que Candy temia.

Durante 15 anos, Homer lhe dissera:

– Você não vai ficar grávida. Não pode ficar.

– Tem tudo de que precisa, se for necessário? – Ela sempre perguntava.

– Tenho.

Ele melhorara bastante do hábito de dizer “certo” desde que Wally o agredira. E quando a palavra escapulia, era quase sempre acompanhada por um estremecimento igualmente involuntário – como na expectativa de outro soco, como se qualquer um a quem dissesse a palavra pudesse se sentir tão irritado quanto Wally e fosse tão rápido quanto Mister Rose.

Wilbur Larch interpretara erradamente o pedido de Homer por instrumentos. Por 15 anos, ele interpretara erradamente. Mandara tudo prontamente. Havia um espéculo vaginal médio e um grande, um espéculo de Auvard com contrapeso; havia um jogo de dilatadores com pontas Douglass – e uma sonda uterina, uma cureta de biópsia uterina, dois fórceps, um jogo de curetas uterinas de Sim e uma cureta uterina de Rheinstater. Larch mandou uma quantidade grande de solução de Dakin e de mertiolate vermelho (e muitos tampões vulvares esterilizados), o suficiente para Homer realizar abortos pelo próximo século.

“Eu NÃO estou no negócio!”, escreveu Homer para o Dr. Larch. Mas o Dr. Larch permaneceu animado pelo simples fato de Homer

estar de posse do equipamento necessário.

Homer envolveu os instrumentos com algodão e gaze; pôs tudo num saco impermeável que outrora contivera as fraldas de Angel. Guardou os instrumentos, juntamente com o mertiolate, a solução de Dakin e todos os tampões vulvares, no fundo do armário de roupas de cama, no segundo andar. Homer guardava o éter no mesmo barraco em que ficavam as ferramentas do jardim. O éter era inflamável; não o queria na casa.

Contudo, na uma vez e meia por mês que podia estar com Candy, perturbava-o constatar que em sua união havia (mesmo depois de 15 anos) um frenesi com que aderiam um ao outro que não pareceria débil em comparação com o primeiro de tais encontros, na casa de sidra. Mas desde a primeira vez que Melony iniciara Homer Wells no sexo – e fora apenas durante o breve período do que lhe parecia ser a sua “vida conjugal” com Candy em St. Cloud’s que ele experimentara algo do que é o sexo em termos ideais –, ele era de opinião que o sexo pouco tinha a ver com o amor, que o amor era muito mais concentrado e sentido em momentos de ternura e preocupação. Há anos (por exemplo) que ele não via Candy dormindo e não era a pessoa que a despertava; há anos que ele não a via adormecer e permanecia acordado para contemplá-la.

Essa ternura ele reservava para Angel. Quando Angel era menor, Homer de vez em quando encontrava Candy na escuridão do quarto de Angel e até partilharam algumas noites daquela admiração e espanto silencioso em que os pais se lançam ao contemplarem os filhos dormindo. Mas Homer adormecera em muitas noites na cama desocupada ao lado da cama de Angel, apenas escutando a respiração do filho; afinal, Homer passara a infância tentando dormir em um quarto em que uma população inteira estava deitada respirando.

E havia um sentimento mais repleto de amor, perguntava-se, do que acordar uma criança pela manhã? Repleto de amor e satisfação, ao mesmo tempo, concluía Homer Wells. Era com Angel que ele sentia um amor assim; se Candy tinha momentos assim, imaginava Homer, tinha de ser com Wally. Os prazeres de um órfão são estanques. Em St. Cloud's, era melhor ter fome pela manhã; nunca faltavam panquecas. Havia sexo, o que exigia bom tempo (e também Melony, é claro); havia atos de perambulação e destruição (Melony outra vez, em qualquer tempo); havia atos solitários e momentos de reflexão, que só podiam ocorrer quando chovia (e somente sem Melony). Por mais que desejasse uma família, Homer Wells não estava preparado para avaliar a natureza flexível de uma família.

Naquele mês de julho – era uma tarde de sábado, quente e indolente –, Homer estava boiando na piscina; passara a manhã toda nos pomares, cobrindo com palha as raízes das mudas. Angel trabalhara com ele e agora estava fora da piscina, mas ainda molhado; jogava uma bola de beisebol com Wally. Wally estava sentado no gramado, numa pequena elevação, perto da piscina, enquanto Angel ficava no deque. Jogavam a bola de um lado para o outro, sem se falar, concentrando-se nos arremessos. Wally lançava a bola com força considerável para alguém sentado, mas Angel tinha mais vigor com a bola, que emitia um estalido agradável ao bater nas luvas grandes.

Candy veio do escritório no mercado de maçãs. Usava as roupas de trabalho – jeans, uma blusa cáqui com bolsos enormes e dragonas, botas, um gorro de beisebol dos Red Sox de Boston, com a pala virada para trás. (Ela se preocupava mais em proteger os cabelos do sol do que o rosto, porque no verão sua lourice podia se tornar mais clara, o que ela sabia que ressaltava os fios brancos.)

– Sei que os homens estão fora dos pomares ao meio-dia de sábado – disse ela, com as mãos nos quadris –, mas as mulheres trabalham no mercado até as três.

Homer parou de boiar; deixou que os pés tocassem no fundo e continuou na piscina, a água à altura do peito, olhando para Candy. Wally virou a cabeça por cima do ombro para fitá-la e depois atirou a bola para Angel, que a arremessou de volta.

– Por favor, parem com essa bola enquanto estou tentando dizer uma coisa – pediu Candy.

Wally segurou a bola e perguntou: – O que está tentando dizer?

– Acho que aos sábados, enquanto há pessoas trabalhando no mercado, vocês deveriam se abster de se divertir na piscina... todos podem ouvi-los, e acho que provoca algum ressentimento.

– Por quê? – indagou Angel.

– Por vocês se divertirem e viverem na casa de luxo, como eles chamam, enquanto os outros têm de trabalhar.

– Pete não está trabalhando – disse Angel. – Ele pegou uma carona para ir à praia.

– Pete Hyde é um garoto – afirmou Candy. – Sua mãe ainda está trabalhando.

– Mas eu também não sou um garoto? – perguntou Angel, jovialmente.

– Não estou me referindo a você, especialmente. – Candy olhou para Homer e Wally. – E vocês dois?

– Eu também sou um garoto – disse Wally, jogando a bola de volta para Angel. – De qualquer forma, a única coisa que faço o dia inteiro é me divertir.

Angel riu e arremessou a bola, mas Homer Wells lançou um olhar furioso para Candy da piscina.

– *Você* entende o que estou querendo dizer, Homer? – perguntou Candy.

Homer afundou na água; prendeu a respiração por algum tempo e, quando tornou a subir para respirar, Candy passava pela porta da cozinha. A porta de tela foi batida com estrondo.

– Ora, não fique assim! – gritou Wally para ela. – Claro que entendemos o que você quis dizer!

E foi nesse momento que Homer falou. Cuspiu um pouco de água e disse a Angel:

– Vá dizer à sua mãe que se ela trocar de roupa nós a levaremos à praia.

Angel já estava na metade do caminho para casa antes de registrar o que Homer dissera; e Wally disse a Angel:

– Peça a ela para trocar de ânimo também. – Depois que Angel entrou na cozinha, Wally disse:

– Acho que ele nem percebeu o que você falou, meu velho.

– Acontece que ela é uma verdadeira mãe para ele... não posso deixar de pensar em Candy assim.

– Tenho certeza de que é difícil não pensar nela de qualquer forma que você quiser – comentou Wally.

– Como assim?

– Ela é manipuladora, não é?

Homer tornou a afundar a cabeça na água – era um lugar frio para pensar.

– Manipuladora? – murmurou ele, quando aflorou à superfície.

– Alguém tem de saber o que fazer – disse Wally. – Alguém tem de tomar decisões.

Homer Wells, que sentiu a palavra “certo!” subindo pela garganta, como uma bolha incontrollável aflorando da piscina, pôs a mão na boca e olhou para Wally, sentado em sua elevação, as costas empertigadas, a luva de beisebol no colo, a bola na mão (o braço engatilhado para o arremesso). Homer Wells sabia que se a palavra tivesse lhe escapado a bola seria lançada no instante em que o “certo!” se encontrasse no ar – e provavelmente antes que Homer tivesse tempo de afundar na água outra vez.

– Ela tem alguma razão – disse Homer Wells.

– Ela sempre tem. E não acha que está envelhecendo bem?

– Muito bem – respondeu Homer, saindo da piscina.

Ele cobriu o rosto molhado com uma toalha; com os olhos fechados, podia ver o delicado rendado de rugas nos cantos dos olhos de Candy e as sardas no colo, que deixara pegar muito sol ao longo dos anos. Havia também as bem poucas, porém mais profundas, rugas que se estendiam pelo abdome antes liso; Homer sabia que eram estrias; especulou se Wally saberia de sua causa. E havia as veias que cada vez ganhavam mais proeminência no dorso das mãos compridas de Candy; mas ainda era uma bela mulher.

Quando Angel e Candy saíram da casa – estavam prontos para ir à praia –, Homer observou o filho atentamente, a fim de descobrir se ele notara que se referira a Candy como “sua mãe”; mas Angel estava como sempre, e Homer não podia dizer se percebera o seu deslize. Homer especulou se deveria contar a Candy que Wally percebera.

Foram no jipe amarelo-limão de Candy, com ela ao volante; Wally sentou na frente, no banco confortável, enquanto Homer e Angel ficaram atrás. Durante todo o percurso até a praia, Wally limitou-se a olhar pela janela, atentamente, como se estivesse vendo pela primeira vez a estrada entre Heart’s Rock e Heart’s Haven. Como se, pensou Homer Wells, Wally tivesse acabado de abandonar o avião – sobre a Birmânia – e o para-quedas tivesse acabado de se abrir, como se estivesse procurando um lugar para pousar.

Essa foi a primeira vez em que Homer teve certeza de que Candy estava certa.

Ele sabe, pensou Homer. Wally sabe.

O mercado de maçãs nunca mudava. Era também uma família. Somente Debra Pettigrew se fora; a irmã caçula de Big Dot Taft casara com um homem de New Hampshire e só voltava a Heart’s Rock no Natal. Todos os Natais, Homer Wells levava Angel para St. Cloud’s. Faziam um desjejum de Natal com Candy e Wally, trocavam

muitos presentes; depois, levavam muitos outros presentes para St. Cloud's. Chegavam lá ao final da tarde ou início da noite, partilhavam o jantar de Natal com todos. Como a enfermeira Angela chorava! A enfermeira Edna chorava quando eles partiam. O Dr. Larch se mostrava afável, mas reservado.

O mercado de maçãs era quase tão constante quanto St. Cloud's – sob certos aspectos, o mercado de maçãs era mais constante, porque as pessoas não mudavam, enquanto em St. Cloud's os órfãos estavam sempre mudando.

Herb Fowler ainda saía com Louise Tobey, que ainda era chamada de Espreme Louise; ela estava com quase 50 anos agora; jamais casara com Herb (nunca fora pedida em casamento), mas mesmo assim adquirira o charme e as posturas matronais de uma esposa. Herb Fowler ainda dizia a sua piada rude e surrada (sobre as camisas de vênus); era um desses homens magros e grisalhos, na casa dos 60 anos, com a barriga estufada afrontosa (para alguém tão magro); levava a pança como se fosse uma coisa roubada e mal escondida por baixo da camisa. E Meany Hyde era uniformemente gordo e calvo, tão simpático como sempre; sua mulher, Florence, e Big Dot Taft ainda cantavam de galo no mercado de maçãs. Apenas momentaneamente moderadas pela morte de Grace Lynch, as duas mulheres (com a parte superior dos braços do tamanho de coxas), ainda faziam Irene Titcomb rir (e ela ainda virava o lado do rosto que tinha a cicatriz de queimadura). Everett Taft, que era o mais brando dos capatazes, parecia aliviado por Homer se encarregar das contratações agora, por não ter mais o fardo de recrutar ajuda extra na colheita. E o ressentimento de Vernon Lynch era tão monumental que não se limitava mais a meros particulares – como Homer estar no comando ou a morte de Grace. Era pura ira que o dominava – fervilhante e constante, sem arrefecer pelos estragos dos sessenta e tantos anos de Vernon.

Homer Wells dizia que Vernon Lynch tinha um tumor cerebral constante; jamais crescia, sempre exercia a mesma pressão e

interferência.

– Está sempre lá, como o tempo, não é? – gracejava Ira Titcomb, o abelheiro, com Homer.

Ira estava com 65 anos, mas tinha outro número marcado no reboque em que costumava carregar suas colmeias: o número das vezes em que fora picado por suas abelhas.

– Apenas 241 vezes – garantia Ira. – Venho cuidando de abelhas desde os 19 anos; portanto, isso equivale a cinco vírgula duas picadas por ano. Não é sensacional?

– Certo – murmurava Homer Wells, esquivando-se ao soco esperado, encolhendo-se na expectativa da bola de beisebol assoviando na direção de seu rosto, com a velocidade da faca de Mister Rose.

Homer também fazia suas contas, é claro. O número de vezes em que fizera amor com Candy desde que Wally voltara da guerra estava escrito a lápis (era apagado e reescrito) no verso da fotografia de Wally com a tripulação do *Oportunidade Bate*. Foram 270 vezes – apenas mais algumas vezes do que Ira Titcomb fora picado por suas abelhas. O que Homer não sabia era que Candy também mantinha um registro – também a lápis, ela escreveu “270” no verso de outra cópia de sua fotografia ensinando Homer a nadar. Ela guardava a fotografia, casualmente, no banheiro que partilhava com Wally; onde a fotografia estava sempre parcialmente oculta por uma caixa de lenços de papel ou um frasco de xampu. Era um banheiro atravancado, que Olive arrumara com todo o cuidado antes de morrer e antes de Wally voltar para casa; tinha os corrimãos necessários para que Wally pudesse se instalar e deixar o vaso, entrar e sair da banheira.

– É o banheiro normal do aleijado – dizia Wally. – Um macaco se divertiria muito lá dentro, com tantos lugares para se balançar.

E um dia, naquele verão, voltando da praia, eles pararam o carro no playground da escola primária de Heart’s Haven. Wally e Angel

queriam brincar nas barras de ferro. Angel era bastante ágil, e os braços de Wally eram tão desenvolvidos que ele podia se movimentar de maneira alarmante, com a força e a graciosidade de um macaco – os dois berrando como macacos para Homer e Candy, que esperavam no carro.

– Nossos dois filhos – dissera Homer ao amor de sua vida.

– Tem razão, nossa família – dissera Candy, sorrindo, enquanto observava Wally e Angel subirem e balançarem, subirem e balançarem.

– É melhor para eles do que assistir à televisão – comentara Homer Wells, que sempre pensaria em Wally e Angel como crianças.

Homer e Candy partilhavam a opinião de que Wally assistia à televisão em demasia, o que era uma influência perniciosa sobre Angel, que gostava de assistir junto com ele.

Wally gostava tanto de televisão que até dera um aparelho para Homer levar para St. Cloud's. Claro que a recepção era péssima, o que talvez tenha melhorado as audiências de McCarthy, que fora a primeira e prolongada experiência de Wilbur Larch com a televisão.

“Graças a Deus que não apareceu muito claramente”, escreveu ele para Homer.

A enfermeira Caroline estivera de mau humor durante todo aquele ano. Se o Exército dos Estados Unidos estava mesmo “abrigando comunistas”, como o senador McCarthy proclamava, a enfermeira Caroline disse que pensaria em se alistar.

Wilbur Larch, esforçando-se para ver o senador McCarthy através da neve e das linhas de zigue-zague na tela, disse:

– Ele me parece um bêbado. Aposto que vai morrer jovem.

– Mas não bastante jovem para me agradar – arrematou a enfermeira Caroline.

Finalmente eles desistiram da televisão. A enfermeira Edna e a Sra. Grogan estavam se tornando viciadas, e Larch chegou à

conclusão de que era pior para os órfãos do que a religião organizada.

– É melhor do que o éter para qualquer um, Wilbur – protestou a enfermeira Edna.

Mas Larch se manteve inflexível. Deu a coisa ao chefe da estação, que (na opinião de Larch) era o tipo perfeito de palerma para a invenção; era a coisa certa para ocupar a mente de alguém que passava o dia inteiro esperando por trens. Wilbur Larch foi o primeiro homem do Maine a chamar a televisão pelo que era: “uma caixa idiota”. O Maine, é claro – e St. Cloud’s em especial –, parecia pegar tudo mais devagar que o resto do país.

Mas Wally adorava assistir à televisão, e Angel assistia junto com ele, sempre que Candy e Homer não objetavam. Wally argumentava, por exemplo, que acontecimentos transmitidos pela televisão, como as audiências de McCarthy, eram instrutivas para Angel.

– Ele deve saber que o país está sempre correndo perigo com os malucos de extrema direita. – Foi o comentário de Wally.

Embora o senador McCarthy perdesse o apoio de milhões de pessoas em decorrência das audiências – e embora o Senado o condenasse por comportamento “desdenhoso” em relação a um subcomitê que investigara suas finanças e pelo insulto a um comitê que recomendou que fosse censurado, o conselho de curadores de St. Cloud’s ficara favoravelmente impressionado por sua atenção. A Sra. Goodhall e o Dr. Gingrich, em especial, foram estimulados a protestar contra as opiniões e envolvimento socialistas da enfermeira Caroline, considerando que matizava o orfanato com uma tonalidade rosa.

A chegada da enfermeira Caroline roubara um pouco do fogo do conselho. Se a Sra. Goodhall se mostrara aliviada a princípio por saber que uma pessoa “nova” invadira St. Cloud’s, ficou depois irritada ao descobrir que a enfermeira Caroline aprovava o Dr. Larch. Isso levou a Sra. Goodhall a investigar a enfermeira Caroline, cujas

credenciais como enfermeira eram impecáveis, mas cujas atividades políticas deram à Sra. Goodhall um lampejo de esperança.

Muitas vezes a Sra. Goodhall apresentara ao conselho a tese de que o Dr. Larch não apenas tinha noventa e alguns anos, mas também era um homossexual não praticante. Agora, ela advertiu ao conselho que o Dr. Larch contratara uma jovem vermelha.

– Todos ali são velhos e não será difícil submetê-los a uma lavagem cerebral – disse a Sra. Goodhall.

O Dr. Gingrich, que se sentia cada vez mais fascinado pelos saltos da mente da Sra. Goodhall, ainda se admirava com a imagem confusa do homossexual não praticante; parecia-lhe uma brilhante acusação a lançar contra alguém que era ligeiramente (ou imensamente) diferente. Era o melhor rumor para espalhar sobre alguém, porque nunca podia ser provado ou contestado. O Dr. Gingrich gostaria de ter cogitado tal acusação – apenas como um meio de provocação – quando ainda praticava a psiquiatria.

E agora não apenas o Dr. Larch era velho, homossexual e não praticante, mas também corria o perigo de sofrer uma lavagem cerebral de uma jovem vermelha.

O Dr. Gingrich estava ansioso em descobrir quais poderiam ser as reações do Dr. Larch à acusação de homossexual não praticante, porque o Dr. Larch era tão franco sobre a questão da política da enfermeira Caroline.

– Ela é socialista, não uma comunista! – protestou o Dr. Larch, numa reunião com o conselho.

“A mesma diferença”, como dizem no Maine – sobre tantas coisas.

– Daqui a pouco estarão nos pedindo para denunciar coisas – comentou Larch para suas enfermeiras.

– O que denunciaríamos? – indagou a enfermeira Edna, preocupada.

– Vamos fazer uma lista – sugeriu Larch.

– As leis do aborto – disse a enfermeira Angela.
– No primeiro lugar da lista! – concordou Larch.
– Puxa! – exclamou a enfermeira Edna.
– Republicanos – acrescentou Wilbur Larch. – E o conselho de curadores.

– Grande! – exclamou a enfermeira Edna.
– Capitalismo – disse a enfermeira Caroline.
– Nunca houve qualquer capital por aqui – disse o Dr. Larch.
– Insetos e sarna! – disse a enfermeira Edna. Todos a fitaram, e ela acrescentou: – E larvas. São as coisas contra as quais tenho de pulverizar as macieiras. Insetos, sarna e larvas.

Em consequência, Wilbur Larch desencavou de um armário a velha maleta de couro preto que usara em Boston; levou-a para um sapateiro em Three Mile Falls que também consertava bolsas de mulher e punha iniciais douradas em selas; mandou que o sapateiro pusesse na velha maleta preta as iniciais douradas F. S. – para Fuzzy Stone.

Naquele mês de agosto de 195-, poucos dias antes de a turma da colheita chegar a Ocean View, Wilbur Larch mandou a maleta de médico para Homer Wells. Era a época em que Melony tirava suas férias, todos os anos.

A maioria dos operários do estaleiro, até mesmo os eletricitas, tirava duas semanas de férias no verão e duas semanas no Natal, mas Melony tirava um mês inteiro na época da colheita; sentia-se bem – ou talvez jovem outra vez – por colher maçãs. Naquele ano, ela decidira, tentaria trabalhar em Ocean View.

Ainda pegava carona, e sempre por onde quer que viajasse, ainda parecia um vagabundo, porque só usava roupas de homem; ninguém jamais saberia que ela era uma competente eletricista do estaleiro, com dinheiro suficiente numa conta de poupança para comprar uma boa casa e dois carros.

Quando Melony chegou ao mercado de maçãs, Big Dot Taft foi a primeira pessoa a vê-la. Big Dot e Florence Hyde estavam arrumando algumas das mesas de exposição, embora as únicas maçãs novas disponíveis fossem as Gravensteins. Tinham principalmente geleias e mel. Irene Titcomb estava trabalhando nos fornos de torta. Wally estava no escritório; falava ao telefone e não viu Melony – e ela também não o viu.

Candy estava na cozinha da casa de luxo, conversando sobre investimentos imobiliários com o vulgar irmão de Olive, Bucky Bean. Bucky comprara o que restara da ponta de terra que Ray Kendall possuía na enseada de Heart's Haven. Instalara ali um restaurante ordinário e desmantelado de frutos do mar – um dos primeiros restaurantes *drive-in* do Maine, um daqueles lugares em que moças vestidas como animadoras de torcida serviam pratos quase sempre fritos ou quase sempre mornos, que se comia no carro. Os pratos eram colocados em pequenas bandejas cambaias que se ajustavam na porta dos carros, com a janela arriada. Homer sempre quis levar Wilbur Larch a tal lugar – apenas para ouvir o que o velho diria. A reação de Larch, Homer tinha certeza, estaria relacionada com sua reação à televisão e ao senador Joe McCarthy.

A nova ideia de Bucky Bean era comprar a parte do pomar chamada Cock Hill e vendê-la em lotes de um acre como “propriedades de veraneio”, com vista para o mar.

Candy estava no processo de rejeitar a oferta quando Melony chegou ao mercado de maçãs. A opinião de Candy era de que os lotes de um acre seriam muito pequenos e que os ingênuos novos proprietários estariam despreparados para os inseticidas usados nas macieiras, que regularmente flutuariam e envolveriam as casas em todos os verões. Além disso, as famílias que comprassem os lotes e ali construíssem casas certamente pensariam que tinham o direito de pular as cercas e colher todas as maçãs que quisessem.

– Você é igualzinha a Olive – queixou-se Bucky Bean. – Não tem imaginação em relação ao futuro.

Foi nesse momento que Melony aproximou-se de Big Dot Taft, não apenas porque Big Dot parecia estar no comando, mas também porque Melony sentia-se à vontade com mulheres grandes e gordas. Big Dot sorriu ao constatar como Melony era corpulenta; as duas mulheres pareciam predispostas a gostar uma da outra quando Melony falou – sua voz reverberando pelos estandes quase vazios e surpreendendo Meany Hyde e Vernon Lynch, que estavam pondo água no radiador do John Deere. Quando Melony tentava falar de maneira normal, sua voz era peculiarmente profunda; quando tentava elevar o nível da voz, a maioria das pessoas pensava que estava gritando.

– Um cara chamado Homer Wells trabalha aqui? – perguntou Melony a Big Dot.

– Claro que trabalha – respondeu Big Dot, jovialmente. – É amiga de Homer?

– Já fui – disse Melony, acrescentando timidamente: – Não o vejo há algum tempo.

Pelo menos foi timidamente para Melony, cuja ligação amorosa com Lorna a deixara ocasionalmente inibida e tímida com outras mulheres; sua autoconfiança na presença dos homens continuava tão firme quanto antes.

– Onde está Homer? – perguntou Florence Hyde a Meany, que olhava fixamente para Melony.

– Está levando os engradados para Frying Pan – respondeu Meany, alguma coisa provocando-lhe um calafrio.

– Veio apenas para dar um olá? – perguntou Big Dot a Melony, cujos dedos, Dot notou, se abriam e fechavam, formando um punho cerrado e depois relaxando.

– Para dizer a verdade, vim para trabalhar – informou Melony. – Já participei de muitas colheitas.

– Homer contrata os colhedores – disse Big Dot. – Acho que você tem sorte... sendo velhos amigos.

– É muito cedo para contratar colhedores – interveio Vernon Lynch.

Alguma coisa na maneira como Melony o fitou fez com que ele não insistisse no argumento.

– Você deve apenas ir avisar a Homer que tem alguém aqui querendo falar com ele – disse Big Dot a Vernon. – Homer é o chefe.

– O chefe? – repetiu Melony.

Irene Titcomb soltou uma risadinha e virou a face com a cicatriz da queimadura.

– Para dizer a verdade, é uma espécie de segredo... quem manda por aqui – comentou Irene.

Vernon Lynch ligou o trator tão bruscamente que uma fumaça preta oleosa saiu pelo cano de descarga e envolveu as mulheres no mercado.

– Se vai trabalhar aqui – disse Big Dot a Melony –, então é melhor saber logo de uma vez: aquele cara que está guiando o trator é o idiota número um.

Melony deu de ombros.

– Só tem um? – indagou ela, fazendo Big Dot cair na gargalhada.

– Oh, minhas tortas! – gritou Irene Titcomb, que saiu correndo para verificá-las.

Florence Hyde avaliou Melony de maneira amistosa, enquanto Big Dot punha a pata enorme no ombro de Melony, como se fossem amigas da vida inteira. Irene Titcomb voltou correndo e anunciou que as tortas estavam salvas.

– Conte para a gente como conheceu Homer Wells – pediu Florence Hyde a Melony.

– De onde e desde quando? – acrescentou Big Dot Taft.

– De Saint Cloud's, desde sempre – respondeu Melony. – Ele era meu namorado.

Ela entreabriu os lábios, mostrando os dentes avariados. – Não me diga! – exclamou Big Dot Taft.

Homer Wells e o filho Angel estavam falando sobre masturbação – ou melhor, Homer estava falando. Era o intervalo para o almoço e estavam sentados sob uma das árvores velhas em Frying Pan; haviam passado a manhã inteira espalhando os engradados pelo pomar – revezando-se em guiar o trator e descarregar os engradados. Terminaram de comer os sanduíches, Angel sacudiu sua soda e esguichou no pai. Homer tentou encontrar uma maneira casual de levantar o assunto da masturbação. Candy mencionara a Homer que as manchas nos lençóis de Angel indicavam que estava na hora de uma conversa de pai para filho sobre a sexualidade obviamente emergente de Angel.

– Quando eu tinha a sua idade... em Saint Cloud's... era muito difícil ter alguma privacidade – começara Homer (casualmente, em sua opinião).

Estavam deitados de costas na relva alta, sob a árvore mais frondosa de Frying Pan – o sol não podia passar pelos galhos cheios de folhas, encurvados, carregados de maçãs. – É mesmo? – disse Angel, indiferente, depois de algum tempo.

– É sim. Eu era o mais velho... mais ou menos da sua idade... e de certa forma deveria ser encarregado de todos os outros garotos. Sabia que eles não eram bastante velhos para terem pelos pubianos e que nem sabiam o que fazer com suas pequenas ereções.

Angel riu. Homer também.

– Como então você conseguia? – perguntou Angel ao pai, depois de algum tempo.

– Eu esperava até pensar que todos estavam dormindo e depois tentava manter a cama quieta. Mas você não faz ideia de quanto tempo pode levar para 12 ou 15 garotos pegarem no sono!

Os dois riram mais um pouco.

– Havia um outro garoto que tinha idade suficiente para saber dessas coisas – confidenciou Homer. – Acho que ele estava começando a experimentar a mexer em si mesmo... e tenho a impressão de que a primeira vez em que ele fez pra valer não tinha a menor ideia do que aconteceria. E quando ele esguichou... quando ejaculou, entende?... pensou que tinha se machucado. No escuro, provavelmente pensou que estava sangrando.

A história era total ficção, mas Angel Wells adorou; riu como alguém que conhecia as coisas da vida, o que estimulou o pai a continuar:

– Ele ficou na maior preocupação... me pediu para acender a luz e disse que tinha quebrado alguma coisa dentro dele.

– Quebrado? – repetiu Angel, os dois uivando de tanto rir.

– Isso mesmo! – exclamou Homer. – E quando acendi a luz e ele olhou para si mesmo, ele disse: “Oh, Deus, disparou!”... como se estivesse falando de um revólver e tivesse acabado de dar um tiro em si mesmo!

Pai e filho riram por algum tempo. Depois, Homer acrescentou, mais sério:

– Claro que tentei explicar tudo para ele. Foi difícil fazê-lo compreender que não fizera nada de errado... porque é natural, é perfeitamente saudável e normal, mas essas coisas têm um jeito de ser distorcidas.

Angel estava quieto agora; talvez percebesse o motivo para a história.

– Mas imagine só eu tentando explicar àquele garoto... ele era bem mais novo do que você... que não havia nada mais natural que ele tivesse aquelas sensações em relação às garotas, em relação ao sexo, muito antes de ter a oportunidade de manter qualquer relacionamento com garotas. Ou para ter sexo.

Homer conseguira encontrar um meio seguro de dizer o que queria e fez uma pausa para observar como o filho estava

absorvendo; Angel, que tinha uma haste de relva comprida na boca, continuou deitado de costas, olhando para o tronco da enorme árvore. Ficaram em silêncio por algum tempo, e depois Homer acrescentou:

– Há alguma coisa que você gostaria de me perguntar... sobre qualquer coisa?

Angel soltou uma risada curta, depois fez uma pausa.

– Há sim. Eu gostaria de saber por que você não tem uma namorada... por que nem mesmo parece interessado.

Não era a pergunta que Homer esperava, depois de sua sugestão sobre o que fazem os passarinhos e as abelhas; mas, depois de alguns segundos, ele compreendeu que a pergunta deveria ter sido prevista e que alguma resposta razoável era indubitavelmente mais importante na mente de Angel do que quaisquer verdades sobre a masturbação.

– Eu tive uma namorada, em St. Cloud's. Ela era meio dura comigo. Uma espécie de tirana. Era mais velha do que eu e na ocasião também mais forte!

Homer arrematou com uma risada, mas Angel disse:

– Sem brincadeira.

Ele não estava rindo; virara de barriga para baixo e se apoiava nos cotovelos, observando o pai atentamente.

– Não éramos muito parecidos – murmurou Homer. – Foi um desses casos de sexo acontecendo antes de haver uma amizade... ou não havia qualquer amizade... e depois de algum tempo também não havia mais sexo. Depois disso, não sei direito o que foi o relacionamento.

– Está querendo dizer que foi uma péssima maneira de começar?
– perguntou Angel. – Certo.

– E o que aconteceu depois?

– Conheci Wally e Candy – respondeu Homer, com extremo cuidado. – Acho que eu teria casado com Candy... se ela não casasse

com Wally. Candy foi quase minha namorada, por cerca de cinco minutos. Foi quando Wally estava na guerra, quando nos perguntávamos se ele continuava vivo. Sempre fui muito ligado a Wally e Candy, e depois... quando tive você... comecei a sentir que já tinha tudo o que queria. – Angel Wells tornou a se estender de costas, olhando para o tronco da árvore.

– Então você ainda gosta de Candy? – perguntou ele. – Não está interessado em qualquer outra?

– Mais ou menos – respondeu Homer Wells. E depois, na esperança de mudar de assunto, ele indagou: – Já conheceu alguém por quem tenha se interessado?

– Ninguém que pudesse se interessar por mim. As garotas em que eu penso são todas muito velhas para sequer olharem para mim.

– Isso vai mudar – disse Homer, cutucando Angel nas costelas; o garoto dobrou os joelhos e rolou de lado, cutucando o pai em resposta. – Muito em breve as garotas vão formar uma fila para olhar para você.

Ele agarrou Angel numa gravata e os dois começaram a lutar. Brincar assim com Angel era uma maneira de Homer poder manter contato físico com o garoto – muito tempo depois de Angel ficar constrangido por ser abraçado e beijado em público. Um garoto de 15 anos não quer o pai a envolvê-lo com carícias, mas lutar era perfeitamente respeitável; isso ainda era permitido. Os dois lutavam com tanto empenho e riam – e respiravam tão forte – que não ouviram Vernon Lynch se aproximar.

– Ei, Homer! – chamou Vernon, asperamente, chutando-os enquanto rolavam sob a árvore frondosa, da maneira como poderia tentar separar cachorros em uma briga.

Quando o viram, parado por cima deles, os dois ficaram imóveis, num abraço contrafeito – como se tivessem sido surpreendidos fazendo alguma coisa que não deveriam.

– Se parar com essa sacanagem – disse Vernon –, tenho um recado para você.

– Para mim? – disse Homer Wells.

– Tem uma mulher gorda que diz que conhece você. Ela está no mercado.

Homer sorriu. Conhecia várias mulheres gordas do mercado; presumiu que Vernon estava se referindo a Big Dot Taft ou Florence Hyde. Mesmo Louise Tobey tinha engordado nos últimos anos.

– Estou falando de uma *nova* mulher gorda – acrescentou Vernon, começando a voltar para seu trator. – Ela diz que quer ser colhedora e perguntou por você. Conhece você.

Homer levantou-se lentamente; rolara sobre a raiz da árvore, que o machucara nas costelas. Além disso, Angel metera punhados de relva dentro de sua camisa, nas costas. Angel disse ao pai:

– Uma mulher gorda, hein? Acho que não me falou sobre a mulher gorda.

Enquanto Homer desabotoava a camisa para tirar os punhados de relva, Angel cutucou a barriga exposta do pai. Foi nesse momento que Angel notou que o pai envelhecera. Homer ainda era um homem esguio e forte por todo o trabalho na plantação, mas um pouco da barriga derramava por cima do cinto do jeans e os cabelos, desgrenhados pela luta, estavam mais salpicados por fios brancos do que pela relva. Havia também algo de sinistro no canto dos olhos de Homer que Angel nunca percebera antes.

– Papai? – disse Angel, suavemente. – Quem é a mulher?

Mas o pai o fitava em pânico; começou a abotoar a camisa torta e Angel teve de ajudá-lo.

– Não pode ser a tal tirana, não é?

Angel tentava gracejar com o pai – o comportamento dos dois juntos era sempre entremeado de gracejos, mas Homer não falaria, nem mesmo sorriria. Meio reboque de engradados ainda precisava ser descarregado, mas Homer guiou muito depressa, derrubando um

engradado de vez em quando. Não demorou muito para que o reboque estivesse vazio e começassem a voltar para o mercado. Homer pegou a estrada pública, em vez de serpear pelos caminhos nos pomares. Pela estrada se ia mais depressa, embora Homer advertisse a todos os motoristas para evitá-la sempre que pudessem – para evitar possíveis acidentes com o tráfego da praia por aquela estrada, no verão.

As crianças ficam muito impressionadas com a importância de um momento quanto testemunham um pai violando a sua própria regra.

– Acha que é ela? – gritou Angel para o pai.

Ele pairava acima dos ombros do pai, as mãos no encosto do assento, os pés apoiados no engate do reboque.

– Tem de reconhecer que é um pouco emocionante – acrescentou o garoto.

Mas Homer continuou sombrio. Foi parar o trator e o reboque ao lado dos silos, junto ao mercado.

– Pode começar a carregar mais engradados – disse ele a Angel.

Mas não ia se livrar de Angel tão facilmente. O garoto seguiu-o até o mercado, onde Big Dot, Florence e Irene estavam cercando a implacável e maciça Melony.

– É ela, não é? – sussurrou Angel para o pai.

– Olá, Melony – disse Homer Wells.

Não havia qualquer som no ar parado do verão.

– Como você vai, Sunshine? – perguntou-lhe Melony.

– Sunshine! – exclamou Big Dot Taft.

Até mesmo Angel teve de dizer em voz alta. Imagine só: seu pai um “Sunshine”!

Mas embora tivesse esperado anos para vê-lo, o olhar de Melony não estava fixado em Homer Wells, mas sim em Angel. Melony não podia desviar os olhos do garoto. Homer Wells, um homem atraente em seus 40 anos, não lembrava muito a Melony do Homer Wells que

ela conhecera; em vez disso, foi Angel que impressionou Melony com um impacto totalmente inesperado para ela. Não imaginara que seria atordoada pela imagem escrita e escarrada do garoto que conhecera. O pobre Angel sentiu-se um pouco murcho pelo olhar de rufião que Melony lançou-lhe, mas era um jovem bem-educado e sorriu de maneira cativante para a estranha.

– Não há a menor dúvida sobre quem *você* é – disse Melony ao garoto. – Parece mais com seu pai do que seu próprio pai.

Big Dot e as outras mulheres do mercado absorviam sofregamente cada palavra.

– É ótimo que você veja alguma semelhança – disse Homer Wells –, mas meu filho é adotado.

Homer Wells não aprendera coisa alguma? Ao longo daqueles anos de golpes duros, aqueles anos de músculos, gordura, traição e envelhecimento inexorável, ainda não podia perceber nos olhos tristes e determinados de Melony que ela possuía a qualidade de nunca poder ser enganada?

– Adotado? – disse Melony, os olhos amarelo-acastanhados não se desviando de Angel por um instante sequer.

Ela estava desapontada com seu amigo mais antigo: por ele ainda tentar enganá-la, depois de tantos anos.

Foi nesse momento que Candy – que finalmente se livrara de Bucky Bean – entrou no mercado de maçãs, tirou uma Gravenstein de um cesto na primeira mesa de exposição, deu uma mordida, percebeu que ninguém parecia estar trabalhando e se encaminhou para a pequena multidão.

Já que o espaço mais natural para Candy penetrar no ajuntamento era entre Homer e Angel, ela se interpôs entre os dois; e como estava com a boca cheia da maçã nova, ela sentiu-se um pouco embaraçada ao falar com a estranha.

– Oi! – conseguiu dizer para Melony, que no mesmo instante reconheceu, no rosto de Candy, as poucas partes de Angel que não

conseguiu localizar na lembrança de Homer Wells.

– Esta é Melony – disse Homer a Candy, que teve dificuldade para engolir, pois há muito tempo ouvira tudo sobre Melony, no telhado da casa de sidra. E Homer murmurou para Melony: – Esta é a Sra. Worthington.

– Como vai? – conseguiu Candy balbuciar.

– Sra. Worthington? – disse Melony, os olhos de lince se desviando agora de Angel para Candy e de Angel para Homer Wells.

Foi nesse instante que Wally saiu do escritório na cadeira de rodas e avançou pelo mercado.

– Ninguém vai trabalhar hoje? – perguntou ele, em seu jeito afável. Quando viu que havia uma estranha no grupo, ele foi polido: – Ah... oi!

– Oi – respondeu Melony.

– Este é meu marido – disse Candy, através dos bocados de maçã.

– Seu marido? – repetiu Melony.

– Este é o Sr. Worthington – murmurou Homer.

– Todo mundo me chama de Wally.

– Melony e eu estivemos juntos no orfanato – explicou Homer.

– É mesmo? – disse Wally, entusiasmado. – Isso é sensacional. Tem de conhecer tudo por aqui. – Ele acrescentou para Homer: – Mostre a ela também a casa. E perguntou a Melony, que por uma vez na vida ficou sem saber o que dizer: – Não gostaria de dar um mergulho na piscina? – E continuou para Big Dot: – Preciso de uma contagem dos *bushels* de Gravs que temos no depósito. Tenho uma encomenda por telefone esperando.

Ele virou a cadeira de rodas suavemente e começou a voltar para o escritório.

– Meany sabe quantos temos – disse Florence Hyde. – Ele estava bem ali.

– Então alguém vá chamá-la para mim – pediu Wally. Ele gritou para Melony: – É um prazer conhecê-la! Por favor, fique para o jantar!

Candy quase engasgou, mas conseguiu engolir com um grande esforço.

– Obrigada! – gritou Melony para Wally, que já se afastava.

Ele não precisava de qualquer ajuda para entrar e sair do escritório, porque Everett Taft (anos antes) tirara o alizar e providenciara para que a porta de tela abrisse para os dois lados – como uma porta de vaivém de bar. Wally podia entrar e sair sem a ajuda de ninguém.

Ele é o único herói por aqui, pensou Melony, observando a porta fechar balançando por trás da cadeira de rodas; ela não podia controlar as mãos. Tinha vontade de tocar Angel, abraçá-lo – quisera pôr as mãos em Homer Wells durante anos, mas agora não sabia o que desejava fazer com ele. Se de repente caísse de quatro ou se agachasse numa postura mais apropriada a uma briga, sabia que Homer Wells estaria preparado; percebeu que ele também não tinha o controle das mãos – os dedos estavam tamborilando nas coxas. O mais difícil para Melony era reconhecer que não havia amor por ela nos olhos de Homer; ele parecia um animal acuado, não havia entusiasmo ou curiosidade por vê-la em qualquer parte dele. Ela pensou que se abrisse a boca, começando pelo garoto – como ele não era obviamente nenhum órfão! –, Homer Wells estaria em sua garganta antes que pudesse contar a história.

Ninguém parecia lembrar que Melony viera – entre outros motivos – por um emprego. Angel disse:

– Gostaria de ver a piscina primeiro?

– Não sei nadar – disse Melony. – Mas seria bom conhecê-la.

Ela sorriu para Homer com uma cordialidade tão insólita – e revelando tudo de seus dentes estragados – que Homer estremeceu. A maçã, da qual apenas uma mordida desagradável fora tomada,

pairava como um peso morto na extremidade do braço inerte de Candy.

– Vou lhe mostrar a casa – disse Candy. – Depois que Angel mostrar a piscina.

Ela largou a maçã não comida e riu de si mesma.

– Eu vou lhe mostrar os pomares – murmurou Homer.

– Não precisa me mostrar nenhum pomar, Sunshine – disse Melony. – Já vi muitos pomares.

– Ahn... – murmurou ele.

– Sunshine – repetiu Candy, baixinho.

Angel cutucou o pai nas costas, enquanto se encaminhavam para a casa e a piscina; Angel ainda pensava que aquela surpresa era uma diversão sensacional e inesperada. Homer virou-se por um instante e franziu o cenho para o filho, o que Angel achou ainda mais engraçado. Enquanto o garoto mostrava a piscina a Melony – e ressaltava a rampa para a cadeira de rodas de Wally –, Candy e Homer aguardavam sua chegada na cozinha.

– Ela sabe – disse Homer a Candy.

– O quê? – murmurou Candy. – O que ela sabe?

– Melony sabe tudo – disse Homer Wells, num transe que tinha quase a intensidade do éter.

– Como pode saber? Você contou a ela?

– Não diga bobagem – protestou Homer. – Ela simplesmente sabe... sempre sabe.

– Não diga bobagem *você* – disse Candy, irritada.

– Wally é um grande nadador – explicou Angel a Melony. – No mar, ele só precisa ser carregado além das ondas. Eu posso carregá-lo.

– Você é um cara bonito – disse Melony a Angel. – Mais bonito do que seu pai jamais foi.

Angel ficou embaraçado; verificou a temperatura da água na piscina.

– Está quente – disse ele. – É uma pena que você não saiba nadar. Pode ficar na parte rasa ou eu posso ensiná-la a boiar. Candy ensinou meu pai a nadar.

– Incrível – comentou Melony.

Ela avançou pelo trampolim e pulou um pouco; só precisou pular bem pouco para que o trampolim se aproximasse da água.

– Se eu caísse, aposto que você poderia me salvar – disse ela a Angel, que ficou sem saber se a mulher enorme estava flertando ou ameaçando... ou se apenas brincava.

Era o que havia de excitante nela, refletiu Angel; dava a impressão de que, de um momento para outro, poderia fazer qualquer coisa.

– Provavelmente eu poderia salvá-la, se estivesse se afogando – sugeriu Angel, cauteloso.

Mas Melony afastou-se da extremidade do trampolim, que emprestava a seus passos a sensação da força de bote que se percebe nos membros maiores da família dos felinos. – Incrível – repetiu ela, os olhos tentando absorver tudo.

– Quer ver a casa agora? – perguntou Angel.

Ela estava deixando-o nervoso.

– Puxa, é um lugar e tanto o que você tem – comentou Melony para Candy, que lhe mostrava o andar térreo.

Homer mostrou o segundo andar. No corredor, entre os quartos de Homer e de Angel, Melony sussurrou para ele:

– Você se saiu muito bem. Como conseguiu, Sunshine?

Como ela se regalou na contemplação de Homer, com seus olhos amarelo-acastanhados! Sentada na cama do quarto principal e olhando pela janela, ela ressaltou:

– Tem até uma vista espetacular!

Quando ela perguntou se podia usar o banheiro, Homer desceu para falar com Candy, mas Angel estava lá – ainda se divertindo, ainda curioso. O impacto da natureza arruaceira da primeira

namorada do pai no garoto era considerável; se Angel sentia-se desconcertado ao tentar imaginar por que o pai escolhera uma vida tão solitária, a violenta aparição que se apresentara naquele dia muito fizera para tranquilizá-lo. Se aquela mulher ameaçadora fora a primeira experiência de seu pai, era mais compreensível (para Angel) por que Homer relutara em repetir o relacionamento.

Melony pareceu passar muito tempo no banheiro, e Homer Wells sentiu-se grato por esse tempo; estava precisando – para convencer Candy e Angel a voltarem ao trabalho, a deixarem-no a sós com Melony.

– Ela quer um *emprego* – disse ele aos dois, em tom incisivo. – Preciso de algum tempo com ela, a sós.

– Um emprego – murmurou Candy, um novo horror se insinuando em seu rosto; o pensamento fez com que ela estreitasse os olhos bonitos.

Os espelhos nunca haviam sido amigos de Melony, mas o espelho no banheiro de Homer foi especialmente rigoroso com ela. Ela revistou rapidamente o armário de remédios; sem qualquer motivo, despejou algumas das pílulas no vaso sanitário. Começou a ejetar lâminas de barbear do tosco mecanismo de metal; esvaziou-o antes de conseguir parar. Cortou o dedo tentando pegar uma das lâminas no chão. Estava com o dedo enfiado na boca quando se contemplou no espelho pela primeira vez. Segurava a lâmina na outra mão enquanto analisava os quarenta e tantos anos que via em seu rosto. Claro que nunca fora atraente, nunca fora bonita, mas outrora fora uma arma eficiente, pensou; agora, já não tinha tanta certeza. Levantou a lâmina para a bolsa sob um olho; fechou-o, como se o próprio olho não pudesse observar o que ele ia fazer. E, depois, não fez nada. Esperou um pouco, largou a lâmina na beira da pia e chorou.

Mais tarde, encontrou um isqueiro; Candy devia tê-lo deixado no banheiro; Homer não fumava; Wally não podia subir escadas. Usou o

isqueiro para derreter o cabo da escova de dentes de Homer; afundou a lâmina na parte mole e esperou que o cabo endurecesse. Empunhando a escova, tinha uma armazinha e tanto, pensou ela.

Foi então que viu o questionário de 15 anos do conselho de curadores de St. Cloud's; o papel era tão velho que teve de tomar cuidado para não rasgá-lo. Como aquelas perguntas fizeram sua mente rodopiar! Jogou a escova de dentes com a lâmina na pia, tornou a pegá-la e guardou-a no armarinho; depois pegou-a de novo. Vomitou uma vez e puxou duas vezes a descarga do vaso.

Melony ficou lá em cima, no banheiro, por muito tempo. Quando desceu, encontrou Homer à sua espera na cozinha; ela tivera bastante tempo sozinha para que sua disposição mudasse e remudasse – para que percebesse seus verdadeiros sentimentos por descobrir Homer naquele ambiente e no que presumia ser uma situação delicada. Poderia ter desfrutado uns poucos minutos do constrangimento que lhe causara, mas ao descer ela não estava mais de divertindo, e seu desapontamento com Homer Wells era ainda mais profundo do que a ira inflexível – era quase igual ao desgosto.

– Pensei que de alguma forma você acabaria fazendo algo melhor do que comer a esposa de um pobre aleijado e fingir que seu próprio filho não é seu – disse Melony a Homer Wells. – Você, entre todas as pessoas... logo você, um órfão.

– Não é bem assim – começou Homer a protestar. Mas ela sacudiu a cabeça enorme e desviou os olhos dele, dizendo:

– Tenho olhos. Posso ver o que é... e parece merda. A merda ordinária da classe média... ser infiel e mentir para as crianças. E logo você, entre todas as pessoas!

Melony estava com as mãos nos bolsos; tirou-as, cruzou-as nas costas; depois, tornou a metê-las nos bolsos. Cada vez que ela mexia as mãos, Homer se encolhia.

Homer Wells esperava um ataque; Melony era uma atacante, mas não era aquele o tipo de ataque que esperava. Imaginara que um dia, quando tornasse a vê-la, seria um adversário à altura para Melony, mas sabia agora que isso nunca aconteceria.

– Acha que me divirto deixando você embaraçado? – perguntou-lhe Melony. – Acha que estive sempre à sua procura... só para meter você numa pior?

– Eu não sabia que estava à minha procura – disse Homer Wells.

– Calculei você de maneira completamente errada – disse Melony. Contemplando-a, Homer compreendeu que também previra Melony de maneira errada. – Pensei que acabaria como o velho.

– Como Larch?

– Claro que como Larch! – gritou Melony. – Pensei que seria isso o que aconteceria com você... o missionário, entende? O cara que faz o bem, com o nariz empinado.

– Não é bem assim que vejo Larch – protestou Homer.

– Não banque o superior para mim! – Melony chorava, o rosto rude riscado pelas lágrimas. – Você tem o nariz empinado... essa parte eu adivinhei direito. Mas não é exatamente um missionário. Não passa de um safado! Engravidou alguém que não deveria nem estar fodendo e não foi capaz nem de limpar as coisas com seu próprio filho. Que missionário! Não é muita *bravura*? Pela minha cartilha, Sunshine, isso é ser um safado!

E depois ela se retirou; nunca pediu o emprego; e Homer nunca perguntou como fora a vida que ela levava.

Ele subiu para o banheiro e vomitou; encheu a pia com água fria e encharcou a cabeça, mas o latejar não acabou. Quase 80 quilos de verdade haviam-no golpeado no rosto, pescoço e peito – reprimira a respiração, deixara-o desesperado. Um gosto de vômito na boca; pegou a pasta de dentes e cortou a mão antes de ver a lâmina. Sentia-se quase tão paralisado da cintura para cima quanto sabia que Wally devia se sentir para baixo. Quando estendeu a mão para a

toalha junto à porta do boxe do chuveiro, percebeu o que estava errado, descobriu o que faltava no banheiro; o questionário em branco, o que nunca devolvera ao conselho de curadores de St. Cloud's, sumira. Homer Wells não levou muito tempo para imaginar como Melony poderia responder a algumas das perguntas.

Esse novo pânico elevou-o momentaneamente acima de sua autocompaixão. Ligou no mesmo instante para o orfanato e a enfermeira Edna atendeu.

– Oh, Homer! – gritou ela, tão contente por ouvir sua voz.

– Isto é importante. Eu vi Melony.

– Oh, Melony! – gritou a enfermeira Edna, na maior felicidade. – A Sra. Grogan vai ficar emocionada!

– Melony tem uma cópia do questionário – disse Homer. – Por favor, avise ao Dr. Larch... acho que não é uma boa notícia. Aquele velho questionário do conselho.

– Oh, Deus!

– Claro que ela pode nunca preenchê-lo – acrescentou Homer –, mas tem o questionário... que diz para onde remetê-lo. E não sei para onde ela foi; não sei de onde veio.

– Ela está casada? – perguntou a enfermeira Edna. – Está feliz?

Santo Deus, pensou Homer Wells. A enfermeira Edna sempre gritava ao telefone; estava tão velha que só se lembrava dos tempos das ligações ruins.

– Apenas avise ao Dr. Larch que Melony tem o questionário. Achei que ele deveria saber.

– Claro, claro! – gritou a enfermeira Edna. – Mas ela estava feliz?

– Acho que não.

– Oh, Deus!

– Pensei que ela fosse ficar para o jantar – disse Wally, servindo o espadarte.

– Pensei que ela queria um emprego – disse Angel.

– O que ela tem feito consigo mesma? – indagou Wally.

– Se queria colher maçãs – comentou Candy –, não deve estar fazendo grande coisa.

– Acho que ela não precisava do emprego – disse Homer.

– Ela queria apenas dar uma olhada em você, papai – sugeriu Angel, arrancando uma risada de Wally.

Angel contara a Wally que Melony fora namorada de Homer, o que Wally achava muito engraçado.

– Aposto que seu pai nunca lhe falou de Debra Pettigrew, garoto – disse Wally a Angel.

– Pare com isso, Wally – protestou Candy. – Isso não teve nada de sério.

– Você omitiu uma coisa – disse Angel ao pai, apontando-lhe um dedo.

– É verdade – admitiu Homer. – Mas Debra Pettigrew não foi ninguém especial.

– Costumávamos sair juntos – disse Wally a Angel. – Seu velho geralmente ficava no banco de trás.

– Pare com isso, Wally! – insistiu Candy.

Ela servira aspargos demais a Homer e Angel; tinha de retirar um pouco ou não haveria para Wally e para si mesma.

– Devia ter visto seu velho na primeira vez que foi ao *drive-in* – disse Wally a Angel. – Ele não sabia para que serviam os *drive-ins*!

– Talvez Angel não saiba para que servem! – disse Candy ao marido, em tom áspero.

– Claro que sei! – respondeu Angel, rindo.

– Claro que ele sabe! – disse Wally, rindo também.

– Só os beduínos não sabem – disse Homer Wells, tentando participar da diversão.

Depois do jantar, ele ajudou Candy com a louça, enquanto Angel guiava pelos pomares com Pete Hyde; depois do jantar, quase todas

as noites, os garotos tinham um jogo – tentavam passar por todos os pomares antes do escurecer. Homer não permitia que dirigissem pelos pomares depois do escurecer – não depois que os engradados haviam sido espalhados para os colhedores.

Wally gostava do crepúsculo à beira da piscina. Pela janela da cozinha, Homer e Candy podiam vê-lo sentado na cadeira de rodas; ele inclinara a cabeça para trás, como se estivessem contemplando o céu, mas estava observando o voo em espiral de um gavião sobre o pomar chamado Cock Hill – algumas aves menores estavam importunando o gavião, voando perigosamente perto, tentando afugentá-lo.

– Está na hora de contar – disse Homer a Candy.

– Não, por favor – murmurou Candy.

Ela se inclinou em torno dele, que trabalhava na pia, e largou na água cheia de sabão a grelha em que o espadarte fora preparado. A grelha estava gordurosa, ainda com pedaços chamuscados do peixe, mas Homer Wells tirou-a da água no mesmo instante – sem deixar que houvesse entupimento – e começou a esfregar.

– Está na hora de contar tudo a todos – insistiu Homer Wells. – Chega de esperar para ver.

Candy estava parada atrás dele e passou os braços pelos seus quadris; comprimiu o rosto entre as omoplatas de Homer, que não reagiu ao abraço – nem mesmo virou-se para fitá-la. Simplesmente continuou a esfregar a grelha.

– Planejarei tudo com você, como achar melhor – disse Homer. – Se você quer estar ao meu lado quando eu contar a Angel... se você quer que eu esteja ao seu lado quando contar a Wally. Como você quiser, estará bom para mim.

Candy apertou-o com toda a força de que era capaz, mas ele continuou a esfregar. Ela enterrou o rosto entre as omoplatas e mordeu-o nas costas. Ele teve de se virar para ela nesse momento, a fim de empurrá-la.

– Você vai fazer Angel me odiar! – gritou Candy.

– Angel nunca vai odiá-la. Para Angel, você sempre foi justamente o que é... uma boa mãe.

Ela segurava o pegador de aspargos, e Homer pensou que poderia atacá-lo, mas Candy continuou a mexer nervosamente no pegador, abrindo e fechando.

– Wally vai me odiar! – gritou ela, desesperada.

– Você sempre me disse que Wally sabe – declarou Homer Wells.

– Wally ama você.

– E você *não* me ama mais, não é?

Candy começou a se debulhar em lágrimas; jogou o pegador de aspargos contra Homer, depois cerrou os punhos contra as coxas. Mordeu com tanta força o lábio inferior, que sangrou; quando Homer tentou enxugar-lhe o lábio com um pano de prato limpo, ela empurrou sua mão bruscamente.

– Eu amo você, mas estamos nos tornando pessoas horríveis – disse ele.

Ela bateu com o pé.

– Não somos pessoas horríveis! Estamos tentando fazer a coisa certa, estamos tentando não magoar ninguém!

– Estamos fazendo a coisa errada – disse Homer Wells. – Está na hora de fazer tudo certo.

Em pânico, Candy olhou pela janela; Wally desaparecera de sua posição no canto do lado fundo da piscina.

– Vamos conversar depois – sussurrou ela para Homer.

Candy tirou uma pedra de gelo do copo de alguém; comprimiu-a contra o lábio inferior e acrescentou:

– Eu o verei à beira da piscina.

– Não podemos conversar sobre essas coisas junto da piscina – disse Homer.

– Então encontrarei com você na casa de sidra – disse Candy, olhando por toda parte à procura de Wally, especulando por que

porta ele entraria... a qualquer momento.

– Não é uma boa ideia nos encontrarmos lá.

– Apenas dando uma volta! – insistiu Candy, em tom brusco. – Você dá uma volta até lá pelo seu caminho, eu vou pelo outro... e nos encontramos lá!

Ela se encaminhou para o banheiro antes que Homer ouvisse Wally na porta do terraço.

Candy sentiu-se grata pelo equipamento especial do banheiro – especialmente a pia no nível da cadeira de rodas, como uma pia para crianças num jardim de infância, como as pias em St. Cloud's (ela se lembrava). Ajoelhou-se no chão do banheiro e inclinou a cabeça para a pia; virou o rosto sob uma torneira; a água fria foi contínua contra o lábio.

– Como está indo a louça? – perguntou Wally a Homer, que ainda trabalhava na grelha.

– Um pouco complicada esta noite – respondeu Homer.

– Sinto muito – murmurou Wally, sinceramente. – Onde está Candy?

– Acho que está no banheiro.

– Ahn...

Wally foi para o canto da cozinha em que o pegador e alguns fragmentos de aspargos estavam caídos no chão. Inclinou-se e recolheu o pegador, que entregou a Homer na pia.

– Não quer assistir aos dois últimos tempos da partida de beisebol? – perguntou ele a Homer. – Deixe Candy cuidar do resto da louça.

Wally saiu da cozinha; esperou no caminho que Homer Wells fosse buscar o carro.

Foram no jipe de Candy, com a capota arriada. Não era necessário levar a cadeira de rodas; era apenas um jogo da Pequena Liga, e Homer podia levar o jipe até a linha do campo e continuariam sentados nele, assistindo ao jogo. A cidade estava feliz

por ter um campo iluminado, embora fosse uma estupidez realizar partidas da Pequena Liga depois do escurecer; os garotos ficavam acordados até mais tarde do que era necessário e o campo não era tão bem iluminado – sempre havia bolas perdidas. Mas Wally adorava assistir aos garotos jogando; quando Angel jogava, ele nunca perdera uma partida. Angel estava agora velho demais para a Pequena Liga e achava uma chatice assistir aos jogos.

O jogo estava quase terminando quando eles chegaram, o que foi um alívio para Homer Wells (que detestava beisebol). Um garoto gordo, preocupado, estava lançando; ele demorava o máximo de tempo entre os lançamentos, como se esperasse que ficasse mais escuro (ou que os refletores pifassem por completo), a fim de que o rebatedor não pudesse mais ver a bola.

– Sabe do que sinto mais falta? – perguntou Wally a Homer Wells.

– O que é? – indagou Homer, que temia a resposta.

Talvez de andar, pensou Homer – ou talvez ele vá dizer “O amor de minha esposa é o que me faz mais falta”. Mas Wally disse:

– De voar. O que sinto mais saudade é de voar. Tenho a maior vontade de estar lá em cima.

Wally não estava assistindo ao jogo, mas olhando por cima dos refletores, para algum ponto na escuridão. E acrescentou:

– Acima de tudo... era assim que eu ficava.

– Eu nunca voei – murmurou Homer Wells.

– Santo Deus, é verdade! – exclamou Wally, genuinamente chocado. – Tem razão, você nunca voou. Tenho certeza de que adoraria. Precisamos dar um jeito nisso de qualquer forma. E Angel acharia emocionante. – Uma pausa, e Wally acrescentou: – É a coisa de que sinto mais saudade.

Depois que o jogo terminou e estavam voltando para casa, Wally estendeu a mão para a alavanca de mudança e pôs o jipe em ponto morto.

– Desligue o motor apenas por um momento – disse ele a Homer. – Vamos apenas deslizar.

Homer virou a chave e o jipe foi descendo a encosta em silêncio.

– Apague os faróis também – disse Wally. – Apenas por um instante.

E Homer Wells apagou os faróis. Podiam ver as luzes da casa de Ocean View à frente e ambos conheciam a estrada tão bem que se sentiam seguros apenas deslizando na escuridão; mas depois as árvores se ergueram e cortaram a vista da casa iluminada, houve um declive desconhecido na estrada. Por apenas um momento, pareciam completamente perdidos, talvez saindo da estrada e avançando entre as árvores escuras. Homer Wells tornou a acender os faróis.

– Isso foi voar – disse Wally, quando entraram no caminho da casa.

À frente deles, rebrilhando aos faróis, a cadeira de rodas esperava. Quando Homer o carregou do jipe para a cadeira de rodas, Wally passou os braços pelo pescoço de Homer. – Não pense jamais que não sou grato por tudo o que tem feito, meu velho – disse Wally a Homer, que o pôs na cadeira, gentilmente.

– Deixe disso – murmurou Homer.

– Estou falando sério. Sei o quanto você tem feito por mim e quase nunca tenho a oportunidade de dizer o quanto sou grato por tudo.

Wally deu um beijo em Homer, entre os olhos; Homer se empertigou, visivelmente embaraçado.

– Você é que fez tudo por mim, Wally.

Mas Wally descartou a observação com um aceno de mão, já se afastando na cadeira de rodas, a caminho da casa.

– Não é a mesma coisa, meu velho.

Homer foi estacionar o jipe. Naquela noite, quando Homer o pôs na cama, Angel disse:

– Não precisa mais me pôr na cama.
– Não faço isso porque preciso – respondeu Homer. – Eu gosto.
– Sabe o que eu penso?
– O que é? – indagou Homer, temendo a resposta.
– Acho que você devia arrumar uma namorada – sugeriu Angel, cauteloso.

Homer soltou uma risada.

– Talvez eu faça isso quando você também arrumar uma namorada.

– Mas é claro! – exclamou Angel. – Poderíamos sair juntos!

– Eu ficaria no banco de trás.

– Não tem problema, pois eu prefiro mesmo dirigir.

– Mas não vai preferir dirigir por muito tempo – comentou Homer.

– Tem toda a razão! – Angel riu e depois perguntou ao pai: – Debra Pettigrew era grande como Melony?

– Não – respondeu Homer. – É verdade que ela ia ficar enorme, mas não era tão grande assim quando a conheci.

– Não há a menor possibilidade de a irmã de Big Dot Taft ser pequena.

– Eu nunca disse que ela era pequena.

Os dois riram. Foi um momento bastante feliz para Homer quando se inclinou e beijou Angel – entre os olhos, o mesmo lugar em que Wally o beijara. Era um bom lugar para beijar Angel, na opinião de Homer, porque gostava de cheirar os cabelos do filho.

– Boa-noite – disse Homer. – Eu amo você.

– Eu também amo você. Boa-noite, papai. – Quando Homer já estava quase na porta, Angel perguntou-lhe: – Qual é a coisa que você mais ama?

– Você – respondeu Homer. – Você é quem eu mais amo.

– Depois de mim.

– Candy e Wally – disse Homer, procurando torná-los o mais próximo de uma só palavra que a língua podia conseguir.

– Depois deles.

– Bom, o Dr. Larch... e todo mundo em St. Cloud's, eu acho.

– E qual é a melhor coisa que você já fez?

– Arrumei você – respondeu Homer, suavemente.

– A segunda melhor.

– Acho que foi conhecer Candy e Wally.

– *Quando* os conheceu?

– Acho que sim.

– A outra melhor – insistiu Angel.

– Houve uma ocasião em que salvei a vida de uma mulher – disse Homer. – O Dr. Larch estava ausente e a mulher tinha convulsões.

– Já me contou.

Angel nunca fora muito interessado pelo fato de o pai ter sido um assistente altamente qualificado do Dr. Larch; Homer nunca lhe falara sobre os abortos.

– E o que mais? – perguntou ao pai.

Diga a ele agora, pensou Homer Wells, conte tudo. Mas o que ele disse ao filho foi:

– Nada mais, realmente. Não sou um herói. Não fiz coisas melhores ou mesmo alguma coisa melhor.

– Não tem problema, papai – disse Angel, jovialmente. – Boa-noite.

– Boa-noite.

Lá embaixo, Homer Wells não podia saber se Wally e Candy já estavam na cama ou se Wally se deitara sozinho; a porta do quarto estava fechada e não havia luz aparecendo por baixo. Mas alguém deixara uma luz acesa na cozinha, e o lampião lá fora, junto do caminho dos carros, estava aceso. Homer foi para o escritório do

mercado de maçãs, a fim de ler a correspondência; com a luz do escritório acesa, Candy saberia onde ele estava. E se ela já tivesse ido para a casa de sidra, ele poderia seguir do escritório até lá; seria esperto, nesse caso, deixar a luz do escritório acesa e só apagá-la depois que voltasse da casa de sidra. Assim, se Wally acordasse e visse a luz, pensaria que Homer ou Candy ainda estava trabalhando no escritório.

O embrulho de St. Cloud's, chegando exatamente no dia da visita de Melony, surpreendeu Homer. Ele quase não queria abri-lo. O velho provavelmente me mandou bolsas de enema!, pensou Homer Wells. Ficou chocado ao ver a maleta de médico de couro preto; o couro estava gasto e macio, o fecho de latão fora tão polido que se mostrava opaco, como uma fivela de barrigueira de uma sela antiga, mas tudo o que estava gasto e usado na aparência da maleta só contribuía para ressaltar ainda mais as iniciais douradas:

F. S.

Homer Wells abriu a maleta e aspirou fundo; estava esperando o cheiro vigoroso e viril de couro velho, mas misturado havia vestígios femininos do cheiro forte do éter. Foi nesse momento – em uma cheirada – que Homer Wells percebeu alguma coisa da identidade que o Dr. Larch projetara para Fuzzy Stone.

– Dr. Stone – disse Homer, em voz alta, lembrando quando Larch o tratara como se fosse Fuzzy.

Ele não queria voltar para a casa, a fim de guardar a maleta, mas também não queria deixá-la no escritório; quando voltasse ao escritório para apagar a luz, poderia esquecê-la. E o melhor na maleta de um médico é que é confortável carregá-la. Foi por isso que ele a levou para a casa de sidra. A maleta estava vazia, é claro, o que não parecia certo para Homer; por isso, pegou algumas Gravensteins e duas Macs a caminho da casa de sidra e guardou-as

na maleta. Como não podia deixar de ser, as maçãs rolavam de um lado para outro – o que não parecia autêntico.

– Dr. Stone – murmurou Homer uma vez, balançando a cabeça, enquanto dava passos largos pela relva alta.

Candy estava à sua espera há algum tempo, o suficiente para que seus nervos estivessem à flor da pele. Homer pensou que se tivesse acontecido o contrário – se fosse ela quem provocasse a situação –, ele estaria igualmente transtornado.

Foi pungente para Homer descobrir que ela arrumara uma das camas. Os lençóis limpos e os cobertores já haviam sido postos na casa de sidra, na expectativa da chegada da turma da colheita, os colchões enrolados e esperando na extremidade oposta das camas. Candy arrumara a cama mais longe da porta da cozinha. Trouxera uma vela da casa e a acendera – o que proporcionava uma claridade mais suave ao dormitório hostil, embora o uso de velas fosse contra as regras. Recentemente, Homer descobrira que era necessário enfatizar as velas na lista; um dos colhedores iniciara um pequeno incêndio com uma vela, alguns anos antes:

POR FAVOR, NÃO FUMEM NA CAMA
E NADA DE VELAS, POR FAVOR!

fora assim que ele redigira a regra.

A luz da vela era fraca; não podia ser vista da casa de luxo.

Candy não se despira, mas estava sentada na cama – e escovara os cabelos. A escova se encontrava sobre o engradado que servia como mesinha de cabeceira e esse artigo tão comum, de tamanha familiaridade e domesticidade, proporcionou a Homer Wells (com a maleta de médico preta na mão) um calafrio de tal magnitude que ele se imaginou como um médico importante, realizando uma visita domiciliar a alguém que não tinha muito tempo de vida.

– Desculpe – disse ele a Candy, gentilmente. – Bem que tentamos... e como tentamos... mas simplesmente não dá certo. Somente a verdade dará certo.

A voz de Homer ressoava de tanta pomposidade. Candy estava sentada com os joelhos unidos e as mãos no colo; tremia.

– Acha mesmo que Angel já tem idade suficiente para saber? – sussurrou ela, como se o dormitório bruxuleante estivesse repleto de colhedores de maçãs.

– Ele tem idade suficiente para se defender, tem idade suficiente para saber para que servem os *drive-ins*... acho que já tem idade suficiente.

– Não seja grosseiro.

– Desculpe.

– Há sempre muita coisa para fazer durante a colheita – murmurou Candy.

Ela espanou o vestido branco de verão como se tivesse fiapos (só que estava imaculadamente limpo), e Homer Wells lembrou que Sênior Worthington tinha esse hábito – só que no caso de Sênior era um sintoma da doença de Alzheimer e que o Dr. Larch até sabia o nome desse sintoma. Como é mesmo que os neurologistas o chamam?, Homer tentou se lembrar.

– Então vamos esperar e contar para eles depois da colheita – disse Homer. – Esperamos por 15 anos. Acho que podemos esperar mais seis semanas.

Ela se estendeu de costas na cama estreita, como se fosse um garotinha esperando para ser acomodada e receber um beijo de boa-noite numa terra estranha. Homer aproximou-se da cama e sentou contrafeito na beira, à altura da cintura de Candy, que pôs a mão em seu joelho. Homer cobriu-a com sua própria mão.

– Oh, Homer...

Mas ele não se virou para fitá-la. Candy pegou a mão dele e enfiou-a por baixo, fazendo-o tocá-la; não usava nada por baixo.

Homer não retirou a mão, mas também não permitiu que fosse algo mais do que um peso morto contra ela.

– O que você acha que vai acontecer? – perguntou ela friamente, depois de compreender que a mão de Homer estava morta.

– Não posso imaginar coisa alguma.

– Wally vai me mandar embora – disse Candy suavemente, sem autocompaixão.

– Não vai não. E se ele fizer isso, *eu* não faria... e você poderia ficar comigo. É por isso que ele não fará nada.

– O que Angel vai fazer?

– O que ele quiser. Imagino que ficará com você e comigo quando quiser.

Essa parte foi difícil de dizer – e mais difícil ainda de imaginar.

– Ele vai me odiar – disse Candy.

– Não vai não.

Ela empurrou a mão de Homer, que levou a coisa morta de volta a seu próprio colo; um momento depois, a mão de Candy tornou a encontrar o joelho dele e Homer pôs sua mão por cima, de leve, na altura do pulso, quase como se estivesse verificando sua pulsação. Aos pés de Homer, a surrada maleta de médico, pesada com as maçãs, parecia um gato encolhido, à espera; no dormitório bruxuleante, a maleta de médico parecia o único objeto natural – aquela maleta pareceria à vontade onde quer que alguém a levasse; era uma maleta que pertencia ao lugar em que estivesse.

– Para onde você vai? – perguntou-lhe Candy, depois de algum tempo.

– Terei de ir para algum lugar?

– Acho que sim.

Homer Wells estava tentando chegar a alguma conclusão a respeito quando ouviu o carro. Candy devia ter ouvido no mesmo instante, porque sentou na cama abruptamente e soprou a vela. Continuaram sentados, se tocando, enquanto o carro se aproximava.

Era um carro velho ou então não estava muito bem cuidado; as válvulas rateavam e alguma coisa no cano de descarga estava solta e chocalhava. O carro era pesado e baixo; ouviam-no ranger nas elevações da estrada de terra através do pomar. O motorista devia conhecer o caminho, porque os faróis estavam apagados – fora assim que o carro chegara tão perto sem que eles percebessem sua aproximação.

Candy apressou-se em desfazer a cama; no escuro, provavelmente não estava dobrando os lençóis direito. Homer ajudou-a a enrolar o colchão.

– É Wally! – sussurrou Candy.

E, de fato, o carro parecia mesmo o Cadillac, que perdera sua regulagem perfeita (desde a morte de Raymond Kendall). Homer lembrou que o silencioso do carro estava solto e tinha o motor reformado, que já precisava de um novo ajustamento. E era muito pesado e baixo, um carro apropriado para uso em estradas de terra irregulares, atravessando os pomares.

Mas como Wally poderia ter conseguido?, especulou Homer Wells. Wally teria de se arrastar até o Cadillac (o próprio Homer o estacionara por trás de um dos depósitos, onde o caminho era muito pedregoso e irregular para a cadeira de rodas).

– Talvez seja algum garoto daqui – sussurrou Homer para Candy.

A casa de sidra não era desconhecida dos moradores locais; as estradas pelos pomares eram refúgios para muitos namorados.

O carro pesado parou junto à parede da casa de sidra. Candy e Homer sentiram o para-choque bater no prédio.

– É Wally! – sussurrou Candy.

Por que algum garoto local se daria ao trabalho de estacionar tão perto? O motor ainda funcionou por um momento depois que a chave foi virada. E depois houve o silvo do calor do motor ao se aquietar.

Homer largou Candy; tropeçou na maleta de médico ao se encaminhar para a porta e Candy segurou-o, puxando-o de volta.

– Não vou fazê-lo rastejar até aqui – disse Homer.

Mas Candy não era capaz de sair do canto escuro da casa de sidra. Homer pegou a maleta de médico e tateou o caminho pela cozinha escura; a mão procurou pelo interruptor, roçando de leve sobre a nova lista de regras. Não ouvira a porta do carro abrir, mas subitamente percebeu vozes baixas; ficou imóvel, com a mão no interruptor. Oh, Wally, isso não é justo!, pensou ele; se havia vozes, Homer sabia que Wally trouxera Angel. Assim, seria mais fácil para Wally alcançar o Cadillac – Angel poderia levar o carro para a entrada da casa. Mas independentemente do tormento que afligia Wally, Homer estava furioso com o amigo por envolver Angel. Mas Angel não estava envolvido de qualquer maneira?, perguntou-se Homer. (Agora eles acenderam os faróis para iluminar o caminho até a porta?)

Não era assim que Homer imaginara contar aos dois, mas que diferença fazia? Homer Wells acendeu a luz, que o ofuscou por um instante. Pensou que devia estar tão iluminado quanto uma árvore de Natal na porta de casa de sidra. E, pensou também, não era apropriado que tivesse sido o Cadillac que o salvara de St. Cloud's, e agora ali estava o Cadillac – de certa forma para salvá-lo outra vez? Pois ali estava ele, com a surrada maleta de médico na mão, finalmente preparado para contar a verdade – pronto enfim para tomar o seu próprio medicamento.

À luz forte, tirou nervosamente o fiapo imaginário de suas roupas. Lembrou-se do nome que os neurologistas davam: carfologia.

Apertou com mais força a maleta do Dr. Larch e esquadrinhou a escuridão. E, de repente, ficou evidente – para onde estava indo. Era apenas o que sempre fora: um órfão que nunca fora adotado. Conseguiu roubar algum tempo longe do orfanato, mas St. Cloud's

tinha a única pretensão legítima a ele. Na casa dos 40 anos, um homem deve saber a que lugar pertence.

O Dr. Larch iniciou outra carta para Harry Truman, antes de se lembrar de que Eisenhower já era presidente há alguns anos. Escrevera diversas cartas a Roosevelt depois que este morrera e escrevera muitas mais a Eleanor, mas eles nunca haviam respondido. Harry Truman também nunca respondera, e Larch não podia lembrar se escrevera também para a Sra. Truman ou para a filha de Truman – qualquer que fosse, também não lhe respondera.

Fez um esforço para não ficar deprimido com a perspectiva de escrever para Eisenhower; tentou recordar como começara a última. Escrevera “Prezado General”, mas depois disso não podia se lembrar; dissera alguma coisa a respeito de como fora um médico das “tropas” durante a Primeira Guerra Mundial – tentara contornar o verdadeiro assunto, uma espécie de manobra de flanco. Talvez estivesse na hora de experimentar a Sra. Eisenhower. Mas Larch sentiu-se ridículo quando escreveu “Prezado Mamie”.

Ora, de que adianta?, pensou Wilbur Larch. Deve estar louco para escrever a Eisenhower sobre o aborto. Ele arrancou a carta da máquina de escrever; inesperadamente, concluiu que a cabeça do presidente dos Estados Unidos parecia com a de um bebê.

E nesse instante ele recordou que Melony tinha o questionário. Não havia tempo para brincadeiras. Comunicou à enfermeira Angela que haveria uma reunião após o jantar, depois que as crianças estivessem na cama.

A enfermeira Angela não podia se lembrar de qualquer reunião em St. Cloud’s, exceto o encontro bastante constrangedor com o conselho de curadores; presumiu que, se ia haver outra reunião, o conselho provavelmente estava envolvido.

– Oh, Deus, uma reunião! – exclamou a enfermeira Edna, que passou o dia inteiro apreensiva.

A Sra. Grogan também ficou preocupada. E sua maior preocupação era o local da reunião – como se fosse possível perdê-lo ou não encontrá-lo.

– Acho que podemos reduzir as possibilidades ao mínimo – assegurou-lhe a enfermeira Caroline.

Durante o dia inteiro Wilbur Larch trabalhou na sala da enfermeira Angela. Nenhum bebê nasceu naquele dia, e a única mulher que queria um aborto foi muito bem recebida, levada para uma cama e informada de que o aborto poderia ser efetuado no dia seguinte. Wilbur Larch não deixaria a sala da enfermeira Angela, nem para o almoço nem para o chá e nem mesmo para a obra de Deus.

Ele estava revisando e dando os retoques finais na história de Fuzzy Stone, aquele bom doutor; Larch também estava escrevendo o obituário de Homer Wells. O coração do pobre Homer: os rigores de uma vida agrícola e uma dieta com alto teor de colesterol – “Um órfão é um comedor de carne, um órfão está sempre com fome”, escreveu Wilbur Larch.

O Dr. Stone, por outro lado, não era um órfão típico. Larch caracterizava Fuzzy Stone como “esguio e mesquinho”. Afinal, qual entre os órfãos já se atrevera a desafiar o Dr. Larch? E ali estava Fuzzy Stone ameaçando denunciar o seu antigo mentor! Não apenas ele se atrevia a atacar as convicções do Dr. Larch em relação ao aborto, mas também tinha opiniões tão firmes sobre o problema que repetidamente ameaçava denunciar Larch ao conselho. E agora o zelo de Fuzzy estava inflamado pela virtude de um autêntico missionário, pois Larch sabia que o lugar mais seguro para o Dr. Stone praticar a medicina era um lugar em que o conselho nunca pudesse verificar suas atividades. Fuzzy estava lutando contra a diarreia entre as crianças agonizantes da Ásia. Larch acabara de ler um artigo sobre a diarreia em *The Lancet*, informando que era uma das principais causas de mortalidade infantil naquela parte do

mundo. (Homer Wells, que não sabia que seu coração finalmente cedera, também lera o artigo.) Os outros pequenos detalhes sobre a Birmânia e a Índia – que emprestavam tanta autenticidade missionária às cartas iradas que Fuzzy Stone escrevia para Wilbur Larch – eram coisas que Larch se lembrava sobre as penosas viagens de Wally por aquelas bandas.

Fora um dia extenuante para Larch, que também escrevera – em outras vozes – para o conselho de curadores. Teria preferido o éter ao jantar, embora soubesse que o jantar o tornaria mais estável para a reunião que sua angustiada equipe tanto estava temendo. Larch leu um trecho tão curto de *Jane Eyre* que todas as garotas na divisão de garotas ainda estavam acordadas quando as deixou; leu um trecho tão curto de *David Copperfield* que dois dos meninos reclamaram.

– Lamento, mas isso foi tudo o que aconteceu com David Copperfield hoje – disse-lhes o Dr. Larch. – David não teve um grande dia.

Wilbur Larch tivera um grande dia, e a Sra. Grogan e suas enfermeiras sabiam disso. Ele fez todas se reunirem na sala da enfermeira Angela, como se encontrasse conforto em tanto papel e na presença maciça e sombria de sua *Uma breve história de St. Cloud's*, que se acumulava ao seu redor. Apoiou-se na máquina de escrever tão usada como se fosse um pódio.

– Agora! – disse ele, porque as mulheres estavam conversando. – Agora! – repetiu, usando a palavra como um martelinho para impor ordem à reunião. – Agora vamos enfrentá-los no desfiladeiro.

A enfermeira Edna especulou se ele teria se esgueirado até a estação a fim de assistir a filmes de mocinho na televisão, junto com o chefe da estação; a enfermeira Edna fazia isso com frequência. Ela gostava de Roy Rogers mais do que de Hopalong Cassidy; gostaria que Roy não cantasse; preferia Tom Mix a todos os outros. Embora

detestasse o Zorro, tinha em seu coração um lugar para Tonto – para todos os companheiros inseparáveis do mundo.

– A quem vamos enfrentar? – indagou a enfermeira Angela, de maneira agressiva.

– E *você!* – disse o Dr. Larch à enfermeira Caroline, apontando-lhe um dedo. – Você será minha principal arma. É você quem vai puxar o gatilho. Fará o primeiro disparo.

A Sra. Grogan, que temia por sua própria sanidade, receou que o Dr. Larch finalmente tivesse perdido a dele. A enfermeira Angela desconfiava que vinha perdendo o juízo há muito tempo. A enfermeira Edna amava-o tanto que não podia julgá-lo. A enfermeira Caroline queria apenas os fatos.

– Está certo – disse a enfermeira Caroline. – Vamos começar pelo início. Contra quem devo atirar?

– Você vai me entregar – declarou Larch. – Vai me denunciar... a todo mundo aqui!

– Não farei isso de jeito nenhum! – protestou a enfermeira Caroline.

Pacientemente, ele explicou tudo. Era muito simples – para *ele* era simples, porque vinha pensando a respeito há anos. Não era simples para elas, e Larch teve de conduzi-las passo a passo para a salvação geral.

Deviam presumir que Melony responderia ao questionário. Deviam acreditar que suas respostas seriam negativas – não porque Melony fosse necessariamente negativa, como Larch ressaltou para a Sra. Grogan (que estava pronta a defendê-la), mas porque Melony estava zangada.

– Ela nasceu furiosa, sempre será furiosa, e mesmo que não nos queira qualquer mal, um dia ficará bastante furiosa... com alguma coisa, com qualquer coisa... para responder ao questionário. – Uma pausa e Larch acrescentou: – E contará o que sabe, porque Melony pode ser qualquer coisa, mas não é uma mentirosa.

Por isso, argumentou ele, queria que o conselho soubesse antes que era um aborteiro, por intermédio de outra pessoa. Era a única maneira pela qual todos podiam ser salvos. A enfermeira Caroline era a traidora lógica; era jovem, relativamente nova ali, lutara com a sua consciência por um prazo aceitavelmente curto, decidira que não poderia mais continuar em silêncio. A Sra. Grogan e as enfermeiras mais velhas haviam sido pressionadas a aceitar a autoridade do médico como absoluta; a enfermeira Caroline alegaria que elas não eram culpadas. A enfermeira Caroline, no entanto, assumia uma atitude de desafio em relação às figuras de autoridade desta (ou de qualquer outra) sociedade. Apresentaria seu protesto como uma questão de direitos das mulheres – que até as enfermeiras nunca deveriam permitir que os médicos as tiranizassem; que quando um médico violava a lei, mesmo que não fosse o papel de uma enfermeira contestá-lo, era seu direito e obrigação moral denunciá-lo. Larch tinha certeza de que a Sra. Goodhall gostaria daquela parte sobre “obrigação moral” – a Sra. Goodhall sem a menor sombra de dúvida mantinha a ilusão de que suas obrigações morais eram os faróis que orientavam sua vida, e o Dr. Larch achava que era o fardo esmagador dessas obrigações que a convertiam numa mulher amarga e sem alegria.

A enfermeira Edna e a enfermeira Angela escutaram Larch como se fossem filhotes de passarinho aguardando o retorno da mãe ao ninho; a cabeça delas estava afundada nos ombros, o rosto virado para cima, a boca formando silenciosamente as palavras que ouviam Larch pronunciar – na expectativa de engolirem as minhocas.

A Sra. Grogan gostaria de ter trazido seu tricô; se uma reunião era assim, ele não queria comparecer a outra. Mas a enfermeira Caroline começou a perceber; possuía uma consciência basicamente corajosa e fundamentalmente política; e a partir do momento em que aceitou a imagem do conselho como o inimigo, tornou-se atenta ao comandante que tão arduamente tramara a derrota do conselho.

Era uma espécie de revolta, e a enfermeira Caroline era toda pela revolução.

– Além disso – ressaltou-lhe Larch –, você precisa marcar alguns pontos com a extrema direita no conselho, pois foi pintada de rosa. Agora, vai se pintar como cristã. Eles não apenas vão perdoar-lhe, mas também vão querer promovê-la. Vão querer que assuma o comando.

– E *você!* – disse Larch, apontando para a enfermeira Angela.

– Eu? – murmurou a enfermeira Angela.

Ela parecia assustada, mas Larch sabia que era a pessoa perfeita para recomendar Fuzzy Stone. Não fora ela quem lhe dera o nome? E não tivera quase a coragem, tantas vezes, de aderir a Fuzzy em seu debate virtuoso com o Dr. Larch? Porque Fuzzy conhecia e amava a todos; sabia o que precisavam e suas convicções (em relação aos abortos) estavam muito mais em consonância com as próprias convicções da enfermeira Angela.

– Estão? – disse a enfermeira Angela. – Mas eu acredito no aborto!

– Claro que acredita! – disse Larch. – Mas se quer que St. Cloud's continue a oferecer abortos, então é melhor fingir que está no outro lado. É melhor *todos* fingirmos.

– E o que *eu* devo fingir, Wilbur? – indagou a enfermeira Edna.

– Que foi um grande peso que tiraram de sua consciência... eu ter sido finalmente apanhado.

Talvez, se Fuzzy Stone voltasse, a consciência da enfermeira Edna lhe permitisse dormir. E a Sra. Grogan poderia atenuar as orações; talvez não fosse compelida a orar tanto se tivessem ali o maravilhosamente decente Dr. Stone.

Não que todas nós não *adoremos* o Dr. Larch!, diria a enfermeira Angela ao conselho. E não que o pobre velho não acreditasse em si mesmo e no que estava fazendo e por quem estava fazendo. Ele sempre fora devotado aos órfãos. Acontecera apenas que o

problema social predominara sobre ele e seu julgamento. E como essa questão tem atormentado a todas nós! Como tem cobrado um tributo alto!

E como mesmo, pensou a enfermeira Edna. A boca ainda entreaberta, a cabeça balançando entre os ombros, estava mais apaixonada do que nunca por Larch. Ele era de fato devotado a seus órfãos; faria qualquer coisa por eles.

– Mas o que acontecerá com você, Wilbur.. se o denunciarmos?
– perguntou a enfermeira Edna, uma lágrima esguia efetuando uma descida difícil pelo rosto enrugado. – Estou com quase 100 anos, Edna – disse ele, suavemente. – Acho que vou me aposentar.

– Mas não vai embora, não é? – indagou a Sra. Grogan.

– Não conseguiria chegar muito longe, se tentasse – respondeu ele.

Ele fora tão convincente em relação a Fuzzy Stone, apresentara detalhes tão maravilhosos, que a enfermeira Caroline foi a única que percebeu o problema.

– E se Homer Wells não quiser vir para cá e fingir que é Fuzzy Stone? – perguntou ela ao Dr. Larch.

– Homer pertence a este lugar – declarou a enfermeira Angela, mecanicamente; que Homer pertencia a St. Cloud's era (para a enfermeira Angela) um fato tão óbvio quanto o tempo – mesmo que esse fato (para Homer) fosse a cruz de sua vida.

– Mas ele não acredita em fazer abortos – lembrou a enfermeira Caroline a todos os velhos. Ela perguntou a Larch: – Quando foi a última vez que conversou com ele a respeito? *Eu* conversei com Homer recentemente e ele acredita no *seu* direito de fazer abortos... até me mandou para cá, a fim de ajudá-lo. E acredita que deve ser legal... fazer um aborto. Mas também afirma que pessoalmente nunca poderia fazê-lo... para ele, é matar alguém. É assim que ele pensa. É o que ele diz.

– Ele tem um método quase perfeito – comentou Wilbur Larch, cansado.

Contemplando cada um, a enfermeira Caroline viu-os como se fossem dinossauros – não apenas pré-históricos, mas também quase intencionalmente grandes demais para o mundo. Como poderia o planeta proporcionar espaço suficiente para eles? Não era um pensamento muito socialista, mas foi a convicção que provocou um aperto em seu coração ao contemplá-los.

– Homer Wells acha que é matar alguém – repetiu a enfermeira Caroline.

Enquanto falava, sentiu que era pessoalmente responsável pela inanição dos dinossauros; os velhos lhe pareciam esqueléticos e fracos, apesar do tamanho.

– A alternativa é apenas esperar para ver? – indagou a enfermeira Angela.

Ninguém respondeu.

– Ó Senhor, sustente-nos durante o dia inteiro, até que as sombras se alonguem e a noite chegue – entoou a Sra. Grogan, baixinho.

Mas o Dr. Larch não estava disposto a ouvir o restante e se apressou em dizer:

– Qualquer que seja a alternativa... se é que existe alguma... não é a *oração*.

– Sempre foi uma alternativa para mim – declarou a Sra. Grogan, em tom de desafio.

– Então diga-a para si mesma.

O Dr. Larch movimentou-se devagar pela pequena sala. Entregou à enfermeira Angela a carta para o conselho que escrevera para ela. Entregou também a carta da enfermeira Caroline.

– Basta assinar – disse ele. – Mas, se quiserem, podem ler.

– Ainda não sabe o que Melony vai dizer – ressaltou a Sra. Grogan.

– E isso tem alguma importância? – indagou Larch. – Basta olhar para mim. Acha que me resta muito tempo? – Todas desviaram os olhos. – Não quero que tudo dependa de Melony. Ou da velhice. Ou do éter. – O último comentário fez com que a enfermeira Edna cobrisse o rosto com as mãos. – Prefiro correr todo o risco com Homer Wells.

A enfermeira Angela e a enfermeira Caroline assinaram suas cartas. Várias amostras da correspondência entre Wilbur Larch e Fuzzy Stone também foram apresentadas ao conselho; a enfermeira Angela as incluiria no envelope com sua carta. O conselho compreenderia que todas as enfermeiras e a Sra. Grogan haviam debatido o problema juntas. Wilbur Larch não precisaria do éter para ajudá-lo a dormir – não naquela noite.

A Sra. Grogan, que geralmente dormia como uma pedra, passaria a noite inteira acordada; estava orando. A enfermeira Edna fez uma longa caminhada pelas macieiras plantadas na colina. Mesmo quando todos se lançavam à colheita com o maior empenho, era difícil absorver todas as maçãs que Homer lhes proporcionara. A enfermeira Caroline, que (todos concordavam) era a mais alerta, foi incumbida de familiarizar-se com os detalhes da vida e treinamento do fervoroso missionário Dr. Stone; se o conselho fizesse perguntas, o que certamente aconteceria –, alguém deveria estar preparado com as respostas certas. Apesar de sua juventude e energia, a enfermeira Caroline foi obrigada a ir para a cama com a história de Fuzzy; o sono dominou-a antes que chegasse à parte sobre a diarreia das crianças.

A enfermeira Angela estava de plantão. Deu outro sedativo à mulher que esperava por um aborto; deu um copo com água à mulher que esperava por um bebê; ajeitou um dos garotos menores de volta na cama – ele devia ter tido um sonho, pois estava completamente sobre as cobertas, os pés em cima do travesseiro. O Dr. Larch estava tão cansado que foi para a cama sem beijar qualquer dos meninos. A enfermeira Angela resolveu fazer isso por

ele – e, talvez, por si mesma. Depois de beijar o último menino, suas costas estavam doendo, e ela sentou numa das camas desocupadas. Ficou escutando a respiração do menino; tentou se lembrar de Homer Wells quando era pequeno, recordar o som específico de sua respiração; tentou formar uma imagem de suas posturas no sono. Acalmou-a pensar em Homer. Diante da velhice, diante do éter, diante de Melony, ela também preferia correr o risco com Homer Wells.

– Por favor, volte para casa, Homer – sussurrou a enfermeira Angela. – Volte para casa, por favor.

Foi uma das poucas ocasiões em que a enfermeira Angela adormeceu quando estava de plantão e a primeira vez em que adormeceu no dormitório dos meninos. Eles ficaram atônitos ao descobri-la ali, pela manhã; ela despertou com os meninos subindo sobre seu corpo e teve de se esforçar para garantir aos menores que não havia maior mudança na ordem de suas vidas sendo anunciada por sua presença adormecida ali. Esperava estar dizendo a verdade. Um menino especialmente pequeno e supersticioso não acreditou em suas palavras; ele acreditava em coisas a que se referia como “criaturas de pau”, que se recusava a descrever: permaneceu convencido de que um desses demônios convertera a enfermeira Angela numa órfã da noite para o dia.

– Quando a gente pega no sono, a casca cresce por cima dos olhos – explicou ele à enfermeira Angela.

– Mas claro que não!

– É verdade – insistiu o menino. – E depois somente as árvores vão adotar você.

– Isso é bobagem – declarou a enfermeira Angela. – As árvores são apenas árvores. E a casca não pode fazer mal nenhum a você.

– Algumas árvores já foram pessoas – disse o menino. – Eram órfãs.

– Não eram não, meu querido – murmurou a enfermeira Angela, sentando-o em seu colo.

Embora ainda fosse muito cedo, ela podia ouvir a máquina de escrever; o Dr. Larch ainda tinha mais coisas a dizer. O menino em seu colo estava tremendo, também escutando a máquina de escrever.

– Está ouvindo isso? – sussurrou ele para a enfermeira Angela.

– A máquina de escrever?

– A o quê?

– É uma máquina de escrever.

Mas o menino sacudiu a cabeça.

– Não é não. É a casca, que cresce de noite e de manhã.

Embora as costas ainda lhe doessem, a enfermeira Angela carregou o menino até a sala; mostrou-lhe o barulho que ouvira – o Dr. Larch na máquina de escrever –, mas especulou se Larch, no estado em que ficava quando escrevia, não seria mais aterrador para o menino do que suas imaginárias pessoas-árvores.

– Está vendo? – disse a enfermeira Angela ao menino. – É uma máquina de escrever, e aquele é o Dr. Larch.

Larch amarrou a cara para os dois; irritado com a interrupção, resmungou alguma coisa, que eles não puderam ouvir. A enfermeira Angela perguntou ao menino:

– Conhece o Dr. Larch, não é?

Mas o menino não teve qualquer dúvida. Passou os braços pelo pescoço da enfermeira Angela e depois, hesitante, soltou uma das mãos, que apontou para a máquina de escrever e o Dr. Larch, murmurando:

– Criatura de pau.

* * *

Dessa vez a carta foi escrita no tom mais didático de Larch; escrevia para Homer Wells e contou-lhe tudo. Não suplicou. Não apresentou Fuzzy Stone como tendo uma função mais importante que a de Homer; não ressaltou que tanto Homer Wells como Fuzzy Stone eram impostores. Larch disse que tinha certeza de que Angel aceitaria o sacrifício do pai “Ele vai apreciar a sua necessidade de ser útil”, foi como Wilbur Larch se expressou.

“Os jovens acham que assumir riscos é admirável”, argumentou Larch. “Acham que é heroico. Se os abortos fossem legais, você podia recusar – mais do que isso, tendo em vista as suas convicções, *deveria* recusar. Mas enquanto os abortos forem contra a lei, como pode recusar? Como pode se permitir uma opção na questão, quando há tantas mulheres que não têm a liberdade de tomarem uma opção? As mulheres não têm opção. Sei que você sabe que isso não é certo, mas como você pode – logo você, entre todas as pessoas, sabendo o que sabe –, COMO PODE SE SENTIR LIVRE PARA OPTAR POR NÃO AJUDAR PESSOAS QUE NÃO SÃO LIVRES PARA OBTER OUTRA AJUDA? Você tem de ajudá-las, porque sabe como. Pense em quem vai ajudá-las, se você se recusar.” Wilbur Larch estava tão cansado que se se permitisse dormir, a casca de árvore cresceria sobre seus olhos.

“Assim é a armadilha em que você se encontra”, escreveu o Dr. Larch para Homer. “E não é uma armadilha minha – não fui eu quem acuou você. Como os abortos são ilegais, as mulheres que precisam e querem não têm opção na questão, e você – porque sabe como fazer abortos – também não tem opção. O que se está violando aqui é a sua liberdade de opção, e também a liberdade de opção de cada mulher. Se o aborto fosse legal, uma mulher teria uma opção – e você também. Poderia se sentir livre para não fazê-lo, porque outra pessoa se encarregaria. Mas do jeito como está, você se encontra acuado. As mulheres estão acuadas. As mulheres são vítimas e você também.

“Você é a minha obra de arte”, escreveu Wilbur Larch a Homer Wells. “Tudo o mais tem sido apenas um trabalho. Não sei se já tem uma obra de arte em você”, concluiu Larch, em sua carta a Homer, “mas sei qual é o seu trabalho, e você também sabe. Você é o médico.”

A carta foi despachada junto com as cartas e as “provas” para o conselho; a enfermeira Caroline não apenas levou as cartas à estação, mas também observou a correspondência ser embarcada no trem. Quando o trem partiu, ela avistou uma moça particularmente atraente, que desembarcara no lado errado dos trilhos; o chefe da estação, que assistia à televisão, não estava à disposição para orientá-la. A enfermeira Caroline perguntou à aturdida moça se procurava pelo orfanato, o que de fato acontecia. Incapaz de falar ou mesmo de optar por não falar, ela simplesmente acenou com a cabeça e subiu a colina acompanhando a enfermeira Caroline.

O Dr. Larch estava acabando de atender a paciente de aborto que chegara no dia anterior e ali passara a noite.

– Lamento que você tivesse de esperar – disse ele. – Espero que tenha ficado confortável.

– Todos foram muito simpáticos – respondeu a mulher. – Até as crianças parecem simpáticas... as que eu vi.

O Dr. Larch ficou desconcertado com o “até”; por que as crianças não pareceriam simpáticas e atraentes? Ele especulou se tinha alguma ideia de como tudo em St. Cloud’s podia parecer às outras pessoas.

Ele se encaminhava para o dispensário, a fim de descansar um pouco, quando a enfermeira Caroline apresentou-o à paciente seguinte. A moça ainda não era capaz de falar, o que tornou difícil ao Dr. Larch confiar nela.

– Tem certeza de que está grávida? – perguntou. A moça balançou a cabeça. – Segundo mês?

A mulher sacudiu a cabeça e levantou três dedos.

– Terceiro mês – disse Larch.

Mas a mulher deu de ombros e levantou quatro dedos.

– Talvez quatro?

Ela suspendeu cinco dedos.

– Está com cinco meses de gravidez?

Ela suspendeu agora seis dedos.

– Talvez seis?

A mulher deu de ombros.

– Tem certeza de que está grávida? – repetiu Larch; a mulher assentiu. – Mas não sabe há quanto tempo está grávida?

A enfermeira Caroline ajudou a mulher a se despír; era bastante desnutrida, e Larch e a enfermeira Caroline perceberam no mesmo instante que ela estava mais grávida do que a princípio haviam calculado. Depois de examinar a mulher, extremamente nervosa ao seu toque e febril, Larch disse:

– Você pode estar com sete meses. Talvez seja tarde demais.

A mulher sacudiu a cabeça. Larch queria examiná-la melhor, mas a enfermeira Caroline estava com dificuldade para fazer a mulher assumir a posição apropriada. Enquanto a enfermeira Caroline media a temperatura da mulher, tudo o que Larch pôde fazer foi comprimir a mão contra seu abdome, que estava muito tenso – sempre que Larch mal a tocava, ela prendia a respiração.

– Você mesma tentou fazer alguma coisa? – perguntou à mulher, gentilmente. – Você se machucou? – A mulher ficou imóvel. – Por que não fala? – A mulher sacudiu a cabeça. – É muda? – Ela tornou a sacudir a cabeça. – Foi ferida?

A mulher deu de ombros. A enfermeira Caroline finalmente ajeitou a mulher nos estribos.

– Vou olhar dentro de você agora – explicou Larch. – Isto é um espéculo. – Ele levantou o instrumento. – Pode parecer frio, mas não

dói. – A mulher sacudiu a cabeça. – Juro que não vou machucá-la... vou apenas dar uma olhada.

– A febre é de quase 40 graus – sussurrou a enfermeira Caroline para o Dr. Larch.

– Não vai doer nada, por isso você pode relaxar – disse Larch.

Ele pôde sentir a resistência da mulher ao espéculo. Quando se inclinou para olhar, ela falou:

– Não fui eu. Eu nunca poria tudo isso dentro de mim.

– Tudo isso? – repetiu Larch. – Tudo o quê?

De repente, ele não queria olhar antes de saber.

– Não fui eu – repetiu a mulher. – Eu nunca faria uma coisa assim.

O Dr. Larch inclinou-se tão perto do espéculo que teve de prender a respiração. O cheiro de sepsia e putrefação era bastante forte para deixá-lo sufocado se respirasse ou engolisse; as cores familiares e intensas da infecção (mesmo toldadas pela descarga) eram bastante ofuscantes para cegarem o intrépido ou despreparado. Mas Wilbur Larch recomeçou a respirar, lenta e regularmente; era a única maneira de manter a mão firme. Ficou olhando e se espantando com o tecido inflamado da jovem; parecia bastante quente para queimar o mundo. Está compreendendo agora, Homer?, perguntou Larch a si mesmo. Através do espéculo, ele sentia o calor da mulher contra o seu olho.

Violando as Regras

Melony, que pedira carona para ir de Bath a Ocean View, voltou de carona no mesmo dia; perdera o interesse de colher maçãs. Bateu em retirada, a fim de planejar outras férias – ou para solicitar o retomo ao trabalho. Melony foi à pizzaria que todos frequentavam; parecia tão desolada que Lorna deixou o homem com quem estava no balcão e foi sentar à sua frente no reservado.

– Acho que você o encontrou – comentou Lorna.

– Ele mudou – murmurou Melony, contando depois toda a história: – Não foi por *mim* que me senti tão mal. Afinal, não esperava mesmo que ele fugisse comigo ou qualquer coisa assim. Mas eu pensava que ele... que ele se saísse muito melhor. Era alguém que eu pensava que ia se tornar um herói. Acho que isso é uma estupidez, mas era assim que ele parecia... como se tivesse tudo para virar um herói. Parecia muito melhor do que todos os outros, mas no fundo não passava de um impostor.

– Não sabe tudo o que aconteceu com ele – disse Lorna, filosoficamente.

Ela não conhecia Homer Wells, mas tinha simpatia por seus envolvimento sexuais.

O atual envolvimento sexual de Lorna ficou impaciente no balcão, onde a esperava; era um vagabundo chamado Bob, e foi até o reservado de Melony, onde as duas mulheres estavam de mãos dadas.

– Acho que o problema de Homer é ser um homem – comentou Melony. – Só conheci um homem que não deixava que o pau

mandasse em sua vida (ela estava se referindo ao Dr. Larch), e era um viciado em éter.

– Está comigo ou voltou para ela? – perguntou Bob a Lorna, mas olhando fixamente para Melony.

– Estávamos apenas conversando, e ela foi apenas uma velha amiga – disse Melony.

– Pensei que você estava de férias – comentou Bob para Melony.
– Por que não vai para algum lugar em que existem canibais?

– Não enche – respondeu Melony. – Por que não tenta encher um balde furado com uma colher de chá?

Bob torceu-lhe o braço bruscamente – e quebrou-o. Depois, também quebrou-lhe o nariz contra o tampo de fórmica, antes que alguns operários do estaleiro os separassem.

Lorna levou a amiga para o hospital. Depois que engessaram o braço e endireitaram o nariz – quase reto –, Lorna levou Melony para a pensão só de mulheres, o lugar que há muito tinham concordado pertencer: juntas. Lorna levou suas coisas para lá, enquanto Melony convalescia. A inchação no rosto desapareceu depois de alguns dias, e os olhos passaram de negros a um púrpura esverdeado e depois amarelo em cerca de uma semana.

– Quando ele era garoto – disse Melony, o rosto machucado na barriga de Lorna, cuja mão lhe aflagava os cabelos –, tinha aquele tipo de bravura que é realmente especial... ninguém podia obrigá-lo a simplesmente acompanhar os acontecimentos. E olhe só para ele agora: está comendo a mulher de um aleijado, mentindo para o próprio filho.

– É repulsivo – concordou Lorna. – Mas por que não esquece? – Como Melony não respondesse, Lorna acrescentou: – Por que não vai apresentar uma acusação contra Bob?

– E se desse resultado? – indagou Melony.

– Não estou entendendo.

– E se metessem Bob na cadeia ou o mandassem para algum lugar distante? Eu não poderia encontrá-lo quando ficar boa.

– Ahn...

Homer Wells não reconheceu a voz que lhe falou do clarão dos faróis.

– O que tem nessa maleta, Homer? – perguntou Mister Rose.

Fora uma longa viagem desde as Carolinas, e o velho carro de Mister Rose rangia e espocava com o calor e uma dor aparente.

– É muita gentileza sua trabalhar a noite inteira para tornar a casa confortável para mim, Homer – acrescentou ele.

Quando ele se postou na frente dos faróis, o rosto preto ainda estava difícil de ver, mas Homer reconheceu a maneira como se movimentava – muito devagar, mas com todo o potencial armazenado para uma ação rápida.

– Mister Rose!

– Mister Wells – disse Mister Rose, sorrindo.

Trocaram um aperto de mãos, enquanto o coração de Homer se acalmava. Candy ainda estava escondida na casa de sidra, e Mister Rose percebeu que Homer não se encontrava sozinho ali. Ele espiava pela cozinha iluminada, esquadrinhando o dormitório escuro, quando Candy se adiantou para a luz, com um ar de culpa.

– Sra. Worthington! – exclamou Mister Rose.

– Olá, Mister Rose – disse Candy, sorrindo e apertando-lhe a mão. Cutucando Homer, ela acrescentou: – Terminamos bem a tempo. Estávamos acabando de arrumar as roupas de cama.

O comentário foi dirigido a Mister Rose, que refletiu que não havia nenhum carro ali – teriam vindo a pé para a casa de sidra, carregando todos os lençóis e cobertores? – O que estou querendo dizer é que acabamos de dobrar tudo – explicou Candy.

Homer Wells pensou que Mister Rose poderia ter visto a luz acesa no escritório do mercado de maçãs ao passar e acrescentou:

– Estávamos trabalhando até tarde no escritório quando nos lembramos que as roupas de cama estavam todas aqui... empilhadas.

Mister Rose acenou com a cabeça e sorriu. Foi nesse instante que a criança chorou. Candy teve um sobressalto.

– Escrevi a Wally informando que traria minha filha – disse Mister Rose, enquanto uma moça, mais ou menos da idade de Angel, avançava para a luz, com uma criança nos braços.

– Não vejo você desde que era garotinha – disse Homer à moça, que o fitou apaticamente; devia ter sido uma viagem extenuante, com uma criança pequena.

– Minha filha – disse Mister Rose, como apresentação. – E a filha dela. E estes são a Sra. Worthington e Homer Wells.

– Candy – disse Candy, apertando a mão da moça.

– Homer – disse Homer.

Ele não se lembrou do nome da filha e por isso perguntou-lhe. Ela ficou um pouco sobressaltada e olhou para o pai – como à espera de esclarecimento ou conselho.

– Rose – disse Mister Rose.

Todos riram – a filha também. A criança parou de chorar, olhando admirada para os risos.

– Eu estava querendo saber o primeiro nome – explicou Homer.

– Rose é o seu primeiro nome – insistiu Mister Rose. – Já tinha ouvido.

– Rose Rose? – indagou Candy.

A filha sorriu; não parecia muito segura.

– Rose Rose – confirmou Mister Rose, orgulhoso.

Todos riram de novo; a criança estava se animando e Candy brincou com seus dedinhos.

– E qual é o nome dela? – perguntou Candy a Rose Rose.

Dessa vez a moça respondeu por si mesma: – Ela ainda não tem um nome.

– Ainda estamos pensando num nome – acrescentou Mister Rose.

– Uma boa ideia – comentou Homer Wells, que sabia que nomes demais eram dados de maneira frívola ou em caráter temporário; ou, nos casos de John Wilbur e Wilbur Walsh, eram repetidos sem qualquer imaginação.

– A casa de sidra não é o lugar mais apropriado para uma criança – disse Candy a Rose Rose. – Se quiser dar um pulo até a casa, talvez eu tenha algumas coisas de bebê que você poderia usar... não tem até mesmo um cercadinho no sótão, Homer?

– Não precisamos de nada – interveio Mister Rose, jovialmente. – Talvez ela apareça outro dia.

– Acho que eu seria capaz de dormir um dia inteiro – murmurou Rose Rose, gentilmente.

– Se quiser – disse-lhe Candy –, posso cuidar da criança para você... deixando-a dormir pelo tempo que precisar. – Não precisamos de nada – repetiu Mister Rose, sorrindo. – Ou pelo menos não hoje.

– Quer uma ajuda para descarregar suas coisas? – perguntou-lhe Homer.

– Não hoje – respondeu Mister Rose.

Depois que todos se desejaram boa-noite, quando Homer e Candy já estavam se retirando, ele perguntou:

– O que tem na maleta, Homer?

– Maçãs – confessou Homer.

– Uma coisa muito estranha.

Homer abriu a maleta e mostrou. Mister Rose perguntou-lhe:

– Você é médico de maçãs?

Homer quase disse “certo”.

– Ele sabe – disse Homer a Candy, quando se encaminhavam para o escritório.

– Claro que ele sabe – concordou Candy. – Mas que diferença isso faz?

– Acho que nenhuma.

– Já que você estava disposto a contar a Wally e a Angel, acho que não será tão difícil assim. – Depois da colheita.

Homer pegou-lhe a mão, mas quando se aproximaram do mercado de maçãs e da luz do escritório, as mãos se separaram e eles continuaram apartados.

– Para que a maleta? – indagou Candy, antes de lhe dar um beijo de boa-noite.

– É para mim – respondeu Homer Wells. – Acho que é para mim.

Ele adormeceu, pensando admirado no que lhe parecia ser o controle absoluto que Mister Rose tinha sobre o seu mundo – até controlava a rapidez com que a filha da filha ganharia um nome (para não falar, provavelmente, do próprio nome)! Homer acordou perto do amanhecer, pegou uma caneta-tinteiro na mesinha de cabeceira e usou-a para escrever, com determinação, sobre o número escrito a lápis no verso da fotografia da tripulação do *Oportunidade Bate*.

Com a tinta escura, ele acompanhou o traçado do lápis; essa permanência era tranquilizante – como se a tinta, a exemplo do que acontecia num contrato, fosse mais compulsória do que o lápis. Não podia saber que Candy também estava desperta; tinha o estômago embrulhado e procurava pôr algum medicamento no banheiro que partilhava com Wally. Ela também julgou necessário tratar do assunto das 270 vezes em que fizera amor com Homer desde que Wally voltara da guerra, mas Candy reverenciou a finalidade desse número com menos significado do que Homer. Em vez de escrever a tinta por cima, Candy pegou uma borracha e apagou a evidência do verso da fotografia em que aparecia ensinando Homer a nadar. Seu estômago aliviou e ela pôde dormir. Sentiu-se aturdida: como

relaxara por completo pela perspectiva de que, depois da colheita, sua vida (a vida a que se acostumara) estaria encerrada.

Homer Wells não tentou voltar a dormir; conhecia a sua história em matéria de sono; não havia como lutar contra ela. Leu um artigo no *The New England Journal of Medicine* sobre a terapia antibiótica; há muitos anos que acompanhava os usos da penicilina e da estreptomicina. Não estava tão familiarizado com a aureomicina e a terramicina, mas achava que não era difícil conhecer os antibióticos. Leu sobre o uso limitado da neomicina; registrou que acromicina e tetraciclina eram a mesma coisa. Escreveu eritromicina na margem do artigo, várias vezes, até ter certeza de que conhecia a grafia; o Dr. Larch lhe ensinara esse método de absorver alguma coisa nova.

“E-R-I-T-R-O-M-I-C-I-N-A”, escreveu Homer Wells – o médico das maçãs, como Mister Rose o chamara. Escreveu isso também na margem. “O médico das maçãs.” E pouco antes de sair da cama, ainda escreveu: “Outra vez um beduíno.”

Pela manhã, Candy mandou Angel à casa de sidra para perguntar se Rose Rose precisava de alguma coisa para a criança; foi o momento em que Angel se apaixonou. Ele era inibido com as garotas de sua idade; os rapazes de sua idade e um pouco mais velhos sempre caçoavam de seu nome. Ele achava que era o único Angel no Maine. Era inibido até antes de se encontrar com garotas, prevendo o momento em que teria de dizer seu nome. Em Heart’s Rock e Heart’s Haven, as garotas mais bonitas e confiantes de sua turma ignoravam-no; estavam interessadas apenas nos rapazes mais velhos. As garotas que pareciam gostar dele eram feias e acima de tudo gostavam de conversar com outras garotas, sobre si mesmas – ou sobre o que os rapazes haviam dito a quem. Cada vez que falava com uma garota, Angel sabia que suas palavras seriam transmitidas naquela noite pelo telefone para todas as outras garotas negligenciadas da turma. Na manhã seguinte, todas ririam dele, como se tivesse dito a mesma tolice a cada uma. E, assim, ele aprendera a se manter quieto. Observava as garotas mais velhas na

escola; aprovava as que menos conversavam com as amigas. Pareciam-lhe mais amadurecidas, com o que estava significando que faziam coisas que não queriam que as amigas soubessem.

Em 195-, as garotas da idade de Angel ansiavam por sair com rapazes; os rapazes da idade de Angel – como em outros tempos – ansiavam por fazer coisas.

A filha de Mister Rose não apenas era a moça mais exótica que Angel já vira; se ela tinha uma filha, devia também ter feito coisas.

Era frio e úmido na casa de sidra pela manhã; quando Angel chegou lá, Rose Rose estava do lado de fora, ao sol, dando banho em Baby Rose num balde. A criança jogava água para todos os lados, e Rose Rose falava com a filha; não ouviu Angel se aproximar. Talvez – já que fora criado mais pelo pai do que pela mãe – Angel estivesse predisposto a ser atraído por uma cena de Madona. Rose Rose era apenas uns poucos anos mais velha do que Angel – era tão jovem que sua maternidade surpreendia. Quando estava com a filha, os gestos e expressões eram femininos, e tinha um corpo cheio de mulher. Era um pouco mais alta do que Angel. Tinha um rosto redondo e infantil.

– Bom-dia – disse Angel, dando um susto em Baby Rose, no balde.

Rose Rose envolveu a filha numa toalha e levantou-se.

– Você deve ser Angel – disse ela, timidamente.

Rose Rose tinha uma cicatriz fina que cortava a asa de uma narina e se estendia pelo lábio superior; abria uma brecha para a gengiva, que Angel podia ver quando ela entreabria os lábios. Mais tarde, ele perceberia que a faca se cravara no canino e o removera, o que explicava o sorriso parcial de Rose Rose. Ela contaria a Angel que o ferimento matara a raiz do dente, que caíra posteriormente. Angel sentiu-se tão atraído quando a conheceu que até a cicatriz lhe pareceu linda; era o único defeito aparente.

– Vim saber se posso ajudá-la a arrumar qualquer coisa de que precise para a criança – disse Angel.

– Os dentes estão saindo – explicou Rose Rose sobre a filha. – E por isso ela está irritada hoje.

Mister Rose saiu da casa de sidra; ao ver Angel, acenou e sorriu, depois aproximou-se e passou o braço pelos ombros do rapaz.

– Como você vai? Acho que ainda está crescendo. Eu costumava carregá-lo no alto da cabeça – explicou Mister Rose para a filha. – Ele pegava as maçãs que eu não conseguia alcançar.

Mister Rose deu um soco afetuoso no braço de Angel. – Espero continuar a crescer mais um pouco – disse Angel... em benefício de Rose Rose.

Não queria que ela pensasse que ele parara de crescer; queria que ela soubesse que um dia seria mais alto.

Angel gostaria de ter posto uma camisa; não que não fosse musculoso, mas de certa forma parecia mais adulto usar uma camisa. Depois, pensou que Rose Rose poderia apreciar o seu bronzeado de verão e relaxou por não estar de camisa; pôs as mãos nos bolsos do jeans e desejou estar com o boné de beisebol. Era dos Red Sox de Boston e tinha de pegá-lo bem cedo pela manhã se queria usá-lo – caso contrário Candy o usaria. Já há dois verões que tencionavam comprar outro boné; Candy lhe devia um, porque admitira ter rasgado uma das aberturas ao enfiar um lápis.

Candy trabalhava como conferente durante a colheita e precisava do lápis. Aquela seria a segunda colheita em que Angel atuaria como conferente e o segundo verão em que dirigiria um dos tratores que transportavam as maçãs.

Quando Angel contou ao pai que a filha de Rose Rose estava com os dentes saindo, Homer sabia o que fazer. Mandou Angel (junto com Wally) à cidade comprar algumas chupetas e depois despachou-o para a casa de sidra, com as chupetas e um quinto de bourbon; Wally bebia um pouco de bourbon de vez em quando e a

garrafa estava quase cheia. Homer mostrou a Angel como passar uísque nas gengivas de Baby Rose.

– Deixa as gengivas dormentes – explicou Angel a Rose Rose.

Ele mergulhou um dedo rosado no uísque. Depois, enfiou-o na boquinha de Baby Rose. A princípio, ficou com medo de que a criança engasgasse, pois seus olhos se tomaram no mesmo instante enormes e aguados com o vapor do bourbon, mas depois Baby Rose começou a morder o dedo de Angel, vigorosamente, chorando para recuperá-lo quando ele o tirou, a fim de aplicar mais uísque.

– Você vai deixar a menina de porre – advertiu Rose Rose.

– Não vou não – assegurou Angel. – Estou apenas deixando as gengivas dormentes.

Rose Rose examinou as chupetas. Eram bicos de borracha, como os de uma mamadeira, mas sem o buraco e presos a argolas de um azul claro, grandes demais para a criança engolir. O problema em usar um bico de mamadeira comum, explicou Angel Wells, era que a criança sugava ar pela abertura e ficava arrotando ou com gases no estômago.

– Como sabe de tanta coisa? – perguntou Rose Rose a Angel, sorrindo. – Qual é a sua idade?

– Tenho quase 16 anos – respondeu Angel. – E qual é a sua idade?

– Sou mais ou menos da sua.

À tarde, quando Angel voltou à casa de sidra para verificar como estava a dentição, Baby Rose não era a única pessoa da família Rose com uma chupeta na boca. Mister Rose estava sentado no telhado da casa de sidra e Angel não pôde ver – a uma distância considerável, por causa da irreal tonalidade azul-clara da argola de plástico – que ele também tinha uma chupeta na boca.

– Seus dentes também estão saindo? – gritou-lhe Angel.

Mister Rose tirou a chupeta da boca, bem devagar – da maneira como fazia tudo.

– Estou parando de fumar – explicou ele. – Quando se tem uma chupeta na boca o dia inteiro, quem precisa de um cigarro?

Mister Rose tornou a meter a chupeta na boca, sorrindo para Angel.

Na casa de sidra, Baby Rose adormecera com uma chupeta na boca, e Angel surpreendeu Rose Rose lavando os cabelos. Ela estava debruçada sobre a pia da cozinha, de costas para ele; Angel não podia ver-lhe os seios, embora ela estivesse despida da cintura para cima.

– É você? – indagou ela, ambigualmente, continuando de costas para Angel, mas não correndo para se cobrir.

– Desculpe – disse Angel, recuando. – Eu deveria ter batido.

Foi só nesse instante que ela correu para se cobrir, os cabelos ainda encharcados; devia ter pensado que era o pai. – Eu só vim verificar como está a menina – explicou Angel.

– Está muito bem. Você é um bom médico... o meu herói por hoje.

Ela exibia o seu sorriso parcial. Gotas brilhantes do xampu escorriam pelo pescoço e peito, por cima dos braços, que ela cruzara, com uma toalha, sobre os seios invisíveis. Angel Wells, sorrindo, recuou tanto pela porta da casa de sidra que acabou esbarrando no velho carro, estacionado de uma maneira que parecia estar sustentando o prédio. Ele ouviu uma pedrinha rolar pelo telhado da casa de sidra; quando o acertou na cabeça, doeu bastante – embora tivesse conseguido roubar o boné de beisebol de Candy e agora o usasse meio torto, a pala protegendo a testa. Levantou os olhos para Mister Rose, que rolara a pedrinha em sua direção – um tiro perfeito.

– Acertei! – disse Mister Rose, sorrindo.

Mas fora Rose Rose quem realmente o acertara; Angel seguiu cambaleante para o mercado de maçãs e entrou na casa como se tivesse sido atingido por um pedregulho.

Quem era o pai da criança?, especulava Angel Wells. E onde ele estava? E onde estava a Sra. Rose? Mister Rose e a filha seriam sozinhos no mundo?

Angel foi para o seu quarto e começou a fazer uma lista de nomes – nomes de garotas. Tirou do dicionário alguns nomes de que gostava e depois acrescentou outros, que o dicionário ignorara. De que outra forma poderia impressionar uma garota que não fora capaz de pensar num nome para sua filha?

Angel teria sido uma bênção para St. Cloud's, onde a prática de dar nomes às crianças estava um tanto surrada. Embora a enfermeira Caroline contribuísse com sua energia juvenil para a ocasião quase constante, suas escolhas um pouco políticas haviam deparado com alguma resistência. Ela gostava de Karl (por Marx) e Eugene (por Debs), mas todos protestaram contra Friedrich (por Engels), que fora assim reduzido a Fred (de que ela não gostava). A enfermeira Angela também protestou contra Norman (por Thomas) para ela, era um nome como Wilbur. Mas era difícil saber se Angel Wells poderia manter sua paixão por nomes intacta se fosse uma tarefa quase diária. Encontrar um nome para a filha de Rose Rose era uma devoção bastante inesperada – contudo, era típica do primeiro amor de um rapaz.

Abby?, pensou Angel Wells. Alberta? Alexandra? Amanda? Amelia? Antoinette? Audrey? Aurora?

– Aurora Rose – disse Angel, em voz alta. – Oh, Deus, não!

Continuou a avançar pelo alfabeto. A cicatriz no rosto da moça que ele amava era tão fina, tão delicada – Angel imaginou que faria a cicatriz desaparecer, se pudesse beijá-la; e começou a trabalhar pela letra B.

Betsabá? Beatrice? Berenice? Bianca? Blanche? Bridget?

O Dr. Larch estava enfrentando um problema diferente. A paciente morta chegara a St. Cloud's sem qualquer identificação – trouxera

apenas a infecção intensa, a secreção fétida, o feto morto, mas não expelido (e vários dos instrumentos que ela mesma – ou outra pessoa – enfiara, a fim de expelir o feto), o útero perfurado, a febre incontrolável, a peritonite aguda. Ela chegara tarde demais para que pudesse salvá-la, mas mesmo assim o Dr. Larch se culpava.

– Ela estava viva quando chegou aqui – disse ele à enfermeira Caroline. – E, supostamente, eu sou um médico.

– Pois então trate de sê-lo e pare de bancar o sentimental – respondeu a enfermeira Caroline.

– Estou muito velho – murmurou Larch. – Alguém mais jovem, alguém mais rápido poderia tê-la salvado.

– Se é isso o que pensa, talvez seja mesmo velho demais – declarou a enfermeira Caroline. – Não está vendo as coisas como são.

– Como são – repetiu Wilbur Larch, indo se trancar no dispensário.

Ele jamais gostara de perder pacientes, mas aquela, a enfermeira Caroline sabia, já estava completamente perdida ao chegar.

– Se ele se considera responsável por um caso assim – comentou a enfermeira Caroline para a enfermeira Angela –, então acho que deve ser substituído... está mesmo muito velho.

A enfermeira Angela concordou.

– Não é que ele seja incompetente, mas está liquidado depois que começa a pensar que é incompetente.

A enfermeira Edna não quis participar dessa conversa. Foi para a porta do dispensário e ficou repetindo ali:

– Você *não* é velho demais, você *não* é incompetente, você *não* é velho demais...

Mas Wilbur Larch não podia ouvi-la; no outro lado da porta, estava sob o efeito do éter e viajava. Chegara bem longe, à Birmânia – que via tão nitidamente quanto Wally a vira, embora Larch (mesmo com a ajuda do éter) nunca pudesse imaginar tanto calor. A

sombra que ele via sob as árvores era enganadora; não era realmente fresco ali – não no momento do dia a que os birmaneses se referiam como “quando os pés estão calados”. Larch observava o missionário Dr. Stone realizar suas rondas. Nem mesmo o calor do meio-dia impedia Fuzzy Stone de salvar as crianças com diarreia.

Wally poderia informar o sonho de Larch com alguns detalhes melhores. Como as folhas de bambu eram escorregadias quando se tentava subir uma encosta – por exemplo. Como as esteiras de dormir estavam sempre úmidas de suor; como parecia (a Wally) ser um país de submagistrados, corrompidos pelos britânicos – a serem como os britânicos ou a se consumirem em seu ódio aos britânicos. Houvera uma ocasião em que Wally fora carregado por um platô invadido pelo mato e recendendo a estrume de porco; ali existira uma quadra de tênis, construída por algum britânico. A quadra propriamente dita, por causa da cerca alta que a envolvia, era um bom lugar para guardar os porcos; a cerca, que antes impedia que as bolas de tênis se perdessem na selva, agora tornava mais difícil que os leopardos matassem os porcos. Wally se lembraria de que numa parada o magistrado local se encarregara de aplicar a sonda urinária; era um homem afável, rosto redondo, mãos firmes, que usara uma varinha de coquetel de prata – algo que os britânicos haviam deixado para trás. Embora o inglês do magistrado fosse precário, Wally conseguira fazer com que ele compreendesse para que servia a vareta.

– Os britânicos são doidos – dissera o cavalheiro birmanês a Wally. – Não acha?

– Acho sim – concordara Wally.

Ele não conhecera muitos britânicos, mas alguns haviam lhe parecido bastante loucos. Assim, não era muito difícil concordar – embora Wally sempre tivesse o bom senso de concordar com qualquer um que estivesse aplicando a sonda.

A vareta, de prata, era rígida demais para uma sonda apropriada e tinha a extremidade adornada por uma espécie de escudo heráldico, presidido pela efígie austera da rainha Vitória (naquele caso, ela poderia ficar chocada se observasse o uso do instrumento que adornava).

– Só os britânicos são bastante loucos para fazerem uma coisa para mexer as bebidas – dissera o birmanês, rindo.

Ele lubrificara a sonda com sua saliva. Através das lágrimas, Wally tentara rir.

E nas rondas que o Dr. Stone fazia, não haveria muitas crianças diarreicas que também sofriam de retenção urinária, o Dr. Stone não teria de aliviar suas bexigas distendidas, a sonda não seria apropriada e sua aplicação, correta? Aos olhos de Wilbur Larch, que estavam sobre a Birmânia, o Dr. Stone seria perfeito – Fuzzy Stone não perderia um único paciente.

A enfermeira Caroline, compreendendo que a coincidência da mulher morrendo sem um nome não combinaria com as “provas” apresentadas ao conselho, chegou à conclusão de que estava na hora de escrever para Homer Wells. Enquanto o Dr. Larch descansava no dispensário, a enfermeira Caroline trabalhou com o maior empenho, à máquina de escrever, na sala da enfermeira Angela.

“Não seja um hipócrita”, começou ela. “Espero que se lembre da veemência com que sempre me dizia para deixar Cape Kenneth, que meus serviços eram mais necessários aqui – e você estava certo. E pensa que seus serviços não são necessários aqui ou não são necessários neste momento? Pensa que as maçãs não podem crescer sem você? E por quem você pensa que o conselho vai substituí-lo, se você não se apresentar? Um desses covardes comuns que fazem o que lhe mandam, um dos seus médicos tipicamente cautelosos e mesquinhos – um cidadão respeitador da lei e que não será de nenhuma UTILIDADE!”

Ela remeteu a carta na mesma ocasião em que comunicou ao chefe da estação que havia um cadáver no orfanato; diversas autoridades teriam de ser avisadas. Fazia muito tempo que o chefe da estação não via cadáveres no orfanato, mas jamais esqueceria os que contemplara ali – não o de seu antecessor, depois que a tesoura o abrira, muito menos o feto autopsiado de Three Mile Falls.

– Um cadáver? – indagou o chefe da estação.

Ele apertou com toda a força os lados da mesa pequena em que a televisão constantemente exibia suas imagens borradas, focando e desfocando continuamente – qualquer uma das quais o chefe da estação achava preferível às imagens mais nítidas daqueles corpos do passado.

– Uma mulher que não queria ter um bebê – explicou a enfermeira Caroline. – Ela se arreventou toda, tentando tirar o bebê. Foi nos procurar tarde demais para que pudéssemos ajudá-la.

Sem responder e sem jamais desviar os olhos das imagens nevadas e em zigue-zague antes na tela da televisão, o chefe da estação agarrava-se à mesa como se fosse um altar e a televisão, o seu deus – pelo menos, ele sabia, nunca veria naquela televisão qualquer coisa parecida com o que a enfermeira Caroline descrevia; e, por isso, o chefe da estação continuou a olhar para a televisão, em vez de fitar a enfermeira Caroline nos olhos.

Carmen? Cecilia? Charity? Claudia? Constance? Cookie? Cordelia? Angel Wells ajeitou o boné dos Red Sox direito; embora fizesse frio ao amanhecer, ele preferia não usar uma camisa. Dagmar?, pensou ele. Daisy? Dolores? Dotty?

– Para onde está indo com o meu boné? – perguntou-lhe Candy, enquanto tirava a louça do desjejum.

– O boné é *meu* – protestou Angel, passando pela porta.

– O amor é cego – comentou Wally, afastando a cadeira de rodas da mesa.

Ele está se referindo a Angel ou a mim?, especulou Candy. Homer e Wally estavam preocupados com a atração de Angel por Rose Rose, mas Candy achava que era uma paixão de cachorrinho. Candy sabia que Rose Rose tinha bastante experiência para impedir que Angel se deixasse arrebatado. Esse não era o problema, dissera Homer. Candy imaginava que Rose Rose tinha mais experiência em seu dedo mindinho do que... mas esse não era também o problema, dissera Wally.

– Espero que o problema não seja o fato de ela ser *colored* – dissera Candy.

– O problema é Mister Rose – explicara Wally.

A palavra “certo!” fora quase visível nos olhos de Homer. Os homens querem controlar tudo, pensara Candy.

Homer Wells estava no escritório do mercado de maçãs. Havia na correspondência uma carta do Dr. Larch, mas Homer não verificou a correspondência. Isso era função de Wally; além do mais, a turma da colheita chegara. A colheita começaria assim que Homer organizasse tudo. Ele olhou pela janela do escritório e viu o filho sem camisa, conversando com Big Dot Taft. Homer abriu a porta de tela e gritou para Angel:

– Ei, está frio esta manhã... vá pôr uma camisa! – Angel já se encaminhava para os depósitos além do mercado.

– Tenho de esquentar o trator! – disse ao pai.

– Tem é de se esquentar primeiro!

Mas o garoto já estava bastante quente naquela manhã. Edith?, perguntou Angel a si mesmo. Ernestine? Esmeralda? Eve!, pensou ele.

Ele esbarrou em Vernon Lynch, que olhava de cara amarrada para a sua xícara de café quente.

– Tome cuidado por onde anda – resmungou Vernon.

– Faith! – disse-lhe Angel. – Felicia! Francesca! Frederica!

– Idiota! – gritou Vernon Lynch.

– O idiota é você, Vernon – disse-lhe Big Dot Taft.

– Ah, como eu adoro a colheita! – disse Wally, contornando a mesa da cozinha, enquanto Candy lavava a louça. – É a minha época do ano predileta.

– A minha também – murmurou Candy, sorrindo.

O que ela pensava era outra coisa: tenho mais seis semanas para viver.

Black Pan, o cozinheiro, estava de volta; Candy tinha de se apressar – precisava levar Black Pan às compras. Um homem chamado Peaches trabalhara na colheita em Ocean View antes, mas há vários anos não aparecia; era chamado de Peaches, que significa pêssegos, porque sua barba nunca crescia. Um homem chamado Muddy também estava de volta; ninguém vira Muddy por anos. Ele fora gravemente esfaqueado na casa de sidra uma noite e Homer o levava de carro ao hospital em Cape Kenneth. Muddy levava 123 pontos; Homer Wells achava que ele ficara parecendo uma espécie de salame experimental.

O homem que o esfaqueara há muito que sumira. Essa era uma das regras de Mister Rose; Homer achava que talvez a regra predominante da casa de sidra. Não ferir gravemente uns aos outros. Cortava-se as pessoas para assustá-las, para mostrar quem mandava, mas não se remetia ninguém para o hospital. A polícia aparece e todos na casa de sidra se sentem pequenos. O homem que cortara Muddy não pensara na comunidade.

– No fundo ele estava querendo me arrancar o rabo – dissera Muddy, como se estivesse surpreso.

– Ele era um amador – proclamara Mister Rose. – Mas há muito que já sumiu.

O restante da turma, à exceção da filha de Mister Rose, nunca estivera antes em Ocean View. Mister Rose combinou com Angel como Rose Rose e sua filha passariam o dia.

– Ela vai com você para ajudar – disse Mister Rose a Angel. – Pode sentar no para-lama ou ficar de pé atrás do banco. Pode ir no reboque, antes de ficar cheio.

– Claro! – exclamou Angel.

– Se ela precisar levar a criança de volta à casa de sidra, pode ir a pé – acrescentou Mister Rose. – Ela não precisa de favores especiais.

– Não – murmurou Angel.

Ele se sentia surpreso por Mister Rose falar assim sobre a filha, quando ela estava parada ao seu lado, parecendo um pouco embaraçada. Baby Rose – com a chupeta na boca – estava acomodada em seu quadril.

– Black Pan pode cuidar da criança às vezes – disse Mister Rose.

Rose Rose acenou com a cabeça. Angel propôs:

– Candy disse que também podia cuidar dela.

– Não precisamos incomodar a Sra. Worthington – disse Mister Rose.

Rose Rose sacudiu a cabeça.

Quando dirigia o trator, Angel sempre ficava de pé; se sentasse sem uma almofada no assento (e achava que almofadas eram para um velho com hemorroidas), não podia ver a tampa do radiador. Tinha medo de que, se sentasse, o motor esquentasse demais e o radiador fervesse sem que ele notasse. Mas, acima de tudo, parecia melhor dirigir um trator de pé.

Estava contente por dirigir o International Harvester; anos antes, Raymond Kendall instalara um assento giratório. Ele podia deixar Rose Rose sentar – com ou sem Baby Rose no colo – e ficar de pé um pouco para o lado do assento giratório, operando o trator sem qualquer dificuldade. Havia uma embreagem, um freio e um acelerador de mão. O freio de mão de emergência ficava ao lado do quadril de Rose Rose; a alavanca de mudança era ao lado de seu joelho.

– Por que usa esse velho boné de beisebol? – perguntou ela a Angel. – Tem olhos bonitos, mas ninguém vê. Tem cabelos bonitos, mas ninguém vê. E tem uma testa pálida porque o sol não pode encontrar seu rosto. Se não usasse esse boné idiota, seu rosto seria tão bronzeado quanto o corpo.

Isso insinuava a Angel, é claro, que Rose Rose gostava de seu corpo ser bronzeado, não gostava de sua testa ser pálida e conseguira – apesar do boné – notar seus olhos e cabelos (e também gostar deles).

Depois de encher o reboque com a primeira carga de maçãs, Angel tomou um longo gole de uma jarra de água no pomar, virando o boné de beisebol na cabeça para trás enquanto bebia. E depois deixou-o assim, da maneira como um apanhador no beisebol usa – ou da maneira como Candy o usava, a pala atrás da cabeça e virada sobre os cabelos. De certa forma, parecia melhor assim em Candy. Ao ver Angel usando o boné assim, Rose Rose disse:

– Agora você parece mesmo estúpido, como se tivesse uma bola no lugar da cabeça.

No dia seguinte, Angel deixou Candy usar o boné.

Baby Rose estava chupando chupeta, com a potência de uma bomba de três cavalos, e Rose Rose sorriu para Angel.

– Onde está aquele lindo boné? – perguntou ela.

– Perdi – mentiu Angel.

– É uma pena. Era bem bonito.

– Pensei que não gostasse do boné.

– Não gostava em *você* – explicou Rose Rose.

No dia seguinte, ele levou o boné e pôs na cabeça de Rose Rose assim que ela se instalou no assento do trator. Rose Rose parecia extremamente satisfeita; usou o boné da mesma forma que Angel fazia – baixo, por cima dos olhos. Baby Rose olhou vesga para a pala.

– Você perdeu e depois encontrou, hein? – disse Rose Rose.

– Certo – respondeu Angel.

– É melhor tomar cuidado – acrescentou ela. – Não vai gostar de se envolver comigo.

Mas Angel sentia-se lisonjeado e estimulado por ela ter percebido seu interesse – especialmente porque ele não sabia como manifestar tal interesse.

– Que idade você tem? – perguntou ele mais tarde, naquele mesmo dia, casualmente.

– Sou mais ou menos da sua idade, Angel. – Foi tudo o que ela disse.

Baby Rose estava arriada contra o seio da mãe; um chapéu branco de marinheiro, de aba mole, protegia a criança do sol, mas por baixo ela parecia estar com os olhos vidrados e exausta de mastigar a chupeta o dia inteiro.

– Não acredito que você ainda esteja com os dentes doendo – disse Rose Rose à filha.

Ela pegou a argola de plástico azul-claro e tirou a chupeta da boca da criança; houve um estalo, como a rolha de uma garrafa de vinho, sobressaltando Baby Rose.

– Está ficando viciada – murmurou Rose Rose.

Mas quando a menina começou a chorar, ela tornou a pôr a chupeta em sua boca.

– Gosta do nome Gabriela? – perguntou Angel a Rose Rose.

– Nunca ouvi antes.

– Que tal Ginger?

– É uma coisa que se come.

– E Gloria?

– É bonito – disse Rose Rose. – Para quem é?

– Sua filha! – exclamou Angel. – Tenho pensado em nomes para a sua filha!

Rose Rose levantou a pala do boné dos Red Sox de Boston e fitou Angel nos olhos.

– Por que está pensando nisso?

– Apenas para ajudar – disse ele, constrangido. – Apenas para ajudar você a decidir.

– Decidir?

– Para ajudar você a chegar a uma conclusão.

O colhedor chamado Peaches era quase tão rápido quanto Mister Rose. Estava esvaziando seu saco de lona num engradado e interrompeu Rose Rose e Angel.

– Está contando, Angel? – perguntou ele.

– Claro que estou.

Angel examinava as frutas de vez em quando, se não conhecia o colhedor muito bem – para ter certeza de que não estavam machucadas; se estavam ou havia outros sinais de que eram colhidas depressa demais, Angel não dava o preço maior por um *bushel*. Mas Angel sabia que Peaches era um bom colhedor e por isso limitou-se a pôr um número na lista, sem saltar do trator para verificar as maçãs.

– Você não é um conferente? – perguntou Peaches a Angel.

– Claro que sou, e já conferi você.

– Quer dizer que não vai verificar? É melhor se certificar de que não estou colhendo peras ou coisa parecida – disse Peaches, sorrindo.

Angel foi dar uma olhada nas maçãs, e foi nessa ocasião que Peaches aproveitou para lhe dizer:

– Você não vai querer se meter no negócio de faca com Mister Rose.

Ele se afastou em seguida, com o saco e a escada, antes que Angel pudesse dizer qualquer coisa sobre as maçãs que estavam perfeitas, é claro. De volta ao trator, Homer tomou coragem para perguntar a Rose Rose:

– Ainda está casada com o pai de sua filha?
– Nunca fui casada.
– Mas ainda estão juntos... você e o pai?
– Baby não tem pai. Eu nunca estive *junta*.
– Gosto de Hazel e Heather – disse Angel, depois de algum tempo. – São nomes de plantas, e por isso combinam com Rose.
– Não tenho nenhuma planta, mas uma menina – disse Rose, sorrindo.
– Também gosto do nome Hope.
– Hope não é nome de gente.
– Íris é bonito – insistiu Angel. – Mas não é atraente, porque é outra flor. E há também Isadora.
– Puxa! – exclamou Rose. – Nenhum nome é melhor do que outro.
– Que tal o velho e simples Jane? – indagou Angel Wells, que estava começando a se sentir frustrado. – Jennifer? Jessica? Jewel? Jill? Joyce? Julia? Justine?
Ela o tocou. Apenas pôs a mão em seu quadril, mas foi o suficiente para que Angel quase virasse o trator e derrubasse a carga.
– Não pare nunca – murmurou ela. – Nunca pensei que existissem tantos nomes. Continue.
A mão de Rose Rose o estimulou – apenas um pequeno empurrão, antes que voltasse ao colo dele, onde Baby Rose sentava, hipnotizada pelo movimento e o som do trator.
– Katherine? Kathleen? Kirsten? Kitty? – começou Angel Wells.
– Continue – murmurou Rose Rose, a mão tornando a roçar no quadril de Angel.
– Laura? Laurie? Laveme? Lavinia? Leah? Esse significa “cansada”... Leslie? Libby? Loretta? Lucy? Mabel? Esse significa “adorável”... Malvina? Esse significa “neve macia”...

- Nunca vivi num lugar com neve – comentou Rose Rose.
- Maria? Marigold? É o nome de outra flor. Mavis? Esse significa “tordo”, um passarinho.
- Não me diga o que significam os nomes – determinou Rose Rose.
- Melissa? Mercedes?
- Não é um carro?
- É um bom carro – disse Angel. – Um carro alemão. Muito caro.
- Acho que já vi um. Tem um alvo esquisito no capô.
- É a insígnia – explicou Angel Wells.
- É o quê?
- Uma espécie de alvo, você está certa.
- Diga de novo – pediu Rose Rose.
- Mercedes.
- Não é para gente rica?
- O carro?
- O nome ou o carro.
- O carro é muito caro, mas o nome significa “Nossa Senhora da Misericórdia”.
- Pois então que se dane – disse Rose Rose. – Não pedi para não me contar o que os nomes significam?
- Desculpe.
- Por que você nunca usa camisa, Angel? Não sente frio? Ele deu de ombros.
- Pode continuar com os nomes, sempre que quiser.

Depois de quatro ou cinco dias de colheita, o vento mudou; uma brisa forte soprava do Atlântico, e o início da manhã era bastante frio. Angel passou a usar uma camisa de malha e um blusão por cima. Uma manhã, quando estava tão frio que Rose Rose deixara Baby Rose com Candy, Angel percebeu que ela tremia e deu-lhe o seu blusão. Ela usou-o durante o dia inteiro. Ainda o usava quando

Angel foi ajudar na prensa de sidra naquela noite; por algum tempo, ficaram sentados juntos no telhado da casa de sidra. Black Pan sentou lá em cima com eles e falou sobre o tempo em que havia uma instalação do Exército na costa, que podiam avistar à noite.

– Era uma arma secreta. E seu pai – acrescentou Black Pan para Angel – inventou um nome para ela... deixou todo mundo cagando na calça, de tão apavorados. Era uma espécie de roda, ele disse para a gente... mandava as pessoas para a Lua ou alguma coisa parecida.

– Era uma roda-gigante – disse Mister Rose, na escuridão. – Era apenas uma roda-gigante.

– Era isso mesmo! – disse Black Pan. – Eu já vi uma.

– Mas era mais alguma coisa que tinha ali – continuou Mister Rose, em tom sonhador. – Foi usada na guerra.

– Isso mesmo – disse Black Pan. – Dispararam contra alguém.

Contemplando as luzes na costa, Rose Rose anunciou:

– Vou me mudar para a cidade grande.

– Pode ser, quando ficar mais velha – disse Mister Rose.

– Talvez Atlanta – continuou ela. – Já estive em Atlanta, Angel... e também à noite.

– Aquilo era Charleston – disse Mister Rose. – A menos que você tenha ido a Atlanta em outra ocasião.

– Você disse que era Atlanta.

– Talvez eu tenha dito que era Atlanta, mas era Charleston.

Black Pan soltou uma risada. Rose Rose esqueceu de devolver o blusão; mas na manhã seguinte, ainda fria, ela estava usando um dos velhos suéteres de Mister Rose e entregou o blusão a Angel.

– Estou com as minhas próprias roupas esta manhã – disse ela a Angel, o boné de beisebol mais abaixado sobre os olhos do que o habitual.

Black Pan estava cuidando de Baby Rose, e Angel levou algum tempo para perceber que Rose Rose tinha um olho negro – um

branco não reconhece imediatamente um olho negro numa pessoa negra, mas o hematoma dela era grande.

– Ele diz que não tem problema se eu usar o seu boné, mas que você deve usar sua própria camisa – disse Rose Rose a Angel. – Eu falei para você... é melhor não se envolver comigo.

Depois do trabalho naquele dia, Angel foi à casa de sidra para falar com Mister Rose. Angel disse que não tinha más intenções ao deixar Rose Rose usar seu blusão; acrescentou que gostava de verdade da filha de Mister Rose e assim por diante. Angel acabou ficando muito nervoso, mas Mister Rose permaneceu calmo, absolutamente calmo. Claro que Angel (e todos os outros) viu Mister Rose descascar e descarregar uma maçã em três ou quatro segundos – todos presumiam que Mister Rose podia sangrar inteiramente um homem em meio minuto. Podia fazer com que todo um ser humano parecesse uma série de pequenos cortes de barba.

– Quem lhe disse que eu bato na minha filha, Angel? – perguntou Mister Rose, gentilmente.

Rose Rose dissera a Angel, é claro, mas agora Angel percebeu a armadilha; só estava criando problemas para ela. Mister Rose nunca se permitiria ter problemas com Angel. Mister Rose conhecia as regras; eram as verdadeiras regras da casa de sidra, eram as regras colhedoras.

– Apenas pensei que batia nela – murmurou Angel, batendo em retirada.

– Não eu – declarou Mister Rose.

Antes de se afastar no trator, Angel falou com Rose Rose. Disse a ela que se estava com medo de ficar na casa de sidra, sempre podia ficar com ele – que tinha uma cama extra em seu quarto ou que poderia desocupá-lo e convertê-lo num quarto de hóspedes para ela e a criança.

– Um quarto de hóspedes? – repetiu Rose Rose, rindo.

Ela disse que Angel era o homem mais simpático que já conhecera. Tinha um jeito lânguido, como alguém que costumava dormir de pé – os membros pareciam relaxados, como se estivessem dentro d’água. Tinha um corpo indolente, mas em sua presença Angel sentia o mesmo potencial para o movimento rápido como o raio que envolvia o pai, tão intimamente quanto o perfume de alguém. Rose Rose provocava calafrios em Angel.

Ao jantar, o pai perguntou-lhe:

– Como está se dando com Mister Rose?

– Estou mais curiosa em saber como está se dando com Rose Rose – interveio Candy.

– Como ele está se dando com uma garota é apenas de sua conta – protestou Wally.

– Certo – disse Homer Wells, e Wally deixou passar.

– Como está se dando com Mister Rose é da nossa conta, Angel – explicou Wally.

– Porque nós amamos você – disse Homer.

– Mister Rose não vai me fazer mal – respondeu Angel.

– Claro que não vai! – exclamou Candy.

– Mister Rose faz o que ele quer – disse Wally.

– Ele tem as suas próprias regras – disse Homer.

– Ele bate na filha – disse Angel. – Ou pelo menos bateu nela uma vez.

– Não se meta nisso, Angel – disse Wally.

– Isso mesmo – disse Homer.

– Mas *eu* vou me meter! – interveio Candy. – Se ele está batendo naquela garota, vai ouvir de mim!

– Não vai não – disse Wally.

– É melhor não – disse Homer.

– Não me digam o que fazer! – gritou Candy.

Os dois ficaram quietos; sabiam que era melhor não tentar dizer a Candy o que fazer.

– Tem certeza de que é verdade, Angel? – perguntou Candy.

– Quase certeza – respondeu o rapaz. – Noventa e nove por cento.

– Leve a 100 por cento, Angel, antes de dizer que é verdade – advertiu o pai.

– Certo – disse Angel, levantando-se e começando a tirar a mesa.

– Ainda bem que esclarecemos tudo – disse Wally, quando Angel estava na cozinha. E acrescentou, enquanto Candy se levantava e começava também a tirar a mesa: – Uma boa coisa é que todos nós sejamos especialistas na verdade.

Homer Wells continuou sentado onde estava.

Na manhã seguinte, Angel soube que Rose Rose nunca estivera no mar – colhera frutas cítricas na Flórida e pêssegos na Geórgia, subira pela costa até o Maine, mas nunca chegara a molhar a ponta do pé no Atlântico. Nunca sequer sentira a areia.

– Mas isso é um absurdo! – disse Angel Wells. – Iremos à praia um domingo desses.

– Para quê? – disse ela. – Acha que vou ficar melhor com um bronzeado? Para que eu iria à praia?

– Para nadar! – respondeu Angel. – O mar! A água salgada!

– Não sei nadar.

– Ahn... Mas não precisa nadar para gostar do mar. Não precisa ficar com água por cima da cabeça.

– Não tenho roupa de banho.

– Ahn... Posso arrumar. Aposto que um maiô de Candy cabe em você.

Rose Rose ficou apenas um pouco surpresa. Qualquer maiô de Candy ficaria bastante apertado.

No intervalo do almoço, depois que Rose Rose vira como Baby Rose estava com Black Pan, Angel levou-a ao pomar de árvores pequenas perto de Cock Hill; não estavam colhendo naquelas árvores e por isso não havia ninguém por ali. Mal se podia ver o mar. Dava para avistar a extremidade anormal do horizonte, como o céu inexplicavelmente se achatava – e ficando de pé no trator eles podiam distinguir os tons diferentes de azul e cinza, onde o céu se fundia com o mar. Rose Rose não ficou impressionada.

– Você tem de me deixar levá-la para dar uma olhada! – insistiu Angel.

Ele a puxou pelo braço – apenas de brincadeira, apenas um gesto afetuoso – mas Rose Rose soltou um grito súbito; a mão de Angel roçou nela atrás quando se afastou; ao olhar para a mão, ele viu o sangue de Rose Rose.

– Estou menstruada – mentiu ela.

Até mesmo um garoto de 15 anos sabe que o sangue de uma mulher menstruada não é encontrado nas costas.

Depois de se beijarem por algum tempo, ela mostrou os ferimentos – não os que tinha atrás das pernas e não os das nádegas; ele tinha de aceitar sua palavra por isso. Rose Rose mostrou-lhe apenas os cortes nas costas – eram finos, como cortes de gilete, deliberados e cuidadosos, que sarariam por completo em um ou dois dias. Eram apenas um pouco mais profundos do que arranhões; não eram feitos para deixar cicatrizes.

– Eu falei a você – disse ela a Angel, mas ainda o beijando, com força. – Não deve se meter comigo. Não estou disponível.

Angel concordou em não levantar o problema dos talhos com Mister Rose; isso só serviria para agravar a situação – Rose Rose convenceu-o disso. E se Angel queria levá-la à praia – de alguma forma, algum domingo, deveriam ser o mais simpáticos que fosse possível com Mister Rose.

O homem chamado Muddy, que fora remendado com 123 pontos, fora quem se expressara melhor. Ele dissera em uma ocasião:

– Se o velho Rose me cortasse, eu não precisaria de um só ponto. Sangraria um litro por hora, ou até mais devagar, e, quando finalmente acabasse, estaria parecendo alguém que não usara qualquer coisa em mim além de uma escova de dentes dura.

Quando Angel estava guardando o trator no sábado, foi Muddy em vez de Peaches quem lhe falou:

– Acho que você não vai querer se envolver com Rose Rose. O negócio de faca não é o seu negócio, Angel.

Muddy passou o braço pelos ombros de Angel e lhe deu um apertão. Muddy gostava de Angel; lembrava, com afeição, como o pai de Angel o levava a tempo ao hospital de Cape Kenneth.

Quando outra noite estava caindo, Angel sentou com Rose Rose no telhado da casa de sidra e falou sobre o mar: o estranho cansaço que se sente à beira do mar, o peso no ar, o nevoeiro em pleno dia de verão, a maneira como as ondas amaciam as coisas ásperas. Contou toda a história familiar. Como adoramos amar coisas por outras pessoas, como adoramos que outras pessoas amem as coisas através de nossos olhos.

Mas Angel não podia guardar segredo do que imaginava ser a enormidade da má ação de Mister Rose. Contou a história ao pai, a Candy e a Wally.

– Ele a cortou? – perguntou Wally a Angel. – Cortou-a deliberadamente?

– Não há a menor dúvida – respondeu Angel. – Estou 100 por cento certo.

– Não posso imaginar que ele fizesse isso com a própria filha – comentou Homer Wells.

– Não posso acreditar que sempre achamos que era maravilhoso o fato de Mister Rose estar no comando de tudo – murmurou Candy,

estremecendo. – Precisamos tomar alguma providência.

– Precisamos? – indagou Wally.

– Não podemos ficar de braços cruzados! – protestou Candy.

– É o que todo mundo faz – garantiu Wally.

– Se falarem com Mister Rose, ele fará ainda mais mal a ela – disse Angel. – E ela saberá que eu contei. Quero um conselho, não que façam alguma coisa.

– Eu não estava pensando em falar com *e/e* – disse Candy, furiosa. – Estava pensando em falar com a polícia. Não se pode cortar a própria filha!

– Mas será que vai ajudá-la... se ele se meter numa encrenca? – indagou Homer.

– Isso mesmo – acrescentou Wally. – Não vamos ajudá-la se chamarmos a polícia.

– Ou falando com ele – arrematou Angel.

– É preciso sempre esperar para ver – murmurou Homer Wells.

Durante 15 anos, Candy aprendera a ignorar tal comentário.

– Eu poderia chamá-la para ficar aqui – sugeriu Angel. – Isso a afastaria dele. E ela poderia continuar aqui mesmo depois da colheita.

– Mas o que ela faria? – perguntou Candy.

– Não há empregos por aqui – disse Homer Wells. – Não depois da colheita.

– Uma coisa é eles virem para cá na colheita – comentou Wally, com extremo cuidado. – Todos aceitam, mas são apenas migrantes... estão apenas de passagem. Devem seguir em frente. Acho que uma mulher de cor, com uma filha ilegítima, não se sentiria bem-vinda no Maine... não se ficasse.

Candy estava irritada e disse:

– Em todos os anos em que estou aqui, Wally, nunca ouvi ninguém chamá-los de crioulos desdenhosamente ou dizer qualquer coisa ruim a respeito deles. Não estamos no Sul.

Ela arrematou com um tom de orgulho, mas Wally ressaltou:

– Só não é o Sul porque eles não vivem aqui. Basta uma mulher tentar viver aqui e vai ver como vão chamá-la.

– Não acredito nisso – protestou Candy.

– Então é muito estúpida – disse Wally, virando-se para Homer. – Não concorda, meu velho?

Mas Homer Wells observava Angel e perguntou-lhe:

– Está apaixonado por Rose Rose, Angel?

– Estou sim – respondeu Angel. – E acho que ela gosta de mim... pelo menos um pouco.

Ele levou para a cozinha a sua louça e depois subiu para o quarto.

– Ele está apaixonado pela garota – murmurou Homer para Candy e Wally.

– O que parece tão evidente quanto o nariz na sua cara, meu velho – disse Wally. – Por onde você andou?

Ele saiu para o terraço na cadeira de rodas e deu algumas voltas pela piscina.

– O que você acha disso? – perguntou Homer a Candy. – Angel está apaixonado!

– Espero que isso o torne mais compreensivo para o nosso problema – murmurou Candy. – É o que eu penso a respeito.

Mas Homer Wells estava pensando em Mister Rose. Até que ponto ele iria? Quais eram as suas regras?

Ao voltar para a casa, Wally informou a Homer que havia correspondência para ele no escritório do mercado de maçãs.

– Estou sempre pensando em trazê-la para casa – comentou Wally –, mas sempre acabo esquecendo.

– Pois continue esquecendo – aconselhou Homer. – Estamos na colheita. Como não tenho tempo para responder a qualquer correspondência, é melhor não ler nada.

A carta da enfermeira Caroline também chegara; estava à sua espera, junto com a carta do Dr. Larch e com outra de Melony.

Melony devolvera o questionário a Homer. Não o preencheria; apenas ficara curiosa e quisera examiná-lo mais atentamente. Depois de ler algumas coisas, ela podia afirmar pela natureza das perguntas – que o conselho de curadores era, em sua opinião, um amontoado dos idiotas habituais.

– Os caras de terno – como ela os chamava, perguntando a Lorna: – Não odeia também os homens de terno?

– Essa não – respondeu Lorna. – Você simplesmente odeia os homens... todos os homens.

– Especialmente os homens de terno.

Através do questionário, que nunca seria preenchido, Melony escrevera uma mensagem curta para Homer Wells:

QUERIDO SUNSHINE:

PENSEI QUE VOCÊ FOSSE VIRAR

UM HERÓI. ESTAVA ENGANADA. DESCULPE

OS MAUS MOMENTOS AÍ.

AMOR, MELONY

Homer Wells lia a mensagem naquela mesma noite, muito mais tarde, quando não conseguia dormir, como de hábito, e resolveu levantar para ir verificar sua correspondência. Leria também a carta do Dr. Larch e a da enfermeira Caroline; quaisquer dúvidas que ainda pudessem restar sobre a maleta de médico com as iniciais F. S. gravadas a ouro desapareceram na escuridão, antes do amanhecer.

Homer não viu motivo para acrescentar ironia ao apuro em que eles se encontravam; resolveu não enviar a reação de Melony ao questionário para Larch ou a enfermeira Caroline – de que adiantaria para eles saber que haviam se entregado quando poderiam

continuar por mais alguns anos? Ele remeteu um único bilhete, curto, endereçado a ambos. Era um bilhete simples e matemático:

1. NÃO SOU UM MÉDICO.
2. ACREDITO QUE O FETO TEM ALMA.
3. SINTO MUITO.

– Sente muito? – disse Wilbur Larch, quando a enfermeira Caroline leu-lhe o bilhete. – Ele diz que sente muito?

– É verdade que ele não é um médico – admitiu a enfermeira Angela. – Sempre haveria alguma coisa que ele pensaria que não sabia. Sempre pensaria estar cometendo um erro de amator.

– Por isso é que ele seria um bom médico – ressaltou o Dr. Larch. – Os médicos que pensam que sabem tudo são os que cometem os maiores erros de amator. É assim que um bom médico deve pensar: que há sempre alguma coisa que ele não sabe, que sempre pode matar alguém.

– Não temos mais saída agora – comentou a enfermeira Edna.

– Ele acredita que o feto tem alma, hein? – murmurou Larch. – Muito bem. Ele acredita que uma criatura que vive como um peixe tem alma... e que espécie de alma ele pensa que nós temos, os que andam por aqui? Deveria acreditar no que pode ver! Se vai bancar Deus e nos dizer quem tem alma, deveria cuidar das almas que podem lhe responder!

Ele estava divagando. A enfermeira Angela interveio:

– Portanto, vamos esperar para ver.

– Não eu – declarou Wilbur Larch. – Homer pode esperar para ver, mas eu não farei isso.

Sentou à máquina de escrever na sala da enfermeira Angela; escreveu um bilhete simples e matemático para Homer Wells:

1. VOCÊ SABE TUDO O QUE EU SEI, MAIS O QUE ENSINOU A SI MESMO. É UM MÉDICO MELHOR DO QUE EU – E SABE DISSO.

2. PENSA QUE O QUE EU FAÇO É BANCAR DEUS, MAS VOCÊ PRESUME QUE SABE O QUE DEUS QUER. ACHA QUE ISSO NÃO É BANCAR DEUS?
3. EU NÃO SINTO MUITO – NÃO LAMENTO POR QUALQUER COISA QUE FIZ (UM ABORTO QUE NÃO REALIZEI É A ÚNICA COISA QUE LAMENTO). NEM MESMO LAMENTO POR AMAR VOCÊ.

O Dr. Larch foi até a estação e ficou esperando pelo trem; queria ver o bilhete a caminho. Mais tarde, o chefe da estação, a quem Larch raramente cumprimentava, admitiu que ficou surpreso por Larch lhe falar, mas como Larch falou depois que o trem partiu, o chefe da estação achava que ele poderia estar se dirigindo ao trem que se afastava.

– Adeus – disse o Dr. Larch.

Ele subiu a colina para o orfanato. A Sra. Grogan perguntou-lhe se queria um chá, mas o Dr. Larch respondeu que se sentia muito cansado para o chá; queria apenas deitar.

A enfermeira Caroline e a enfermeira Edna estavam colhendo maçãs, e Larch subiu mais um pouco pela colina para lhes falar.

– Você está velha demais para colher maçãs, Edna – disse Larch.
– Deixe que Caroline e as crianças façam isso.

Depois, ele percorreu uma curta distância em companhia da enfermeira Caroline, na direção do orfanato.

– Se eu tivesse de ser alguma coisa – comentou Larch –, provavelmente seria um socialista, mas não quero ser coisa alguma.

Foi para o dispensário e fechou a porta. Apesar da época da colheita, ainda fazia bastante calor para se manter a janela aberta durante o dia; ele fechou a janela também. Era uma lata de éter nova e cheia; talvez ele tenha puxado muito bruscamente o pino de segurança ou o tenha torcido impaciente. O éter pingou na máscara sobre o rosto em quantidade maior do que a habitual; a mão escorregava do cone a todo instante, antes que tivesse o suficiente para se satisfazer. Virou-se um pouco para a parede; assim, a beira

do peitoril da janela fazia contato com a máscara sobre a boca e o nariz, depois que seus dedos relaxavam. Havia pressão suficiente do peitoril para manter o cone no lugar.

Dessa vez ele viajou a Paris; como era animado por lá, depois da Primeira Guerra Mundial. O jovem médico era constantemente abraçado pelos nativos. Lembrou-se de sentar com um soldado americano – um mutilado – num café; todos os fregueses lhes pagaram um conhaque. O soldado pôs seu charuto num copo de conhaque que não podia acabar – não se tencionasse ficar de pé sobre as muletas, numa perna só –, e Wilbur Larch aspirou fundo o aroma. Era assim que Paris recendia – a conhaque e cinzas.

Como perfume. Larch acompanhara o soldado até sua casa – fora um bom médico, mesmo lá, mesmo então. Era uma terceira muleta para o bêbado, era a perna perdida do homem. Fora nessa ocasião que a mulher os abordara. Era uma prostituta, não podia haver qualquer dúvida, era também bastante jovem e estava visivelmente grávida; Larch, que não entendia o francês muito bem, presumiu que ela queria um aborto. Estava tentando lhe dizer que já era muito tarde, que ela teria de ir até o fim, quando percebeu subitamente que a mulher lhe pedia apenas o que uma prostituta geralmente pede.

– *Plaisir d’amour?* – perguntou-lhes.

O soldado mutilado estava quase desfalecendo nos braços de Larch; era apenas a Larch que a mulher oferecia o “prazer de amor”.

– *Non, merci* – murmurou Larch.

Mas o soldado desmaiou; Larch precisou da prostituta grávida para ajudar a carregá-lo. Depois que deixaram o soldado em seu quarto, a mulher renovou a oferta a Wilbur Larch. Ele teve de estender o braço para mantê-la a distância – e ainda assim a mulher se esgueirou e comprimiu a barriga contra o seu corpo.

– *Plaisir d’amour!* – insistiu ela.

– *Non, non!*

Larch teve de sacudir os braços para afastá-la. Uma de suas mãos, balançando para a frente e para trás, ao lado da cama, derrubou a lata de éter com o pino solto. Lentamente, a poça foi aumentando, no chão de linóleo; espalhou-se debaixo da cama, em torno de Larch. A força dos vapores envolveu-o – a mulher de Paris também tinha um cheiro muito forte. O perfume era forte e os eflúvios de seu ofício eram ainda mais. Quando desviou o rosto do peitoril e o cone caiu, Larch já estava sufocando.

– Príncipes do Maine! – Ele tentou chamá-los, mas não emitiu qualquer som. – Reis da Nova Inglaterra!

Pensava que os estava convocando, mas ninguém podia ouvi-lo; a mulher francesa deitou ao seu lado, aconchegou a barriga pesada contra ele. Abraçou-o tão apertado que Larch não conseguia respirar; seu aroma forte e penetrante fez com que as lágrimas escorressem pelas faces de Larch. Ele pensou que estava vomitando; e estava mesmo.

– *Plaisir d’amour* – sussurrou a mulher.

– *Oui, merci* – disse ele, finalmente cedendo. – *Oui, merci*.

A causa da morte seria insuficiência respiratória, em decorrência de aspiração de vômito, o que acarretaria parada cardíaca. O conselho de curadores – à luz das evidências que lhe foram encaminhadas – diria particularmente que foi suicídio; o homem estava prestes a cair em desgraça, disseram a si mesmos. Mas aqueles que o conheciam e sabiam de seu hábito de éter diriam que era o tipo de acidente que poderia ocorrer com um homem cansado. Claro que a Sra. Grogan sabia – e a enfermeira Angela, a enfermeira Edna e a enfermeira Caroline também sabiam – que ele *não* era um homem “prestes a cair em desgraça”; em vez disso, era um homem prestes a não ser mais de utilidade. E um homem de utilidade, pensara Wilbur Larch, era tudo o que ele nascera para ser.

A enfermeira Edna, que por algum tempo permaneceria quase sem falar, encontrou o corpo. A porta do dispensário não fechava

direito e ela achou que o cheiro era especialmente forte, que o Dr. Larch já se encontrava lá dentro por mais tempo do que o habitual.

A Sra. Grogan, que esperava que ele tivesse ido para um mundo melhor, leu com a voz conturbada de um tordo uma passagem emocionada de *Jane Eyre* na divisão de garotas.

Um órfão ama e precisa da rotina, lembraram as mulheres umas às outras.

A enfermeira Caroline, que era resistente e achava Dickens um chato sentimental, possuía um conhecimento firme da linguagem; leu em voz alta uma passagem quase entusiástica de *David Copperfield* na divisão de meninos. Mas descobriu-se abalada pela perspectiva da bênção esperada.

Foi a enfermeira Angela quem disse tudo, de acordo com as regras.

– Vamos ficar felizes pelo Dr. Larch – disse ela às crianças atentas. – O Dr. Larch encontrou uma família. Boa-noite, Dr. Larch.

– Boa-noite, Dr. Larch! – gritaram as crianças.

– Boa-noite, Wilbur – conseguiu balbuciar a enfermeira Edna, enquanto a enfermeira Angela recorria a todas as suas forças para pronunciar o refrão habitual e a enfermeira Caroline, esperando que o vento secasse suas lágrimas, descia a colina até a estação – mais uma vez para informar ao assustado chefe que havia um corpo em St. Cloud's.

Aquele domingo, em Ocean View, foi um dia de veranico, e Homer Wells estava pescando. Não pescando de verdade: Homer tentava descobrir mais sobre o relacionamento entre Mister Rose e a filha. Os dois homens sentaram no telhado da casa de sidra – e durante a maior parte do tempo não falavam. Homer presumia que não falar demais era a única maneira de realizar uma pescaria com Mister Rose.

Lá embaixo, Angel tentava ensinar Rose Rose a andar de bicicleta. Homer se oferecera para levar Angel e Rose Rose à praia (e voltar para buscá-los numa hora marcada), mas era importante para Angel que ele e Rose Rose fossem independentes – alguém levá-lo de carro à praia só servia para enfatizar que ainda aguardava ter idade suficiente para tirar a carteira de motorista. A praia ficava muito longe para ir a pé, e Homer não permitiria que Angel pedisse carona, mas os sete ou oito quilômetros do percurso eram relativamente fáceis de percorrer de bicicleta, pois a estrada era quase toda plana.

Mister Rose observava a aula placidamente, mas Homer estava ansioso pelo sucesso de Rose Rose com a bicicleta; sabia quantos preparativos fora realizado para a proposta viagem – como Angel arrumara a sua bicicleta e a de Candy, como Angel discutira (com Candy) qual dos maiôs de Candy seria mais apropriado a Rose Rose. Juntos, haviam escolhido um maiô verde-esmeralda – tinha uma listra rosa, em espiral, Candy tinha certeza de que se ajustaria melhor em Rose Rose do que nela própria; sempre fora muito largo no busto e nos quadris para Candy.

– Acho que é o tipo de coisa que se deve aprender quando se é pequeno – comentou Homer, a respeito da lição de bicicleta.

Angel corria ao lado da bicicleta cambaleante em que Rose Rose tentava andar. Depois que a bicicleta se deslocava a uma velocidade razoável, Angel a soltava. Rose Rose deixava de pedalar – agarrando-se à bicicleta até que perdia o impulso e caía – ou então pedalava furiosamente, mas sem rumo certo. Parecia incapaz de equilibrar a bicicleta e pedalar ao mesmo tempo. E suas mãos pareciam paralisadas no guidom; para ela, equilibrar-se, pedalar e guiar simultaneamente pareciam cada vez mais um milagre distante.

– Você sabe andar? – perguntou Mister Rose a Homer.

– Nunca tentei. Provavelmente teria alguma dificuldade.

Para Homer, parecia bastante fácil. Não havia bicicletas no orfanato; as crianças poderiam usá-las para ir embora. A única bicicleta em St. Cloud's pertencia ao chefe da estação, que raramente a usava.

– Também nunca tentei – murmurou Mister Rose.

Ele observou a filha deslizar por uma pequena encosta; Rose Rose gritou, a bicicleta virou, ela caiu – e Angel Wells correu para ajudá-la a se levantar.

Uma fileira de homens sentava lá embaixo, as costas contra a parede da casa de sidra; alguns tomavam café, outros bebiam cerveja, mas todos observavam a aula de bicicleta. Alguns encorajavam – e se mostravam tão entusiásticos quanto fãs locais, torcendo numa competição esportiva, e outros contemplavam tão placidamente quanto Mister Rose.

Já se passara algum tempo e os aplausos – o que houvera – tornaram-se mais irregulares e espaçados.

– Não desista – disse Angel a Rose Rose.

– Não vou desistir – garantiu Rose Rose. – Eu disse que ia desistir?

– Lembra o que me disse um dia sobre as regras? – perguntou Homer a Mister Rose.

– Que regras?

– Aquelas regras que eu ponho todos os anos na casa de sidra – explicou Homer. – E você mencionou que havia outras regras... as suas próprias regras para viver aqui.

– Ah, sim, essas regras... – murmurou Mister Rose.

– Pensei que tinha dito que suas regras eram para não machucar uns aos outros... pensei que eram para tomar cuidado. Acho que são mais ou menos como as minhas regras.

– Diga logo o que está pensando, Homer.

– Alguém está sendo ferido? Este ano... está havendo algum problema?

Rose Rose estava em cima da bicicleta; sua expressão era sombria; tanto ela quanto Angel suavam profusamente. Parecia a Homer que Rose Rose estava pulando demais no selim, se machucando quase que intencionalmente, ou então estava se tratando tão rudemente para adquirir a intensidade e concentração de que precisava para controlar a bicicleta.

Ela passou em zigue-zague por uma elevação, sumiu por trás de algumas macieiras. Angel correu atrás.

– Por que eles não vão a pé? – perguntou o colhedor chamado Peaches. – Já poderiam ter chegado lá a essa altura.

– Por que alguém não os leva de carro? – indagou outro homem.

– Eles querem ir por seus próprios meios – explicou Muddy, provocando risos.

– O respeito é importante – disse Mister Rose. Homer pensou que Mister Rose lhe falava, mas ele estava se dirigindo aos homens, que pararam de rir. Mister Rose acrescentou para Homer:

– Daqui a pouco aquela bicicleta vai quebrar.

Rose Rose usava jeans azul, sapatos grossos de trabalho e uma camisa de malha branca; como suava muito, os contornos e as cores do maiô verde-esmeralda e rosa eram visíveis através da camisa.

– Imagine só ela aprender a nadar – disse Mister Rose. Homer Wells sentiu-se aflito por Angel, mas outro assunto pesava mais em sua mente.

– Sobre alguém ser machucado – murmurou Homer. – Sobre as regras.

Mister Rose enfiou a mão no bolso, lentamente. Homer meio que esperava ver a faca, mas não foi a faca que Mister Rose tirou do bolso, e pôs gentilmente na mão de Homer – foi o pedaço de uma vela queimada. Era o que restava da vela que Candy acendera para o amor na casa de sidra. Em seu pânico – quando pensara que era Wally quem os surpreendia ali –, ela a esquecerá.

Homer fechou os dedos em torno do pedaço de vela e Mister Rose afagou-lhe a mão.

– Isso não é contra as regras? – perguntou Mister Rose a Homer.

Black Pan estava fazendo broa de milho, e o cheiro se irradiava da casa de sidra, pairando apetitoso sobre o telhado, que esquentava ao sol do final da manhã; muito em breve estaria insuportavelmente quente no telhado.

– Esse pão já não está pronto para a gente comer? – gritou Peaches para a cozinha.

– Ainda não – respondeu Black Pan, do interior da casa de sidra.
– E não grite ou vai acordar a criança.

– Merda – murmurou Peaches.

Black Pan saiu e deu um chute em Peaches – não com muita força.

– Quando o pão ficar pronto, você não vai chamar de “merda”, não é? – indagou Black Pan.

– Eu não estava chamado nada de “merda”, cara... estava apenas dizendo – protestou Peaches.

– Pois fale baixo. – Black Pan observou por um momento a aula de bicicleta. – Como está indo?

– Eles estão se esforçando muito – disse Muddy.

– Estão inventando um novo esporte – acrescentou Peaches, provocando risos.

– Quero algum respeito – disse Mister Rose.

Todos pararam de rir. Black Pan voltou à cozinha da casa da sidra.

– Quem quer apostar que ele vai queimar o pão? – indagou Peaches.

– Se queimar, é porque ele perdeu tempo para chutar seu rabo – disse Muddy.

A bicicleta estava quebrada; a roda traseira não girava ou então a corrente travara.

– Tem outra bicicleta – disse Angel a Rose Rose. – Fique praticando nela, enquanto eu conserto esta.

Mas enquanto ele consertava a bicicleta de Candy, Rose Rose teve de sofrer com uma bicicleta de homem; além de seus problemas, escorregou e machucou a virilha na barra. Homer ficou preocupado com uma queda mais forte e perguntou-lhe se estava bem.

– É apenas uma pequena câibra – respondeu Rose Rose.

Mas ela continuou agachada até que Angel terminou de consertar a bicicleta de Candy.

– Parece que não tem jeito – confidenciou Homer a Mister Rose.

– O que me diz das regras? – perguntou-lhe Mister Rose.

Homer guardou a vela no bolso. Ele e Mister Rose se fitaram – era quase uma competição a maneira como olhavam um para o outro.

– Estou preocupado com sua filha – disse Homer Wells, depois de algum tempo.

Juntos, eles observaram Rose Rose cair da bicicleta mais uma vez.

– Não se preocupe com ela.

– Ela às vezes parece infeliz – disse Homer.

– Ela não é infeliz.

– Está preocupado com ela?

– A partir do momento em que a gente começa a se preocupar, pode ficar preocupado com qualquer pessoa, não é mesmo? – disse Mister Rose.

Homer Wells teve a impressão de que a queda de Rose Rose contra a barra ainda lhe causava alguma dor, pois ela passava algum tempo com as mãos nos joelhos e a cabeça abaixada (como se a barriga doesse) cada vez que caía da bicicleta.

Homer e Mister Rose não perceberam o momento em que ela desistiu. Apenas notaram que ela corria na direção do pomar

chamado Frying Pan e que Angel corria em seu encalço; as duas bicicletas ficaram para trás.

– É uma pena – comentou Homer. – Eles teriam se divertido na praia. Mas talvez eu possa convencê-los a me deixarem levá-los de carro.

– Deixe-os em paz – disse Mister Rose; da maneira como Homer ouviu, era mais uma ordem do que uma sugestão. E Mister Rose acrescentou, mais suavemente: – Eles não precisam ir à praia. São apenas jovens, não sabem direito como se divertir. Podem se afogar. Ou algumas pessoas podem não gostar de ver um rapaz branco com uma garota de cor... e os dois em roupas de banho. É melhor eles não irem a parte alguma.

Era o fim do assunto, pois Mister Rose perguntou logo em seguida:

– Você é feliz, Homer?

– Eu sou feliz?

– Por que repete tudo?

– Não sei – murmurou Homer, acrescentando depois, cauteloso:

– Sou feliz, às vezes.

– Isso é bom – disse Mister Rose. – E o Sr. e a Sra. Worthington... eles são felizes?

– Acho que são bastante felizes, durante a maior parte do tempo.

– Isso é bom.

Peaches, que tomara algumas cervejas, aproximou-se da bicicleta de Homer com extremo cuidado, como se a máquina fosse perigosa, mesmo caída no chão.

– Tome cuidado para ela não morder você – advertiu Muddy.

Peaches montou na bicicleta e sorriu para os homens. – Como se começa? – perguntou ele, provocando risos.

Muddy levantou e foi até a bicicleta de Candy.

– Vamos apostar uma corrida – disse ele a Peaches.

– Isso mesmo – disse Black Pan, da porta da casa de sidra. – Vamos ver qual dos dois cai primeiro.

– A minha não tem barra no meio – comentou Muddy, sobre a bicicleta de Candy.

– O que faz com que ela seja mais rápida – disse Peaches.

Ele tentou empurrar a bicicleta de Angel para a frente, como se os pés fossem remos.

– Você não está andando nessa coisa, mas fodendo ela! – gritou um dos homens.

Todos riram. Black Pan correu por trás de Peaches e começou a empurrá-lo mais depressa.

– Pare com essa merda! – berrou Peaches.

Mas Black Pan pusera a bicicleta para correr tão depressa que não podia acompanhá-la.

– Não posso entrar na corrida se ninguém me empurrar! – protestou Muddy.

Dois homens se levantaram para empurrá-lo, mais depressa do que Peaches, que desaparecera por cima de uma elevação para o outro campo (de onde os homens podiam ouvi-lo gritando).

– Mas que merda! – gritou Muddy, quando estava andando.

Pedalou com tanta força que a roda da frente se levantou do chão e no instante seguinte a bicicleta saiu de debaixo de seu corpo. Os homens uivavam agora. Black Pan levantou a bicicleta caída de Muddy; foi o próximo a experimentar.

– Você também vai tentar? – perguntou Mister Rose a Homer.

Desde que Angel e Candy não estivessem por perto para assistir, Homer estava disposto a experimentar.

– Claro! – E ele gritou para Black Pan: – Sou o próximo!

Black estava tentando equilibrar a bicicleta no lugar, os pés escorregando dos pedais; caiu para o lado antes mesmo de começar a andar.

– Essa não valeu! – disse Black Pan. – Tenho direito a outra tentativa!

– Você vai experimentar? – perguntou Homer a Mister Rose.

– Eu não.

– A criança está chorando – disse alguém.

– Vá buscá-la – gritou outro.

– Podem deixar que eu cuido disso – declarou Mister Rose. – Ficarei com a menina... e vocês podem se divertir.

Peaches apareceu no alto da elevação; arrastava a bicicleta ao seu lado e mancava.

– Bateu numa árvore – explicou ele. – Foi direto para a árvore, como se a árvore fosse uma inimiga.

– Você deveria guiá-la – disse Muddy.

– Ela guiou a si mesma – respondeu Peaches. – Não quis me escutar.

Homer amparou Black Pan, enquanto o cozinheiro montava pela segunda vez na bicicleta de Candy.

– Lá vamos nós – anunciou Black Pan, com determinação.

Mas ele manteve um braço em torno do pescoço de Homer; só tinha uma das mãos no guidom e não estava pedalando. – Você tem de pedalar para fazê-la andar – disse Homer.

– Você tem de me empurrar primeiro – insistiu Black Pan.

– Alguma coisa está queimando! – gritou alguém.

– Oh, merda! Meu pão de milho! – berrou Black Pan.

Ele pulou para o lado, o braço ainda em torno do pescoço de Homer, que também caiu – por cima da bicicleta.

– Eu disse que ele ia queimar o pão – comentou Peaches para Muddy.

– Me dê essa bicicleta – disse Muddy, arrebatando de Peaches a bicicleta de Angel.

Dois homens estavam dando um empurrão em Homer. – Já estou indo, já estou indo – disse-lhes Homer. Os homens o largaram. Mas ele não conseguiu. Deu uma guinada brusca para um lado, depois se virou para o lugar em que estavam os homens, que tiveram de sair correndo da sua frente; depois, a bicicleta dobrou ao meio e Homer saiu rolando para um lado, enquanto a bicicleta caía para outro.

Todos estavam rindo agora. Peaches olhou para Homer Wells estatelado no chão e disse:

– Às vezes não ajuda nada ser branco!

Todos caíram na gargalhada.

– Ser branco sempre ajuda, na maior parte do tempo – comentou Mister Rose.

Ele estava parado na porta da casa de sidra, a fumaça do pão de milho queimado se elevando por trás, a filha da filha em seus braços – a chupeta um acessório permanente em sua boca. E depois de falar, Mister Rose também enfiou uma chupeta em sua boca.

No meio do vale que era o fundo de Frying Pan, onde o oceano podia estar a 100 quilômetros de distância e a brisa marinha jamais alcançava, Rose Rose estava estendida sobre a relva escura, por baixo de uma Northern Spy que ninguém ainda colhera; Angel Wells estava estendido ao seu lado. O braço de Rose Rose pousava indolente sobre a cintura de Angel; ele passou o dedo lentamente pelo rosto dela, acompanhando a cicatriz que descia do nariz para o lábio. Quando chegou ao lábio, ela imobilizou-lhe a mão e beijou o dedo.

Rose Rose tirara os sapatos de trabalho e o jeans, mas continuava com o maiô de Candy e a blusa.

– A gente não ia mesmo se divertir na praia – murmurou ela.

– Iremos outro dia – sugeriu Angel.

– Não vamos a lugar algum.

Eles se beijaram por algum tempo e, depois, Rose Rose disse:

– Fale de novo para mim. – Angel Wells começou a descrever o mar, mas ela o interrompeu: – Essa parte não. Não estou interessada no mar. Fale sobre a outra parte... quando todos estamos morando na mesma casa. Você e eu, minha filha, seu pai, o Sr. e a Sra. Worthington. Essa é a parte que eu gosto.

Ela sorriu, e Angel recomeçou, explicando como era possível. Ele tinha certeza de que seu pai, Wally e Candy não fariam qualquer objeção.

– Todos são loucos – disse ela a Angel. – Mas continue.

Havia bastante espaço, garantiu Angel.

– Ninguém vai se importar com a criança? – perguntou ela, os olhos fechados; com os olhos fechados, podia ver um pouco melhor o que Angel descrevia.

Foi quando Angel Wells se tornou um autor de ficção, quer o soubesse ou não. Foi quando aprendeu a fazer com que o faz de conta se tornasse mais importante para ele do que a vida real; foi quando aprendeu a pintar um quadro que não era real e nunca seria, mas que para ser acreditado – mesmo num dia ensolarado de veranico – tinha de ser melhor e parecer mais real do que o real; tinha de parecer pelo menos possível. Angel falou durante o dia inteiro; continuou e continuou e continuou; seria um romancista antes do cair da noite. Em sua história, Rose Rose e todos os demais se davam maravilhosamente bem. Ninguém objetava a qualquer coisa que qualquer um fazia. Tudo acabava bem, como dizem no Maine.

Às vezes, Rose Rose chorava um pouco; com mais frequência, eles se beijavam. Apenas umas poucas vezes ela o interrompeu, geralmente porque queria que ele repetisse alguma coisa que lhe parecera especialmente improvável.

– Espere um pouco – dizia ela a Angel. – É melhor contar essa parte de novo, porque devo ser um pouco bronca.

Ao final da tarde, os mosquitos começaram a incomodá-los; ocorreu a Angel que alguma noite Rose Rose poderia pedir a Wally para contar como eram os mosquitos nos arrozais da Birmânia.

– Um mosquito de Ocean View não é nada em comparação com um mosquito B japonês – diria Wally.

Mas Angel não contou a Rose Rose essa parte da fantasia. Ela estava começando a se levantar quando uma câibra aparente ou a dor da queda contra a barra da bicicleta fez com que ela caísse de joelhos, como se tivesse levado um chute. Angel enlaçou-a pelos ombros.

– Machucou-se na bicicleta, não é? – murmurou ele.

– Eu estava tentando – confessou Rose Rose.

– Tentando o quê?

– Tentando me machucar, mas acho que não me machuquei o bastante.

– O bastante para quê?

– Para perder o bebê.

– Você está grávida?

– Outra vez – murmurou ela. – Acho que sempre e sempre. Alguém deve querer que eu não pare de ter filhos.

– De quem?

– Não importa.

– Alguém que não está aqui?

– Ele está aqui – disse Rose Rose. – Mas isso não importa.

– O pai está aqui?

– O pai deste... está aqui, sim – disse ela, afagando a barriga lisa.

– Quem é ele?

– Não importa quem ele é, Angel. Conte de novo aquela parte... só que agora com *duas* crianças. Conte comigo e você e todo mundo e mais dois bebês. Todo mundo não ia se divertir?

Angel dava a impressão de que ela o esbofeteara; Rose Rose beijou-o e abraçou-o – e mudou o tom de voz.

– Está vendo? – sussurrou ela, apertando-o. – A gente não ia se divertir na praia, Angel. – Você quer o bebê?

– Quero a filha que eu tenho, mas não quero este!

Ela bateu em si mesma com toda a força de que era capaz ao dizer “este”; dobrou-se, expelindo todo o ar dos pulmões. Deitou-se na relva, de um jeito que Homer não pôde deixar de notar que era a posição fetal.

– Você quer me amar ou me ajudar? – perguntou ela.

– As duas coisas – respondeu Angel, angustiado.

– Não existe esse negócio de as duas coisas. Se for esperto, vai apenas me ajudar... é mais fácil.

– Você pode ficar comigo – começou Angel... mais uma vez.

– Não me fale mais sobre isso! – reagiu Rose Rose, furiosa. – E também não me diga mais nomes para a minha filha. Basta me ajudar.

– Como? – indagou Angel. – Farei qualquer coisa.

– Apenas me arrume um aborto. Não moro aqui, não sei a quem perguntar e não tenho dinheiro.

Angel calculou que o dinheiro que vinha guardando para comprar um carro provavelmente seria suficiente para um aborto – já economizara cerca de 500 dólares –, mas o problema era que o dinheiro estava numa conta de poupança, cujos curadores eram seu pai e Candy; Angel não podia tirar qualquer dinheiro sem a assinatura dos dois. E quando Angel procurou Herb Fowler em casa, as notícias sobre o aborteiro foram tipicamente vagas.

– Há um velho peidorrento chamado Hood que faz – disse Herb a Angel. – É um médico aposentado de Cape Kenneth. Mas ele faz a coisa em sua casa de veraneio lá no Drinkwater. Sorte sua que ainda

é quase verão. Ouvi dizer que ele também faz na casa de veraneio mesmo em pleno inverno.

– Sabe quanto custa? – perguntou Angel.

– Muito dinheiro. Mas não custa tanto quanto um bebê.

– Obrigado, Herb.

– Meus parabéns – disse Herb Fowler. – Não sabia que seu pau já era bastante comprido para chegar lá.

Mas quando Angel procurou na lista telefônica, não encontrou nenhum Dr. Hood entre os muitos Hood daquela parte do Maine; e Herb Fowler não sabia qual era o primeiro nome. Angel sabia que não podia ligar para cada Hood na lista e perguntar, quando atendessem, se era a casa do aborteiro. Angel também sabia que teria de falar com Candy e o pai para pegar o dinheiro; por isso, não adiou o relato da história toda.

– Puxa, que garoto que Angel é! – diria Wally mais tarde. – Ele nunca tenta esconder qualquer coisa de quem quer que seja. Fala direto... não importa o que seja.

– Ela não quis dizer a você quem é o pai? – perguntou Homer Wells. – Não.

– Talvez seja Muddy – sugeriu Wally.

– Provavelmente Peaches – disse Candy.

– Que diferença faz se ela não quer dizer quem é o pai? – indagou Homer Wells. – O importante é que ela não quer o bebê. O importante é providenciar um aborto.

Wally e Candy ficaram calados; não questionariam a autoridade de Homer no assunto.

– O problema é o seguinte – disse Angel. – Como vamos saber para qual Hood telefonar, quando a lista não diz qual é o médico?

– Sei qual deles é e posso dizer que não é médico – informou Homer.

– Herb disse que ele era um médico aposentado – comentou Angel.

– Ele é um professor de biologia aposentado – declarou Homer Wells, que sabia exatamente quem era o Sr. Hood.

Homer também lembrou que o Sr. Hood outrora confundira o útero de uma coelha com o de uma ovelha. E especulou: quantos úteros o Sr. Hood imaginava que as mulheres tinham? E seria mais cuidadoso se soubesse que uma mulher tinha apenas um útero?

– Um professor de biologia? – balbuciou Angel.

– E não dos melhores – comentou Homer.

– Herb Fowler nunca soube porra nenhuma de coisa alguma – disse Wally.

O pensamento do que o Sr. Hood podia não saber provocou um arrepio em Homer Wells.

– Ela não vai nem chegar perto do Sr. Hood – declarou Homer. – Você terá de levá-la a Saint Cloud's, Angel.

– Mas acho que ela não quer ter o bebê – protestou Angel. – E se tivesse, acho que não gostaria de deixá-lo no orfanato.

– Angel – disse Homer –, ela não precisa ter o bebê em Saint Cloud's. Pode fazer um aborto lá.

Wally movimentou a cadeira de rodas para a frente e para trás. Candy anunciou:

– *Eu* fiz um aborto lá, Angel.

– Você? – murmurou Angel.

– Na ocasião – interveio Wally –, pensávamos que poderíamos ter outro filho depois.

– Foi antes de Wally ser ferido... antes da guerra – explicou Candy.

– O Dr. Larch faz abortos? – Angel perguntou ao pai.

– Certo – respondeu Homer Wells.

Ele estava pensando que devia embarcar Angel e Rose Rose num trem para St. Cloud's o mais depressa possível; com todas as "evidências" que haviam sido apresentadas ao conselho de

curadores, Homer não sabia quanto tempo mais o Dr. Larch teria para exercer seu ofício.

– Vou ligar imediatamente para o Dr. Larch – disse Homer. – E poremos você e Rose Rose no primeiro trem.

– Ou eu posso levá-los no Cadillac – sugeriu Wally.

– É muito longe para você dirigir, Wally – disse Homer.

– Baby Rose pode ficar aqui, comigo – propôs Candy. Concluíram que seria melhor que Candy fosse à casa de sidra e trouxesse Rose Rose e a criança para a casa. Mister Rose poderia brigar com Rose Rose se Angel aparecesse à noite querendo levar sua filha e a criança.

– Ele não vai brigar comigo – garantiu Candy. – Explicarei que encontrei uma porção de roupas velhas de criança e que Rose Rose e eu vamos verificar tudo o que cabe na menina.

– À noite? – disse Wally. – Mister Rose não é nenhum idiota.

– Não me interessa se ele vai acreditar ou não – declarou Candy.

– Só quero tirar a moça e a criança de lá.

– Há mesmo necessidade de tanta pressa? – indagou Wally.

– Infelizmente, acho que há – respondeu Homer Wells.

Ele não falara a Candy e Wally sobre o desejo do Dr. Larch de ser substituído, nem sobre as revelações e ficções apresentadas ao conselho. Um órfão aprende a ficar calado; um órfão guarda as coisas para si mesmo. O que sai dos órfãos sempre sai lentamente.

Quando ligou para St. Cloud's, Homer falou com a enfermeira Caroline; no choque, na dor, no luto pelo Dr. Larch, as mulheres haviam decidido que a enfermeira Caroline é que tinha a voz mais firme ao telefone. E todas estavam também tentando conhecer a fundo os planos do Dr. Larch para tudo, e se enfronharem em sua maciça *Uma breve história de St. Cloud's*. Cada vez que o telefone tocava, elas presumiam que era alguém do conselho de curadores.

– Caroline? – disse Homer Wells. – Aqui é Homer. Quero falar com o velho.

A enfermeira Angela e a enfermeira Edna, assim como a Sra. Grogan, amariam Homer Wells eternamente – apesar de seu bilhete de repulsa –, mas a enfermeira Caroline era mais jovem; não sentia a ternura compulsiva por Homer Wells que provém de se conhecer alguém quando é bebê. Achava que ele traíra Larch. E, é claro, era uma péssima ocasião para ele perguntar pelo “velho”. Quando Larch morrera, a enfermeira Angela, a enfermeira Edna e a Sra. Grogan declararam que não tinham condições de ligar para Homer; a enfermeira Caroline não quisera ligar.

– O que você quer? – perguntou-lhe a enfermeira Caroline, friamente. – Ou será que mudou de ideia?

– O problema é uma amiga de meu filho – explicou Homer Wells. – É uma das colhedoras migrantes aqui. Já tem uma filha sem pai e agora está grávida outra vez.

– Pois então ela vai ficar com dois filhos – informou a enfermeira Caroline.

– Caroline! – disse Homer Wells, bruscamente. – Pare com essa merda. Quero falar com o velho.

– Eu também gostaria de falar com ele – disse a enfermeira Caroline, alteando a voz. E, depois, acrescentou, o tom mais suave: – Larch morreu, Homer.

– Não me venha com essa! – protestou Homer Wells, sentindo o coração tremer.

– Éter demais, Homer. Não há mais a obra de Deus em Saint Cloud’s. Se você conhece alguém que precisa, terá de fazê-lo pessoalmente.

E depois ela desligou – bateu o telefone. O ouvido de Homer zumbiu; ele ouviu o barulho das toras se chocando na água que arrastara os Winkle. Seus olhos não ardiavam tão intensamente desde aquela noite na sala da fornalha dos Draper, em Waterville, quando se vestira para fugir. A garganta não doía tanto – a angústia fazendo pressão para baixo, empurrando para os pulmões – desde aquela

noite em que gritara através do rio, tentando fazer com que as florestas do Maine repetissem o nome de Fuzzy Stone.

Snowy Meadows encontrara a felicidade com os móveis Marsh; ótimo para Snowy, pensou Homer Wells. Ele imaginava que os outros órfãos teriam dificuldade para encontrar a felicidade no negócio de móveis. Às vezes, não podia deixar de admitir, fora muito feliz no negócio de maçãs. Sabia o que Larch lhe diria: que sua felicidade não era a questão, ou que não era tão importante quanto a sua utilidade.

Homer fechou os olhos e vislumbrou as mulheres saltando do trem. Sempre pareciam um pouco perdidas. Lembrou-as no trenó à luz de gás – os rostos eram especialmente nítidos quando os patins passavam pela neve e arrancavam faíscas do chão; como as mulheres estremeciam ao rangido. E, por um breve período, quando a cidade se importara o bastante para providenciar um serviço de ônibus, como as mulheres pareciam isoladas nos ônibus fechados, os rostos enevoados por trás das janelas embaçadas; através do vidro, elas apareciam a Homer Wells da mesma forma que o mundo lhes aparecia, pouco antes que o éter as dominasse.

E, agora, elas seguiam a pé da estação. Homer viu-as marchando encosta acima; havia mais do que se lembrava. Formavam um exército, avançando para o hospital do orfanato, levando uma única baixa.

A enfermeira Caroline era vigorosa, mas para onde iriam a enfermeira Edna e a enfermeira Angela, o que aconteceria com a Sra. Grogan?, preocupou-se Homer. Ele lembrou o ódio e o desprezo nos olhos de Melony. Se Melony estivesse grávida, eu a ajudaria, pensou. E com esse pensamento, compreendeu que estava disposto a bancar Deus, pelo menos um pouco.

Wilbur Larch teria lhe dito que não havia a menor possibilidade de bancar Deus *um pouco*; quando se está disposto a bancar Deus – de qualquer forma –, não se pode deixar de bancar muito.

Homer Wells estava pensando a fundo quando meteu a mão no bolso e encontrou o coto da vela queimada que Mister Rose lhe devolvera. “Isso não é contra as regras?”, perguntara Mister Rose.

Na mesinha de cabeceira, entre o abajur e o telefone, estava o seu velho exemplar de *David Copperfield*. Homer não precisava abrir o livro para saber como começava.

– “Se eu me tornarei o herói de minha própria vida ou se essa posição será ocupada por algum outro, estas páginas vão mostrar” – recitou, de cor.

Sua memória estava extremamente aguçada. Podia recordar os diferentes tamanhos dos cones de éter que Larch fizera pessoalmente. O equipamento era rudimentar: Larch fazia um cone com um pedaço de toalha de linho grosso; entre as camadas da toalha, havia camadas de cartolina, para evitar que o cone desmontasse. Na extremidade aberta do cone havia um chumaço de algodão – para absorver o éter. Era tosco, mas Larch podia fazer um cone daqueles em três minutos; os tamanhos eram diferentes, para rostos diferentes.

Homer preferia a máscara da marca Yankauer – de tela de arame, no formato de uma concha de sopa, envolta por 10 ou 12 camadas de gaze. Foi na velha máscara Yankauer em sua mesinha de cabeceira que ele largou o resto da vela da casa de sidra. Guardava moedas na máscara e às vezes o relógio. Deu uma olhada agora; a máscara continha um pedaço de goma de mascar num papel verde desbotado e o botão de tartaruga de seu casaco de *tweed*. A gaze da máscara estava amarelada e empoeirada, mas tudo o que precisava era de uma gaze nova. Homer Wells tomou uma decisão; seria um herói.

Desceu para a cozinha, onde Angel empurrava Wally em círculos na cadeira de rodas – era um jogo em que se empenhavam quando ambos estavam inquietos. Angel se postava atrás da cadeira de rodas e a empurrava, da maneira como se empurra um patinete;

fazia a cadeira andar cada vez mais depressa – muito mais depressa do que Wally jamais poderia conseguir. Wally se limitava a guiar – dando voltas e mais voltas. Wally tentava se desviar dos móveis, mas, apesar de toda a sua habilidade como piloto e de a cozinha ser ampla, Angel acabava deslocando a cadeira com rapidez demais para o controle e se chocavam contra alguma coisa. Candy ficava furiosa, mas eles continuavam a fazê-lo mesmo assim (especialmente quando ela não estava em casa). Wally chamava isso de “voar”; acima de tudo, era uma coisa que faziam quando estavam entediados. Candy fora à casa de sidra para buscar Rose Rose e a criança. Angel e Wally estavam à vontade.

Ao verem a expressão de Homer, eles pararam no mesmo instante.

– Qual é o problema, meu velho? – perguntou Wally ao amigo.

Homer ajoelhou-se ao lado da cadeira de rodas e pôs a cabeça no colo de Wally.

– O Dr. Larch morreu.

Wally abraçou Homer, enquanto ele chorava. Homer chorou por muito pouco tempo; em sua memória, Curly Day fora o único órfão que jamais chorara por muito tempo. Depois que parou de chorar, Homer disse a Angel:

– Tenho uma pequena história para você... e vou precisar de sua ajuda.

Eles saíram e foram ao galpão em que eram guardadas as coisas de jardinagem. Homer abriu uma das latas de éter com pino de segurança. O vapor fez com que seus olhos lacrimejassem por um momento; jamais compreendera como Larch podia gostar daquela coisa.

– Ele ficou viciado – explicou Homer ao filho. – Mas tinha o toque mais leve do mundo. Vi pacientes conversando enquanto estavam sob o efeito do éter e ainda assim não sentiam coisa alguma.

Levaram o éter para o segundo andar e Homer disse a Angel que preparasse a cama extra em seu quarto – primeiro com o lençol de borracha que haviam usado quando Angel ainda usava fraldas, e por cima os lençóis comuns (mas limpos).

– Para Baby Rose? – perguntou Angel.

– Não, não é para Baby Rose.

Enquanto Homer desempacotava os instrumentos, Angel sentou na outra cama e observou-o.

– A água está fervendo! – gritou Wally lá de baixo.

– Lembra que eu lhe contei que fui o *ajudante* do Dr. Larch? – perguntou Homer ao filho.

– Certo – disse Angel Wells.

– Pois me tornei muito bom... em ajudá-lo. Muito bom mesmo. Não sou um amador. É isso aí... a minha pequena história.

Homer arrumou tudo o que precisava onde podia ver; tudo parecia intemporal, tudo parecia perfeito.

– Continue – disse Angel Wells ao pai. – Conte toda a história.

Lá embaixo, na casa silenciosa, eles podiam ouvir Wally na cadeira de rodas, deslizando de um cômodo para outro; ele ainda estava voando.

Lá em cima, Homer Wells conversava com o filho, enquanto trocava a gaze da máscara Yankauer. Ele começou pela história antiga da obra de Deus e a obra do Demônio – como, para Wilbur Larch, era tudo a obra de Deus.

Candy ficou aturdida: como os faróis do jipe iluminaram todos os homens em silhuetas firmes contra o céu; como estavam empoleirados em fila, como enormes aves, ao longo do telhado da casa de sidra. Ela pensou que todos deviam estar lá em cima – mas nem todos estavam. Mister Rose e a filha estavam no interior da casa de sidra, e os homens esperavam onde lhes fora ordenado que esperassem.

Ninguém falou com Candy quando ela saltou do jipe. Não havia luzes acesas na casa de sidra; se os faróis não tivessem revelado os homens no telhado, Candy pensaria que todos já estavam deitados.

– Olá! – gritou Candy para o telhado. – Um dia, todo esse telhado ainda vai desabar!

Sentiu-se subitamente assustada – porque ninguém lhe falava. Mas os homens estavam mais assustados do que Candy; os homens não sabiam o que dizer – sabiam apenas que era errado o que Mister Rose estava fazendo com a filha e que tinham medo de fazer alguma coisa a respeito.

– Muddy? – chamou Candy, na escuridão.

– Pois não, Madame Worthington!

Ela foi para o canto da casa de sidra em que o telhado mergulhava para mais perto do chão; era por ali que todos subiam; uma velha escada de colheita estava encostada no telhado, mas ninguém se mexeu para segurá-la, a fim de que ela pudesse subir.

– Peaches? – chamou Candy.

– Pois não, madame?

– Alguém segure a escada, por favor.

Muddy e Peaches seguraram a escada, Black Pan pegou a mão de Candy, ajudando-a a subir para o telhado. Os homens abriram espaço e ela sentou.

Candy não podia ver muito claramente, mas saberia se Rose estivesse ali, e também saberia se Mister Rose estivesse, pois ele lhe teria falado.

A primeira vez em que ouviu o som do interior da casa de sidra – diretamente por baixo do lugar em que se encontrava –, Candy pensou que fosse a criança, arrulhando ou talvez começando a chorar.

– Quando o Sr. Wally era um garoto, as coisas eram diferentes... por lá – disse-lhe Black Pan. – Parecia outra terra naquele tempo.

O olhar do cozinheiro estava fixado na costa faiscante. O barulho sob o telhado da casa de sidra tornou-se mais nítido, e Peaches disse:

– Não está uma noite linda, madame?

Não era absolutamente uma linda noite; era uma noite mais escura do que o habitual, e o som da casa de sidra tornou-se agora compreensível para Candy. Por um instante, ela pensou que ia vomitar.

– Tome cuidado quando ficar de pé, Madame Worthington – disse Muddy.

Mas Candy bateu com os pés no telhado; depois ajoelhou-se e começou a bater no zinco com as mãos.

– É um telhado muito velho, Madame Worthington – disse Black Pan. – É melhor tomar cuidado para não cair.

– Ajudem-me a descer!

Muddy e Peaches seguraram seus braços, Black Pan seguiu na frente para a escada. Mesmo andando pelo telhado, Candy ainda tentou bater com os pés.

– Rose! – gritou ela, enquanto descia a escada. Não podia dizer o nome ridículo de Rose Rose nem chamar “Mister Rose!”, preferindo ficar na forma ambígua: – Rose!

Não sabia direito a quem estava chamando, mas foi Mister Rose quem a recebeu na porta da casa de sidra. Ele ainda estava se vestindo – enfiando a camisa e abotoando a calça. Pareceu a Candy mais velho e mais magro do que antes; embora sorrisse, não havia em seus olhos a confiança habitual – com a polida indiferença habitual.

– Não fale comigo – disse-lhe Candy; mas o que ele poderia dizer? – Sua filha e a criança vão comigo.

Candy passou por ele, entrando na casa de sidra; tateou as regras meio rasgadas com os dedos, enquanto procurava o interruptor.

Rose Rose estava sentada na cama. Vestira o jeans, mas não o fechara, pusera a camisa de malha, mas continuava com o maiô de Candy no colo – não estava acostumada a usá-lo e não conseguira vesti-lo às pressas. Encontrara apenas um dos sapatos, que tinha na mão. O outro estava debaixo da cama. Candy encontrou-o e calçou-o no pé correto. Rose Rose não usava meias. Depois, Candy também amarrou o cadarço por ela. Rose Rose simplesmente continuou sentada na cama, enquanto Candy calçava e amarrava o outro sapato.

– Você vem comigo – disse-lhe Candy. – E sua filha também.

– Está bem, madame.

Candy pegou o maiô e usou-o para limpar as lágrimas do rosto de Rose Rose.

– Você está bem agora – murmurou Candy. – E vai se sentir ainda melhor. Ninguém vai lhe fazer mal.

Baby Rose estava profundamente adormecida e Candy tomou cuidado para não acordá-la quando a pegou e entregou à mãe. Rose Rose adiantou-se indecisa. Candy passou o braço por seus ombros quando saíram juntas da casa de sidra.

– Você vai ficar boa – assegurou Candy.

Ela beijou a moça no pescoço e Rose Rose, que suave muito, apoiou-se nela. Mister Rose estava parado no escuro, entre o jipe e a casa de sidra, mas os outros homens continuavam no telhado.

– Você vai voltar – disse Mister Rose, sem que a voz se alteasse ao final; não era uma pergunta.

– Eu mandei que não falasse comigo – disse-lhe Candy, ajudando Rose Rose com a criança a subir no jipe.

– Eu estava falando com a minha filha – declarou Mister Rose, com dignidade.

Mas Rose Rose não respondeu ao pai. Ficou sentada como uma estátua de uma mulher com uma criança no colo, enquanto Candy

dava a volta com o jipe e se afastava. Antes de entrarem juntas na casa de luxo, Rose Rose aconchegou-se contra Candy e balbuciou:

– Eu nunca pude fazer nada.

– Claro que não podia.

– Ele odiava o pai – murmurou Rose Rose. – E desde então ficou atrás de mim.

– Não vai ter mais problemas agora – garantiu Candy, antes de entrarem na casa; pelas janelas, podiam ver Wally voando de um lado para outro lá dentro.

– Conheço meu pai – sussurrou Rose Rose. – Ele vai me querer de volta.

– Ele não pode ter você... e não pode obrigá-la a voltar.

– Ele faz suas próprias regras, madame.

– E o pai de sua linda filha? – perguntou Candy, abrindo a porta para Rose Rose e a criança. – Onde está ele?

– Meu pai cortou ele, tem muito tempo. Ele não quer ter mais nada comigo.

– E sua mãe? – indagou Candy, enquanto entravam na casa.

– Ela está morta.

Foi nesse momento que Wally informou a Candy que o Dr. Larch também estava morto. Ela não o saberia por olhar para Homer, que assumira uma atitude profissional; um órfão aprende a se conter, a manter as coisas sob controle.

– Você está bem? – perguntou Candy a Homer, enquanto Wally circulava pelo andar térreo da casa com Baby Rose e Angel levava Rose Rose para o seu quarto, que estava preparado para ela.

– Estou um pouco nervoso – confessou Homer. – Claro que não é uma questão de técnica e tenho tudo de que preciso... sei que posso fazê-lo. Acontece apenas que para mim é um ser humano. Não posso descrever qual é a sensação... apenas enfiar a cureta, por exemplo. O tecido vivo reage quando se toca... de alguma forma.

Mas Candy interrompeu-o:

– Talvez ajude você saber quem é o pai. É Mister Rose. O pai dela é o pai... se isso torna qualquer coisa mais fácil.

A cama limpa e arrumada no quarto da infância de Angel e os instrumentos brilhantes – arrumados de forma impecável na cama ao lado – tornaram Rose Rose ao mesmo tempo loquaz e rígida.

– Isso não me parece nada divertido – disse ela, com os punhos cerrados no colo. – Tiraram a garota por cima... não da maneira como deveria sair.

Homer Wells compreendeu que ela fizera uma cesariana, talvez por causa da idade e de seu tamanho na ocasião. Mas Homer não foi capaz de convencê-la de que dessa vez tudo seria mais fácil. Não precisaria tirar coisa alguma “por cima”.

– Vá fazer companhia a Wally, Angel – ordenou Candy. – Passeie com Baby Rose na cadeira de rodas. Pode bater em todos os móveis, se quiser.

Ela deu um beijo no filho. Rose Rose murmurou para Angel:

– Isso mesmo, saia daqui.

– Não tenha medo – disse Candy a Rose Rose. – Homer sabe o que está fazendo. Está em mãos seguras.

Ela passou o mertiolate vermelho em Rose Rose, enquanto Homer mostrava os instrumentos à moça.

– Isto é um espécuro. Pode transmitir uma sensação de frio, mas não machuca. Não vai sentir nada. Estes são os dilatadores.

Mas Rose Rose fechou os olhos, perguntando-lhe:

– Já fez isso antes, não é?

Homer estava com o éter pronto e murmurou:

– Apenas respire normalmente.

Ao primeiro sopro, Rose Rose abriu os olhos e desviou o rosto da máscara, mas Candy pôs as mãos em suas têmporas e gentilmente ajeitou a cabeça na posição correta.

– O primeiro cheiro é o mais intenso – explicou Homer Wells.

– Por favor, responda: já fez isso antes? – insistiu Rose Rose, a voz abafada pela máscara.

– Sou um bom médico... sou mesmo. Apenas relaxe e respire normalmente.

– Não tenha medo. – Rose Rose ouviu Candy murmurar-lhe um momento antes de o éter começar a dominar todo o seu corpo.

– Posso andar nela – disse Rose Rose, referindo-se à bicicleta.

Homer observou-a mexer os dedos dos pés. Rose Rose estava tendo a sua primeira sensação da areia; a praia era quente. A onda se aproximou, ela sentiu a água envolver seus tornozelos.

– Não é grande coisa – murmurou Rose Rose, referindo-se ao mar.

Homer Wells, depois de ajustar o espéculo até ter uma visão perfeita do colo do útero, introduziu o primeiro dilatador até abri-lo, como um olho a retribuir seu olhar. O colo do útero parecia amolecido e um pouco ampliado, coberto por um muco claro e saudável – era a cor rosa mais espetacular que Homer já contemplara. Podia ouvir a cadeira de rodas deslizando lá embaixo, acompanhada por risadas incontroláveis de Baby Rose.

– Avise a eles para não excitarem demais a menina – disse Homer a Candy, como se ela fosse sua enfermeira antiga e ele estivesse acostumado a lhe dar instruções, que ela seguia ao pé da letra.

Ele não permitiu que a balbúrdia (ou Candy tentando acalmá-los) o distraísse; observou o colo do útero se dilatar, até que a abertura ficou suficiente. Escolheu a cureta do tamanho correto. Depois do primeiro, pensou Homer Wells, poderia se tornar mais fácil. Porque ele sabia agora que não podia bancar Deus no pior sentido; se podia operar Rose Rose, como seria capaz de recusar ajuda a uma estranha? Como poderia recusar a qualquer uma? Somente Deus toma esse tipo de decisão. Darei o que elas quiserem, pensou ele. Um órfão ou um aborto.

Homer Wells respirava devagar, regularmente; a firmeza da mão surpreendeu-o. Nem mesmo piscou quando sentiu a cureta fazer contato; não desviou os olhos do testemunho do milagre.

Por aquela noite, Candy dormiu na cama extra no quarto de Angel – queria estar perto se Rose Rose precisasse de alguma coisa; mas Rose Rose dormiu como uma pedra. A brecha deixada pelo dente faltando produzia um assovio quando os lábios se entreabriam; não chegava a incomodar, e Candy também dormiu profundamente.

Angel dormiu lá embaixo, partilhando a cama de casal com Wally. Ficaram acordados até tarde, conversando. Wally falou a Angel sobre a ocasião em que se apaixonara por Candy; embora já tivesse ouvido a história antes, Angel escutou agora mais atentamente – agora que pensava ter se apaixonado por Rose Rose. Wally também disse a Angel que nunca deveria subestimar as necessidades mais sombrias do mundo em que seu pai fora criado.

– É a velha história – disse Wally a Angel. – Pode-se tirar Homer de St. Cloud's, mas nunca se pode tirar St. Cloud's de Homer. E o problema de estar apaixonada é que não se pode obrigar ninguém. É natural querer que alguém que você ama faça o que você quer ou o que você pensa que seria bom para ela, mas você tem de deixar tudo acontecer. Não se pode interferir com as pessoas que você ama, assim como não se deve interferir com as pessoas que você nem conhece. E isso é difícil, porque muitas vezes você tem vontade de interferir... ser a pessoa que faz os planos.

– É difícil querer proteger outra pessoa e não ser capaz – ressaltou Angel.

– Não se pode proteger as pessoas, garoto – assegurou Wally. – Tudo o que se pode fazer é amá-las.

Quando adormeceu, Wally sentiu o movimento da balsa no Irrawaddy. Um dos seus afáveis salvadores birmaneses estava se oferecendo para pôr a sonda. Primeiro, ele mergulhou o pedaço de

bambu no rio meio marrom, depois enxugou-o numa das tiras de seda que prendiam o cesto em sua cabeça, em seguida cuspiu em cima.

– Quer fazer pipi agora? – perguntou ele a Wally.

– Não, obrigado – respondeu Wally no sono. – Nada de pipi agora.

Ele falou em voz alta, o que fez Angel sorrir, antes de adormecer também.

Lá em cima, no quarto principal, Homer Wells estava completamente desperto. Ele se oferecera para tomar conta de Baby Rose, explicando:

– De qualquer forma, vou passar a noite acordado. Havia esquecido o quanto gostava de ter bebês para tomar conta. – Bebês faziam Homer se lembrar de si mesmo; estavam sempre querendo alguma coisa no meio da noite. Mas depois que deu a mamadeira, Baby Rose tornou a dormir, deixando Homer outra vez sozinho; mesmo assim, era um prazer ter a menina para contemplar. O rosto negro ao seu lado na cama não era maior do que sua mão; de vez em quando as mãos de Baby Rose se levantavam, os dedos abriam e fechavam, pegando alguma coisa que ela via no sono. A presença de outra respiração no quarto lembrou Homer Wells do dormitório em St. Cloud's; encontrou alguma dificuldade para imaginar o anúncio necessário.

– Vamos ficar felizes pelo Dr. Larch – disse Homer, baixinho. – O Dr. Larch encontrou uma família. Boa-noite, Dr. Larch.

Ele tentou determinar qual delas teria dito isso. Calculou que fora a enfermeira Angela e por isso foi para ela que enviou a carta.

Agora que o Dr. Larch morrera, o prazer da Sra. Goodhall com o pensamento de substituir o velho homossexual não praticante era menos intenso; estimulava-a, no entanto, a perspectiva de substituí-lo por aquele jovem missionário que tanto o antagonizara. O Dr. Gingrich via alguma tênue justiça surgir no horizonte ao pensamento

de substituir Larch por alguém que obviamente levaria o velho à loucura; mas o Dr. Gingrich não estava tão interessado no resultado da situação em St. Cloud's quanto por seu estudo secreto da mente da Sra. Goodhall, em que encontrava uma fusão complexa de ilusão virtuosa e ódio inspirado.

Claro que o Dr. Gingrich e os outros membros do conselho estavam ansiosos em conhecer o jovem Dr. Stone, mas o Dr. Gingrich estava particularmente ansioso em observar a Sra. Goodhall na reunião. A Sra. Goodhall desenvolvera um tique – sempre que alguém lhe proporcionava um prazer ou desprazer excepcional, o lado direito do seu rosto sofria uma contração muscular involuntária. O Dr. Gingrich imaginara que a Sra. Goodhall, ao encontrar o médico-missionário, entraria numa fase de espasmo quase constante, e mal podia esperar para observar.

“Você deve protelar o conselho”, escreveu Homer para a enfermeira Angela. “Diga que seus esforços para entrar em contato com o Dr. Stone foram prejudicados porque ele se encontra em trânsito entre dois hospitais da missão na Índia. Diga que Assam é um e Nova Délhi é o outro. Diga que não espera ser capaz de se comunicar com ele por uma semana ou mais e que – se ele estivesse disposto a aceitar o posto em St. Cloud's – provavelmente não estaria disponível antes de novembro.”

Homer Wells esperava que isso lhe proporcionasse o tempo necessário para contar tudo a Angel e concluir a colheita.

“Terão de convencer o conselho de que vocês são parteiras competentes, além de boas enfermeiras, que poderão reconhecer as pacientes que precisarem ser encaminhadas a um médico”, escreveu Homer para a enfermeira Angela. “Devem me perdoar por precisar de todo esse tempo, mas talvez eu tenha uma credibilidade maior diante do conselho se todos tiverem de esperar por mim. Leva tempo para se deixar a Ásia.”

Ele também pediu que lhe enviassem a história disponível de Fuzzy Stone e lhe contassem tudo que Larch pudesse ter omitido – embora Homer não pudesse conceber que Santo Larch deixasse qualquer coisa de fora. Foi com a frase mais curta possível que Homer disse à enfermeira Angela que amara Larch “como um pai” e que não precisavam “recrear nada de Melony”.

O pobre Bob, que quebrara seu braço e o nariz, tinha muito a temer de Melony; mas Bob não era bastante inteligente para ter medo dela. Quando tirasse o gesso do braço e o nariz voltasse a parecer mais ou menos normal, Melony e Lorna tornariam a circular pelos pontos familiares – entre os quais a pizzaria em Bath – e Bob teria o instinto ingênuo de tornar a irritá-las. Melony o desarmaria com um sorriso tímido – o que humildemente revelava seu dente estragado –, e enquanto Bob concentrasse sua atenção de parvo em Lorna, Melony lhe arrancaria a metade superior da orelha com o alicate de cortar arame (a ferramenta comum e de confiança do eletricista). Depois, Melony quebraria várias costelas e o nariz de Bob, espancando-o com uma cadeira, até deixá-lo inconsciente. Melony tinha o coração no lugar certo, em relação a St. Cloud’s; afora isso, porém, era adepta do olho por olho, dente por dente.

– Meu herói – murmurou-lhe Lorna.

Era uma palavra melindrosa para se aplicar a Melony, que há muito pensara que Homer Wells estava destinado a se tornar um herói.

Homer era um herói aos olhos de Rose Rose; ela passou toda a segunda-feira na cama no quarto de Angel, Candy levando-lhe a filha de vez em quando e Angel visitando-a em todas as oportunidades possíveis.

– Você vai adorar este quarto – disse-lhe Angel.

– Você é louco – respondeu Rose Rose. – Mas eu já adoro.

Foi um dia em que a colheita ficou prejudicada; Mister Rose não colheu, e metade dos homens se machucara das quedas de bicicleta.

Homer Wells, que jamais aprenderia a andar no terrível veículo, tinha um joelho inchado e, entre as omoplatas, uma equimose do tamanho de um melão. Peaches recusou-se a subir numa escada; carregaria os reboques durante o dia inteiro. Muddy grunhia e se queixava; foi o único que aprendeu roalmente a andar de bicicleta. Black Pan anunciou que era um Bom-dia para um jejum.

Mister Rose, ao que parecia, estava jejuando. Sentou do lado de fora da casa de sidra, ao sol fraco, envolto por um cobertor; sentou ao estilo índio, sem falar com ninguém.

– Ele diz que está numa greve de colheita – sussurrou Peaches para Muddy.

Muddy disse a Homer que achava que Mister Rose também estava em greve de fome... “e em todos os outros tipos de greve que existem”.

– Vamos ter de nos arrumar sem ele – disse Homer aos homens.

Mas todos passavam na ponta dos pés por Mister Rose, que parecia ter se entronizado na frente da casa de sidra.

– Ou então ele se plantou ali, como uma árvore – comentou Peaches.

Black Pan levou-lhe uma caneca de café e um pão de milho fresco, mas Mister Rose nem tocou. Às vezes ele parecia estar roendo uma das chupetas. Era um dia frio, e quando o sol fraco se escondia por trás de nuvens, Mister Rose cobria a cabeça com o cobertor, isolando-se por completo do resto do mundo.

– Ele é como um índio – disse Peaches. – Não quer fazer nenhum tratado.

– Ele quer ver a filha – informou Muddy a Homer, no final do dia. – Foi o que ele me disse... tudo o que disse. Apenas ver. Ele diz que não vai tocar nela.

– Diga a ele que pode ir a casa e ver a filha lá – respondeu Homer.

Mas na hora do jantar Muddy apareceu sozinho na porta da cozinha. Candy convidou-o a entrar e a jantar com eles – Rose Rose também estava sentada à mesa –, mas Muddy estava muito nervoso para ficar.

– Ele diz que não vem aqui – comunicou Muddy a Homer. – Diz para ela ir à casa de sidra. Diz para avisar a você que eles têm as suas próprias regras. Diz para você não violar as regras, Homer.

Rose Rose ficou tão imóvel que nem mesmo mastigava; queria ter certeza de que ouviria tudo o que Muddy tinha a dizer. Angel tentou pegar sua mão, que estava gelada, mas ela a puxou e manteve as duas mãos no colo, retorcendo o guardanapo.

– Muddy – interveio Wally –, diga a ele que Rose Rose está em minha casa e que lá seguimos as *minhas* regras. Diga a ele que será bem-vindo a qualquer momento que quiser.

– Ele não vai gostar – disse Muddy.

– Tenho de ir falar com ele – disse Rose Rose.

– Você não vai não – disse-lhe Candy. – Diga a ele que tem de vê-la aqui ou em nenhum outro lugar, Muddy. – Está bem, madame. Eu trouxe as bicicletas de volta, Angel. Estão um pouco amassadas.

Angel saiu para dar uma olhada nas bicicletas e foi nesse momento que Muddy lhe entregou a faca.

– Você não precisa disso, Angel, mas entregue a Rose Rose. Diga que eu quero que ela fique com a faca. Só para ter uma.

Angel olhou para a faca de Muddy; era um canivete grande, de cabo de osso, um pedaço lascado. Era do tipo que a lâmina prende quando se abre e assim não pode fechar sobre os dedos. A lâmina tinha cerca de 15 centímetros de comprimento, o que a tornaria proeminente no bolso de qualquer um; ao longo dos anos, já conhecera muita pedra de amolar; a lâmina estava fina e o gume era extremamente afiado.

– Você não precisa, Muddy? – perguntou-lhe Angel.

– Eu nunca soube o que fazer com isso – confessou Muddy. – Só serve para me meter em encrenca.

– Darei a ela.

– Diga a ela que o pai manda dizer que a ama e só quer vê-la – acrescentou Muddy. – Apenas ver.

Angel refletiu sobre a mensagem por um momento e depois disse:

– Eu amo Rose Rose e você sabe disso, Muddy.

– Claro que sei. Eu também a amo. Todos nós a amamos. Todo mundo ama Rose Rose... isso é parte do problema dela.

– Se Mister Rose quer apenas vê-la, por que você está dando sua faca para ela?

– Só para ela ter uma faca.

Angel entregou a faca quando estavam sentados em seu quarto, depois do jantar.

– É de Muddy – informou ele.

– Sei de quem é – disse Rose Rose. – Sei qual é a faca que cada um tem... conheço a aparência de todas.

Embora não fosse uma faca de mola, Angel teve um sobressalto ao ver a rapidez com que ela abria o canivete, usando apenas uma das mãos.

– Olhe só o que Muddy fez – comentou Rose Rose, rindo. – Ele afiou tanto a lâmina que só deixou a metade!

Ela fechou a faca contra o quadril; seus dedos compridos manipularam a faca tão depressa que Angel não percebeu onde a guardara.

– Você sabe muito de facas? – perguntou ele.

– Aprendi com meu pai. Ele me mostra tudo.

Angel foi sentar na cama ao seu lado, mas Rose Rose fitou-o com expressão neutra.

– Eu disse a você – começou ela, paciente. – Não vai querer se meter comigo... nunca pude contar nada a meu respeito. E pode estar certo de que não vai querer saber. – Mas eu amo você! – suplicou Angel.

Depois de beijá-lo – e permitir que ele tocasse em seus seios – ela disse:

– Angel, amar alguém nem sempre faz a diferença. – Baby Rose acordou nesse instante, e Rose Rose foi cuidar da filha.

– Você sabe qual é o nome que vou dar para ela, Angel? Será Candy. Ela é isso mesmo... uma Candy.

Pela manhã, com a colheita passando da metade, todos levantaram cedo, mas ninguém levantou mais cedo do que Rose Rose. Angel, que mais ou menos imaginara que guardara a casa durante a noite inteira, notou que Rose Rose e a filha haviam desaparecido. Ele e Homer pegaram o jipe e foram à casa de sidra antes do desjejum – mas não havia lugar algum a que pudessem ir naquela manhã pelo qual Rose Rose já não tivesse passado antes. Os homens estavam de pé e visivelmente inquietos; Mister Rose já mantinha a sua posição estoica, sentado na relva, diante da casa de sidra – o cobertor a envolvê-lo completamente, à exceção do rosto.

– Estão atrasados – disse-lhes Mister Rose. – Ela se foi.

Angel correu para dar uma olhada no interior da casa de sidra, mas não havia qualquer sinal de Rose Rose ou da filha.

– Ela diz que foi com o polegar – informou Mister Rose a Homer e Angel.

Ele fez o sinal de pedir carona, a mão emergindo do cobertor apenas por um segundo e depois tornando a se esconder.

– Não fiz mal a ela – continuou Mister Rose. – Não toquei nela, Homer. Eu apenas a amo, isso foi tudo. Só queria ver ela... mais uma vez.

– Lamento por seus problemas – disse Homer Wells.
Mas Angel saiu correndo à procura de Muddy.

– Ela diz que você foi o mais delicado – contou Muddy. – Pediu para dizer ao seu pai que ele é um herói e que você foi o melhor.

– Ela não disse para onde ia?

– Ela não sabe para onde vai, Angel. Sabe apenas que tem de ir.

– Mas ela podia ter ficado conosco! – exclamou Angel. – Comigo!

– Sei que ela pensou nisso, Angel. É melhor você pensar também.

– Tenho pensado... penso nisso o tempo todo – disse Angel, furioso.

– Acho que você não tem idade suficiente para pensar nisso, Angel – disse Muddy, gentilmente.

– Eu a amava!

– Ela sabe disso – murmurou Muddy. – E sabe quem ela é, mas também sabe que você ainda não sabe quem ela é.

Procurá-la e pensar nela ajudaria Angel a saber disso. Ele e Candy dirigiram para o sul, ao longo da costa, por cerca de uma hora; depois, seguiram para o norte, por duas horas. Sabiam que até mesmo Rose Rose devia conhecer o suficiente do Maine para não ir para o interior. E sabiam que uma moça negra com uma criança no colo seria bastante exótica entre os caronas do Maine; com toda a certeza, ela teria menos dificuldades do que Melony para conseguir uma carona – e Melony sempre arrumava caronas.

Mister Rose manteria sua posição quase budista; passou pelo almoço sem se mexer, mas à tarde pediu a Black Pan que lhe trouxesse água. Quando os homens concluíram a colheita do dia, ele chamou Muddy. Muddy estava apavorado, mas aproximou-se de Mister Rose, embora permanecesse a uma distância de dois metros.

– Onde está sua faca, Muddy? – perguntou Mister Rose. – Você a perdeu?

– Não perdi – murmurou Muddy. – Mas não consigo encontrá-la.

– Está querendo dizer que está por aí, Muddy? Está em algum lugar por aí, mas você não sabe onde. Nunca adiantou coisa alguma

para você... não é mesmo? – indagou Mister Rose.

– Nunca pude usá-la.

Era um final de tarde frio e sem sol, mas Muddy estava suando; as mãos estavam caídas nos lados do corpo, como peixes mortos.

– Onde ela conseguiu a faca, Muddy?

– Que faca?

– Parecia a sua faca... o que eu vi.

– Dei a ela – confessou Muddy.

– Obrigado por fazer isso, Muddy. Se ela foi com o polegar, fico contente que tenha levado uma faca.

– Peaches! – berrou Muddy. – Vá chamar Homer! – Peaches saiu da casa de sidra e ficou olhando para Mister Rose, que não moveu um músculo. Mister Rose nem olhava para Peaches.

– Black Pan! – gritou Muddy, enquanto Peaches saía correndo para chamar Homer Wells.

Black Pan saiu da casa de sidra; ele e Muddy ficaram de joelhos e observaram Mister Rose juntos.

– Fiquem todos calmos – aconselhou Mister Rose. E acrescentou, orgulhoso: – É tarde demais. Ninguém vai pegá-la agora. Teve o dia inteiro para escapar.

– Onde ela pegou você? – perguntou Muddy a Mister Rose.

Mas nem ele nem Black Pan se atreveram a mexer no cobertor. Ficaram apenas olhando para os olhos e os lábios secos de Mister Rose.

– Ela é boa com aquela faca... melhor do que *você* jamais foi! – disse Mister Rose a Muddy.

– Sei que ela é boa – murmurou Muddy.

– Ela é quase a melhor – disse Mister Rose. – E quem ensinou a ela? Foi você.

– Isso mesmo. É por isso que ela é quase tão boa quanto eu.

Devagar, sem expor qualquer parte do corpo – mantendo-se completamente envolto pelo cobertor, à exceção do rosto –, Mister Rose rolou para o lado e levantou os joelhos para o peito.

– Estou cansado de ficar sentado – disse ele a Muddy e Black Pan. – E começo a sentir sono.

– Onde ela acertou você? – tornou Muddy a perguntar.

– Não pensei que levaria tanto tempo – murmurou Mister Rose. – Levou o dia inteiro, mas a sensação foi de que ia muito depressa.

Todos os homens estavam de pé ao seu redor quando Homer Wells e Peaches chegaram no jipe. Não restava muita coisa para Mister Rose dizer quando Homer se aproximou.

– Você também está violando as regras, Homer – sussurrou Mister Rose. – Diga que sabe como eu me sinto.

– Sei como se sente.

– Certo – disse Mister Rose... sorrindo.

A faca entrara no quadrante superior direito, próximo da costela. Homer sabia que uma faca se deslocando para cima provocaria uma laceração considerável no fígado, que ficaria sangrando – de maneira moderada – por muitas horas. Mister Rose podia ter estancado a hemorragia várias vezes, mas depois recomeçaria. Na maioria dos casos, um ferimento a faca no fígado sangra muito devagar.

Mister Rose morreu nos braços de Homer antes de Candy e Angel chegarem à casa de sidra, mas muito tempo depois de sua filha ter escapado. Mister Rose conseguira encharcar a lâmina de sua própria faca no ferimento e a última coisa que disse a Homer foi que se deveria informar às autoridades que ele se apunhalara. Se não tivesse a intenção de se matar, por que se deixaria sangrar até a morte, já que o ferimento não era necessariamente mortal?

– Minha filha fugiu – disse Mister Rose a todos. – E eu fiquei tão desolado que me matei. É melhor todo mundo dizer que foi isso o que aconteceu. Quero ouvir vocês dizerem!

- Foi isso que aconteceu – disse Muddy.
- Você se matou – disse Peaches.
- Foi isso o que aconteceu – disse Black Pan.
- Ouviu tudo direito, Homer? – perguntou Mister Rose.

Foi isso que Homer comunicou à polícia e foi assim que se registrou a morte de Mister Rose – da maneira como ele queria, de acordo com as regras da casa de sidra. Rose violara as regras, é claro, mas todos em Ocean View conheciam as regras que Mister Rose violara com ela.

Ao final da colheita, numa manhã cinzenta, com um vento furioso soprando do oceano, a lâmpada que pendia do teto da cozinha da casa de sidra piscou duas vezes e depois queimou; os salpicos do bagaço de maçã na parede do outro lado, perto da prensa e da moenda, estavam tão escuros nas sombras que pareciam folhas pretas sopradas por uma tempestade e grudadas ali.

Os homens recolhiam as suas poucas coisas. Homer Wells estava ali – com os cheques de gratificação –, e Angel o acompanhara para se despedir de Muddy, Peaches, Black Pan e os outros. Wally combinara com Black Pan para ser o chefe da turma no ano seguinte. Wally estava certo ao dizer que Mister Rose era o único que sabia ler e escrever. Muddy disse a Angel que sempre pensara que a lista de regras pregada na parede da cozinha estivesse relacionada com a eletricidade do prédio.

- Porque estava sempre ao lado do interruptor – explicou Muddy.
- Pensei que fossem instruções sobre as luzes.

Os outros homens, já que não sabiam ler, nunca notaram que a lista estava ali.

– Se por acaso você a encontrar, Muddy... – murmurou Angel, ao se despedirem.

- Não vou encontrá-la, Angel. Ela se foi.

E depois todos se foram. Angel nunca mais tornaria a ver Muddy de novo – ou Peaches ou qualquer dos outros, à exceção de Black

Pan. Não daria certo ter Black Pan como chefe da turma, como Wally logo descobriria; o homem era um cozinheiro, não um colhedor, um chefe tinha de estar trabalhando junto com os homens. Embora reunisse uma boa turma de colheita, Black Pan nunca esteve realmente no comando – em anos futuros, como era de prever, ninguém estaria no comando de uma turma de colheita em Ocean View como acontecera com Mister Rose. Por algum tempo, Wally experimentaria franco-canadenses; afinal, estavam mais perto do Maine do que as Carolinas. Mas os franco-canadenses eram belicosos e bêbados, Wally estava sempre tentando tirá-los da cadeia.

Houve um ano em que Wally contratou uma comuna, mas a turma chegou com muitas crianças pequenas. As mulheres, grávidas, nas escadas deixavam todos nervosos. Puseram alguma coisa para cozinhar durante o dia inteiro e atearam um pequeno incêndio na cozinha. E quando acionaram a prensa, os homens permitiram que as crianças chafurdassem na tina.

Wally acabaria optando pelos jamaicanos. Eram afáveis, calmos e bons trabalhadores. Trouxeram uma música atraente e uma paixão franca, mas controlada por cerveja (e por um pouco de marijuana). Sabiam manusear as frutas e jamais feriam uns aos outros.

Mas depois do último verão de Mister Rose em Ocean View, os colhedores – quem quer que fossem – jamais tornariam a sentar no telhado da casa de sidra. Nunca lhes ocorreu. E ninguém tornaria a afixar uma lista de regras.

Em anos futuros, a única pessoa que sentaria no telhado da casa de sidra seria Angel Wells, que o faria porque gostava daquela vista do mar e porque queria se lembrar daquele dia de novembro de 195-, depois que Muddy e os outros partiram e o pai (estavam a sós na casa de sidra) lhe disse:

– Não quer sentar por algum tempo comigo no telhado? Está na hora de você conhecer toda a história.

– Outra pequena história? – indagou Angel.

– Eu disse toda a história.

Embora fosse um dia frio, naquele mês de novembro, e o vento que soprava do mar fosse cortante, pai e filho ficaram no telhado por muito tempo. Afinal, era uma história comprida, e Angel faria muitas perguntas.

Candy, que passou de carro pela casa de sidra e viu-os sentados lá em cima, ficou preocupada com o frio que deviam estar sentindo. Mas não interrompeu; continuou em frente. Esperava que a verdade os mantivesse aquecidos. Foi até o depósito mais próximo do mercado e pediu a Everett Taft para ajudá-la a pôr a capota no jipe. Depois, foi buscar Wally no escritório.

– Para onde vamos? – perguntou Wally.

Ela o envolveu com um cobertor, como se tencionasse levá-lo para o Círculo Polar Ártico. E como ela não respondesse, Wally acrescentou:

– Devemos estar indo para o norte.

– Vamos para o píer de meu pai.

Wally sabia que o píer de Ray Kendall e tudo o mais que lhe pertencia fora explodido por terra e mar; ele não disse nada. O horrendo restaurante *drive-in* de Bucky Bean estava fechado pela temporada; os dois estavam a sós ali. Candy levou o jipe pelo estacionamento vazio e para um dique de pedras que servia como quebra-mar contra as ondas na enseada de Heart's Haven. Ela parou o mais perto que podia da beira do mar, próximo das velhas estacas que antigamente sustentavam o píer de seu pai – onde ela e Wally haviam passado tantas noites, há tanto tempo.

Como não era um terreno apropriado para a cadeira de rodas, ela carregou Wally por cerca de 10 metros, sobre as pedras e areia, e sentou-o numa rocha relativamente lisa e segura. Enrolou o cobertor nas pernas de Wally e sentou-se atrás dele, envolvendo-o com as pernas – como um meio de manter os dois aquecidos.

Ficaram de frente para a Europa, como passageiros de um tremó prestes a descer por uma encosta.

– É agradável – murmurou Wally.

Candy esticou a cabeça por cima do ombro dele; as faces se encontraram; ela o enlaçou pelos braços e peito e comprimiu-lhe os quadris murchos com as pernas.

– Amo você, Wally – disse Candy, pondo-se a contar a história.

No final de novembro, o conselho de curadores de St. Cloud's aprovou a nomeação do Dr. Fuzzy Stone para obstetra residente e novo diretor do orfanato – depois de conhecer o dedicado missionário, em sua sala de reuniões em Portland, a cidade natal do falecido Wilbur Larch. O Dr. Stone, que parecia um pouco cansado de suas andanças asiáticas e do que descreveu como “um toque de alguma coisa disentérica”, causou a impressão correta no conselho. Sua atitude era solene, os cabelos eram grisalhos, cortados curtos, num estilo quase militar (“Barbeiros indianos”, desculpou-se ele, demonstrando um suave senso de humor; na verdade, fora Candy quem os cortara). Homer Wells estava barbeado de maneira descuidada, as roupas limpas, mas amarfanhadas – ao mesmo tempo à vontade e impaciente com estranhos, do jeito (pensou o conselho) de um homem com coisas urgentes a cuidar e que não era absolutamente vaidoso com a aparência; não tinha tempo para isso. O conselho também aprovou as credenciais médicas e religiosas do Dr. Stone – as últimas, na avaliação da devota Sra. Goodhall, proporcionariam à autoridade do Dr. Stone em St. Cloud's um “equilíbrio” que ela notara faltar ao Dr. Larch.

O Dr. Gingrich ficou excitado ao observar as contorções que se registraram no rosto da Sra. Goodhall durante toda a reunião com o jovem Dr. Stone, que não reconheceu Gingrich e Goodhall do breve encontro no hotel de Ogunquit, fora da temporada. O Dr. Gingrich descobriu uma familiaridade confortadora no rosto do jovem, embora nunca associasse o brilho de um missionário com o anseio

pesaroso que observara no rosto do apaixonado. Talvez o tique da Sra. Goodhall afetasse sua visão – ela também não reconheceu o jovem do hotel –, ou então sua mente jamais aceitaria a possibilidade de que um homem devotado a crianças pudesse ser também um homem com uma vida sexual ativa.

Para Homer Wells, a Sra. Goodhall e o Dr. Gingrich não eram bastante especiais para serem lembrados; as angústias impertinentes que transpareciam em suas expressões não eram singulares. E a aparência de Homer quando estava com Candy não era a sua aparência durante a maior parte do tempo.

Sobre a questão de abortos, o Dr. Stone surpreendeu o conselho por sua posição inflexível: que *deveriam* ser legalizados e que tencionava atuar através dos canais competentes para alcançar tal objetivo. Contudo, garantiu o Dr. Stone, enquanto os abortos fossem ilegais, ele respeitaria rigorosamente a lei. Acreditava em regras e na necessidade de obedecê-las, declarou ao conselho. Todos gostaram das dificuldades e autossacrifício que imaginaram poder testemunhar nas rugas em torno de seus olhos escuros – e como o implacável sol asiático criara bolhas em seu nariz e faces, enquanto se esforçava para salvar as crianças diarreicas. (Na verdade, ele passara deliberadamente muito tempo sentado à lâmpada solar de Candy.) E – por motivos religiosos, mais aceitáveis pelo conselho, especialmente pela Sra. Goodhall – o Dr. Stone declarou que pessoalmente jamais realizaria abortos, mesmo que fossem legalizados.

– Seria impossível para mim – mentiu ele, calmamente.

Se algum dia fosse legal, é claro que encaminharia as infelizes mulheres “a um daqueles médicos que podiam e fariam”. Era evidente que o Dr. Stone não apreciava muito tais médicos – e que, apesar de sua lealdade ao Dr. Larch, achava que a prática particular do velho era um ato inequívoco contra a natureza.

Era muito indicativo da “tolerância cristã” do Dr. Stone o fato de que, apesar de sua longa divergência com o Dr. Larch nessa questão delicada, o jovem missionário perdoava Larch – muito mais do que o conselho.

– Sempre orei por ele – declarou o Dr. Stone, a respeito do Dr. Larch, os olhos brilhando. – E ainda oro por ele.

Foi um momento de emoção, talvez influenciado pelo antes mencionado “toque de alguma coisa disentérica”, e o conselho mostrou-se comovido, como era de prever. O tique da Sra. Goodhall tornou-se frenético.

Sobre a questão das opiniões socialistas da enfermeira Caroline, o Dr. Stone assegurou ao conselho que o fervor da jovem em fazer o que era certo fora simplesmente mal orientado – em sua juventude. Diria a ela umas poucas coisas sobre as atividades dos guerrilheiros comunistas na Birmânia que lhe abririam os olhos. E o Dr. Stone convenceu o conselho de que as enfermeiras mais velhas e a Sra. Grogan ainda tinham mais alguns anos de bons serviços para oferecerem.

– É tudo uma questão de orientação – declarou o Dr. Stone ao conselho.

Ah, ali estava uma palavra que muito agradava ao Dr. Gingrich!

O Dr. Stone abriu as mãos; eram um tanto rudes e calejadas para as mãos de um médico, a Sra. Goodhall observaria – pensando como era maravilhoso que aquele salvador de crianças devia ter ajudado na construção de cabanas, plantio de hortas ou qualquer outro trabalho árduo que houvesse por lá. Quando falou “orientação”, Homer Wells abriu as mãos da maneira como um ministro recebia uma congregação, pensou o conselho; ou da maneira como um bom médico recebia a cabeça preciosa de uma criança recém-nascida.

E foi emocionante, depois que o entrevistaram, a maneira como ele os abençoou ao se retirar. E como lhes fez um salamaleque!

– *Nga sak kin* – disse o médico-missionário.

O que ele dissera?, todos queriam saber. Claro que Wally ensinara a Homer a pronúncia correta – sendo uma das poucas coisas birmanesas que Wally ouvira corretamente, embora nunca tivesse descoberto o que significava.

Homer Wells traduziu a frase para eles – Wally sempre achara que era o nome de alguém.

– O significado é o seguinte – disse Homer à extasiada plateia –, que Deus possa velar sobre sua alma, que nenhum homem a ofenda.

Houve murmúrios de aprovação, e a Sra. Goodhall comentou:

– Tudo isso numa frase tão curta!

– É uma língua extraordinária – murmurou o Dr. Stone, sonhador.
– *Nga sak kin.*

Ele fez com que todos repetissem. Sentiu-se satisfeito por imaginá-los, mais tarde, oferecendo aquela bênção sem sentido uns aos outros. Ficaria ainda mais satisfeito se soubesse o que a frase realmente significava. Era a coisa perfeita para os membros do conselho dizerem uns aos outros: “bolinhos de peixe ao curry.”

– Acho que consegui escapar impune – disse Homer a Wally, Candy e Angel, durante o jantar tardio, na casa em Ocean View.

– Isso não me surpreende – comentou Wally para o amigo. – Tenho todos os motivos para acreditar que você é capaz de escapar impune a qualquer coisa.

Lá em cima, depois do jantar, Angel observou o pai arrumar a mala preta de médico – e arrumar também outras malas.

– Não se preocupe, papai. Você vai se sair muito bem.

– E você também vai se sair bem, Angel. Não estou preocupado com isso.

Podiam ouvir Candy lá embaixo empurrando a cadeira de rodas. Estavam se divertindo com o jogo em que Wally e Angel haviam se empenhado tantas vezes – o jogo que Wally chamava de “voar”.

– Vamos logo! – exclamou Wally. – Angel consegue ir mais depressa!

Candy estava rindo.

– Estou indo o mais depressa que posso!

– Pare de pensar nos móveis, por favor! – aconselhou Wally.

– Por favor, cuide de Wally – disse Homer a Angel.

– E obedeça à sua mãe.

– Certo – disse Angel Wells.

No tempo em constante mudança do Maine, especialmente em dias enevoados, a presença de St. Cloud's podia ser sentida em Heart's Rock; com uma certeza opressiva, o ar de St. Cloud's podia ser percebido na calmaria acuada que pairava sobre a água do Drinkwater Lake (como as baratas-d'água, que andam sobre a água, quase constantes ali). E mesmo no nevoeiro que rolava sobre os viçosos gramados costeiros da próspera Heart's Haven havia às vezes, no ar da tempestade iminente, aquele sentimento pesado e depressivo que era a essência do ar de St. Cloud's.

Candy, Wally e Angel iriam a St. Cloud's para o Natal e também pelas férias escolares mais longas de Angel; e depois que Angel tirasse a carteira de motorista, teria liberdade de visitar o pai tantas vezes quantas quisesse, o que era com frequência.

Mas quando Homer Wells foi para St. Cloud's – embora Wally tivesse lhe oferecido um carro –, pegou o trem. Homer sabia que não precisaria de um carro ali e queria chegar da mesma forma que a maioria de suas pacientes; queria experimentar a sensação.

No final de novembro, já havia neve, enquanto o trem seguia para o norte e o interior; quando o trem chegou a St. Cloud's, a neve de um azul frio era profunda no solo e encurvava as árvores. O chefe da estação, que detestava abandonar a televisão, estava removendo a neve da plataforma com uma pá quando o trem parou. Pensou reconhecer Homer Wells, mas acabou sendo enganado pela

austera maleta preta de médico e a nova barba. Homer deixara a barba crescer porque doía raspá-la (depois da exposição à lâmpada solar); depois que a barba já estava um pouco grande, ele achou que a mudança seria conveniente. Uma barba não combinava com seu novo nome?

– Dr. Stone – disse Homer ao chefe da estação. – Fuzzy Stone. Já fui órfão aqui. Agora, sou o novo médico.

– Bem que tive a impressão de que já o conhecia! – disse o chefe da estação, fazendo uma mesura e apertando a mão de Homer.

Somente uma outra pessoa saltara do trem em St. Cloud's, e Homer Wells não teve qualquer dificuldade para imaginar o que ela queria. Era uma mulher ainda jovem e magra, casaco comprido e cachecol, um chapéu de esqui puxado sobre os olhos; ficou parada na plataforma, esperando que Homer se afastasse do chefe da estação. Foi a maleta de médico que atraiu sua atenção; depois de providenciar para que os parvos habituais carregassem sua bagagem mais pesada, Homer começou a subir a encosta, levando apenas a maleta de médico; a mulher o seguiu.

Subiram assim, com a mulher deliberadamente atrás, até quase alcançarem a divisão de garotas. Foi então que Homer parou de andar e esperou pela mulher.

– Este é o caminho para o orfanato? – perguntou-lhe a mulher.

– Certo – respondeu Homer Wells.

Desde que deixara crescer a barba que ele tendia a sorrir demais para as pessoas; imaginava que a barba tornava difícil às pessoas perceberem que estava sorrindo.

– É o médico? – murmurou a mulher, olhando fixamente para a neve nos sapatos de ambos e também, de uma maneira cautelosa, para a maleta de médico.

– Isso mesmo, sou o Dr. Stone. – Homer pegou a mulher pelo braço e conduziu-a na direção da entrada do hospital. – Posso ajudá-la?

E assim ele chegou, como diria a enfermeira Edna, trazendo em sua companhia a obra de Deus. A enfermeira Angela enlaçou-o pelo pescoço e sussurrou em seu ouvido:

– Oh, Homer, eu sabia que você voltaria!

– Chame-me de “Fuzzy” – sussurrou ele em resposta, porque sabia que Homer Wells (como Rose Rose) há muito que já se fora.

Por vários dias a enfermeira Caroline se mostraria inibida em sua presença, mas ele não precisaria de mais que umas poucas operações e alguns partos para convencê-la de que era autêntico. O Dr. Stone, até como um nome, seria um sucessor digno do Dr. Larch. Pois Stone não era um nome bom, sólido, de pés no chão e confiável para um médico?

E a Sra. Grogan comentaria que não gostava muito da leitura em voz alta desde os dias difíceis de recordar de Homer Wells. E foi para o alívio geral que Fuzzy Stone exibiria uns poucos sintomas de seus antigos problemas respiratórios, da mesma forma que Homer Wells apresentara sinais de um coração fraco e lesado.

Candy e Wally Worthington se lançariam a todo vapor no cultivo de maçãs. Wally seria por duas vezes presidente da Sociedade Horticultural do Maine; Candy seria diretora do Instituto da Maçã Nova York – Nova Inglaterra. E Angel Wells, a quem Rose Rose apresentara ao amor e à imaginação, seria um dia um romancista.

– O garoto tem a ficção no sangue – comentaria Wally para Homer Wells.

Para Candy, Homer Wells também se tornaria um romancista – pois um romancista, na opinião de Candy, era também uma espécie de médico impostor, embora um bom médico.

Homer jamais se importou de renunciar a seu nome – afinal, não era mesmo seu verdadeiro nome –, e foi tão fácil ser um Fuzzy quanto fora ser um Homer – tão fácil (ou tão difícil) ser um Stone quanto era ser qualquer outra coisa.

Quando estava cansado ou assediado pela insônia (ou as duas coisas), ele sentia saudade de Angel ou pensava em Candy. Às vezes desejava levar Wally pelas ondas ou voar com ele. Havia noites em que Homer imaginava que seria apanhado ou se preocupava com o que faria quando a enfermeira Angela e a enfermeira Edna estivessem velhas demais para a obra de Deus e para todas as outras obras em St. Cloud's. E como poderia algum dia substituir a Sra. Grogan? Às vezes, quando estava extremamente cansado, ele sonhava que os abortos eram legais – que eram seguros e disponíveis, que podia parar de realizá-los (porque outras pessoas os fariam) –, mas raramente se cansava a esse ponto.

E, depois de algum tempo, ele escreveria para Candy e diria que se tornara um socialista; ou, pelo menos, que se tornara simpático às posições socialistas. Candy entendeu por essa confissão que Homer estava dormindo com a enfermeira Caroline, compreendendo também que seria bom para eles – ou seja, aquele novo acontecimento era bom para Homer e para a enfermeira Caroline, e também era bom para Candy.

Homer Wells não via fim nas percepções que tinha todas as noites, em sua leitura contínua de *Jane Eyre*, *David Copperfield* e *Great Expectations*. Sorriria ao pensar que antes julgava Dickens “melhor” do que Brontë. Quando ambos proporcionavam tanta diversão e instrução, que importância tinha isso?, pensou – e de onde vem essa noção infantil de “melhor”? Embora não fosse diversão, ele continuou a se instruir com a *Anatomia de Gray*.

Por algum tempo, ele careceu de uma coisa – e já estava prestes a encomendá-la quando lhe chegou uma, sem ter sido pedida.

– Como se enviada por Deus – comentaria a Sra. Grogan.

O chefe da estação mandou um recado ao Dr. Stone: havia um corpo ali, destinado ao Dr. Stone. Era do hospital de Bath – que fora sempre a fonte do Dr. Larch para corpos, nos tempos em que os encomendava. Era algum equívoco, pensou Homer Wells, mas

mesmo assim foi à estação para ver o corpo – e para poupar qualquer agitação desnecessária ao chefe da estação.

Homer ficou olhando fixamente para o cadáver (que estava devidamente preparado) por tanto tempo que o chefe da estação se tornou ainda mais ansioso.

– Eu gostaria que o levasse lá para cima ou o mandasse de volta o mais depressa possível – disse o chefe da estação.

Mas Homer afastou o tolo com um aceno de mão; queria sossego para contemplar Melony.

Ela pedira aquele uso de seu corpo, Lorna informara ao patologista do hospital de Bath. Melony vira uma fotografia no jornal de Bath, acompanhando um artigo sobre a nomeação do Dr. Stone para assumir a direção de St. Cloud's. No caso de sua morte (causada por um acidente elétrico), Melony instruíra Lorna para enviar o corpo ao Dr. Stone, em St. Cloud's.

– Posso ser finalmente de alguma utilidade para ele – dissera Melony à amiga.

Claro que Homer lembrou como Melony sentia ciúme de Clara. Ele escreveria para Lorna; iriam se corresponder por algum tempo. Lorna informaria que Melony era “uma mulher relativamente feliz na ocasião do acidente”; na opinião de Lorna, alguma coisa na maneira como Melony se tornara relaxada era responsável por sua eletrocução. “Ela era uma sonhadora”, escreveria Lorna. Homer sabia que todos os órfãos eram sonhadores. “Você se tornou finalmente o herói dela”, diria Lorna.

Ao ver o corpo, Homer compreendeu que nunca poderia usá-lo para um curso de renovação; pediria outro cadáver a Bath. Melony já fora bastante usada.

– Devo mandá-lo de volta, doutor? – sussurrou o chefe da estação.

– Não – respondeu Homer Wells. – O lugar dela é aqui.

Ele levou Melony para o alto da colina. Seria essencial ocultar da Sra. Grogan a visão de Melony em sua forma atual. Homer disse que Melony pedira para ser enterrada em St. Cloud's e assim aconteceu – na encosta, sob as macieiras, onde era extremamente difícil escavar uma cova apropriada (as raízes das árvores estavam por toda parte). Finalmente se conseguiu abrir um buraco bastante largo e profundo, embora fosse um trabalho extenuante. A enfermeira Caroline comentou:

– Não sei quem ela é, mas tenho certeza de que é muito difícil.

– Ela sempre foi assim – disse Homer Wells.

(“Aqui em St. Cloud's”, escrevera o Dr. Larch, “aprendemos a amar o difícil.”)

A Sra. Grogan disse a oração do cardeal Newman à beira da sepultura de Melony e Homer também disse a sua própria oração (para si mesmo). Sempre esperara muito de Melony, mas ela lhe proporcionara muito mais do que imaginara – ela realmente o educara, mostrara a luz. Era mais Sunshine do que ele jamais fora, pensou Homer Wells. (“Vamos ser felizes por Melony”, disse a si mesmo. “Melony encontrou uma família.”)

Mas, principalmente, para sua instrução, ele estudaria (e absorveria cada palavra) *Uma breve história de St. Cloud's*. Nessa atividade, teria a companhia incansável da enfermeira Angela, da enfermeira Edna, da Sra. Grogan e da enfermeira Caroline, pois era assim que manteriam Wilbur Larch vivo.

Não que tudo fosse claro para Homer: os últimos registros em *Uma breve história de St. Cloud's* estavam prejudicados por inspirações taquigráficas e as fantasias transmitidas a Larch através do éter. Por exemplo, o que Larch estava querendo dizer com “rima com gritos”? E parecia anormalmente brutal para Larch ter escrito: “*Eu pus o pênis do pônei em sua boca! Eu contribuí para isso!*” Como ele pode ter pensado isso?, especulou Homer, porque nunca soube quão bem o Dr. Larch conheceria a filha da Sra. Eames.

À medida que se tornava mais velho, Homer Wells (ou melhor, Fuzzy Stone) encontraria um conforto especial numa revelação inexplicada que encontrou nos escritos de Wilbur Larch.

“Diga ao Dr. Stone”, escreveu Larch – e foi o último registro, as últimas palavras de Wilbur Larch: “Não há absolutamente nada de errado com o coração de Homer.” Exceto pelo éter, Homer Wells sabia que houvera muito pouco de errado com o coração de Wilbur Larch.

Para a enfermeira Edna, que estava apaixonada, e para a enfermeira Angela, que não estava (mas que em sua sabedoria dera tanto o nome de Homer Wells quanto o de Fuzzy Stone), não se podia encontrar qualquer defeito no coração do Dr. Stone ou no do Dr. Larch, que eram – se algum dia existiram – Príncipes do Maine, Reis da Nova Inglaterra.

Notas do Autor

(1) Anthony Trollope, que visitou Portland, no Maine, em 1861, escrevendo a respeito em seu *North America*, estava enganado – da mesma forma que o pai de Wilbur Larch – sobre o futuro previsto do *Great Eastern*.

(2) Agradeço ao meu avô, Dr. Frederick C. Irving, por essa informação sobre o Dr. Ernst, o lançador de bolas em curva – e pela linguagem especialmente médica deste capítulo. Os livros de meu avô incluem *The Expectant Mother's Handbook*, *A Textbook of Obstetrics* e *Safe Deliverance*. Os estudos do Dr. Ernst sobre infecções bacterianas atraíram a atenção de um certo Dr. Richardson, do hospital-maternidade de Boston, onde Wilbur Larch serviu como interno e depois ingressou na equipe médica. O artigo do Dr. Richardson, "O uso de antissépticos na prática obstétrica", certamente atrairia a atenção do ávido estudioso de bacteriologia e vítima de gonorreia Wilbur Larch.

O interesse pelos antissépticos entre os obstetras era uma decorrência de seu efeito na prevenção da mais letal infecção puerperal da época, a febre puerperal. Em 188-, em alguns hospitais-maternidades, o índice de mortalidade entre as mães era de cerca de uma em oito. Em 189-, quando Wilbur Larch ainda estava em Boston, as chances das mães eram melhores; os médicos e suas pacientes eram lavados com uma solução de bicloreto de mercúrio. Antes de deixar Boston, Larch testemunharia a técnica antisséptica progredir para a asséptica – que significa "livre de bactérias", indicando que tudo era esterilizado (lençóis, toalhas, túnicas, esponjas); os instrumentos eram fervidos.

(3) Sobre o uso do éter: a maioria dos historiadores do éter concorda com o Dr. Sherwin B. Nuland em que a anestesia cirúrgica começou no Hospital Geral de Massachusetts, a 16 de outubro de 1846, quando William Morton demonstrou a sua eficácia. O Dr. Nuland escreve: "Tudo o que levou a isso foi prólogo, tudo o que foi tangencial não passou de ação secundária, e tudo o que se seguiu foi amplificação."

Segundo o Dr. Nuland, o éter em mãos competentes continua a ser um dos mais seguros agentes de inalação conhecidos. Numa concentração de apenas 1% a 2%, é um vapor leve e agradável; em concentração leve, mesmo há 30 anos, centenas de casos de cirurgia cardíaca foram realizadas com pacientes sob efeito de éter e parcialmente despertos (até mesmo falando).

Alguns dos colegas do Dr. Larch, naquele tempo, teriam preferido o óxido nitroso ou clorofórmio, mas Larch desenvolveu sua preferência pelo éter pela autoadministração. Uma pessoa precisaria ser muito louca para se autoadministrar clorofórmio. É 25 vezes mais tóxico para o músculo cardíaco do que o éter e possui uma margem de segurança extremamente limitada; uma overdose mínima pode resultar em distúrbio cardíaco e morte.

O óxido nitroso exige uma concentração muito elevada (pelo menos 80%) para causar efeito e é sempre acompanhado por um grau do que se chama hipoxia – insuficiência de oxigênio. Exige um controle meticuloso e um aparato incômodo; os pacientes correm o risco de ter fantasias bizarras ou acessos de riso. A indução é muito rápida.

O éter é um vício em droga perfeito para um conservador.

(4) A fonte desta história é, outra vez, meu avô, que se formou na Faculdade de Medicina de Harvard em 1910. Ele se tornou chefe da equipe do Hospital-Maternidade de Boston e foi professor de obstetrícia em Harvard por alguns anos. Lembro dele como um bom contador de histórias e um tirano ocasional – das outras pessoas da

família. Como um jovem médico, teve muitas experiências de partos em famílias dos imigrantes mais pobres de Boston; lê-lo é compreender que tinha tantas opiniões e preconceitos quanto experiências e talentos.

(5) O éter foi sintetizado pela primeira vez em 1540, por um botânico prussiano de 25 anos. Desde então, orgias de éter – e, posteriormente, festas de gás hilariante – vêm sendo promovidas. Em 1819, John Dalton publicou seu estudo sobre as propriedades físicas e químicas do composto. Coleridge era um homem de gás hilariante – cheirava-o em festas e participava das experiências com óxido nitroso conduzidas por Humphrey Davy. O poeta certamente conhecia o éter; foi uma pena – para ele – que aparentemente preferisse o ópio.

(6) Uma secção cesariana é hoje uma operação relativamente tranquila: a incisão abdominal é pequena, porque o útero é aberto dentro da cavidade abdominal. Mas ao tempo do Dr. Larch no Hospital-Maternidade de Boston, em 188- e 189-, a incisão efetuada na parede abdominal tinha cerca de 30 centímetros de comprimento; o útero era levantado através da incisão e colocado sobre o abdome da paciente. “O corte desse órgão grande, cor de ameixa, produzia uma intensa golfada de líquido e sangue”, escreveu meu avô. O útero era depois suturado com seda e reposto na cavidade abdominal; o abdome era fechado da mesma maneira. Havia muito mais desconforto depois de uma operação dessa do que ocorre agora com uma cesariana. A operação, no tempo de Larch – e sem complicações –, exigia quase uma hora.

(7) Essa morte por escorbuto é baseada num caso concreto, o estranho caso de Ellen Bean, relatado por meu avô. “Uma solteirona de 35 anos e da boa linhagem da Nova Inglaterra”, escreveu ele sobre a Srta. Bean, cuja condição (e causa da morte) foi o mesmo destino que atribuí à desafortunada Sra. Eames. Meu avô escreveu: “O estado de gravidez não acarreta em todas as mulheres a alegria extasiada que tradicionalmente se associa a essa condição; na

verdade, há algumas que encaram seu futuro com expressão amarga e olhos desesperados. É o que se pode depreender do caso de Ellen Bean.”

(8) No próprio estado de Wilbur Larch, o velho e querido Maine, realizar um aborto era punível com um ano de prisão ou uma multa de mil dólares, às vezes as duas coisas – e se o responsável era médico, podia perder a licença de exercer a medicina. A Lei Eastman-Everett, de 1840, descrevia a tentativa de aborto em qualquer mulher grávida como crime, “quer a criança esteja viva ou não”, e independentemente do método.

(9) Em vez de mertiolate vermelho, o Dr. Larch poderia ter usado a solução de Dakin, embora seja provável que ele tenha aprendido mais sobre os seus usos durante a curta visita à França, na Primeira Guerra Mundial. Foi lá que meu avô aprendeu muitos dos usos da solução de Dakin e onde aprendeu a *débride* – ou seja, cortar, ou debridar, todo o tecido desvitalizado em torno de uma ferida; ele disse que os franceses eram mestres nisso.

(10) Para o Dr. Larch achar que a música no palácio do aborto, em 189- lembrava *Kindertotenlieder*, de Mahler, ele teria de ser dotado de um certo grau de precognição; o ciclo musical de Mahler foi composto em 1902. Está sugerido na linha “Claro que não poderiam ter cantado *Songs on the Death Children*, de Mahler, mas aquelas foram as canções que Wilbur Larch ouvira.

(11) Essa é a descrição de meu avô sobre a condição de uma paciente real, uma mulher muito pequena chamada Edith Fletcher – em quem foi efetuada uma cesariana (Hospital-Maternidade de Boston, 13 de julho de 1894). Uma pelve tão pequena é rara.

(12) O livro de W. H. Maxwell, *A female physician to the ladies of the United States: Being a Familiar and Practical Treatise of Matters of Utmost Importance Peculiar do Women* (“Adaptado ao uso particular de cada mulher”), foi publicado em Nova York em 1860. A Sra. Maxwell tratava de “todas as doenças peculiares às mulheres ou

que possam lamentavelmente ocorrer através de dissipações ou infidelidades libertinas de maridos ou por outros meios”. (Em suma, ela tratava das doenças venéreas.) A Sra. Maxwell também escreveu que ainda dispensou sua atenção “às mulheres... que são forçadas pelo mau funcionamento de seus órgãos genitais ou outras causas a recorrer a parto prematuro”. (Em suma, ela fazia abortos.)

(13) O Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra foi originalmente o Lar Baldwin Place para Pequenos Errantes; a autorização para a sua criação foi concedida pelo governo de Massachusetts em 1865. O nome foi mudado para Lar dos Pequenos Errantes da Nova Inglaterra – que ainda conserva – em 1889, mais de uma década antes de Wilbur Larch fundar o orfanato em St. Cloud’s.

(14) Num livro de ginecologia de 1928 (Howard Kelly – o livro-padrão na ocasião), o termo D e C é usado. Creio que é seguro presumir que o termo tinha uso comum em 192-.

(15) Meu avô dizia que precisava usar a sua *Anatomia de Gray* na França, durante a Primeira Guerra Mundial, como uma “carta de navegação”.

(16) Esta é a descrição exata de uma D e C, vista pelo Dr. Richard Selzer (Faculdade de Medicina de Yale), cirurgião-geral e autor (*Mortal Lessons: Notes on the Art of Surgery* e *Rituals of Surgery* são alguns dos seus livros). Agradeço a ele por ter lido este romance e por seus generosos conselhos – especialmente por me apresentar ao Dr. Nuland, que foi o supervisor de todos os aspectos médicos deste livro.

(17) A fonte de minhas informações sobre as manifestações físicas e mentais da doença de Alzheimer é *The Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, volume XXXIV, número 3, julho de 1979: o artigo do Dr. Sherwin B. Nuland, “O enigma de Semmelweis – Uma interpretação”. O Dr. Nuland apresentou o material pela primeira vez numa conferência na Faculdade de

Medicina de Yale (na série anual da História da Cirurgia). Sua tese é de que Ignac Semmelweis, o torturado descobridor das fontes da febre puerperal, sofria da doença de Alzheimer, e não de neurosífilis; além disso, o Dr. Nuland acredita que Semmelweis tenha morrido de lesões adquiridas numa instituição para doentes mentais – ou seja, ele foi espancado até a morte por seus guardiães. Os registros de Bedlam e outras instituições para doentes mentais mostram que isso era bastante comum até o início do século XX; ainda há denúncias ocasionais a respeito.

(18) A fonte da descrição da primeira paciente de eclâmpsia de Homer Wells é o livro de meu avô *Safe Deliverance* – o capítulo sobre convulsões puerperais. Meu avô analisa o caso de uma certa Lucy Nickerson, que morreu em 1880 de eclâmpsia, agravada por um parto forçado – o único método que os médicos conheciam ao tempo da infeliz Sra. Nickerson.

(19) A fonte desse tratamento é outra vez meu avô, o Dr. Frederick C. Irving (chamado de Fritz). Meu avô descreve-o como o tratamento correto e salvador que foi aplicado à Sra. Mary O'Toole, em 1937.

(20) Até 1942, estas são as descobertas de meu avô. A sífilis – embora uma grande fonte de agitação para as autoridades de saúde pública da época – afligia apenas 2% das mulheres grávidas de Boston. A incidência de convulsões eclâmpicas era muito mais elevada. A doença desenvolvia-se em 8% das mulheres grávidas do país.

(21) A primavera seria considerada demasiado cedo para se dar ao trabalho de encerar as tábuas da prensa; a primeira operação não seria efetuada até setembro, quando se prensaria McIntoshes e Gravensteins. As tábuas da prensa são ripas em que se enrolam os panos de sidra. Essas tábuas sofrem uma grande pressão, e a cera as protege. A papa é espremida entre essas tábuas sob uma pressão

de duas mil libras. É preciso oito horas para espremer mil galões de sidra da prensa – cerca de três galões por *bushel* de maçãs.

O motivo para encerrar as tábuas da prensa antes da primeira prensagem é não se perder tempo com isso depois de iniciada a colheita. E não se opera a moenda de sidra durante a colheita, a não ser em uma noite ou outra e num dia em que esteja chovendo – e não se pode colher as maçãs. Nas décadas de 1940 e 1950, a última boa prensagem teria ocorrido em janeiro.

Agradeço a meus velhos amigos Ben e Peter Wagner, e à sua mãe, Jean, por essas e outras informações sobre o cultivo de maçãs. Os Wagner dirigem os Applecrest Farm Orchards, em Hampton Falls, New Hampshire, onde trabalhei quando era garoto; Jean e seu falecido marido, Bill, deram-me o meu primeiro emprego.

(22) Todos os pomares têm nomes; é também uma prática comum os fazendeiros darem nomes a seus prédios. Isso é necessário para se dar instruções sucintas, como, por exemplo: “O Deere está com o pneu furado e precisa de conserto em Frying Pan”; ou “Deixei o Dodge no Número 2 porque Wally está pulverizando no Sanborn e vai precisar dele para voltar”. No pomar em que trabalhei havia um prédio chamado Número 2 – embora não houvesse nenhum Número 3 e eu não me lembre de um Número 1. Muitos pomares tinham o nome das famílias que haviam sido as proprietárias originais daquelas terras em particular (Brown, Eaton, Coburn e Curtis são alguns dos nomes locais de que me recordo). Havia um pomar chamado Vinte Acres e outro chamado Dezenove; havia também nomes mais simples – um pomar chamado Campo, outro chamado Forte, um terceiro chamado Velho-Novo (porque metade das árvores eram velhas e metade recém-plantadas).

(23) Qualquer um que tenha sido criado perto do mar, como foi o meu caso, pode sentir a brisa marinha em Iowa (se estiver soprando).

(24) A oração que a Sra. Grogan recita é atribuída a John Henry (cardeal) Newman, teólogo inglês e escritor (1801-90); fui informado de que a oração era originalmente parte de um dos sermões do cardeal Newman. Foi também a oração que serviu à minha família como uma oração familiar, sendo pronunciada à beira do túmulo de minha avó materna – era a sua oração predileta. Seu nome era Helen Bates Winslow e morreu apenas um mês antes de completar 100 anos; as festividades que a família planejara para o evento indubitavelmente matariam minha avó, se tivesse vivido até lá. A oração do cardeal Newman deve ter sido muito boa, ou pelo menos funcionou muito bem – e por muito tempo – para minha avó, que lhe era devotada; e eu era devotado a ela.

(25) Em 1907, Alzheimer descreveu a doença que chamou de demência pré-senil. A “deterioração na percepção” corre relativamente cedo na doença e é caracterizada por um distúrbio da memória recente e uma perda da capacidade de aprender coisas novas. O Dr. Nuland, de Yale, diz também que é provável que alguns pacientes comecem com mudanças de personalidade e outros com mudanças intelectuais. O avanço da doença, em qualquer caso, é caracterizado por um princípio de frustração. O Dr. Nuland observa que a sequência em que determinados trabalhos pequenos precisam ser realizados seria difícil de acompanhar e que ideias complexas são difíceis de compreender e impossíveis de explicar a outros. É uma deterioração rápida a que ocorre com as vítimas da doença de Alzheimer: a expectativa média de vida, a partir do diagnóstico, é de aproximadamente sete anos; há pacientes que vivem muito mais tempo e outros que morrem em poucos meses. Em anos recentes tem sido reconhecido que a Alzheimer não é apenas uma doença incomum que afeta as pessoas na meia-idade, mas também uma causa relativamente frequente de degeneração mental e física nos idosos – muitos dos quais eram antes considerados simples casos de endurecimento das artérias (arteriosclerose).

(26) A formosa edição de Paris de 1957 (de impressão particular) reuniu 1.700 exemplos de *limericks*, os poemas humorísticos de cinco versos. Este *limerick*, que é incluído na categoria de "limerick de órgão", foi publicado em 1939; é possível que já estivesse em circulação oral antes. Em 194-, quando Sênior e Wally o diziam um ao outro, teria apenas uns poucos anos.

(27) *Practical Anatomy of the Rabbit*, de Benjamin Arthur Bensley, é um livro real, publicado pela gráfica da Universidade de Toronto em 1918. Bensley é um autor claro e objetivo; seu livro, que ele chama de "manual elementar de laboratório sobre a anatomia dos mamíferos", usa a anatomia do coelho como uma introdução à compreensão da anatomia humana. O livro de Bensley não chega a ser como o de Gray, mas é bastante bom em seu gênero. Como um estudioso de anatomia "elementar", aprendi muito com Bensley – seu livro tornou muito mais fácil a leitura da *Anatomia de Gray* para mim.

(28) A maçã McIntosh foi desenvolvida em Ontário, onde o clima é similar ao da Nova Inglaterra e ao dos vales do Hudson e Champlain em Nova York (onde essa maçã floresceu).

(29) Em seu livro, Bensley descreve o ovário e os ovidutos da coelha, comparando suas descobertas ao mesmo aparelho em outros animais.

(30) O *limerick* de Exeter é datado de 1927-41; a cidade de Exeter aparece em muitos *limericks* porque rima, em inglês, com "sex at her" (sexo nela), como em "Foi então que Jones apontou seu *sex at her!*". (Um famoso verso final.) Sempre ouvi muitos *limericks* de Exeter, porque nasci e fui criado ali, no estado de New Hampshire.

O *limerick* de Brent é datado de 1941. É um "limerick de órgão" clássico, assim chamado porque há uma categoria especial de *limericks* dedicados às peculiaridades dos órgãos masculinos e femininos. Como em

Havia um jovem chamado Cribbs
Cujo pau era tão grande que tinha *ribs* (costelas).
(1944-51)

E no famoso *limerick* de 1938, considerado o melhor das turmas que se formaram em Princeton:

Houve outrora uma Rainha da Bulgária
Cujo mato se tornou mais e mais denso,
Até que um Príncipe do Peru
Que veio dar uma trepada
Teve de caçar sua cona com um terrier.

O *limerick* de Toronto é de cerca de 1941.

(31) O *limerick* de Bombaim é de 1879 – bem antigo.

(32) O Dr. Larch ficaria surpreso se soubesse que sua estatística sobre as crianças indesejadas ainda era acurada em 1965. O Dr. Charles F. Westoff, do Centro de Pesquisa Demográfica de Princeton e codiretor do Estudo Nacional de Fertilidade de 1965, concluiu que de 750 mil a 1 milhão de crianças – nascidas de pessoas casadas, entre 1960 e 1965 – eram indesejadas. A estimativa é baixa. Mesmo numa pesquisa, muitos pais não estão dispostos a admitir que qualquer de seus filhos tinha sido indesejado. Além disso, as mães solteiras ou abandonadas não foram incluídas no levantamento; suas opiniões sobre quantos de seus filhos eram indesejados nunca foram levadas em conta. Para mais informações a respeito, ver *The Bellybook*, de James Trager (1972).

Ben Franklin foi o 15º de 17 filhos; sua fé no rápido crescimento da população foi declarada em *Observations Concerning the Increase of Mankind* (1755).

(33) Minha fonte para esse parto é o capítulo XV, “Condução do parto normal”, de *Williams Obstetrics*, de Henricus J. Stander – cerca de 1936. Baseio o procedimento descrito nessa fonte mais antiga – é realizado na minha história em 1943 – porque desejo enfatizar que o

procedimento de Homer, aprendido com o Dr. Larch, é um tanto antiquado, mas, apesar disso, correto.

(34) “Nasci com um âmnio, que foi anunciado para venda, nos jornais, ao preço baixo de 15 guinéus.” De *David Copperfield*, capítulo 1 (“Eu nasci”). O âmnio é a membrana que geralmente é rompida e expelida no início dos trabalhos de expulsão, mas que em raros casos não se rompe – a criança vem ao mundo envolvida pela membrana. Na época de Dickens, essa mortalha protetora era considerada um sinal de que a criança teria sorte na vida – e, mais especificamente, nunca morreria afogada. Na história de *David Copperfield*, é uma indicação inicial de que nosso herói encontrará seu caminho e não sofrerá a mesma desgraça do pobre Steerforth (que se afoga).

Homer Wells, que tão bem conhecia *David Copperfield*, está interpretando a gota de suor que tão prematuramente batiza a criança como possuidora de poderes protetores similares. O filho de Homer terá sorte na vida; Angel não se afogará.

(35) A primeira edição do *Office Gynecology*, de Greenhill, foi publicada em 1937; a oitava edição de *Diseases of Women* (Roquist, Clayton e Lewis) foi publicada em 1949.

As publicações médicas que Larch sempre teria à mão – além de *The New England Journal of Medicine* – são *The Journal of the American Medical Association* (na abreviação do meio médico, conhecida como *JAMA*), *The American Journal of Obstetrics and Gynecology* (possui as ilustrações mais fortes), *The Lancet* (uma publicação britânica) e *Surgery, Gynecology and Obstetrics* (na abreviação dos médicos, sempre chamada de *S., G. and O.*; em 194-, muitos cirurgiões também faziam ginecologia).

Título original
THE CIDER HOUSE RULES

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 1985 pela Jonathan Cape Limited
Edição da Black Swan publicada em 1986 e reeditada em 2010

Copyright © Garp Enterprises Ltd., 1985

John Irving assegurou seu direito de ser identificado como autor desta obra sob o
Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Este livro é uma obra de ficção e, exceto em caso de fatos históricos, qualquer
semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: maio 2013

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

I72r

Irving, John, 1942-

As regras da casa de sidra [recurso eletrônico] / John Irving; tradução
Pinheiro de Lemos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital,
2013.

recurso digital

Tradução de: The cider house rules

ISBN 978-85-8122-233-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lemos,
Pinheiro de. II. Título.

13-01353

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas
do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sobre o autor

Autor de diversos bestsellers, alguns dos quais foram adaptados para o cinema. Em 2000, ganhou o Oscar de melhor roteiro adaptado por Regras da Vida. "A última noite perto do rio" é seu primeiro livro publicado pela Rocco Digital.